ISSN 1677-5953

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2008 - 2009

Governo do Estado de Santa Catarina
Secretaria de Estado da Agricultura e Desenvolvimento Rural
Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina

2008-2009

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina - Epagri

Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola - Epagri/Cepa

Estado de Santa Catarina

Governador do Estado Luiz Henrique da Silveira

Vice-governador do Estado Leonel Arcângelo Pavan

Secretário de Estado da Agricultura e Desenvolvimento Rural Antônio Ceron

Diretor Geral da Secretaria de Estado da Agricultura e Desenvolvimento Rural Gelson Sorgato

Presidente da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina - Epagri Luiz Ademir Hessmann

Diretores

Carlos Leomar Kreuz - Planejamento
Humberto Luiz Brighenti - Extensão Rural
Edson Silva - Ciência, Tecnologia e Inovação
Ditmar Alfonso Zimath - Administração e Finanças
Nelso Figueró - Desenvolvimento Institucional

Chefe do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola - Epagri/Cepa Airton Spies

Coordenação

Econ. Luiz Marcelino Vieira

Elaboração

Eng. Agr. Alex Alves dos Santos – Maricultura/mexilhões/ostras/vieiras/camarões
Oceanóg. Fernando Soares Silveira – Piscicultura de água doce
Econ. Luiz Marcelino Vieira – Arroz/banana/maçã/mandioca/mel de abelha
Eng. Agr. Luiz Toresan – Desempenho da produção florestal
Econ. Márcia Janice Freitas da Cunha Varaschin – Desempenho da economia e comercialização internacional/feijão/trigo/fumo
Eng. Agr. Júlio Alberto Rodigheri – Milho/soja/carne bovina/carne de frango/carne suína
Eng. Agr. Osvaldo Vieira dos Santos – Crédito rural
Sociólogo Francisco Carlos Heiden - Leite
Eng. Agr. René Alberto Osório - Hortifrutigranjeiros
Estudos Sociais Evandro Uberdan Anater – Alho/tomate
Eng. Agr. Juarez José Vanni Muller – Plantas e flores ornamentais
Técnico Agrícola Gilberto Luiz Curti – Plantas e flores ornamentais
Eng. Agr. Daniel Schmitt – Cebola
Técnico Agrícola Saturnino Claudino dos Santos – Cebola
Biólogo Carlos Edílson Orenha – Mel de abelha

Editoração

Sidaura Lessa Graciosa
Zélia Alves Silvestrini

Revisão de texto

Laertes Rebelo

Revisão técnica

Júlio Alberto Rodigheri

Capa

Vilton Jorge de Souza

Colaboração

Cléverson Buratto
Édila Gonçalves Botelho
Eugênio Moretti Garcia
Getúlio Tadeo Tonet
José Osório Guardini Ortiz
Telmelita Senna
Valdir Cembranel

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina. v.1 1976 -
Florianópolis: Epagri/Cepa, 1976-
Anual

Título anterior: Síntese Informativa sobre a Agricultura Catarinense, 1976-1981.
Publicada em 2 volumes de 1984 a 1991.
Publicação interrompida em 1992.
Editada pela Epagri (2005 -)

1. Agropecuária Brasil SC Periódico. I. Instituto de Planejamento e Economia Agrícola de Santa Catarina, Florianópolis, SC. II Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina/Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola - Epagri/Cepa, Florianópolis, SC.

ISSN 1677-5953

Epagri/Cepa - Rod. Admar Gonzaga, 1.486 - Itacorubi - C.P. 1587 - 88034-001 - Florianópolis - SC
Tel. (48) 3239.3932 - Fax: 3239.3990
www.cepa.epagri.sc.gov.br

Apresentação

Apresentamos a trigésima edição da Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2008-2009. Trata-se de uma edição histórica que traduz os principais números da agropecuária do Estado em informações de grande valor para agricultores, técnicos, empresários do agronegócio, empresas, universidades, Ongs e todos os níveis de governo. Diversos produtos da agricultura, da pecuária, da aquicultura e da floresta foram analisados com os dados mais atuais disponíveis.

O ano agrícola 2008/09 foi marcado por adversidades climáticas e de mercado. No mês de novembro de 2008 as regiões litorâneas e do Vale do Itajaí foram severamente afetadas por enxurradas, enchentes e deslizamentos de terra causados pelo excesso de chuvas. Nos meses de dezembro de 2008 e maio de 2009 as áreas mais continentais do Oeste, Serra e Planalto Norte sofreram com a estiagem. Esses eventos causaram severos prejuízos ao agronegócio catarinense. Políticas públicas federais, estaduais e municipais foram acionadas para auxiliar os agricultores a enfrentar as dificuldades e superá-las. Essas ações envolveram desde o transporte de água para a dessedentação de animais e para o consumo humano, até a indenização de animais mortos na enchente, o Proagro e crédito suplementar. Porém o aspecto mais importante da rápida recuperação do setor agrícola, mais uma vez, foi a grande resiliência dos sistemas de produção diversificados somada à tenacidade do povo catarinense. Se não bastassem as dificuldades decorrentes das vicissitudes do clima, ainda tivemos os problemas de mercado decorrentes da crise financeira internacional que afetou principalmente os setores exportadores, como a suinocultura, avicultura e derivados da produção florestal.

O período também ficou marcado pelo debate em torno da legislação ambiental, que resultou na aprovação de um novo código ambiental. Embora esse seja um assunto recorrente e que continua merecendo a atenção de toda a sociedade, Santa Catarina adotou uma atitude proativa na busca de soluções para o desenvolvimento sustentável de fato. Houve também um realinhamento dos preços dos insumos agrícolas, que estiveram extremamente altos na safra passada. Produtos como o leite e frutas continuaram a sua trajetória de crescimento da produção, impulsionados por mudanças tecnológicas e por preços atraentes. Em resumo, foi um ano de dificuldades, mas de grandes avanços na consolidação de um modelo de agricultura familiar baseado em atividades de alta densidade econômica, com cadeias produtivas cada vez mais organizadas. Nesse sentido destaca-se o legado de organização deixado pelo Projeto Microbacias 2 através das 936 Associações de Desenvolvimento das Microbacias. Inúmeros empreendimentos de agregação de valor e cooperativas foram criados nesse contexto.

Os acontecimentos que afetaram de forma contundente o setor agrícola de Santa Catarina no ano agrícola 2008/09 nos deixam lições importantes. A primeira sem dúvida é a de que precisamos nos preparar melhor para administrar as adversidades climáticas que afetam a produção e a rentabilidade do setor. Para isso, precisamos investir de forma vigorosa em captação, armazenagem e uso da água da chuva na agricultura. Afinal de contas, temos chuva em abundância, pois cerca de 2000mm anuais são de dar inveja a muitas regiões do planeta onde a falta de chuva é um dilema muito mais grave. Por essa razão, escolhemos como tema de capa dessa edição da Síntese, o uso racional da água.

A Epagri agradece a todos os que colaboraram com a produção dessa importante obra que, como de praxe, está à disposição de todos em três formas – versão impressa, gravada em CD-Rom e também em arquivo eletrônico no site http://cepa.epagri.sc.gov.br. Esperamos que seja útil para auxiliar na tomada de decisões do setor agropecuário.

Luiz Ademir Hessmann
Presidente da Epagri

Sumário

Parte I

Desempenho da economia mundial e brasileira e do comércio internacional, com ênfase nos produtos do agronegócio

Conjuntura econômica internacional e nacional 9

Desempenho da produção vegetal

Alho 36
Arroz 42
Banana 51
Cebola 66
Feijão 70
Fumo 88
Maçã 96
Mandioca 103
Milho 112
Soja 119
Tomate 125
Trigo 132
Flores e plantas ornamentais 144
Comercialização de hortifrutigranjeiros na Ceasa/SC - Unidade São José 150
Calendário agrícola 152
Área de concentração da produção vegetal e efetivo animal 153

Desempenho da produção animal

Carne bovina 161
Carne de frango 167
Carne suína 174
Leite 181
Mel 193

Desempenho da aquicultura 204

Desempenho do setor florestal 214

Crédito rural 238

Parte II

Divisão política do território e informações climáticas 241
Caracterização socioeconômica 246
Estrutura de produção e comercialização 261
Informações econômicas da agropecuária 264
Preços agrícolas 269

Parte III

Anexo I - Divisão territorial do Estado de Santa Catarina, com indicação das Mesorregiões, Microrregiões Geográficas e Municípios 281
Anexo II - Divisão territorial do estado de Santa Catarina, segundo as Secretaria de Desenvolvimento Regional 284
Anexo III - Associação de muncípios do estado de Santa Catarina 287
Anexo IV - Divisão territorial do estado de Santa Catarina, com indicação das regiões hidrográficas e municípios 290
Anexo V - Conceitos 297

Lista de fontes 299
Lista de figuras 300
Lista de tabelas 303
Índice remissivo 310

Convenções

= números entre parênteses em tabela, tão somente, não em texto, significam números negativos.

... o dado é desconhecido, podendo o fenômeno existir ou não existir.

– o fenômeno não existe.

0; 0,0; 0,00: o dado existe, mas seu valor é inferior à metade da unidade adotada na tabela.

Nota: As diferenças porventura apresentadas entre soma de parcelas e totais são provenientes de arredondamento de dados.

Conjuntura econômica internacional e nacional

Desempenho das economias mundial e brasileira e do comércio internacional, com ênfase nos produtos do agronegócio[1]

Atividade econômica e inflação

O ano de 2008 entrará para a história econômica como o ano de uma das mais graves crises financeiras que o mundo já testemunhou. Esta crise começou em meados de 2007 com a queda nos valores dos títulos hipotecários e, no mês de setembro de 2008, intensificou-se com a falência do banco Lehman Brothers. A partir de então, a oferta de linhas de financiamento internacionais, bem como custos e prazo do crédito, sofreu impactos significativos. Assim, com os mercados financeiros internacionais sendo fortemente pressionados, ocorreu uma apreciação acentuada e generalizada do dólar norte-americano em relação às moedas das principais economias maduras – exceto Japão – e dos países emergentes. Além disso, houve perdas expressivas nos índices das principais bolsas de valores e um forte aumento da aversão ao risco, que se refletiu nos patamares historicamente muito elevados de *spreads* de crédito bancário.

Após anos de crescimento, a economia mundial começou a desacelerar rapidamente. A atividade global foi amortecida por um extraordinário choque financeiro. Contudo, segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI/IMF), em seu último relatório (Julho/09), a economia global está começando a sair da recessão – sem precedentes no período pós 2ª. Guerra Mundial – mas a estabilização ainda é desigual e a recuperação será lenta. A previsão de crescimento da economia mundial para 2009 ainda é negativa (-1,4%), embora não tão negativa como se esperava inicialmente. Para 2010 estima-se um crescimento em torno de 2,5% (Tabela 1).

Graças às intervenções dos governos - através de políticas macroeconômicas e financeiras - as condições financeiras melhoraram acima das expectativas iniciais. Apesar dos sinais positivos, a recessão global ainda continua e a recuperação deve ser lenta, pois os sistemas financeiros permanecem debilitados, o desemprego continua crescendo e o apoio das políticas públicas irá paulatinamente diminuir. Adicionalmente, as famílias nos países que sofreram com as quedas drásticas nos preços de seus bens terão que ter um tempo para reconstruir suas poupanças.

A prioridade atual ainda é restabelecer a saúde do setor financeiro. As políticas macroeconômicas precisam dar suporte, ao mesmo tempo em que preparam as bases para diminuir o nível de intervenção pública. Simultaneamente, em função das perspectivas de fraca demanda interna em diversos países deficitários - incluindo os Estados Unidos - as políticas precisam sustentar a demanda mais forte de países superavitários importantes.

---

[1] Para este artigo foram utilizadas as seguintes fontes:
Banco Central do Brasil. Relatório de Inflação. Dezembro/2008 e Junho/2009.
BNDES. Visão do Desenvolvimento, set/2008.
Commodity Research Bureau Index
FUNCEX – Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior. Boletim de Comércio Exterior, Julho 2009 e Boletim Setorial Jan-Jun 2009.
IBGE (Estatística da Produção Pecuária, Março/2009 e Junho/2009)
IMF. World Economic Outlook. October 2, 2008; April 16, 2009; July 8, 2009.
IPEA. Carta de Conjuntura (Junho/09). Desafios do Desenvolvimento (Julho/09, Agosto/09). Conjuntura em Foco (Julho/09).
Jornais diversos.
OECD. Economic Outlook. June 2009.

Tabela 1/I. *Projeções do panorama econômico mundial - 2006-10*

(% de alteração)

Discriminação	2006	2007	2008	2009[1]	2010[1]
Produção mundial	**5,1**	**5,1**	**3,1**	**-1,4**	**2,5**
Economias avançadas	3,0	2,7	0,8	-3,8	0,6
Estados Unidos	2,9	2,0	1,1	-2,6	0,8
Área do euro	2,8	2,7	0,8	-4,8	-0,3
Alemanha	2,9	2,5	1,3	-6,2	-0,6
França	2,2	2,3	0,3	-3,0	0,4
Itália	1,8	1,6	-1,0	-5,1	-0,1
Espanha	3,9	3,7	1,2	-4,0	-0,8
Japão	2,4	2,3	-0,7	-6,0	1,7
Reino Unido	2,9	2,6	0,7	-4,2	0,2
Canadá	3,1	2,5	0,4	-2,3	1,6
Outras economias avançadas	4,5	4,7	1,6	-3,9	1,0
Econ.asiáticas mais recentemente industrializadas	5,6	5,7	1,5	-5,2	1,4
Economias emergentes e em desenvolvimento	7,9	8,3	6,0	1,5	4,7
África	5,9	6,2	5,2	1,8	4,1
Sub-Sahara	6,4	6,9	5,5	1,5	4,1
Europa central e leste europeu	6,6	5,4	3,0	-5,0	1,0
Comunidade dos estados independentes	8,2	8,6	5,5	-5,8	2,0
Rússia	7,4	8,1	5,6	-6,5	1,5
Excluindo a Rússia	10,2	9,8	5,4	-3,9	3,2
Ásia em desenvolvimento	9,9	10,6	7,6	5,5	7,0
China	11,6	13,0	9,0	7,5	8,5
Índia	9,8	9,4	7,3	5,4	6,5
ASEAN-5[2]	5,7	6,3	4,8	-0,3	3,7
Oriente médio	5,5	6,3	5,2	2,0	3,7
Hemisfério ocidental	5,5	5,7	4,2	-2,6	2,3
Brasil	3,8	5,7	5,1	-1,3	2,5
México	4,9	3,3	1,3	-7,3	3,0

[1]Projeções.
[2]Inclui os seguintes países: Indonésia, Malásia, Filipinas, Cingapura e Tailândia.
Fonte: FMI, World Economic Outlook Update, July 2008 e July 2009.

Enquanto nas economias avançadas a previsão de crescimento, em 2009 e 2010, respectivamente, é de -3,8% e 0,6%, nas economias emergentes e em desenvolvimento estes percentuais são 1,5% e 4,7%.

Nos Estados Unidos indicadores apontam para uma queda na taxa de deterioração, incluindo os mercados de trabalho e domiciliares. A produção industrial está perto de reagir e a confiança dos comerciantes e consumidores melhorou.

No Japão existem sinais de que a produção está se estabilizando. Com a melhora na confiança do consumidor, as políticas fiscais agressivas e o forte desempenho de algumas outras economias asiáticas, espera-se que o crescimento seja impulsionado nos próximos meses.

Na área do Euro, os indicadores de pesquisas feitas junto a consumidores e empresários estão se recuperando, mas os dados sobre a atividade real mostram poucos sinais de estabilização e, portanto, estima-se que a atividade se fortaleça de forma mais devagar do que em outros lugares. As políticas macroeconômicas estão dando apoio, mas a maior parte dos ajustes no mercado de trabalho ainda está por vir. O crescente desemprego irá refletir no consumo e na atividade, como será um entrave a alta dependência da economia no setor bancário ainda enfermo.

As economias emergentes devem retomar um crescimento momentâneo durante o segundo semestre de 2009, ainda que com notáveis diferenças regionais. Os países de baixa renda estão enfrentando seus próprios desafios porque a ajuda oficial caiu consideravelmente e estas economias são particularmente vulneráveis às alterações nos preços das *commodities*.

As projeções de crescimento para a Ásia em desenvolvimento são de 5,5% em 2009 e 7% em 2010. Estes números são resultados da melhoria do panorama na China e na Índia, refletindo parcialmente os fortes estímulos macroeconômicos e uma reviravolta surpreendentemente rápida nos fluxos de capital. Entretanto, esta aceleração no crescimento pode desaparecer aos poucos, a menos que aconteça uma recuperação nas economias avançadas, pois tanto a China quanto a Índia são grandes exportadores de produtos e serviços para aquelas economias.

Com relação à América Latina, as estimativas de crescimento são de 1,1% em 2009 e 0,7% em 2010. Isto porque a produção foi atingida muito mais fortemente pela queda no comércio global do que se esperava inicialmente. Contudo, a região está sendo beneficiada pelo aumento dos preços das *commodities*.

Já as pressões inflacionárias, em função da debilidade da economia global, devem permanecer fracas, tanto nas economias avançadas como nos mercados emergentes, sendo que nos últimos o comportamento é mais desigual. Como exemplos, destacam-se a China e os países do Oriente Médio, onde a inflação está caindo mais do que nos outros países emergentes. A queda no preço do petróleo (apesar de sua recente aceleração) contribui para este cenário, ao passo que a pressão de subida nos preços das *commodities* caminha em direção oposta.

No trimestre encerrado em maio/09, a economia mundial, embora continuasse o processo de redução da produção e do emprego, também indicou uma melhora nos indicadores relacionados à confiança de consumidores e empresários, o que é fundamental para a evolução favorável dos indicadores do setor real. Contudo para que ocorra a efetiva estabilização da atividade econômica mundial, ainda é necessário que o ciclo de ajuste dos estoques seja concluído e que o processo de sustentação do consumo, sobretudo nas principais economias desenvolvidas, seja consolidado.

A economia brasileira

O forte ciclo de expansão pelo qual passou a economia brasileira desde meados de 2006 se encerrou no quarto trimestre de 2008, quando o PIB atingiu uma taxa de crescimento acumulada em quatro trimestres de 6,3%. Este cenário de prosperidade terminou a partir do agravamento da crise financeira internacional, em outubro/08, quando se reverteram as condições favoráveis ao bom desempenho da economia até aquele momento. Consequentemente, o nível geral de atividade caiu sensivelmente, alcançando no primeiro trimestre de 2009 uma queda de 1,8% no PIB (Ipea, Conjuntura em Foco, Julho/09 e Carta de Conjuntura, Junho/09)

Segundo informações do Banco Central, até setembro/08 o ritmo da atividade econômica no País foi intenso, tendo por base, principalmente, o dinamismo do mercado interno. Contudo, no final do ano, em função do cenário internacional, com diminuição significativa da atividade econômica no mundo, os desdobramentos da crise acabaram refletindo internamente, com repercussões sobre balanço de pagamentos, atividade industrial e investimentos internos. Todavia, os impactos sobre a economia brasileira foram e estão sendo menores do que os ocorridos em outras economias avançadas.

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicadas (Ipea), em sua *Carta de Conjuntura,* afirma que a crise, no Brasil, teve três causas: restrição no crédito internacional, acumulação indesejada de estoque pela indústria e os efeitos da política monetária, que, de qualquer forma, levariam à desaceleração da economia. Ou seja, independentemente do que aconteceu no cenário internacional em setembro de 2008, a desaceleração do ritmo de crescimento no quarto trimestre de 2008 e no primeiro trimestre de 2009 já era esperada.

O primeiro reflexo da crise mundial no Brasil se deu através da queda abrupta da demanda externa que, combinada com a interrupção do crédito às operações de comércio exterior, afetou diretamente o setor exportador da indústria. Naquele momento, segundo os técnicos do Ipea, a economia já começava a sen-tir os efeitos da política monetária contracionista, iniciada em abril de 2008. Além disso, a indústria estava trabalhando desde o início do segundo semestre daquele ano com um nível de estoques muito acima do planejado. A soma destes três fatores levou a uma forte queda do nível de produção, que requereu um ajuste na força de trabalho. Com a diminuição da mão de obra empregada, teve início um segundo reflexo da crise, que ocorreu por meio da deterioração das expectativas. Com a queda do nível de confiança tanto dos consumidores quanto dos empresários, a demanda interna diminuiu ainda mais, alimentando dessa forma um círculo vicioso.

Neste cenário, alguns setores da economia estão sendo mais afetados do que outros. Enquanto a produção industrial, por exemplo, vem registrando quedas significativas, os setores ligados ao consumo de bens e serviços têm se mostrado mais resistentes. A explicação para isto é que, em primeiro lugar, apesar da diminuição de postos de trabalho, a massa salarial continuou crescendo, o que está garantido, junto com uma inflação sob controle, a manutenção do poder aquisitivo dos consumidores. O aumento de 12% no salário mínimo, assim como a ampliação das políticas de distribuição de renda (Programa Bolsa Família), contribui para este crescimento.

Segundo relatórios do Banco Central do Brasil, no primeiro trimestre de 2009, a economia brasileira já apresentava sinais de recuperação em relação à crise internacional. Embora o desempenho do setor industrial, principalmente das áreas mais dependentes dos investimentos e do comércio internacional, ainda apresentasse sinais de fragilidade, os indicadores em geral apontavam para um ciclo de desaceleração econômica no País menos intenso do que em diversas outras economias.

A sustentação da retomada da atividade econômica nos próximos meses, bem como sua intensificação, deverá ser beneficiada pela manutenção da trajetória de retração do estresse nos mercados financeiros internacionais. A recuperação dos investimentos dependerá, sobretudo, da melhora no quadro de incertezas no cenário econômico atual. O consumo das famílias, graças à manutenção do poder de compra assegurado por uma inflação controlada, bem como pela intensificação dos programas de transferência de renda, da redução nas restrições de crédito e das medidas temporárias de desoneração fiscal, registrou desempenho positivo nos últimos meses.

O desempenho das contas externas do País ao longo de 2009 (até maio) tem-se mostrado mais favorável do que os prognósticos iniciais, feitos logo após a intensificação da crise nos mercados financeiros. A estabilidade das reservas internacionais e a diminuição da participação da dívida externa no total de passivos externos, indicam a solidez do balanço de pagamentos e a resistência da economia a choques.

Em relação ao comportamento dos preços, nos próximos meses, as perspectivas são que o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) se mantenha em torno de 4,1% em 2009 e de 3,9% em 2010. Esse resultado reflete, em parte, o recuo da atividade verificado nos dois primeiros trimestres de 2009. Por outro lado, precisam ser considerados os possíveis impactos do reaquecimento da demanda interna em um cenário de recuperação da economia doméstica ao longo do segundo semestre de 2009, bem como eventuais impactos da elevação dos preços das matérias-primas.

O comportamento do Produto Interno Bruto (PIB) e as variações por setor econômico, entre 1986 e 2008, estão colocados na Tabela 2. Para o Ipea, o crescimento do PIB, em 2009, deve oscilar entre 0,2% e 1,2%. O Banco Central projeta, para 2009, um crescimento de 0,8% (junho/09). Este número, mesmo em um cenário onde a desaceleração econômica que sucedeu a crise internacional parece estar sendo menos intensa do que previsto inicialmente, reflete, principalmente, o impacto de projeções menos favoráveis ao desempenho da indústria. Em relação à produção, as estimativas são de desempenhos menos favoráveis nos setores primário e secundário e mais favoráveis no setor terciário.

As estimativas indicam que a produção agropecuária deverá recuar 0,8% em 2009, resultado tanto dos efeitos das adversidades climáticas – secas no sul do País e excesso de chuvas no norte e nordeste – sobre as safras agrícolas, quanto do ambiente recessivo externo sobre a demanda por produtos da pecuária.

Tabela 2/I. Produto Interno Bruto, a preços correntes, taxas de variação por setor e per capita - 1986-07

Ano	PIB a preços correntes em R$	Taxas reais de variação (%)				Índice do PIB real 2007=100	População (1.000 hab.)	PIB per capita		
		Agropecuária	Indústria	Serviços	PIB			Preços constantes 2007(R$)	Taxa real de variação(%)	Índice real 2007=100
1986	1.274	- 8,0	11,7	8,1	7,5	60,5	134.653	11.668,21	5,4	85,0
1987	4.038	15,0	1,0	3,1	3,5	62,6	137.268	11.849,96	1,6	86,4
1988	29.376	0,8	- 2,6	2,3	- 0,1	62,6	139.819	11.626,78	- 1,9	84,7
1989	425.595	2,8	2,9	3,5	3,2	64,6	142.307	11.784,49	1,4	85,9
1990	11.548.795	- 3,7	- 8,2	- 0,8	- 4,3	61,8	146.593	10.942,33	- 7,1	79,7
1991	60.285.999	1,4	0,3	2,0	1,0	62,4	149.094	10.869,55	- 0,7	79,2
1992	640.958.768	4,9	- 4,2	1,5	- 0,5	62,0	151.547	10.635,51	- 2,2	77,5
1993	14.097.114.182	- 0,1	7,0	3,2	4,9	65,1	153.986	10.982,55	3,3	80,0
1994	349.204.679.000	5,5	6,7	4,7	5,9	68,9	156.431	11.443,61	4,2	83,4
1995	705.640.892.092	5,7	4,7	3,2	4,2	71,8	158.875	11.743,49	2,6	85,6
1996	843.965.631.319	3,0	1,1	2,2	2,2	73,4	161.323	11.813,99	0,6	86,1
1997	939.146.616.912	0,8	4,2	2,6	3,4	75,8	163.780	12.029,55	1,8	87,7
1998	979.275.748.883	3,4	- 2,6	1,1	0,0	75,9	166.252	11.854,86	- 1,5	86,4
1999	1.064.999.711.799	6,5	- 1,9	1,2	0,3	76,1	168.754	11.708,80	- 1,2	85,3
2000	1.179.482.000.000	2,7	4,8	3,6	4,3	79,3	171.280	12.032,87	2,8	87,7
2001	1.302.136.000.000	6,1	- 0,6	1,9	1,3	80,4	173.822	12.012,59	- 0,2	87,5
2002	1.477.822.000.000	6,6	2,1	3,2	2,7	82,5	176.391	12.152,29	1,2	88,6
2003	1.699.948.000.000	5,8	1,3	0,8	1,1	83,5	178.985	12.113,47	- 0,3	88,3
2004	1.941.498.000.000	2,3	7,9	5,0	5,7	88,2	181.586	12.622,02	4,2	92,0
2005	2.147.239.000.000	0,3	2,1	3,7	3,2	91,0	184.184	12.837,15	1,7	93,6
2006	2.369.797.000.000	4,5	2,3	4,2	4,0	94,6	186.771	13.162,07	2,5	95,9
2007	2.597.611.423.918	5,9	4,7	5,4	5,7	100,0	187.642	13.722,19	4,3	100,0
2008	2.889.719.000.000	5,8	4,3	4,8	5,1	-	189.613	-	-	-

Fonte: IBGE, IPEA (Carta de Conjuntura, junho/09) e Boletim do Banco Central do Brasil (julho/09).

O setor industrial será o mais atingido - é ele que está realmente puxando a economia para baixo - com projeção de recuo de 2,2% em 2009, por conta dos desempenhos desfavoráveis de todos os segmentos do setor, à exceção da indústria extrativa que, impulsionada pela produção de petróleo, deverá crescer 2,9% este ano. Para os técnicos do Ipea a retomada do crescimento no setor industrial está limitada pela apreciação cambial.

Já o setor de serviços deverá crescer 2,1% em 2009. Isto porque todos os subsetores devem ter resultados positivos, com exceção das reduções no comércio (-0,9%) e transportes (-1,3%), segmentos impactados pela redução da oferta representada pelos desempenhos da indústria e das importações.

Comportamento das *commodities*

A redução na velocidade do crescimento da economia mundial, que já vinha acontecendo vários meses antes da crise financeira, levou à queda nos preços das *commodities* a partir de meados de 2008. A partir de setembro, contudo, com a erupção da crise financeira e a consequente queda na atividade econômica, esse processo acelerou-se fortemente.

A demanda para a maioria das *commodities* arrefeceu ou declinou, principalmente aquela por petróleo e metais (Banco Mundial). Em dezembro de 2008 o preço do barril de petróleo bruto caiu para US$ 41 – 70% a menos do que custava em Julho do mesmo ano, US$ 140 – enquanto os preços das *commodities* não energéticas – onde estão incluídos os alimentos – declinaram 40%. Desde dezembro os preços estão se estabilizando, com o preço do barril de petróleo chegando a US$ 58 em maio/09. Os alimentos

e os metais comercializados internacionalmente aumentaram 6% e 7% no mesmo período, respectivamente (Tabelas 3 e 4).

Tabela 3/I. Preço e índice de commodities selecionadas - 2007-09

Commodity	Unidade de medida	Médias anuais			Média trimestral					Média mensal		
		Jan-Dez 2007	Jan-Dez 2008	Jan-Jul 2009	Abr-Jun 2008	Jul-Set 2008	Out-Dez 2008	Jan-Mar 2009	Abr-Jun 2009	Maio 2009	Jun 2009	Jul 2009
Energia												
Carvão (Austrália)	dólar/t[1]	65,73	127,10	69,80	138,65	162,80	92,97	71,93	66,48	64,50	71,38	73,38
Petróleo bruto (média)	dólar/barril[1]	71,12	96,99	53,51	120,97	115,68	56,00	44,11	59,19	58,15	69,15	64,67
Gás natural (índice)	2000=100	186,5	267,9	163,6	286,0	284,1	266,2	198,2	143,0	143,0	141,3	121,4
Commodities não energéticas												
Alimentos												
Gorduras e óleos												
Farelo de soja	dólar/t[2]	308	424	399	484	450	320	365	424	437	446	429
Óleo de soja	dólar/t[2]	881	1.258	813	1.466	1.353	830	755	863	892	896	836
Soja em grão	dólar/t[2]	384	523	432	585	566	377	394	461	465	503	462
Grãos												
Cevada	dólar/t[2]	172,4	200,5	125,4	239,1	216,6	129,5	116,3	129,5	128,7	148,6	140,3
Milho	dólar/t[2]	163,7	223,1	168,6	259,0	244,7	168,4	166,9	176,0	179,9	179,5	151,6
Arroz (Tailândia, 5%)	dólar/t[2]	326,4	650,2	569,7	855,3	703,0	564,4	586,3	552,4	533,0	574,5	572,0
Arroz (Thai, A1.Especial/Super)	dólar/t	272,3	482,3	324,2	693,7	478,6	314,1	323,4	326,3	322,4	320,8	320,3
Trigo (Canadá)	dólar/t	300,4	454,6	318,7	484,4	390,2	322,1	321,9	325,6	334,6	326,8	288,4
Trigo (US, HRW)	dólar/t[2]	255,2	326,0	238,7	346,5	317,7	228,1	231,6	250,5	261,5	256,6	224,9
Trigo (US SRW)	dólar/t	238,6	271,5	189,2	277,8	241,5	182,7	187,4	195,6	202,5	201,7	175,6
Outros alimentos												
Banana (UE)	dólar/t	1.037	1.188	1.205	1.263	1.123	944	1.142	1.287	1.286	1.284	1.146
Banana (US)	dólar/t[2]	676	844	868	920	775	847	891	858	830	854	827
Carne bovina	centavos de dólar/kg[2]	260,3	313,8	256,8	332,7	372,4	268,0	245,2	262,8	263,7	269,2	273,4
Carne de frango	centavos de dólar/kg[2]	156,7	169,6	174,3	167,9	177,1	174,7	173,5	174,1	174,3	176,8	177,5
Laranja	dólar/t[2]	957	1.107	815	1.322	1.163	842	799	864	888	816	715
Açúcar (mundo)	centavos de dólar/kg[2]	22,22	28,21	32,67	27,01	31,14	26,28	28,85	33,89	35,36	36,22	40,45
Fertilizantes												
DAP	dólar/t[2]	432,5	967,2	327,2	1.191,6	1.153,7	663,3	362,2	303,6	297,5	277,8	293,3
Fosfato natural	dólar/t[2]	70,9	345,6	144,3	367,5	409,2	371,3	193,3	113,3	117,5	96,9	90,0
Cloreto de potássio	dólar/t[2]	200,2	570,1	775,9	511,1	635,0	766,7	865,2	726,7	717,5	717,5	655,5
TSP	dólar/t(2)	339,1	879,4	276,0	1.036,4	1.107,8	658,7	321,7	247,7	245,0	220,0	224,0
Uréia	dólar/t[2]	309,4	492,7	252,7	575,7	745,4	292,2	267,3	241,1	240,8	237,4	243,7
Metais e minerais												
Alumínio	dólar/t[2]	2.638	2.573	1.457	2.940	2.787	1.821	1.360	1.485	1.460	1.574	1.668
Cobre	dólar/t[2]	7.118	6.956	4.213	8.443	7.680	3.905	3.428	4.663	4.569	5.014	5.216
Minério de aço	centavos de dólar/t seca[2]	84,7	140,6	101,0	140,6	140,6	140,6	101,0	101,0	101,0	101,0	101,0
Produtos do aço (Índice)	2000=100	182,0	289,3	240,2	279,2	338,2	310,4	274,5	215,5	213,8	213,6	211,3
ìndice de preços das commodites para países de baixa e média renda (2000=100)												
Energia		244,8	342,0	190,3	417,8	406,0	212,9	166,3	204,5	201,1	235,0	219,8
Commodities não energéticas		224,7	272,0	200,5	307,8	292,6	206,3	189,9	207,8	209,3	214,1	210,8
Agricultura		180,3	229,5	190,1	259,4	243,5	178,6	181,9	197,1	200,8	201,7	193,8
Bebidas		169,9	210,0	204,6	221,4	226,8	181,2	197,9	207,7	206,0	215,2	215,6
Alimentos		184,7	247,4	200,5	286,3	260,5	185,7	190,4	209,8	214,6	215,7	203,2
Gorduras e óleos		209,0	277,3	210,7	327,7	288,9	182,4	191,4	227,9	237,4	235,3	216,9
Grãos		189,0	281,7	221,6	335,2	298,5	218,6	221,3	225,3	226,6	232,5	211,8
Outros alimentos		149,0	177,1	168,1	187,4	188,9	160,2	161,3	171,9	173,9	174,9	177,5
Matérias primas		174,9	195,7	157,5	213,7	210,4	160,0	153,1	161,0	164,6	160,6	160,0
Madeira		136,8	150,5	141,0	155,4	150,2	149,4	143,1	141,8	145,9	139,6	132,3
Outras matérias primas		216,6	245,3	175,5	277,4	276,3	171,6	164,0	182,1	185,0	183,5	190,3
Fertilizantes		240,1	566,7	329,8	624,1	741,1	492,2	376,6	300,6	300,2	286,9	277,3
Metais e minerais		314,0	325,7	207,2	371,1	342,4	230,6	185,0	219,0	216,3	231,5	238,1

[1]Incluído no índice energia (2000=100)
[2]Incluído no índice não-energia (2000=100)
[3]Aço não está incluído no índice não-energia
Fonte: Banco Mundial.

O aumento no suprimento, em função de colheitas mais bem sucedidas, impulsionou os estoques globais da maioria das *commodities* agrícolas. Esse fato, aliado a uma diminuição da demanda, fez com que os preços desses produtos caíssem para os níveis praticados em dezembro de 2007.

Tabela 4/I. *Indice de preços de commodities selecionadas - Jan/2000 a jul/2009*

(1967=100)

Mês/Ano	Rebanho bovino e suíno	Gorduras e Óleos	Alimentos	Indústria matériaprima	Metais
jan./00	247,84	158,90	178,33	264,21	258,87
jun./00	248,24	160,42	184,38	257,98	241,67
dez./00	265,51	163,62	184,74	255,81	214,03
jan./01	258,61	164,74	190,60	251,91	213,25
jun./01	315,84	207,77	216,75	246,21	202,59
dez./01	257,21	175,82	204,61	217,33	172,45
jan./02	255,44	166,03	202,64	219,18	173,85
jun./02	288,93	193,62	213,46	247,34	191,77
dez./02	317,79	234,00	238,10	248,56	184,50
jan./03	309,96	214,50	239,98	257,29	203,34
jun./03	318,45	220,48	234,58	259,47	206,36
dez./03	365,87	297,20	250,24	309,07	276,69
jan./04	362,33	299,16	268,94	307,65	291,79
jun./04	375,00	294,11	270,73	306,03	300,89
dez./04	365,02	262,55	255,97	321,50	357,69
jan./05	348,56	237,76	247,96	322,51	361,45
jun./05	339,00	259,68	249,67	329,32	361,42
dez./05	326,62	223,41	241,73	354,65	440,85
jan./06	327,74	226,27	242,68	369,46	481,68
jun./06	354,16	238,00	261,89	402,91	627,15
dez./06	378,58	273,93	275,99	437,28	693,88
jan./07	379,66	270,40	279,52	430,97	677,74
jun./07	454,81	369,51	318,66	478,26	804,51
dez./07	402,56	363,44	335,94	476,99	811,85
jan./08	429,20	390,84	359,31	480,70	809,53
fev./08	476,50	464,12	404,65	518,64	904,14
mar./08	472,74	444,98	375,92	510,00	909,03
abr./08	507,58	461,48	400,77	524,30	950,91
maio/08	508,28	473,06	403,93	495,67	845,91
jun./08	549,56	535,78	441,97	502,04	829,25
jul./08	549,74	508,87	416,33	492,23	793,58
ago./08	501,28	460,54	398,40	468,74	734,14
set./08	481,44	427,09	374,58	440,96	673,00
out./08	378,12	317,98	317,30	361,02	483,51
nov./08	302,37	245,68	294,63	343,27	472,35
dez./08	310,84	268,03	294,20	330,21	402,56
jan./09	329,16	269,41	299,22	337,20	426,67
fev./09	303,35	255,91	280,02	334,99	441,59
mar./09	301,04	259,17	296,43	339,73	467,53
abr./09	323,81	293,30	305,71	363,17	515,91
maio/09	371,24	340,11	327,40	393,14	563,23
jun./09	360,44	318,28	303,90	406,34	612,25
jul./09	368,51	326,42	304,49	427,79	677,36

Fonte: CRB (Commodity Research Bureau).

As projeções do Banco Mundial são de que os mercados agrícolas devam permanecer bem abastecidos e os estoques estão começando a retornar aos seus níveis normais, ainda que os problemas na produção, decorrentes de adversidades climáticas (principalmente na América do Sul), possam intervir neste cenário. Condições de mercado mais fáceis devem prevalecer nos próximos anos. Como resultado, os preços agrícolas devem ficar, em média, 21% menores em 2009, quando comparados a 2008 e, em 2010, devem permanecer estáveis.

Para os técnicos do Ipea, a crise financeira mundial evidenciou o impacto da gangorra dos preços agrícolas sobre o setor. Os produtores que vinham se beneficiando dos bons preços internacionais e de *commodities* valorizadas sofreram, a partir de meados de 2008, com a queda repentina nos preços de seus produtos. A partir de março de 2009, porém, percebe-se um movimento de retomada de preços de alguns produtos como a soja e o açúcar, mas não se sabe o rumo e a intensidade dessa melhora. O fato é que o sobe-e-desce dos preços no mercado agrícola sempre existiu e se transformou em risco inerente ao negócio, só que a crise financeira mundial agravou esta realidade, tornando-os ainda mais voláteis, o que deixou o planejamento da produção ainda mais confuso do que costuma ser.

Os dados do Commodity Research Bureau (CRB) para os preços dos grãos e óleos indicam que estes tiveram queda de 20,2% em 2008 (em média) em contraposição ao aumento de 53% em 2007 (Tabela 4). Em 2008 os preços do milho recuaram 10,6%, os da soja 18,9% e os do trigo 31%. Na primeira metade daquele ano, os preços do milho e da soja estavam elevados, dando continuidade aos aumentos observados em 2007, por conta de uma maior demanda dos produtores de etanol por milho (o que reduziu o plantio da soja) e da bolha especulativa nos preços das *commodities*. Contudo, no final do ano, por conta da crise financeira, os preços recuaram.

Em relação aos preços do rebanho (suíno e bovino), eles tiveram uma queda de 2,7% em 2008, após o pequeno aumento de 0,1% em 2007. Em 2008 o preço dos bovinos recuou 10,5%, enquanto o dos suínos aumentou 5,2%. Os preços dos rebanhos em 2008 foram pressionados por uma demanda mais fraca e por aumentos no custo de alimentação e de financiamento da produção, o que resultou em um aumento temporário nas taxas de abate.

Ao fazer uma retrospectiva dos preços agrícolas no Brasil, verifica-se que, em média, para produtos de origem vegetal e animal, nos últimos 30 anos, os preços demonstram uma tendência muito forte de queda em termos reais. Segundo técnicos do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), essa queda aconteceu a partir de meados de 1970 até meados de 1990, e foi da ordem de 60%. Desde então os preços permaneceram estáveis e em níveis baixos. Esse movimento se deu a nível mundial e é decorrente do aumento de produtividade e eficiência nas lavouras.

A partir dos anos 2000 houve um aumento repentino nos preços, por conta de uma inédita aceleração da demanda, resultante do crescimento econômico mundial estimulado pelas baixas taxas de juros e dólar em queda. Com a crise, que se iniciou no segundo semestre de 2008, existe a tendência de uma virada, com retorno aos padrões anteriores à crise, mas para o Cepea não está certo, até o momento, o que vai realmente acontecer, já que o cenário é bastante complexo.

Se por um lado, a economia mundial, de um modo geral, está enfraquecida, alguns países, como China e Índia, mantêm taxas elevadas para os padrões atuais mundiais, mas com forte queda em relação a seus próprios padrões. Além disso, as adversidades climáticas têm prejudicado bastante a produção em certas regiões importantes e o programa de etanol de milho americano está pressionando fortemente os preços de outras *commodities* agropecuárias. Assim, os preços tendem a se recompor - com destaque para carne bovina, soja e açúcar - mas não se tem certeza do que acontecerá com eles no curto e médio prazos.

Com a melhora nas expectativas de desempenho da atividade econômica, a depreciação do dólar (frente a diversas moedas) e a retomada das importações da China, as cotações internacionais das *commodities* apresentaram, de acordo com o índice *Commodity Research Bureau* (CRB), elevação média de 16,2% entre os finais de fevereiro e de maio de 2009, ficando ainda em patamar 24,8% inferior ao valor máximo assinalado em 2 de julho de 2008. Considerando as médias dos trimestres encerrados em maio de 2009 e do ano anterior, a redução do CRB atingiu 28,3% (Banco Central do Brasil, Junho/2009).

O aumento nos preços das *commodities* agrícolas entre os finais de fevereiro e de maio de 2008 foi resultado não só da ampliação das importações chinesas, como também da redução na produção de grãos na América Latina, decorrente da estiagem que afetou fortemente a produção argentina, e o atraso do plantio da safra 2009/2010 nos EUA, também influenciado por adversidades climáticas.

Se forem observados os contratos futuros para primeira entrega, nesse período (fevereiro a maio), verificam-se aumentos generalizados nas cotações das principais *commodities* agrícolas, com destaque para o trigo, 24,8%; milho, 24,4%; e soja, 35,4%, negociados na *Chicago Board of Trade*; e o café, 25,5%; e açúcar, 15,7%, negociados na *Intercontinental Exchange* de Nova York.

Em 2009, segundo a Conab, os preços internacionais de produtos agrícolas diretamente vinculados à fabricação de alimentos, como arroz, soja, milho e trigo, tendem a apresentar melhor desempenho do que as cotações do petróleo ou dos metais. A razão para isso é que, historicamente, as *commodities* agrícolas são mais resistentes aos choques em casos de desaceleração econômica mundial, ainda que aconteça uma tendência de substituição do consumo de alimentos mais caros por opções mais baratas, o que faz com que os preços não aumentem muito. A demanda por *commodities* agrícolas é menos elástica, ou seja, menos dependente de fatores econômicos e mais vinculada ao crescimento da população.

A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômicos (OCDE) e a agência das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO) enfatizam que, embora os preços agrícolas possam continuar em alta durante os próximos dez anos – a estimativa é de aumento real entre 10% e 20% na comparação com a média de 1997-2006 enquanto que o das carnes se estabilizará –, eles não chegarão aos níveis alcançados durante a crise alimentar de 2006-2008. Os produtos lácteos, por sua vez, devem ter suas cotações um pouco acima das registradas no período 1997-2006.

A expectativa do Cepea é que, quando a crise acabar, os preços das commodities agropecuárias retornem aos níveis anteriores a ela *(2007) e, caso* a retomada dos emergentes seja significativa, então a tendência é que os preços fiquem muito elevados, como imediatamente antes da crise (*primeiro semestre de 2008*). Tanto em um caso como no outro, as exportações vão aumentar, o câmbio pode voltar a valorizar-se e o Brasil vai acumular ainda mais reservas.

O desempenho da agricultura no Brasil

No último Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), publicado pelo IBGE, de Junho/2009, a estimativa para a safra nacional de cereais, leguminosas e oleaginosas em 2009 indicava uma produção de 133,3 milhões de toneladas, ou seja, 8,7% inferior à obtida em 2008 (146 milhões de toneladas). A Tabela 5 traz o resumo, por cultura, das três últimas safras brasileiras.

Tabela 5/I. *Brasil - Comparativo das safras 2007, 2008 e 2009*

Produto	Área plantada (1.000 ha)			Produção (1.000 t)			Produção					
							Posição SC/BR			Part% SC/BR		
	2007	2008	2009	2007	2008	2009	2007	2008	2009	2007	2008	2009
Alho	11,33	10,21	9,40	99,83	91,65	86,55	4o.	4o.	4o.	17,3	15,55	16,49
Arroz	2.915,18	2.880,34	2.931,68	11.047,94	12.100,95	12.615,57	2o.	2o.	2o.	9,4	8,4	8,24
Banana	527,80	530,78	536,67	7.068,69	6.970,08	7.133,43	3o.	3o.	3o.	9,28	8,6	9,4
Batata	142,41	144,83	141,28	3.375,05	3.676,05	3.470,60	7o.	7o.	7o.	3,04	3,91	4,1
Cebola	62,90	63,64	62,35	1.312,02	1.299,82	1.364,10	1o.	1o.	1o.	33,27	29,12	33,31
Feijão	4.018,55	3.965,28	4.254,03	3.245,24	3.460,07	3.614,99	6o.	7o.	7o.	6,62	5,31	4,87
Fumo	460,21	431,89	443,51	912,79	850,42	824,92	2o.	2o.	2o.	27,28	27,13	26,82
Maçã	38,59	38,81	36,97	1.113,55	1.121,47	1.184,30	1o.	1o.	1o.	53,76	50,21	49,51
Mandioca	2.425,04	2.381,64	2.468,33	26.920,52	26.336,65	26.576,75	10o.	11o.	12o.	2,35	2,19	2,1
Milho	14.053,63	14.737,67	14.165,06	51.830,67	59.011,70	49.775,79	7o.	7o.	7o.	7,32	6,96	6,72
Soja	20.587,34	21.278,18	21.729,98	57.952,01	59.916,83	56.851,51	10o.	10o.	9o.	1,92	1,58	1,75
Tomate	56,29	61,73	63,25	3.352,34	3.931,21	4.088,02	8o.	9o.	9o.	4,08	2,98	2,9
Trigo	1.851,75	2.395,12	2.380,35	4.088,91	5.886,01	5.733,14	3o.	3o.	3o.	4,97	5,63	5,52
Uva	82,19	83,54	83,23	1.352,91	1.403,00	1.315,81	6o.	6o.	6o.	4,04	4,17	4,01

Fonte: IBGE. LSPA (outubro/2007 e junho/2009).

A área a ser colhida de 47,2 milhões de hectares, em 2009, é 83,9 mil hectares menor do que a colhida em 2008. No caso específico do milho, o decréscimo na área (4,3%), segundo o IBGE, pode ser creditado ao estoque do cereal no final de 2008, que era superior em 118,2% ao do final do ano de 2007, e aos baixos preços praticados na época do plantio.

As três principais culturas, soja, milho e arroz, que representam 81,5% da área plantada no País, tiveram em 2009 (em relação a 2008) uma variação de +2,1%, -4,3% e +1,4%, respectivamente, em suas áreas específicas. No que tange à produção destes três produtos, apenas o arroz apresenta variação positiva de 4,3%. Já para a soja e o milho a previsão é de queda na produção em 5,1% e 15,7%, respectivamente.

Quando se analisam os dados segundo as Grandes Regiões do País, do volume da produção de cereais, leguminosas e oleaginosas previsto para 2009, em comparação com a safra anterior, verifica-se o seguinte cenário: Região Sul, produção de 53,2 milhões de toneladas (-13,3% em relação a 2008); Centro-Oeste, 47,4 milhões de toneladas (-6,7%); Sudeste, 16,9 milhões de toneladas (-3,9%); Nordeste, 12,1 milhões de toneladas (-2,8%) e Norte, 3,7 milhões de toneladas (-1,7%) (Tabela 6).

Tabela 6/I. Área e produção de cereais, leguminosas e oleaginosas segundo as grandes regiões brasileiras e as unidades da Federação - Safra 2009

Unidade da Federação	Área (ha)	% Partic.	Produção (t)	% Partic.
Brasil	**47.163.869**	**100,0**	**133.331.021**	**100,0**
Norte	**1.567.274**	**3,3**	**3.728.601**	**2,8**
Rondônia	385.949	0,8	868.263	0,7
Acre	43.517	0,1	65.379	0,0
Amazonas	20.991	0,0	45.394	0,0
Roraima	31.687	0,1	142.303	0,1
Pará	535.483	1,1	1.115.657	0,8
Amapá	8.800	0,0	8.210	0,0
Tocantins	540.847	1,1	1.483.395	1,1
Nordeste	**8.035.895**	**17,0**	**12.115.673**	**9,1**
Maranhão	1.332.396	2,8	2.167.633	1,6
Piauí	994.498	2,1	1.639.643	1,2
Ceará	1.367.702	2,9	994.385	0,7
Rio Grande do Norte	150.917	0,3	115.799	0,1
Paraíba	412.028	0,9	290.603	0,2
Pernambuco	657.842	1,4	429.484	0,3
Alagoas	164.940	0,3	107.828	0,1
Sergipe	208.073	0,4	656.363	0,5
Bahia	2.747.499	5,8	5.713.931	4,3
Sudeste	**4.756.536**	**10,1**	**16.908.291**	**12,7**
Minas Gerais	2.776.978	5,9	10.180.527	7,6
Espírito Santo	61.600	0,1	120.519	0,1
Rio de Janeiro	15.368	0,0	32.492	0,0
São Paulo	1.902.590	4,0	6.574.753	4,9
Sul	**17.737.283**	**37,6**	**53.162.645**	**39,9**
Paraná	8.870.390	18,8	25.064.038	18,8
Santa Catarina	1.453.455	3,1	5.880.718	4,4
Rio Grande do Sul	7.413.438	15,7	22.217.889	16,7
Centro-Oeste	**15.066.881**	**31,9**	**47.415.810**	**35,6**
Mato Grosso do Sul	2.787.711	5,9	6.863.183	5,1
Mato Grosso	8.400.595	17,8	27.004.963	20,3
Goiás	3.765.420	8,0	13.044.439	9,8
Distrito Federal	113.155	0,2	503.224	0,4

Fonte: IBGE. LSPA (junho/2009).

Além disso, a produção do Mato Grosso foi superior à produção do Paraná em 1,5 pontos percentuais, consolidando, assim, o Estado do Centro-Oeste como o maior produtor nacional de grãos.

Na análise por produto, no caso do arroz, a estimativa do IBGE para a safra 2009 indica uma área de 2.902.965ha, superior em 1,4 % à colhida na safra anterior. A produção esperada de 12.615.566 t e o rendimento médio esperado de 4.346 Kg/ha estão maiores respectivamente em 4,3% e 2,8%.

O Rio Grande do Sul, maior produtor com 62,2% da produção nacional, colheu a sua maior safra em 2009, 7.844.781 t de arroz em casca, em uma área de 1.106.740 ha, com rendimento médio obtido de 7.088 kg/ha, o maior na história da cultura. As condições climáticas favoráveis, o preço do produto, o empenho dos órgãos de pesquisa e extensão rural do Estado, e a dedicação dos produtores foram os responsáveis pelo bom resultado desta safra. A saca de 50kg de arroz estava sendo cotada em R$ 33, um preço bem superior ao alcançado na safra 2008.

Santa Catarina, segundo produtor nacional, teve em 2009 uma redução de 2,3% na sua área colhida, que alcançou 149.600 ha. A produção (1.039.720 toneladas.) e o rendimento médio (6.950 kg/ha), ao contrário, tiveram incrementos de 2,1% e 4,5%, respectivamente, quando comparados com os números de 2008, apesar das condições climáticas adversas pelas quais passaram algumas regiões produtoras.

A produção brasileira de feijão, em 2009, considerando as três safras do produto, foi de 3.614.985 toneladas, 4,5% superior à alcançada em 2008, enquanto que a área colhida ficou em 4.134.882 ha, superior 9,4%.

No Paraná, maior produtor nacional, a área colhida de feijão da seca, de 260.343 ha, superou em 25,0% a da safra passada, enquanto que a produção de 349.686 toneladas representou um aumento de 3,8% na comparação com 2008. Esta produção só não foi maior por conta da estiagem e das geadas ocorridas no Estado.

Estima-se que a produção de milho alcance, em 2009, 49,8 milhões de toneladas, o que representa uma variação negativa de 15,7% quando comparada à produção em 2008 (59,0 milhões de toneladas). A área cultivada foi de 14.165.059 ha, ou seja, 3,9% menor do que a área plantada de 2008 (14.737.665 ha).

O aumento dos estoques internos do produto, as incertezas do mercado, o alto preço dos insumos, a dificuldade para obtenção de financiamento, aliados às condições climáticas adversas em alguns estados, foram os principais fatores que levaram a uma queda da produção do milho no Brasil.

O Paraná é o principal produtor de milho, respondendo por 22,1% da produção nacional deste cereal. As condições climáticas para as safras de 2009 não foram satisfatórias. Houve deficiência hídrica para a safra de verão que se estendeu até a 2ª safra, a qual ainda sofreu com as geadas. A produção obtida em 2009 foi 29,4% menor do que a do ano anterior.

A estimativa da produção nacional de trigo, em 2009, está em 5.733.143 toneladas, o que representa uma queda de 2,6% em comparação à obtida no ano anterior (5.886.009 toneladas). Mesmo com a baixa cotação atual do cereal, a estiagem não permitiu o plantio do milho safrinha, com isso o produtor acabou optando por cultivar o trigo. Como o período de plantio se estende até meados de julho e o último levantamento do IBGE disponível é o de junho, ainda pode ser verificado um acréscimo na área cultivada.

Em relação à produção pecuária, segundo o IBGE (Estatística da Produção Pecuária, Março/2009) em 2008 foram abatidas 28,7 milhões de cabeças de bovinos, o que representa uma queda de 6,6% sobre o número obtido em 2007. As principais razões apontadas para esta queda foram a redução da oferta de animais prontos para abate – por conta do aumento do abate de fêmeas que ocorre desde 2003 – e, no segundo semestre, a diminuição das exportações e reavaliações de investimentos tanto por parte do produtor quanto do comprador, refletindo as incertezas do cenário ocasionadas pela crise econômica mundial e por uma menor disponibilidade de crédito.

O primeiro trimestre de 2009 registrou o abate de 6,4 milhões de cabeças de bovinos, ou seja, 11,1% a menos do que o abate ocorrido no 1° trimestre do ano anterior. Já com relação ao 4º trimestre de 2008, a queda foi menos acentuada, cerca de 3,6% (Estatística da Produção Pecuária, Junho/2009). A Tabela 7 traz o abate de bovinos, suínos e frangos no primeiro trimestre de 2009, segundo as unidades da federação.

O abate de bovinos está retornando aos níveis de 2005, quando também no primeiro trimestre foram abatidos cerca de 6,4 milhões de cabeças. Para o IBGE, a recessão da economia mundial não favorece ainda uma retomada de crescimento desta atividade, que está em fase de adaptação a esta nova realidade, o que acaba interferindo nos negócios no âmbito interno e externo.

Para complicar ainda mais a situação, em janeiro/09 foram registradas ocorrências de seca no Rio Grande do Sul e excesso de chuvas em outras regiões, prejudicando as pastagens e o transporte de animais. Em março, contudo, as chuvas favoreceram o desenvolvimento das pastagens.

Em 2008 foram abatidas 4,9 bilhões de unidades de frango, ou seja, 11,5% a mais do que em 2007. As exportações de carne de frango aumentaram cerca de 8,7% em 2008 (comparando com 2007). Em faturamento o aumento foi ainda maior, 38%. Uma das razões apontadas é o aumento no preço médio da tonelada de carne de frango, que passou de U$ 1.403 em 2007 para U$ 1.782 em 2008.

Já no 1º trimestre de 2009 o abate de frangos alcançou 1,1 bilhão de unidades. Este volume indica quedas no abate de 5,8% e 10,8%, com relação ao observado no 1º e ao 4º trimestres de 2008, respectivamente.

O abate de frangos concentra-se na Região Sul do País (60,6%), seguida pela Sudeste (22,9%). Em termos estaduais, o Paraná realiza o maior volume de abate (26,5%), seguido por Santa Catarina (18,8%) e Rio Grande do Sul (15,3%) (Tabela 7).

Tabela 7/I. *Abate de animais no 1° trimestre de 2009 segundo as unidades da Federação*

Unidade da Federação	Bovinos		Suínos		Frangos	
	Número de cabeças abatidas	Peso total das carcaças (kg)	Número de cabeças abatidas	Peso total das carcaças (kg)	Número de cabeças abatidas	Peso total das carcaças (kg)
Brasil	**6.446.415**	**1.507.082.271**	**7.322.156**	**696.819.423**	**1.121.768.327**	**2.326.723.904**
Rondônia	403.301	94.207.084	497	24.850	1.830.998	4.749.870
Acre	93.908	21.014.387	982	37.167	158.133	378.312
Amazonas	24.998	5.995.544	0	0	0	0
Roraima	15.338	3.396.535	101	3.682	0	0
Pará	502.074	119.218.550	2.533	109.301	9.320.141	22.488.774
Amapá	6.149	1.174.549	0	0	0	0
Tocantins	202.665	46.118.333	130	4.825	3.981.739	9.082.298
Maranhão	181.116	40.961.211	3.056	186.107	0	0
Piauí	34.217	5.998.462	11.013	347.346	828.750	1.750.493
Ceará	75.503	14.903.049	31.220	1.624.191	1.161.686	2.797.246
Rio Grande do Norte	23.299	4.799.305	2.810	168.374	122.114	294.140
Paraíba	18.403	3.766.283	1.474	50.979	2.416.681	5.604.119
Pernambuco	93.736	20.617.023	24.764	1.295.375	12.535.766	30.847.283
Alagoas	32.776	7.171.043	12.918	715.155	91.956	235.133
Sergipe	12.909	3.340.857	1.316	96.852	590.175	1.310.175
Bahia	253.771	57.596.674	16.972	1.314.565	16.338.192	32.776.290
Minas Gerais	579.204	131.047.845	816.226	72.784.427	87.255.707	170.334.403
Espírito Santo	73.151	15.900.194	39.915	2.856.684	3.059.016	6.988.606
Rio de Janeiro	32.349	6.841.508	1.413	104.112	9.038.167	16.860.694
São Paulo	860.693	210.738.512	379.337	30.780.106	157.300.495	332.219.758
Paraná	240.730	56.611.523	1.194.006	117.206.310	297.359.145	595.575.139
Santa Catarina	85.264	18.470.299	2.075.751	211.493.666	211.357.151	454.028.357
Rio Grande do Sul	334.381	73.587.928	1.732.746	158.805.831	171.307.406	333.554.036
Mato Grosso do Sul	788.406	187.059.920	220.770	19.273.025	27.798.351	66.942.772
Mato Grosso	879.583	215.226.509	308.637	25.695.594	30.400.998	68.735.650
Goiás	593.608	140.350.219	404.405	48.999.681	62.621.389	137.848.198
Distrito Federal	4.883	968.925	39.164	2.841.218	14.894.171	31.322.158

Fonte: IBGE. Pesquisa Trimestral do Abate de Animais (junho/09).

Em função da crise financeira mundial, alguns importantes compradores do frango brasileiro reduziram o ritmo de compras, como é o caso da União Europeia, Estados Unidos e Rússia. Isso tem feito com que os produtores brasileiros busquem novos mercados para seus produtos ou ampliem suas vendas para países como Hong Kong ou do Oriente Médio, por exemplo.

Em relação aos suínos, em 2008, foram abatidas 28,8 milhões de cabeças, aumento de 5,1% na comparação com 2007. As exportações de carne suína em 2008 foram 15,3% menores do que as vendas em 2007. Em termos de faturamento, registrou-se aumento de 17,4%, porque o preço médio da tonelada de carne suína aumentou de US$2.104 em 2007 para U$2.918 em 2008.

Já no primeiro trimestre de 2009, foram abatidas 7,3 milhões de unidades de suínos nos estabelecimentos industriais que trabalham sob algum tipo de inspeção (federal, estadual ou municipal). Quando se compara este número com o volume do 1º trimestre de 2008, observa-se que houve um acréscimo de 7,1% no abate de suínos, enquanto que em relação ao 4º trimestre daquele mesmo ano houve uma queda de 1,2%.

Santa Catarina é o maior produtor, concentrando 28,3% do abate total de suínos, no primeiro trimestre de 2009, enquanto que a Região Sul respondeu por 68,3% dos abates, sendo os seus três estados os principais no abate fiscalizado de suínos no Brasil.

Por conta das notícias alertando para a propagação da primeiramente denominada “gripe suína” e posteriormente “gripe A” na população humana no 1º trimestre de 2009, acreditava-se que a disseminação da doença poderia afetar negativamente o consumo de carne suína, tanto no País como no mercado externo, o que teria impactos significativos sobre a produção. Contudo, os dados do IBGE da Pesquisa Trimestral do Abate para o período não corroboraram esta expectativa, havendo até mesmo um crescimento do abate em relação ao mesmo período do ano anterior.

O desafio que se coloca é que, para fazer frente ao crescimento populacional (e também da renda), atendendo ao mercado interno e se mantendo como grande exportador, o Brasil precisa duplicar sua produção de alimentos até a metade do século atual, segundo previsões da Associação Brasileira das Indústrias de Alimentação (ABIA). Como segundo a FAO somos o país com maior disponibilidade de terras agricultáveis sustentáveis, nossa responsabilidade como fornecedor estratégico de produtos agrícolas tende a aumentar.

Evolução do comércio mundial, nacional e estadual e de produtos do agronegócio[2]

De acordo com a Organização Mundial do Comércio (OMC), os sinais da forte deterioração da economia global ficaram evidentes na segunda metade de 2008 e nos primeiros meses de 2009 quando o fluxo de comércio mundial diminuiu e a produção caiu bruscamente, num primeiro momento nas economias desenvolvidas e depois nos países em desenvolvimento. Ainda que o comércio mundial tenha crescido, em volume, 2% ao longo de 2008, ele foi diminuindo nos últimos seis meses do ano e ficou bem abaixo do aumento de 6% (em volume) observado em 2007. Para 2009 a previsão é de que ocorra uma redução de 10% no volume do comércio mundial.

As principais razões para a diminuição do comércio mundial são: (1) a queda da demanda de todas as regiões; (2) a presença crescente de cadeias de fornecimento global no comércio como um todo; (3) a escassez de financiamento para o comércio; e (4) o aumento nas medidas protecionistas.

Em termos de valor as exportações mundiais de mercadorias aumentaram 15% em 2008, alcançando US$16,1 trilhões (Tabela 8). A participação das economias em desenvolvimento no comércio mundial de mercadorias atingiu um novo recorde em 2008: 38% e suas importações aumentaram para 34%.

Em 2008, as exportações de mercadorias da Alemanha totalizaram US$ 1,47 trilhões, um pouco acima das chinesas, que chegaram a US$ 1,43 trilhões. Desse modo a Alemanha se manteve como a líder mundial na exportação de mercadorias. O Brasil, por sua vez, ficou na 22ª posição, com exportações no valor de US$ 198 bilhões. Já em relação às importações, o Brasil ocupou o 24º lugar, totalizando US$ 183 milhões em importações de mercadorias em 2008 (Tabela 8).

Dentre os países que tiveram maior crescimento em termos de valor nas exportações, estão: Arábia Saudita (40%), Rússia e Austrália (33% ambos) e Emirados Árabes Unidos (28%). As importações, por sua vez, tiveram maior crescimento no Brasil (44%), Indonésia (36%), Índia, (35%) e Rússia (31%).

Os produtos agrícolas responderam por 8,3% das exportações mundiais de mercadorias em 2007, com US$ 1.128 milhões de um total exportado de US$ 13.286 milhões (Tabela 9). A Europa permanece como líder mundial na exportação de produtos agrícolas, com 46,1% das exportações deste setor (ou US$ 519 milhões). Na comparação entre as regiões, os produtos agrícolas são os principais produtos exportados pelas Américas do Sul e Central, com uma participação de 25,1% no valor total exportado em 2007 (Tabela 9).

Segundo a OMC, os preços dos produtos agrícolas aumentaram 14% em 2007, em contraposição aos 7% dos produtos manufaturados e os 11% dos combustíveis e produtos de mineração. Esse aumento de preços foi um dos responsáveis pelo incremento no valor das exportações agrícolas, que cresceu 19% em 2007 (em relação a 2006), um desempenho superior ao dos produtos manufaturados e dos combustíveis e produtos de mineração (aumento de 15% em relação ao ano anterior).

[2] Os percentuais referentes ao comércio internacional relacionam-se ao valor em dólar americano, a os que seja mencionada outra unidade de medida.

Tabela 8/I. *Principais exportadores e importadores mundiais no comércio mundial de mercadorias - 2008*

(US$ bilhões e %)

Posição	Exportadores	Valor	Partic.	Variação anual (%)	Posição	Importadores	Valor	Partic.	Variação anual (%)
1	Alemanha	1.465	9,1	11	1	Estados Unidos	2.166	13,2	7
2	China	1.428	8,9	17	2	Alemanha	1.206	7,3	14
3	Estados Unidos	1.301	8,1	12	3	China	1.133	6,9	19
4	Japão	782	4,9	10	4	Japão	762	4,6	22
5	Países Baixos	634	3,9	15	5	França	708	4,3	14
6	França	609	3,8	10	6	Reino Unido	632	3,8	1
7	Itália	540	3,3	10	7	Países Baixos	574	3,5	16
8	Bélgica	477	3,0	10	8	Itália	556	3,4	10
9	Rússia	472	2,9	33	9	Bélgica	470	2,9	14
10	Reino Unido	458	2,8	4	10	Coréia do Sul	435	2,7	22
11	Canadá	456	2,8	8	11	Canadá	418	2,5	7
12	Coréia do Sul	422	2,6	14	12	Espanha	402	2,5	3
13	Hong Kong, China	370	2,3	6	13	Hong Kong, China	393	2,4	6
	exportações domésticas	17	0,1	...	-	importações retidas	98	0,6	...
	re-exportações	353	2,2	...	-				
14	Cingapura	338	2,1	13	14	México	323	2,0	9
	exportações domésticas	176	1,1	13					
	re-exportações	162	1,0	13					
15	Arábia Saudita[1]	329	2,0	40	15	Cingapura	320	1,9	22
						importações retidas[2]	157	1,0	31
16	México	292	1,8	7	16	Rússia[3]	292	1,8	31
17	Espanha	268	1,7	6	17	Índia	292	1,8	35
18	Taiwan	256	1,6	4	18	Taiwan	240	1,5	10
19	Emirados Árabes Unidos[1]	232	1,4	28	19	Polônia	204	1,2	23
20	Suíça	200	1,2	16	20	Turquia	202	1,2	19
21	Malásia	200	1,2	13	21	Austrália	200	1,2	21
22	**Brasil**	**198**	**1,2**	**23**	**22**	Áustria	184	1,1	13
23	Austrália	187	1,2	33	23	Suíça	183	1,1	14
24	Suécia	184	1,1	9	24	**Brasil**	**183**	**1,1**	**44**
25	Áustria	182	1,1	11	25	Tailândia	179	1,1	28
26	Índia	179	1,1	22	26	Suécia	167	1,0	10
27	Tailândia	178	1,1	17	27	Emirados Árabes Unidos[1]	159	1,0	20
28	Polônia	168	1,0	20	28	Malásia	157	1,0	7
29	Noruega	168	1,0	23	29	República Checa	142	0,9	20
30	República Checa	147	0,9	20	30	Indonésia	126	0,8	36
	Subtotal[4]	**13.120**	**81,4**	**-**		**Subtotal[4]**	**13.409**	**81,7**	**-**
	Mundo[4]	**16.127**	**100,0**	**15**		**Mundo[4]**	**16.415**	**100,0**	**15**

[1] Estimativa da OMC.

[2] As importações retidas de Cingapura são definidas como importações menos re-exportações

[3] As importações estão em valor FOB.

[4] Inclui re-exportações ou importações para re-exportar significativas.

Fonte: Organização Mundial do Comércio (OMC).

Os reajustes significativos nos preços dos cereais e óleos vegetais contribuíram para a expansão de 21% das exportações de alimentos no mundo, em 2007. Essa escalada de preços se deu por conta de uma maior demanda - tanto das economias emergentes como das desenvolvidas - como também pela procura por biocombustíveis. O aumento nos custos dos fertilizantes (entre 39% e 68% para os principais tipos) também contribuiu para aumentar o preço dos alimentos.

Os países que são exportadores líquidos de alimentos – caso do Brasil – foram beneficiados por esse reajuste nos preços, elevando o valor de suas exportações. O Brasil, por exemplo, aumentou em 23% suas exportações de produtos alimentícios em 2007.

Quando os países são analisados individualmente – com exceção da União Europeia (UE), onde os países estão agrupados – o Brasil aparece como o 4º exportador mundial de produtos agrícolas - ficando atrás da UE, Estados Unidos e Canadá – com 4,3% do total exportado deste item no mundo (ou US$ 48,2 bilhões), em 2007 (Tabela 10). A União Europeia é também o maior importador mundial de produtos agrícolas, participando com 44,4% nas importações totais.

Tabela 9/I. *Exportações mundiais de mercadorias segundo os principais grupos de produtos e regiões - 2007*

(em US$ bilhões %)

Discriminação	Produtos agrícolas	Combustíveis e produtos de mineração		Manufaturados						
		Total	Combus-tíveis	Total	Ferro e aço	Químicos	Equip. escrit. telec.	Prod. auto-motivos	Texteis	Vestuá-rio
Mundo	1127,7	2658,6	2038,4	9499,5	474,2	1483,2	1514,3	1182,9	238,1	345,3
Participação no total das exportações	**8,3**	**19,5**	**15,0**	**69,8**	**3,5**	**10,9**	**11,1**	**8,7**	**1,7**	**2,5**
Mudança percetual anual (2007)	19	15	13	15	27	19	4	16	9	12
América do Norte	177,7	257,5	171,9	1338,0	26,9	199,3	204,0	219,9	16,9	11,0
Participação no total das exportações	**9,6**	**13,9**	**9,3**	**72,2**	**1,5**	**10,8**	**11,0**	**11,9**	**0,9**	**0,6**
Mudança percetual anual (2007)	17,4	16,3	13,8	8,5	16,2	14,8	3,0	7,6	-1,8	-15,1
Américas do Sul e Central	125,2	205,5	118,4	154,2	19,3	29,9	6,5	21,2	3,4	12,5
Participação no total das exportações	**25,1**	**41,2**	**23,7**	**30,9**	**3,9**	**6,0**	**1,3**	**4,2**	**0,7**	**2,5**
Mudança percetual anual (2007)	23	13	8	15	18	17	-5	12	22	0
Europa	519,3	605,5	392,6	4538,2	228,2	883,3	402,7	654,5	92,7	122,4
Participação no total das exportações	**9,0**	**10,5**	**6,8**	**78,6**	**4,0**	**15,3**	**7,0**	**11,3**	**1,6**	**2,1**
Mudança percetual anual (2007)	19	13	9	16	27	19	-7	18	11	14
Comunidade de Estados Independentes (CEI)	38,6	334,1	289,3	128,2	45,4	27,4	1,1	7,5	2,0	1,8
Participação no total das exportações	**7,6**	**65,5**	**56,7**	**25,1**	**8,9**	**5,4**	**0,2**	**1,5**	**0,4**	**0,3**
Mudança percetual anual (2007)	31	19	20	23	21	23	3	34	14	9
África	34,3	295,8	260,0	79,8	9,4	13,0	2,4	5,3	2,2	11,4
Participação no total das exportações	**8,1**	**69,7**	**61,3**	**18,8**	**2,2**	**3,1**	**0,6**	**1,3**	**0,5**	**2,7**
Mudança percetual anual (2007)	13	16	15	15	18	18	0	5	16	19
Oriente Médio	19,2	565,4	554,5	159,3	4,5	43,1	16,6	9,8	7,0	5,3
Participação no total das exportações	**2,5**	**74,4**	**73,0**	**21,0**	**0,6**	**5,7**	**2,2**	**1,3**	**0,9**	**0,7**
Mudança percetual anual (2007)	20	12	13	18	20	18	9	23	20	7
Ásia	213,3	394,8	251,7	3101,9	140,4	287,0	880,9	264,6	113,8	181,0
Participação no total das exportações	**5,6**	**10,4**	**6,6**	**81,6**	**3,7**	**7,6**	**23,2**	**7,0**	**3,0**	**4,8**
Mudança percetual anual (2007)	20	18	16	16	32	21	10	18	9	12

Fonte: Organização Mundial do Comércio (OMC).

Se for considerado apenas o item “alimentos” (e não produtos agrícolas), verifica-se que o Brasil sobe para a terceira posição, com uma participação de 4,6% no total de alimentos exportados no mundo em 2007 (Tabela 11). A União Europeia é também a maior exportadora e importadora mundial de alimentos, participando com 44,6% nas exportações totais e com 45,3% nas importações totais em 2007.

Segundo informações do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), a crise econômica mundial ocasionou uma queda de 16,1% no comércio agrícola internacional, em termos de valor, no primeiro semestre de 2009, em relação ao mesmo período do ano anterior.

Somente nos três primeiros meses de 2009, o recuo das importações e exportações agrícolas foi de 20%, uma queda histórica. O principal importador líquido de alimentos do mundo, o Japão, diminuiu em 53% suas importações e exportações, enquanto a China reduziu 17,3% e os Estados Unidos 24,3%. Desde então o comércio internacional recuou.

Já nos primeiros seis meses de 2009 o comércio agrícola caiu 20,2% nos Estados Unidos, 25% da União Europeia, 6% no Japão e 6,8% na China (país que se tornou importador líquido de várias *commodities* agrícolas nos últimos anos, em função do aumento da população e do forte crescimento econômico, o que vem impactando as cotações internacionais). A Argentina teve um declínio de 19% em suas transações internacionais. A Venezuela, que adquire no mercado internacional a maior parte do que consome, reduziu essas aquisições em 65,7% neste primeiro semestre, batendo um recorde mundial. Dentre os países onde o comércio agrícola é mais importante, o Brasil foi o país que teve o menor recuo em suas transações: -0,58%.

Poucos países tiveram aumento em seu comércio internacional. Entre eles estão a Rússia, que aumentou em 65% suas trocas, a Ucrânia com 7,3%, a Guatemala, com 30,6% e Hong Kong com 5.7%.

Tabela 10/I. *Principais exportadores e importadores mundiais de produtos agrícolas - 1980-2007*

(US$ bilhões e %)

Discriminação	Valor	Participação nas exportações/ importações mundiais				Mudança percentual anual			
	2007	1980	1990	2000	2007	2000-07	2005	2006	2007
Exportadores									
União Europeia (27)	487,74	-	-	41,7	43,3	11	7	10	19
exportações extra-UE (27)	108,66	-	-	10,1	9,6	10	8	13	15
Estados Unidos	113,51	17,0	14,3	12,9	10,1	7	4	12	22
Canadá	48,67	5,0	5,4	6,3	4,3	5	2	7	10
Brasil	48,22	3,4	2,4	2,8	4,3	18	14	13	22
China	38,85	1,5	2,4	3,0	3,4	13	19	13	19
Argentina	28,81	1,9	1,8	2,2	2,6	13	12	11	35
Tailândia	24,96	1,2	1,9	2,2	2,2	11	4	21	16
Rússia(1)	23,52	-	-	1,4	2,1	18	23	23	36
Indonésia	23,43	1,6	1,0	1,4	2,1	17	16	27	31
Austrália	22,35	3,3	2,9	3,0	2,0	4	-4	5	1
Malásia	20,51	2,0	1,8	1,4	1,8	14	2	16	32
Nova Zelândia	16,04	1,3	1,4	1,4	1,4	11	7	2	21
Índia	16,02	1,0	0,8	1,1	1,4	15	19	20	30
México	15,59	0,8	0,8	1,6	1,4	8	13	15	8
Chile	13,63	0,4	0,7	1,2	1,2	11	11	14	19
Subtotal	**941,87**	**-**	**-**	**83,4**	**83,5**	**-**	**-**	**-**	**-**
Importadores									
União Europeia (27)	528,54	-	-	42,3	44,4	11	6	9	20
importações extra-UE (27)	149,46	-	-	13,2	12,5	10	5	9	20
Estados Unidos	109,40	8,7	9,0	11,5	9,2	7	9	8	6
Japão	68,86	9,6	11,5	10,4	5,8	1	1	0	5
China	65,24	2,1	1,8	3,3	5,5	19	7	14	26
Canadá(2)	27,34	1,8	2,0	2,5	2,3	9	11	12	14
Rússia(1) (2)	26,88	-	-	1,5	2,3	16	23	22	15
Coréia do Sul	21,94	1,5	2,2	2,1	1,8	8	5	11	18
México(2)	21,90	1,2	1,2	1,8	1,8	10	7	12	19
Hong Kong, China	13,43	1,2	1,9	2,0	1,1	2	-1	7	13
importações retidas	8,60	1,0	1,0	1,1	0,7	4	3	7	10
Arábia Saudita	12,45	1,5	0,8	0,9	1,0	12	31	8	26
Emirados Árabes Unidos(1)	11,29	0,3	0,4	0,6	0,9	17	17	22	28
Taiwan	10,78	1,1	1,4	1,3	0,9	5	5	2	12
Malásia	10,61	0,5	0,5	0,8	0,9	13	3	17	25
Indonésia	10,46	0,6	0,5	1,0	0,9	9	11	2	40
Suíça	10,37	1,2	1,3	0,9	0,9	9	4	7	17
Subtotal	**944,68**	**-**	**-**	**82,1**	**79,3**	**-**	**-**	**-**	**-**

(1)Incluí estimativas da OMC.
(2)As importações estão em valor FOB.
Fonte: Organização Mundial do Comércio (OMC).

A Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (Cepal) afirma que o comércio está sendo o setor mais afetado pela crise e que, por isso, está enfrentando uma grande desaceleração. Por conta disso, em 2009, o órgão prevê uma queda de 13% no volume total de exportações e importações dos países da América Latina e Caribe. Segundo a Cepal as exportações devem recuar 11% - a maior queda desde 1937, quando o mundo ainda enfrentava os reflexos da Grande Depressão - ao passo que as importações devem cair 14%, o maior declínio desde 1982.

A demanda por produtos da região, nos Estados Unidos, UE, Ásia e outros países da própria América Latina tem caído significativamente, sendo em parte compensada pela demanda chinesa por *commodities*.

Para o USDA a recuperação do comércio agrícola só deve acontecer com o fim da recessão, ou seja, não antes do final de 2009 ou do primeiro trimestre de 2010. Em 2008 as exportações agrícolas participaram com 8,3% do comércio mundial de mercadorias, que totalizou US$ 15,8 trilhões.

Tabela 11/I. *Principais exportadores e importadores de alimentos - 1980-2007*

(US$ bilhões e %)

Discriminação	Valor	Participação nas exportações/ importações mundiais				Mudança percentual anual			
	2007	1980	1990	2000	2007	2000-07	2005	2006	2007
Exportadores									
União Europeia (27)	406,83	-	-	43,8	44,6	12	7	9	19
exportações extra-UE (27)	87,93	-	-	10,7	9,6	10	7	12	16
Estados Unidos	87,59	17,6	13,4	12,6	9,6	7	3	12	27
Brasil	42,10	4,2	2,8	3,0	4,6	19	13	13	23
China	33,15	1,4	2,5	3,1	3,6	14	18	13	19
Canadá	31,86	3,5	3,5	4,1	3,5	9	5	12	18
Argentina	28,12	2,3	2,2	2,7	3,1	14	13	11	36
Tailândia	17,69	1,3	2,1	2,3	1,9	9	3	15	20
Austrália	17,57	3,3	2,5	2,9	1,9	5	-5	5	-2
Indonésia	16,31	0,7	0,9	1,3	1,8	17	15	16	42
Malásia	16,20	0,9	1,1	1,3	1,8	17	-3	14	45
México	14,62	0,9	1,0	1,9	1,6	9	13	17	9
Nova Zelândia	13,44	1,1	1,4	1,3	1,5	13	9	1	23
Índia	13,20	1,1	0,9	1,2	1,4	14	16	14	29
Rússia[1]	12,62	-	-	0,9	1,4	19	30	23	45
Chile	9,65	0,3	0,6	1,0	1,1	12	14	15	13
Subtotal	**760,96**	**-**	**-**	**83,3**	**83,3**	**-**	**-**	**-**	**-**
Importadores									
União Europeia (27)	436,38	-	-	42,5	45,3	12	7	9	20
importações extra-UE (27)	117,48	-	-	12,2	12,2	11	6	9	21
Estados Unidos	87,50	8,8	8,9	10,9	9,1	8	9	10	9
Japão	55,28	7,2	10,1	10,3	5,7	2	2	-3	6
China	32,29	1,4	1,4	1,9	3,3	20	2	6	41
Rússia[1] [2]	25,18	-	-	1,8	2,6	17	24	21	16
Canadá[1]	23,25	1,8	2,1	2,6	2,4	10	11	14	16
México[2]	18,24	1,4	1,3	1,8	1,9	12	7	13	22
Coréia do Sul	15,69	0,9	1,2	1,6	1,6	11	6	12	20
Arábia Saudita	11,83	1,8	1,0	1,1	1,2	12	31	8	26
Hong Kong, China	11,19	1,2	1,9	1,9	1,2	3	1	7	18
importações retidas	7,89	1,0	1,2	1,2	0,8	4	2	4	14
Emirados Árabes Unidos[1]	10,49	0,4	0,5	0,8	1,1	16	17	22	27
Switzerland	8,67	1,2	1,3	1,0	0,9	10	4	7	18
Malásia	8,55	0,5	0,6	0,7	0,9	13	2	16	25
Indonésia	7,85	0,6	0,3	0,7	0,8	13	7	13	44
Austrália[2]	7,65	0,4	0,6	0,7	0,8	13	13	12	23
Subtotal	**756,74**	**-**	**-**	**79,7**	**78,5**	**-**	**-**	**-**	**-**

[1]Incluí estimativas da OMC.
[2]As importações estão em valor FOB.
Fonte: Organização Mundial do Comércio (OMC).

O órgão também prevê que após a queda nas importações agrícolas em 2009, a retomada deve acontecer em função do aumento do consumo nos países emergentes e em desenvolvimento e do maior consumo de carnes nestes países. No período 2009-2011, quando o impacto da crise econômica deve ser mais sentido, as exportações agrícolas dos Estados Unidos devem crescer menos do que as de seus concorrentes, por conta dos custos mais altos para os produtores americanos. Neste cenário, os maiores beneficiários da redução da competitividade americana serão o Brasil, no caso da soja, a União Europeia e a Austrália com o trigo e a Argentina no caso do milho.

Este movimento não deve ocorrer no caso das carnes, onde as exportações americanas possuem vantagem comparativa e, por isso, devem crescer mais do que as de seus concorrentes, como resultado do provável incremento nas importações de frango e de carne bovina no período 2009-2011.

O Brasil e seu comércio internacional

Os resultados da balança comercial brasileira refletiram, nos primeiros sete meses do ano de 2009, o impacto da recessão na economia mundial sobre os fluxos de comércio externo. Nesse cenário, as exportações alcançaram US$ 84,1 bilhões e as importações, US$ 67,2 bilhões, representando quedas respectivas de 24,3% e de 30,3% em relação ao mesmo período de 2008, o que resultou em aumento de 15,5% no saldo comercial. O superávit comercial acumulado em 2009 até julho atingiu US$ 16,9 bilhões (Tabelas 12, 13 e 14).

Tabela 12/I. *Exportações brasileiras de produtos do agronegócio - 2004-09*

(US$ FOB 1.000)

Produtos exportados	2004	2005	2006	2007	2008	2008(*)	2009(1)
Produção animal e derivados	**6.936.440**	**8.903.768**	**9.369.580**	**12.344.124**	**16.042.706**	**9.221.003**	**7.136.537**
Carne suína	777.664	1.168.494	1.038.507	1.232.555	1.481.508	877.882	685.299
Carnes de frangos	2.594.883	3.508.548	3.203.414	4.619.617	6.353.244	3.681.982	2.977.172
Outras carnes de aves	218.340	261.044	268.563	399.470	567.324	317.181	190.819
Carne bovina	2.614.630	3.146.309	4.017.292	4.556.445	5.368.970	3.046.117	2.315.085
Outras carnes	90.138	140.680	139.024	529.579	866.152	529.340	375.239
Pescados e crustáceos	425.864	403.899	366.798	310.359	269.320	159.315	104.614
Mel natural	42.374	18.940	23.359	21.194	43.571	22.024	43.900
Outros produtos origem animal	172.546	255.854	312.622	674.905	1.092.617	587.163	444.411
Produção vegetal e derivados	**20.745.903**	**22.562.993**	**26.891.165**	**31.688.340**	**41.226.663**	**23.781.543**	**24.580.743**
Soja - óleo	1.382.094	1.266.638	1.228.638	1.719.710	2.670.689	1.598.689	815.748
Soja - em grão, para semeadura e outros	5.394.907	5.345.047	5.663.424	6.709.381	10.952.197	7.663.889	8.801.444
Soja - farelos e farinhas	3.270.961	2.865.657	2.419.813	2.958.778	4.364.149	2.599.950	2.756.137
Milho	601.362	126.996	493.055	1.936.135	1.417.539	767.268	608.481
Arroz	7.611	56.705	59.782	53.360	311.635	117.323	180.207
Banana	26.983	33.027	38.460	44.301	35.658	21.484	24.396
Maçã	72.563	45.772	31.958	68.645	80.991	80.643	56.239
Outras frutas frescas ou secas	492.538	598.037	624.002	802.418	848.968	345.735	280.762
Frutas em conserva e doces	32.848	41.686	53.061	69.188	83.076	45.345	33.374
Sucos de frutas	1.141.359	1.184.887	1.569.530	2.374.045	2.151.783	1.226.491	1.013.190
Açúcar, cacau e produtos de confeitaria	3.141.683	4.489.166	6.709.620	5.649.237	6.096.228	2.984.572	4.251.948
Produtos hortícolas	14.153	15.587	17.407	52.045	22.606	10.718	14.850
Fécula de mandioca	4.359	4.773	4.799	6.945	6.624	3.455	3.614
Erva mate	18.104	25.674	32.276	36.166	45.862	25.231	22.251
Plantas ornamentais	23.608	25.823	29.645	35.278	35.596	22.437	18.836
Gomas e resinas	38.694	46.015	46.322	51.584	70.474	40.976	33.617
Fumo	1.425.763	1.706.520	1.751.726	2.262.374	2.752.032	1.373.642	1.711.822
Bebidas fermentadas e destiladas	548.911	833.809	1.679.405	1.557.873	2.493.207	1.229.181	796.344
Outros prod. vegetais e da agroindústria	3.107.402	3.851.174	4.438.241	5.300.878	6.787.350	3.624.515	3.157.482
Indústria da madeira e papelão	**6.681.337**	**7.185.667**	**7.864.545**	**8.799.342**	**9.303.902**	**5.671.576**	**3.982.936**
Madeira e obras de madeiras	3.043.934	3.031.543	3.159.304	3.338.961	2.759.325	1.772.145	949.625
Móveis de madeira	728.272	749.311	700.205	734.002	707.636	409.497	284.941
Papel e papelão	2.909.131	3.404.813	4.005.036	4.726.379	5.836.942	3.489.934	2.748.370
Total geral do agronegócio	**34.363.680**	**38.652.429**	**44.125.290**	**52.831.806**	**66.573.272**	**38.674.122**	**35.700.216**
Total geral	**96.475.220**	**118.308.269**	**137.469.700**	**160.649.073**	**197.942.443**	**111.096.090**	**84.093.468**

(1)Até julho.
Fonte: MDIC/Secex.

Segundo informações da Fundação Centro de Estudos de Comércio Exterior (Funcex), a queda das exportações tem sido comandada principalmente pelos bens manufaturados, cujas vendas diminuíram, por exemplo, 31,5% em junho 2009 em comparação ao mesmo mês de 2008.

Os produtos do agronegócio, por sua vez, totalizaram até Junho/09 US$ 35,7 bilhões (exportações) e as importações US$ 4,6 bilhões. Estes produtos representaram em 2008 um terço (33,6%) das exportações brasileiras de mercadorias e, em 2009 (até julho), esta participação foi ainda maior: 42,5%. Já em relação às importações, os produtos do agronegócio não são um item importante, sua participação gira em torno de 5% a 6% de tudo o que o País compra no exterior.

Tabela 13/I. *Importações brasileiras de produtos do agronegócio - 2004-09*

(US$ FOB 1.000)

Produtos importados	2004	2005	2006	2007	2008	2008[1]	2009[1]
Produção animal e derivados	**497.151**	**605.347**	**778.467**	**968.461**	**1.267.341**	**707.983**	**716.046**
Animais vivos	5.085	6.492	3.695	10.717	32.182	16.684	17.370
Carnes de animais	83.922	98.099	84.937	118.775	154.093	80.400	70.408
Pescados e crustáceos	241.089	287.572	427.423	542.881	658.248	375.765	368.810
Laticínios e ovos	95.991	137.588	170.875	172.499	231.590	136.558	155.140
Preparações e conservas de carnes e pescados	11.987	11.175	18.564	19.737	27.451	14.971	14.520
Outros produtos origem animal não comestiveis	59.077	64.421	72.973	103.851	163.777	83.605	89.799
Produção vegetal e derivados	**2.680.214**	**2.756.035**	**3.493.685**	**4.807.865**	**6.604.924**	**3.905.693**	**3.077.391**
Soja e derivados	110.005	100.842	35.213	50.695	77.934	49.501	15.907
Milho	35.273	59.267	81.286	133.349	151.521	74.386	66.110
Trigo	742.065	659.803	1.023.723	1.574.025	2.178.185	1.427.463	851.437
Arroz	235.738	129.459	174.621	236.803	225.704	119.320	142.419
Malte	190.557	194.215	218.312	280.276	508.918	277.721	313.554
Outros cereais, grãos e prod de moagem	121.624	114.566	123.612	166.157	258.130	150.837	155.877
Óleos e gorduras vegetais	191.789	211.541	297.499	460.397	743.279	444.708	288.114
Fumo	19.825	22.227	30.130	42.456	49.300	28.942	45.237
Uva	23.021	24.817	36.137	39.409	49.822	29.190	32.547
Maçã	17.641	30.044	41.404	42.547	48.119	23.041	18.849
Pera	38.740	54.071	78.452	98.102	120.803	71.331	71.421
Ameixa	21.157	30.451	37.718	44.773	46.177	19.468	21.715
Outras frutas frescas ou secas	51.770	80.067	94.131	109.043	138.904	54.167	50.407
Gomas e resinas	45.928	53.636	62.023	63.381	88.889	48.205	53.163
Cebola	26.563	22.750	31.186	34.538	73.109	69.886	33.973
Alho	48.166	73.483	80.399	103.193	88.265	64.372	58.867
Outros produtos hortículas	105.593	100.363	76.372	114.883	298.651	124.699	73.108
Batatas preparadas ou conservadas	51.383	55.081	70.466	86.767	120.687	67.961	68.391
Leveduras	26.563	28.839	35.744	36.796	45.304	24.072	28.876
Açúcar, cacau e produtos de confeitaria	109.599	138.812	159.606	252.708	273.459	196.084	167.071
Outros prod vegetais e da agroindústria	467.215	571.698	705.651	837.568	1.019.764	540.342	520.348
Indústria da madeira, papel e papelão	**837.633**	**948.159**	**1.239.507**	**1.457.924**	**1.892.335**	**1.045.265**	**788.236**
Madeira e obras de madeiras	79.787	83.693	114.891	139.477	181.074	101.594	70.089
Papel e papelão	757.846	864.466	1.124.617	1.318.448	1.711.262	943.672	718.147
Total geral do agronegócio	**4.014.998**	**4.309.541**	**5.511.659**	**7.234.250**	**9.764.601**	**5.658.941**	**4.581.673**
Total do Brasil	**62.781.796**	**73.551.418**	**91.395.621**	**120.617.446**	**173.196.634**	**96.466.844**	**67.199.930**

[1]Até julho.
Fonte: MDIC/Secex.

Tabela 14/I. *Balança comercial e do agronegócio brasileiro e catarinense - 2004-09*

(US$ FOB 1.000)

Grupo de produto	2004	2005	2006	2007	2008	2008[1]	2009[1]
Brasil							
Prod. animal e derivados	6.439.288	8.298.422	8.591.113	11.375.663	14.775.365	8.513.020	6.420.491
Prod. vegetal e derivados	18.065.690	19.806.958	23.397.480	26.880.475	34.621.739	19.875.850	21.503.352
Ind. da madeira, papel e papelão	5.843.704	6.237.509	6.625.038	7.341.418	7.411.567	4.626.311	3.194.700
Total geral do agronegócio	30.348.682	34.342.888	38.613.631	45.597.556	56.808.671	33.015.181	31.118.543
Total Brasil	**33.693.424**	**44.756.852**	**46.074.080**	**40.031.627**	**24.745.809**	**14.629.246**	**16.893.538**
% Saldo agronegócio/saldo total	90,07	76,73	83,81	113,90	229,57	225,68	184,20
Evolução aunal saldo agronegócio (%)	...	13,16	12,44	18,09	24,59	...	-5,74
Evolução anual saldo total (%)	...	32,84	2,94	-13,11	-38,18	...	15,48

(Continua)

(Continuação)

Grupo de produto	2004	2005	2006	2007	2008	2008[1]	2009[1]
Santa Catarina							
Prod. animal e derivados	1.292.894	1.718.674	1.357.739	1.978.729	2.588.568	1.477.750	1.160.341
Prod. vegetal e derivados	109.098	92.813	235.180	581.478	432.342	391.946	443.464
Ind. da madeira, papel e papelão	1.114.384	1.112.786	1.143.254	1.098.178	925.470	573.610	377.769
Total geral do agronegócio	2.516.376	2.924.274	2.736.173	3.658.385	3.946.380	2.443.307	1.981.574
Total Santa Catarina	**3.344.521**	**3.397.670**	**2.493.342**	**2.381.618**	**286.946**	**424.765**	**43.751**
% Saldo agronegócio/saldo total	75,24	86,07	109,74	153,61	1.375,30	575,21	4.529,23
Evolução anual saldo agronegócio (%)	...	16,21	-6,43	33,70	7,87	...	-18,90
Evolução anual saldo total (%)	...	1,59	-26,62	-4,48	-87,95	...	-89,70

[1]Até julho.
Fonte: MDIC/Secex.

Vale aqui salientar que apesar de o Brasil ser - e com perspectivas de continuar sendo - um grande produtor e exportador de *commodities*, o País está agregando valor aos produtos básicos exportados, na medida em que alia a produção agrícola à industrial, criando um *agribusiness* desenvolvido e não apenas uma agricultura vigorosa. (Agência de Promoção de Exportações - Apex *apud* Ipea).

Ou seja, algumas *commodities* pertencem não à categoria de produtos básicos, mas sim às categorias de industrializados e semi-industrializados, como é o caso de ferro refinado e celulose, respectivamente. Para a Apex, o significativo crescimento das exportações nos últimos anos (antes da crise), é resultado, principalmente, do aumento das exportações, tanto em quantidade quanto em valor, de semimanufaturados - complexo soja, carnes, minérios, suco de laranja, petróleo e celulose.

O fato é que as exportações de produtos do agronegócio recuaram 7,7% nos primeiros sete meses de 2009 em relação ao mesmo período de 2008. Os principais responsáveis por esta retração foram os produtos de origem animal e os da indústria da madeira, papel e papelão (Tabela 12).

Os itens que tiveram queda mais expressiva em suas exportações em 2009 (até julho), quando comparadas ao mesmo período de 2008, foram: carne bovina (-24%), pescados e crustáceos (-34,3%), óleo de soja, (-49%), maçã (-30,3%), frutas em conserva e doces (-26,4%), bebidas fermentadas e destiladas (-35,2%), madeira e obras de madeira (-46,4%), e móveis de madeira (-30,4%).

Por outro lado, os que tiveram os maiores aumentos foram: mel natural (99,3%), arroz (53,6%), açúcar, cacau e produtos de confeitaria (42,5%), produtos hortícolas (38,5%) e fumo (24,6%).

O ano de 2008, contudo, foi excelente para o Brasil no comércio internacional do agronegócio. As exportações do setor alcançaram a marca histórica de US$ 66,6 bilhões, um acréscimo de US$ 13,7 bilhões em relação ao ano de 2007 (que já havia batido um recorde), que corresponde a 26% de crescimento. O superávit da balança comercial do agronegócio também registrou recorde, alcançando a cifra de US$ 56,8 bilhões. A participação do setor nas exportações totais do País foi de 33,6%.

O bom desempenho das exportações em 2008 foi resultado do aumento da receita com a venda dos principais produtos da balança comercial do agronegócio: o complexo soja registrou crescimento de 57,9%; o setor de carnes, 29%; café, 22%; fumo e seus produtos, 22%; complexo sucroalcooeiro, 18%; produtos florestais, 6%. O complexo soja continua na liderança das vendas, com US$ 18 bilhões. Em segundo lugar, permanecem as carnes, alcançando a cifra de US$ 14,5 bilhões.

Vale destacar o aumento de 80% do valor das exportações de produtos lácteos, que saltou de US$ 299 milhões, em 2007, para US$ 541 milhões em 2008. As exportações brasileiras foram beneficiadas pelo aumento dos preços no mercado internacional, embora tenha havido também acréscimo nos volumes embarcados, na comparação com 2007.

O mel foi outro produto que registrou um aumento expressivo em suas vendas, por conta da retomada das exportações para a EU.

As importações de produtos do agronegócio, por sua vez, aumentaram 35% em 2008 em comparação com 2007 e, nos primeiros sete meses de 2009, caíram 19% (Tabela 13). As maiores quedas, este ano, estão acontecendo nos seguintes produtos: soja e derivados (-67,9%), trigo (-40,4%), óleos e gorduras vegetais (-35,2%), cebola (-51,4%) e madeira e obras de madeira (-31%). O fumo é o produto que tem apresentado, em 2009, o aumento mais expressivo nas suas importações: 56,3%.

Em 2008, o produto com maior valor importado foi o trigo, com US$ 2,2 bilhões, valor 38,4% superior ao número de 2007. Esse resultado foi consequência do preço elevado do cereal no mercado internacional

(+48%), já que a quantidade importada foi 9% inferior. As importações de arroz (38%) e milho (30%) também registraram queda no volume importado.

Nos últimos anos o Brasil está não só diversificando sua pauta de produtos exportados, como também está investindo na ampliação de mercados. Segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), as empresas brasileiras comercializam atualmente um número muito maior de produtos para mais de 200 países. Em 2002, por exemplo, mais de 25% das exportações brasileiras foram para os Estados Unidos. Naquele ano, as exportações gerais somaram US$ 60,4 bilhões, dos quais US$ 15,3 bilhões foram para os Estados Unidos. Em 2008, apesar de a participação dos EUA ter diminuído para pouco mais de 13%, os embarques para aquele mercado totalizaram US$ 27,4 bilhões. A Tabela 15 traz os principais compradores de produtos brasileiros em 2008 e 2009. Observa-se que os Estados Unidos deixaram de ser o principal mercado brasileiro, dando lugar à China, que ultrapassou também a Argentina, que ocupava a segunda posição.

Tabela 15/I. *Exportações brasileiras por país de destino - 2008-09*

(US$ FOB)

País	2008	2008[1]	2009[1]
China	16.403.038.989	9.947.732.136	12.443.290.878
Estados Unidos	27.423.048.799	15.846.734.918	8.487.078.835
Argentina	17.605.620.920	10.352.549.258	5.996.115.815
Países Baixos (Holanda)	10.482.595.244	6.181.932.792	4.572.180.258
Alemanha	8.850.809.527	4.812.337.534	3.236.340.178
Japão	6.114.519.602	3.159.245.499	2.342.410.913
Reino Unido	3.791.753.394	2.079.120.164	2.065.401.200
Venezuela	5.150.187.992	2.678.834.539	1.935.378.525
Bélgica	4.422.185.803	2.585.395.033	1.917.541.382
Itália	4.765.047.181	2.894.383.505	1.787.128.148
Rússia	4.652.978.889	2.810.372.735	1.725.617.510
Franca	4.125.539.839	2.356.802.248	1.676.835.090
Coréia do Sul	3.118.567.635	1.570.649.923	1.588.280.162
Espanha	4.045.886.632	2.495.381.071	1.568.295.188
Suíça	1.460.453.025	734.748.661	1.529.663.017
México	4.281.324.607	2.420.638.243	1.414.342.012
Chile	4.791.703.200	2.538.112.775	1.366.389.111
Índia	1.102.342.120	576.897.098	1.349.382.978
Arábia Saudita	2.563.557.130	1.361.366.354	1.133.136.652
Hong Kong	1.810.721.084	1.059.646.265	1.029.580.771
Subtotal	**136.961.881.612**	**78.462.880.751**	**59.164.388.623**
Outros países	60.980.561.297	32.633.209.428	24.929.079.697
Total mundial	**197.942.442.909**	**111.096.090.179**	**84.093.468.320**

[1]Até julho.
Fonte: MDIC/Secex.

A China ocupou em 2008 a primeira posição também no ranking dos mercados compradores de produtos do agronegócio brasileiro (em 2007 estava em terceiro lugar), absorvendo isoladamente 11% das vendas externas, as quais continuam muito concentradas na soja, em torno de 77,6%. Em segundo lugar estão os países baixos, com 9% de participação, e os Estados Unidos, em terceiro, com 8,7%. Vale ressaltar que a Venezuela também teve um incremento significativo em suas compras (112%), saindo da 15ª posição no ranking para a nona em 2008.

Essa mudança se revelou ainda mais positiva com o advento da crise mundial, pois se as exportações brasileiras ainda estivessem concentradas em um único país, os reflexos em nossa balança comercial seriam devastadores.

Outro ponto importante foi que em 2008 as importações brasileiras bateram recordes históricos, totalizando US$173,2 bilhões, um aumento de 43,6% em cima de um ano (2007) que também já era recorde em valor importado. O setor do agronegócio contribuiu para este aumento recorde, pois suas

importações aumentaram 35% (Tabela 13). Mas os principais setores responsáveis por este incremento foram: produtos químicos, veículos, petróleo e combustíveis, máquinas e equipamentos, material eletrônico e de comunicações.

Já em 2009, o resultado da balança comercial está sendo influenciado por uma redução nas exportações. Sua extensão, contudo, está associada ao comportamento dos preços das *commodities* e à magnitude e duração da retração da atividade econômica nos principais mercados de destino dos produtos brasileiros – bem como às importações, as quais deverão responder à elevação de preços decorrente da depreciação do dólar e à desaceleração na atividade econômica interna.

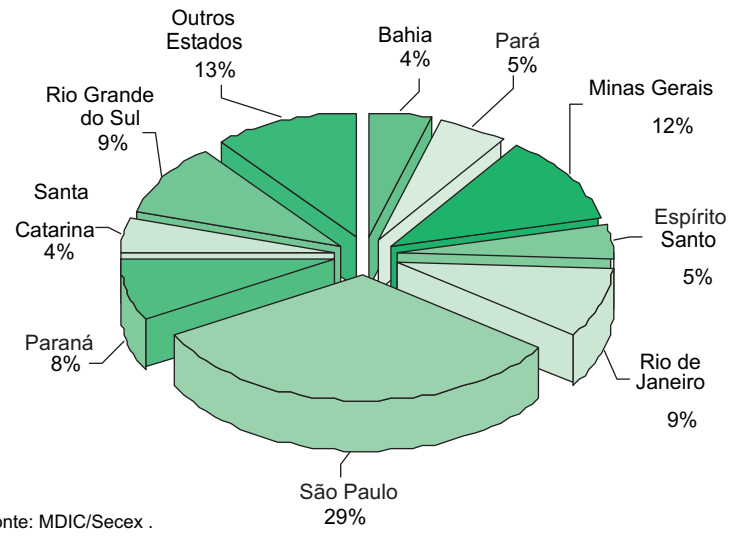
São Paulo manteve-se, em 2008, na liderança brasileira dos estados exportadores, com participação de 29% no total exportado pelo País (Tabela 16 e Figura 1). Minas Gerais vem se consolidando na segunda posição, enquanto o Rio de Janeiro e o Rio Grande do Sul se revezam nas 3ª e 4ª posições. O Pará e o Espírito Santo são os estados cujas exportações estão crescendo mais significativamente nos últimos anos e, por conta disso, Santa Catarina vem perdendo espaço no cenário nacional, ocupando em 2008 a nona posição entre as unidades da federação.

Tabela 16/I. *Exportações por Unidade da Federação - 2004-08*

(US$ mil)

Unidade da Federação	2004	2005	2006	2007	2008
São Paulo	31.038.788	38.007.693	45.929.528	51.734.203	57.702.678
Minas Gerais	9.997.164	13.500.769	15.638.137	18.355.153	24.444.440
Rio de Janeiro	7.025.189	8.191.295	11.469.574	14.315.694	18.714.402
Rio Grande do Sul	9.878.602	10.453.684	11.774.412	15.017.674	18.460.072
Paraná	9.396.534	10.022.669	10.001.941	12.352.857	15.247.237
Pará	3.804.690	4.807.638	6.707.603	7.925.093	10.680.514
Espírito Santo	4.054.552	5.591.454	6.720.018	6.871.955	10.099.372
Bahia	4.062.916	5.987.744	6.771.981	7.408.729	8.698.664
Santa Catarina	4.853.506	5.584.125	5.965.687	7.381.839	8.256.219
Mato Grosso	3.101.887	4.151.611	4.333.376	5.130.866	7.812.346
Goiás	1.411.773	1.816.294	2.092.028	3.184.780	4.091.752
Maranhão	1.231.085	1.501.034	1.712.701	2.177.155	2.836.303
Mato Grosso do Sul	644.479	1.149.018	1.004.204	1.297.177	2.095.551
Ceará	859.369	930.451	957.045	1.148.357	1.276.970
Amazonas	1.157.573	2.143.979	1.522.851	1.107.107	1.268.030
Pernambuco	516.810	784.888	780.340	870.557	937.633
Alagoas	457.658	583.790	692.543	663.762	877.500
Rondônia	133.361	202.674	308.019	457.552	582.669
Rio Grande do Norte	573.603	413.317	371.503	380.128	348.091
Tocantins	116.466	158.736	203.887	154.982	297.706
Paraíba	213.965	228.007	208.589	236.143	227.705
Amapá	46.874	76.511	127.980	127.981	192.573
Distrito Federal	28.973	59.683	65.750	81.528	165.793
Piauí	73.333	58.661	47.127	56.654	136.962
Sergipe	47.702	66.424	78.939	144.760	111.677
Acre	7.663	11.362	17.796	19.372	22.066
Roraima	5.273	8.483	15.358	16.761	16.336
Não declarada	1.294.056	1.077.832	1.047.868	900.157	1.255.735
Mercadoria nacionalizada	333.321	434.663	533.877	811.700	747.837
Reexportação	108.071	303.779	369.037	318.399	337.610
Total Brasil	**96.475.238**	**118.308.269**	**137.471.706**	**160.651.080**	**197.942.443**

(1)Até julho.
Fonte: MDIC/Secex.



Fonte: MDIC/Secex .

Figura 1/I. Principais estados brasileiros exportadores - 2008

Exportações e importações catarinenses

Santa Catarina está atenta às transformações no comércio internacional, pois as exportações têm peso significativo na formação do Produto Interno Bruto (PIB) do Estado. Quando acontecem melhoras nas transações, os reflexos são positivos, inclusive com a manutenção e a geração de empregos.

Após o valor recorde nos embarques internacionais ocorrido em 2008, quando se alcançou US$ 8,3 bilhões (um aumento de 11,8% em relação a 2007), as exportações acumuladas até o mês de julho de 2009, se comparadas com o mesmo período de 2008, recuaram 23,8%, refletindo as retrações no comércio mundial por conta da crise financeira. O recuo nos produtos do agronegócio foi um pouco menor, 16,9% - visto que este setor não foi tão impactado pela crise.

Nos primeiros sete meses de 2009, Santa Catarina exportou US$ 3,7 bilhões em mercadorias, sendo que, deste valor, US$ 2,5 bilhões (65,9%) foram de produtos do agronegócio. As carnes de frango são o principal produto da pauta exportadora catarinense, com participação de 23,5% (Tabela 17). Em segundo lugar aparece o fumo, com 15,5% no total exportado. Outros importantes itens são: madeira e obras de madeira, carne suína, complexo soja, móveis de madeira, papel e papelão.

Com relação à carne suína, vale ressaltar que em Junho/2009 o Estado foi autorizado a retomar as exportações para a Rússia, as quais estavam proibidas desde 2006. Além da Rússia, o suíno catarinense também está entrando no mercado chileno e ainda avança nas tratativas com EUA, Filipinas e União Europeia.

A Rússia é um mercado promissor não só para a carne suína, como também para a de frango, na medida em que os nossos preços são 40% inferiores aos de nossos concorrentes, como os Estados Unidos. Atualmente, o frango brasileiro representa apenas 16% do mercado daquele país, que é um dos maiores consumidores mundiais do produto.

Tabela 17/I. *Exportações catarinenses de produtos do agronegócio - 2004-09*

(US$ FOB 1.000)

Produtos exportados	2004	2005	2006	2007	2008	2008(*)	2009(1)
Produção animal e derivados	**1.321.877**	**1.748.683**	**1.410.512**	**2.047.890**	**2.681.708**	**1.528.942**	**1.242.555**
Carne suína	339.306	504.677	311.317	330.985	430.806	254.356	185.376
Carnes de frangos	844.610	1.062.992	966.430	1.426.018	1.840.372	1.024.135	876.889
Outras carnes de aves	67.525	74.970	60.507	67.279	87.170	45.988	29.028
Carne bovina	6.538	16.562	7.225	6.176	13.100	6.320	7.537
Outras carnes	22.808	45.925	24.407	166.046	258.055	163.740	118.201
Pescados e crustáceos	28.071	32.242	27.598	38.305	35.226	24.412	12.379
Mel natural	8.518	2.926	3.110	2.222	3.523	1.534	5.704
Outros produtos origem animal	4.502	8.389	9.917	10.859	13.456	8.456	7.440
Produção vegetal e derivados	**326.031**	**383.364**	**658.600**	**1.063.590**	**1.164.270**	**797.439**	**792.287**
Soja - óleo	49.803	34.837	39.393	59.226	107.030	67.796	47.667
Soja - em grão, para semeadura e outros	25.098	32.498	47.110	306.139	186.547	170.378	87.319
Soja - farelos e farinhas	13.701	6.201	10.394	58	72	60	385
Milho	6.203	1.302	6.383	43.211	31.685	30.870	4.913
Arroz	314	282	356	1.282	5.868	4.300	11.339
Banana	10.478	12.111	9.051	11.669	13.194	6.641	10.233
Maçã	40.144	29.207	20.526	38.591	37.722	37.453	15.454
Outras frutas frescas ou secas	1.876	2.040	1.465	2.144	3.447	2.087	1.624
Frutas em conserva e doces	2.520	2.045	1.980	1.672	1.394	728	452
Sucos de frutas	15.007	19.656	17.788	23.652	37.507	21.400	13.211
Açúcar, cacau e produtos de confeitaria	7.055	5.921	7.384	6.235	3.464	2.141	1.265
Produtos hortícolas	1.551	1.137	365	1.502	189	123	307
Fécula de mandioca	1.636	698	623	315	1.024	564	263
Erva mate	1.048	1.100	3.487	8.625	14.207	8.380	7.377
Plantas ornamentais	315	174	288	449	527	464	370
Gomas e resinas	1.121	1.079	1.353	2.261	1.587	785	1.732
Fumo	133.424	213.366	465.898	534.483	683.848	425.491	576.742
Bebidas fermentadas e destiladas	710	731	1.116	1.348	1.592	878	697
Outros prod vegetais e da agroindústria	14.028	18.978	23.641	20.728	33.366	16.900	10.939
Índústria da madeira papel e papelão	**1.142.562**	**1.157.663**	**1.192.464**	**1.163.937**	**1.018.131**	**629.636**	**421.791**
Madeira e obras de madeiras	569.538	566.358	646.717	620.319	507.511	327.478	198.447
Móveis de madeira	408.867	414.919	344.967	341.389	302.545	177.526	130.295
Papel e papelão	164.157	176.386	200.779	202.230	208.075	124.631	93.049
Total geral do agronegócio	**2.790.470**	**3.289.710**	**3.261.576**	**4.275.417**	**4.864.110**	**2.956.016**	**2.456.633**
Total geral	**4.853.506**	**5.584.125**	**5.965.687**	**7.381.839**	**8.256.219**	**4.894.327**	**3.727.541**

(1)Até julho.
Fonte: MDIC/Secex.

Em 2009 quase todos os produtos tiveram recuo nos embarques, sendo que os mais significativos foram: milho (-84,1%), maçã (-58,7%), fécula de mandioca (-53,4%), pescado e crustáceos (-49,3%) e complexo soja (-43,2%).

Dos poucos produtos cujas exportações aumentaram, nos primeiros sete meses de 2009, os maiores aumentos foram para o mel natural (271,9%), arroz (163,7%), produtos hortícolas (149,8%), gomas e resinas (120,6%).

O Japão foi o principal mercado comprador dos produtos do agronegócio exportados por Santa Catarina em 2008, considerando os sete principais itens exportados pelo setor relacionados na Tabela 18. Na sequência, aparecem a Holanda, os Estados Unidos, Hong Kong e Rússia. A Argentina ocupou a oitava posição no ranking dos importadores de produtos do agronegócio catarinense. Vale lembrar que, com relação a este país, alguns setores da indústria catarinense (têxteis e carnes, por exemplo) reclamaram do fato de o governo argentino ter reforçado as medidas protecionistas contra os produtos brasileiros (e catarinenses).

As importações catarinenses, por sua vez, bateram novo recorde em 2008, totalizando US$ 8 bilhões, ou seja, 59,4% a mais do que 2007, que já tinham batido o recorde (US$ 5 bilhões). Ao contrário do que acontece com as exportações, o agronegócio tem pouca participação no total de compras de mercadorias do mercado internacional. Em 2008, apenas 11,5% das importações catarinenses eram de produtos do agronegócio (Tabela 19). E, dentre os principais itens do agronegócio importados pelo estado, destacam-se o trigo, papel e papelão, malte, óleos e gorduras vegetais.

Tabela 18/I. *Principais produtos do agronegócio catarinense exportados, segundo os países de destino - 2008*

(US$ FOB)

País de destino	Carne suína	Carne de aves	Complexo soja	Fumo	Madeira e obras de madeira	Móveis de madeira	Papel e papelão	Total do país
Japão	1.122.514	507.673.797	-	21.240	2.271.420	139.272	52.762	511.281.005
Holanda	-	253.412.753	11.923.650	52.491.210	3.784.705	27.580.927	248.648	349.441.893
Estados Unidos	111.314	-	-	60.027.800	183.026.363	65.758.944	1.068.084	309.992.505
Hong Kong	79.818.654	145.803.590	1.712.312	-	53.146	19.999	663	227.408.364
Rússia	35.139.770	118.049.091	227.815	67.242.548	-	-	-	220.659.224
Alemanha	-	82.319.905	-	59.396.017	24.445.783	24.985.478	332.460	191.479.643
Reino Unido	-	70.185.048	1.768.838	13.856.104	69.307.667	29.387.876	2.449.239	186.954.772
Argentina	43.866.595	10.872.841	-	2.879.997	2.922.977	588.966	83.662.140	144.793.516
Cingapura	39.802.316	78.573.912	-	7.964.748	46.436	399.000	43.959	126.830.371
Ucrânia	106.427.423	5.115.298	-	14.695.954	263.964	-	-	126.502.639
China	-	-	119.026.342	2.784.877	2.654.352	-	29.682	124.495.253
França	190.048	2.803.156	4.291.087	1.802.880	18.049.714	76.524.559	14.747	103.676.191
Venezuela	3.890.505	68.204.126	9.442.116	1.419.578	3.260.017	322.202	11.370.477	97.909.021
Arábia Saudita	-	90.507.157	566.204		2.612.757		4.080.093	97.766.211
Bélgica	-	629.485	-	65.521.533	17.739.032	5.570.450	8.242.917	97.703.417
Espanha	-	35.214.686	16.664.685	3.053.259	13.084.046	27.525.511	1.292.292	96.834.479
África do Sul	325.281	56.093.472	4.030.292	20.825.784	2.642.551	181.864	2.898.133	86.997.377
Emirados Árabes Unidos	12.731.136	59.073.646	-	1.089.551	7.041.224	37	7.245	79.942.839
Itália	-	5.516.323	6.667.235	5.841.824	16.723.818	1.214.550	17.378.498	53.342.248
Moldova	38.896.320	12.312.306	-	-	-	-	-	51.208.626
Polônia	-	-	-	43.692.513	1.928.148	2.854.970	-	48.475.631
Filipinas	-	6.518.283	-	30.023.189	-	232	429.495	36.971.199
Angola	16.792.197	13.793.118	3.045.283	-	1.413.367	455.078	19.853	35.518.896
Canadá	-	11.191.779	-	5.133.861	14.789.346	3.462.002	1.414	34.578.402
Noruega	-	-	33.359.918	-	162.095	335.562	-	33.857.575
Uruguai	16.968.030	2.103.062	8.613.303	-	1.841.243	504.170	3.110.583	33.140.391
Coveite	-	31.378.991	-	-	425.592	-	-	31.804.583
Romênia	-	10.737.463	421.137	17.460.564	2	519.746	8.427	29.147.339
Chile	294.949	2.903.605	-	1.262.250	2.113.904	1.215.165	17.816.021	25.605.894
Porto Rico	-	-	-	-	18.857.595	6.400.470	301.514	25.559.579
Portugal	-	3.694.257	11.762.470	3.292.021	3.017.409	2.684.930	371.598	24.822.685
Suíça	-	19.510.003	-	4.778.125	10.720	333.789	23	24.632.660
Vietnã	129.706	9.334.693	-	14.495.521	280.879	-	-	24.240.799
Iraque	-	22.759.875	-	-	-	-	-	22.759.875
Turquia	141.520	1.254.355	-	20.016.074	1.129.830	-	-	22.541.779
Coréia do Sul	-	249.784	7.308.139	7.246.116	7.165.936	526	318.401	22.288.902
Catar	-	21.820.181	-	-	193.635	-	-	22.013.816
Irlanda	-	5.251.777	-	6.813.126	6.439.919	2.897.175	-	21.401.997
Marrocos	-	1.206.127	4.907.382	1.566.378	12.048.615	-	-	19.728.502
Omã	5.160	19.396.454	-	-	-	-	-	19.401.614
Jordânia	-	16.065.310	-	2.956.330	31.172	8	-	19.052.820
Nigéria	-	-	-	15.795.000	-	-	2.111.951	17.906.951
México	-	-	-	8.267.391	5.853.014	892.438	2.594.086	17.606.929
Equador	2.293.885	-	505.625	398.954	-	-	13.222.544	16.421.008
Croácia	-	3.900.862	8.379.030	2.504.255	34.598	-	-	14.818.745
Paraguai	1.101.266	1.255.904	2.212.942	2.176.218	469.373	1.176.797	5.207.668	13.600.168
Trinidad e Tobago	108.725	63.184	198.884	5.872.138	6.574.671	44.374	505.266	13.367.242
Gana	63.579	6.170.938	514.419	-	40.922	-	6.488.305	13.278.163
Austrália	-	-	482.807	9.092.176	1.922.438	1.478.229	5	12.975.655
Malásia	-	-	3.979.695	8.726.746	144.567	-	15.400	12.866.408
Geórgia	6.060.237	5.272.464	-	497.194	-	-	-	11.829.895
Irã	-	287.413	11.103.573	-	-	-	25.117	11.416.103
Subtotal	**406.281.130**	**1.818.480.474**	**273.115.183**	**592.981.044**	**456.818.962**	**285.455.296**	**185.719.710**	**4.018.851.799**
Outros países	24.525.272	109.060.948	19.494.054	90.866.709	50.692.479	17.108.903	22.355.263	334.103.628
Total do produto	**430.806.402**	**1.927.541.422**	**292.609.237**	**683.847.753**	**507.511.441**	**302.564.199**	**208.074.973**	**4.352.955.427**

(1)Até julho.
Fonte: MDIC/Secex.

Tabela 19/I. *Importações catarinenses de produtos do agronegócio - 2004-09*

(US$ FOB 1.000)

Produtos importados	2004	2005	2006	2007	2008	2008[1]	2009[1]
Produção animal e derivados	**28.983**	**30.009**	**52.773**	**69.161**	**93.141**	**51.192**	**82.214**
Animais vivos	79	24	176	231	187	134	0
Carnes de animais	2.677	2.691	4.359	4.104	7.363	3.733	3.733
Pescados e crustáceos	17.350	17.054	32.336	44.109	56.400	31.471	56.039
Laticínios e ovos	1.427	1.882	2.771	2.455	4.248	2.245	3.587
Preparações e conservas de carnes e pescados	659	982	1.697	4.187	4.060	2.481	3.321
Outros produtos origem animal não comestiveis	6.791	7.376	11.434	14.076	20.883	11.128	15.535
Produção vegetal e derivados	**216.933**	**290.551**	**423.420**	**482.112**	**731.928**	**405.492**	**348.823**
Soja e derivados	56.855	57.533	33.359	35.678	52.518	28.079	10.198
Milho	13.861	17.981	35.611	42.398	50.849	26.843	6.637
Trigo	18.227	23.813	75.382	86.414	98.701	78.373	35.050
Arroz	5.385	322	1.025	934	1.989	605	2.772
Malte	44.449	54.822	66.116	40.899	77.976	38.458	56.989
Outros cereais, grãos e prod de moagem	18.135	20.082	28.352	33.454	72.005	41.413	49.651
Óleos e gorduras vegetais	7.742	21.636	28.779	59.309	73.792	38.480	30.993
Fumo	1.232	1.214	1.536	1.069	2.086	1.645	824
Uva	484	3.292	5.850	7.735	14.421	7.337	6.271
Maçã	608	2.763	4.633	7.148	7.444	3.620	2.960
Pera	1.311	4.211	10.144	12.965	21.460	13.269	14.118
Ameixa	645	4.716	7.873	9.542	11.645	5.538	5.056
Outras frutas frescas ou secas	1.361	5.046	8.253	9.552	19.980	6.040	3.971
Gomas e resinas	2.091	5.426	6.952	4.336	21.902	10.208	11.890
Cebola	3.908	2.435	3.078	1.534	6.725	6.441	3.968
Alho	1.231	3.121	2.687	6.125	7.683	5.257	6.176
Outros produtos hortículas	6.723	8.353	9.060	9.992	42.352	15.137	14.254
Batatas preparadas ou conservadas	3.939	5.986	8.034	8.665	18.434	9.826	15.910
Leveduras	2.417	2.383	2.221	2.273	2.189	1.284	972
Açúcar, cacau e produtos de confeitaria	1.335	1.465	1.405	1.882	3.354	1.391	1.750
Outros prod vegetais e da agroindustria	24.994	43.950	83.070	100.209	124.424	66.245	68.412
Indústria da madeira, papel e papelão	**28.178**	**44.877**	**49.210**	**65.760**	**92.662**	**56.025**	**44.021**
Madeira e obras de madeiras	7.288	9.182	10.504	16.274	18.128	10.770	8.677
Papel e papelão	20.890	35.695	38.706	49.485	74.534	45.255	35.345
Total geral do agronegócio	**274.093**	**365.436**	**525.403**	**617.033**	**917.730**	**512.709**	**475.058**
Total de Santa Catarina	**1.508.986**	**2.186.455**	**3.472.345**	**5.000.221**	**7.969.273**	**4.469.562**	**3.683.790**

[1]Até julho.
Fonte: MDIC/Secex.

Já em 2009, seguindo a tendência mundial, as importações estão caindo, embora a um ritmo menor do que as exportações. Nos primeiros sete meses do ano elas totalizaram US$ 3,7 bilhões, uma queda de 17,6% em relação ao mesmo período de 2008. Os produtos que apresentaram maior recuo nas importações, em 2009 (até julho) foram: animais vivos (-100%), milho (-75,3%), soja e derivados (-3,7%), trigo (-55,3%) e fumo (-49,9%).

Por outro lado, alguns produtos estão tendo importações maiores nos primeiros sete meses de 2009, em relação ao mesmo período de 2008. São eles: pescados e crustáceos (78,1%), batatas preparadas ou conservadas (61,9%), laticínios e ovos (59,8%) e malte (48,2%).

Como resultado deste movimento no comércio internacional, o saldo da balança comercial catarinense, em 2008, foi o menor dos últimos anos: US$ 287 milhões, uma retração de 88% ante o resultado em 2007, quando o saldo foi de US$ 2,4 bilhões (Tabela 14). Refletindo o fato de o agronegócio catarinense ser um setor crucial nas exportações do Estado, mas não em suas importações, o saldo deste setor, em 2008, ficou em US$ 3,9 bilhões. Ou seja, é o agronegócio que ainda mantém o Estado superavitário em suas transações comerciais internacionais.

As projeções para 2009 apontam para um ano ainda mais complicado para o Estado em relação a sua balança comercial. Isto porque o saldo acumulado no ano (até julho) está em apenas US$ 43,8 milhões,

89,7% a menos do que o saldo do mesmo período em 2008, que estava em US$ 424,8 milhões. Este é um reflexo não somente da crise que abalou mercados importantes - como os Estados Unidos - mas também da valorização do real frente ao dólar.

Adicionalmente, o porto de Itajaí está com sua operação plena comprometida, em função das enchentes ocorridas na região. Os exportadores precisam desviar suas exportações para outros portos, como São Francisco do Sul (SC), Paranaguá (PR) e Santos (SP), o que implica um aumento nos custos de transporte e logística. Vale lembrar que o Porto de Itajaí é um importante exportador de carnes e seus derivados, segmento este que representa cerca de 30% de suas exportações globais.

Para a Federação das Indústrias de Santa Catarina (FIESC), quando a moeda americana estava sendo cotada em valores mais altos, a falta de infraestrutura logística, o custo da burocracia e a alta carga tributária do Brasil ficavam mascarados. Mas com o dólar em queda, a indústria se ressente da falta de competitividade internacional - que acaba reduzindo as exportações e a rentabilidade - e também é afetada pelos produtos importados que entram no País. A vantagem para indústria tem sido a importação de matéria-prima, como plásticos, fios, ligas metálicas e químicos. Mas as exportações despencaram.

Márcia Janice Freitas da Cunha Varaschin
Economista - Epagri/Cepa
marciacunha@epagri.sc.gov.br

Desempenho da produção vegetal

Alho

Panorama mundial

Os números disponibilizados pela FAO para a safra 2007/08 mundial de alho indicam 1,2 milhão de hectares colhidos, apresentando um incremento de 3,4%, em comparação com a safra passada, e de 2,2% maior em relação à safra 2005/06.

A produção mundial do bulbo nesta safra 2007/08 situou-se em 14,2 milhões de toneladas, volume 3,7% maior que o obtido na safra 2006/07, e 6,9% maior que o apurado na safra 2005/06.

Na safra 2007/08, a China colheu 692.400 hectares, detendo 57,4% de toda área colhida no planeta. A Índia, que colheu 147.000 hectares nesta última safra, é o segundo maior produtor mundial, detendo 12,2% de toda área colhida. A Federação Russa, a República da Coréia e Bangladesh completam a lista dos maiores plantadores do bulbo, detendo cada um, 2,3%, 2,2% e 2,0 % respectivamente.

No que concerne ao volume mundial produzido, a China é responsável por 85,1% do total, a Índia, a República da Coréia e a Federação Russa têm participação de 4,5%, 2,2% e 1,8% respectivamente.

No cenário mundial o Brasil é o 12º maior produtor, colhendo 11.035 hectares. Em relação à produção é o 10º maior, acumulando 92.934 toneladas (Tabela 1).

Tabela 1/I. *Alho - Mundo e principais países - Área e produção - Safras 2005/06 - 2007/08*

País	Área colhida (ha)			Produção (t)		
	2005/06	2006/07	2007/08	2005/06	2006/07	2007/08
China	648.139	657.250	692.400	11.083.014	11.587.000	12.088.000
Índia	144.100	134.900	147.000	646.600	598.200	645.000
Fed. Russa	30.800	29.900	28.500	257.280	255.860	254.000
Corea, Rep	31.766	28.594	27.500	374.980	331.379	325.000
Bangladesh	25.593	26.709	24.500	90.170	102.000	88.500
Myanmar	22.000	23.000	23.000	126.000	125.000	128.000
Espanha	17.331	16.200	16.100	136.400	148.300	142.400
Ucrânia	19.100	18.100	16.000	145.600	145.600	125.000
Argentina	14.000	15.500	15.600	116.441	135.505	140.000
Turquía	17.000	15.000	15.000	109.000	96.112	94.779
Tailândia	16.831	13.331	12.094	106.598	81.376	74.711
Brasil	10.362	10.486	11.035	86.199	87.779	92.934

Fonte: FAO (junho de 2009).

Panaroma da América do Sul

Considerando a produção de alho do ponto de vista do continente da América do Sul pode-se observar que a cultura está presente em dez países, segundo os números da FAO. A área destinada ao bulbo vem crescendo no decorrer das últimas safras. Na safra 2007/08 foram colhidos 25.835 hectares, área 3,6% maior que a safra anterior e 11,0% superior à safra 2005/06.

Os países com maior área colhida são Argentina, 15.600 hectares, seguida pelo Brasil, 11.035 hectares, Peru 8.000 hectares e Chile com 3.000 hectares. Somados, estes países respondem por 91,0% de toda a área colhida.

A exemplo da área colhida, a produção também vem aumentando. Na safra 2007/08 foram colhidas 351.164 toneladas, quantidade 3,4% maior que a safra imediatamente anterior e 17,8% superior à safra 2005/06. Analisando-se o desempenho dos maiores produtores, observa-se que, juntos, Argentina, Brasil, Peru e Chile, representam 93,5% de toda a produção obtida na América do Sul.

No que concerne ao rendimento médio, pode-se observar ganho por área nas últimas safras. O melhor desempenho individual é obtido pela Colômbia, 9.615 quilos por hectare, seguida pelo Peru com 9.375 quilos por hectare. O Brasil detém o quarto melhor desempenho, com 8.421 quilos por hectare, antecedido da Argentina, que colheu 8.974 quilos por hectare (Tabela 2).

Tabela 2/I. *Alho - Área colhida, produção obtida e rendimento médio - América do Sul - Safras 2005/06 - 2007/08*

País	Área colhida(ha)			Produção(t)			Rendimento médio (kg/ha)		
	2005/06	2006/07	2007/08	2005/06	2006/07	2007/08	2005/06	2006/07	2007/08
Total	**37.269**	**40.438**	**41.435**	**298.165**	**339.466**	**351.164**	**8.000**	**8.395**	**8.475**
Argentina	14.000	15.500	15.600	116.441	135.505	140.000	8.317	8.742	8.974
Brasil	10.362	10.486	11.035	86.199	87.779	92.934	8.318	8.371	8.421
Perú	6.451	7.849	8.000	54.896	73.503	75.000	8.509	9.364	9.375
Chile	2.800	2.900	3.000	19.500	20.000	20.500	6.964	6.896	6.833
Venezuela	1.560	1.554	1.600	11.629	12.591	12.600	7.454	8.102	7.875
Bolívia	695	719	720	4.749	4.993	5.000	6.833	6.944	6.944
Equador	620	620	620	1.030	1.030	1.030	1.661	1.661	1.661
Paraguai	350	300	350	500	445	500	1.428	1.483	1.428
Colômbia	256	260	260	2.513	2.520	2.500	9.816	9.692	9.615
Uruguai	175	250	250	708	1.100	1.100	4.045	4.400	4.400

Fonte: FAO (junho de 2009).

Panorama nacional

Os números de área colhida e produção, disponibilizados pelo IBGE, sobre a safra brasileira indicam que a cultura vem perdendo espaço nas duas últimas safras se comparadas com a safra 2006/07. Na safra 2008/09 a área colhida foi de 10.302 hectares, 0,8% maior que a safra 2007/08, porém 8,5% menor que a safra 2006/07, o que equivale a uma perda de área de 957 hectares.

Em relação à produção obtida, as perdas também são significativas nas últimas safras. O volume nacional produzido, na safra 2008/09 registrou 89.983 toneladas, sendo 1,9% menor que a safra passada e 9,2% menor que a safra 2006/07.

O rendimento médio nacional apurado foi de 8.734 quilos por hectare, 3% menor que o obtido na safra anterior e 0,7% menor que a safra 2006/07.

Os Estados do Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Goiás e Santa Catarina apresentam as maiores áreas colhidas do bulbo. Isoladamente representam 29,2%, 19,0%, 18,4% e 15,3% respectivamente. Somados são detentores de 82,0% de toda a área colhida na safra 2008/09.

No que tange à produção, Goiás é o maior produtor nacional pelo segundo ano consecutivo. Deixando o segundo posto com Minas Gerais, seguido pelo Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Juntos estes estados respondem por 86,5% da produção nacional. O rendimento médio obtido em suas lavouras é de 11.744 quilos por hectares em Goiás, 11.256 quilos por hectares em Minas Gerais, 9.013 quilos por hectares em Santa Catarina e 6.415 quilos por hectares no Rio Grande do Sul (Tabela 3).

Tabela 3/I. *Alho - Área plantada e produção - Brasil/estado - Safras 2004/05 - 2008/09*

Brasil/estado	Área colhida(ha)					Quantidade produzida(t)				
	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08[1]	2008/09[1]	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08[1]	2008/09[1]
Brasil	**10.372**	**10.499**	**11.259**	**10.220**	**10.302**	**86.235**	**87.834**	**99.013**	**91.678**	**89.983**
Rio Grande do Sul	3.249	3.320	3.293	2.904	3.014	20.046	21.438	22.167	19.658	19.337
Minas Gerais	2.161	2.300	2.192	1.958	1.959	25.834	25.552	23.895	22.094	22.052
Goiás	1.154	1.024	1.874	1.900	1.900	12.593	12.277	22.707	23.330	22.314
Santa Catarina	1.501	1.530	1.796	1.577	1.577	12.370	12.904	16.474	14.215	14.215
Paraná	688	833	810	755	780	3.006	3.955	3.872	3.718	3.579
Bahia	1.014	948	766	628	596	7.353	7.352	5.382	4.320	4.184
São Paulo	180	200	198	197	197	1.630	1.700	1.671	1.717	1.750
Distrito Federal	184	161	190	176	176	1.911	1.601	1.989	1.825	1.801
Espírito Santo	189	129	113	113	91	1.304	854	744	743	691
Ceará	18	19	5	6	6	65	70	24	29	30
Piauí	16	16	17	-	-	58	61	64	-	-

[1]Dados preliminares sujeitos a retificação.
Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal (2005-2007) e LSPA-jun/2009.

Panorama estadual

A safra catarinense de alho, contrariando os indicadores da safra nacional, vem recuperando ano a ano o "terreno perdido" em relação as safras passadas. Considerando as últimas cinco safras pode-se observar que a safra 2003/04 foi a de maior área plantada, com 2.143 hectares. Nas safras seguintes, depois da abrupta redução de área plantada, 30,2%, a cultura vem ganhando novamente a preferência entre os produtores. A safra 2005/06 totalizou 1.501 hectares plantados, área levemente superior à safra anterior. Na safra 2006/07 foram plantados 1.530 hectares, área 1,9% maior que a plantada em 2005/06. Já na safra 2007/08 o plantio de 1.796 hectares mostrou-se, 17,4% maior que a safra anterior. A safra 2008/09 voltou a cair, atingindo 1.577 hectares.

A produção obtida repete a trajetória da área plantada. Na safra 2003/04 foram produzidas 15.650 toneladas de alho. Na safra seguinte, houve redução de 27,1% na oferta do bulbo. Na safra 2005/06 a produção atingiu 12.370 toneladas, volume 8,3% maior que a safra anterior. A safra 2006/07 voltou a apresentar crescimento totalizando 12.904 toneladas, incremento de 4,3% em relação à safra imediatamente anterior. Na safra 2007/08 a produção de 16.474 toneladas se mostrou 27,6% maior que a safra 2006/07, sendo superior em 5,3% em relação à safra 2003/04, a maior do período analisado. A safra 2008/09 teve uma queda de 13,7% no volume produzido, em comparação com a safra passada.

Neste contexto quinquenal a produtividade média das lavouras se mostrou sempre em evolução. Foram obtidos 7.303 quilos por hectare em 2003/04, 7.635 quilos por hectare em 2004/05, 8.241 quilos por hectare em 2005/06, 8.433 quilos por hectare em 2006/07, 9.173 quilos por hectare em 2007/08 e 9.014 quilos por hectare na safra 2008/09. Esta evolução na produtividade permitiu que a safra 2007/08 suplantasse a safra 2003/04 em produção, mesmo tendo sido plantados 16,2% menos de área.

Na safra 2007/08, a microrregião geográfica de Curitibanos corresponde a 86% de toda a área plantada no Estado e por 89,7% de toda a produção. Joaçaba e Lages têm um peso menor na formação da safra estadual, com participação de 7,4% e 3,6% da área plantada e de 4,5% e 4,0% do volume produzido, respectivamente.

No tocante a rendimento médio, Lages, com 10.359 quilos por hectare, apresenta o maior rendimento, seguido de Curitibanos com 9.566 quilos por hectare e de Joaçaba com 5.526 quilos por hectare (Tabela 4).

Tabela 4/I. *Alho - Área plantada e produção - Santa Catarina e microrregião geográfica - Safras 20004/05 - 2008/09*

Santa Catarina/MRG	Área plantada (ha)					Quantidade produzida (t)				
	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08[1]	2008/09[1]	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08[1]	2008/09[1]
Santa Catarina	**1.498**	**1.501**	**1.530**	**1.796**	**1.577**	**11.428**	**12.370**	**12.904**	**16.474**	**14.215**
Curitibanos	1.235	1.241	1.275	1.545	1.319	9.772	10.720	11.172	14.781	12.469
Joaçaba	133	133	133	133	138	684	684	735	735	824
Campos de Lages	90	83	78	64	60	771	734	763	663	615
Concórdia	-	4	4	10	16	-	30	30	63	90
Tubarão	12	12	12	14	14	63	63	63	75	75
Chapecó	13	13	13	13	11	86	86	86	86	70
Tabuleiro	1	2	2	6	9	6	12	14	38	47
Xanxerê	7	8	8	7	6	25	26	26	22	15
Tijucas	3	3	3	3	3	9	9	9	9	9
Florianópolis	2	2	2	1	1	6	6	6	2	1

(1)Dados preliminares sujeitos a retificação.
Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal (2005-2007) e LSPA-jun/2009.

O maior produtor individual do Estado continua sendo o município de Curitibanos, que responde por 56,0% da área plantada e 61,0% de toda a produção obtida. Em seguida, aparecem Frei Rogério, Brunópolis e Campos Novos - responsáveis por 16,7%, 5,5% e 4,4% da área e 14,5%, 6,1% e 4,8% da produção, respectivamente. Destes quatro municípios, somente Campos Novos repetiu a área plantada nas três últimas safras. Frei Rogério teve aumento e Brunópolis caiu na safra 2008/09.

Os incrementos de produção também foram significativos nos municípios de Curitibanos (30,7%), Frei Rogério (100,0%) e Brunópolis (56,2%).

A safra 2008/09 não teve o mesmo desempenho. O município de Frei Rogério cresceu 10,0%, Campos Novos manteve estável a área plantada, enquanto Curitibanos e Brunópolis diminuíram em 20,0% e 50,0%, respectivamente, refletindo negativamente na produção estadual (Tabela 5).

Tabela 5/I - *Alho - Área plantada e produção - Santa Catarina e principais municípios - Safras 2004/05-2008/09*

Estado/município	Área plantada (ha)					Produção (t)				
	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08(1)	2008/09(1)	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08(1)	2008/09(1)
Santa Catarina	**1.498**	**1.501**	**1.530**	**1.796**	**1.577**	**11.428**	**12.370**	**12.904**	**16.474**	**14.215**
Curitibanos	800	850	850	1.000	800	6.400	7.650	7.650	10.000	8.000
Frei Rogério	150	150	150	300	330	1.200	1.200	1.200	2.400	2.640
Campos Novos	50	50	80	80	80	500	500	800	800	800
Brunópolis	80	80	80	100	50	640	640	640	1.000	500
Fraiburgo	70	70	70	70	70	364	364	385	385	420
Lages	28	28	28	28	24	336	336	336	336	288
Ponte Alta	40	40	40	30	30	332	332	332	249	249
Lebon Regis	30	30	30	30	35	165	165	165	165	210
Correia Pinto	30	30	30	20	20	255	255	300	200	200
Monte Carlo	80	60	60	20	20	400	300	420	200	200
Caçador	20	20	20	20	20	90	90	120	120	120
Sao José do Cerrito	20	15	10	6	6	120	90	60	60	60
Capão Alto	7	7	7	7	7	35	35	49	49	49
Imarui	7	7	7	7	5	56	56	56	56	40
São Cristovão do Sul	25	6	10	8	4	200	48	80	64	32

(1)Dados preliminares sujeitos a retificação.
Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal (2005-2007) e LSPA-jun/2009.

Comércio exterior

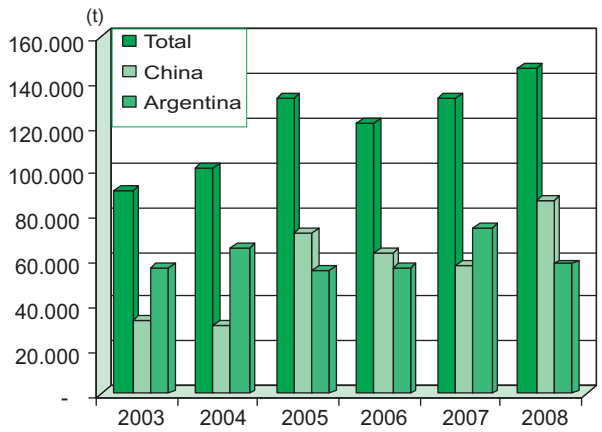
Segundo os dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior/Secex, as aquisições brasileiras de alho apresentam-se crescentes nos últimos anos. O volume importado em 2008 foi recorde, 145.917 toneladas, 9,6% a mais que no ano passado, e 20,65% a mais que em 2006, sendo que os mercados da China e a Argentina se revezam como maiores fornecedores deste bulbo. Em 2008, a China foi responsável por 59% das importações nacionais e a Argentina por 40%. Em 2007, a Argentina respondeu por 56,0% das aquisições brasileiras e a China por 43,4%. Em 2006 o Brasil adquiriu do mercado chinês 52,4% e do argentino 47,0%. Outros países como Chile, Bolívia, México, Taiwan, Espanha, Paraguai, Síria e Hong-Kong completam a lista de vendedores do bulbo para o Brasil.

Em valores, o Brasil desembolsou US$ 88,26 milhões/Fob em 2008, US$ 103,19 milhões/Fob em 2007 e US$ 80,73 milhões/Fob em 2006 (Tabela 6 e Figura 1).

Tabela 6/I. *Alho - Quantidade importada - Total e por país - Brasil - 2003-08*

Ano	Quantidade (t)			Milhões (U$S)
	Total	China	Argentina	
2003	91.565	33.410	56.024	43.229
2004	101.189	31.010	65.222	48.173
2005	132.581	71.768	55.586	73.483
2006	120.942	63.401	56.690	80.736
2007	133.095	57.786	74.698	103.193
2008	145.917	86.899	58.214	88.265

Fonte: MDIC/Secex.



Fonte: MDIC/Secex.

Figura 1/I. *Alho - Quantidade importada - Total e principais países - Brasil - 2003-08*

Os mercados de São Paulo e do Rio de Janeiro lideram as compras internacionais, sendo responsáveis por cerca de 65% das aquisições, seguidos pelo Mato Grosso do Sul, Paraná e Santa Catarina, que perfazem cerca de 26% do total comercializado no período de janeiro de 2007 a julho de 2009 (Tabela 7).

A importação crescente do alho a preços inferiores aos custos de produção e às cotações do mercado interno tem comprometido a comercialização da produção de alho na Região Sul. Este cenário tem

provocado intenso êxodo de produtores mais capitalizados, principalmente para os estados de Goiás e Minas Gerais. Além de produzirem fora do período de maior importação do alho, as condições climáticas bem definidas, estação de seca e chuvas, favorecem a obtenção de um produto mais uniforme, de menor custo e de maior qualidade.

Tabela 7/I. *Alho – Importação brasileira e participação percentual dos estados – Brasil - 2007-09*

Discriminação	2007		2008		2009	
	Quantidade (t)	Valor (US$)	Quantidade (t)	Valor (US$)	Quantidade (t)	Valor (US$)
Brasil	**133.095**	**103.193**	**145.917**	**88.265**	**89.459**	**58.867**
Participação % dos estados						
SãoPaulo	30,40	30,98	28,92	30,23	30,69	34,80
RiodeJaneiro	35,08	28,65	37,49	29,21	29,78	22,98
MatoG.doSul	13,02	15,43	9,17	12,79	5,16	6,88
Paraná	9,68	12,84	8,37	11,57	12,28	15,58
SantaCatarina	4,94	5,94	8,59	8,70	9,99	10,49
DistritoFederal	3,77	3,08	3,09	3,32	2,38	2,87
RioG.doSul	2,09	2,21	1,15	1,62	1,22	1,51
RioG.doNorte	-	-	-	-	3,18	1,71
Demais estados	1,02	0,87	3,21	2,56	5,32	3,17

(¹)Até julho de 2009.
Fonte: MDIC/Secex.

Evandro Uberdan Anater
Licenciado em Estudos Sociais - Epagri/Cepa
anater@epagri.sc.gov.br

Arroz

Mundo - Safra 2007/08

Para a safra 2007/08 mundial de arroz beneficiado, as estimativas do Usda – junho de 2009 – são de que a produção mundial alcance um total de 433,75 milhões de toneladas – crescimento de 3,2%, em relação à safra passada, quando foram produzidas 420,43 milhões de toneladas. As maiores participações no volume total produzido são oriundas da China, com 30,0%, seguido pela Índia, com 22,3%, a Indonésia, com 8,5%, o Vietnã, com 5,6%, a Tailândia, com 4,4%, as Filipinas e a Burma, com 2,4% cada, e o Brasil, com 1,9%.

Os dados da mesma fonte, quando comparados com os do ano passado (2008), mostram que os estoques mundiais do produto crescem cerca de 7,7%, atingindo a cifra de 80,64 milhões de toneladas. O comércio mundial, por sua vez, cai 1,0%, movimentando 60,43 milhões de toneladas - contra as 59,84 milhões de toneladas negociadas em 2007. O consumo é crescente, sinalizando uma evolução de 1,7%, sendo demandadas 428,22 milhões de toneladas.

Com o aumento da produção mundial nos últimos anos, em vários países importadores, seja pelo incremento da área cultivada, seja pelo ganho da produtividade, é forte a tendência de acréscimo do volume do cereal no comércio mundial. Entretanto, embora a demanda continue aquecida, os preços mundiais desaceleram a partir do terceiro trimestre de 2008 devido à crise financeira mundial.

A segmentação dos mercados mundiais de arroz, de uma maneira geral, está assim constituída: a Tailândia comercializa parte expressiva de sua produção principalmente para os países da África e da Ásia; o Vietnã para os países asiáticos; os Estados Unidos para os países da América Central e Caribe, Ásia (Japão) e Europa; o Paquistão e a Índia para os países do Oriente Médio, África (Egito) e Leste Europeu; a Austrália para o Japão; a Argentina e o Uruguai para o Brasil; enquanto a Itália e a Espanha para os países da União Européia.

Tabela 1/I. *Arroz beneficiado – Balanço de oferta e demanda mundial – Safras 2005/06 -2009/10*

Discriminação	Safra (milhões de toneladas)				
	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10
Estoque inicial	74,44	75,68	74,9	80,64	89,91
Produção	418,06	420,43	433,75	443,90	448,51
Importação	25,94	28,52	29,31	26,29	26,32
Consumo	416,03	421,21	428,22	434,62	443,43
Exportação	30,21	31,32	31,12	28,87	29,73
Estoque final	75,68	74,9	80,64	89,91	94,99

Fonte: Usda – abril e junho de 2009.

Tabela 2/I. *Arroz beneficiado – Principais países produtores – Safras 2006/07 - 2009/10*

País	Safra (milhões de toneladas)			
	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10
Mundo	**420,43**	**433,75**	**443,90**	**448,51**
Estados Unidos	6,27	6,34	6,52	7,04
Índia	93,35	96,69	98,90	99,50
Paquistão	5,45	5,70	6,30	6,20
Tailândia	18,25	19,30	19,40	20,00
Vietnã	22,92	24,38	23,69	23,76
Brasil	7,70	8,20	8,84	9,00
EU-27	1,69	1,82	1,68	1,89
Indonésia	35,30	37,00	37,30	37,60
Nigéria	2,90	3,00	3,20	3,40
Filipinas	9,78	10,48	10,59	10,71
Burma	10,60	10,73	10,15	10,73
China	127,2	130,22	135,10	134,40
Egito	4,38	4,39	4,39	4,37
Japão	7,79	7,93	8,03	7,71
México	0,18	0,13	0,19	0,24
Coréia do Sul	4,68	4,41	4,84	4,50

Fonte: Usda – abril e junho de 2009.

Tabela 3/I. *Arroz beneficiado – Principais países exportadores – Safras 2006/07 – 2009/10*

País	Safra (milhões de toneladas)			
	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10
Mundo	**31,32**	**31,12**	**28,87**	**29,69**
Estados Unidos	2,92	3,37	3,01	3,10
Índia	5,50	4,65	2,50	4,00
Paquistão	2,84	3,00	4,00	3,30
Tailândia	9,56	10,01	9,00	8,50
Vietnã	4,52	4,65	5,20	5,00
Brasil	0,24	0,50	0,45	0,50
EU-27	0,15	0,15	0,12	0,10
Burma	0,03	0,54	0,50	0,30
China	1,34	0,97	1,30	1,30
Egito	1,21	0,75	0,30	0,90
Japão	0,20	0,20	0,20	0,20

Fonte: Usda – abril e junho de 2009.

Tabela 4/I. *Arroz beneficiado – Principais países importadores – Safras 2006/07 – 2009/10*

País	Safra (milhões de toneladas)			
	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10
Mundo	**28,52**	**29,31**	**26,29**	**26,32**
Estados Unidos	0,65	0,76	0,60	0,70
Tailândia	0,01	0,01	0,01	0,01
Vietnã	0,45	0,30	0,40	0,40
Brasil	0,73	0,40	0,63	0,60
EU-27	1,34	1,57	1,05	1,25
Indonésia	2,00	0,35	0,35	0,30
Nigéria	1,60	1,80	1,40	1,60
Filipinas	1,80	2,70	2,00	1,75
China	0,47	0,30	0,33	0,35
Egito	0,10	0,02	0,02	-
Japão	0,68	0,60	0,70	0,70
México	0,59	0,58	0,63	0,68
Coréia do Sul	0,26	0,25	0,28	0,30

Fonte: Usda – abril e junho de 2009.

Brasil

A safra 2007/08 brasileira de arroz em casca, segundo o IBGE (Levantamento Sistemático da Produção Agrícola – LSPA de junho de 2009), apresenta um decréscimo de 1,2% na área plantada e aumento de 9,4% e 10,7%%, respectivamente, na quantidade produzida e no rendimento médio obtido, em relação à safra passada. O comportamento negativo na área plantada é refletido pelo resultado não muito significativo na exploração da atividade arrozeira verificada em alguns estados produtores, que conviveram com a ocorrência de fatores climáticos adversos: excesso e falta de chuva, frio fora de época, vendaval e granizo em algumas lavouras, a preferência do produtor pelo plantio de soja (maior liquidez) nas áreas de arroz de sequeiro, licença ambiental (redução do desmatamento e maior fiscalização dos órgãos ambientais) e descapitalização do produtor foram os principais responsáveis pela redução da área plantada.

As maiores produções nacionais pertencem ao Estado do Rio Grande do Sul, com participação de 60,9% do total, seguido por Santa Catarina, com 8,4%, Maranhão, com 5,7%, Mato Grosso, com 5,6%, Tocantins, com 3,5%, Pará, com 2,4%, Goiás, com 2% e Piauí, com 1,9%. Estes estados, juntos, contribuem com aproximadamente 90% da produção brasileira.

Na safra, os maiores rendimentos médios por hectare cultivado são alcançados pelos estados produtores que têm predomínio das lavouras irrigadas (ou que têm uma maior incidência desse tipo de cultivo sobre o arroz de sequeiro), quais sejam: Rio Grande do Sul com 6.879 quilos, seguido por Santa Catarina, com 6.650 quilos, Roraima, com 5.667 quilos, Pernambuco, com 5.499 quilos, Mato Grosso do Sul, com 5.313 quilos, Sergipe, com 5.090 quilos e Alagoas com 4.138 quilos.

Tabela 5/I. *Arroz em casca – Área plantada – Brasil e principais estados – Safras 2003/04 – 2008/09*

(ha)

Discriminação	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08(1)	2008/09(1)
Brasil	**3.774.215**	**3.999.315**	**3.010.169**	**2.915.316**	**2.880.343**	**2.931.676**
Rio Grande do Sul	1.056.098	1.055.229	1.023.330	942.151	1.071.513	1.107.558
Santa Catarina	151.598	154.459	154.566	154.812	153.100	150.500
Mato Grosso	739.012	855.067	287.974	275.728	239.808	280.517
Maranhão	517.147	534.544	507.446	507.210	477.466	484.520
Tocantins	164.225	199.168	124.643	145.501	157.061	134.008
Pará	297.429	298.552	209.603	194.356	158.751	152.951
Goiás	165.627	187.002	116.290	118.897	100.870	105.060
Piauí	165.436	180.105	148.226	157.503	142.629	146.245
Mato Grosso do Sul	56.592	54.630	42.947	42.568	35.459	34.217
Paraná	68.051	65.010	59.804	54.197	46.959	43.741
Rondônia	83.047	95.539	71.218	72.202	71.031	70.360
Minas Gerais	95.893	110.169	86.798	85.925	66.365	57.516
Roraima	26.300	23.435	22.200	19.000	22.200	22.500
Ceará	40.376	34.160	32.020	32.802	33.144	36.691
São Paulo	35.780	32.420	28.900	26.751	22.600	21.500

(1)Dados preliminares sujeitos a retificação.
Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal (2005-2007) e LSPA-junho/2009.

Tabela 6/I. *Arroz em casca – Quantidade produzida – Brasil e principais estados – Safras 2003/04 – 2008/09*

(t)

Discriminação	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08(1)	2008/09(1)
Brasil	**13.277.008**	**13.192.863**	**11.526.685**	**11.060.741**	**12.100.946**	**12.615.566**
Rio Grande do Sul	6.338.139	6.103.289	6.784.236	6.340.136	7.371.467	7.844.781
Santa Catarina	1.011.592	1.055.613	1.071.559	1.038.438	1.018.115	1.039.720
Mato Grosso	2.177.125	2.262.863	720.834	707.167	682.506	803.542
Maranhão	733.484	673.291	702.224	684.949	697.032	605.789
Tocantins	417.139	463.529	263.212	364.970	421.916	385.647
Pará	636.645	631.724	398.620	368.410	292.355	291.199
Goiás	369.513	374.627	229.716	249.008	238.565	256.243
Piauí	169.485	228.192	192.403	143.940	224.292	241.417
Mato Grosso do Sul	241.177	224.831	187.768	207.899	188.406	178.823
Paraná	182.253	137.065	173.187	174.258	172.632	170.328
Rondônia	186.214	214.808	141.944	145.502	144.311	157.116
Minas Gerais	214.192	247.680	176.114	183.419	140.539	128.564
Roraima	136.630	119.401	111.250	106.000	125.800	127.511
Ceará	86.311	88.824	100.249	71.541	97.769	104.756
São Paulo	106.120	93.720	82.800	87.744	81.948	75.250

(1)Dados preliminares sujeitos a retificação.
Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal (2005-2007) e LSPA junho/2009.

Tabela 7/I. *Arroz em casca – Rendimento médio – Brasil e principais estados – Safras 2003/04 – 2008/09*

(kg/ha)

Discriminação	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08(1)	2008/09(1)
Brasil	**3.518**	**3.299**	**3.829**	**3.794**	**4.201**	**4.303**
Rio Grande do Sul	6.001	5.784	6.630	6.729	6.879	7.083
Santa Catarina	6.673	6.834	6.933	6.708	6.650	6.908
Mato Grosso	2.946	2.646	2.503	2.565	2.846	2.865
Maranhão	1.418	1.260	1.384	1.350	1.460	1.250
Tocantins	2.540	2.327	2.112	2.508	2.686	2.878
Pará	2.140	2.116	1.902	1.896	1.842	1.904
Goiás	2.231	2.003	1.975	2.094	2.365	2.439
Piauí	1.024	1.267	1.298	914	1.573	1.651
Mato Grosso do Sul	4.262	4.116	4.372	4.884	5.313	5.226
Paraná	2.678	2.108	2.896	3.215	3.676	3.894
Rondônia	2.242	2.248	1.993	2.015	2.032	2.233
Minas Gerais	2.234	2.248	2.029	2.135	2.118	2.235
Roraima	5.195	5.095	5.011	5.579	5.667	5.667
Ceará	2.138	2.600	3.131	2.181	2.950	2.855
São Paulo	2.966	2.891	2.865	3.280	3.626	3.500

(1)Dados preliminares sujeitos a retificação.
Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal (2005-2007) e LSPA junho/2009.

As estimativas da Conab – julho de 2009 – informam que nos últimos dez anos o suprimento nacional de arroz em casca variou de 14,5 milhões a 16,8 milhões de toneladas; o consumo estabilizou-se em torno de 13 milhões de toneladas; a produção brasileira oscilou entre 11,4 milhões a 13,6 milhões de toneladas; as importações apresentaram um quadro de relativa queda, enquanto as exportações tiveram um comportamento crescente. Os dados mostram finalmente que os estoques de passagem denotam queda, a qual se apresenta um pouco mais acentuada nas três últimas safras (2006/07, 2007/08 e 2008/09), conforme demonstrado na Tabela 8.

Tabela 8/I. *Arroz em casca – Balanço de oferta e demanda – Brasil – Safras 2003/04 – 2008/09*

(mil toneladas)

Discriminação	2003/04	200/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09
Estoque inicial	2.110,2	2.728,4	3.532,1	2.879,3	2.021,7	1.081,2
Produção	11.423,1	13.355,2	11.971,7	11.315,9	12.059,6	12.744,2
Importação	936,6	728,2	827,8	1.069,6	589,8	800,0
Suprimento	14.469,8	16.811,8	16.331,6	15.264,8	14.671,1	14.625,4
Consumo	11.850,0	12.900,0	13.000,0	12.930,0	12.800,0	12.950,0
Exportação	21,1	379,7	452,3	313,1	789,9	600,0
Estoque final	2.598,7	3.532,1	2.879,3	2.021,7	1.081,2	1.075,4

Fonte: Conab – julho de 2009.

Santa Catarina - Safra 2007/08

Santa Catarina é o segundo maior produtor nacional desse cereal. As informações do IBGE sinalizam para a safra estadual 2007/08 uma área plantada de 153,100 mil hectares, quantidade produzida de 1,018 milhão de toneladas e rendimento médio de 6.650 quilos por hectare cultivado. Esses números apresentam uma perda de 1,10%, 1,96% e 0,86%, respectivamente, em comparação com os dados da safra passada (IBGE junho de 2009).

A ocorrência de fatores climáticos adversos como excesso ou falta de chuva, frio fora de época, queda de granizo e de ventos fortes em áreas localizadas (ocasionando, principalmente a debulha do produto) e algumas doenças foram fatores limitantes para o bom desempenho da lavoura, influenciando levemente o rendimento médio e consequentemente a quantidade produzida.

O arroz de sequeiro é cultivado em praticamente todo o Estado, havendo uma maior concentração nas microrregiões geográficas de São Miguel, Chapecó, Xanxerê e Concórdia. O seu cultivo a cada ano vem perdendo espaço para a exploração de outras lavouras, principalmente o fumo, o milho e o feijão. Na Safra 1999/00, representa um total de 9,20% da área cultivada e 3,4% do volume produzido. Na safra 2007/087, a área plantada desse cultivo cai para 2,1% e a produção para 0,50%.

As Tabelas 9 e 10 demonstram o comportamento do arroz irrigado e de sequeiro, por microrregião geográfica de Santa Catarina, nas safras 1994/05, 2004/05 e 2007/08.

Tabela 9/I. *Arroz irrigado – Área plantada e quantidade produzida – Santa Catarina – Safras 1994/95 – 2004/052 – 007/08*

SC/MRG	Safra 1994/95		Safra 2004/05		Safra 2007/08	
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)
Santa Catarina	**126.160**	**656.273**	**147.415**	**1.052.667**	**150.019**	**1.013.063**
Araranguá	42.680	230.574	49.140	322.035	50.130	343.760
Blumenau	8.535	43.636	8.885	71.747	8.985	66.017
Canoinhas	103	515	121	735	113	595
Criciúma	12.848	69.966	20.715	148.961	20.655	150.168
Florianópolis	2.060	8.455	2.440	12.967	3.120	14.807
Itajaí	6.705	31.900	9.989	67.358	10.490	72.250
Ituporanga	232	1.392	249	1.983	268	1.936
Joinville	25.825	123.979	20.681	169.166	20.632	149.375
Rio do Sul	8.692	55.475	11.638	94.361	11.740	61.249
Tabuleiro	14	70	85	638	150	1.080
Tijucas	985	4.413	2.800	19.750	2.710	19.075
Tubarão	17.481	85.898	20.672	142.966	21.026	132.751

Fonte: IBGE.

Tabela 10/I. *Arroz sequeiro – Área plantada e quantidade produzida – Santa Catarina – Safras 1994/95 – 2004/05 – 2007/08*

SC/MRG	Safra 1994/95		Safra 2004/05		Safra 2007/08	
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)
Santa Catarina	**29.069**	**52.154**	**7.044**	**2.946**	**3.081**	**5.044**
Araranguá	20	30	-	-	-	-
Blumenau	180	300	-	-	-	-
Campos de Lages	3.120	4.868	433	258	415	577
Canoinhas	3.320	5.719	340	332	235	390
Chapecó	5.740	10.619	1.668	421	455	606
Concórdia	2.770	4.310	903	266	229	359
Criciúma	750	1.449	38	54	11	22
Curitibanos	1.003	1.786	308	74	129	236
Florianópolis	18	27	-	-	-	-
Itajaí	100	140	-	-	-	-
Ituporanga	405	733	27	43	15	29
Joaçaba	3.187	6.477	918	318	270	636
Joinville	90	215	10	20	10	20
Rio do Sul	870	1.409	158	147	64	127
São Bento do Sul	120	210	70	148	70	148
São Miguel do Oeste	3.497	7.052	1.290	231	612	890
Tabuleiro	510	1.120	69	195	67	181
Tijucas	235	439	8	16	3	6
Tubarão	501	854	82	157	40	93
Xanxerê	2.633	4.397	722	266	456	724

Fonte: IBGE.

Em 2008, o mercado nacional caracteriza-se pela recuperação dos preços do arroz, antecedendo três anos difíceis para o rizicultor e a cadeia produtiva do arroz, com cotações praticamente estáveis, variando entre R$ 19,00 e R4 21,00 a saca de 50 quilos (no produtor).

A valorização dos preços internacionais do produto, impulsionada pela preocupação com o desabastecimento global, proporciona ao Brasil a realização de maiores volumes de negócios ao exterior, o que favorece a ocorrência de um superávit na balança comercial (cerca de 200 mil toneladas).

Com a crise financeira mundial, em setembro, a tendência baixista dos preços internacionais se confirma. Em razão disso, há uma desvalorização do real em relação ao dólar e um aumento dos preços no mercado interno. Nem mesmo a intervenção governamental consegue alterar esse quadro e os preços permanecem sendo valorizados.

Essa crise financeira afeta a disponibilidade de crédito para o setor, gerando uma pressão de venda por parte dos produtores, principalmente aqueles que precisam investir na safra de verão. Do lado da demanda, com os recursos mais escassos, as indústrias passaram a processar o cereal estocado. Com o aumento da procura, os preços recuam, o setor produtivo pede a suspensão das vendas do governo. Pedido aceito, as cotações param de cair até atingir a estabilidade (média de aproximadamente R$32,00 a saca de 50 quilos).

Em Santa Catarina, os preços médios anuais recebidos pelos produtores em 2008 cresceram 40,8% em comparação com 2007. Num período analisado de 2000 a 2009, 2008 obteve as melhores cotações, sendo superado somente pelos preços de 2004.

O comportamento dos preços médios mensais do arroz irrigado recebidos pelos produtores nas principais regiões produtoras de Santa Catarina é demonstrado na Tabela 11 e na Figura 1.

Tabela 11/I. *Arroz em casca – Preços médios mensais recebidos pelos produtores de Santa Catarina – 2000–09*

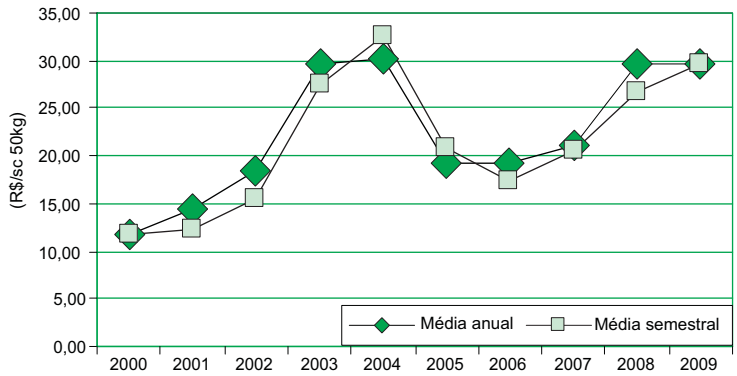
(R$/sc 50 kg)

Mês	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Jan.	14,04	12,53	17,79	25,87	...	...	...	...	21,75	32,00
Fev.	13,13	12,26	15,13	24,95	34,28	21,96	17,60	19,27	22,51	32,00
Mar.	11,51	11,64	14,75	24,75	31,88	23,07	17,50	19,84	23,09	30,23
Abr.	11,05	11,66	14,63	26,79	32,23	21,65	17,17	21,94	26,42	29,34
Maio	10,65	12,31	15,19	31,50	33,00	18,72	16,25	21,00	33,05	27,87
Jun.	10,72	13,86	15,94	30,76	31,38	18,75	18,00	21,00	32,95	26,25
Jul.	11,55	14,42	16,80	31,50	30,06	18,72	19,31	21,00	32,14	-
Ago.	11,50	14,90	17,83	31,50	28,55	18,44	19,43	21,00	32,25	-
Set.	11,50	15,92	19,75	31,57	28,22	17,22	19,38	21,95	32,46	-
Out.	11,29	19,42	22,45	31,00	27,97	16,75	20,26	22,00	34,39	-
Nov.	11,17	17,67	25,95	32,00	27,17	17,32	22,44	21,78	33,31	-
Dez.	11,49	18,14	25,52	33,42	26,12	18,25	23,00	21,48	32,50	-

Fonte: Epagri/Cepa.

Os preços no mercado atacadista do Estado seguem praticamente o mesmo ritmo de variação observado no produtor, conforme demonstrado na Tabela 12 e na Figura 2.

Em 2008, o Brasil se destaca no cenário mundial como um importante mercado exportador de arroz, disputando posições no ranking internacional com países como Egito, Uruguai, Myammar e Camboja. São clientes já tradicionais os países africanos (Senegal, África do Sul, Nigéria e Benin). Destacam-se países da América do Sul (Venezuela, Bolívia e Chile) e América Central (Cuba e Trinidad). A União Europeia também faz parte do rol de parceiros que adquire o nosso cereal, destacando a Suíça, Bélgica, Rússia, Espanha e Portugal.



Fonte: Epagri/Cepa.

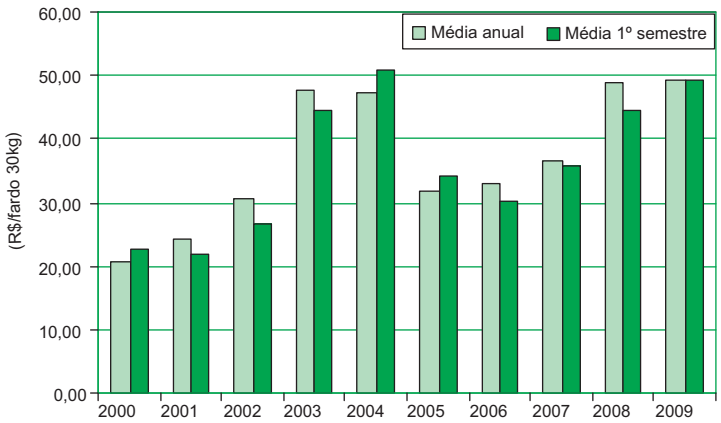
Figura 1/I. *Arroz em casca - Preço médio recebido pelo produtor - Santa Catarina - 2000-09*

Tabela 12/I. *Arroz beneficiado (tipo 1) - Preços médios mensais - Santa Catarina – 2000–09*

(R$/fardo de 30kg)

Mês	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Jan	24,00	21,07	28,85	42,15	...	...	...	...	38,05	56,01
Fev	24,00	22,94	28,22	40,90	52,15	34,87	31,13	36,71	38,58	52,19
Mar	23,13	23,00	26,98	39,11	51,45	35,60	30,57	34,80	38,77	50,72
Abr	21,83	20,21	25,11	40,33	51,19	35,46	30,13	35,88	42,12	50,21
Maio	21,00	21,32	25,10	52,00	51,03	33,01	29,22	35,84	54,22	44,55
Jun	21,00	23,37	26,03	52,63	49,08	31,94	29,71	35,94	54,54	41,18
Jul	19,40	20,51	26,61	50,72	47,16	31,02	31,78	35,91	51,51	
Ago	19,00	25,22	28,09	50,20	46,78	30,49	32,25	36,12	50,80	
Set	19,00	25,96	31,62	50,18	46,75	28,81	32,52	37,08	51,15	
Out	19,00	28,64	35,95	49,76	43,68	28,43	34,96	38,64	55,61	
Nov	19,00	30,23	41,99	49,87	41,05	29,09	39,32	38,48	56,04	
Dez	19,00	29,91	42,46	52,15	38,70	31,33	40,73	38,09	54,38	

Fonte: Epagri/Cepa.



Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 2/I. *Arroz beneficiado (tipo1) - Preços médios - Santa Catarina - 2000-09*

Mundo - Safra 2008/09

O arroz é um dos cereais mais produzidos e consumidos no mundo. Está presente em todos os continentes, com maior concentração na Ásia, onde se destacam as produções chinesa e indiana, responsáveis por cerca de 30% e 22% do volume mundial produzido respectivamente.

Os dados da FAO indicam uma forte demanda desse cereal nos últimos seis decênios, registrando atualmente um consumo mundial de aproximadamente 58kg/hab/ano. Os maiores mercados consumidores estão localizados na China, Birmânia e Indonésia, com uma média de 80kg/hab/ano; o Brasil, a Colômbia e o Senegal têm um consumo médio que oscila entre 40 e 60kg/hab/ano, enquanto os Estados Unidos, a Espanha e a França estão enquadrados numa escala baixa de consumo de menos de 10 kg/hab/ano.

Nos últimos anos, a produção mundial desse cereal cresce em ritmo menor (cerca de 1% ao ano) que a das décadas passadas, com cerca de 2,5% ao ano. Esses resultados pouco estimulantes têm a sua origem principalmente na ocorrência de fatores climáticos mundiais com secas prolongadas, chuvas atrasadas em determinadas regiões e inundações em outras. O incremento da área cultivada, por sua vez, é pouco expressivo, enquanto a produtividade pode ter crescido em torno de 1% ao ano.

A produção mundial de arroz beneficiado na safra 2008/09, segundo os dados do USDA, poderá alcançar um volume total de 443,9 milhões de toneladas (cerca de 652 milhões de toneladas de arroz em casca) – crescimento de cerca de 2,3% em comparação com a safra passada. O consumo no mundo deve crescer aproximadamente 1,5%, alcançando um volume de 434,62 milhões de toneladas. Os estoques de passagem, por outro lado, crescem substancialmente (11,5%) podendo atingir a cifra de 89,91 milhões de toneladas (Tabela 1).

Em 2009, a tendência do mercado mundial é de redução dos preços; a produção continua ascendente (impulsionada pelo aumento da produtividade), embora crescendo em ritmo mais lento; a demanda global permanece aquecida, enquanto as reservas mundiais do cereal apresentam-se levemente reduzidas.

Brasil - Safra 2008/09

A safra 2008/09 brasileira do cereal está estimada em 12,62 milhões de toneladas, área plantada de 2,93 milhões de hectares e rendimento médio de 4.303 quilos por hectare, registrando respectivamente um incremento de 4,25%, 1,78% e 2,43%, em comparação com a safra passada (IBGE - Levantamento Sistemático da Produção Agrícola – LSPA de junho de 2009).

A Região Sul é líder absoluta na produção nacional do cereal, sendo responsável por 71,8%, seguida pela Centro-Oeste, com 9,8%, a Nordeste, com 8,8%, a Norte, com 7,9% e a Sudeste, com 1,7%.

Embora tenha ocorrido redução de área plantada com o arroz de sequeiro em alguns estados brasileiros, principalmente pela substituição de soja, que estava com os preços mais atraentes na época de implantação da cultura, a maioria dos estados que realiza o cultivo de irrigado teve aumento de área. De uma maneira geral, as chuvas foram suficientes e bem distribuídas na maioria dos estados produtores, favorecendo o desenvolvimento da cultura, o que, aliado ao bom nível tecnológico e aos tratos culturais adequados, permitiu que muitas lavouras atingissem o seu potencial de produção mediante maior ganho de produtividade (Tabelas 6 e 7).

No mercado nacional, em 2009, a trajetória de preços baixos, iniciada em meados do mês de fevereiro, segue até a primeira semana do mês de junho. A partir da segunda semana, entretanto, as cotações começam a dar os primeiros sinais de reação, estancando a sequência de preços baixos.

O preço do cereal, aviltado durante esse período do ano, deve ser considerado normal, pois tradicionalmente as cotações tendem a recuar entre fevereiro e abril devido à concentração sazonal da colheita da safra.

No mês de julho, os preços continuam tendo comportamento crescente, sustentados pela retração da oferta e aumento da procura pelas indústrias do setor.

Para o mês de agosto, com o mercado nacional mais comprador e consequente aumento nas vendas, os preços devem manter-se levemente crescentes, seguindo esse comportamento durante os meses de setembro a dezembro (Tabelas 11 e 12 e Figuras 1 e 2).

Santa Catarina - Safra 2008/09

Em Santa Catarina, os dados do IBGE/GCEA de junho de 2009 – ainda sujeitos a confirmação, informam para safra 2008/09 uma área plantada de 150,50 mil hectares, produção de 1,040 milhão de toneladas e rendimento médio de 6.908 quilos por hectare. Mesmo com uma queda de 1,70% na área plantada, o aumento de 3,87% no rendimento médio eleva em 2,12% a quantidade produzida, em comparação com os números da safra passada

Portanto, não se confirmaram as previsões iniciais de queda acentuada na safra catarinense, em decorrência do alto índice de precipitação registrado nos meses de outubro e novembro de 2008, nas regiões de Itajaí, Joinville, Blumenau e Jaraguá do Sul, que ocasionou prejuízos nas fases de desenvolvimento vegetativo das plantas e início de floração, agravados pela dificuldade de aplicação de defensivos. O Litoral Sul Catarinense, maior região produtora do cereal, também viveu o clima das cheias durante o mês de janeiro de 2009, com rios transbordando, lavouras sendo invadidas pelas águas, estradas sem acesso, verificando-se alguns danos nas lavouras. Esses danos só não foram maiores devido ao estágio de desenvolvimento das lavouras que estavam, na grande maioria, nas fases de granação e maturação.

Em 2009, os preços médios mensais do arroz, no Estado, mantêm praticamente o mesmo comportamento observado no mercado nacional: começam a decrescer a partir de fevereiro; continuam caindo, porém em ritmo pouco acelerado, mas constante, até a primeira semana de junho – quando atingem os menores níveis de cotação; na segunda semana de junho, porém, começam a dar os primeiros sinais de reação; em julho continuam subindo e é bastante provável que devam manter esse quadro de crescimento para os próximos meses do ano (Tabelas 11 e 12 e Figuras 1 e 2).

Luiz Marcelino Vieira
Economista - Epagri/Cepa
marcelino@epagri.sc.gov.br

Banana

Mundo

A banana constitui o quarto produto alimentar mais produzido no planeta, precedido pelo arroz, trigo e milho, e em muitos países é a principal fonte de arrecadação e geradora de emprego e renda para uma parte expressiva da população.

Nas últimas três décadas, essa cultura tem apresentado um aumento significativo (122%) no volume produzido. De uma produção de 36,7 milhões de toneladas na safra 1979/80 passa para 81,3 milhões de toneladas na safra 2006/07. Sua produção é superada apenas pela melancia, com 93,2 milhões de toneladas; a uva vem na terceira posição, com 66,3 milhões de toneladas, seguida pela maçã, com 64,2 milhões de toneladas e laranja, com 63,9 milhões de toneladas (FAO, junho de 2009).

Na safra 2006/07 mundial, o seu cultivo foi de 4,4 milhões de hectares, com quantidade produzida de 81,2 milhões de toneladas e rendimento médio de 18,425 t/ha. A área colhida cresceu 0,77%, a produção aumentou 1,54% e o ganho de produtividade 0,76%, em comparação com os dados da safra passada 2005/06. O uso de tecnologia garante uma melhoria no ganho da produtividade média na maioria dos bananais explorados nos maiores países produtores.

A Índia é o principal produtor dessa fruta, responsável por 26,8% do volume produzido, seguida pela China, com 9,0%; Brasil, com 8,7%s; Filipinas, com 8,6%; Equador, com 7,5% e Indonésia, com 6,2%. Ressalta-se que o Brasil possui a maior área plantada, com 11,6% do total mundial, enquanto o Mali obtém a maior produtividade – nos últimos cinco anos foram 116,701 t/ha, cerca de 6,8 vezes mais que a média mundial (Tabela 1).

Tabela 1/I. *Banana - Área colhida - Mundo e principais países produtores – Safras 2002/03 - 2006/07*

(ha)

País	2002/03	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07
Mundo	**4.146.067**	**4.183.665**	**4.185.507**	**4.376.730**	**4.410.509**
Índia	457.700	390.500	404.200	600.300	622.200
China	265.100	273.650	285.100	295.100	305.500
Filipinas	409.800	414.510	417.755	428.804	430.000
Brasil	509.588	491.042	491.180	504.586	508.845
Equador	233.813	226.521	221.085	209.350	210.000
Indonésia	277.991	314.708	315.000	311.000	310.000
Costa Rica	41.757	42.256	41.147	42.700	43.000
México	72.645	78.734	76.973	74.338	75.000
Tailândia	146.000	177.000	153.000	153.000	153.000
Colômbia	56.744	62.730	64.794	64.000	65.000
Burundi	300.000	320.000	325.000	300.000	300.000
Vietnã	88.900	92.500	93.900	94.000	95.000
Guatemala	19.040	20.400	21.900	19.100	19.500
Honduras	17.473	19.206	20.533	20.600	21.000
Egito	21.307	21.270	21.000	21.500	21.500
Papua Nova Guiné	62.000	62.500	64.000	62.000	62.000
Bangladesh	45.350	49.281	53.862	55.847	53.000
Camarões	79.721	82.113	84.505	85.000	82.000
Uganda	135.000	135.000	135.000	135.000	135.000
Quênia	39.799	40.000	40.000	40.000	39.000

Fonte: FAO (junho de 2009). (Disponível em http://www.fao.org).

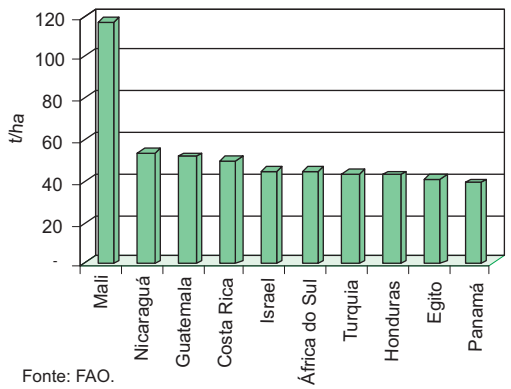
Observa-se que os países maiores produtores não necessariamente obtêm as maiores produtividades, conforme demonstrado na Tabela 2 e Figura 1.

Tabela 2/I. *Banana – Quantidade produzida no mundo e principais países produtores – Safras 2002/03 - 2006/07*

(mil t)

País	2002/03	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07
Mundo	**66.520**	**67.953**	**69.645**	**80.030**	**81.263**
Índia	11.954	11.388	11.710	20.858	21.766
China	6.126	6.211	6.667	7.115	7.325
Filipinas	5.369	5.631	6.298	6.795	7.000
Brasil	6.801	6.584	6.703	6.956	6.972
Equador	6.454	6.132	6.118	6.127	6.130
Indonésia	4.177	4.874	5.178	5.037	5.000
Costa Rica	2.144	2.118	1.875	2.220	2.240
México	2.027	2.361	2.250	2.196	2.200
Tailândia	1.900	2.300	2.000	2.000	2.000
Colômbia	1.536	1.577	1.765	1.750	1.800
Burundi	1.600	1.700	1.720	1.600	1.600
Vietnã	1.282	1.329	1.344	1.350	1.355
Guatemala	960	1.071	1.150	1.001	1.010
Honduras	735	811	887	890	910
Egito	871	875	880	885	880
Papua Nova Guiné	870	880	900	870	870
Bangladesh	650	707	899	909	838
Camarões	743	798	856	860	790
Uganda	615	615	615	615	615
Quênia	510	600	600	600	580

Fonte: FAO (junho de 2009). (Disponível em http://www.fao.org).

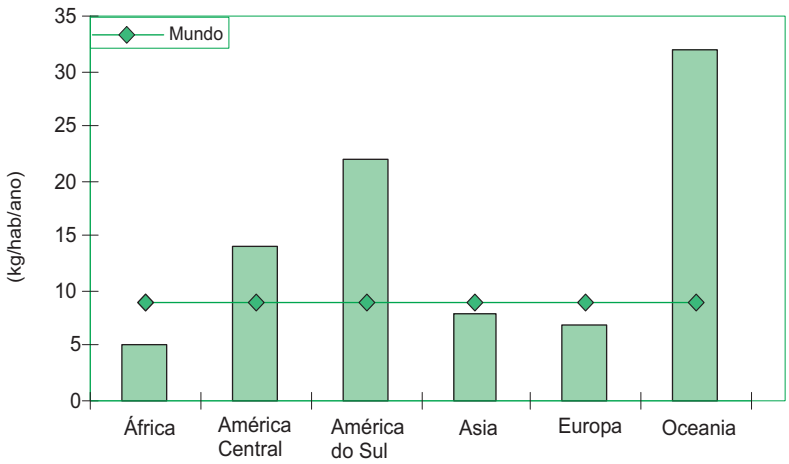


Fonte: FAO.

Figura 1/I. *Banana - Maiores rendimentos médios mundiais - 2003-07*

O consumo mundial de banana é de aproximadamente 9,1 kg/habitante/ano e, segundo a FAO, cresce a cada ano, graças ao empenho do setor produtivo na qualificação da produção e do setor mercadológico nos aspectos que envolvem a apresentação do produto e a divulgação dos benefícios para quem o consome (Figura 2).

As exportações mundiais de bananas em 2006 (últimos dados disponibilizados pela FAO) apresentam cifras que totalizam 5,8 bilhões de dólares, movimentando 16,8 milhões de toneladas. Esses números significam o maior volume e os maiores valores negociados nos últimos cinco anos, como se pode



Fonte: FAO.

Figura 2/I. *Banana - Consumo per cápita - Mundo e principais regiões - 2003*

Tabela 3/I. *Banana – Rendimento médio no mundo e principais países produtores – Safras 2002/03 - 2006/07*

(kg/ha)

País	2002/03	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07
Mundo	**16.044**	**16.243**	**16.640**	**18.285**	**18.425**
Índia	26.118	29.163	28.972	34.746	34.983
China	23.110	22.696	23.384	24.111	23.977
Filipinas	13.101	13.585	15.076	15.845	16.279
Brasil	13.346	13.407	13.648	13.786	13.702
Equador	27.602	27.072	27.675	29.267	29.191
Indonésia	15.026	15.489	16.437	16.198	16.129
Costa Rica	51.345	50.123	45.568	51.991	52.093
México	27.897	29.989	29.232	29.543	29.333
Tailândia	13.014	12.994	13.072	13.072	13.072
Colômbia	27.074	25.146	27.232	27.344	27.692
Burundi	5.333	5.313	5.292	5.333	5.333
Vietnã	14.418	14.372	14.315	14.362	14.263
Guatemala	50.420	52.480	52.521	52.408	51.795
Honduras	42.075	42.238	43.202	43.204	43.333
Egito	40.873	41.144	41.905	41.163	40.930
Papua Nova Guiné	14.032	14.080	14.063	14.032	14.032
Bangladesh	14.327	14.338	16.685	16.277	15.811
Camarões	9.326	9.715	10.129	10.118	9.634
Uganda	4.556	4.556	4.556	4.556	4.556
Quênia	12.807	15.000	15.000	15.000	14.872

Fonte: FAO.

observar nas Tabelas 4 e 5, nas quais está caracterizada a evolução do comércio mundial. No período de 2002 a 2006, o volume comercializado da fruta e o resultado financeiro têm comportamento positivo a cada ano. Em 2006, a movimentação financeira cresce 35,3%, enquanto o volume comercializado avança 15,9% em comparação com o ano de 2002.

As vendas mundiais de banana são lideradas pelo mercado do Equador, com 29,3%, seguidas pelas Filipinas, com 13,8%, Costa Rica, com 13,0% e Colômbia, com 9,3% (Tabelas 4 e 5). O Brasil figura como 12º nas exportações, participando com 1,2% do total. O mercado argentino é o principal comprador da banana brasileira.

Tabela 4/I. *Banana - Quantidade – Exportações mundiais e dos principais países – 2002-06*

(t)

País	2002	2003	2004	2005	2006
Mundo	**14.488.871**	**15.217.388**	**15.732.814**	**16.205.664**	**16.789.032**
Equador	4.199.156	4.664.814	4.521.458	4.764.193	4.908.564
Filipinas	1.684.986	1.829.384	1.797.343	2.024.321	2.311.540
Costa Rica	1.873.346	2.042.570	2.016.687	1.775.519	2.183.514
Colômbia	1.460.245	1.424.819	1.471.394	1.621.746	1.567.898
Bélgica	889.431	862.959	910.676	948.546	1.070.070
Guatemala	980.557	936.114	1.058.161	1.129.477	1.055.497
Honduras	441.407	453.164	571.686	545.527	515.224
Panamá	403.923	385.320	397.940	352.480	431.141
Alemanha	184.613	176.122	237.582	264.504	406.746
Costa do Marfim	256.000	242.446	252.423	234.267	286.301
Camarões	238.412	313.723	294.886	265.457	256.625
Brasil	241.038	220.771	188.087	212.176	194.331
Rep. Dominicana	112.201	127.119	102.023	163.510	187.136
França	192.778	165.548	202.772	193.435	172.433
Itália	133.335	125.065	127.139	107.330	128.785
Holanda	43.467	24.908	27.322	36.052	126.899
Bolívia	16.987	28.394	42.730	53.620	81.471
Belize	39.000	52.600	52.400	64.891	72.699
México	50.765	41.554	57.245	70.166	66.599
Yêmen	47.060	40.749	39.639	58.524	60.354

Fonte: FAO (junho de 2009). (Disponível em http://www.fao.org).

Tabela 5/I. Banana – Valor – Exportações mundiais e dos principais países – 2002-06

(US$ 1.000)

País	2002	2003	2004	2005	2006
Mundo	**4.287.051**	**4.674.642**	**4.987.540**	**5.653.926**	**5.799.147**
Equador	936.596	1.084.169	972.899	1.068.659	1.184.355
Filipinas	308.887	333.000	326.425	430.000	405.444
Costa Rica	495.172	554.538	545.729	483.492	634.144
Colômbia	404.153	389.648	397.784	464.959	482.165
Bélgica	662.486	746.056	880.486	1.096.448	1.109.810
Guatemala	217.427	209.982	229.701	238.100	216.808
Honduras	108.754	112.033	139.408	134.698	130.835
Panamá	109.413	105.192	108.221	96.517	109.073
Alemanha	147.896	151.371	214.631	296.001	385.248
Costa do Marfim	74.012	87.708	101.580	94.351	115.346
Camarões	45.223	70.982	74.763	68.236	64.321
Brasil	33.574	30.013	26.983	33.027	38.460
Rep. Dominicana	32.981	34.144	30.946	44.640	130.910
França	100.303	96.956	135.693	153.419	113.538
Itália	87.431	93.446	102.714	107.133	101.436
Holanda	32.059	20.736	29.089	45.124	96.308
Bolívia	2.236	3.819	5.809	7.394	9.848
Belize	19.000	29.500	25.500	21.353	25.296
México	13.575	13.575	19.604	25.342	33.351
Yêmen	8.964	8.050	8.297	11.606	11.592

Fonte: FAO (junho de 2009). (Disponível em http://www.fao.org).

Alguns aspectos contribuem para que a banana continue sendo a fruta mais comercializada no mundo: a facilidade de propagação, o bom rendimento por hectare, o fato de ser uma cultura de ciclo curto, de produção contínua, de fácil manipulação quando verde, além de fácil armazenamento e maturação acelerada.

Por isso o seu consumo é relativamente alto em diversos países e tem aumentado com a expansão do conhecimento do seu valor nutritivo, além de seu excelente sabor.

No quadro das importações, os Estados Unidos são, há muitos anos, o maior país comprador da fruta, responsáveis por aproximadamente um quarto do total comercializado - de 2002 a 2006, adquirindo anualmente 25,8% do total mundial.

Em 2006, o mercado americano continua liderando as compras, adquirindo 24,2% da fruta, seguido pela Alemanha, com 8,2%, a Bélgica, com 7,4%, o Japão, com 6,6% e o Reino Unido, com 5,8%.

As Tabelas 6 e 7 apresentam os vinte países maiores importadores da fruta nos anos de 2002 e 2006.

Tabela 6/I. *Banana – Quantidade – Importações mundiais e dos principais países – 2002-06*

(t)

País	2002	2003	2004	2005	2006
Mundo	**13.902.604**	**14.691.080**	**15.080.810**	**15.227.847**	**15.851.162**
Estados Unidos	3.906.959	3.870.510	3.881.468	3.824.401	3.839.476
Alemanha	1.182.772	1.180.337	1.174.492	1.174.244	1.292.001
Bélgica	876.088	946.077	1.002.690	973.813	1.180.707
Japão	936.272	986.643	1.026.014	1.066.873	1.043.634
Reino Unido	833.154	863.489	828.892	837.931	924.523
Fed. Russa	649.959	802.073	858.124	863.506	894.175
Itália	597.349	596.810	618.433	565.992	646.614
China	405.345	485.693	447.408	427.850	460.773
Canadá	417.064	423.159	442.336	449.611	458.028
França	348.498	339.228	406.105	410.256	408.301
Argentina	229.546	286.396	303.373	302.181	295.724
Irã	150.725	271.539	270.949	450.858	294.080
Rep. da Coreia	187.169	220.965	210.109	253.974	280.245
Holanda	160.450	192.433	164.064	144.836	279.014
Ucrânia	79.106	87.029	66.515	240.773	271.985
Polônia	240.177	260.150	257.793	239.091	237.959
Arábia Saudita	177.237	200.238	211.642	233.421	235.284
Suécia	205.460	226.238	208.032	190.238	188.067
Chile	149.093	158.876	160.192	168.391	166.450
Argélia	231.471	223.334	204.621	157.082	147.159

Fonte: FAO (junho de 2009). (Disponível em http://www.fao.org).

Tabela 7/I. *Banana – Valor – Importações mundiais e dos principais países – 2002-06*

(US$ 1.000)

País	2002	2003	2004	2005	2006
Mundo	**5.852.238**	**7.046.973**	**7.858.489**	**8.325.015**	**8.467.629**
Estados Unidos	1.064.317	1.330.927	1.243.502	1.036.834	1.101.185
Alemanha	716.220	823.080	886.837	933.236	851.375
Bélgica	469.056	804.405	1.117.267	1.085.151	1.304.085
Japão	519.647	540.801	588.614	588.683	563.820
Reino Unido	487.152	521.938	552.325	604.156	587.863
Fed Russa	199.605	272.711	359.289	450.469	480.050
Itália	331.091	378.067	418.372	460.974	413.549
China	100.160	121.401	121.086	127.470	146.084
Canadá	159.246	186.530	180.681	201.909	222.122
França	153.663	179.014	232.446	290.294	276.537
Argentina	38.809	46.581	53.662	54.805	59.315
Irã	49.878	85.993	84.318	134.627	90.467
Rep. da Coréia	78.211	90.682	86.665	114.837	144.695
Holanda	90.429	114.947	115.757	129.674	190.483
Ucrânia	18.578	23.146	18.096	65.054	73.537
Polônia	107.188	110.188	124.050	158.246	167.148
Arábia Saudita	50.997	58.728	81.228	93.143	113.620
Suécia	178.664	204.623	201.928	201.631	189.184
Chile	23.547	27.199	30.046	33.651	37.607
Argélia	71.656	75.189	83.892	56.051	52.894

Fonte: FAO (junho de 2009). (Disponível em http://www.fao.org).

Brasil

Depois da laranja, a banana é a fruteira mais explorada no Brasil. Além do expressivo volume produzido e da área ocupada, a banana também é de suma importância no cenário nacional por estar presente na mesa da maioria dos consumidores. O mercado nacional é o 12º maior consumidor mundial dessa fruta. O seu consumo per capita aumenta a cada ano, embora haja crescimento significativo, também, do consumo de outras espécies frutíferas. Esta atitude do consumidor brasileiro de comer mais frutas está sendo atribuída ao conceito atual de alimentação mais saudável, que inclui no cardápio maior quantidade e diversidade de frutas.

Segundo a FAO, em 2005 o consumo nacional de banana alcançou 29,2 kg/habitante/ano, superando todas as outras frutas, exceto a laranja, com 39,2 kg/habitante/ano.

Na Tabela 8, é demonstrado o comportamento do consumo per cápita nacional das principais frutas nacionais durante os anos de 2001 a 2005.

Tabela 8/I. *Consumo per cápita de algumas frutas - Brasil - 2001-05*

(kg/hab/ano)

Discriminação	2001	2002	2003	2004	2005
Laranja	56,5	50,4	46,4	42,8	39,2
Banana	28,1	29,2	29,5	29,2	29,2
Abacaxi	7,6	7,6	7,6	7,9	8,3
Uva	6,5	6,8	6,8	6,5	6,1
Lima/limão	3,2	3,6	4,0	4,0	4,0
Manga	25	2,9	3,2	3,2	3,6
Maçã	4,0	3,6	3,2	2,9	2,9

Fonte: FAO.

Safra nacional 2007/08

O IBGE, através do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola, publicado em junho de 2009, registra um total de 6,97 milhões de toneladas produzidas (queda de 1,80%), uma área a ser colhida de 506,14 mil hectares (diminuição de 1,78%) e produtividade média de 13.771 hectares, a qual praticamente se mantém em relação à safra passada.

Em alguns estados produtores, a baixa performance da produtividade dos bananais e consequente diminuição do volume produzido devem-se à ocorrência de fatores climáticos adversos, tais como: excesso de chuvas, frio fora de época e vendavais localizados, além dos baixos investimentos destinados à atividade que têm influenciado os segmentos de produção e de comercialização. O produtor, descapitalizado, deixa de realizar de forma regular os tratos culturais, a prática de manejo, dentre outros, bem como se preocupa menos com a estrutura de embalagem, de classificação e de transportes, gerando um produto de qualidade inferior, menos competitivo no mercado consumidor e de baixo preço.

O Estado da Bahia se destaca no cenário nacional como o maior produtor de banana. Na safra é responsável por 20,3% do total produzido, seguido pelo Estado de São Paulo, com 17,5%; Santa Catarina, com 8,3%; Pará, com 8,0%; Minas Gerais, com 7,7%; Ceará, com 6,1% e Pernambuco, com 5,9%. Esses estados, juntos, perfazem 73,8% do volume total produzido.

Dentre os estados produtores, na safra, o maior rendimento médio entre as lavouras pertence ao Paraná, com 25.025 quilos por hectare. Posição essa liderada até a safra passada pelo Estado do Rio Grande do Norte. Entretanto, considerando-se a média obtida durante as safras de 2003/04 a 2008/09, os bananicultores potiguares ainda continuam obtendo os mais expressivos rendimentos, com 26.801 quilos por hectare, superando em 94,3% a média nacional, que é de 13.792 quilos por hectare. A terceira posição é de Santa Catarina, com 18.616 quilos por hectare (Tabelas 9, 10 e 11 e Figura 3).

Tabela 9/I. *Banana – Área colhida - Principais estados produtores – Safras 2004/05 –2008/09*

(ha)

Discriminação	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08[1]	2008/09[1]
Brasil	**491.180**	**504.586**	**515.346**	**506.144**	**511.266**
Bahia	70.896	80.798	89.466	91.259	92.439
São Paulo	52.700	53.346	52.379	56.051	56.846
Santa Catarina	31.164	30.672	31.090	30.931	32.379
Minas Gerais	37.670	37.614	36.745	36.372	39.482
Pará	41.833	43.049	44.552	43.213	38.975
Ceará	42.120	42.718	42.910	43.511	44.737
Pernambuco	35.882	38.015	38.919	40.543	42.759
Paraíba	16.077	17.197	16.274	16.976	17.432
Paraná	9.849	9.862	9.900	9.923	9.900
Espírito Santo	20.456	20.277	20.209	20.009	19.561
Goiás	13.238	13.191	13.624	13.706	13.400
Rio de Janeiro	24.077	23.812	23.599	23.392	22.864
Rio Grande do Sul	10.501	11.344	11.545	12.088	12.239
Rio Grande do Norte	6.652	6.580	6.843	5.174	5.304
Maranhão	11.946	11.605	11.578	11.058	10.602
Amazonas	22.456	22.577	21.793	14.321	14.650

[1]Dados preliminares sujeitos a retificação.
Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal (2005-2007) e LSPA-maio/2009.

Tabela 10/I. *Banana – Quantidade produzida - Principais estados produtores – – Safras 2004/05 –2008/09*

(t)

Discriminação	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09
Brasil	**6.703.400**	**6.956.179**	**7.098.353**	**6.970.076**	**7.133.425**
Bahia	975.620	1.182.941	1.386.016	1.417.787	1.429.010
São Paulo	1.178.140	1.175.768	1.121.261	1.221.373	1.238.087
Santa Catarina	668.003	596.636	655.973	575.798	670.245
Minas Gerais	550.503	554.039	536.576	535.932	625.263
Pará	537.900	551.786	570.951	555.814	472.137
Ceará	363.025	408.026	385.455	423.016	436.711
Pernambuco	359.432	388.875	382.417	412.149	435.052
Paraíba	257.447	264.638	242.915	260.670	269.520
Paraná	229.493	231.757	230.670	248.320	229.683
Espírito Santo	180.207	180.026	186.393	189.734	194.295
Goiás	153.018	155.943	165.027	171.267	170.770
Rio de Janeiro	162.327	163.670	159.213	159.427	154.808
Rio Grande do Sul	108.187	118.174	110.155	118.850	120.289
Rio Grande do Norte	201.891	202.872	191.026	115.200	120.082
Maranhão	127.927	124.969	126.067	119.005	115.747
Amazonas	244.767	262.166	235.242	88.027	90.038

[1]Dados preliminares sujeitos a retificação.
Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal (2005-2007) e LSPA-maio/2009.

Tabela 11/I. *Banana – Rendimento médio - Principais estados produtores – Safras 2004/05 –2008/09*

(kg/ha)

Discriminação	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09
Brasil	**13.648**	**13.786**	**13.774**	**13.771**	13.952
Bahia	13.761	14.641	15.492	15.536	15.459
São Paulo	22.356	22.040	21.407	21.790	21.780
Santa Catarina	21.435	19.452	21.099	18.616	20.700
Minas Gerais	14.614	14.730	14.603	14.735	15.837
Pará	12.858	12.818	12.815	12.862	12.114
Ceará	8.619	9.552	8.983	9.722	9.762
Pernambuco	10.017	10.230	9.826	10.166	10.175
Paraíba	16.013	15.389	14.927	15.355	15.461
Paraná	23.301	23.500	23.300	25.025	23.200
Espírito Santo	8.809	8.878	9.223	9.482	9.933
Goiás	11.559	11.822	12.113	12.496	12.744
Rio de Janeiro	6.742	6.873	6.747	6.815	6.771
Rio Grande do Sul	10.303	10.417	9.541	9.832	9.828
Rio Grande do Norte	30.350	30.832	27.916	22.265	22.640
Maranhão	10.709	10.769	10.888	10.762	10.917
Amazonas	10.900	11.612	10.794	6.147	6.146

(1)Dados preliminares sujeitos a retificação.
Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal (2005-2007) e LSPA-maio/2009.

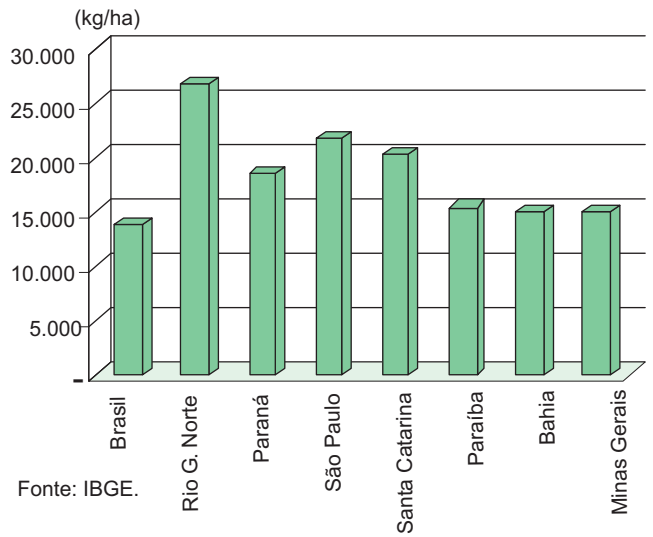


Figura 3/I. *Banana - Os maiores rendimentos médios nacionais nas safras de 2004/05 a 2008/09*

Santa Catarina - Safra estadual 2007/08

São cerca de seis mil produtores que se dedicam a essa atividade em Santa Catarina. O Estado se destaca como o terceiro maior produtor nacional de banana.

No Estado, a exploração da cultura da banana se caracteriza pela utilização do tipo caturra (também conhecida como banana d'água), cultivares Nanica e Nanicão na região Norte Catarinense. Na região Sul Catarinense, as cultivares mais usadas são a Enxerto e a Branca de Santa Catarina, componentes do tipo Prata e também conhecidas como Branca (em alguns estados brasileiros).

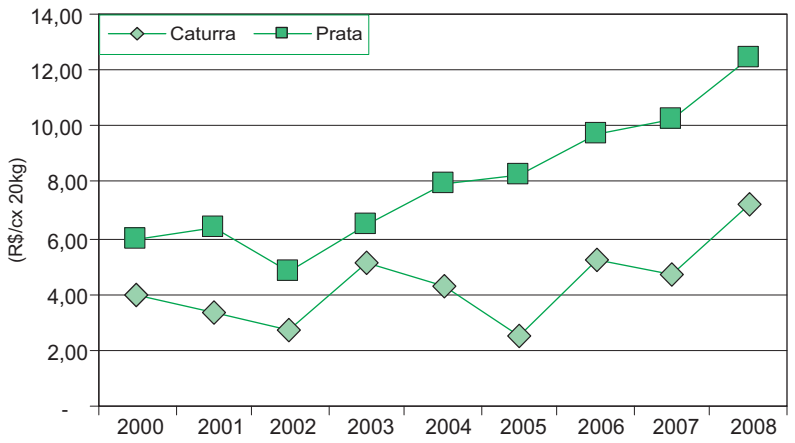
Os dados do IBGE estimam para a safra 2007/08 uma área plantada de 31.098 hectares. A área a ser colhida é de 30.931 hectares para uma quantidade produzida de 575.798 toneladas e rendimento médio obtido de 18.616 quilos por hectare. Em comparação com os resultados da safra passada, ocorre um decréscimo de 0,5% na área colhida e de 11,7% no rendimento médio, fato que proporciona uma queda de 12,2% no volume produzido.

Em 2008, os índices pluviométricos e de insolação foram considerados satisfatórios nas principais regiões produtoras. O clima e a melhor remuneração dos preços de mercado do produto possibilitaram ao agricultor a realização, de forma regular, dos tratamentos das lavouras, principalmente as adubações, que permitem a pronta recuperação das plantações.

Desta forma, aumenta a possibilidade de continuidade de ganho de produtividade dos bananais catarinenses, bem como a melhoria da qualidade da fruta produzida, fatores imprescindíveis para o enfrentamento da concorrência com as outras frutas comercializadas nos principais centros consumidores do Estado e do País.

Numa análise do comportamento de preços médios anuais recebidos pelos produtores catarinenses durante o período de 2000 a 2009 (até junho), observa-se que a banana caturra (a mais importante por se tratar da exploração dominante, com cerca de 85% da área cultivada no Estado) apresenta uma maior desvalorização nos anos de 2002 e 2005 – registrando em 2005 a sua menor cotação devido à ocorrência da Sigatoka Negra (doença que ataca as folhas, reduzindo a área fotossintética da planta), elevando significativamente os custos de produção das lavouras, além de ocasionar a baixa produtividade dos bananais e afetar a qualidade dos frutos. Nos demais anos, os preços mantêm-se levemente estáveis, sendo que no ano de 2008 atingem sua maior remuneração.

Os preços da banana prata (que representa cerca de 15% da produção estadual), apresentam-se crescentes em toda a série analisada, exceto em 2002 quando eles caíram. Nos demais anos, houve elevação, demonstrando uma sensível recuperação nas cotações desse produto no ano de 2008, conforme visualizado na Figura 4 e nas Tabelas 12 e 13.



Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 4/I. *Banana-caturra e prata - Preços médios recebidos pelos produtores - Santa Catarina - 2000-08*

Tabela 12/I. *Banana caturra - Preços médios mensais recebidos pelos produtores da Região Litoral Norte Catarinense - 2000-09*

(R$/cx de 20kg)

Mês	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Janeiro	3,15	7,97	2,39	4,40	4,00	1,80	2,00	3,00	7,80	3,00
Fevereiro	2,00	4,23	1,86	2,18	3,25	1,68	2,00	2,25	6,97	3,23
Março	3,13	5,21	2,60	4,83	4,08	2,74	2,97	4,64	7,50	3,92
Abril	4,53	6,26	2,74	7,47	6,11	3,11	6,03	4,88	7,69	7,68
Maio	3,93	3,66	2,54	5,03	5,60	3,03	5,09	3,08	6,83	7,25
Junho	3,71	2,00	2,41	3,68	5,00	2,15	5,73	2,67	7,00	6,03
Julho	4,11	2,17	2,45	5,23	5,64	1,60	7,47	4,19	7,00	
Agosto	4,50	1,67	3,05	4,69	6,75	1,50	6,00	4,67	7,69	
Setembro	5,38	1,76	3,50	5,45	5,00	1,93	6,00	7,08	7,75	
Outubro	5,50	1,59	3,95	8,81	2,58	5,14	9,25	6,45	6,20	
Novembro	4,18	1,50	2,66	5,43	1,58	3,18	7,17	4,88	6,95	
Dezembro	3,72	2,30	2,50	4,08	2,00	2,27	3,33	8,50	6,53	

Fonte: Epagri/Cepa.

Tabela 13/I. *Banana prata - Preços médios mensais recebidos pelos produtores da Região Sul Catarinense - 2000-09*

(R$/cx de 20kg)

Mês	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Janeiro	6,00	6,80	5,00	4,15	7,30	8,00	7,00	10,00	12,00	10,00
Fevereiro	6,25	8,91	5,00	5,00	9,00	9,19	6,69	9,87	12,00	10,00
Março	7,00	9,00	5,00	4,67	9,00	9,00	6,68	10,23	12,00	10,00
Abril	6,61	8,42	4,64	5,58	9,00	9,00	8,53	10,00	12,00	10,61
Maio	5,41	7,07	5,00	5,30	6,86	8,35	10,15	10,00	12,28	12,00
Junho	5,33	6,13	5,18	5,53	10,00	8,00	10,93	10,00	13,00	12,00
Julho	5,73	6,00	4,73	8,07	9,14	8,00	11,71	10,00	13,00	
Agosto	6,00	6,00	4,24	9,00	8,00	8,00	11,32	10,00	13,00	
Setembro	6,00	5,00	5,00	9,00	7,80	8,00	11,00	10,37	13,00	
Outubro	6,14	4,64	5,48	8,71	6,58	8,00	11,00	11,00	12,68	
Novembro	6,00	4,14	5,50	6,20	6,00	8,00	11,00	11,00	12,00	
Dezembro	5,13	4,27	3,00	6,33	6,40	8,00	11,00	11,00	11,86	

Fonte: Epagri/Cepa.

No atacado, no mesmo período, os preços médios anuais da banana comercializada no mercado catarinense são apresentados nas Tabelas 14 e 15 e na Figura 5. A análise demonstra um comportamento bastante parecido àqueles praticados em nível de produtor, exceto nos anos de 2001 e 2005, quando a banana caturra obtém uma remuneração aquém do esperado devido à má qualidade da fruta disponibilizada no mercado. Problemas fitossanitários nos bananais e fatores climáticos adversos, principalmente frio em excesso, granizo e ventos fortes localizados, prejudicaram a qualidade da banana catarinense, tornando-a menos competitiva frente à fruta nacional. Nos demais anos considerados na série histórica, os preços têm uma curva de crescimento positivo, sendo ainda mais acentuada em 2008. Para a banana prata os preços são crescentes durante todo o período analisado.

Tabela 14/I. *Banana-caturra - Preços médios mensais no atacado - Região Norte Catarinense - 2000-09*

(R$/cx 20kg)

Mês	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Janeiro	4,20	10,13	3,64	5,93	5,00	...	...	...	10,20	...
Fevereiro	3,15	6,23	3,47	3,74	5,55	3,50	3,50	4,63	8,92	4,93
Março	4,13	7,05	3,95	6,33	8,37	4,17	4,31	6,52	9,85	5,42
Abril	5,94	8,00	4,09	8,71	7,81	4,50	7,62	6,76	10,10	9,82
Maio	5,18	5,02	3,50	7,08	7,65	4,50	7,05	4,97	8,64	9,93
Junho	4,64	3,03	3,50	5,53	10,41	4,50	7,65	4,75	8,50	8,29
Julho	...	3,43	3,50	6,62	11,00	3,74	9,70	6,14	8,50	
Agosto	...	2,67	4,14	6,47	10,30	3,50	7,62	6,64	9,88	
Setembro	...	3,00	5,00	7,15	4,58	3,50	7,50	8,79	10,00	
Outubro	6,50	2,76	5,50	10,31	6,00	6,71	11,42	8,27	8,43	
Novembro	5,13	2,50	4,18	7,65	4,00	5,36	9,58	6,79	8,64	
Dezembro	4,94	3,30	4,00	6,08	...	4,50	6,00	11,00	8,13	

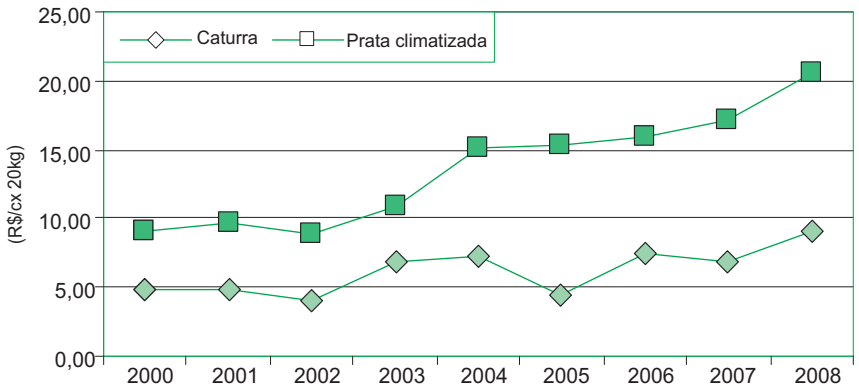
Fonte: Epagri/Cepa.

Tabela 15/I. *Banana-prata climatizada - Preços médios mensais no atacado - Região Norte Catarinense - 2000-09*

(R$/cx 20kg)

Mês	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Janeiro	9,00	10,00	9,00	9,95	...	...	...	...	20,00	...
Fevereiro	8,41	12,73	9,00	10,00	14,60	15,75	10,85	16,00	20,00	18,77
Março	10,00	12,38	9,00	10,00	15,43	16,00	15,00	16,00	20,00	20,00
Abril	8,61	11,37	6,73	10,00	16,00	16,00	15,00	16,36	20,05	20,00
Maio	8,82	9,40	8,00	10,00	15,90	15,30	15,30	17,00	21,44	20,90
Junho	9,00	9,00	8,00	9,95	16,00	15,00	16,38	17,00	22,00	21,00
Julho	9,30	9,00	8,52	11,59	15,55	15,00	17,81	17,00	22,00	-
Agosto	9,11	9,00	9,23	12,00	15,00	15,00	17,35	17,00	21,45	-
Setembro	9,00	9,00	10,00	12,00	15,00	15,00	17,00	17,32	20,64	-
Outubro	9,00	8,05	10,00	12,00	13,89	...	17,00	18,00	20,00	-
Novembro	9,00	7,00	10,00	11,10	14,00	...	17,00	18,00	20,00	-
Dezembro	8,69	8,27	9,21	11,85	14,00	...	17,00	18,00	19,86	-

Fonte: Epagri/Cepa.



Fonte: Epagri/Cepa.

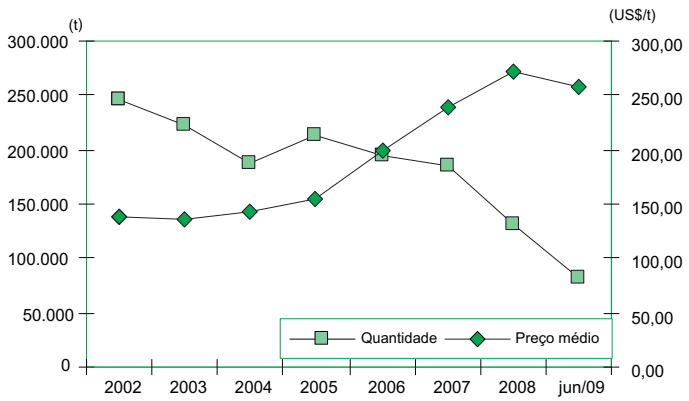
Figura 5/I. *Banana - Preços médios anuais no atacado - Santa Catarina - 2000-08*

Safra nacional 2008/09

O IBGE estima para a safra nacional 2008/09 de banana uma área a ser colhida de 511,3 mil hectares, quantidade produzida de 7,13 milhões de toneladas e rendimento médio de 13.983 quilos por hectare, registrando um aumento de 1,0%, de 2,3% e de 1,3%, respectivamente, em comparação aos dados da safra passada (Levantamento Sistemático da Produção Agrícola – junho de 2009). Esse quadro positivo de crescimento da produção é possível graças ao aumento de área das lavouras, principalmente dos estados produtores da Bahia, São Paulo, Santa Catarina, Minas Gerais, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte.

Em 2008, as vendas brasileiras de banana caíram para 130,9 mil toneladas, (em 2007 foram 186 mil toneladas) e representaram um volume financeiro de 30,1 milhões de dólares – contra 44,3 milhões de dólares do ano anterior. A exemplo do ano passado, que foi levemente desfavorável para a comercialização da fruta nacional, notadamente nas Regiões Sul e Sudeste, em razão principalmente de problemas fitossanitários que impediram o escoamento de uma parte da produção, o resultado alcançado (2008) pode ser considerado satisfatório para o setor.

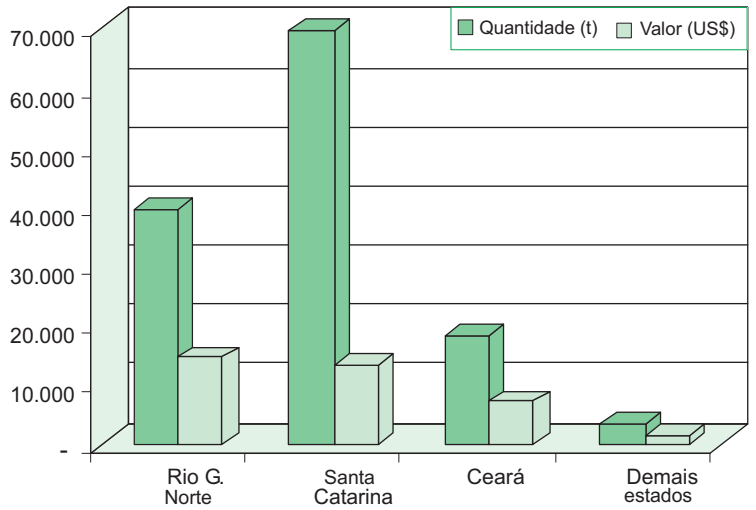
As exportações brasileiras da fruta mantêm praticamente estáveis os níveis de vendas durante os anos de 2002 a 2006 e come-çam a ensaiar uma curva de declínio no ano seguinte, acentuando-se assim até o primeiro semestre de 2009. Por outro lado, apresentam uma crescente valorização dos preços médios anuais nos centros consumidores internacionais no mesmo período analisado. Isso é possível graças ao aprimo-ramento do sistema de produção e à qualificação da mão de obra utilizada na atividade, que foram grada-tivamente assimilados pelos agentes de produção e de comercialização, gerando uma fruta de qualidade e mais competitiva nos principais mercados mundiais (Figura 6).



Fonte: MDIC/Secex.

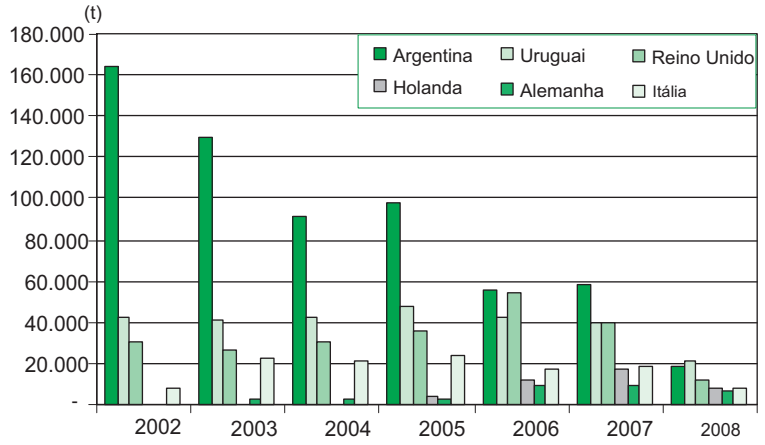
Figura 6/I. *Banana - Quantidade exportada e preço médio - Brasil - 2002-09*

Enquanto os estados das Regiões Sul e Sudeste vendem a maior parte de suas produções para os países do Mercosul , principalmente para os mercados argentino e uruguaio, os estados do nordeste, especialmente o Rio Grande do Norte e o Ceará, têm tido a participação crescente no mercado da Europa (com destaque para os centros consumidores do Reino Unido, dos Países Baixos, da Alemanha e da Itália). Além de mais seguros, esses países garantem melhores resultados financeiros, conforme demonstrado nas Figuras 7, 8 e 9.



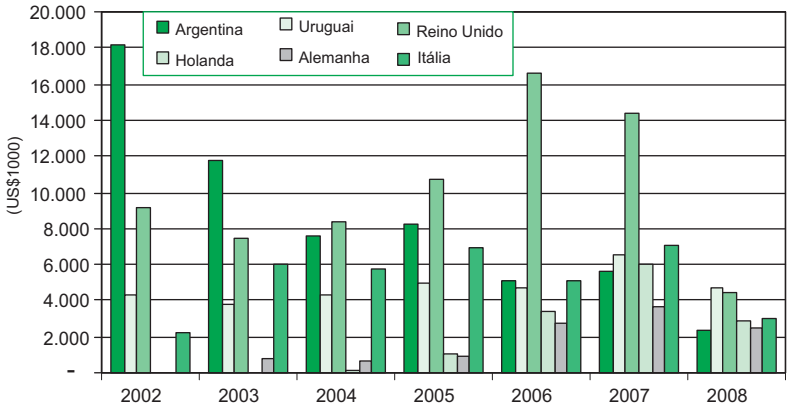
Fonte: MDIC/Secex.

Figura 7/I. *Banana - Exportação - quantidade e valor nos principais estados produtores - Brasil - 2008*



Fonte: MDIC/Secex.

Figura 8/I. *Banana - Quantidade - Principais países compradores - 2002-08*



Fonte: MDIC/Secex.

Figura 9/I. *Banana - Valor - Principais países compradores - 2002-08*

Safra estadual 2008/09

Em comparação com a safra 2007/08, o Estado de Santa Catarina tem aumentado a área plantada e o volume produzido, podendo colher na safra atual em torno de 670,245 mil toneladas, numa área a ser colhida de 32,379 mil hectares.

São mais de oitenta municípios que se dedicam à cultura da banana no Estado. No entanto, apenas quinze deles se destacam respondendo por aproximadamente 90% da produção total catarinense. Desses, apenas dois, Corupá, com 22,6% e Luiz Alves, com 17,3%, perfazem juntos cerca de 40% do volume total estadual.

Doenças como o mal de Sigatoka Negra e do Panamá, embora estejam praticamente controladas graças ao trabalho de monitoramento nos bananais, condições climáticas adversas, principalmente durante o segundo semestre de 2008, com períodos de chuvas intermitentes, e em alguns casos de excesso, dificultaram a realização de maneira regular dos tratos culturais das lavouras, principalmente nos municípios produtores do Litoral Norte Catarinense. Entretanto, a partir de dezembro de 2008 e janeiro de 2009, esses serviços retomaram a sua regularidade e os bananais voltaram gradativamente às condições normais.

Com relação ao desempenho da safra por microrregião geográfica, merece destaque a de Joinville, que continua obtendo os melhores resultados, sendo responsável por 50,3% do volume total produzido, seguida pelas microrregiões de Blumenau e Itajaí, que produziram, respectivamente, 17,2% e 16,9% do total estadual, e Araranguá, com 8,9%. A soma dessas microrregiões perfaz 93,3% de participação na produção catarinense (Tabela 16).

Tabela 16/I. *Banana.– Quantidade produzida nas principais microrregiões geográficas de Santa Catarina – Safras 2003/04-2007/08*

(t)

MRG	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08
Santa Catarina	**655.680**	**668.003**	**596.636**	**655.973**	**575.798**
Joinville	353.537	362.372	320.925	361.814	289.557
Blumenau	144.792	144.233	127.433	125.428	99.322
Itajaí	96.350	99.070	89.585	101.120	97.232
Araranguá	22.495	24.015	22.862	26.877	51.263
Criciúma	15.688	15.799	15.787	19.971	19.087
Florianópolis	8.471	8.471	7.511	7.621	7.471
São Bento do Sul	5.720	5.720	4.862	5.720	5.720
Tijucas	5.290	5.440	4.740	4.570	3.234
Tubarão	2.519	2.287	2.275	2.206	2.206
Demais MRG	818	596	656	646	706

Fonte: IBGE.

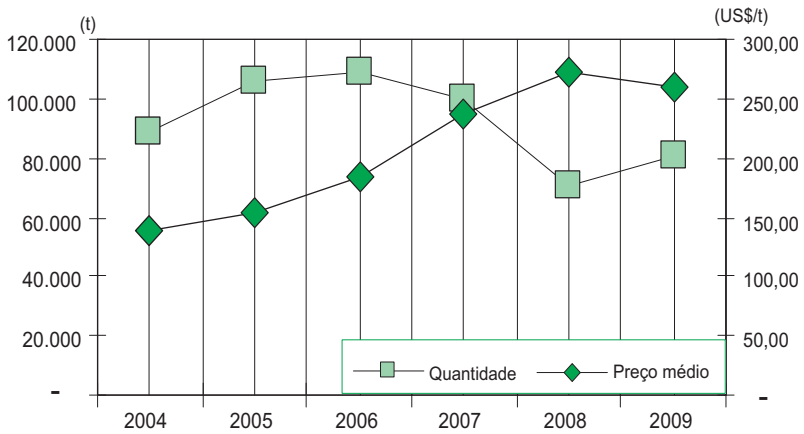
Da produção da região Sul Catarinense, uma parte mais expressiva destina-se aos consumidores do Rio Grande do Sul. Uma outra pequena parte restante é comercializada na própria região, para consumo in natura, e por indústrias que utilizam a matéria-prima para produção de alimentos (balas, doces, dentre outras). A preferência desse mercado é pela banana prata em virtude do maior rendimento e melhor sabor do produto final.

Da produção da região norte do Estado, cerca de 20% é consumida in natura no mercado interno; uma outra parte, aproximadamente 25%, segue para os principais centros consumidores do País (Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Minas Gerais - principalmente na Grande Belo Horizonte); as indústrias processadoras catarinenses absorvem cerca de 20%; uma outra parte, cerca de 15%, é vendida no mercado internacional – principalmente nos países do Mercosul, com destaque para os mercados argentino e uruguaio. Os 20% restantes são registrados como perdas que ocorrem desde a colheita até a mesa do consumidor.

No mercado estadual, nos seis primeiros meses de 2009, os preços recebidos pelo bananicultor e no atacado apresentam-se decrescentes – no produtor a banana prata tem queda de 11,8% e a caturra de 28,9% e no atacado, a remuneração é reduzida em 2,2% para prata climatizada e em 18,0% para a caturra.

Esse comportamento negativo é ocasionado pelas condições climáticas desfavoráveis que afetaram parcialmente os bananais e em conseqüência a qualidade da fruta: o excesso de chuva nos meses de outubro e novembro nas regiões produtoras de Itajaí, Joinville, Blumenau e Jaraguá do Sul e no mês de janeiro no Litoral Sul Catarinense. Além disso, excepcionalmente, neste ano, ocorre uma maior concentração da oferta de diversas frutas nacionais no mercado interno, durante o primeiro trimestre do ano, dificultando, ainda mais, a comercialização da banana catarinense (Tabelas 12, 13, 14 e 15).

No primeiro semestre desse ano, as vendas nacionais para o mercado externo cresceram 15,3% e os preços médios caíram 5,4%, em comparação com o mesmo período de 2008. Quando comparados com a valorização do primeiro semestre de 2002 a 2007, os preços também mantêm níveis de cotações superiores, enquanto o volume vendido é decrescente em 2009, conforme visualizado na Figura 10.



Fonte: MDIC/Secex.

Figura 10/I. *Banana - Quantidada exportada e preço médio - Brasil - 1º semestre de 2004-09*

Luiz Marcelino Vieira
Economista - Epagri/Cepa
marcelino@epagri.sc.gov.br

Cebola

Nacional

A produção nacional, conforme o último levantamento sistemático da produção agrícola do IBGE, de dezembro de 2008, pesquisa mensal de previsão e acompanhamento de safras agrícolas do país, a produção desta campanha, relativa ao ano agrícola 2007/08, totalizou aproximadamente 1.299,8 mil toneladas do bulbo, representando uma diminuição de 1,0%, levando-se em conta os números das produções estaduais atualmente disponíveis.

A área final de plantio desta safra, considerando os dados ora disponíveis, somou ao redor de 63.639 hectares e a produtividade média das áreas colhidas, 20.425 kg/ha , ou seja, valores que também se mostraram levemente diminuídos com relação aos verificados no cultivo precedente.

O bom desempenho produtivo observado pela atividade ceboleira nacional na safra 2007/08 em boa parte das principais regiões produtoras do país deve ser creditado, de maneira particular, ao bom desempenho das safras de Minas Gerais, Bahia e Pernambuco, que apresentaram maior área de produção e aumento na produtividade em comparação com a safra anterior. Enquanto São Paulo manteve os dados de produção estáveis, os estados do Sul do País, sem exceção, apresentaram queda na produção. Houve diminuição de 12,4% na produção bruta e de 10,1% no rendimento médio regional. Os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul apresentaram diminuições de 13,6% e 10,9%, respectivamente, nas suas produtividades médias. No Rio Grande do Sul a perda na produção bruta ocorreu, principalmente, em função da diminuição de 9,2% na área cultivada (Tabela 1 e Figuras 1 e 2).

Tabela 1/I. *Cebola – Área plantada, produção e rendimento dos principais estados produtores - Brasil - Safras 2005/06 – 2007/08*

Estado	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2005/06	2006/07	2007/08(1)	2005/06	2006/07	2007/08(1)	2005/06	2006/07	2007/08(1)
Bahia	10.595	10.366	10.884	248.896	239.736	255.851	23.492	23.127	23.507
Pernambuco	5.236	5.452	5.844	98.357	98.458	111.700	18.785	18.059	19.114
Minas Gerais	1.893	1.534	2.496	79.420	68.347	116.438	41.955	44.555	46.650
São Paulo	6.690	6.125	6.520	197.620	178.561	187.776	29.540	29.153	28.800
Paraná	6.762	6.653	6.698	103.976	114.151	105.900	15.377	17.158	15.811
Rio G. do Sul	10.894	11.164	10.140	146.329	161.530	145.127	13.432	14.469	14.312
Santa Catarina	19.568	20.795	21.057	395.439	431.002	377.023	20.208	20.726	17.905
Subtotal	**61.638**	**62.089**	**63.639**	**1.270.037**	**1.291.785**	**1.299.815**	**20.605**	**20.805**	**20.425**
Brasil	**63.364**	**63.682**	**63.639**	**1.345.905**	**1.360.301**	**1.299.815**	**21.241**	**21.361**	**20.425**

(1)Dados sujeitos a modificações.
Fonte: IBGE (junho/2009).

A pequena disponibilidade de cebola no primeiro semestre de 2008, ocasionada pela saída antecipada do Sul do País do mercado e pela baixa oferta nordestina no período, abriu espaço para a importação de cebola neste ano. Segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), o volume de bulbos importados foi de 199 mil toneladas até outubro de 2008, quantidade 26% superior àquela do mesmo período de 2007. Quanto à exportação, até outubro de 2008 houve diminuição de aproximadamente 85% se comparada ao mesmo período de 2007, totalizando 5,6 mil toneladas. Tamanha redução deve-se ao fato de que o principal país importador, a Argentina, não teve problemas de produção, tornando menor a necessidade de importação do Brasil. Além disso, os elevados preços praticados no mercado brasileiro e o câmbio desfavorável aos argentinos impediram uma maior comercialização entre os países.

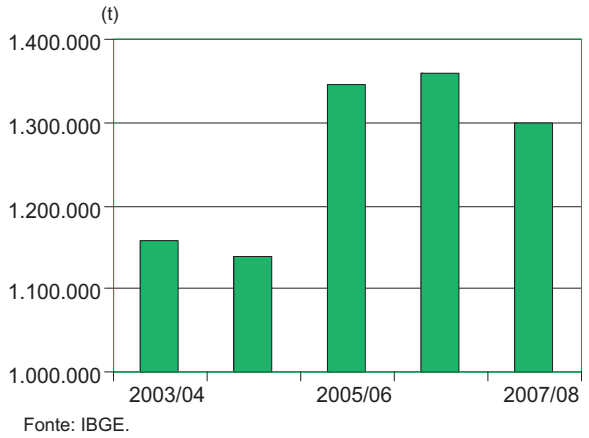


Figura 1/I. *Cebola - Desempenho da produção brasileira nas safras 2003/04-2007/08*

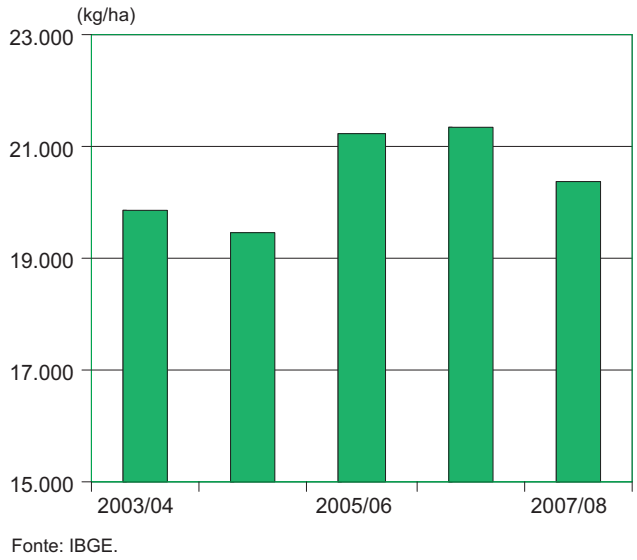


Figura 2/I. *Cebola - Evolução da produtividade - Brasil - Safras 2003/04-2007/08*

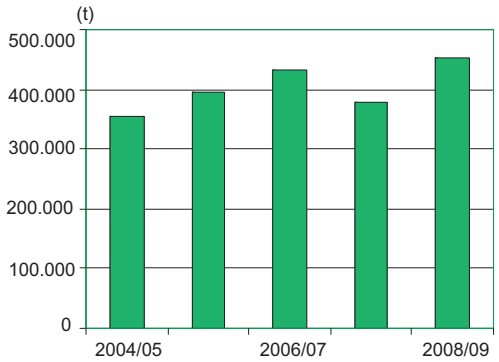
Estadual

Os dados preliminares de avaliação do IBGE apontam para uma produção bruta estadual de 454,3 mil toneladas de bulbos para a safra 2008/09. Essa quantia representa o maior montante já colhido no Estado em termos de volume. Essa evolução pode ser observada quando se compara o desempenho produtivo das últimas safras, conforme a Figura 3.

Nesta mesma safra, a área de cultivo somou 21,1 mil hectares e a produtividade média foi de 21.563 kg/ha.

Os valores da safra imediatamente anterior, ou seja, de 2007/08, foram de 21,1 mil hectares cultivados com rendimento médio de 17.905 kg/ha, totalizando 377 mil toneladas de produção bruta. Essa foi uma

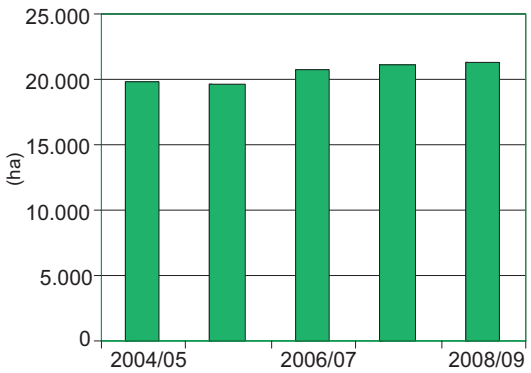
das menores produções brutas dos últimos anos e isso é decorrente da estiagem que ocorreu no mês de novembro de 2007 em Santa Catarina e nos demais estados produtores do Sul do Brasil. Desta forma, para a safra de 2008/09, como não houve praticamente alteração na área de cultivo em relação ao ano anterior, o aumento de 20% na produtividade das lavouras resultou em aumento similar na produção bruta do Estado. A evolução da área cultivada nos últimos anos pode ser visualizada na Figura 4.



Fonte: IBGE.

Figura 3/I. *Cebola - Desempenho da produção - Santa Catarina - Safras 2004/05-2008/09*

A safra de cebola de 2007/08 será lembrada como aquela que proporcionou excelente rentabilidade para os produtores catarinenses. De novembro de 2007 a maio de 2008 o preço médio recebido pelos produtores foi de R$ 0,88/kg, bem superior ao custo de produção, estimado em R$ 0,32/kg. Os motivos foram as quebras de produção nos estados do Sul do Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul, a exportação de cebola brasileira para Argentina e EUA e a baixa oferta da região do Vale do São Francisco nos quatro primeiros meses de 2008. Apesar das perdas na produção bruta de cerca de 20%, provocadas pela estiagem ocorrida em novembro de 2007, a qualidade e capacidade de armazenamento dos bulbos foi considerada excelente. Os produtores catarinenses puderam administrar a venda dos bulbos para o mercado nacional de forma a obter o maior preço médio das últimas duas décadas.



Fonte: IBGE.

Figura 4/I. *Cebola - Evolução da área plantada - Santa Catarina - Safras 2004/05-2008/09*

Por outro lado, se na safra 2008/09 a produção bruta bateu recorde, conforme já descrito, o preço médio regrediu para R$ 0,48/kg, ou seja, R$ 9,60 por saco de 20 quilos para as classes 3 a 5, significando um decréscimo de 45,5% em relação à safra imediatamente anterior. As justificativas para essa queda foram a maior oferta de cebola gaúcha, do Nordeste e da região Sudeste do país e, principalmente, a baixa qualidade dos bulbos colhidos em Santa Catarina nesta safra. As chuvas excessivas e as baixas temperaturas que ocorreram na primavera de 2008 no Alto Vale do Itajaí, principal região produtora do Estado, foram as principais causas dessa perda de qualidade. As chuvas causaram perdas por podridão, dificuldades de fazer os tratos culturais e aumento de custos, este pela necessidade de maior número de aplicações de fungicidas e reaplicação de adubos químicos. Já o frio tardio provocou a brotação dos bulbos.

Do total produzido, os técnicos e operadores atacadistas estimam que somente 318 mil toneladas tenha sido o montante de cebola comercializado para os mais diferentes pontos do território nacional. Essa perda, estimada em 30%, foi causada pelo excesso de chuva no Alto Vale do Itajaí, prejudicando a conservação dos bulbos na fase pós-colheita De setembro a novembro houve precipitação acumulada de 739 mm na Estação Experimental da Epagri de Ituporanga, sendo este valor equivalente ao dobro da média dos últimos 27 anos. Quando os bulbos são produzidos nessas condições climáticas, o excesso de umidade favorece a ocorrência de podridão bacteriana e o ataque de fungos nos armazéns, prejudicando a aparência ou determinando o descarte de boa parte da produção.

No Planalto Catarinense as condições climáticas foram mais favoráveis, ocorrendo menor perda média. Como os bulbos tiveram melhor conservação e apresentação, os preços obtidos pelos produtores dessa região foram superiores à média estadual.

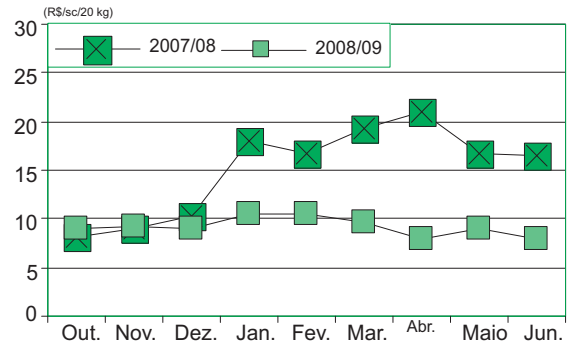
Da oferta líquida total de 318 mil toneladas estima-se que aproximadamente 270,3 mil toneladas – 85% do total – foram classificadas como cebolas de calibre adequado para o mercado nacional, ou seja, bulbos da classe 3 a 5. O remanescente, 47,7 mil toneladas, foi composto por bulbos muito pequenos, classe 2, que são direcionados para mercados marginais e em pequena escala para a indústria. O preço pago aos produtores para este tipo de bulbo normalmente corresponde a 50% do valor pago por aqueles de maior diâmetro.

Se o desempenho em termos de volume comercializado se manteve, a rentabilidade financeira dos cebolicultores na campanha 2008/09 ficou aquém das expectativas, merecendo uma profunda reflexão, especialmente por parte do setor produtivo, aqui relacionados produtores, agentes financiadores, entidades de pesquisa e extensão rural e empresas fornecedoras de insumos agrícolas.

Mesmo com um preço médio de venda estimado em R$ 0,48/kg, avalia-se que cerca de 15% dos produtores tiveram prejuízo. Os custos médios de produção foram estimados em R$ 0,34/kg, mas alguns cebolicultores tiveram custos mais altos em função da necessidade de reaplicação de adubos e agrotóxicos por causa do excesso de chuva. Outros tiveram resultado negativo devido à baixa qualidade dos bulbos colhidos que foram vendidos por cerca de R$ 0,30/kg para mercados marginais, ou mesmo direcionados diretamente para a indústria.

O montante financeiro alcançado com a safra 2008/09 é de aproximadamente R$ 140 milhões.

O comportamento dos preços médios mensais recebidos pelos produtores catarinenses nas safras 2007/08 e 2008/09, de acordo com os dados coletados pela Epagri/Cepa, apresentou-se conforme demonstrado na Figura 5.



(1) Cebola da classe 3 a 5.
Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 5/I. *Cebola[1] - Preços médios mensais recebidos pelos produtores - Santa Catarina - Safras 2007/08 -2008/09*

Para a safra 2009/10 as avaliações preliminares mostram tendência de manutenção de área cultivada em Santa Catarina, ou de leve aumento em relação à safra 2008/09. O acréscimo na área cultivada ocorre exclusivamente no Planalto e Meio Oeste Catarinense, influenciado pela frustração com a cultura do alho e os bons resultados no cultivo de cebola na última safra. Nas regiões produtoras do Alto Vale do Itajaí e do Tabuleiro as perspectivas são de pequena diminuição da área cultivada, decorrente dos baixos preços obtidos na última safra. Avaliação mais apurada somente poderá ser feita a partir da segunda quinzena de setembro, época em que se encerra o transplante das mudas nesta região.

Daniel Schmitt
Engº Agrônomo - Epagri/EE Ituporanga
dschmitt@epagri.sc.gov.br

Saturnino C. dos Santos
Técnico Agrícola -Epagri/Cepa
saturnino@epagri.sc.gov.br

Feijão[1]

Produção mundial

O feijão é cultivado em cerca de 100 países, sendo que as espécies e variedades são inúmeras, dificultado, assim, uma análise comparativa no tocante à qualidade e aos índices de produtividade (Conab, RUAS, J.F., 2007/08).

A nível mundial o produto tem pouca importância comercial e, além disso, a falta de real conhecimento do seu mercado, e o pequeno consumo entre os países do primeiro mundo, limita a expansão do comércio internacional, tornando-o incipiente, na medida em que a maioria dos países produtores é também formada por grandes consumidores, sendo, dessa forma, mínimo o excedente exportável, o que reflete em um comércio internacional muito restrito.

Além de tudo isso, o fato de os hábitos alimentares serem bastante diversificados entre os países, e mesmo entre regiões de um mesmo país, no que se refere à preferência por tipos, variedades e classes, a análise do produto se torna mais complexa.

No Brasil, por exemplo, o consumo do feijão-preto se concentra nos estados do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, sendo que, para o Rio de Janeiro se destina a maior parte das importações oriundas da Argentina. Em menor escala, o consumo também abrange os estados do Paraná, Santa Catarina e Espírito Santo. O feijão cores, por sua vez, tem o consumo concentrado nos estados centrais, como São Paulo, onde está localizado o maior mercado do País e em parte do Paraná e de Santa Catarina, enquanto o feijão macaçar (caupi) é de consumo típico das regiões Norte e Nordeste.

Cerca de 3/4 da produção mundial origina-se de apenas seis países. Segundo informações da Embrapa (2006) os países em desenvolvimento respondem por 89,2% desta produção. Entre os continentes, a Ásia é o maior produtor mundial (45,7%), seguida pelas Américas (36,7%), África (13,9%), Europa (3,4%) e Oceania (0,2%).

Nos últimos anos, o Brasil superou a Índia, passando a ser o maior produtor mundial dessa leguminosa. Entre os maiores produtores, além desses dois países, estão a China, o Myanmar, o México e os Estados Unidos. Junto com o Brasil, esse grupo é responsável por 65,3% da produção mundial do grão.

Em 2007 (último dado disponível da FAO), o Brasil foi responsável por cerca de 17% do que é produzido no mundo (Tabela 1 e Figura 1). A produção brasileira (3,3 milhões de toneladas), assim como a mundial (19,3 milhões de toneladas), teve um ligeiro decréscimo em 2007 quando comparada à produção de 2006, uma queda de 3,1% e 1,2%, respectivamente.

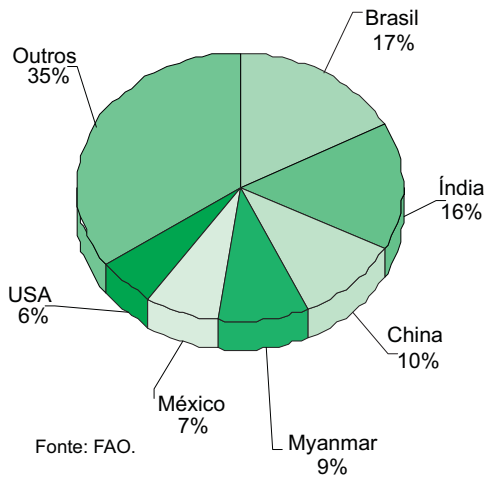
---

[1] Para este artigo, além de informações da autora, foram utilizadas as seguintes fontes:
Boletim Informativo FAEP no. 1052 – semana 25 a 31 de maio de 2009.
Conab. RUAS, J.F. Proposta de preço mínimo para o feijão safra 2007/08. http://www.conab.gov.br/conabweb/download/precos_minimos/proposta_de_precos_minimos_safra_2007_08_Feijao.pdf e Prospecção para safra 2007/08 Feijão. http://www.conab.gov.br/conabweb/download/cas/especiais/prospeccao_2007_08_feijao.pdf
Conab. Acompanhamento da Safra Brasileira. 5º. Levantamento, Fev/09. 9º. levantamento. Junho/2009.
Embrapa. Informações técnicas para o cultivo do feijoeiro comum na região central brasileira. 2006.
Epagri-Cepa. Informe Conjuntural. Ano XXV – no. 1 de 14/12 a 20/12/07. Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina – 2007-2008.
IBGE – Levantamento Sistemático da Produção Agrícola – Junho/08.
Boletins diários CMA.
www.fao.org
www.usda.gov
Jornais diversos e internet.

Tabela 1/I. *Feijão - Área colhida e produção mundial - 2004-07*

País	Área (mil ha)				Produção (mil t)				Rendimento (kg/ha)			
	2004	2005	2006	2007	2004	2005	2006	2007	2004	2005	2006	2007
Brasil	7.925,8	5.194,7	4.016,8	3.907,5	2.967,0	3.021,5	3.436,5	3.330,4	374,3	581,7	855,5	852,3
India	7.003,4	8.000,5	8.600,0	9.000,0	3.171,0	2.660,0	3.174,0	3.000,0	452,8	332,5	369,1	333,3
Myanmar	2.588,3	1.681,2	1.720,0	1.780,0	1.680,0	1.680,0	1.700,0	1.765,0	649,1	999,3	988,4	991,6
China	828,3	1.841,3	1.204,0	1.250,0	1.758,5	1.610,5	2.006,5	1.950,0	2.123,0	874,7	1.666,5	1.560,0
Estados Unidos	503,3	642,3	614,7	598,4	820,1	1.248,7	1.056,9	1.150,8	1.629,4	1.944,0	1.719,4	1.923,1
México	1.678,4	1.261,2	1.708,3	1.730,0	1.163,4	1.200,0	1.374,5	1.390,0	693,2	951,5	804,6	803,5
Uganda	882,0	899,0	849,0	870,0	524,0	568,0	424,0	435,0	594,1	631,8	499,4	500,0
Indonésia	184,4	184,5	313,2	310,0	309,7	310,0	327,4	320,0	1.680,0	1.680,1	1.045,3	1.032,3
R. Dem. Coréia	360,0	360,0	360,0	350,0	310,0	310,0	280,0	265,0	861,1	861,1	777,8	757,1
Quênia	912,3	1.107,1	995,4	1.000,0	306,8	418,5	531,8	535,0	336,3	378,0	534,3	535,0
Mundo	**41.330,0**	**39.162,8**	**26.446,8**	**26.914,1**	**21.979,0**	**22.289,8**	**19.514,2**	**19.282,2**	**531,8**	**569,2**	**737,9**	**716,4**

Fonte: FAO.



Fonte: FAO.

Figura 1/I. *Feijão - Produção mundial (%) - 2007*

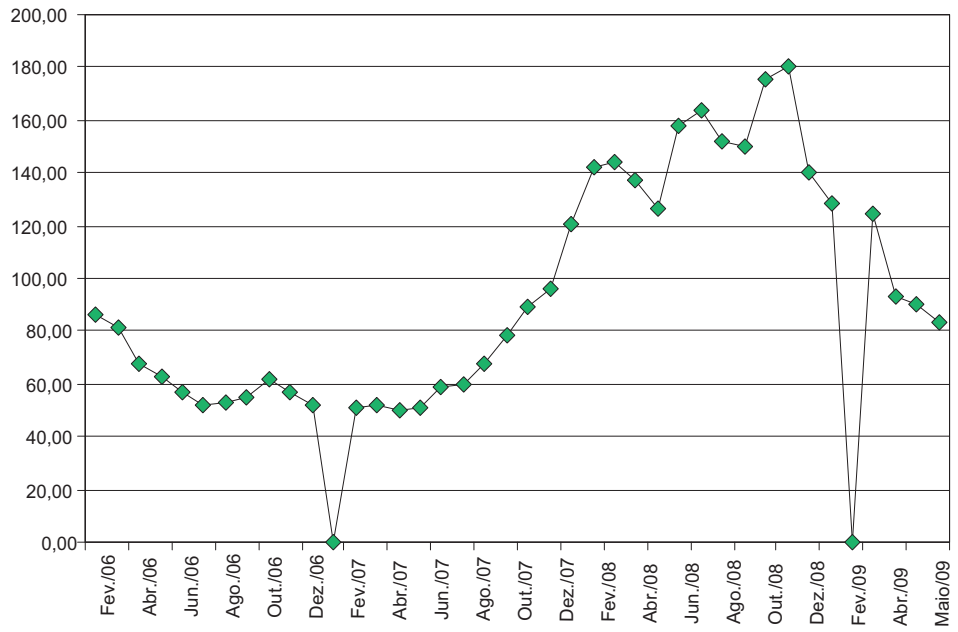
A produção na América do Sul foi de cerca de 4 milhões de toneladas, em 2007 (Tabela 2 e Figura 2), ou 1,7% menor que em 2006. A queda só não foi maior porque, apesar de o Brasil ter diminuído sua produção, outros países da região tiveram aumento de produção.

Tabela 2/I. *Feijão - América do Sul - Quantidade produzida - 2005-07*

(mil t)

País	2005	2006	2007
Brasil	3.021,6	3.457,7	3.330,4
Argentina	169,3	322,8	328,2
Colômbia	138,2	138,5	145,0
Perú	71,7	82,9	81,8
Paraguai	67,0	70,0	78,0
Chile	44,6	50,3	49,8
Bolívia	34,2	36,0	36,0
Venezuela	43,2	19,1	22,0
Outros	43,2	21,3	27,4
Total	**3.633,0**	**4.198,6**	**4.098,7**

Fonte: Faostat, FAO Statistics Division 2008, 13 August 2008



Fonte: CMA (Bolsinha/SP).

Figura 2/I. *Feijão preto - Evolução dos preços no atacado de São Paulo - Fev/06 - maio/09*

Produção Brasileira[2]

O produtor brasileiro de feijão é, em sua maioria, o pequeno agricultor e até mesmo o agricultor familiar, responsável por cerca de 60% da produção nacional. E, por isso, o setor não é muito especializado. Os grandes produtores optam por produzir a leguminosa como uma aposta de curto prazo (os três meses entre o plantio e a colheita) em meio a suas atividades principais. E isto acontece somente quando os preços estão em patamares elevados, pois assim conseguem reforçar suas receitas.

Se na safra 2007/08 o feijão perdeu área para outras culturas[3], a safra 2008/09, em função dos ótimos preços praticados no ano anterior e do novo preço mínimo estabelecido pelo Governo Federal (R$ 80,00 a saca de 60 kg) - reajustado em 65,2% - para estimular o plantio, fez com que os produtores brasileiros apostassem em um aumento de área de cerca de 4,2% (estimativa da Tabela 3), que era aproximadamente o que o Governo esperava (sua projeção era de 5%). E isto aconteceu apesar dos altos preços dos insumos (adubos, sementes, combustível).

Vale colocar que esse expressivo aumento no plantio ocorreu quase na totalidade, com variedade comum, com destaque para o feijão carioca. Assim, a elevação da oferta está levando o produto a ter seus preços pressionados para baixo, assunto que será abordado mais no final deste artigo.

[2] Como este texto foi escrito em maio e junho/2009, os números apresentados para a safra 08/09 são estimativas, pois apenas a 1ª. safra de feijão estava fechada. As outras duas safras ainda estavam em andamento.

[3] Segundo a Conab (11º. levantamento, agosto/08), o feijão 1ª. safra teve redução de área semeada (2007/08) em razão dos baixos índices de chuva e das baixas temperaturas na época do plantio. Já o feijão 2ª. safra, em função dos preços atraentes, apresentou um crescimento de 9,1% na área cultivada

Tabela 3/I. *Feijão – Área plantada, produção e rendimento médio - Brasil e estados produtores – Safras 2005/06 - 2008/09*[1]

Região	Área (mil ha)				Produção (mil t)				Rendimento (kg/ha)			
	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09
Roraima	1,5	1,0	1,0	3,0	0,9	0,7	0,7	2,0	600	664	667	667
Rondônia	62,5	61,1	65,9	65,0	35,4	41,2	46,1	46,2	566	675	699	710
Acre	15,8	15,0	6,0	6,6	8,7	8,2	3,0	3,4	551	545	501	520
Amazonas	6,9	6,7	4,6	3,2	3,7	6,0	4,1	3,3	536	900	900	1.021
Amapá	1,0	1,4	1,7	1,8	0,6	1,1	1,3	1,4	600	775	770	750
Pará	74,0	79,9	65,7	65,2	62,0	67,5	53,5	49,9	838	845	814	766
Tocantins	12,4	12,9	16,9	21,5	9,9	11,9	14,7	23,6	798	921	872	1.097
Maranhão	84,7	86,8	88,1	94,6	38,1	39,5	39,6	36,6	450	455	450	386
Piauí	242,1	218,1	238,0	240,0	95,8	42,0	65,3	70,8	396	193	274	295
Ceará	546,6	563,2	592,6	589,1	258,3	124,6	253,0	195,3	473	221	427	332
Rio Grande do Norte	80,2	80,1	81,4	59,2	37,1	32,1	33,5	28,5	463	401	412	481
Paraíba	204,1	214,3	203,7	205,5	118,4	49,3	87,0	89,4	580	230	427	435
Pernambuco	309,7	310,8	345,1	343,2	129,8	114,2	154,6	159,5	419	367	448	465
Alagoas	98,5	99,6	96,6	86,3	52,2	47,6	53,9	42,2	530	478	558	489
Sergipe	49,4	46,9	35,8	35,8	24,9	29,5	19,6	20,0	504	630	547	559
Bahia	728,3	635,2	595,8	585,8	337,0	322,6	352,4	349,0	463	508	591	596
Mato Grosso	30,5	40,4	89,7	107,2	45,8	67,1	144,7	122,5	1.502	1.661	1.613	1.143
Mato Grosso do Sul	30,7	21,5	17,3	18,7	29,0	26,6	18,9	19,5	1.100	1.238	1.091	1.041
Goiás	127,6	130,0	95,8	108,0	286,9	271,4	217,6	241,5	2.381	2.087	2.271	2.236
Distrito Federal	18,0	18,3	17,6	16,9	34,3	46,3	43,5	43,0	2.521	2.534	2.471	2.545
Minas Gerais	459,2	413,6	420,6	408,9	536,6	503,5	566,1	577,3	1.169	1.217	1.346	1.412
Espírito Santo	24,3	21,6	21,2	22,6	18,3	16,7	17,4	19,1	750	775	820	847
Rio de Janeiro	6,6	6,8	5,7	5,0	5,8	5,7	5,0	4,5	879	839	878	899
São Paulo	191,1	192,3	178,9	196,4	287,1	313,9	277,1	330,1	1.502	1.633	1.549	1.681
Paraná	575,3	563,3	501,5	628,5	743,5	795,3	763,8	747,3	1.292	1.412	1.523	1.189
Santa Catarina	122,4	127,4	107,3	125,0	155,4	208,9	180,9	173,6	1.270	1.640	1.686	1.389
Rio Grande do Sul	120,1	119,6	98,5	116,9	115,7	146,3	103,3	124,8	963	1.223	1.049	1.067
Brasil	**4.223,6**	**4.087,8**	**3.993,0**	**4.159,9**	**3.471,2**	**3.339,7**	**3.520,9**	**3.524,2**	**822**	**817**	**882**	**847**

[1]Estimativa.
Fonte: Conab (agosto/08 - 11º. Levantamento e junho/09 - 9º. Levantamento).

Além da garantia de preço (preço mínimo), outros fatores influenciam a escolha do produtor sobre o que semear na safra seguinte. Entre eles destacam-se: custo de produção (que continuou aumentando em função dos preços das *commodities* no mercado internacional, a elevação no preço das sementes por conta do aumento do preço do produto), liquidez da cultura, produtividade e disponibilidade de recursos para financiamento.

Este último fator foi muito problemático este ano, pois o crédito de uma maneira geral ficou muito escasso após a crise financeira internacional iniciada em outubro de 2008. Os produtores também tinham pouca disponibilidade de recursos próprios e as *tradings* - que são empresas que financiam a produção agrícola no Brasil - praticamente sumiram do mercado.

Apesar de todos esses problemas, a Região Nordeste foi a única que teve um decréscimo na área plantada (-1,7%), principalmente pela redução de área da Bahia (-1,7%) e do Rio Grande do Norte (-27,3%). Já a Região Sul foi a que mais apresentou incremento na área plantada na safra 08/09. O aumento em relação à safra 07/08 foi de 23,1%, passando de 707 mil ha para 870 mil ha semeados. O Paraná foi o Estado que mais apostou na cultura do feijão, incrementando sua área plantada em 25,3%.

Além do aumento na área plantada, muitos produtores buscaram plantar sementes certificadas - cuja oferta no país ainda é insuficiente – ou tomaram o cuidado de separar alguma parcela da sua produção, do grão de melhor qualidade, para ser utilizada no plantio da safra 2008/09.

Apesar de todos esses esforços por parte do produtor, a produção brasileira de feijão da safra 08/09 deve manter praticamente o mesmo volume que a safra anterior. Segundo estimativas mais recentes da Conab, ela deve ser de 3.524,2 mil toneladas, contra 3.520,9 da safra 07/08. Tal fato ocorre em consequência da queda de produtividade de alguns estados, sobretudo na Região Sul, os quais foram

afetados significativamente por adversidades climáticas (estiagem, enchente) ocorridas durante a safra. A maior queda de produtividade se deu no Mato Grosso (-29,1%), seguido pelo Ceará (-22,2%), Paraná (-21,9%) e Santa Catarina (-17,6%). Desse modo, a queda na produtividade média do feijão no Brasil foi de 4%, ou seja, 847kg/ha contra 882 kg/ha, como descrito na Tabela 3.

Os principais estados produtores de feijão, em 2009, foram: Paraná (747,3 mil t), Minas Gerais (577,3 mil t), São Paulo (330,1 mil t), Bahia (349,0 mil t) e Goiás (241,5 mil t). Santa Catarina ocupa a 7ª. posição, como em anos anteriores, com 173,6 mil toneladas.

Em anos normais os estados do Nordeste brasileiro são os maiores produtores do Brasil, seguidos pela Região Sul. Contudo, na safra 2008/09, por conta das enchentes que lá ocorreram, estima-se que a produção finalize em 991,3 mil toneladas, contra 1.045,7 mil toneladas na Região Sul.

Entretanto a produtividade dos estados do Nordeste, historicamente, sempre foi bastante inferior à dos estados do Sul e de alguns estados do Sudeste e do Centro-Oeste brasileiro. Por exemplo, enquanto no Ceará e na Bahia (maiores produtores da região) o rendimento médio por hectare foi, respectivamente, de 596 e 332 kg, em Santa Catarina (apesar de todas as adversidades climáticas) o rendimento foi de 1.189 kg e no Distrito Federal (maior produtividade do País) foi 2.545 kg (tabela 3).

No Brasil, cerca de 63% do volume produzido trata-se de feijão-cores, enquanto o feijão-preto responde por 18%, e o macaçar (caupi), 19%. O feijão carioca está distribuído de forma uniforme nas três safras anuais. Já o feijão-preto concentra-se no Sul do País e aproximadamente 70% de sua produção origina-se da 1ª safra. A variedade macaçar, cultivada na Região Nordeste, concentra-se na 2ª safra, à exceção da produção do Estado da Bahia.

Tabela 4/I. *Feijão – Produção por região e estado produtor - Brasil – Safras 2006/07- 2008/09*[1]

(mil t)

Região	1ª safra			2ª safra			3ª safra		
	2006/07	2007/08	2008/09	2006/07	2007/08	2008/09	2006/07	2007/08	2008/09
Norte	4,9	2,6	2,7	131,7	120,8	127,1	-	-	-
Nordeste	182,5	187,3	182,0	265,7	450,1	396,8	353,3	421,6	412,5
C-Oeste	141,1	113,0	161,0	71,1	154,5	135,6	199,2	157,4	129,8
Sudeste	387,2	308,9	416,7	238,9	310,3	300,6	213,8	246,3	213,8
Sul	852,3	631,3	597,4	289,2	409,8	441,4	8,9	7,0	6,8
Brasil	**1.568,0**	**1.243,1**	**1.359,8**	**996,6**	**1.445,5**	**1.401,5**	**775,2**	**832,3**	**762,9**

[1]Estimativa.
Fonte: Conab (agosto/08 - 11º Levantamento e junho/09 - 9º Levantamento).

Quando são analisadas as safras em separado, percebe-se que a produção da safra 2008/09 está assim composta: 38,6% do feijão colhido é proveniente da primeira safra, 39,8% da segunda safra e 21,6% da terceira safra (Tabela 4).

No tocante à área plantada, na 1ª safra houve um aumento, já consolidado, de 9,6% em relação à mesma safra do ano anterior (07/08) A área plantada foi confirmada em 1,44 milhão de hectares, segundo a Conab (9º. levantamento, Junho/2009). Os preços estimulantes ao produtor, aliados ao reajuste no preço mínimo oficial, que entrou em vigor no início desta safra, (fixado em R$ 80,00 a saca de 60 kg) levaram a este expressivo crescimento.

Como a colheita no Centro-Sul (86,4% da produção nacional) já foi finalizada em abril e nas regiões Norte e Nordeste (13,6% da produção) a cultura está em fases que vão desde o desenvolvimento até áreas com a colheita em andamento, pode-se afirmar que o feijão 1ª safra, teve, nesta temporada, um bom desempenho em termos de rendimento nas regiões Sudeste e Centro-Oeste, em virtude das condições climáticas favoráveis. Já na Região Sul, com exceção do Rio Grande do Sul, as adversidades climáticas reduziram significativamente o rendimento médio das lavouras.

Nesta pesquisa da Conab, verifica-se que a produção de 1,36 milhão de toneladas da 1ª. safra é 9,4% maior que na safra anterior. A perda de rendimento ocorrida nos estados do Paraná (-28,2%) e Santa Catarina (-18,6%), ocasionada por estiagem e excesso de chuvas em períodos e regiões alternadas, foi compensada pelos ganhos expressivos, registrados nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Piauí, garantindo, desta forma, esse crescimento.

No Estado do Paraná, responsável por cerca de 27,6% da produção da primeira safra, verificou-se um volume de 375 mil toneladas (9,3% a menos que na safra passada). As condições climáticas irregulares, como a seca (no início do plantio), o excesso de chuvas, as baixas temperaturas (durante o desenvolvimento das lavouras) e o período prolongado de estiagem a partir da segunda quinzena de novembro até o final de dezembro (durante a fase reprodutiva), reduziram o potencial destas lavouras. Isso afetou, principalmente, as que se encontravam nas fases de floração e frutificação, vulneráveis ao déficit hídrico. A soma desses fatores provocou uma redução de 28,2% na produtividade da cultura no Estado. Boa parte da produção da primeira safra teve a qualidade do grão comprometida pelas adversidades climáticas (escassez e/ou excesso de chuvas) ocorridas nos vários estágios do desenvolvimento da cultura.

Em Santa Catarina, registraram-se perdas nas principais regiões produtoras (oeste catarinense) devido à seca ocorrida no período de desenvolvimento da cultura. A produção foi 6,9% menor que a da safra passada (a produtividade caiu 18,6%), considerando o grão de boa qualidade, favorecido pela estiagem na colheita.

Quanto à 2ª. safra de feijão, estima-se para esta temporada uma área de plantio de 1,93 milhão de hectares, superior à safra anterior em 3,5%, totalizando um ganho de 65,4 mil ha. Os principais estados produtores do feijão 2ª safra são: Ceará com 29,7 da área cultivada, Paraná com 13,4%, Paraíba com 10,6% e Minas Gerais com 8%.

No Centro-Sul, a área de plantio também já está definida, e apresenta um crescimento de 14%, ou seja, estão sendo cultivados 678,8 mil hectares ou 83,2 mil hectares a mais que na safra anterior.

No Paraná, o plantio já foi concluído e a área semeada foi 24,9% superior à da safra anterior. Em função da falta de chuvas no final de abril e início de maio, fase crítica para a cultura, existe uma expectativa de que o rendimento médio caia de 1.716 kg/ha para 1.412 kg/ha, o que representa um declínio de 14,8%.

Em Minas Gerais, onde o plantio já foi encerrado, os levantamentos de campo da Conab indicam uma redução da área plantada em 5,1%, quando comparada com a safra 2007/08. Esta redução é decorrente do desestímulo dos produtores mineiros frente a problemas como a restrição do crédito para custeio das lavouras e aos baixos preços praticados pelo mercado. Como o clima esteve favorável naquele Estado, estima-se que os ganhos de produtividade sejam em torno de 3,6%.

Em compensação, os efeitos do fenômeno La Niña na Região Sul, acabaram se tornando evidentes no longo período de estiagem, causando prejuízos significativos para a 2ª. safra do feijão, principalmente no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, onde as produtividades declinaram 7,2% e 13,1%, respectivamente.

Já para as regiões Norte/Nordeste do País, as perspectivas para o plantio deste ano apontam para decréscimo de 1,4% na área a ser plantada, situando-se em 1.253,2 mil hectares, ou seja, 17,8 mil ha inferior à cultivada em 2007/08, que foi de 1.271,0 mil hectares.

Na Região Nordeste o clima estava bom para o desenvolvimento da cultura até março. Em abril e maio choveu excessivamente, reduzindo a projeção do rendimento médio em 9,9% em relação à mesma temporada da safra 2007/08, totalizando uma produção de 396,8 mil toneladas, 11,8% menor do que a

obtida na safra passada, quando foram colhidas 450,1 mil toneladas. Na Região Norte o aumento de produtividade é de apenas 1,8%, com uma produção de 127,1 mil toneladas.No Ceará, tradicionalmente o maior produtor da região, o feijão cultivado (na sua maioria do tipo Caupi ou Macaçar, variedade muito perecível e com perda de qualidade rápida, dificultando a comercialização) está sendo colhido. Em virtude do excesso de chuvas, o produto é considerado de baixa qualidade. Em muitos casos o grão ficou encharcado e acabou apodrecendo, assim, nem será colhido.

A safra de feijão de praticamente todos os estados nordestinos sofreu com os danos causados pelo excesso de chuvas, onde muitas lavouras foram destruídas pelas enchentes e as que resistiram – localizadas em áreas mais altas e mais afastadas das barragens – estão sendo prejudicadas pela dificuldade de acesso para escoamento da produção.

Por todas essas razões, estima-se que a produtividade média nas regiões Norte e Nordeste deve cair 6,9%, alcançando uma produção de 523,9 mil toneladas contra 570,9 mil toneladas colhidas na safra passada, uma queda de 8,2%.

O rendimento médio para o feijão 2ª safra no Brasil está estimado em 725 kg/ha, o que significa uma redução de 6,3% em relação à safra passada. A produção total está estimada em 1,4 milhão de toneladas ou 3% inferior à colhida na safra anterior, como resultado dos problemas climáticos já apontados anteriormente.

Com relação à terceira safra, semeada a partir de maio com colheita até o final de outubro, a estimativa da Conab é que ela alcance 788,7 mil hectares, uma queda de 24,3 mil hectares, ou ainda 3% a menos do que na safra 2007/08. Este resultado reflete o desestímulo do produtor em consequência dos baixos preços praticados neste ano, ao contrário dos excelentes preços do ano passado.

A produção deve cair para 762,9 mil toneladas, uma redução de 8,3% em relação as 832,3 mil toneladas da safra anterior, como resultado não só da diminuição da área plantada, como também da produtividade que deve cair em torno de 5,6%. Com relação a esta última, a explicação se dá pela descapitalização do produtor e a escassez de crédito para investir em insumos e fatores de produção.

Produção em Santa Catarina

Em Santa Catarina, na safra 2008/09, em função dos ótimos preços praticados pelo mercado até os últimos meses de 2008 e do expressivo reajuste (65,2%) no preço mínimo oficial, que entrou em vigor no início desta safra (2008/09), fixado em R$ 80,00 a saca de 60 kg, os produtores ficaram bastante esperançosos. Por isso, aumentaram a área semeada de 107,3 mil hectares (em 2007/08) para 120,7 mil hectares (em 2008/09), o que corresponde a um aumento de 12,5%.

Contudo, essas expectativas foram frustradas, na medida em que, segundo a Conab (9º. levantamento, Junho/2009, tabela 3), a produção final foi inferior à da safra anterior em 4%: 173,6 mil t contra 180,9 mil t e muito menor do que a safra 2006/07, cuja produção totalizou 214,9 mil toneladas. Esta queda de 4% aconteceu em virtude de diversos fatores: o primeiro deles foram as enchentes ocorridas no Alto Vale e no Litoral Catarinense no final de 2008 (outubro e novembro).

Em seguida, no mês de dezembro/08, aconteceu uma seca no período de desenvolvimento da cultura nas principais regiões produtoras (Oeste Catarinense), derrubando a produtividade em 17,6%. No ano anterior o rendimento médio no Estado foi de 1.686kg por hectare. Nesta safra este número caiu para 1.389 kg/ha. Isso tudo ainda considerando o grão de boa qualidade, favorecido pela estiagem na colheita da primeira safra.

Por fim, a nova estiagem ocorrida nos meses de março-maio/2009 comprometeu a produção da segunda Safra de 2008/09, cuja queda já é estimada em 17,49% (estimativa de Maio/09 da Epagri-Cepa).

As microrregiões produtoras de Santa Catarina estão na Tabela 5. A maior produção, na safra 2008/09, como nos dois últimos anos, vem da região de Curitibanos, com 47,3 mil toneladas (26% do total produzido no Estado). Na sequência, encontram-se Canoinhas (24,5 mil t), Campos de Lages (21,6 mil t), Xanxerê (19,8 mil t), Joaçaba (18,9 mil t) e Chapecó (12,9 mil t).

Tabela 5/I. *Feijão - Evolução da área e produção por microrregião geográfica - Santa Catarina - Safras 2004/05 - 2008/09*

Microrregião	Área plantada (ha)					Produção (t)				
Geográfica	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09(1)	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09(1)
Araranguá	1.760	1.820	1.770	1.685	1.845	1.510	1.876	1.781	1.568	1.665
Blumenau	271	261	262	257	352	243	251	267	237	345
Campos de Lages	20.058	19.568	20.428	17.358	20.360	13.509	16.768	27.744	23.883	21.559
Canoinhas	14.100	20.860	20.150	16.470	16.760	23.593	31.180	43.378	31.752	24.549
Chapecó	16.520	17.062	16.059	9.274	12.555	10.220	24.654	21.260	10.325	12.933
Concórdia	2.105	1.710	1.750	1.410	1.290	1.722	1.465	2.306	1.733	1.215
Criciúma	6.825	8.050	6.772	6.105	6.626	8.071	12.430	6.488	8.552	6.300
Curitibanos	20.120	21.965	29.190	22.890	27.560	16.985	27.017	55.664	50.704	47.291
Florianópolis	422	422	328	328	231	442	442	345	340	172
Itajaí	32	47	37	88	67	32	45	35	91	66
Ituporanga	1.785	3.010	1.260	1.705	3.880	2.364	4.769	1.926	2.613	5.281
Joaçaba	10.368	9.418	9.698	8.543	10.084	9.304	10.155	19.248	17.366	18.851
Joinville	72	63	48	44	39	64	53	46	38	30
Rio do Sul	1.431	2.186	1.568	1.440	3.609	1.767	2.500	2.162	1.820	3.865
Sao Bento do Sul	1.665	1.865	1.865	1.875	2.215	3.538	3.700	3.728	3.657	3.567
Sao Miguel do Oeste	4.235	3.762	4.200	3.540	4.430	3.537	4.534	5.414	4.179	5.410
Tabuleiro	1.610	960	525	540	760	2.222	1.262	794	809	777
Tijucas	820	1.205	785	725	799	883	1.283	871	729	676
Tubarao	5.165	5.871	5.013	4.660	5.141	5.389	6.932	6.457	5.954	5.109
Xanxerê	5.435	8.405	8.820	8.342	12.452	7.773	12.926	15.010	14.540	19.813
Santa Catarina	**114.799**	**128.510**	**130.529**	**107.279**	**131.055**	**113.168**	**164.242**	**214.973**	**180.890**	**179.476**

(1)Estimado em abril/09.
Fonte: IBGE (LSPA abr/09).

A Tabela 6 traz a estimativa feita pelo IBGE em abril/2009 para a produção da safra 08/09 por microrregião, bem como a safra anterior 2007/08. Ao fazer a comparação entre os dois anos, ficam evidenciados nas

Tabela 6/I. *Feijão (1ª e 2ª safras) - Área plantada, produção e rendimento médio - Santa Catarina/micorregião geográfica - Safras 2007/08 - 2008/09(1)*

MRG	Safra 2007/08								
	Feijão 1a. Safra			Feijão 2a. Safra			Total		
	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
Araranguá	155	155	1.000	1.530	1.413	924	310	1.568	5.058
Blumenau	210	191	909	47	45	955	401	236	589
Campos de Lages	17.058	22.920	1.344	300	540	1.800	39.978	23.460	587
Canoinhas	12.880	25.302	1.964	3.590	6.450	1.797	38.182	31.752	832
Chapecó	4.437	4.812	1.087	4.837	5.390	1.114	9.249	10.202	1.103
Concórdia	1.130	1.379	1.221	280	348	1.243	2.509	1.727	688
Criciúma	844	1.013	1.200	5.261	7.494	1.424	1.857	8.507	4.581
Curitibanos	22.880	50.332	2.200	10	12	1.200	73.212	50.344	688
Florianópolis	248	265	1.067	80	76	950	513	341	665
Itajaí	61	67	1.093	27	25	911	128	92	719
Ituporanga	430	792	1.842	1.275	1.821	1.428	1.222	2.613	2.138
Joaçaba	8.277	16.237	1.962	266	379	1.424	24.514	16.616	678
Joinville	19	16	861	25	22	880	35	38	1.086
Rio do Sul	622	886	1.425	818	935	1.143	1.508	1.821	1.208
São Bento do Sul	1.700	3.454	2.032	175	203	1.163	5.154	3.657	710
São Miguel do Oeste	2.470	3.069	1.263	1.070	1.068	1.017	5.539	4.137	747
Tabuleiro	525	794	1.512	15	2	110	1.319	796	603
Tijucas	250	282	1.130	475	448	943	532	730	1.372
Tubarão	1.265	1.701	1.345	3.395	4.225	1.245	2.966	5.926	1.998
Xanxerê	2.712	5.660	2.087	5.630	8.304	1.475	8.372	13.964	1.668
Santa Catarina	**78.173**	**139.329**	**1.784**	**29.106**	**39.200**	**1.348**	**107.279**	**178.529**	**1.664**

(Continua)

(Continuação)

MRG	Safra 2008/09[1]								
	Feijão 1a. Safra			Feijão 2a. Safra			Total		
	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
Araranguá	145	126	871	1.700	1.539	906	1.845	1.665	902
Blumenau	285	278	977	67	67	1.000	352	345	980
Campos de Lages	20.060	21.379	1.066	300	180	600	20.360	21.559	1.059
Canoinhas	12.380	19.485	1.574	4.380	5.064	1.156	16.760	24.549	1.465
Chapecó	4.577	4.572	1.012	7.978	8.361	1.063	12.555	12.933	1.030
Concórdia	860	898	1.044	430	317	737	1.290	1.215	942
Criciúma	854	759	944	5.772	5.541	966	6.626	6.300	951
Curitibanos	27.280	47.007	1.742	280	284	1.094	27.560	47.291	1.716
Florianópolis	191	132	731	40	40	1.000	231	172	745
Itajaí	42	45	1.081	25	21	856	67	66	985
Ituporanga	490	565	1.385	3.390	4.716	1.391	3.880	5.281	1.361
Joaçaba	9.515	18.041	1.896	569	810	1.424	10.084	18.851	1.869
Joinville	19	13	739	20	17	837	39	30	769
Rio do Sul	1.111	1.028	1.117	2.498	2.837	1.136	3.609	3.865	1.071
São Bento do Sul	1.920	3.100	1.615	295	467	1.583	2.215	3.567	1.610
São Miguel do Oeste	2.695	3.343	1.242	1.735	2.067	1.191	4.430	5.410	1.221
Tabuleiro	235	208	927	525	569	1.084	760	777	1.022
Tijucas	259	137	542	540	539	998	799	676	846
Tubarão	1.321	946	742	3.820	4.163	1.090	5.141	5.109	994
Xanxerê	6.032	9.372	1.554	6.420	10.441	1.626	12.452	19.813	1.591
Santa Catarina	**90.271**	**131.436**	**1.468**	**40.784**	**48.040**	**1.183**	**131.055**	**179.476**	**1.369**

[1]Estimado em abril/09 (LSPA).

microrregiões os efeitos das adversidades climáticas ocorridas e já mencionadas: no final do ano passado a estiagem no Oeste e Extremo Oeste e Planalto (dezembro/08); o excesso de chuvas no Oeste, Planalto e as enchentes (novembro/08) que afetaram a produtividade da primeira safra na faixa litorânea; a estiagem que ocorreu novamente em março/abril/maio de 2009 no Oeste, Extremo Oeste, Alto Vale e Planalto, em algumas regiões, agravada pela oscilação brusca de temperatura, além do excesso de chuvas no litoral (este, no início do ciclo da segunda safra), prejudicaram o rendimento da cultura.

Comercialização e perspectivas

O mercado mundial de feijão movimenta, por ano, aproximadamente 19 milhões de toneladas da leguminosa, sendo o Brasil o maior produtor e consumidor do produto. Somente no ano de 2003 a Índia ultrapassou o País, em termos de consumo (Tabelas 1 e 7). Naquele ano o consumo indiano subiu 75,9% em relação ao ano anterior, enquanto o brasileiro aumentou apenas 9,6%.

Tabela 7/I. Feijão - Maiores países consumidores - 1999-03

(t)

País	1999	2000	2001	2002	2003
Índia	2.255.294	1.910.084	2.277.278	1.957.262	3.443.406
Brasil	**2.655.816**	**2.864.287**	**2.822.914**	**2.872.342**	**3.147.355**
México	1.055.470	1.087.382	1.046.540	1.129.957	1.162.707
Estados Unidos	989.800	989.800	951.000	990.000	960.000
Uganda	351.310	342.818	445.489	461.352	412.176
Quênia	363.733	382.232	306.507	452.227	352.079
Myanmar	240.689	213.701	180.664	184.130	295.722
Indonésia	252.971	276.669	250.623	299.875	283.987
Rep Dem da Coréia	243.718	276.413	275.888	280.986	275.398
Cuba	138.559	140.596	200.369	207.357	253.235
Outros países	5.001.472	4.921.770	4.967.130	5.179.566	5.025.267
Total	**13.548.832**	**13.405.752**	**13.724.402**	**14.015.054**	**15.611.332**

Fonte: Faostat, FAO Statistics Division 2009, 17 April 2009.

Em relação ao consumo per cápita, nos últimos anos, o Brasil tem ocupado a 5ª. posição mundial, atrás de países como Burundi (o de maior consumo per cápita), Ruanda, Nicarágua e Cuba (Tabela 8). Em 2003 (último dado disponível) consumia-se no Brasil 17kg de feijão por habitante/ano, bem acima da média mundial, que é de 2 kg/habitante/ano. Isto porque o feijão não é de fato um alimento apreciado em todas as culturas, na verdade a maioria delas não tem o hábito de consumi-lo.

Tabela 8/I. *Feijão - Consumo per cápita - Mundo - 1999-03*

(kg/hab/ano)

País	1999	2000	2001	2002	2003
Burundi	35	33	33	33	31
Ruanda	22	25	27	27	26
Nicaraguá	26	26	27	27	24
Cuba	12	12	17	18	22
Brasil	**15**	**16**	**16**	**16**	**17**
Uganda	15	14	18	18	15
El Salvador	10	12	13	13	14
Coréia do Norte	11	12	12	12	12
Quênia	12	12	9	14	11
México	10	10	10	11	11
Países desenvolvidos	1	1	1	1	1
Países em desenvolvimento	2	2	2	2	2
Mundo	**2**	**2**	**2**	**2**	**2**

Fonte: Faostat, FAO Statistics Division 2009, 17 April 2009.

Entretanto, nos países em desenvolvimento nas regiões subtropicais e tropicais esta leguminosa representa uma importante fonte proteica na dieta de suas populações.

Segundo informações da Embrapa (2006), as Américas respondem por 43,2% do consumo mundial, seguidas pela Ásia (34,5%), África (18,5%), Europa (3,7%) e Oceania (0,1%). Os países em desenvolvimento são responsáveis por 86,7% do consumo mundial

O comércio mundial de feijão, segundo dados da FAO, está nas Tabelas 9 e 10. Em 2006 os principais exportadores mundiais de feijão foram: a China, com 747,6 mil toneladas, o Myanmar com 667,2 mil t, os Estados Unidos (354,8 mil t), o Canadá (309,9 mil t) e a Argentina (226,5 mil t). Juntos esses países respondem por 81,5% das exportações mundiais do grão (Tabela 9).

Tabela 9/I. *Feijão - Principais países exportadores - 2003-06*

País	2003		2004		2005		2006	
	(t)	US$ 1.000	(t)	US$ 1.000	(t)	US$ 1.000	(t)	US$ 1.000
China	946.625	333.141	713.496	304.641	795.429	359.623	747.567	382.515
Myanmar	1.000.000	272.000	873.200	222.800	316.794	121.625	667.249	382.824
Estados Unidos	321.232	183.992	270.316	168.982	272.354	183.272	354.827	225.863
Canadá	310.977	145.430	316.322	164.546	271.135	161.150	309.892	180.944
Argentina	216.878	88.121	167.793	76.888	199.499	102.525	226.479	120.679
Sub-total	2.795.712	1.022.684	2.341.127	937.857	1.855.211	928.195	2.306.014	1.292.825
Outros países	702.418	333.509	619.436	327.763	567.868	346.162	524.849	355.103
Total Mundial	**3.498.130**	**1.356.193**	**2.960.563**	**1.265.620**	**2.423.079**	**1.274.357**	**2.830.863**	**1.647.928**

Fonte: Faostat, FAO Statistics Division 2009, 17 April 2009.

Por outro lado, no mesmo ano, os principais importadores foram: Índia (620,5 mil t), Estados Unidos (152,4 mil t), Cuba (138,9 mil t), México (131,7 mil t), Reino Unido (124,4 mil t), Japão (119,6 mil t) e Itália (106,8 mil t). O Brasil ocupa a 10ª. posição, com importações totalizando 70,1 mil toneladas. As importações mundiais, em 2006, alcançaram 2.842,4 mil toneladas (Tabela 10).

No caso brasileiro, um dos maiores entraves à exportação está no fato do maior volume da produção nacional, quase 70%, ser do tipo carioca. Apesar de contar com a preferência nacional, ela é bastante perecível e tem aceitação limitada em outros países do mundo.

Assim, quando ocorre quebra de safra e o produto fica escasso no mercado, não existe alternativa de substituição e o País precisa importar a leguminosa de outros países. Quando, ao contrário, ocorre

excesso de oferta, não há como comercializá-lo rapidamente, e a mercadoria fica escurecendo nos armazéns, perdendo qualidade, elevando os custos de carregamento e gerando forte deságio na venda.

Tabela 10/I. *Feijão - Principais países importadores - 2003-06*

País	2003		2004		2005		2006	
	(t)	US$ 1.000	(t)	US$ 1.000	(t)	US$ 1.000	(t)	US$ 1.000
Índia	486.039	154.071	281.424	86.484	304.112	135.325	620.527	423.016
Estados Unidos	150.951	80.040	154.238	95.571	147.413	106.839	152.424	102.483
Cuba	160.062	58.882	110.491	42.474	138.468	50.331	138.857	65.098
México	83.685	45.123	62.190	41.585	79.032	56.219	131.727	81.051
Reino Unido	119.589	60.654	109.729	61.987	114.528	74.242	124.429	83.626
Japão	134.460	76.505	136.314	99.130	117.509	92.310	119.567	89.124
Itália	111.104	71.837	103.000	72.228	92.424	65.766	106.836	76.669
Sub-total	1.134.786	475.275	854.386	427.231	901.062	515.266	1.287.531	844.398
Outros países	1.788.587	852.913	1.582.374	799.036	1.550.139	885.220	1.554.864	987.344
Total Mundial	**2.923.373**	**1.328.188**	**2.436.760**	**1.226.267**	**2.451.201**	**1.400.486**	**2.842.395**	**1.831.742**

Fonte: Faostat, FAO Statistics Division 2009, 17 April 2009.

O Brasil não costuma exportar feijão. Apenas em 2007 as exportações foram mais significativas, alcançando cerca de 30 mil toneladas, cuja maior parte embarcou para a África do Sul (Tabela 11), o que ainda é um número insignificante quando comparado às exportações mundiais do produto, que giram em torno de 3 milhões de toneladas.

Tabela 11/I. *Feijão - Exportação brasileira segundo os paises de destino - 2004-09*

	2004		2005		2006		2007		2008		2009[1]	
País	(t)	US$ 1.000	(t)	US$ 1.000	(t)	US$ 1.000	(t)	US$ 1.000	(t)	US$ 1.000	(t)	US$ 1.000
África do Sul	573	251	619	253	3.841	2.365	16.287	11.026	0	0	-	-
Egito	0	0	0	0	575	315	2.794	1.688	0	0	23	12
Portugal	52	31	29	24	125	96	1.829	1.385	205	274	195	68
Venezuela	0	0	0	0	0	0	1.300	601	400	470	-	-
Itália	9	7	2	2	9	7	1.026	810	51	90	1	3
Sérvia	0	0	0	0	0	0	998	607	0	0	-	-
Índia	0	0	0	0	353	207	969	637	0	0	-	-
Outros países	1.443	972	1.431	1.102	2.792	1.791	4.789	3.694	1.306	2.596	555	580
Total mundial	**2.077**	**1.262**	**2.081**	**1.381**	**7.695**	**4.780**	**29.993**	**20.447**	**1.962**	**3.430**	**774**	**663**

[1]Até abril.
Fonte: MDIC/Secex.

As importações, ao contrário, costumam ocorrer e vêm aumentando nos últimos anos. Elas são, basicamente, do tipo preto. Em 2008, face à escassez do produto nacional, o Brasil importou 204,9 mil toneladas, frente às 95,6 mil toneladas importadas no ano anterior, um aumento de 114%. O recorde anterior de importação havia acontecido em 1998 (um ano de Real valorizado), quando foram importadas 151,5 mil toneladas, ou seja, um volume 26% menor do que o novo recorde de 2008 (204,9 mil toneladas).

A maior parte das importações ocorre no segundo semestre (o primeiro semestre reponde por 25% das importações totais do ano), quando o produto nacional entra na entressafra. Somente a partir da entrada da safra nacional, que ocorre entre dezembro e janeiro, é que as importações começam a arrefecer.

A China, seguida por Argentina e Bolívia, são nossos principais fornecedores. O abastecimento interno de feijão preto, no 2º. semestre de 2008, originou-se quase que na sua totalidade de produto importado.

No caso do feijão preto, a Argentina exporta toda a sua produção, pois não existe consumo naquele país para essa cultivar. O Brasil se destaca como o principal importador do país portenho dessa variedade, seguido pela Venezuela.

Quanto ao feijão carioca, mundo afora, ninguém o produz. A produção é do tipo preto e algumas outras cores pouco conhecidas e consumidas no Brasil. Até mesmo feijões tidos como superiores, degustados nos melhores pratos internacionais, são desconhecidos para o paladar do brasileiro, embora muito se assemelhem aos feijões rajados, por exemplo.

Este ano, diferentemente dos anos anteriores, estima-se que as importações sejam menores. Isto porque o mercado está bem abastecido com o produto nacional, o qual está com preços bastante competitivos. Tanto que até o mês de abril de 2009 as importações totalizaram apenas 19,1 mil toneladas.

Tabela 12/I. Feijão - *Importação brasileira segundo os paises fornecedores - 2004-09*

	2004		2005		2006		2007		2008		2009[1]	
País	**(t)**	**US$ 1.000**	**(t)**	**US$ 1.000**	**(t)**	**US$ 1.000**	**(t)**	**US$ 1.000**	**(t)**	**US$ 1.000**	**(t)**	**US$ 1.000**
China	67	35	575	247	2.260	956	1	0	88.710	72.314	10.908	8.929
Argentina	59.568	21.209	83.338	38.163	49.508	19.598	77.722	41.622	85.157	100.507	3.397	3.188
Bolivia	18.843	3.567	16.089	4.348	17.445	4.744	17.674	10.031	26.288	30.287	3.677	1.944
Canadá	0	0	0	0	0	0	0	0	1.733	1.797	884	941
Estados Unidos	0	0	7	9	124	100	18	88	866	1.074	32	181
Outros países	36	33	82	57	98	57	156	116	2.190	2.233	263	304
Total mundial	**78.514**	**24.843**	**100.090**	**42.825**	**69.434**	**25.455**	**95.571**	**51.857**	**204.944**	**208.212**	**19.161**	**15.487**

[1]Até abril.
Fonte: MDIC/Secex.

Com relação ao balanço de oferta e demanda nacional, estima-se que este ano o Brasil precise importar menos feijão do que na safra passada, quando as importações alcançaram 209,7 mil toneladas. Este ano a perspectiva é que importemos cerca de 100 mil toneladas. Isto demonstra que o País está conseguindo alcançar uma certa auto-suficiência na sua produção, que só não foi maior por conta das adversidades climáticas ocorridas na safra 2008/09, resultando em um estoque final de 82,2 mil toneladas, inferior ao estoque da safra 2007/08, que atingiu 160 mil toneladas, praticamente o dobro (Tabela 13).

Tabela 13/I. *Feijão – Brasil - Balanço de oferta/demanda - Safras 2005/06 - 2008/09*

(mil t)

Discriminação	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09
Estoque inicial	92,9	176,2	81,4	160,0
Produção	3.471,2	3.339,7	3.520,9	3.524,2
Importação	69,8	96,0	209,7	100,0
Suprimento	3.663,9	3.611,9	3.812,0	3.784,2
Consumo	3.450,0	3.500,0	3.650,0	3.700,0
Exportação	7,7	30,5	2,0	2,0
Estoque final	176,2	81,4	160,0	82,2

Fonte: Conab (junho/09 - 9º Levantamento).

Ainda assm, a situação de auto-suficiência gera um certo conforto para os consumidores brasileiros, na medida em que a produção nacional, e não a dependência das importações, é que está sustentando o abastecimento interno do produto. E, por isso mesmo, os preços internos estão muito atraentes para os consumidores locais. O inverso pode ser dito sob o ponto de vista do produtor de feijão.

Este resultado foi alcançado em função de um estoque inicial maior, já que a produção permaneceu praticamente inalterada (aumento de 0,1%), o volume exportado é o mesmo do ano anterior (2 mil toneladas) e as importações na safra 2008/09 declinaram 52,3% em comparação com a temporada anterior.

O consumo, por sua vez, teve ligeiro aumento (1,4%). Apesar desse aumento, ainda existe uma queda constante no consumo per cápita brasileiro, que era cerca de 19 kg/hab/ano, em meados da década de 1990, caindo para 17 kg/hab/ano em 2003 (última informação disponível na FAO). Tal comportamento

se deve ao processo de urbanização que alterou os hábitos alimentares da população brasileira. O consumidor substituiu o tradicional arroz com feijão por massas e alimentos de preparo rápido. A maior participação da mulher no mercado de trabalho também colaborou, pois existe menos tempo para ela fazer pratos mais demorados, caso do feijão (Conab).

O consumo humano médio, no período 2005/2006 a 2008/09, no Brasil, está em torno de 3,6 milhões de toneladas. As importações permanecem na ordem de 118,9 mil toneladas anuais, sendo a maior parte de feijão-preto, de origem Argentina ou Chinesa.

Como o feijão é um produto com demanda já elevada, as variações de renda, sobretudo para cima, não chegam a refletir em aumentos significativos de consumo. O inverso, contudo, acontece. Ou seja, preços muito altos geram reduções no consumo de forma quase imediata, já que este é um produto consumido, em grande medida, pelas classes de menor poder aquisitivo. Segundo o IBGE, as quantidades adquiridas de feijão variam inversamente em relação aos rendimentos. Famílias com rendimentos mais elevados adquirem quantidade 30% menor.

E, mais especificamente, quando o preço do feijão está num patamar elevado, sobretudo as marcas mais conhecidas, o consumidor muda o perfil de consumo. Os de maior renda procuram produtos substitutos, principalmente as proteínas de origem animal, enquanto os de menor renda preferem adquirir marcas menos conhecidas e de qualidade inferior, a preços mais acessíveis, bem como outros produtos mais baratos. Esta reação do consumidor acaba causando uma redução nas compras das marcas líderes que, geralmente, ofertam feijão do tipo extra e, com isto, obrigam os embaladores a procurarem no mercado o produto do tipo comercial, que tem preço mais baixo.

O sistema de comercialização no mercado interno é variado, com predomínio de um reduzido grupo de atacadistas que concentra a distribuição da produção, onde a especulação é uma constante. A Bolsinha de São Paulo é o principal mercado atacadista do País. Na Tabela 14 e nos Figura 3 e 4, é possível visualizar os movimentos dos preços dos feijões preto e carioca, neste importante centro de distribuição, entre o ano de 2006 e abril de 2009.

Tabela 14/I. *Feijão preto - Preço médio mensal no atacado de São Paulo - 2006-09*

(R$/sc de 60kg)

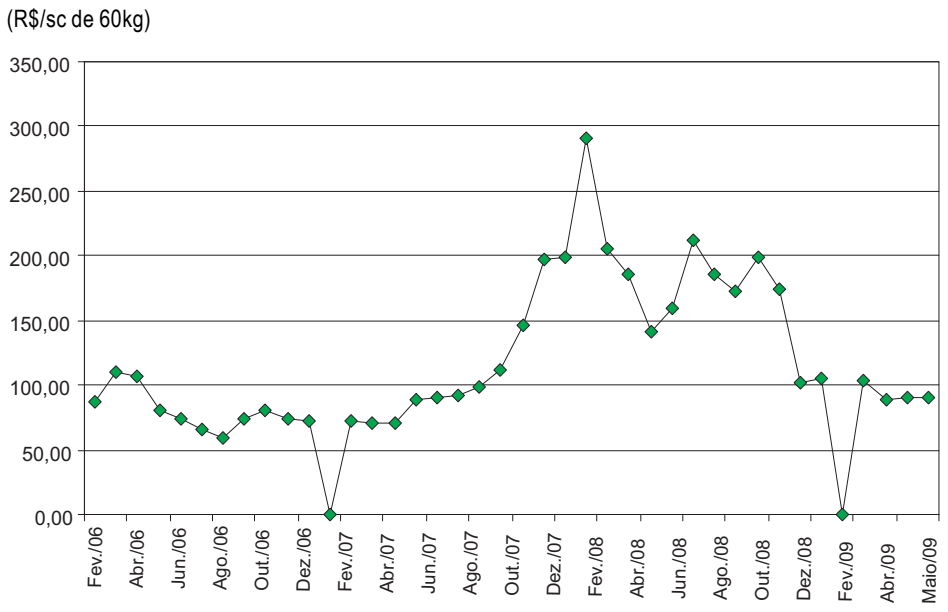
Mês	Preto (extra-novo)				Carioca (extra-novo)			
	2006	2007	2008	2009	2006	2007	2008	2009
Jan.	nd.	...	142,50	...	nd.	...	290,80	...
Fev.	86,10	51,00	144,20	124,67	86,90	73,00	205,10	103,33
Mar.	81,00	51,50	137,29	93,50	109,90	70,30	185,94	88,00
Abr.	67,60	50,10	126,47	90,67	107,40	71,40	141,18	89,67
Maio	62,40	50,70	158,13	83,00	81,10	88,00	158,75	90,00
Jun.	57,00	59,30	163,89		73,50	91,10	211,90	
Jul.	52,40	59,60	152,23		65,80	92,40	186,00	
Ago.	53,20	67,83	150,00		59,30	98,98	172,70	
Set.	55,00	78,20	175,68		74,00	112,03	199,00	
Out.	61,30	88,80	180,68		80,60	146,20	174,27	
Nov.	57,00	96,40	140,25		73,90	197,10	101,70	
Dez.	52,00	121,00	128,64		71,60	198,50	105,58	

Fonte: Bolsinha/SP.

No caso do feijão carioca extra-novo, a partir de setembro de 2007, iniciou-se um período de aumentos mais significativos de preços, quando os mesmos chegaram a valores de três dígitos – maiores patamares dos últimos anos. Isto porque a terceira safra daquele ano foi menor e também porque houve atraso na colheita da safra 2007/2008 e, assim, a oferta, principalmente do produto de padrão mais elevado, esteve bastante restrita, refletindo nestes preços recordes.

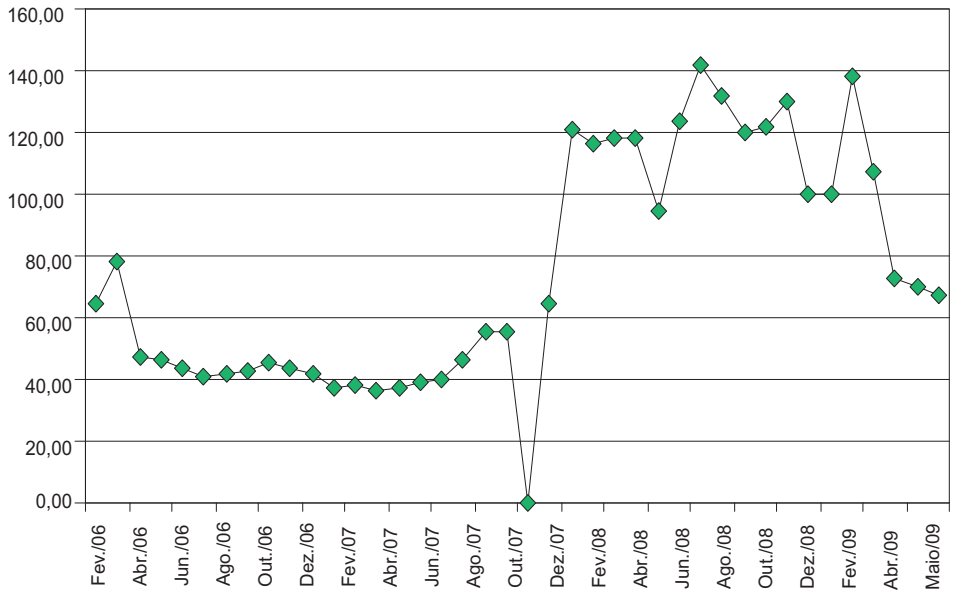
Em 2008, o mercado de feijão se comportou como uma "montanha russa" com os preços influenciados pela variação da oferta no mercado interno. O menor volume produzido na primeira safra 2007/08 fez com que os preços aumentassem até 117%, permanecendo elevados ao longo de toda a temporada.

Na maior parte daquele ano os preços estiveram bastante elevados, sendo que o teto ocorreu em Janeiro, quando a saca de 60kg alcançou o patamar de R$ 290,80. Os bons preços no atacado acabaram



Fonte: CMA (Bolsinha/SP).

Figura 3/I. *Feijão carioca - Evolução dos preços no atacado de São Paulo - Fev/06 a mai/09*



Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 4/I. *Feijão preto - Evolução dos preços ao produtor - Chapecó-SC - Fev/06 a mai/09*

estimulando o produtor de feijão a aumentar a área semeada com a cultura na primeira safra 2008/09. Contudo, a partir de outubro de 2008, quando a decisão de plantar já havia sido tomada, os preços iniciaram uma queda acentuada, alcançando em maio/2009 R$ 90,00 a saca de 60kg (preço médio), uma redução de 43,31% em relação a maio/2008. Ainda assim, vale lembrar que as cotações em 2008 foram bastante superiores às praticadas em 2007 (Tabela 14, Figura 4).

Esta queda de preços ocorrida a partir de outubro é incomum, porque este é um mês tipicamente de entressafra (a qual se estende até dezembro) e sazonalmente de preços mais elevados. Os preços ficaram abaixo das cotações de março/08, que é o período que marca o pico da colheita da primeira safra. As razões que levaram a tal comportamento têm como origem um acréscimo expressivo na oferta aliado a uma demanda reduzida (por já estar abastecida) e a postura dos compradores de pressionar as cotações diante da possibilidade de um aumento significativo da produção da safra 2008/09.

Atualmente a saca está sendo cotada entre R$ 87,00 e R$ 90,00 (1ª. semana de junho/09) por saca do tipo carioca o que corresponde a uma desvalorização de 31% no ano, no atacado. Em 12 meses a queda de preços é ainda maior, cerca de 40%. O cenário é o mesmo quando se analisa os preços pagos ao produtor.

Como não existe um mercado parâmetro para servir de balizador de preços para o feijão – e tampouco controle sobre os fluxos reais de comercialização e origem do que se comercializa – a especulação por parte dos compradores e vendedores, é uma realidade constante.

No mercado do feijão preto, as oscilações de preço foram menos intensas do que no mercado do feijão carioca. No atacado de São Paulo, ao longo de 2008, os preços (médios) do feijão preto extra-novo variaram entre R$126,47 (abril/08) e R$180,68 (outubro/08). Esta queda de menor intensidade se deve ao fato de que no segundo semestre (entressafra) o produto que abastece o mercado brasileiro é oriundo de importações e, como as mesmas são contratadas tendo por base um determinado preço em dólar, as cotações no mercado interno não podem ficar muito abaixo dos preços de importação.

Contudo, a partir de novembro de 2008 os preços não pararam de cair. Isto porque houve uma queda na demanda em função dos preços estarem superiores ao do tipo carioca. Desde então, as cotações já caíram cerca de 40,8%, sendo que em maio/09 (último preço médio disponível) a saca de 60kg estava cotada, em média, a R$ 83,00 (Tabela 14 e Figura 3). No ano a queda de preços do tipo foi mais severa e já alcança 49%, considerando o preço atual de R$ 85,00 (3ª. semana de junho/09).

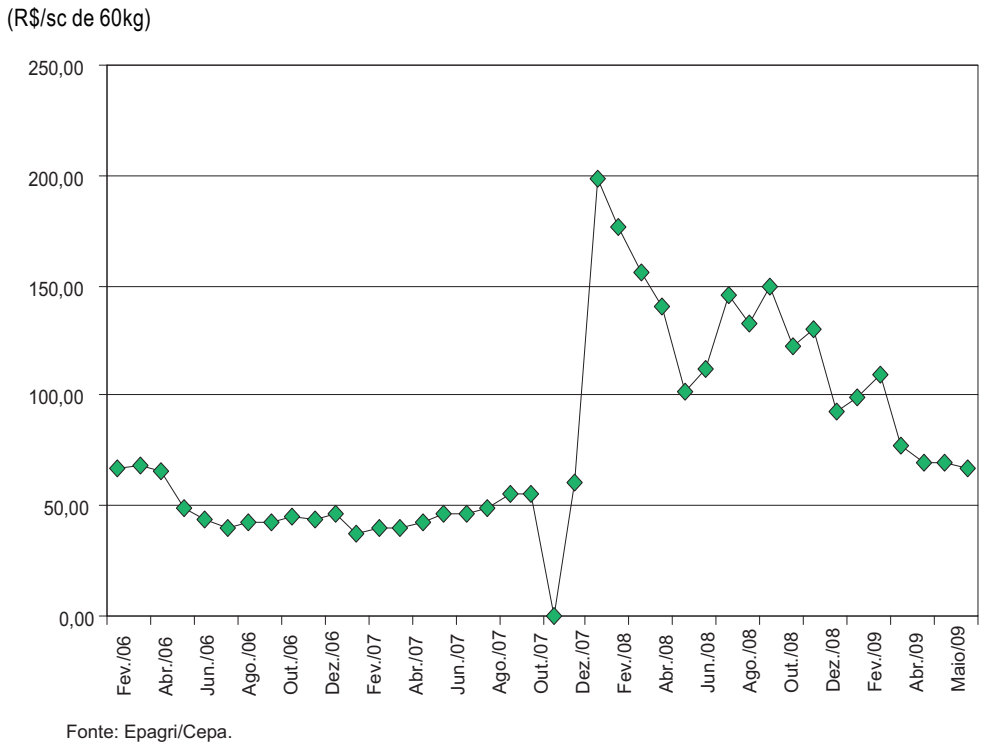
Acredita-se que, com a chegada do inverno no Sul do Brasil, a demanda pelo produto aumente, o que acontece normalmente com a chegada do frio, ajudando a enxugar a oferta do mercado atual. Para os analistas do CMA, contudo, além deste fato, no curto prazo, não existe qualquer alteração de mercado que seja passível de elevar os preços.

Com relação aos preços ao produtor, em Santa Catarina (tomando-se por base os preços praticados em Chapecó), o movimento acompanhou o que aconteceu no mercado atacadista. O ano de 2008 foi marcado por ótimos preços, na casa dos três dígitos, com exceção apenas do mês de abril quando a saca de 60 kg foi cotada, em média, a R$ 94,37 (Tabela 15 e Figura 5). Nos demais meses os preços oscilaram entre R$ 116,67 (em janeiro/08) a R$ 142,22 (em Junho/08). Por isso, os produtores resolveram investir, aumentando a área plantada da cultura e, consequentemente, a produção.

Tabela 15/I. *Feijão-preto - Chapecó/SC - Preço médio mensal - 2006-09*

Mês	Preto (saco 60kg)				Carioca (saco 60kg)			
	2006	2007	2008	2009	2006	2007	2008	2009
Jan.	...	37,67	116,67	138,00	...	37,4	176,67	109,50
Fev.	65,00	38,00	118,00	107,19	67,35	40,18	156,22	77,19
Mar.	78,37	36,17	118,60	72,95	67,73	40,56	139,97	70,00
Abr.	47,47	37,00	94,37	70,00	66,04	42,73	101,70	70,00
Maio	46,00	38,67	123,29	67,45	48,92	46,00	111,76	67,45
Jun.	43,55	40,00	142,22		43,60	46,00	145,56	
Jul.	40,48	46,25	132,17		40,48	49,10	132,17	
Ago.	42,00	55,00	120,00		42,00	55,00	150,00	
Set.	42,95	55,00	122,25		42,95	55,00	122,25	
Out.	45,00	...	130,00		45,00	...	130,00	
Nov.	43,67	65,00	100,00		43,67	60,00	92,22	
Dez.	41,57	121,00	100,00		46,36	198,50	99,00	

Fonte: Epagri/Cepa.



Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 5/I. *Feijão-carioca - Evolução dos preços pagos ao produtor - Chapecó/SC - Fev/06-mai/09*

Contudo, a partir de novembro de 2008, quando a decisão de plantar já havia sido tomada e a primeira safra já estava em desenvolvimento vegetativo, na maior parte das regiões produtoras do Estado, os preços iniciaram uma queda significativa, alcançando em maio/2009, R$ 67,45 a saca de 60 kg (preço médio), ou seja, o preço no mercado ficou abaixo do preço mínimo estipulado pelo Governo Federal para esta temporada, que é de R$ 80,00 por saca de 60kg.

O mesmo comportamento teve o feijão carioca, que em nov/07 estava custando R$ 60,00/saco de 60kg passando para R$ 198,50 no mês seguinte: 230,8% em um único mês. Durante o ano de 2008 os produtores receberam pela saca de feijão, em média, de R$ 101,70 (em abril) até R$ 176,67 (em janeiro). Somente a partir de novembro/08 é que os preços saíram da casa dos três dígitos, passando a R$ 92,22 naquele mês. Em maio/09, último mês com informação disponível, o produto passou a ser cotado a R$ 67,45 a saca.

Por essa razão, aqueles produtores que têm capacidade de armazenar o produto estão fazendo estoques, aguardando uma eventual elevação nos preços, o que costuma acontecer sazonalmente em função de um aumento na demanda com a chegada do frio. Embora os meses de maio e junho concentrem boa parte do volume de colheita e comercialização da safrinha brasileira, quando sazonalmente os preços tendem a entrar em declínio, os produtores estão adotando a estratégia.

Do lado do consumidor, segundo o Dieese, após ter sido considerado um dos vilões da inflação no final de 2007, o feijão, atualmente, está entre os itens da cesta básica cujos preços declinaram, na comparação com o mesmo período do ano anterior. Das 17 capitais onde os preços são levantados, o feijão barateou em 16 delas. As cidades onde a leguminosa ficou mais barata foram: Vitória (-13,45%), Aracaju (-12,70%), Florianópolis (-11,07%) e Rio de Janeiro (-10,35%).

A forte elevação dos preços no ano passado foi conseqüência de uma produção e subsequente oferta menores. Em 2009, entretanto, a colheita tem sido excepcional o que tem trazido uma grande oferta, e isso vem reduzindo substancialmente o preço do produto.

De forma resumida, nesta safra 2008/09, o desempenho dos preços (atacado e produtor) foi o inverso do que ocorreu na safra anterior (2007/08), quando os preços foram muito bons e o produto de boa qualidade ficou escasso, obrigando as empresas a importarem mais. Como consequência, nesta safra os produtores de feijão resolveram investir mais na cultura, aumentando a área semeada. Apesar das perdas causadas pelas enchentes do final de 2008 (out/nov) e da estiagem de dez/08 e de outra estiagem no período de março a maio/09, os preços não recuperaram os níveis praticados no ano de 2008, sobretudo na época do plantio, por volta de meados do ano.

Tal comportamento é cíclico na cultura do feijão no Brasil, quer dizer, a safra futura acontece sempre em função dos preços da safra anterior e estes refletem basicamente as oscilações entre oferta e demanda internas (não há interferência do mercado internacional). Ou seja, preços bons em determinado ano geram aumento de produção no seguinte com consequente queda de preços, provocando no ano seguinte uma subseqüente diminuição na área plantada, que acaba reduzindo a disponibilidade do produto, e assim sucessivamente.

O feijão, especificamente, é um produto suscetível à oferta. Se houver uma elevação significativa na produção, os preços caem rapidamente. Além disso, pela característica do produto brasileiro, o mercado internacional não o procura, elevando assim os estoques finais do grão, o que, mais uma vez, gera queda nos preços.

Atualmente as únicas alternativas que podem mudar esse comportamento inerente à cultura são: as intervenções do governo no mercado e as intempéries climáticas que podem prejudicar ou favorecer a produtividade da cultura.

Por tudo isso, as ações do governo têm sido mais frequentes e tornam-se fundamentais no momento atual, na medida em que podem evitar uma queda ainda maior nos preços pagos aos produtores de feijão para ambos os tipos. Se não fossem essas intervenções – ainda que abaixo do preço mínimo oficial - o mercado estaria sem referência e, em função do excesso de oferta, os produtores possivelmente estariam recebendo até R$ 40,00 por saca. As cotações atuais variam entre R$ 55,00 e R$ 65,00 a saca de 60kg.

As intervenções governamentais na Safra 2008/09 foram iniciadas em dezembro/08 e estão sendo realizadas por meio de liberação de recursos para Aquisições do Governo Federal (AGF), leilões de Prêmio para Escoamento de Produto (PEP) e Prêmio Equalizador pago ao Produtor Rural (Pepro). Ainda assim os preços não têm reagido positivamente, e até mesmo os leilões PEP, que inicialmente tinham uma boa demanda, estão com procura aquém do esperado, o que caracteriza um mercado já abastecido.

Uma boa notícia é que a produtividade do feijão preto na Argentina foi afetada pela estiagem, o que pode diminuir a oferta oriunda dos portenhos, reduzindo um pouco mais a oferta do produto, já que a estiagem também atingiu a Região Sul do Brasil, onde houve queda na produção (nesta região são produzidos 85% do feijão preto brasileiro). Em Santa Catarina a queda na segunda safra deve ficar em torno de 18%.

Perspectivas para a próxima safra

Atualmente a preocupação do produtor está concentrada na decisão de quanto plantar e se compensará dedicar um único pivô para colocar feijão. Como toda safra de feijão, essa terceira safra será uma nova aposta e, com o atual movimento negativo de preços, a tendência é de que ocorra uma diminuição na área da terceira safra nesta temporada, estimada pelo IBGE em 9%.

Em Santa Catarina não existe a terceira safra. O plantio se concentra na variedade carioca irrigado. E, segundo analistas do CMA, no atual momento os produtores não estão unânimes quanto à rentabilidade para a cultura, tendo em vista os atuais patamares de preços. Alguns produtores acreditam que devam plantar um pouco mais tarde, quando supostamente o preço estará melhor, em função da menor oferta do produto, já que a terceira safra é responsável por apenas 25% da produção total no Brasil. Assim, entre outubro e dezembro os preços tendem a aumentar.

E, como consequência, para a Safra das Águas de 2009/10 (ou primeira safra), a qual deverá ser semeada a partir de agosto, as primeiras estimativas do IBGE indicam uma estabilidade na área plantada no Brasil. Para compensar, o produtor deve optar por melhoria no manejo e produtividade da cultura como forma de maximizar sua eficiência e reduzir custos de produção.

Além disso, os efeitos da crise financeira internacional, iniciada no final do terceiro trimestre de 2008, ainda persistem, reduzindo consideravelmente o crédito. Com a disponibilidade de recursos próprios em queda e com a significativa redução do crédito oferecido pelas *tradings,* o financiamento da próxima safra (2009/10) vai passar, necessariamente, por uma maior alocação de recursos do crédito rural oficial. Assim, além dos riscos inerentes à atividade agrícola, o produtor precisa planejar com muita cautela seu investimento, pois o cenário macroeconômico internacional ainda está longe de atingir uma recuperação, o que conduz a uma oscilação no câmbio e nos preços agrícolas.

Márcia Janice Freitas da Cunha Varaschin
Economista - Epagri/Cepa
marciacunha@epagri.sc.gov.br

Fumo[1]

Produção e comércio mundiais

Os dados da FAO, que trazem a produção mundial de fumo segundo os principais países produtores, no período 2004-07, estão na Tabela 1. É possível constatar que ao longo desse período, tanto a área plantada como a produção tem oscilado, ora aumentando, ora diminuindo. Os dados disponíveis da última safra (2007) indicam uma queda insignificante, ou seja, apenas 21,2 mil hectares, o que acarretou em 289 mil toneladas a menos no mercado mundial de fumo.

Tabela 1/I. *Fumo - Área colhida e produção - Principais países produtores - 2004-07*

País	2004		2005		2006		2007	
	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)
China	1.267.796	2.411.490	1.364.500	2.685.743	1.376.100	2.746.193	1.401.200	2.397.200
Brasil	462.265	921.281	493.761	889.426	495.706	900.381	461.482	919.393
Índia	369.700	549.900	366.500	549.100	372.800	552.200	380.000	555.000
Estados Unidos	165.130	400.060	120.610	290.170	137.188	329.918	144.068	353.177
Indonésia	200.973	165.108	198.212	153.470	215.012	177.895	215.000	180.000
Argentina	66.000	118.000	90.000	163.528	90.000	165.000	92.000	170.000
Paquistão	45.600	86.200	50.500	100.500	56.400	112.600	62.000	126.000
Malawi	151.935	110.000	150.000	110.000	155.000	115.000	155.000	118.000
Itália	33.760	117.882	34.372	115.983	36.000	110.000	35.000	100.000
Turquia	192.710	133.913	185.342	135.247	146.166	98.137	146.000	98.000
Subtotal	2.955.869	5.013.834	3.053.797	5.193.167	3.080.372	5.307.324	3.091.750	5.016.770
Outros países	931.954	1.495.146	896.614	1.505.832	825.997	1.308.100	835.818	1.309.482
Total mundial	**3.887.823**	**6.508.980**	**3.950.411**	**6.698.999**	**3.906.369**	**6.615.424**	**3.927.568**	**6.326.252**

Nota: Fumo não manufaturado.
Fonte: Faostat, FAO Statistics Division 2009, 3 June 2009.

Os dez maiores produtores de fumo respondem por cerca de 80% da produção mundial. A China sozinha é responsável por quase 38% desta produção. O Brasil destaca-se como o segundo maior produtor mundial de fumo, com 461 mil hectares plantados, os quais produziram 919 mil toneladas. A produção mundial alcançou 6.326 mil toneladas em 2007.

A produção brasileira está crescendo nos últimos anos. A principal razão para este comportamento é o preço do produto, que tem sido bom, como será visto mais adiante. Desse modo, o País aproveita a redução da produção mundial e toma uma parcela maior do mercado, cuja demanda é ascendente por meio de suas exportações.

Por isso o Brasil se destaca como o maior exportador mundial de fumo, conforme dados da FAO, apresentados na Tabela 2. Em 2006 exportamos 566 mil toneladas (ou US$ 1.694 milhões) de um total de 2.434 mil toneladas (ou US$ 7.937 milhões) no mundo todo. Os Estados Unidos são o segundo maior exportador, com 180 mil toneladas (ou US$ 1.141 milhões), seguidos pela Alemanha, com 158,3 mil toneladas (ou US$ 665 milhões). Nos dois últimos anos não houve praticamente alteração na quantidade de fumo exportada no mundo. Em termos de valor, contudo, houve um crescimento por conta do aumento nos preços.

[1] Para este artigo, além de informações da autora, foram utilizadas as seguintes fontes:
Epagri-Cepa. Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina – 2006-2007 e 2007-2008.
IBGE – Levantamento Sistemático da Produção Agrícola – Dezembro/08 e Março/09.
www.fao.org
www.usda.gov
www.afubra.com.br
Jornais diversos e internet.

Tabela 2/I. *Fumo - Principais países exportadores - 2003-06*

País	2003		2004		2005		2006	
	(t)	US$ 1000	(t)	US$ 1000	(t)	US$ 1000	(t)	US$ 1000
Brasil	465.981	1.052.465	579.365	1.380.461	616.467	1.660.493	566.027	1.694.175
Estados Unidos	156.894	1.040.378	165.781	1.054.873	152.978	987.314	180.064	1.141.041
Índia	120.637	172.143	135.383	207.021	142.702	231.663	158.254	276.282
Malawi	102.980	288.807	93.296	257.791	115.688	319.989	156.684	431.713
China	183.701	231.016	184.661	265.678	167.822	270.894	149.454	290.547
Turquia	113.711	328.976	114.774	399.804	134.276	468.260	112.307	459.745
Argentina	78.437	151.069	91.007	184.125	96.631	211.830	100.942	238.388
Itália	120.883	293.493	116.348	267.986	105.568	251.394	95.477	225.368
Alemanha	50.585	185.005	80.202	320.821	90.462	360.423	95.271	381.266
Grécia	80.831	309.899	76.544	282.288	94.165	371.536	86.324	303.038
Subtotal	1.474.640	4.053.251	1.637.361	4.620.848	1.716.759	5.133.796	1.700.804	5.441.563
Outros países	706.407	1.912.951	843.399	2.290.889	717.271	2.018.244	733.206	2.495.811
Total mundial	**2.181.047**	**5.966.202**	**2.480.760**	**6.911.737**	**2.434.030**	**7.152.040**	**2.434.010**	**7.937.374**

Nota: Fumo não manufaturado.
Fonte: Faostat, FAO Statistics Division 2009, 3 June 2009.

Os principais importadores de fumo no mundo, em ordem de importância, em 2006, foram: Rússia, Alemanha e Estados Unidos, com importações de 271,8 mil toneladas, 249,3 mil toneladas e 234,3 mil toneladas, respectivamente (Tabela 3).

Tabela 3/I. *Fumo - Principais países importadores - 2003-06*

País	2003		2004		2005		2006	
	(t)	US$ 1000	(t)	US$ 1000	(t)	US$ 1000	(t)	US$ 1000
Rússia	280.721	590.992	272.974	606.014	291.683	687.638	271.841	679.485
Alemanha	195.289	897.798	240.917	1.022.346	248.771	1.077.509	249.267	1.035.488
Estados Unidos	261.107	727.788	257.522	730.207	224.070	651.597	234.263	714.191
Países Baixos	109.700	458.704	169.350	603.725	171.777	723.482	168.544	721.169
França	75.106	126.303	137.727	258.147	152.598	285.957	126.254	228.745
China	64.335	306.281	50.225	259.251	76.148	359.843	93.038	456.503
Zimbabué	4.064	11.432	25.230	59.890	24.660	66.499	91.191	308.689
Polônia	19.248	57.458	46.620	154.581	59.833	187.550	75.221	244.755
Ucrânia	66.308	154.043	75.169	204.171	76.883	230.507	74.408	236.258
Reino Unido	78.955	273.242	84.337	295.608	75.998	278.681	71.636	281.452
Subtotal	1.154.833	3.604.041	1.360.071	4.193.940	1.402.421	4.549.263	1.455.663	4.906.735
Outros países	1.061.996	3.654.742	1.184.944	4.106.159	1.060.991	3.603.332	1.065.908	3.703.758
Total mundial	**2.216.829**	**7.258.783**	**2.545.015**	**8.300.099**	**2.463.412**	**8.152.595**	**2.521.571**	**8.610.493**

Nota: Fumo não manufaturado.
Fonte: Faostat, FAO Statistics Division 2009, 3 June 2009.

Produção e Comércio Brasileiros

O comparativo das dez últimas safras de fumo no Brasil, segundo o IBGE e a Afubra, está na Tabela 4. A maior produção aconteceu em 2004 (921,3 mil toneladas) enquanto a menor se deu em 2001 (568,5 mil toneladas). De 2005 a 2007, o País aumentou sua produção de forma sucessiva. Contudo, nas duas últimas safras (2007/08 e 2008/09) houve queda de produção.

Na safra 2008/09, particularmente, embora a área plantada tenha crescido 7,4% em comparação com a safra 2007/08,

Tabela 4/I. *Fumo - Comparativo das safras - Brasil - 1999/00 - 2008/09*

Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
1999/00	310.633	579.727	1.866
2000/01	305.676	568.505	1.860
2001/02	344.798	670.309	1.944
2002/03	392.925	656.200	1.670
2003/04	462.391	921.281	1.992
2004/05	494.318	889.426	1.799
2005/06	499.485	905.352	1.813
2006/07[1]	460.211	912.787	1.983
2007/08[2]	382.370	747.680	1.955
2008/09[2]	410.580	735.730	1.792

[1]Dados sujeitos a alterações.
[2]Dados preliminares.
Fonte: IBGE e Afubra.

a principal razão da queda na produção foram as condições climáticas adversas (estiagem e enchentes em períodos e regiões alternadas) que acabaram prejudicando o rendimento da lavoura que caiu para 1.792 kg/ha, ou seja, uma redução de 8% em relação ao rendimento da safra anterior (1.955 kg/ha).

Segundo a Afubra, na última safra (2008/09), existiam no Brasil cerca de 224.010 produtores de fumo, sendo que 83% deles estão na Região Sul e, mais especificamente, 42% no Rio Grande do Sul, 25% em Santa Catarina e 16% no Paraná (Tabela 5).

Tabela 5/I. *Número de fumicultores - Brasil - Safras 2003/04 - 2008/09*

Estado/Região	2003/04	2004/05	2006/07	2007/08	2008/09
Paraná	34.240	38.510	35.630	34.110	35.110
Santa Catarina	59.850	61.790	54.760	55.120	56.790
Rio Grande do Sul	96.180	97.740	90.920	91.290	95.150
Região Sul	190.270	198.040	181.310	180.520	187.050
Outros estados	36.380	38.830	36.460	36.850	36.960
Brasil	**226.650**	**236.870**	**217.770**	**217.370**	**224.010**

Fonte: Afubra.

Durante dois anos recentes (2007 e 2008) o número de fumicultores caiu no País, em função da política do governo que visa desestimular a atividade, incentivando os produtores a trocar o plantio de fumo pelo de feijão, por exemplo.

Apesar de toda essa campanha contra o tabagismo que também afeta a própria atividade da fumicultura, em 2009 foram incorporados à atividade mais 6.640 produtores (em contraste com o ano anterior), sendo que a maior parte deles encontra-se no Rio Grande do Sul (3.860 novos fumicultores). De todo modo, este número encontra-se ainda bem abaixo dos 396.080 fumicultores existentes em 2005.

A fumicultura é uma atividade cuja importância social é irrefutável. Isto porque, através de uma análise mais ampla sobre a cadeia produtiva do tabaco, no Brasil verifica-se que, segundo informações da Afubra, ela envolve cerca de 2,4 milhões de pessoas. Entre elas estão as fábricas (de agroquímicos, materiais de construção, máquinas e implementos), transportadores, postos de distribuição, usinas de processamento, exportadores, fábricas de cigarros, varejistas, além dos próprios fumicultores.

A Afubra informa também que, além dos empregos diretos (lavoura e indústria) que incorporam 960.000 pessoas, os indiretos totalizam mais 1.440.000 pessoas. Deve-se considerar além disso que 57,9% da produção de fumo no Sul do Brasil é conduzida por famílias com área plantada inferior a 10 hectares, conforme pode ser visto na Tabela 6. Apenas 1,1% são grandes produtores, aqui considerados aqueles que possuem áreas superiores a 50 hectares.

Tabela 6/I. *Fumo - Distribuição fundiária dos produtores - Região Sul - Brasil - Safra 2007/08*

Hectare	Nº famílias	%
Até 1	39.050	21,6
de 1 a 10	65.517	36,3
de 11 a 20	47.968	26,6
de 21 a 30	18.628	10,3
de 31 a 50	7.282	4,0
mais de 50	2.075	1,1
Total	**180.520**	**100,0**

Fonte: Afubra.

Os estados produtores de fumo no Brasil estão na Tabela 7. Segundo o IBGE o Sul do País responde por 97% da produção brasileira, com base na produção da última safra (2008/09). O Rio Grande do Sul é o maior produtor brasileiro, seguido de Santa Catarina. Dos três estados do Sul, o Rio Grande do Sul detém 42,6% da produção brasileira, Santa Catarina 27,6% e o Paraná 16,8%.

Nesses três estados a produção de fumo é realizada em regime de integração com a indústria e, assim, o dimensionamento do plantio se dá de acordo com as necessidades internas e de exportação do produto.

Os dados da Afubra para a produção na Região Sul do Brasil estão na Tabela 8. No Rio Grande do Sul, na temporada 2008/09, a área plantada foi de 182,1 mil hectares, enquanto na safra anterior foi de 168,9 mil, o que representa um aumento de 7,8%. Contudo, a produção decresceu: era 357,8 mil toneladas em 2007/08 e caiu para 346,4 mil toneladas em 2008/09, uma queda de 3,2%. Este número resulta de uma queda de 10,2% na produtividade, que passou de 2.118 kg/ha para 1.903 kg/ha (Tabela 7).

Tabela 7/I. *Fumo - Comparativo de área, produção e rendimento - Estados brasileiros/regiões - Safras 2005/06 a 2008/09*

Estado/Região	Área plantada (ha)				Produção (t)				Rendimento (kg/ha)			
	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09[1]	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09[1]	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09[1]
Rio Grande do Sul	243.249	231.110	216.196	220.947	472.720	478.807	445.568	441.880	1.943	2.072	2.061	2.000
Santa Catarina	138.712	121.969	116.268	125.350	244.011	249.013	230.627	231.897	1.759	2.042	1.984	1.850
Paraná	85.247	78.636	73.543	75.193	155.201	156.644	148.051	140.792	1.821	1.992	2.013	1.872
Região Sul	**467.208**	**431.715**	**406.007**	**421.490**	**871.932**	**884.464**	**824.246**	**814.569**	**1.866**	**2.049**	**2.030**	**1.933**
Alagoas	16.770	14.000	14.000	13.500	17.411	14.000	14.000	14.175	1.038	1.000	1.000	1.050
Bahia	12.437	11.413	8.845	8.192	12.512	10.722	8.662	8.356	1.006	939	979	1.020
Sergipe	2.211	2.124	1.975	1.800	2.868	2.731	2.534	2.340	1.297	1.286	1.283	1.300
Paraíba	396	473	556	569	312	400	504	472	788	846	906	830
Ceará	213	236	250	278	207	296	313	360	972	1.254	1.252	1.295
Região Nordeste	**32.027**	**28.246**	**25.626**	**24.339**	**33.310**	**28.149**	**26.013**	**25.703**	**1.040**	**997**	**1.015**	**1.056**
São Paulo	250	250	258	258	110	174	177	188	440	696	686	729
Região Sudeste	**250**	**250**	**258**	**258**	**110**	**174**	**177**	**188**	**440**	**696**	**686**	**729**
Brasil	**499.485**	**460.211**	**431.891**	**446.087**	**905.352**	**912.787**	**850.436**	**840.460**	**1.813**	**1.983**	**1.969**	**1.884**

[1]Dados sujeitos a alterações.
Fonte: IBGE (LSPA Abril/2009).

No Paraná houve um aumento de 7,9% na área plantada, que aumentou de 63,6 mil hectares em 2007/08 para 68,6 mil hectares em 2008/09. A produção, entretanto, caiu 0,4%. Em 2007/08 o estado produziu 125,4 mil toneladas e em 2008/09 alcançou 124,9 mil toneladas. Assim como aconteceu no Rio Grande do Sul, no Paraná a queda da produtividade, da ordem de 7,7% foi a responsável por este resultado, fazendo com que os produtores, na última temporada, colhessem 151kg a menos do produto por cada hectare.

Em Santa Catarina a área plantada foi 7,8% maior, ou seja, aumentou de 116,3 mil hectares em 2007/08 para 125,4 mil hectares em 2008/09. A produção, por sua vez, ficou praticamente inalterada. A produtividade, em compensação, caiu de 1.984 kg/ha para 1.839 kg/ha, uma redução de 7,3% (Tabelas 8 e 9).

Tabela 8/I. *Fumo - Comparativo de área, produção e rendimento - Região Sul do Brasil - Safras 2005/06 - 2008/09*

Estado/Região	Área plantada (ha)				Produção (t)				Rendimento (kg/ha)			
	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09[1]	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09[1]	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09[1]
Rio Grande do Sul	204.030	175.510	168.920	182.050	388.570	377.510	357.830	346.440	1.904	1.850	2.118	1.903
Santa Catarina	138.360	121.930	116.250	125.350	243.380	248.960	230.630	230.570	1.759	1.799	1.984	1.839
Paraná	75.030	63.470	63.550	68.560	137.710	132.190	125.410	124.910	1.835	1.762	1.973	1.822
Região Sul	**417.420**	**360.910**	**348.720**	**375.960**	**769.660**	**758.660**	**713.870**	**701.920**	**1.844**	**1.817**	**2.047**	**1.867**

[1]Dados preliminares da Afubra
Fonte: Afubra.

Tabela 9/I. *Fumo - Comparativo de área, produção e rendimento - Santa Catarina - Safras 1999/00 - 2008/09*

Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
1999/00	96.117	188.327	1.959
2000/01	93.678	178.207	1.902
2001/02	112.067	223.382	1.993
2002/03	120.899	213.339	1.765
2003/04	143.112	284.825	1.990
2004/05	145.806	280.045	1.921
2005/06	138.714	244.011	1.759
2006/07	151.351	284.300	1.878
2007/08[1]	116.250	230.630	1.984
2008/09[2]	125.350	230.570	1.839

[1]Dados preliminares.
[2]Estimativa
Fonte: IBGE e Afubra.

Os resultados negativos na produtividade nos três estados do Sul decorrem de condições meteorológicas adversas verificadas na região, que passou por alguns períodos de estiagem, bem como de chuvas em excesso.

A maior parte da produção brasileira de fumo tem como destino o mercado internacional, como pode ser verificado na Tabela 10. Nos últimos dez anos, o Brasil exportou entre 60,9% e 92,5% de tudo que produziu para o mercado mundial. Em 2008 exportou-se 691,6 mil toneladas de um total de 747,7 mil toneladas produzidas. Em 2009 a produção está estimada em 735,3 mil toneladas, enquanto as exportações até o mês de abril totalizaram 130,4 mil toneladas.

Tabela 10/I. *Fumo - Quantidade produzida e exportada - Brasil - 2000-09*

Ano	Produção (t)	Exportação (t)	(%) Exp./Prod.
2000	579.727	353.022	60,9
2001	568.505	443.846	78,1
2002	670.309	474.472	70,8
2003	656.200	477.550	72,8
2004	921.281	592.844	64,4
2005	889.426	629.629	70,8
2006	905.352	581.380	64,2
2007	912.787	710.154	77,8
2008	747.680	691.608	92,5
2009(1)	735.730	130.406	17,7
Média(2)	**758.700**	**550.501**	**72,6**

(1)Dado de produção sujeito a alterações e dado de exportação até o mês de abril/2009.
(2)A média das exportações não considera o ano de 2009, pois o mesmo só possui dados até abril.
Fonte: IBGE, Afubra e MDIC/Secex.

É importante lembrar que o fumo brasileiro, apesar de ser o de melhor qualidade em nível mundial, é o que tem o menor preço naquele mercado. E, com a valorização do real frente ao dólar, a rentabilidade das exportações tem diminuído, o que acaba gerando dificuldades na negociação entre as indústrias fumageiras e as entidades que representam os produtores. Ainda assim, como será visto mais adiante, os preços pagos na última safra aos produtores foram bons.

Produção Catarinense e Comercialização

Com base nos resultados da safra 2008/09, as regiões que concentram no Estado a produção de fumo são: o Norte (26,4% da produção estadual), o Sul (26,3%), o Vale do Itajaí (24,9%) e o Oeste (18,2%). As maiores produtividades, conforme dados da Tabela 11, encontram-se nas seguintes regiões: Norte (2.024 kg/ha), Serrana (1.991 kg/ha) e Sul (1.752 kg/ha).

Nesta última temporada houve uma queda na produtividade obtida em função dos períodos de estiagem e enchente ocorridos ao longo da safra. As chuvas excessivas prejudicaram a aplicação de adubos e defensivos e, em diversos casos, as lavouras pereceram porque o solo acabou ficando encharcado e com isso as raízes das plantas apodreceram.

Contudo, as perdas que inicialmente acreditava-se que ficariam entre 10 e 15%, principalmente por conta das enchentes ocorridas em novembro/08 no Vale do Itajaí e Litoral Sul, acabaram sendo bem menores. Isto porque os produtores resolveram aplicar doses extras de adubo de cobertura quando a chuva cessou e, como o fumo é uma cultura que pode se recuperar mais facilmente, as perdas acabaram ficando em apenas 7,3%, em comparação com a produtividade do ano anterior (2007/08), conforme dados da Tabela 9.

A microrregião de Canoinhas é historicamente a maior produtora catarinense de fumo, detendo cerca de 25,5% de tudo que é produzido. Na sequência estão as microrregiões de Rio do Sul (15,2% do total) e Araranguá (13,5%).

As Tabelas 12 e 13 trazem os preços médios recebidos pelos produtores de fumo, nos três estados do sul do Brasil nas dez últimas safras. A Tabela 12 traz os preços para a região como um todo, segundo as variedades de fumo. Percebe-se um aumento de 12,3% em média no preço do produto na última safra em relação à safra 2007/08. A variedade Burley foi a única que teve reajuste de preço negativo: -1,9%; em contrapartida, o tipo Virginia aumentou 14,8%. Foi o segundo maior aumento na última década, ficando atrás apenas do reajuste ocorrido entre as safras 2001/02 e 2002/03, que chegou a 38,6%.

Vale lembrar que essas observações estão sendo feitas em relação ao preço em reais, que é a moeda que os produtores acabam recebendo. Se fizermos a mesma análise considerando o dólar, este ano foi ruim em termos de reajuste médio de preços para o fumo do sul brasileiro (17,8% a menos do que o preço da safra anterior).

Tabela 11/I. *Fumo - Comparativo de área, produção e rendimento - Santa Catarina/Micro e mesorregiões - Safras 2005/06 - 2008/09*

Micro/Mesorregião	Área plantada (ha)				Produção (t)				Rendimento (kg/ha)			
	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09[1]	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09[1]	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09[1]
São Miguel do Oeste	10.391	12.820	8.108	12.265	16.644	21.495	13.641	17.708	1.602	1.677	1.682	1.444
Chapecó	10.943	13.383	8.824	12.870	17.703	21.750	14.951	19.850	1.618	1.625	1.694	1.542
Xanxerê	2.107	2.112	1.605	1.969	3.344	3.542	2.765	3.425	1.587	1.677	1.723	1.739
Joaçaba	1.607	1.524	1.130	1.377	2.550	2.650	1.968	2.437	1.587	1.739	1.742	1.770
Concórdia	939	1.007	477	739	1.527	1.701	840	1.201	1.626	1.689	1.761	1.625
Oeste Catarinense	**25.987**	**30.846**	**20.144**	**29.220**	**41.768**	**51.138**	**34.165**	**44.621**	**1.607**	**1.658**	**1.696**	**1.527**
Canoinhas	29.525	32.260	26.415	30.890	60.470	61.600	58.867	62.691	2.048	1.909	2.229	2.029
São Bento do Sul	976	1.330	846	1.145	2.066	2.841	1.875	2.139	2.117	2.136	2.216	1.868
Joinville	47	37	21	20	89	76	47	36	1.894	2.054	2.238	1.800
Norte Catarinense	**30.548**	**33.627**	**27.282**	**32.055**	**62.625**	**64.517**	**60.789**	**64.866**	**2.050**	**1.919**	**2.228**	**2.024**
Curitibanos	1.079	1.157	786	817	1.166	2.128	1.263	1.605	1.081	1.839	1.607	1.965
Campos de Lages	1.277	1.371	943	942	1.771	2.009	1.905	1.897	1.387	1.465	2.020	2.014
Serrana	**2.356**	**2.528**	**1.729**	**1.759**	**2.937**	**4.137**	**3.168**	**3.502**	**1.247**	**1.636**	**1.832**	**1.991**
Rio do Sul	23.390	25.430	18.918	24.200	44.210	49.381	37.999	37.359	1.890	1.942	2.009	1.544
Blumenau	1.214	1.168	838	893	2.304	2.221	1.767	1.130	1.898	1.902	2.109	1.265
Itajaí	4	5	1	1	8	10	2	2	2.000	2.000	2.000	2.000
Ituporanga	16.374	14.730	13.623	13.930	30.323	30.465	27.918	22.782	1.852	2.068	2.049	1.635
Vale do Itajaí	**40.982**	**41.333**	**33.380**	**39.024**	**76.845**	**82.077**	**67.686**	**61.273**	**1.875**	**1.986**	**2.028**	**1.570**
Tijucas	3.627	3.585	3.117	3.822	6.413	7.123	6.536	5.129	1.768	1.987	2.097	1.342
Florianópolis	6	20	-	-	12	40	-	-	2.000	2.000	#DIV/0!	#DIV/0!
Tabuleiro	1.302	1.420	960	1.220	2.760	3.314	1.856	1.770	2.120	2.334	1.933	1.451
Grande Florianópolis	**4.935**	**5.025**	**4.077**	**5.042**	**9.185**	**10.477**	**8.392**	**6.899**	**1.861**	**2.085**	**2.058**	**1.368**
Tubarão	10.428	11.760	9.721	11.156	15.355	23.434	19.495	17.787	1.472	1.993	2.005	1.594
Criciúma	7.201	8.369	6.409	7.760	10.293	15.531	13.164	13.614	1.429	1.856	2.054	1.754
Araranguá	16.275	17.863	13.526	17.938	25.003	32.989	23.782	33.182	1.536	1.847	1.758	1.850
Sul Catarinense	**33.904**	**37.992**	**29.656**	**36.854**	**50.651**	**71.954**	**56.441**	**64.583**	**1.494**	**1.894**	**1.903**	**1.752**
Total	**138.712**	**151.351**	**116.268**	**143.954**	**244.011**	**284.300**	**230.641**	**245.744**	**1.759**	**1.878**	**1.984**	**1.707**

[1]Estimativa do IBGE, dados sujeitos a alterações.
Fonte: IBGE.

Com relação às diferenças de preços entre os estados, o Rio Grande do Sul foi o estado que, na safra 2008/09, obteve o melhor preço por sua produção. Em média o produtor gaúcho recebeu por quilo do produto R$ 6,26. Já o produtor catarinense recebeu R$ 6,16 e o paranaense R$ 5,45. Desse modo, a média do preço para a região foi de R$ 6,08 por quilo, o maior preço já recebido pelos produtores.

Tabela 12/I. *Fumo - Preço médio recebido pelos produtores - Região Sul do Brasil - Safras 1999/00 - 2008/09*

Safra/ tipo	(R$/kg)				(US$/kg)			
	Virgínia	Burley	Comum	Média	Virgínia	Burley	Comum	Média
1999/00	2,03	1,90	1,32	2,00	1,14	1,06	0,74	1,12
2000/01	2,52	2,22	1,44	2,45	1,17	1,03	0,67	1,14
2001/02	2,92	2,62	1,69	2,85	1,20	1,07	0,69	1,17
2002/03[1]	4,10	3,43	2,21	3,95	1,27	1,06	0,68	1,22
2003/04	4,36	3,76	2,65	4,24	1,47	1,27	0,89	1,43
2004/05	4,43	3,93	2,49	4,33	1,72	1,53	0,97	1,68
2005/06	4,24	3,83	2,40	4,15	1,94	1,75	1,10	1,89
2006/07	4,33	3,93	2,51	4,25	2,12	1,92	1,23	2,08
2007/08	5,46	5,36	3,17	5,42	3,24	3,18	1,89	3,22
2008/09	6,27	5,26	3,20	6,08	2,73	2,29	1,39	2,64

[1]Dado calculado pela Epagri/Cepa.
Fonte: Afubra.

Segundo a Afubra, a principal razão é que além de o produto estar com menor produção – tanto em nível mundial como no Brasil - o fumo colhido na última safra, no sul do Brasil, foi de ótima qualidade. Apesar de ter havido uma estiagem no

início da safra, seguida de uma enchente, a qualidade não foi comprometida e os maiores prejuízos acabaram sendo muito localizados e, desse modo, não prejudicaram a produção tanto quanto se esperava.

O maior problema, entretanto, está na falta de recursos das empresas fumageiras para aquisição do produto. Desde o início do ano elas vêm buscando crédito. No entanto, por conta da crise financeira internacional, as dificuldades persistem. Assim, muitas estão comprando o produto com pagamento para 30 ou 60 dias, o que não agrada os agricultores.

Tabela 13/I. *Fumo - Preço médio recebido pelos produtores - Região Sul do Brasil - Safras 1999/00 - 2008/09*

Safra/Estado	(R$/kg)				(US$/kg)			
	RS	SC	PR	Região Sul	RS	SC	PR	Região Sul
1999/00	2,01	2,01	1,93	2,00	1,12	1,12	1,08	1,12
2000/01	2,51	2,43	2,25	2,45	1,17	1,13	1,05	1,14
2001/02	2,86	2,89	2,71	2,85	1,17	1,18	1,11	1,17
2002/03(1)	4,02	3,94	3,77	3,95	1,24	1,22	1,16	1,22
2003/04	4,34	4,19	4,03	4,24	1,46	1,41	1,36	1,43
2004/05	4,23	4,51	4,24	4,33	1,64	1,75	1,65	1,68
2005/06	4,17	4,24	3,91	4,15	1,90	1,94	1,78	1,89
2006/07	4,34	4,21	4,05	4,25	2,12	2,06	1,98	2,08
2007/08	5,40	5,57	5,17	5,42	3,21	3,31	3,07	3,22
2008/09	6,26	6,16	5,45	6,08	2,72	2,68	2,37	2,64

(1)Dado calculado pela Epagri/Cepa.
Fonte: Afubra.

Em anos anteriores a comercialização da safra se encerrava em junho. Este ano, contudo, a comercialização alcançou neste mês apenas 60-65% da produção. A Afubra acredita que o produto deverá estar totalmente comercializado apenas no mês de setembro.

As exportações catarinenses (e brasileiras) estão na Tabela 14. Como pode ser observado, os últimos anos têm sido excepcionalmente proveitosos para os exportadores de fumo. Tanto o País quanto o Estado aumentaram suas exportações, em termos de valor recebido. Em Santa Catarina este aumento foi de 27,9% em relação ao valor exportado, que tinha sido US$534,4 milhões em 2007, passando a US$683,8 milhões em 2008. Em 2009, ainda que o real esteja bastante valorizado frente ao dólar, acredita-se que este resultado positivo deve se repetir. Até o mês de maio as exportações alcançaram US$344,3 milhões ou 74,2 mil toneladas

Tabela 14. Fumo - Exportações brasileiras e catarinenses - 2000-09

Ano	Brasil		Santa Catarina	
	Quantidade (t)	Valor (US$ 1.000)	Quantidade (t)	Valor (US$ 1.000)
2000	353.022	841.474	37.882	88.697
2001	443.846	944.316	48.101	90.579
2002	474.472	1.008.169	45.968	88.211
2003	477.550	1.090.259	43.264	88.232
2004	592.844	1.425.763	57.811	133.424
2005	629.629	1.706.520	76.319	213.366
2006	581.380	1.751.726	134.566	465.898
2007	710.154	2.262.374	160.284	534.483
2008	691.608	2.752.032	163.588	683.848
2009(1)	198.024	922.138	74.215	344.256

(1)Até Maio/2009.
Fonte: MDIC/Secex.

Os principais países que compram fumo de Santa Catarina estão na Tabela 15. A Rússia é tradicionalmente o principal importador, seguida pela Bélgica, Estados Unidos, Alemanha e Polônia. Esses cinco países foram responsáveis por 43,6% das exportações catarinenses de fumo em 2008. A Bélgica é o país que mais tem aumentado suas importações de fumo.

Em 2008 o Brasil exportou quase a totalidade de sua produção (92,5%), uma quantidade recorde. Em termos de quantidade exportada o volume foi

Tabela 15/I. *Fumo - Exportações, segundo os países de destino - Santa Catarina - 2006-08*

País	2006		2007		2008	
	(t)	US$ 1.000	(t)	US$ 1.000	(t)	US$ 1.000
Rússia	19.162	64.460	17.773	53.265	17.432	67.243
Bélgica	4.179	20.203	12.721	49.516	17.425	65.522
Estados Unidos	9.499	33.142	15.092	43.867	14.027	60.028
Alemanha	15.488	55.847	16.052	62.027	12.377	59.396
Polônia	6.853	22.040	10.310	32.329	10.029	43.693
Paises Baixos	6.660	31.598	7.263	35.410	9.473	52.491
Filipinas	4.679	16.816	7.600	22.769	8.777	30.023
Turquia	3.191	13.707	3.312	13.909	4.272	20.016
França	3.270	2.123	2.875	6.737	4.256	1.803
Ucrânia	4.357	12.047	4.383	12.235	3.745	14.696
Subtotal	77.339	271.983	97.381	332.064	101.812	414.910
Outros países	57.227	193.915	62.903	202.419	61.776	268.938
Total	**134.566**	**465.898**	**160.284**	**534.483**	**163.588**	**683.848**

Fonte: MDIC/Secex.

inferior ao embarcado em 2007 (691,6 mil toneladas contra 710,2 mil toneladas em 2007), mas isso só ocorreu porque a produção nacional também diminuiu (747,7 mil toneladas em 2008 em comparação com as 912,8 mil toneladas de 2007). Até o mês de maio de 2009, as exportações já totalizaram 198 mil toneladas, ou US$ 922,1 milhões.

Como a partir de 2006 vem ocorrendo um maior processamento de fumo para exportação dentro do próprio Estado, Santa Catarina continua crescendo nas exportações brasileiras. Em 2007 participou com 22,6% no total em termos de quantidade exportada e com 23,6% em valor. Em 2008, 23,7% do total das exportações brasileiras (em quantidade) e 24,8% em valor tiveram como origem o estado catarinense. Em 2009 (até abril) este percentual é ainda maior: 29,8% em termos de valor exportado e 31,9% em volume do total exportado pelo País vieram de Santa Catarina.

Perspectivas para a próxima safra

Para a safra 2009/10, em conversa com os produtores do Sul do País, a Afubra constatou que existe uma tendência de manutenção da área semeada este ano (em torno de 380 mil hectares), sendo que o rendimento deverá ser um pouco maior, se as adversidades climáticas não se repetirem. Mas como a associação ainda não fez seu levantamento sazonal, o qual será feito em julho, ainda é cedo para se afirmar que a área será mantida. Caso isso ocorra, tal comportamento deve acontecer de forma similar nos três estados do Sul.

Quanto à tecnologia empregada, também não deve haver alteração, na medida em que os avanços tecnológicos ocorrem sempre de forma gradativa e a mecanização é praticamente inviável, pois as áreas onde a fumicultura é desenvolvida são pequenas e não proporcionam retorno econômico satisfatório com o uso desta ferramenta.

Márcia Janice Freitas da Cunha Varaschin
Economista - Epagri/Cepa
marciacunha@epagri.sc.gov.br

Maçã

Panorama mundial

Estimativas da FAO sinalizam para a safra mundial de maçã 2006/07 uma produção de 64,26 milhões de toneladas, uma área colhida de 4,76 milhões de hectares e rendimento médio de 13,055 toneladas por hectare. Em relação à safra passada, há uma diminuição no rendimento médio de 2,17% e aumento na área colhida de 2,84%, fator decisivo para que ocorresse um acréscimo de 0,60% no volume produzido.

A China permanece liderando o ranking mundial, respondendo por 38,6% do volume total produzido, embora apresente um rendimento médio de 13,750 toneladas por hectare. O ganho por hectare chinês, entretanto, situa-se bem abaixo de alguns países produtores como: Áustria, com 78,344 t/ha; Suíça, com 58,139 t/ha; Bélgica, com 40,741 t/ha; Eslovênia, com 39,836 t/ha; Líbia, com 39,583 t/ha; França, com 39,130 t/ha; Nova Zelândia, com 38,000 t/há; Holanda, com 37,000 t/ha; Chile, com 36,579 t/ha; Itália, com 33,871 t/ha; Israel, com 31,427 t/ha; África do Sul, com 29,545 t/ha; Brasil, com 29,121 t/ha; Alemanha, com 28,767 t/ha; Argentina, com 28,261 t/ha e Estados Unidos, com 27,165 t/ha.De um total de noventa países, vinte se destacam e são responsáveis no conjunto por cerca de 85% da produção mundial. Alguns desses países têm apresentado uma sensível melhoria no rendimento médio, contribuindo para um melhor desempenho da atividade macieira (Tabelas 1, 2 e 3).

Tabela 1/I. *Maçã - Área colhida - Total e dos principais países – Safras 2002/03 - 2006/07*

(mil/ha)

País/mundo	2002/03	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07
Mundo	**4.782**	**4.761**	**4.802**	**4.786**	**4.922**
China	1.901	1.877	1.891	1.901	2.001
Estados Unidos	158	156	154	153	156
Irã	150	190	201	201	202
Turquia	117	118	121	122	110
Federação Russa	396	396	392	366	370
Itália	57	58	57	62	61
Índia	250	201	231	235	262
França	60	58	47	45	46
Chile	35	36	40	37	38
Argentina	50	40	40	45	46
Brasil	32	33	35	36	38
Polônia	159	175	170	162	175
Alemanha	31	32	32	33	32
Japão	42	41	41	40	41
Ucrânia	170	152	138	124	170
Espanha	46	42	39	37	38
África do Sul	24	24	21	21	22
Coréia do Norte	71	72	72	72	70
México	55	59	60	58	60
Egito	26	26	26	26	26

Fonte: FAO (junho de 2009). Disponível em (http://www.fao.org).

Tabela 2/I. *Maçã – Quantidade produzida - Total e dos principais países – Safras 2002/03 - 2006/07*

(mil t)

País/mundo	2002/03	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07
Mundo	**58.377**	**62.776**	**62.123**	**63.875**	**64.256**
China	21.105	23.682	24.017	26.066	27.507
Estados Unidos	3.948	4.736	4.409	4.569	4.238
Irã	2.400	2.179	2.662	2.660	2.660
Turquia	2.600	2.100	2.570	2.002	2.266
Federação Russa	1.700	2.047	1.800	1.609	2.211
Itália	1.954	2.136	2.192	2.113	2.073
Índia	1.470	1.522	1.739	1.756	2.001
França	2.137	2.204	1.857	1.705	1.800
Chile	1.250	1.300	1.400	1.370	1.390
Argentina	1.307	1.262	1.206	1.280	1.300
Brasil	842	980	851	863	1.094
Polônia	2.428	2.522	2.075	2.305	1.039
Alemanha	818	980	891	948	912
Japão	842	755	819	832	850
Ucrânia	871	717	720	537	707
Espanha	881	691	774	661	672
África do Sul	702	765	680	640	650
Coréia do Norte	660	665	668	665	635
México	495	573	584	602	605
Egito	533	546	550	550	545

Fonte: FAO (junho de 2009). Disponível em (http://www.fao.org).

Nos últimos anos, o volume de maçã negociado nos principais centros consumidores mundiais tem comportamento ascendente e apresenta uma taxa média anual no período de 2000 a 2006 de 5,23% (valor financeiro de 11,69%). As vendas, em 2006, em comparação com o ano anterior, sobem 2,3%, enquanto o montante financeiro gerado cresce 14,3%, propiciando uma valorização de 11,6% nos preços médios.

Tabela 3/I. *Maçã – Rendimento médio - Total e dos principais países – Safras 2002/03 - 2006/07*

(kg/ha)

País/mundo	2002/03	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07
Mundo	**12.208**	**13.185**	**12.937**	**13.345**	**13.055**
China	11.101	12.615	12.701	13.714	13.749
Estados Unidos	24.983	30.359	28.703	29.906	27.165
Irã	16.000	11.496	13.220	13.211	13.168
Turquia	22.308	17.764	21.264	16.455	20.604
Federação Russa	4.293	5.169	4.592	4.402	5.976
Itália	34.320	37.117	38.365	34.267	33.871
Índia	5.880	7.563	7.538	7.481	7.651
França	35.724	37.932	39.126	38.106	39.130
Chile	35.301	36.016	35.443	37.027	36.579
Argentina	26.149	31.561	30.155	28.444	28.261
Brasil	26.697	29.709	23.963	23.902	29.121
Polônia	15.242	14.392	12.231	14.229	5.924
Alemanha	26.249	30.290	27.564	29.154	28.767
Japão	20.243	18.271	20.071	20.640	20.732
Ucrânia	5.131	4.732	5.220	4.323	4.159
Espanha	19.146	16.376	19.865	17.857	17.931
África do Sul	29.236	31.890	31.906	31.007	29.546
Coréia do Norte	9.296	9.236	9.278	9.236	9.071
México	9.000	9.712	9.808	10.418	10.083
Egito	20.847	21.265	21.154	21.154	20.962

Fonte: FAO (junho de 2009). Disponível em (http://www.fao.org).

Em 2006, as maiores quantidades exportadas pertencem ao mercado chinês, que consegue barganhar 11,2% da fatia total, seguido pelo o chileno, com 10,1%; o italiano, com 10,0%; o francês, com 9,5%; o americano, com 8,9%; o polonês, com 5,4%; o holandês, com 5,0%. Com participação variando entre 3,3% e 4,1% aparecem Bélgica, Argentina, Nova Zelândia, África do Sul e Irã, conforme demonstrado nas Tabelas 4 e 5.

Tabela 4/I. *Maçã – Quantidade exportada – Total e principais países – 2002-06*

(mil t)

País	2002	2003	2004	2005	2006
Mundo	**5.668,1**	**6.235,8**	**6.422,4**	**7.006,3**	**7.166,8**
França	767,0	803,8	628,0	654,1	683,4
Itália	687,8	707,7	542,0	723,9	713,2
Estados Unidos	596,1	546,2	491,7	685,4	638,6
Chile	548,2	601,2	739,0	639,5	725,0
China	438,9	609,1	774,1	824,1	804,2
Holanda	258,5	349,4	388,1	444,4	355,0
Bélgica	394,8	340,1	336,7	352,8	291,3
Nova Zelândia	318,9	322,8	358,3	318,6	265,4
África do Sul	256,5	325,8	305,2	262,7	267,9
Polônia	327,8	348,7	407,4	427,0	384,8
Argentina	165,9	200,4	206,0	273,6	237,3
Alemanha	64,7	69,6	89,6	93,6	99,9
Irã	92,1	108,9	120,5	132,3	226,8
Espanha	106,5	72,7	109,3	102,0	145,8
Síria	14,8	11,0	28,0	38,5	130,3
Lituânia	2,2	9,4	0,7	14,1	168,3
Áustria	43,9	70,8	50,0	71,2	88,4
Japão	10,2	16,8	10,1	17,1	18,8
Canadá	62,8	49,2	44,2	54,2	48,6
Brasil	65,9	76,5	153,0	99,3	57,1

Fonte: FAO (junho de 2009). Disponível em (http://www.fao.org).

Tabela 5/I. *Maçã – Valor exportado – Total e dos principais países – 2002-06*

(US$ 1.000.000)

País	2002	2003	2004	2005	2006
Mundo	**2.882,7**	**3.422,6**	**3.820,7**	**3.883,2**	**4.431,8**
França	542,5	611,9	574,7	506,7	572,3
Itália	368,8	468,4	432,8	482,4	562,4
Estados Unidos	379,8	364,4	383,7	499,6	549,3
Chile	279,3	265,1	337,9	303,6	381,7
China	149,5	209,8	274,4	306,3	372,6
Holanda	171,2	233,3	297,0	274,1	304,4
Bélgica	221,7	259,9	258,6	209,9	223,4
Nova Zelândia	196,4	235,7	314,0	274,8	209,6
África do Sul	83,6	143,0	181,0	154,5	160,1
Polônia	49,5	67,5	100,8	118,6	120,1
Argentina	63,2	82,0	90,7	125,3	116,6
Alemanha	38,2	52,1	75,9	66,5	82,6
Irã	13,9	19,8	29,7	48,8	80,4
Espanha	45,6	39,2	71,4	57,4	79,9
Síria	6,7	5,6	10,4	18,4	76,3
Lituânia	0,4	1,3	0,3	3,3	69,3
Áustria	23,4	44,4	39,0	42,1	63,9
Japão	20,9	37,8	27,6	47,7	49,0
Canadá	37,7	35,3	31,2	35,3	38,7
Brasil	31,4	37,8	72,6	45,8	31,9

Fonte: FAO (junho de 2009). Disponível em (http://www.fao.org).

Nesse mesmo período (2000 a 2006), a aquisição de maçã nos principais mercados mundiais apresenta um quadro de evolução positiva, com taxa anual de crescimento de 6,1 %. Em 2000 foram adquiridas 488,1 mil toneladas, subindo para 500,9 mil em 2003 e continuaram aumentando para 696,8 mil toneladas em 2006. O montante financeiro desembolsado no período quase dobrou – de US$ 2.522,6 milhões, em 2000, alcançou a cifra de US$ 4.845,5 milhões, em 2006, com uma taxa anual de crescimento de 11,5%.

Em 2006, do volume total, as maiores aquisições pertencem à Federação Russa, com 11,7%, seguida pela Alemanha, com 10,0%, Reino Unido, com 7,6%, Holanda, com 5,2%, China, com 3,3% e Bélgica, com 3,1%. Com participação oscilando entre 2,0% e 3,0%, aparecem México, Espanha, Iraque, Canadá, Estados Unidos, França e Arábia Saudita. Por outro lado, os maiores desembolsos acontecem nos mercados da França (12,9%), Itália (12,7%) e Estados Unidos (12,4%), conforme demonstrado nas Tabelas 6 e 7.

Tabela 6/I. *Maçã – Quantidade importada - Total e dos principais países – 2002-06*

(mil t)

País	2002	2003	2004	2005	2006
Mundo	**5.392,4**	**5.986,5**	**6.236,2**	**6.613,9**	**6.967,9**
Reino Unido	448,6	475,9	524,9	514,2	531,8
Alemanha	777,0	812,7	736,3	773,6	698,5
Federação Russa	362,1	608,3	705,3	723,6	812,7
Holanda	279,8	387,1	322,6	320,1	364,9
México	171,7	180,8	154,1	195,2	204,4
Bélgica	246,6	249,6	222,1	225,5	214,2
China	270,0	254,4	247,3	262,2	232,9
Espanha	207,8	236,1	248,9	224,8	188,6
Canadá	138,9	142,1	133,3	159,1	156,7
Estados Unidos	170,4	186,8	207,4	122,8	156,7
França	137,8	116,5	210,1	184,5	151,8
Arábia Saudita	126,2	127,2	127,4	146,4	149,2
Suécia	78,8	92,6	103,8	112,0	108,2
Indonésia	83,8	71,4	114,0	127,0	122,0
Emirados Arábes	100,3	109,2	78,0	48,0	105,2
Irlanda	45,4	48,7	49,2	45,8	60,0
Iraque	26,5	43,5	76,8	95,1	172,9
Tailândia	49,8	84,2	88,1	93,2	87,4
Dinamarca	69,1	74,5	66,6	64,7	68,3
Portugal	64,0	63,0	71,9	74,1	68,5

Fonte: FAO (junho de 2009). Disponível em (http://www.fao.org).

Tabela 7/I. *Maçã – Valor importado - Total e dos principais países – 2002-06*

(US$ 1.000.000)

País	2002	2003	2004	2005	2006
Mundo	3.075,4	3.791,9	4.281,6	4.116,1	4.845,5
Reino Unido	377,8	461,3	553,0	528,5	566,2
Alemanha	433,2	572,5	595,8	501,1	558,8
Federação Russa	113,8	197,9	237,4	294,9	351,1
Holanda	204,2	295,2	279,2	270,5	346,6
México	145,8	147,4	136,9	163,1	206,3
Bélgica	179,0	218,2	221,5	173,6	196,1
China	160,4	165,7	182,4	184,0	185,8
Espanha	120,9	171,8	206,8	178,4	164,5
Canadá	106,3	117,5	124,7	115,2	148,0
Estados Unidos	108,4	165,2	215,9	103,7	135,2
França	80,4	90,2	170,6	136,1	121,5
Arábia Saudita	47,4	46,0	49,1	79,7	105,1
Suécia	53,6	76,3	95,1	89,3	101,9
Indonésia	68,3	61,8	63,4	66,2	90,1
Emirados Arábes	47,1	57,7	47,8	24,2	72,6
Irlanda	36,6	45,6	51,9	46,2	71,2
Iraque	5,6	10,0	20,6	38,1	68,2
Tailândia	39,9	57,0	50,4	50,7	59,6
Dinamarca	43,4	53,4	56,3	48,6	59,1
Portugal	38,3	47,1	59,6	55,6	51,2

Fonte: FAO (junho de 2009). Disponível em (http://www.fao.org).

Panorama nacional Safra 2007/08

Na safra nacional de maçã 2007/08, dados ainda preliminares do IBGE (Levantamento Sistemático da Produção Agrícola – LSPA -, junho de 2009) sinalizam para uma produção de 1.121,5 mil toneladas, área colhida de 37,9 mil hectares e rendimento médio de 29.598 hectares. Desta forma, o mercado mantém-se praticamente estável com um incremento de 0,5% na quantidade produzida, 0,2% na área colhida e 0,4 % no rendimento médio obtido, em comparação com a safra passada.

Santa Catarina permanece na liderança do ranking nacional, responsável por 50,2% da produção de maçã, com 563,0 mil toneladas, seguida pelo Rio Grande do Sul, com 45,9% (514,7 mil toneladas). O Estado, nas últimas safras, tem apresentado um aumento gradativo da produção, devido ao ganho de produtividade, conseqüência de uma melhor organização dos segmentos produtivo e de comercialização.

A maior parte da produção é oriunda das cultivares Gala, Fuji e Golden Delicious. A cultivar Gala é a primeira a ser colhida, em fevereiro - com 46% da produção total; a Fuji inicia a colheita no mês de abril

e é a mais resistente para frigo-conservação, sendo responsável por cerca de 45% do volume produzido; a Golden Delicious, colhida em março, representa 6% da produção total e os 3% restantes são compostos por outras cultivares.

No Estado, a ocorrência de temperaturas baixas em pleno mês de novembro – fase de desenvolvimento do fruto – e a queda de granizo em alguns municípios produtores comprometeram a qualidade da maçã. De uma forma geral, a fruta colhida é de boa qualidade mas de tamanho reduzido, principalmente a cultivar Gala, destinando uma quantidade maior de frutos para as agroindústrias processadoras que em alguns casos podem ter alcançado até 25% da produção (Tabela 8).

Tabela 8/I. *Maçã – Área colhida, quantidade produzida e rendimento médio – Brasil e principais estados – Safras 2004/05-2008/09*

Discriminação	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08(¹)	2008/09(¹)
Área colhida (ha)					
Brasil	**35.493**	**36.107**	**37.832**	**37.890**	**36.286**
Santa Catarina	18.428	18.721	19.259	19.638	18.060
Rio Grande do Sul	14.966	15.260	16.365	16.206	16.280
Paraná	1.877	1.864	1.930	1.900	1.800
São Paulo	150	163	163	146	146
Demais	72	99	115		
Quantidade produzida (t)					
Brasil	**850.535**	**863.019**	**1.115.379**	**1.121.468**	**1.184.299**
Santa Catarina	504.994	496.665	598.680	562.989	586.297
Rio Grande do Sul	299.972	328.091	469.389	514.717	556.560
Paraná	42.758	34.549	43.425	41.800	39.600
São Paulo	1.875	2.080	2.052	1.962	1.842
Demais	936	1.634	1.833		
Rendimento médio (kg/ha					
Brasil	**23.963**	**23.902**	**29.482**	**29.598**	**32.638**
Santa Catarina	27.404	26.530	31.086	28.668	32.464
Rio Grande do Sul	20.044	21.500	28.682	31.761	34.187
Paraná	22.780	18.535	22.500	22.000	22.000
São Paulo	12.500	12.761	12.589	13.438	12.616

(¹) Dados preliminares sujeitos a retificação.
Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal (2005-2007) e LSPA-junho/2009.

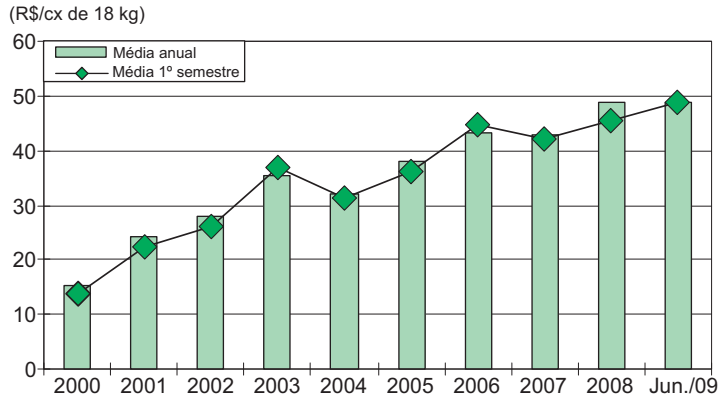
No primeiro semestre de 2008, a quantidade de fruta comercializada no mercado nacional, oscila entre 48 mil e 50 mil toneladas mensais. No segundo semestre, como era esperado, o volume de negócios aumenta à medida que os preços médios sobem, mesmo com o aumento das importações, principalmente dos mercados argentino e chileno, que historicamente são maiores nesse período do ano.

No atacado, os preços médios mensais da maçã, coletados através da Companhia de Entrepostos de Armazéns Gerais de São Paulo (Ceagesp) demonstram que o ano de 2008 (dentre de uma série histórica de dez anos) atinge as maiores valorizações, apresentando um valor médio anual de R$ 48,95 (caixa de 18 quilos), sendo 14,5% maior que os valores do produto comercializado em 2007 (Figura 1).

Em 2008, as vendas brasileiras para os principais centros consumidores mundiais superaram as expectativas dos agentes da cadeia produtiva. O aumento do número de negócios contribui para o incremento no volume comercializado, conforme sinalizam os dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, alcançando um total de 102,3 mil toneladas – embora permaneçam muito próximos de 2007, representam um incremento de 17,9% no montante financeiro, com 80,9 milhões de dólares gerados (Figura 2).

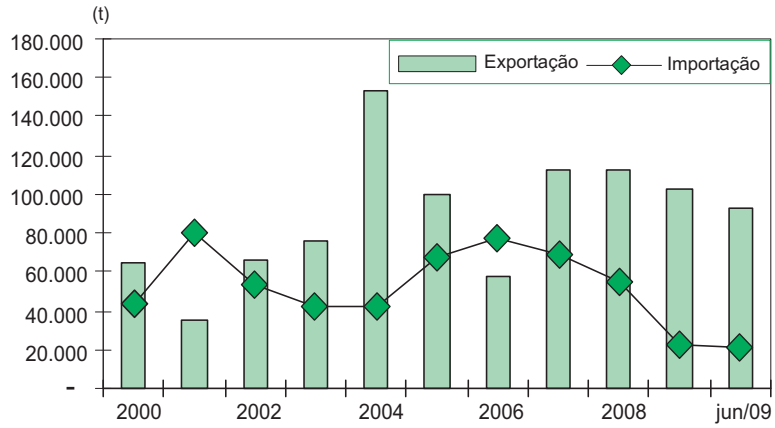
Os países da União Européia são os principais parceiros comerciais brasileiros, representando cerca de 93,0% do volume total de negócios efetivados em 2008, destacando-se a Holanda, com participação de 31,8%, o Reino Unido, com 16,1%, a França, com 5,5%, a Suécia e Portugal, com 5,2% cada, a Espanha, com 4,7%, a Alemanha, com 4,6% e Bangladesh, com 4,2%. Com participação variando entre 3% e 4%, aparecem a Finlândia, a Dinamarca, a Irlanda e a Itália. O Brasil tem ampliado as operações comerciais com países da Ásia, África e do Oriente Médio obtendo bons resultados.

Dados do Ministério do Desenvolvimento da Indústria e Comércio (MDIC/Secex) confirmam que a manutenção da política de diminuição de importação nacional de maçã tem apresentado resultados satisfatórios para a atividade nos últimos anos. Em 1996, as aquisições somam 158,6 mil toneladas



Fonte: Ceagesp.

Figura 1/I. *Maçã - Preço médio no atacado da Ceagesp - 2000-09*

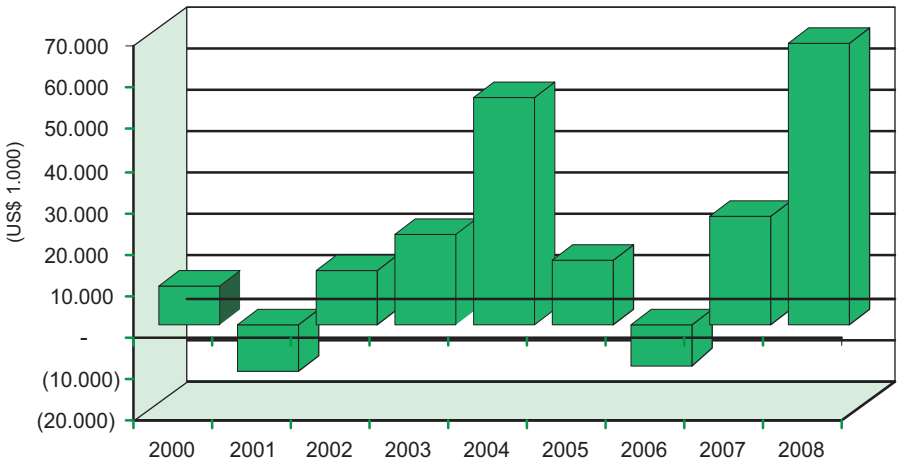


Fonte: MDIC/Secex e Epagri/Cepa.

Figura 2/I. *Maçã - Quantidade das exportações e importações - Brasil - 2000-08*

(desembolsados 87,8 milhões); em 1999, decrescem para 66,4 mil toneladas (US$ 27,2 milhões pagos); em 2004, diminuem para 42,4 mil toneladas (US$ 17,6 milhões pagos); em 2005, aumentam para 67,5 mil toneladas (US$ 30,0 milhões pagos), superando em 58,9% as de 2004; em 2006, as compras alcançam 77,7 mil toneladas: 15,2% maiores que no ano anterior; em 2007 caem para 68,6 mil toneladas (US$ 42,6 milhões); em 2008 caem ainda mais, atingindo um total de 55,0 mil toneladas, embora representem um desembolso superior (US$ 48,1 milhões) em relação a 2007, demonstrando uma maior valorização da fruta importada. O comportamento crescente das compras nacionais nos anos de 2005 a 2007 é resultado da valorização do real que permitiu, principalmente aos mercados argentino e chileno – os maiores parceiros comerciais –, canalizar uma parte mais expressiva de maçã para os principais centros consumidores brasileiros (Figura 2).

O aumento gradativo da produção nacional de maçã só foi possível, graças à organização dos segmentos produtivo e de comercialização, que investiram na geração de uma fruta com qualidade, tamanho, sabor e apresentação, tornando-a mais competitiva no mercado. Em 1999, ainda quase desconhecida nos principais centros consumidores nacionais e internacional, a maçã brasileira consegue conquistar espaço devido a essas características. Além de ser consumida por uma parte expressiva da população brasileira, atualmente está presente nos mais importantes centros consumidores mundiais. São mais de 30 países que continuam dando preferência à maçã brasileira. Este fato tem proporcionado superávit acumulado na nossa balança comercial, conforme demonstrado na Figura 3.



Fonte: MDIC/Secex.

Figura 3/I. *Maçã - Saldo comercial brasileiro - 2000-08*

Safra 2008/09

Estima-se para a safra nacional de maçã 2008/09 um volume produzido de 1.184,3 mil toneladas, área a ser colhida de 36,3 mil hectares e rendimento médio de 32.638 hectares (IBGE, Levantamento Sistemático da Produção Agrícola – LSPA -, junho de 2009). Em comparação com os resultados da safra passada, embora apresente um decréscimo de 4,2% na área colhida (devido à erradicação de pomares nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul), o ganho de 10,3% no rendimento médio eleva para 5,6% a quantidade produzida.

Em Santa Catarina, a erradicação de alguns pomares, principalmente na microrregião geográfica de Joaçaba (segunda maior produtora com 39,5%) contribui para a diminuição de 8,0% na área a ser colhida de 18.060 hectares. Não obstante, essa redução de área não corresponde necessariamente em diminuição na quantidade produzida, que está estimada em 586,3 mil, correspondendo a 4,1% a mais, influenciada pelo aumento de 13,2% no rendimento médio, em comparação com os dados da safra passada.

Entre as razões que podem explicar esse aumento da produção e produtividade, pode-se considerar que em todas as regiões produtoras, à exceção de Videira, a quantidade de horas de frio acumulada no ano de 2008, considerando as Unidades de Frio (Modelo Carolina do Norte Modificado) foi superior à média histórica. Portanto, suficiente para atender as necessidades dos pomares de macieiras nas principais regiões produtoras do Estado.

Há que se ressaltar que em alguns municípios produtores da microrregião geográfica de Lages, a ocorrência de temperaturas baixas combinadas com um expressivo volume de chuva no período de florada contribuiu para ocorrência do vírus "russeting" – que tem a forma de anel e deixa marcas parecidas com ferrugens nos frutos. Sua presença acarretou perdas de qualidade do fruto, bem como diminuição do seu tamanho.

Em 2009, no mercado nacional, a comercialização da safra no primeiro semestre está levemente abaixo do previsto pelos principais agentes do setor, sendo vendidas entre 43 e 45 mil toneladas mensais. Para o segundo semestre, entretanto, espera-se uma sensível melhora nas vendas através das grandes redes atacadistas, principalmente as centrais de abastecimento e os grandes supermercados, devendo oscilar entre 48 e 52 mil toneladas mensais.

Devido à crise mundial iniciada em 2008, previa-se que os preços médios, no atacado, este ano tivessem crescimento abaixo daqueles verificados no ano passado. Entretanto, isso não ocorreu e, segundo levantamento da Companhia de Entrepostos de Armazéns Gerais de São Paulo (Ceagesp), no período de janeiro a junho de 2009, alcançou uma valorização de 6,9% em comparação com igual período do ano passado.

No mês de janeiro a fruta comercializada no mercado interno atinge a sua maior valorização (R$ 55,17/cx de 18 kg); perde força em fevereiro, porém continua em patamares acima da média histórica dos últimos dez anos; perde fôlego em março e segue levemente estável até maio. No mês de junho, mesmo com o mercado mais abastecido e a qualidade da fruta, em alguns casos, deixando a desejar, os preços reagem e se mantêm crescentes.

Em 2009, prosseguem as vendas brasileiras de maçã para o mercado externo. O maior volume de negócios normalmente acontece durante os meses de abril a junho, período de entressafra da maçã nos países europeus, nossos principais parceiros comerciais e responsáveis por cerca de 93% do volume total da fruta negociada.

Dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior informam que as vendas brasileiras durante o primeiro semestre de 2009 totalizaram 93,3 mil toneladas, representando um montante financeiro de 53,8 milhões de dólares – decrescendo 9,6% e 27,0%, respectivamente. A queda é resultado da desvalorização no preço médio de 19,6%, em comparação com igual período de 2008, conforme demonstrado na Figura 2.

Luiz Marcelino Vieira
Economista - Epagri/Cepa
marcelino@epagri.sc.gov.br

Mandioca

Panorama mundial

Nas últimas duas décadas, a cultura de mandioca tem apresentado aumento de área plantada e de quantidade produzida em praticamente todos os países produtores. Somente nos últimos seis anos, a produção cresceu 23,6% e a área colhida 6,6%. Destacam-se os países africanos e asiáticos, onde essa atividade constitui uma das principais fontes energéticas de alimento, bem como uma das alternativas de renda para uma parte expressiva da população.

As estimativas da FAO indicam para a safra 2007/08 uma produção mundial de 238,5 milhões de toneladas e área colhida de 18,6 milhões de hectares, com incremento de 4,5% e 1,2%, respectivamente, em relação à safra passada. O aumento da produção é resultado do ganho de produtividade nos últimos anos de países como Brasil, Índia, Indonésia, Nigéria e Tailândia.

Tabela 1/I. *Raiz de mandioca - Área colhida no mundo e principais países produtores – Safras2002/03 - 2006/07*

(ha)

País	2002/03	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07
Mundo	**17.509**	**18.016**	**18.438**	**18.440**	**18.665**
Nigéria	3.490	3.531	3.782	3.810	3.850
Brasil	1.634	1.755	1.902	1.897	1.945
Tailândia	1.022	1.057	986	1.071	1.152
Indonésia	1.245	1.256	1.213	1.223	1.207
Rep Dem do Congo	1.842	1.843	1.846	1.877	1.850
Gana	807	784	750	790	800
Vietnã	372	389	433	475	560
Angola	720	684	749	757	760
Índia	207	219	229	242	242
Moçambique	1.046	1.069	1.105	1.010	990
Tanzânia	660	660	670	670	675
Paraguai	284	306	290	300	320
Uganda	405	407	387	379	371
China	251	246	261	266	269

Fonte: FAO (junho de 2009). (Disponível em http://www.fao.org).

O continente africano continua liderando o ranking mundial dessa atividade, responsável por 51,7% do volume total produzido. Aparece em segundo lugar o asiático, com 31,4%, seguido pelo americano, com 16,1%.

Na safra 2007/08, a Nigéria destaca-se como o primeiro produtor, respondendo por 20,5% do volume total produzido, seguido pela Tailândia, com 12,2%, o Brasil, com 11,0% (perde a segunda posição), a Indonésia, com 8,4%, a República Democrática do Congo, com 6,4%, Gana, com 4,3% e Vietnã, com 4,2%. Estes sete países perfazem 67,1% do volume total produzido de raiz de mandioca (Tabela 1).

Os países que apresentam os melhores desempenhos dessa lavoura nos últimos seis anos são o Vietnã, que praticamente dobrou o volume produzido, a Tailândia, que a cada ano vem se destacando no mercado internacional pela diversidade de produtos e subprodutos da mandioca, além da Índia e da Nigéria, que mantêm os modelos de produção voltados principalmente para o atendimento da demanda interna cada vez mais crescente.

Tabela 2/I. *Raiz de mandioca – Quantidade produzida no mundo e principais países produtores – Safras 2002/03 - 2007/08*

(mil t)

País	2002/03	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08
Mundo	**192.836**	**205.079**	**207.437**	**222.559**	**228.138**	**238.450**
Nigéria	36.304	38.845	41.565	45.721	45.750	49.000
Brasil	21.961	23.927	25.872	26.639	27.313	26.300
Tailândia	19.718	21.440	16.938	22.584	26.411	29.150
Indonésia	18.524	19.425	19.321	19.928	19.610	20.000
Rep Dem do Congo	14.945	14.951	14.974	14.989	15.000	15.300
Gana	10.239	9.739	9.567	9.638	9.650	10.300
Vietnã	5.309	5.821	6.646	7.714	8.900	10.000
Angola	6.892	8.587	8.606	8.810	8.800	9.000
Índia	5.426	5.945	5.855	7.620	7.600	7.700
Moçambique	6.150	6.413	6.500	7.500	7.350	7.750
Tanzânia	5.284	6.152	7.000	6.500	6.600	7.000
Paraguai	4.669	5.500	4.785	4.800	5.100	5.300
Uganda	5.450	5.500	5.576	4.926	4.456	4.000
China	4.015	3.816	4.017	4.318	4.370	4.500

Fonte: FAO (junho de 2009). (Disponível em http://www.fao.org).

São expressivos os países africanos onde a lavoura de mandioca é explorada de forma

bastante rudimentar, apresentando um baixo rendimento por área cultivada. O produto continua sendo considerado um alimento básico para importante parcela da população daquele continente. Parte expressiva da produção (in natura ou processada) é comercializada principalmente em feiras livres, mercearias e supermercados. Nos anos mais recentes, no entanto, a atividade adquire maior importância comercial, em função de uma melhor organização do produtor, estruturação do setor e expansão de investimentos em pesquisas e assistência técnica, resultando em melhoria da produtividade e das formas de processamento. Nigéria, República Democrática do Congo, Gana e Angola são responsáveis por 67,2% do volume produzido no continente africano.

A Tailândia, a Indonésia e a Índia são detentoras de 74,7% da produção do continente asiático, enquanto o Brasil (com 71,4%) e o Paraguai respondem por 84,7% da produção no continente americano. Nestes dois continentes, a cultura diferencia-se justamente pelo crescente avanço da industrialização, pelo uso de tecnologia e pelas alternativas de mercados. A Tailândia é exemplo disso. Possui o maior parque industrial de fécula e de "pellets" do planeta.

Em 2006, o volume exportado de raiz e derivados da mandioca (mandioca seca, farinha, fécula e tapioca) cresceu em relação ao ano anterior. No entanto, ficou abaixo das vendas efetuadas em 2004. O resultado financeiro, por sua vez, teve no ano de 2006 o seu melhor desempenho, crescendo 35,9% em relação a 2005 e 122,8% em relação a 2002 (Tabela 3).

Tabela 3/I. *Raiz e derivados da mandioca – Quantidade e valor das exportações mundiais – 2002-06*

Discriminação	2002	2003	2004	2005	2006
Quantidade (t)					
Total	**4.627.071**	**6.066.752**	**8.013.207**	**5.636.429**	**7.378.566**
Mandioca seca	3.616.958	4.746.151	6.466.765	3.932.845	5.510.575
Fécula	867.407	1.176.119	1.376.572	1.555.662	1.741.942
Farinha	87.476	81.669	81.609	57.416	63.815
Tapioca	55.230	62.813	88.261	90.506	62.234
Valor (US$ 1.000)					
Total	**484.822**	**630.192**	**876.950**	**794.689**	**1.080.276**
Mandioca seca	283.761	376.432	551.478	468.933	641.219
Fécula	160.016	211.083	269.158	275.591	390.390
Farinha	17.406	16.435	19.237	16.669	17.016
Tapioca	23.639	26.242	37.077	33.496	31.651

Fonte: FAO (junho de 2009). (Disponível em http://www.fao.org).

A Tailândia lidera as transações comerciais internacionais dos produtos e subprodutos da mandioca, com participação de 80,1%; aparecendo em seguida o Vietnã com 14,1% do volume total comercializado. A venda brasileira desses produtos no mercado externo é pouco expressiva, com menos de 1% no volume total negociado (Tabela 3).

No quadro das importações, 2006 assinala a retomada das compras de alguns mercados consumidores, caracterizando-se num bom ano para o setor, embora não apresente o mesmo desempenho verificado em 2004. As aquisições dos produtos derivados da raiz somaram um total de 7,4 milhões de toneladas – 30,9% maior que 2005, conforme Tabela 4.

No ano, os maiores mercados compradores são os da China, com 74,5%, seguido pelo da República da Coréia, com 4,7%, e da Espanha, com 4,5%. Entretanto, existem outros centros consumidores potenciais distribuídos nos diversos continentes que são demandantes de produtos e subprodutos da raiz de mandioca (Tabelas 5 e 6).Panorama nacional - Safra 2007/08

Na safra brasileira 2007/08 foram colhidos 1,860 milhões de hectares e obtidos 26,337 milhões de toneladas – detectando um decréscimo de 1,78% e de 0,77%, respectivamente, em relação à safra passada. A produtividade média nacional de 14.153 quilos por hectare é baixa, influenciada pelo comportamento das lavouras de alguns estados das Regiões Norte e Nordeste, onde os ganhos de produção variam de oito a 11 mil toneladas por hectare. E só não é menor graças aos bons rendimentos alcançados pelos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul (IBGE – Levantamento Sistemático da Produção Agrícola - junho de 2009).

Tabela 4/I. *Raiz e derivados da mandioca – Quantidade exportada pelos principais países – 2002-06*

(t)

País/produto	2002	2003	2004	2005	2006
Mandioca seca					
Tailândia	2.904.153	3.677.118	5.019.012	3.031.308	4.213.878
Vietnã	328.277	632.006	749.666	534.049	1.040.655
Indonésia	70.429	21.999	234.169	229.789	132.005
Costa Rica	72.297	75.182	76.784	81.868	81.314
Holanda	79.105	38.078	111.446	11.863	8.865
Fécula					
Tailândia	767.420	1.023.073	1.039.699	1.353.036	1.614.437
China	39.752	90.721	110.274	80.416	74.428
Paraguai	933	21.271	9.962	13.977	19.065
Brasil	24.780	15.741	8.444	11.545	11.730
Holanda	3.697	3.756	3.905	2.364	6.530
Camboja		8.850	7.881	2.670	4.520
Indonésia	20.082	4.484	185.320	72.005	3.449
Farinha					
Tailândia	82.142	75.960	75.918	53.004	56.173
Benin	-	-	660	297	2.021
Portugal	491	1.128	2.567	540	1.734
Brasil	1.229	1.332	1.771	1.387	1.701
Nigéria	2.300	2.195	75	1.247	794
Tapioca					
Tailândia	22.612	23.881	26.742	24.717	25.758
Indonésia	9.738	5.828	29.426	39.849	13.182
China	18.142	28.487	26.225	20.020	17.066
Índia	932	792	1.165	2.320	2.242
Brasil	1.077	1.186	1.399	1.925	1.467

Fonte: FAO (junho de 2009). (Disponível em http://www.fao.org).

Tabela 5/I. *Raiz e derivados da mandioca – Quantidade e valor das importações mundiais – 2002-06*

Produto	2002	2003	2004	2005	2006
Quantidade (t)					
Total	**4.937.044**	**6.589.402**	**8.591.989**	**5.631.710**	**7.764.012**
Mandioca seca	3.722.993	4.954.710	6.672.164	4.115.011	5.591.982
Fécula	1.147.862	1.557.072	1.816.578	1.407.742	2.095.001
Farinha	10.959	14.807	14.986	18.451	14.795
Tapioca	55.230	62.813	88.261	90.506	62.234
Valor (US$ 1.000)					
Total	**574.933**	**752.361**	**1.140.750**	**955.120**	**1.269.423**
Mandioca seca	328.720	435.090	735.579	565.542	739.967
Fécula	224.089	291.928	374.637	359.785	498.158
Farinha	3.126	4.244	4.555	5.392	5.164
Tapioca	18.998	21.099	25.979	24.401	26.134

Fonte: FAO (junho de 2009). (Disponível em http://www.fao.org).

Tabela 6/I. *Raiz e derivados da mandioca – Quantidade importada pelos principais países – 2002-06*

(t)

País/produto	2002	2003	2004	2005	2006
Mandioca seca					
China	1.760.427	2.397.495	3.473.061	3.345.698	4.950.365
Rep da Coréia	156.770	247.484	460.373	264.547	268.316
Espanha	595.856	745.122	803.695	253.555	153.281
Estados Unidos	49.474	53.498	57.848	64.060	62.961
Bélgica	528.356	856.419	602.556	10.517	38.383
Holanda	471.835	425.146	774.826	39.478	31.225
Portugal	118.857	155.441	192.615	78.329	28.165
Japão	14.112	20.675	30.027	22.963	19.905
Malásia	140	1.948	12.723	138	6.381
França	2.439	3.274	105.292	5.171	5.076
Brasil	26	8.130	1.432	5.073	4.632
Fécula					
China	709.368	940.668	1.169.412	819.211	1.197.969
Indonésia	25.754	183.923	55.807	102.613	304.897
Malásia	81.970	73.305	113.837	121.107	146.711
Japão	115.462	111.190	130.121	99.180	122.494
Cingapura	40.305	44.073	45.108	49.006	48.834
Filipinas	43.102	30.572	46.066	37.384	36.793
Bangladesh	17.835	19.561	22.968	16.006	26.412
Estados Unidos	16.366	15.183	20.882	27.478	24.852
África do Sul	8.452	18.963	22.421	22.608	24.722
Fed Russa	10.529	16.909	28.850	18.425	21.095
Rep da Coréia	9.051	7.554	10.289	11.256	18.110
Austrália	6.405	6.113	6.494	4.070	17.347
Canadá	6.040	6.328	7.462	5.954	11.262
Brasil	12.395	27.123	58.329	9.635	9.735
China	709.368	940.668	1.169.412	819.211	1.197.969
Farinha					
Canadá	1.120	1.441	1.175	3.434	3.682
Laos	2.114	2.938	2.882	3.433	3.364
Cingapura	3.097	2.424	2.368	2.398	2.722
Nigéria	3.007	5.046	4.799	5.404	2.566
Portugal	462	636	608	628	665
Mianmar	27	381	411	428	637
Tapioca					
Bangladesh	7.081	6.574	8.656	8.866	7.947
Estados Unidos	6.914	8.409	8.697	7.819	7.842
China	10.370	8.430	9.228	10.702	9.683
Malásia	1.892	2.295	8.235	2.361	2.701
Sri Lanka	1.574	1.698	1.714	1.570	1.723
Índia	-	1.934	3.600	48	1.629
Paquistão	1.391	1.205	1.272	1.710	1.621
Japão	1.399	1.769	2.292	1.771	1.378
Canadá	1.335	1.006	1.089	3.997	1.293
Cingapura	1.088	883	919	772	1.279
Aruba	938	832	917	838	1.065

Fonte: FAO (junho de 2009). (Disponível em http://www.fao.org).

A Região Nordeste detentora da maior fatia da produção nacional, com 37,5%, seguida pelas regiões: Norte, 27,6%; Sul, 19,9%; Sudeste, 8,9% e Centro-Oeste, 6,1%.

O Pará lidera o ranking nacional na produção de raiz de mandioca, com participação de 18,2%, seguido pela Bahia, com 16,6%, o Paraná, com 12,6% e o Maranhão, com 6,7%. Estes estados somam 54,1% do volume produzido no País.

As tabelas 7, 8 e 9 demonstram o comportamento nas safras 2004/05 a 2008/09 de área colhida, quantidade produzida e rendimento médio de raiz no Brasil e nos principais estados produtores.

Na safra 2007/08, embora tenha ocorrido uma redução na área plantada, as condições climáticas consideradas normais durante o ciclo vegetativo da planta propiciaram ganho médio de produtividade

das lavouras de mandioca na maioria dos estados produtores. A diminuição da oferta nacional de matéria-prima é fator decisivo para que os valores médios pagos pelas agroindústrias de farinha e fécula continuassem crescentes durante o ano de 2008. A situação foi melhor ainda para os produtores que possuem contrato de entrega da produção que obtiveram uma remuneração, na maioria dos casos, acima da média de mercado.

Tabela 7/I. *Raiz de mandioca – Área colhida - Brasil e principais estados – Safras 2004/05 - 2008/09*

(ha)

Discriminação	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08(¹)	2008/09(¹)
Brasil	**1.901.535**	**1.896.509**	**1.894.458**	**1.860.800**	**1.890.433**
Pará	316.426	314.076	324.407	304.864	314.774
Bahia	357.823	344.672	339.489	336.719	323.577
Paraná	165.970	172.951	150.381	141.376	192.136
Rio G do Sul	87.051	87.396	88.702	84.998	84.213
Maranhão	191.852	212.088	213.333	212.621	191.858
São Paulo	48.643	47.170	42.556	44.210	46.535
Amazonas	91.190	85.641	75.722	97.393	97.393
Ceará	93.650	88.602	99.654	95.445	103.546
Minas Gerais	59.672	60.360	59.106	57.884	56.481
Pernambuco	53.703	59.246	58.561	61.209	60.512
Piauí	49.366	52.311	60.901	55.241	60.808
Rio G do Norte	60.676	48.692	51.591	51.005	53.596
Santa Catarina	32.165	32.432	32.451	30.546	31.375
Mato Grosso	38.498	39.943	39.069	36.719	36.340
Rondônia	28.287	28.959	30.229	29.493	29.893
Sergipe	32.184	33.185	33.727	34.354	33.224
Mato G do Sul	32.492	29.337	27.356	29.041	24.554

(¹) Dados preliminares sujeitos a retificação.
Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal (2005-2007) e LSPA-jun/2009.

Em 2008, os principais agentes do segmento de farinha das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste do País mantêm o ritmo de venda de 2007, sendo que uma parcela mais representativa do volume comercializado é destinada aos consumidores dos estados nordestinos. Por sua vez no segmento de fécula, apesar de persistir uma forte concorrência com os preços do amido de milho, uma melhor organização dos setores de produção e de comercialização permite estabilidade nas vendas e no volume de negócios realizados.

Nos últimos anos, as vendas brasileiras de dextrina, colas e outros amidos e féculas modificados para o mercado externo, segundo informações da Secretaria de Comércio Exterior, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, têm comportamento estável no volume negociado e valorização crescente nos principais centros consumidores internacionais. Nos anos de 2002 a 2008, ocorre uma movimentação média anual de 43,7 mil toneladas, sendo que em 2002 acontecem os maiores picos de vendas, com 56,9 mil toneladas; e os menores volumes transacionados acontecem em 2004, com 34,7 mil toneladas.

Tabela 8/I. *Raiz de mandioca – Quantidade produzida - Brasil e principais estados – Safras 2004/05 - 2008/09*

(t)

Discriminação	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08(¹)	2008/09(¹)
Brasil	**25.872.015**	**26.639.013**	**26.541.200**	**26.336.652**	**26.576.752**
Pará	4.797.757	5.078.426	5.216.955	4.799.099	4.966.267
Bahia	4.611.676	4.393.997	4.481.355	4.359.358	4.225.114
Paraná	3.308.000	3.840.363	3.365.003	3.325.943	4.008.109
Rio G do Sul	1.129.500	1.297.191	1.371.895	1.339.732	1.292.537
Maranhão	1.529.986	1.720.322	1.765.586	1.758.038	1.280.770
São Paulo	1.144.880	1.105.850	1.026.732	1.038.000	1.146.740
Amazonas	876.875	770.415	678.420	1.139.218	1.139.218
Ceará	826.017	860.780	749.479	925.317	937.953
Minas Gerais	927.515	907.671	904.086	889.038	864.628
Pernambuco	598.753	660.451	621.937	656.426	666.443
Piauí	380.890	506.076	550.656	469.455	664.273
Rio G do Norte	696.985	521.581	566.216	572.949	585.991
Santa Catarina	589.998	611.699	633.216	582.481	559.159
Mato Grosso	517.479	563.653	549.695	552.864	545.448
Rondônia	488.493	503.276	530.521	489.210	501.803
Sergipe	465.707	490.420	498.233	509.739	495.247
Mato G do Sul	538.754	495.348	480.559	572.975	470.718

(¹) Dados preliminares sujeitos a retificação.
Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal (2005-2007) e LSPA-jun/2009.

Em 2008, os nossos principais parceiros comerciais, por ordem de importância, são: dextrina – Argentina (26,5%), Chile (20,8%), Alemanha (12,9%), Estados Unidos (9,1%), Reino Unido (6,5%), África do Sul (76,1%) e Japão (6,0%); fécula in natura – Venezuela (28,7%), Estados Unidos (22,3%), Argentina (9,3%), Uruguai (7,7%) Chile (5,1%), Bolívia (5,0) e Canadá (4,8%) e colas – Quênia (27,4%), Argentina (24,9%), Uruguai (12,0%), Peru (10,0%), Angola (6,7% e Venezuela (5,9%).

No primeiro semestre de 2009, a soma de todos os produtos (dextrina, fécula e colas) apresenta um crescimento de 4,05% na quantidade comercializada e de 0,92% no montante financeiro, apesar de os preços médios caírem 4,77%, em comparação com os dados de igual período de 2008 (Figura 1).

A Figura 1 demonstra o comportamento da movimentação financeira e preço médio do mercado nacional de dextrina, colas e outros amidos e féculas modificados nos anos de 2002 até o primeiro semestre de 2009.

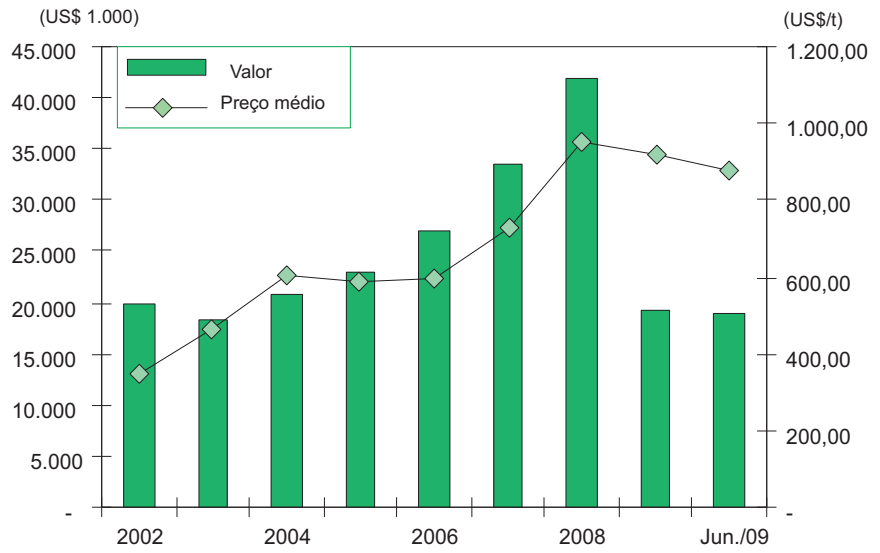
Esses produtos brasileiros vêm se tornando mais competitivos no mercado externo, apesar de persistir os subsídios concedidos aos produtores europeus de derivados, principalmente de milho, arroz e batata.

Tabela 9/I. *Raiz de mandioca – Rendimento médio - Brasil e principais estados – Safras 2004/05 - 2008/09*

(kg/ha)

Discriminação	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08(*)	2008/09(*)
Brasil	**13.606**	**14.046**	**14.010**	**14.153**	**14.059**
Pará	15.162	16.169	16.082	15.742	15.777
Bahia	12.888	12.748	13.200	12.947	13.058
Paraná	19.931	22.205	22.377	23.526	20.861
Rio G do Sul	12.975	14.843	15.466	15.762	15.348
Maranhão	7.975	8.111	8.276	8.268	6.676
São Paulo	23.536	23.444	24.127	23.479	24.643
Amazonas	9.616	8.996	8.959	11.697	11.697
Ceará	8.820	9.715	7.521	9.695	9.058
Minas Gerais	15.544	15.038	15.296	15.359	15.308
Pernambuco	11.149	11.148	10.620	10.724	11.013
Piauí	7.716	9.674	9.042	8.498	10.924
Rio G do Norte	11.487	10.712	10.975	11.233	10.933
Santa Catarina	18.343	18.861	19.513	19.069	17.822
Mato Grosso	13.442	14.111	14.070	15.057	15.010
Rondônia	17.269	17.379	17.550	16.587	16.787
Sergipe	14.470	14.778	14.773	14.838	14.906
Mato G do Sul	16.581	16.885	17.567	19.730	19.171

(*) Dados preliminares sujeitos a retificação.
Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal (2005-2007) e LSPA-jun/2009.



Fonte: MDIC/Secex.

Figura 1/I. *Mandioca - Fécula in natura, colas e dextrina e outros amidos modificados - Valor exportado e preço médio - Brasil - 2002-09*

Safra 2008/09

Os dados preliminares do IBGE, no mês de junho, sinalizavam para a safra nacional 2008/09 uma produção de 26,640 milhões de toneladas, área a ser colhida de 1,891 milhão hectares de lavoura e rendimento médio de 14.059 quilos por hectare, representando um aumento de 1,59% e 0,91% e diminuição de 0,66%, respectivamente, em relação à safra passada.

As regiões que mais cresceram no volume produzido foram: a Sul, com 11,65% (influenciada pelo sensível aumento na produção do Estado do Paraná), seguida pela Norte, com 3,48% (influenciada pela produção do Pará) e pela Sudeste, com 2,58% (ocorreu aumento da produção do Estado de São Paulo); as que mais decresceram foram as regiões Centro-Oeste, com 14,88% (redução na produção nos estados do Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Goiás) e a Nordeste, com 4,53% (diminuição no volume produzido, principalmente nos estados da Bahia e Maranhão). Esses dados, entretanto, deverão com o andamento da colheita sofrer alguns ajustes para baixo ou para cima no transcorrer dos próximos levantamentos do IBGE (Tabela 6).

Em 2009, o mercado brasileiro da raiz e derivados da mandioca continuará comprador; o aumento da oferta contribuirá para que as remunerações desses produtos fiquem abaixo dos valores recebidos em 2008; no segmento das farinhas, os estados produtores das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste ampliarão o comércio com os principais centros consumidores dos estados nordestinos – que tiveram a safra prejudicada devido ao excesso de chuvas nos meses de abril e maio; o segmento de fécula continuará influenciado pelo comportamento de preços do milho que nos últimos meses andam abaixo da expectativa dos agentes produtivos. Sabe-se que a fécula de mandioca e o amido de milho concorrem juntos aos mesmos compradores no mercado nacional.

No mercado externo, as vendas nacionais de fécula in natura, dextrina e colas, vêm a cada ano conquistando novos espaços. Elas deverão continuar tendo um comportamento crescente graças à competência dos agentes do setor que, aos poucos, têm conseguido romper as barreiras impostas pelos produtores europeus que recebem amplo apoio da política de subsídios à produção e comercialização de seus produtos (milho, batata, dentre outros).

Panorama estadual - Safra 2007/08

Em Santa Catarina, a safra 2007/08 não teve o mesmo desempenho da safra passada, registrando queda de 5,9% na área colhida - de 32,5 mil para 30,5 mil hectares. A quantidade produzida diminuiu 8,0% - de 633,2 mil para 582,5 mil toneladas e o rendimento médio baixou 2,3% - de 19,5 toneladas para 19,1 toneladas por hectare (IBGE – LSPA, junho de 2009).

Durante a safra, as condições climáticas (quantidade de chuva, índices de insolação e de umidade relativa do ar) favoreceram o desenvolvimento vegetativo da lavoura, fato que contribui para a diminuição de doenças e ataque de pragas. No entanto, os preços médios pagos aos produtores são considerados baixos por alguns segmentos do setor. A falta de capital de giro para investir no processo produtivo e o pouco uso de tecnologia por alguns produtores são fatores que têm contribuído para o baixo desempenho da lavoura em nosso estado.

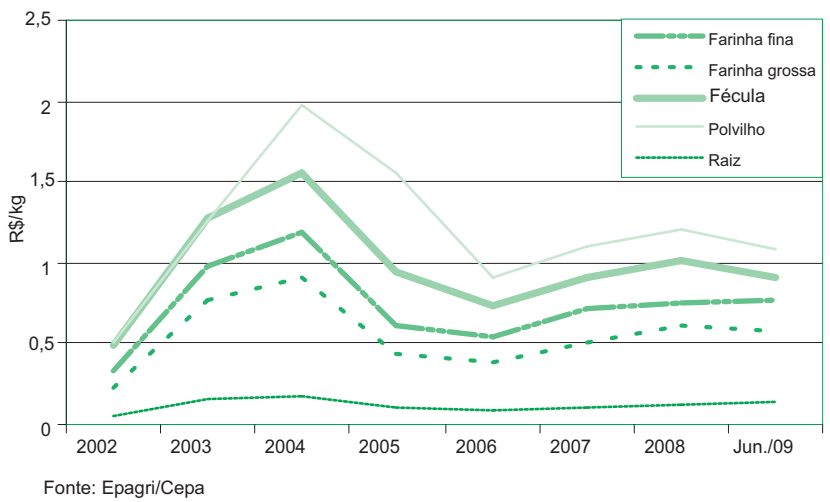
Na região Sul Catarinense, os serviços de colheita e processamento da raiz de mandioca começaram no mês de março de 2008, nos municípios de Laguna e Imarui. Neste período, a prioridade é a extração da raiz de dois ciclos, destinada à produção de farinha fina, preferida pela população litorânea que se estende de Laguna até Joinville e vai além das fronteiras do Estado, sendo comercializada também em vários municípios da Grande Porto Alegre (RS). A partir da segunda quinzena do mês de abril, intensificam-se os trabalhos do setor e a comercialização da matéria-prima entre o produtor e as agroindústrias de farinha, fécula e polvilho se estendem pelos demais municípios produtores da região.

Na safra, embora tenha havido diminuição de 2,3% na produtividade média estadual nas lavouras, alguns municípios produtores da região apresentaram ganho de produtividade, bem como aumento de rendimento industrial - em 2008, o segmento das farinhas, por exemplo, obteve 322,5 quilos/tonelada de raiz, contra 300 quilos/tonelada de raiz obtidos em 2007.

Na região do Alto Vale do Itajaí, maior produtora de fécula no Estado, embora algumas farinheiras tenham antecipado suas atividades para a segunda quinzena do mês de abril, as agroindústrias de féculas começaram a operar somente na segunda quinzena do mês de maio e aumentaram gradativamente as compras de matéria-prima (mandioca de dois ciclos), sendo que os preços pagos pelo produto comercializado variaram de acordo com teor de amido.

Considerando a evolução dos preços médios anuais da raiz e seus derivados nos anos de 2002 a 2009 - segundo a ordem de importância do maior valor recebido - a fécula e as farinhas computaram as melhores remunerações nos anos de 2004, 2003 e 2008; o polvilho azedo em 2004, 2005 e 2008; e a raiz de mandioca em 2004, 2003 e 2005.

Numa análise mais detalhada, depois de uma série de anos de valores aviltados, em meados do mês de outubro de 2002, surgem os primeiros sinais de reação de preços crescentes que se mantiveram numa curva ascendente nos anos de 2003, 2004 e 2005 (em alguns segmentos), 2004 registra as maiores remunerações. Ainda no final do ano de 2005, as cotações da raiz e derivados da mandioca começam gradativamente a perder força e continuam caindo em 2006. Em 2007, constata-se uma pequena reação e os preços permanecem subindo durante o ano de 2008, porém abaixo dos valores pagos no período de 2003 e 2004 (Figura 2).



Fonte: Epagri/Cepa

Figura 2/I. *Mandioca - Raiz e derivados - Preços médios anuais - Regiões Sul Catarinense e Alto Vale do Itajaí - 2002-09*

Após dois anos consecutivos de demanda reprimida, em 2008 as vendas de produtos e subprodutos da mandioca conseguem reverter esse quadro negativo e passam a apresentar uma melhora gradativa nos volumes comercializados e no número de contratos realizados.

Safra 2008/09

As estimativas da safra catarinense 2008/09 de mandioca (LSPA-IBGE) para o mês de junho, época em que a lavoura encontrava-se em plena colheita, deverão atingir um volume de 559,2 mil toneladas; a área a ser colhida deve ser de aproximadamente 31,4 mil hectares e o rendimento médio de 17.822 quilos por hectare, registrando um aumento de 2,71% e queda de 4,00% e 6,53%, respectivamente, em comparação com os dados da safra passada.

Nas principais regiões produtoras do Estado, a ocorrência de fatores climáticos adversos (excesso e falta de chuva, baixa temperatura e reduzido índice de insolação durante a fase de desenvolvimento da lavoura) dificultou a realização de forma regular dos tratos culturais, além de ocasionar perdas de lavoura por deslizamento de terra e alagamento em áreas restritas, influenciando de forma negativa o rendimento médio da cultura.

A colheita e o processamento da matéria-prima da safra, tal como aconteceu na safra passada, começaram pelos municípios de Laguna e Imaruí na segunda quinzena do mês de abril e se estenderam para os demais municípios produtores da região Sul Catarinense a partir do mês de maio, priorizando o arranquio da raiz de dois ciclos e de um ciclo, a partir de junho. Embora a produtividade média da lavoura tenha diminuído (devido a fatores climáticos adversos) - algumas áreas ficaram completamente comprometidas e os produtores simplesmente abandonaram ou arrancaram para complementar a alimentação de seus animais, o rendimento industrial tem sido bom, situando acima dos alcançados na safra passada.

No Alto Vale do Itajaí, os trabalhos das farinheiras e fecularias começaram no mês de maio; os agentes industriais intensificaram as compras de matéria-prima no mês de junho, remunerando o produto de acordo com o teor de amido. Na safra, os primeiros levantamentos sinalizam, a exemplo da região Sul Catarinense, um aumento no teor de amido, fato animador para o segmento produtivo que deverá ter uma maior remuneração no produto comercializado.

Em 2009, a expectativa dos agentes do setor mandioqueiro estadual é bastante otimista: os preços recebidos pela raiz e derivados devem ficar muito próximos aos remunerados no ano passado (considerados bons); embora o mercado apresente-se retraído no primeiro semestre, será compensado pelo aumento nas vendas de farinha, fécula e polvilho azedo no segundo semestre, principalmente a partir do mês de outubro; a diminuição da concorrência de produtos e subprodutos de outros estados possibilitará ao setor catarinense a conquista de mercados antes ameaçados; a escassez de capital de giro no setor permanece comprometendo a saúde financeira da atividade.

No primeiro semestre de 2009, exceto para a farinha grossa que teve queda de preços (7,10%), para os demais produtos a remuneração foi crescente: fécula (13,02%), polvilho azedo (15,67%), farinha fina (1,06%) e raiz (1,74%), em comparação com os valores pagos em igual período de 2008.

No segundo semestre, considerando o comportamento de preços do mercado nacional e as características do mercado catarinense, que demanda uma infinidade de produtos (farinhas, fécula, polvilho azedo) e subprodutos (rosca, pão de queijo, doces, tortas, cuscus, beijus, dentre outros) de maneira regular e durante o ano todo, a remuneração deve seguir uma curva: inicialmente será estável, passando a levemente ascendente a partir do mês de outubro, mantendo-se assim até o final de 2009.

Luiz Marcelino Vieira
Economista - Epagri/Cepa
marcelino@epagri.sc.gov.br

Milho

Mercado internacional

As baixas produtividades do milho na safra 2008/09, devidas às estiagens ocorridas na Argentina e no sul do Brasil, não tiveram grande repercussão na produção mundial, que diminuiu apenas 0,06% em relação à safra anterior. A previsão para a safra 2009/10 é de que diminua mais 0,9%. Isso se deve ao grande peso da China e principalmente dos EUA na produção mundial (60 %) - Tabelas 1 e 2.

Tabela 1/I. *Milho – Principais países do mercado - Safras 2008/09-2009/10*

(milhões t)

País	Produtores		Importadores		Consumidores		Exportadores	
	2008/09	2009/10	2008/09	2009/2010	2008/09	2009/10	2008/09	2009/10
Estados Unidos	307,4	312,2	0,4	0,4	258,3	268,6	45,7	49,5
China	165,9	162,5	0,1	0,1	152,0	158,0	0,2	0,5
Brasil	49,5	54,0	0,5	0,5	44,5	45,5	8,5	9,0
União Europeia-27	62,4	56,4	2,5	2,5	61,7	59,1	2,0	2,0
Argentina	13,0	15,0	0,1	0,0	6,7	5,9	7,0	9,0
México	25,0	24,0	7,4	7,5	32,6	32,2	0,1	0,1
Sudeste Ásia	24,4	25,0	3,6	4,3	27,8	28,5	0,7	0,9
FSU-12	21,3	19,3	0,3	0,2	14,5	15,0	5,8	4,1
Canadá	10,6	10,3	1,6	2,4	11,5	12,4	0,5	0,4
África do Sul	12,0	11,5	0,1	0,1	9,8	10	2,5	3,5
Ucrânia	11,4	9,5	0,0	0,0	5,7	5,7	5,5	2,0
Egito	6,2	6,3	3,7	4,2	10,2	10,6	0,0	0,0
Coreia do Sul	0,1	0,1	7,0	7,5	7,6	7,6	0,0	0,0
Japão	0,0	0,0	16,5	16,3	16,4	16,3	0,0	0,0
Subtotal	**709,2**	**706,1**	**43,8**	**46,0**	**659,3**	**675,4**	**78,5**	**81,0**
Outros países	79,4	75,4	33,1	33,9	116,3	119,1	0,2	0,8
Total mundial	**788,6**	**781,5**	**76,9**	**79,9**	**775,6**	**794,5**	**78,7**	**81,8**

Fonte: Usda (julho de 2009).

Tabela 2/I. *Milho - Principais produtores mundiais - Safras 2004/05-2009/10*

(milhões t)

País	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10(*)	2010/09(%)
Estados Unidos	277,5	267,6	267,6	332,1	307,4	312,2	1,6
China	120,0	143,0	143,0	151,8	165,9	162,5	-2,0
Brasil	43,0	50,0	48,0	57,5	49,5	54,0	9,1
Argentina	20,5	15,8	21,5	22,0	13,0	15,0	15,4
México	20,3	22,0	22,0	22,6	25,0	24,0	-4,0
Subtotal	481,3	498,4	502,1	586,0	560,8	567,7	1,2
Outros	181,6	200,9	191,1	203,1	227,8	213,8	-6,1
Total	**662,9**	**699,3**	**693,2**	**789,1**	**788,6**	**781,5**	**-0,9**

(*)Previsão.
Fonte: Usda (julho de 2009).

Como os problemas climáticos foram maiores na Argentina do que no Brasil, as posições se inverteram nas exportações e o Brasil deverá, de acordo com o levantamento de julho de 2009 do USDA, ser o segundo exportador na atual safra e empatar com a Argentina em 2009/10.

Quanto à produção e o consumo os três primeiros colocados permanecem os mesmos: EUA, China e União Européia. O Brasil foi o segundo exportador, mas permanece o quarto produtor, já que a China e a União Européia têm uma situação mais equilibrada entre o que produzem e consomem. EUA e Brasil exportam um maior percentual (14,9% e 17,2%), esclarecendo-se que o volume exportado pelos EUA é 5,4 vezes maior que o do Brasil.

A evolução prevista para a próxima safra diferencia-se bastante entre os maiores produtores. Os números do USDA e do IBGE ou CONAB são diferentes quanto ao volume produzido na última safra e nos percentuais de decréscimo na produção: 13,9% no USDA e 15,7% nos órgãos das estatísticas brasileiras (Tabela 2). A previsão do USDA coloca a próxima safra brasileira como 9,1% maior do que a passada, pois seria de 54 milhões de toneladas. A previsão oficial da safra 2009/10 não foi ainda estimada no Brasil, mas este aumento seria possível via crescimento da produtividade (foi de 3.559 kg/ha, mas havia sido de 3.972kg/ha no ano anterior). Para a Argentina o aumento previsto é ainda maior (15,4%), pois as perdas foram maiores e a produtividade pode ser recuperada. As oscilações dos outros países são mínimas diante destas (Tabela 2).

Na oferta e demanda mundial, além do já comentado, destaca-se o item exportações que, segundo o USDA, decairia 20,2% nesta safra e aumentaria 3,9% na 2009/10. A mesma fonte estima que da safra 2008/09 sobraria um estoque final de 143,8 milhões de toneladas, o maior dos últimos anos, e que diminuiria na próxima safra para 139,2 milhões de toneladas, número que só é menor do que o recém citado. Seriam, portanto, estoques bem maiores do que os dos três anos antecedentes (Tabela 3).

Tabela 3/I. *Milho – Oferta e demanda mundial - Safras 2005/06-2009/10*

(milhões t)

Discriminação	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10
Estoque inicial	131,4	125,1	109,0	130,7	143,8
Produção	699,3	693,2	789,1	788,6	781,5
Cons. doméstico	624,7	616,7	769,9	775,6	794,5
Exportação	80,9	93,1	98,6	78,7	81,8
Estoque final	125,1	109,0	130,7	143,8	139,2

Fonte: Usda (julho/09).

Os estoques mundiais são fortemente influenciados pelos dos EUA. Neste e no próximo ano os estoques americanos representam, respectivamente, 31,3% e 28,3% dos estoques mundiais. As exportações americanas entre as safras 2007/08 e 2008/09 diminuíram 26,2% e cresceriam 8,3% na próxima (Tabela 4).

Tabela 4/I. *Milho - Oferta e demanda - USA - Safras 2005/06-2009/10*

(milhões t)

Discriminação	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10[1]
Estoque inicial	53,7	50,0	33,1	41,3	45,0
Produção	267,6	267,6	331,2	307,4	312,2
Cons. doméstico	217,1	230,8	261,7	258,3	268,6
Exportação	54,2	54,0	61,9	45,7	49,5
Estoque final	50,0	33,1	41,3	45,0	39,4

[1] Previsão.
Fonte: Usda (julho/09).

A Argentina, apesar de não ser grande consumidora de milho, pela domínio da bovinocultura a pasto, tem papel importante nas exportações a ponto de ser historicamente o segundo exportador. O país só foi ultrapassado agora porque teve maiores adversidades climáticas do que o Brasil e porque o governo restringiu as exportações para não prejudicar o suprimento interno. Sua produção diminuiu 40,9% da safra 2007/08 para 2008/2009 e as exportações, que sofreram mais, diminuíram 52,7%. A previsão do USDA é que para a safra vindoura sua produção aumente 15,4% e suas exportações 28,6% (Tabela 5).

Tabela 5/I. *Milho – Oferta e Demanda da Argentina - Safras 2004/05 - 2009/10*

(milhões t)

Discriminação	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10
Estoque inicial	0,22	1,0	1,2	1,7	2,0	1,4
Produção	20,5	15,8	22,5	22,0	13,0	15,0
Cons.doméstico	5,2	6,2	6,7	7,0	6,7	5,9
Exportação	14,6	9,5	15,5	14,8	7,0	9,0
Estoque final	1,0	1,2	1,7	2,0	1,4	1,5

Fonte: Usda (julho/09).

A grandiosidade da produção dos EUA (39% da produção mundial) faz com que todos os dados derivados do produto sejam comparativamente muito maiores do que os dos demais países. Exportou em 2000/2009 mais do que o conjunto dos outros países (58,15), quantia equivalente a 5 vezes as exportações do Brasil e 11 vezes as da Argentina.

Além disso, e, talvez, mais importante no mercado mundial, é o consumo de milho pelos EUA para a produção de etanol. A estimativa do USDA de julho de 2009 é que, da safra de 2008/09, 33,9% deverão ser utilizados para etanol. Este percentual corresponde a 104,1 milhões de toneladas, ou seja, o etanol

americano consumirá 2,1 vezes a produção brasileira da mesma safra. Em relação à Argentina a proporção é de 8 vezes. Por causa das oscilações do preço do petróleo (subindo para US$ 150 por barril, caindo para US$40 por barril e se recuperando para US$ 70) a rentabilidade econômica do etanol foi posta em dúvida: no preço mais alto era rentável; no preço mais baixo deixou de ser e foram fechadas 23 usinas que produziam ¼ da produção. A queda da demanda fez os preços do milho americano, em março 2009, caíram para menos da metade do preço de 2008.

A grande dúvida é onde fica o preço de equilíbrio gasolina/etanol. Além disso, nos EUA o álcool não é usado puro como no Brasil. Lá o limite da mistura é 10%, com a tendência de aumentar com o tempo, mas as montadoras dizem que isso prejudicaria os carros. Há negociações difíceis à vista. O novo presidente dos EUA é favorável aos biocombustíveis, mas até onde iria seu apoio ao etanol de milho? Iria subsidiar até atingir seu objetivo ou importar volumes maiores? O Brasil exportou 2 bilhões de litros em 2006 e 1,7 bilhão de litros em 2008. O consumo americano de milho para etanol foi de 53,8 milhões de toneladas em 2006 e de 95,2 milhões em 2008. Com o passar do tempo o auto-abastecimento cresceu e em 2009 a produção aumentará; não no mesmo ritmo de antes, mas crescerá, mesmo com a política que já existe, mas ela pode ser modificada (Tabela 6).

Tabela 6/I. *Milho - Produção de milho e etanol nos Estados Unidos - safras 2005/06-2009/10*

(milhões de t)

Produção	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09
Milho	267,6	267,6	331,2	307,4
Etanol(*)	53,8	76,9	95,2	104,1
Etanol/milho %	20,1	28,7	28,7	33,9

(*)Volume de milho usado para etanol.
Fonte: Usda (julho de 2009).

Este é o grande mistério pelo lado da oferta no mercado internacional de milho: quanto mais milho for usado pelos EUA para produzir etanol, menos exportará, facilitando as exportações de Brasil e Argentina. O raciocínio inverso também é verdadeiro.

A grande variável pelo lado da demanda é o desenvolvimento econômico futuro em geral, mas principalmente dos países do BRIC. Se retornarem às suas taxas de crescimento de antes da crise, o mercado de carnes e mesmo de milho se expandirá e poderá haver espaço para outros exportadores; se não, poderá haver abundância e preços baixos que desestimulariam os produtores e assim por diante.

Mercado nacional

Além das informações sobre a participação do Brasil no mercado internacional, é importante observar as modificações nas participações dos estados na produção nacional e no quadro brasileiro de oferta e demanda.

Como a estiagem ocorreu com maior gravidade na Região Sul e no Estado do Mato Grosso do Sul (diminuição de produção de 24,1% e 34,5%, respectivamente) as participações do Paraná, do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina diminuíram e as de Mato Grosso, Minas Gerais e Goiás aumentaram. Minas Gerais e Mato Grosso tiveram pequenos decréscimos de produção e Goiás manteve sua produção, mas suas participações cresceram pelo decréscimo dos estados mais prejudicados. Estes decréscimos diferenciados levaram a uma queda da média da produção nacional de 15,6% (Tabela 7).

Tabela 7/I. Milho - Principais estados produtores - Brasil - Safras 2005/06-2008/09

(milhões t)

Estado	2005/06	2006/07	2007/08	Part.%	2008/09	Part.%
Paraná	11,2	13,9	15,4	26,3	11,2	22,3
Mato Grosso	4,0	5,9	7,8	13,3	7,3	14,5
Minas Gerais	5,3	6,3	6,6	11,3	6,4	12,7
Goiás	3,1	3,9	5,0	8,5	5,0	9,9
Rio Grande do Sul	4,6	6,0	5,3	9,0	4,2	8,3
São Paulo	4,3	4,0	4,7	8,0	4,1	8,2
Santa Catarina	3,2	3,9	4,1	7,0	3,3	6,6
Mato G. do Sul	2,8	2,9	3,5	6,0	2,3	4,6
Bahia	1,7	1,7	2,0	3,4	2,0	4,0
Ceará	0,4	0,3	0,8	1,4	0,6	1,2
Subtotal	40,5	48,6	55,2	94,2	46,4	92,2
Outros	2,1	2,8	3,4	5,8	3,9	7,8
Total	**42,5**	**51,4**	**58,6**	**100,0**	**50,3**	**100,0**

Fonte: Conab.

Na dinâmica do avanço da cultura para o Centro-Oeste, como Minas Gerais, da safra 2005/06 a 2008/09, cresceu em produção 20,7% e Goiás 61,3%, há a tendência de que Goiás com o tempo ultrapasse Minas Gerais e se torne o terceiro produtor nacional.

O balanço de oferta e demanda de milho para o Brasil mostra que o consumo nacional dos dois últimos anos ultrapassou 42 milhões de toneladas, o que não ocorrera antes; isto é consequência do aumento da avicultura nacional principalmente e do crescimento da produção de leite. A estimativa de aumento do USDA para 2008/09 se baseia na continuidade deste crescimento, chegando a 44,5 milhões de toneladas (Tabela 8).

Tabela 8/I. Milho - Oferta e demanda - Brasil - Safras 2001/02-2007/08

(milhões t)

Discriminação	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09(*)
Estoque inicial	8,5	7,8	3,2	5,6	3,6	12,6
Produção	42,1	35,0	42,5	51,4	58,6	49,5
Importação	0,3	0,6	0,4	1,1	0,7	0,5
Consumo	38,2	39,1	36,6	43,5	42,5	44,5
Exportação	5,0	1,1	3,9	10,9	7,8	9,0
Estoque final	7,8	3,2	5,6	3,6	12,6	9,1

(*)Previsão - Usda (julho/2009).
Fonte: Conab.

Os estoques nacionais de 2007/08 foram os maiores, mas a previsão é de que eles diminuam no próximo ano. Não é por acaso que essa tendência seja a mesma dos estoques mundiais e do EUA, pois o Brasil está cada vez mais entrosado no mercado mundial à medida que ganha importância como exportador. As exportações brasileiras em 2000 foram de 14,3 mil toneladas; em 2004, 5.045 mil toneladas; em 2007, 10.987 mil toneladas, mas em 2008 caíram para 6.463 mil toneladas e até julho de 2009, 3.565 mil toneladas. Isto deixa claro que o mercado não é fácil e, além disso, as exportações de 2008 e 2009 foram afetadas pela crise econômica mundial. As exportações mundiais caem de 98,6 milhões de toneladas em 2007/08 para 78,0 milhões em 2008/09. A previsão do USDA é de que aumentem para 81,0 milhões de toneladas em 2009/10, ainda 17 milhões de toneladas abaixo de 2007/08.

Mercado estadual

Há produtores catarinenses que não poderão ter na próxima safra a cobertura do Proagro, devido à norma de crédito que diz que há risco no cultivo quando há três frustrações de safra em cinco transcorridas. As variações de produtividade são evidentes quando se examina uma série começando na safra 2002/03, quando a produtividade foi de 5.034 kg/ha, uma safra normal dentro do crescimento do rendimento proporcionado pelo avanço tecnológico (Tabela 9).

Tabela 9/I. *Milho - Área, produção e rendimento - Santa Catarina - Safras 2002/03-2008/09*

Discriminação	2002/03	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	07/08-06/07	08/09-07/08
Produção (mil t)	4.310,9	3.257,8	2.695,2	2.886,1	3.793,4	4.089,4	3.354,8	7,8	-18
Área (mil ha)	856,4	816,1	796,1	784,2	695,0	715,8	667,1	3,0	-6,8
Rendimento (kg/ha)	5.034	3.992	3.386	3.680	5.458	5.713	5.029	4,7	-12

Fonte: IBGE e Conab.

Depois disso as três safras subsequentes tiveram problemas climáticos e a média de produtividade caiu para 3.686 kg /ha. Este triênio frustrante tem seu ponto mais baixo na safra 2004/05, com 3.386 kg/ha (Figura 1). Na safra 2006/07 foi retomada a ascensão do rendimento, com 5.458 kg/ha. Na safra 2007/08 aconteceu o maior dos rendimentos (5.713 kg/há). Neste ano não aconteceu a maior produção porque a área cultivada era 16,4% menor que a da safra 2002/03. A média destas últimas três safras teve uma produtividade de 5.400 kg/ha, mesmo assim produtores dos municípios mais atingidos tiveram maiores perdas (menos 25% nos municípios de declaração de emergência e 18% como media estadual) somando uma terceira safra ruim em cinco anos (Tabela 9).

Se a produtividade não foi tão ruim, por que a produção caiu tanto? Porque a área semeada foi a menor de todos estes anos (667,1 mil hectares contra 856,4 na safra 2002/03, ou seja, decréscimo de 22,1%). Isto é facilmente perceptível na Figura 1: produção e produtividade oscilam ao sabor do clima e a área cai continuamente. Tal fato acontece não só com o milho, mas no conjunto dos grãos de verão.

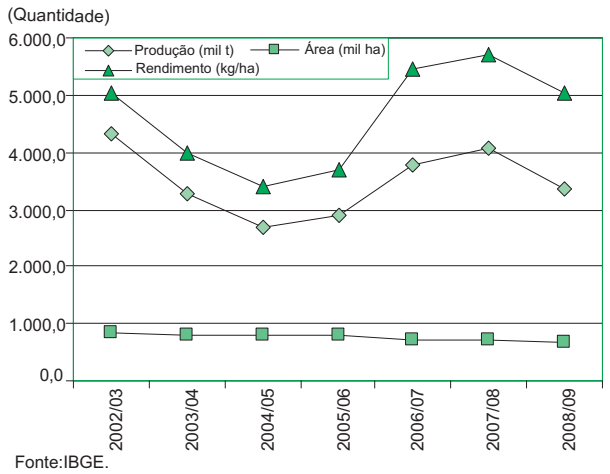


Figura 1/I. *Milho - Área, produção e rendimento - Santa Catarina - Safras 2002/03 - 2008/09*

A frustração da safra, a quarta em seis anos, é um dos fatores importantes na determinação da intenção de plantio de 2009/10.

A queda da produção tem como consequência direta o aumento do défice de milho do estado, obrigando as agroindústrias, as cooperativas e os produtores independentes a buscar milho fora do Estado ou do País (Tabela 10 e Figura 2).

Tabela 10/I. *Milho - Oferta e demanda - Santa Catarina - 2005-09*

(mil t)

Discriminação	2005	2006	2007	2008	2009
I - Consumo	4.707,2	4.774,5	4.979,6	5.270,8	5.270,8
1 - Humano	90,0	90,0	90,0	90,0	89,0
2 - Animal	**4.514,2**	**4.616,5**	**4,821,6**	**5.037,8**	**4.904,5**
. Suínos	1.982,0	2.130,4	2.164,0	2.247,2	2.063,6
. Aves	2.199,2	2.142,1	2.263,6	2.371,6	2.371,6
. Outros	333,0	344,0	394,0	419,0	469,3
3 - Indústrias/outros	63,0	43,0	43,0	43,0	44,0
4 - Saídas	40,0	25,0	150,0	100,0	100,0
II - Perdas	90,0	90,0	110,0	120,0	100,6
III - Neces. total	4.797,2	4.864,5	5.214,6	5.390,8	5.238,0
IV - Produção	2.695,2	2.886,1	3.793,6	4.089,2	3.354,8
V - Déficit	2.102,0	1.978,4	1.421,0	1.301,6	1.883,2

Fonte: IBGE.

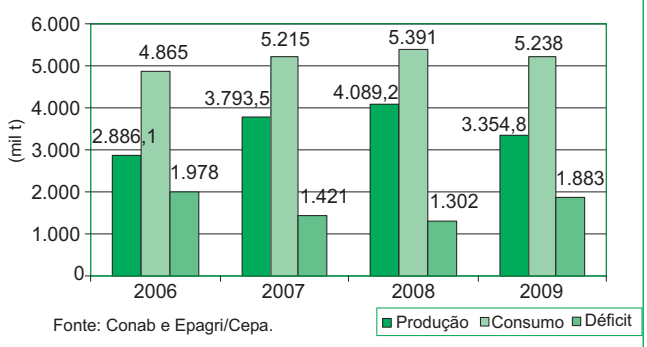
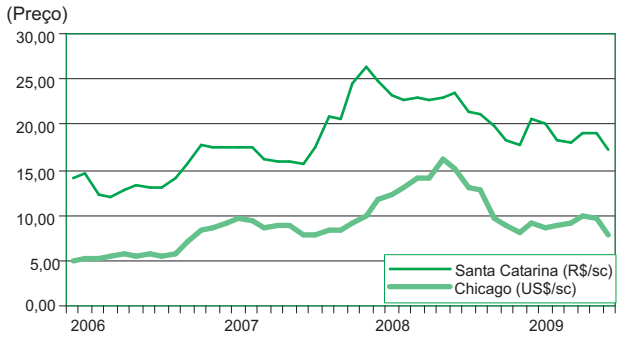


Figura 2/I. *Milho - Oferta e demanda - Santa Catarina - 2006-09*

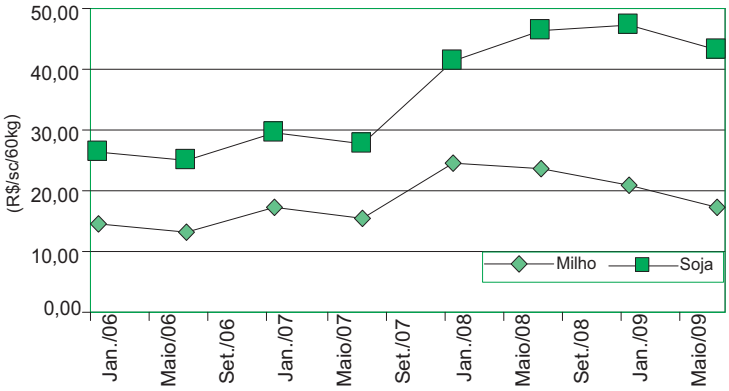
Outro fator importante para os produtores na decisão de plantio é o nível de preços recebidos pelo produtor. Em abril de 2006, a média mensal de preços foi U$12,09/saco de 60 kg; o mais alto foi de U$26,30/saco em dezembro de 2007 e em julho de 2009 caiu para U$17,18/saco. Isto equivale a dizer que primeiro aumentou 117% e depois caiu 53% (Figura 3). Este gráfico mostra também que, cada vez mais o preço do milho em Santa Catarina segue o preço da bolsa de Chicago (CBOT). A última vez que o preço local se descolou do internacional foi no período de maior crescimento do preço no estado (novembro de 2007 a abril de 2008). Como o Brasil se atrela cada vez ao mercado internacional, via exportações, é natural que os preços decorram da CBOT, a não ser quando acontece algo muito importante internamente que tenha força de determinar os preços locais apesar das influencias externas.

O agricultor, principalmente para a safra de primavera-verão, tem como alternativas de produtos a semear o milho e a soja. Desde junho de 2008 os preços da soja e do milho tomaram rumos diferentes: a soja continuou a crescer e o milho passou a cair. Esta tendência, aliada à maior liquidez da soja, faz com que o milho tenha perdido parte da área para a soja e outras finalidades (menos 6,8% para o milho e mais 3,2% para a soja), fato que tende a se repetir em 2009/10 e com mais intensidade (Figura 4).



Fonte: Cbot e Epagri/Cepa.

Figura 3/I. *Milho - Preços no mercado internacional e catarinense 2006-09*



Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 4/I. *Milho e soja - Preço recebido - Santa Catarina - Jan./2006-Jul./2009*

A questão dos custos de produção em relação aos preços do milho é outro item considerado na intenção de plantio, mas tudo depende da época examinada. No período de maio de 2008 a novembro de 2008 os fertilizantes (de base mais uréia) aumentaram 22,5%, enquanto o milho teve seu preço diminuído em 19,8%. Se for considerado o período de novembro de 2008 a maio de 2009, os mesmos fertilizantes caíram 35% e o milho aumentou 3,8%. Se os dois semestres forem somados, o ano que inicia em maio de 2008, os dados são outros, pois os fertilizantes decresceram 20,5% e o preço do milho 9,9%.

Estes dados dão uma idéia dos fatos, mas para que se chegue a conclusões mais apuradas, será necessário aguardar os levantamentos de setembro (são trimestrais para os insumos) que é uma época mais adequada para a decisão de plantio (o plantio já estará iniciado). Poder-se-á então comparar os custos totais de produção de setembro passado com o de 2009.

A dispersão do plantio do milho no Estado na safra 2007/08 (safra mais normal que a de 2008/09) coloca pela ordem decrescente de produção as cinco primeiras microrregiões geográficas do IBGE: Chapecó, Canoinhas, Joaçaba, Xanxerê e São Miguel do Oeste. As cinco maiores produtividades incluem algumas destas microrregiões e outras são substituídas por microrregiões diferentes: Canoinhas, Xanxerê, Joaçaba, Curitibanos e São Bento do Sul (Tabela 11).

Tabela 11/I. *Milho - Produção por microrregião - Santa Catarina - 2006-08*

Microrregião	Área (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
Geográfica	2007	2008(*)	2006	2007	2008(*)	2006	2007	2008(*)	2006
Araranguá	10.170	10.050	10.500	39.787	39.987	42.285	3.912	3.979	4.027
Blumenau	5.509	5.503	5.433	16.174	16.369	17.507	2.936	2.975	3.222
Campos de Lages	48.649	48.840	52.860	113.392	216.288	225.877	2.331	4.429	4.273
Canoinhas	77.100	59.350	77.200	386.432	448.470	592.355	5.012	7.556	7.673
Chapecó	165.020	153.153	152.095	598.006	788.001	813.397	3.624	5.145	5.348
Concórdia	65.450	58.900	53.320	182.898	285.843	257.070	2.794	4.853	4.821
Criciúma	7.420	8.450	9.135	35.313	39.826	46.875	4.759	4.713	5.131
Curitibanos	52.500	42.900	45.080	171.858	253.632	271.116	3.273	5.912	6.014
Florianópolis	1.595	1.185	1.185	5.607	4.846	4.449	3.515	4.089	3.754
Itajaí	25	24	88	59	60	317	2.360	2.500	3.602
Ituporanga	15.750	15.900	16.180	45.443	84.540	91.830	2.885	5.317	5.676
Joaçaba	86.960	83.200	83.050	287.253	511.210	521.456	3.303	6.144	6.279
Joinville	766	805	805	3.113	3.252	3.437	4.064	4.040	4.270
Rio do Sul	26.110	26.030	26.805	60.724	121.470	134.690	2.326	4.667	5.025
Sao Bento do Sul	7.940	7.940	8.140	42.096	42.096	46.320	5.302	5.302	5.690
Sao Miguel do Oeste	108.210	90.515	90.275	441.219	458.293	465.168	4.077	5.063	5.153
Tabuleiro	5.880	4.900	4.900	22.590	20.470	21.300	3.842	4.178	4.347
Tijucas	4.130	4.240	4.430	15.217	18.123	18.205	3.685	4.274	4.109
Tubarao	10.045	9.895	10.080	37.767	38.653	43.798	3.760	3.906	4.345
Xanxerê	84.985	63.213	64.213	381.191	401.935	471.764	4.485	6.358	7.347
Santa Catarina	**784.214**	**694.993**	**715.774**	**2.886.139**	**3.793.364**	**4.089.216**	**3.680**	**5.458**	**5.713**

(*)Dados preliminares.
Fonte: IBGE.

Em resumo, as variáveis mais importantes no futuro do mercado internacional são, pela oferta, o uso de milho para etanol nos EUA e, pela demanda, a recuperação da economia e as taxas de crescimento do BRIC.

No mercado nacional destacam-se em importância: o retorno do crescimento acentuado da produção de carnes e as condições climáticas da imensa região brasileira que hoje planta milho.

Santa Catarina, que já teve redução de área na última safra (-6,8%) e desde 2002/03 decresceu 22,1% (-189,3 mil hectare), tende a acentuar esta queda na safra 2009/10, pois as mesmas condições do ano passado, já mencionadas, estão se repetindo, somadas à frustração ocorrida. Não existem estimativas ainda da Conab e do IBGE, mas levantamentos feitos com as organizações dos produtores, cooperativas e técnicos das regiões mais importantes indicam uma redução de 15% na área média no Estado, um efeito decorrente de um intervalo de 10% a 25%, que são as variações microrregionais. A diminuição desta área aumentaria o défice estadual de milho. Se for considerada a produtividade da última safra e mantido o consumo, o défice seria o maior de todos (2.386,6 mil toneladas). Se for considerada a safra anterior, que teve o maior rendimento, com o consumo mantido, o défice cai para 1.998,7 mil toneladas, ficando menor apenas que o de 2005, que teve a pior produtividade.

Julio Alberto Rodigheri
Engº Agrônomo Epagri/Cepa
juliorodigheri@epagri.sc.gov.br

Soja

Mercado Internacional

A produção mundial de soja, segundo a previsão do Usda, deverá crescer 15% na safra 2009/10 em relação à anterior. Todos os grandes produtores deverão colher mais, a exceção da China que terá pequeno decréscimo. Destaca-se o aumento previsto para a Argentina, que, na verdade, trata-se de uma recuperação das perdas da última safra, devido às adversidades climáticas, que foram mais severas lá do que no sul do Brasil (Tabelas 1 e 2).

Tabela 1/I. Soja - Principais países do mercado – Safras 2008/09-2009/10(*)

(milhões t)

País	Produtores		Importadores		Consumidores		Exportadores	
	2008/09	2009/10	2008/09	2009/10	2008/09	2009/10	2008/09	2009/10
Estados Unidos	80,5	87,1	0,4	0,3	49,1	50,5	34,4	34,4
Brasil	57,0	60,0	0,0	0,1	34,8	34,6	27,8	24,0
Argentina	32,0	51,0	1,6	0,5	34,2	36,7	6,0	9,7
China	16,0	15,4	39,1	38,1	51,3	53,4	0,5	0,5
União Européia-27	0,6	0,8	12,8	12,4	13,7	13,7	0,0	0,0
Japão	0,2	0,1	3,4	3,9	3,8	4,1	0,0	0,0
México	0,2	0,0	3,1	3,5	3,2	3,6	0,0	0,0
Subtotal	**186,5**	**214,4**	**60,4**	**58,8**	**190,1**	**196,6**	**68,7**	**68,6**
Outros	24,1	27,7	13,0	15,7	31,5	34,7	5,6	7,4
Total	**210,6**	**242,1**	**73,4**	**74,5**	**221,6**	**231,3**	**74,3**	**76,0**

(*)Previsão.
Fonte: Usda (agosto/09).

Tabela 2/I. Soja - Principais produtores mundiais - Safras 2004/05-2009/10

(milhões t)

País	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10(*)	2010/09 %	2009/05 %
E.Unidos	85,0	83,4	86,8	72,9	80,5	87,1	8,2	-5,3
Brasil	53,0	57,0	59,0	61,0	57,0	60,0	5,3	7,5
Argentina	39,0	40,5	48,8	46,2	32,0	51,0	59,4	-17,9
China	17,4	16,4	15,2	16,0	16,0	15,4	-3,8	-8,0
Subtotal	**194,4**	**197,3**	**209,8**	**196,1**	**185,5**	**213,5**	**15,1**	**-4,6**
Outros	21,6	23,3	26,8	25,1	25,1	28,6	13,9	16,5
Total	**216,0**	**220,5**	**236,6**	**221,2**	**210,6**	**242,1**	**15,0**	**-2,5**

(*)Previsão.
Fonte: Usda (agosto/09).

O consumo mundial deverá crescer 4,4%, o que pressupõe uma recuperação da economia mundial no último trimestre de 2008 e em 2009. Os grandes importadores mundiais (China e União Europeia) teriam pequenos decréscimos nas suas compras internacionais. O Japão e o México fariam o contrário, assim como os países que transacionam volumes menores.

As exportações mundiais cresceriam apenas 2,3% da última safra para a próxima. A Argentina teria o crescimento mais destacado junto com os pequenos exportadores, decorrência lógica da recuperação de sua produção. Brasil teria decréscimo de suas exportações de 3,8 milhões de toneladas (Tabela 1).

Analisando a produção mundial num período mais longo, verifica-se que só a China deverá na próxima safra ter um decréscimo de produção (-3,8) em relação à safra 2008/09. O panorama é muito diferente se o período for 2004/05 a 2008/09, quando houve queda de produção para todos os grandes produtores,

variando de 5% a 18%, exceto no caso do Brasil, que cresceu 7,5% e para os pequenos produtores que aumentaram 16,5%, indicando uma maior disseminação do cultivo (Tabela 2).

No balanço de oferta e demanda mundial, a previsão para a próxima safra é de aumento da produção de 15%; o menor estoque inicial dos últimos anos; o crescimento em menor escala aconteceria com a moagem (4,4%), a exportação (2,3%), o uso doméstico (4,5%). O estoque final cresceria 22,7% em relação à última safra, mas ainda estaria abaixo dos três anos anteriores (Tabela 3).

Tabela 3/I. *Soja - Oferta e demanda mundial – Safras 2005/06-2009/10*

(milhões t)

Discriminação	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10(*)
Estoque inicial	47,5	53,4	62,9	52,9	41,0
Produção	220,4	236,6	221,2	210,6	242,1
Moagem	185,0	196,2	201,9	192,8	201,3
Exportação	63,9	71,2	79,5	74,3	76,0
Uso doméstico	214,9	225,4	229,7	221,9	231,9
Estoque final	53,4	62,5	52,9	41,0	50,3

(*)Previsão.
Fonte: Usda (agosto/09).

O quadro de oferta e demanda dos EUA será mais folgado do que o mundial, pois o Usda prevê que a produção americana crescerá 8,2%, que o estoque inicial será 46,4% menor que o da última safra e o uso doméstico cairá 6,8%, mas o estoque final crescerá 90% em relação à última safra, ainda que seja igual ao da safra antecedente e muito menor que as duas anteriores (Tabela 4).

Tabela 4/I. *Soja – Oferta e demanda - USA - Safras 2005/06-2009/10*

(milhões t)

Discriminação	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10(*)
Estoque inicial	7,0	12,2	15,6	5,6	3,0
Produção	83,4	86,8	72,9	80,5	87,1
Moagem	47,3	49,2	49,1	45,2	45,4
Exportação	25,3	30,4	31,5	34,4	34,4
Uso doméstico	52,6	53,2	51,4	53,9	50,2
Estoque final	12,2	15,6	5,6	3,0	5,7

(*)Previsão.
Fonte: Usda (agosto/09).

A produção de soja da América do Sul caiu 18,1% na safra 2008/09. Entre os maiores produtores, só a Bolívia teve crescimento, pois os países do Cone Sul tiveram problemas de deficiência hídrica durante o cultivo da safra. A maior queda de produção foi do Paraguai (45%), mas como a produção da Argentina é muito mais expressiva, a diminuição de 31% é mais importante. O Brasil teve estiagem na Região Sul e no Mato Grosso do Sul, mas como tem grande área de cultivo fora destes estados, perdeu apenas 6,6%. Com isso, a participação do Brasil na produção da América do Sul aumentou de 52,5% para 59,8%, enquanto a Argentina perdeu seis pontos percentuais (Tabela 5).

Tabela 5/I. *Soja - Produção da América do Sul – Safras 2004/05-2008/09*

(milhões t)

País	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	Part.%	2008/09	Part.%	2009/08%
Brasil	53,0	57,9	59,0	61,0	52,5	57,0	59,8	-6,6
Argentina	39,0	40,5	48,8	46,2	39,7	32,0	33,6	-30,7
Paraguai	4,0	3,6	5,9	6,9	5,9	3,8	4,0	-44,9
Bolívia	2,1	2,1	1,6	1,3	1,1	1,7	1,8	30,8
Uruguai	0,5	0,6	0,8	0,9	0,8	0,8	0,8	-11,1
Total	**98,6**	**104,7**	**116,1**	**116,3**	**100,0**	**95,3**	**100,0**	**-18,1**

Fonte: Usda e Safras & Mercado.

Isso tudo fez com que a curva da produção sul-americana, que ascendia ano a ano, tenha tomado rumo descendente. Contudo, de acordo com o Usda, Brasil e Argentina, que juntos somam mais de 90% da produção do subcontinente, irão se recuperar na próxima safra (111 milhões de toneladas), ultrapassando o nível da safra 2007/08 (107 milhões de toneladas) e retomando a tendência anterior de crescimento.

Mercado nacional

Além do já mencionado sobre o Brasil no mercado internacional da soja, observar-se-ão as modificações ocorridas entre os estados maiores produtores, o balanço de oferta e demanda do complexo soja e a questão das exportações.

Destaca-se a grande queda de produção na safra 2008/09 no Paraná: 20,1%. Isso porque o problema climático foi mais grave neste Estado do que no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, que conseguiram crescer 1,8% e 5%, respectivamente. Com isso, o Mato Grosso, que cresceu muito pouco (0,6%), aumentou sua grande diferença como primeiro produtor, o Paraná se manteve como segundo, o Rio Grande do Sul como terceiro e Goiás como quarto produtor nacional. Outros estados que tiveram grandes perdas foram a Bahia (-12%) e Maranhão (-22,8) – Tabela 6.

Tabela 6/I. *Soja - Principais estados produtores - Brasil – Safras 2003/04- 2008/09*

(mil t)

Estado	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/08
Mato Grosso	15.008,8	17.705,1	16.700,4	15.359,0	17.847,9	17.962,5	0,6
Paraná	10.036,5	9.541,3	9.645,6	11.915,6	11.896,1	9.509,7	-20,1
Rio grande do sul	5.559,4	2.625,8	7.776,1	9.924,6	7.775,4	7.912,6	1,8
Goiás	6.147,1	6.985,1	6.533,5	6.114,0	6.543,5	6.836,2	4,5
Mato Grosso do Sul	3.324,8	3.716,4	4.445,1	4.881,3	4.569,2	4197,7	-8,5
Bahia	2.218,1	2.401,2	1.991,3	2.297,2	2.747,6	2.418,0	-12,0
Minas Gerais	2.659,2	3.021,6	2.482,5	2.567,9	2.536,9	2.673,7	5,4
São Paulo	1.815,2	1.684,1	1.654,6	1.437,5	1.446,5	1.306,5	-9,7
Maranhão	924,1	997,5	1.025,1	1.084,4	1.262,8	1.262,8	-22,8
Santa Catarina	641,7	607,4	798,8	1.111,5	946,6	993,7	5,0
Tocantins	606,6	910,6	700,4	646,5	910,9	856,4	-6,0
Subtotal	**48.941,5**	**50.196,1**	**53.753,4**	**57.339,5**	**58.483,4**	**55.929,8**	**-4,4**
Outros	851,2	1.255,9	1.273,7	1.052,3	1.534,3	1.259,0	-17,9
Total	**49.792,7**	**51.452,0**	**55.027,1**	**58.391,8**	**60.017,7**	**57.188,8**	**-4,8**

Fonte: Conab.

A oferta e demanda do complexo soja, segundo a Conab, comportaram-se diferenciada-mente segundo seus segmen-tos: a exportação de grão aumentou minimamente, a de farelo cresceu mais expressiva-mente e a de óleo diminuiu. O estoque final de grão baixou muito (-37,5%), o de farelo diminuiu menos (-5,2%) e o de óleo, ao contrário dos demais, cresceu 18,1% em vista da queda na sua exportação (Tabela 7).

Tabela 7/I. *Complexo soja – Oferta/demanda – Brasil - Safras 2007/08 - 2008/09*

(mil t)

Discriminação	Grão		Farelo		Óleo	
	2007/08	2008/09	2007/08	2008/09	2007/08	2008/09
Estoque inicial	3.676	4.540	2.307	3.053	275	246
Produção	60.018	57.119	24.717	24.540	6.260	6.215
Importação	96	100	117	100,o	27	30
Suprimento	63.790	61.759	27.141	27.693	6.562	6.491
Consumo	34.750	34.320	11.800	12.000	4.000	4.200
Exportação	24.500	24.600	12.288	12.800	2.316	2.000
Estoque final	4.540	2.839	3.053	2.893	246	291

Fonte: Conab (agosto/2009).

Como já se viu, o Brasil é o segundo produtor e exportador mundial do grão de soja, ficando na terceira posição no consumo. De janeiro a julho de 2009, o volume exportado de óleo continuou caindo (-6,7%) em relação ao mesmo período de 2008. O grão reverteu a tendência de queda e aumentou 27,6%; o mesmo aconteceu com o farelo que aumentou 19,9%. O mesmo quadro se repete em relação aos valores de exportação, só que de modo mais acentuado, pois os preços internacionais da soja e derivados caíram sensivelmente depois da crise econômica mundial, como os de todos os produtos agrícolas. Nos sete meses iniciais de 2009, em relação ao mesmo período anterior, as quedas de preços internacionais aconteceram com todo o complexo: óleo, -36,3%; grão, -10% e farelo, -0,6%. Isto dá uma indicação de que a demanda de farelo está mais acentuada do que a do óleo e, como o grão origina os dois, seu preço

caiu num percentual intermediário. Os estoques brasileiros de óleo, que estão aumentando, apontam na mesma direção - menor demanda (Tabela 8).

Tabela 8/I. *Soja - Exportações - Brasil - 2004-09*

	2004	2005	2006	2007	2008	2008(*)	2009(*)
Volume (mil t)							
Soja - óleo	2.517	2.697	2.419	2.343	2.316	1.342	1.075
Soja - grão	19.248	22.435	24.958	23.734	24.499	17.744	22.641
Soja - farelos e farinhas	14.486	14.423	12.334	12.477	12.289	7.295	7.782
Valor - milhões U$							
Soja - óleo	1.382	1.267	1.229	1.720	2.671	1.599	816
Soja - grão	5.395	5.345	5.663	6.709	10.952	7.664	8.801
Soja - farelos e farinhas	3.271	2.866	2.420	2.959	4.364	2.600	2.756
Preço (US$/kg)							
Soja - óleo	0,55	0,47	0,51	0,73	1,15	1,19	0,76
Soja - grão	0,28	0,24	0,23	0,28	0,45	0,43	0,39
Soja - farelos e farinhas	0,23	0,20	0,20	0,24	0,36	0,36	0,35

(*)Até julho.
Fonte: MDIC/Secex.

Mercado estadual

Diferentemente do milho, que teve três safras frustradas (2003/04 a 2005/06), a soja foi profundamente atingida pela estiagem na safra 2004/05, que foi a pior também para o milho. A melhor safra dos tempos recentes para a soja foi a de 2006/07, pois teve a maior área e o maior rendimento. Depois disso, a área e a produtividade caem. Na safra 2008/09, a área esteve muito próxima da maior, mas a produtividade foi 300 kg/ha menor, fazendo com que a produção tenha crescido 5%, a área 3,2% e o rendimento 1,7%. Para o milho, a maior área foi a de 2002 /03 e a maior produtividade em 2007/08 (Tabela 9).

Tabela 9/I. *Soja - Área, produção e rendimento - Santa Catarina - Safras 2003/04-2008/09*

Discriminação	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/08%
Produção (mil t)	641,7	607,4	798,8	1.111,5	946,6	993,7	5,0
Área (mil ha)	314,5	354,7	331,6	385,7	373,4	385,3	3,2
Rendimento (Kg/ha)	2.041	1.712	2.409	2.882	2.535	2.579	1,7

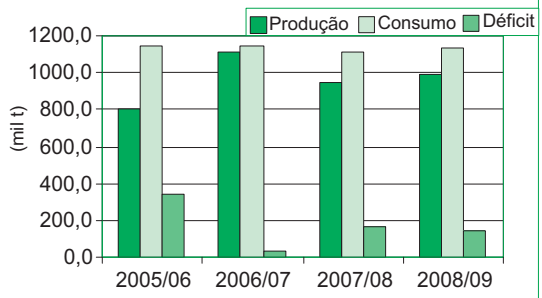
Fonte: IBGE.

Como as duas culturas disputam as mesmas regiões de cultivo e a época é pouco diferenciada, tem-se o crescimento da soja em detrimento do milho ou vice-versa. De 2003/04 até a safra 2008/09, a área de soja cresceu 22,3% e a de milho diminuiu 18,3%, por consequência a área somada das duas culturas decresceu 6,9%. Na verdade, a área total das lavouras de verão vem diminuindo, num processo de adaptação dos produtores às atividades que consideram mais recompensadoras. Por isso, as áreas mais inadequadas para grãos vêm sendo substituídas por pastagens destinadas à produção de leite, reflorestamento, fruticultura e outras atividades de maior densidade econômica ou que se adaptam melhor às leis ambientais.

O milho e a soja são usados na rotação de culturas, mas, como a área de soja é muito menor, uma queda na área de milho não implica substituição total pela soja. Na última safra a área de milho caiu 6,8% e a de soja aumentou 3,2%. Como a área de milho é muito maior do que a de soja (em 2008/09 foi 73% maior) é necessário um percentual muito maior de soja para substituir a área de milho. A possibilidade que existe da área de milho diminuir 15% na próxima safra liberaria área para um aumento de 26% na área de soja (aproximadamente 100 mil ha). Porém, esta troca não é sequer factível, pois há áreas

plantadas com milho que são inadequadas para a soja, principalmente pela impossibilidade de mecanização. O aumento da área de soja deverá ser somado à de feijão, pastos ou mesmo outras alternativas como o pousio da terra. Se mantida a proporção do ano passado, a diminuição de 15% na área de milho possibilitaria aumentar a área de soja em 7,1%, o que corresponderia a 413 mil hectares, sendo que o recorde do Estado é 386 mil hectares. Portanto, além do problema de aumentar o déficit de milho, ter-se-ia a dificuldade de substituição.

Se fosse possível aumentar o plantio da soja em 100 mil há, seria possível zerar o déficit estadual em relação à capacidade de moagem, pois o déficit previsto no balanço de oferta e demanda deste ano é de 140,2 mil toneladas, menor do que o do ano passado (166,4 mil t) e muito menor que a média das cinco safras anteriores (326,4 mil t) – Figura 1 e Tabela 10.



Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

Figura 1/I. *Soja - Oferta e demanda - Santa Catarina - Safras 2005/06-2008/09*

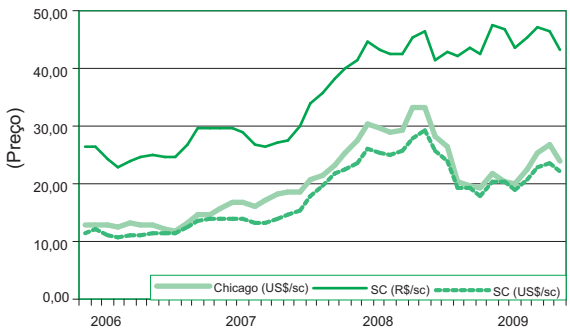
Tabela 10/I. *Soja - Estimativa de oferta e demanda – Santa Catarina - Safras 2003/04-2008/09*

(mil t)

Ano	Oferta	Demanda						Saldo
		Consumo			Reserva para semente	Perdas	Total	
		Aninmal "in natura"	Humano "in natura"	Industrial e saídas				
2003/04	641,7	6,0	4,0	1.130,0	21,5	19,5	1.181,0	(539,3)
2004/05	607,4	7,0	5,0	1.110,0	21,0	18,0	1.161,0	(553,6)
2005/06	798,8	7,0	4,0	1.090,0	21,0	19,0	1.142,0	(343,2)
2006/07	1.111,5	7,0	4,0	1.090,0	21,0	19,0	1.141,0	(29,5)
2007/08	946,6	7,0	4,0	1.060,0	22,0	20,0	1.113,0	(166,4)
2008/09	993,7	7,1	4,2	1.080,0	22,3	20,3	1.133,9	(140,2)

Fonte: IBGE e Epagri-Cepa.

Os preços recebidos pelos produtores de soja desde o início de 2006 acompanharam quase que totalmente a bolsa de Chicago, mas, ao iniciar o último quadrimestre de 2008, a cotação do dólar deu um salto, subindo de 1,61 para 1,80 e aumentando até um máximo de 2,31, em março de 2009, infletindo depois a curva e descendo até 1,93 em julho de 2009. Quando se consideram os preços de Santa Catarina em reais e os de Chicago em dólar, traça-se um gráfico com curvas divergentes, mas se os preços estaduais forem dolarizados pelo câmbio da época, a curva dos preços estaduais acompanha quase que com perfeição os preços da bolsa de Chicago, o que por si só demonstra a importância do câmbio nos negócios internacionais (Figura 2).



Fonte: Bolsa de Chicago e Epagri-Cepa.

Figura 2/I. *Soja - Preço do mercado internacional e catarinense - 2006-09*

Contudo, se for comparada a evolução dos preços da soja e do milho neste período, verifica-se que a partir de janeiro de 2008 os preços da soja continuam subindo, enquanto que os do milho começam a cair e continuam caindo até julho de 2009. No período os preços da soja aumentaram 3,7% e os do milho caíram 30,4%. Este é um dos fatores que determinarão a intenção de plantio da próxima safra dos dois grãos.

A produção da soja por microrregião, segundo o IBGE, demonstra que, na safra 2007/08, entre as microrregiões que tiveram mais de 5% de participação, a microrregião de Xanxerê foi a maior (28,9%); Canoinhas foi a segunda (26,6%); Curitibanos, a terceira (14,3%); Chapecó, a quarta (14,2%); São Miguel do Oeste, a quinta (5,9%) e Joaçaba, a sexta (5,1%). Devido às diferentes produtividades, as posições de área cultivada e de rendimento são diferentes (Tabela 11).

Tabela 11/I. *Soja - Área, produção e rendimento por microrregião geográfica - Santa Catarina Safras 2005/06-2007/08*

Microrregião	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento médio (kg/ha)		
Geográfica	2005/06	2006/07	2007/08(*)	2005/06	2006/07	2007/08(*)	2005/06	2006/07	2007/08(*)
Blumenau	200	200	200	500	500	500	2.500	2.500	2.500
Campos de Lages	10.750	11.700	11.900	17.583	27.810	30.060	1.636	2.377	2.526
Canoinhas	83.030	96.560	85.390	211.744	314.081	252.019	2.550	3.253	2.951
Chapecó	51.815	58.905	57.175	125.047	149.506	134.820	2.413	2.538	2.358
Concórdia	2.938	2.936	2.410	5.176	7.320	6.073	1.762	2.493	2.520
Curitibanos	45.180	51.740	55.950	91.602	146.070	135.160	2.027	2.823	2.416
Ituporanga	360	400	400	582	960	1.080	1.617	2.400	2.700
Joaçaba	17.440	20.045	21.380	34.919	49.991	48.637	2.002	2.494	2.275
Rio do Sul	289	95	253	571	240	540	1.976	2.526	2.134
São Bento do Sul	3.250	3.250	3.300	4.875	7.425	8.825	1.500	2.285	2.674
São Miguel do Oeste	20.080	23.940	23.300	49.088	63.872	55.653	2.445	2.668	2.389
Xanxerê	96.295	115.925	111.700	257.122	343.681	273.096	2.670	2.965	2.445
Santa Catarina	**331.627**	**385.696**	**373.358**	**798.809**	**1.111.456**	**946.463**	**2.409**	**2.882**	**2.535**

(*)Dados preliminares.
Fonte: IBGE.

São vários os fatores que estão determinando um aumento da área de soja e diminuição da de milho na próxima safra de Santa Catarina, sendo os mais importantes: preço mais favorável da soja nos últimos anos, maior resistência da soja à estiagem, custos de produção mais elevados do milho (maior investimento por hectare) e maior liquidez da soja no momento da venda.

Julio Alberto Rodigheri
Engº Agrônomo - Epagri/Cepa
juliorodigheri@epagri.sc.gov.br

Tomate

Panorama mundial

A safra 2006/07 mundial de tomates dimensionada pela FAO situou-se em 126,24 milhões de toneladas, levemente inferior à safra 2005/06, que somou 126,99 milhões de toneladas, porém foi pouco maior que a safra 2004/05, quando foram obtidas 126,22 milhões de toneladas.

Os números relativos à área colhida apresentaram similitude aos da produção. Para a safra 2006/07, a área colhida situou-se em 4,62 milhões de hectares, número praticamente idêntico ao da safra passada (4,63 milhões de hectares), e 2,8% inferior ao da safra 2004/05.

O rendimento médio, por hectare, apurado na safra 2006/07 foi de 27.289 quilos, inferior em 83 quilos quando comparado à safra imediatamente anterior (27.372 kg/ha) e em 750 quilos quando comparado à safra 2004/05, quando foram obtidos 28.039 quilos por hectare.

A China, a exemplo dos anos anteriores, continua como maior produtor, respondendo por 26,6% da produção mundial. Os Estados Unidos representam 9,1% neste cenário, seguido por Turquia e Índia, que representam 7,8% e 6,8% respectivamente.

No que concerne à área colhida, a China também se destaca como a maior, representando 31,4% de toda a área apurada pela FAO. O segundo país com maior área colhida é a Índia, detendo 10,3% da área mundial. Turquia, Egito e Estados Unidos, representando respectivamente 5,8%, 4,1% e 3,7% da área colhida de tomates, constituem-se nos demais expressivos produtores mundiais.

Neste contexto internacional, a exemplo da safra anterior, o Brasil permanece como 9º maior produtor, sendo que a área colhida é a 14ª maior (Tabela 1). O rendimento médio das lavouras brasileiras de 59.361 quilos por hectare apresentou-se levemente superior à safra passada, quando foram obtidos

Tabela 1/I. *Tomate - Área colhida, quantidade produzida e rendimento médio - Mundo e principais países - Safras 2004/05 - 2006/07*

	Área colhida (ha)			Produção obtida (t)			Rendimento médio (kg/ha)		
País	**2004/05**	**2005/06**	**2006/07**	**2004/05**	**2005/06**	**2006/07**	**2004/05**	**2005/06**	**2006/07**
Mundo	**4.501.697**	**4.639.711**	**4.626.232**	**126.223.688**	**126.996.058**	**126.246.708**	**28.039**	**27.372**	**27.289**
China	1.304.765	1.405.103	1.455.200	31.618.462	32.540.040	33.645.000	24.233	23.158	23.121
Índia	497.600	534.500	479.200	8.637.700	9.361.800	8.585.800	17.359	17.515	17.917
Turquia	270.000	270.000	270.000	10.050.000	9.854.877	9.919.673	37.222	36.500	36.740
Egito	195.000	196.000	194.000	7.600.000	7.650.000	7.550.000	38.974	39.031	38.918
Estadoa Unidos	164.970	170.860	175.000	10.982.790	11.298.040	11.500.000	66.574	66.125	65.714
Federação Russa	154.210	151.810	158.000	2.295.900	2.414.860	2.393.000	14.888	15.907	15.146
Irã	138.791	139.000	140.000	4.781.018	4.800.000	5.000.000	34.448	34.532	35.714
México	71.086	126.557	130.000	2.246.246	2.899.153	2.900.000	31.599	22.908	22.308
Nigéria	127.500	128.000	129.000	889.500	896.000	898.000	6.976	7.000	6.961
Itália	138.759	122.192	118.224	7.187.014	6.351.202	6.025.613	51.795	51.977	50.968
Ucrânia	93.800	92.300	80.000	1.471.800	1.751.000	1.520.000	15.691	18.971	19.000
Iraque	67.000	70.000	65.000	939.000	900.000	830.000	14.015	12.857	12.769
Uzbequistão	55.210	60.470	57.100	1.317.160	1.583.571	1.327.000	23.857	26.188	23.240
Brasil	60.526	58.893	56.678	3.452.973	3.362.655	3.364.438	57.049	57.098	59.361
Espanha	72.285	57.300	55.600	4.810.301	3.679.300	3.615.000	66.546	64.211	65.018
Cuba	63.048	53.044	55.000	802.600	636.000	640.000	12.730	11.990	11.636
Indonésia	51.205	53.492	52.000	647.020	629.744	650.000	12.636	11.773	12.500
Rumênia	46.487	49.967	49.713	626.960	834.968	555.444	13.487	16.710	11.173
Paquistão	41.412	46.239	46.000	432.309	468.146	470.000	10.439	10.124	10.217
Camarões	50.576	51.000	43.000	417.857	420.000	407.000	8.262	8.235	9.465
Total 20 maiores	**3.664.230**	**3.836.727**	**3.808.715**	**101.206.610**	**102.331.356**	**101.795.968**	**27.620**	**26.672**	**26.727**

Fonte: FAO (junho de 2009).

57.098 quilos por hectare, percentual 4,0% maior quando comparado ao da safra 2004/05. Dentre os países com maior área plantada o rendimento das lavouras brasileiras só é menor que o obtido pelos produtores americanos e espanhóis.

Panorama da América do Sul

Os números da FAO dimensionam a safra de tomates da América do Sul em 141.088 hectares, área levemente superior à safra anterior que registrou 140.980hectares. Neste cenário continental, a exemplo das safras anteriores, o Brasil continua apresentando a maior área colhida, 56.678 hectares, com 40,2% do total colhido na América do Sul. O Chile, com 19.500 hectares, representa 13,8% desta área, seguido da Argentina e da Colômbia, que representam 12,7% e 10,6% respectivamente.

A produção dimensionada pela FAO para a safra 2006/07 na América do Sul foi de 6,41 milhões de toneladas, quantia 1% maior que a obtida na safra 2005/06. O Brasil continua como maior produtor, sendo responsável por 52,4% da produção total. O Chile é o segundo maior produtor detendo 19,8% da produção. A Argentina e a Colômbia são os outros dois países produtores que se destacam, representando respectivamente 10,6% e 6,08% da safra sul-americana.

A produtividade média do continente, na safra 2006/07, ficou em 45.471 quilos por hectare, mantendo-se praticamente estável quando comparada às safras anteriores. O Chile é o país com melhor rendimento em suas lavouras, com 65.128 quilos por hectare, desempenho levemente inferior ao obtido na safra anterior, que foi de 65.789 quilos por hectare. Com o segundo melhor rendimento, vem o Brasil, com 59.361 quilos por hectare, uma produtividade 4,0% maior que a da safra passada, 57.098 quilos por hectare. A Argentina, com 37.778 quilos por hectare, é o país com o terceiro melhor rendimento. Uruguai, Paraguai e Bolívia também apresentam rendimentos superiores a 30.000 quilos por hectare, porém inferiores ao número argentino (Tabela 2).

Tabela 2/I. *Tomate - Area, produção e rendimento - América do Sul - Safras 2004/05-2006/07*

País	Área colhida (ha)			Produção obtida (t)			Rendimento médio (kg/ha)		
	2004/05	2005/06	2006/07	2004/05	2005/06	2006/07	2004/05	2005/06	2006/07
Brasil	60.526	58.893	56.678	3.452.973	3.362.655	3.364.438	57.049	57.098	59.361
Chile	18.500	19.000	19.500	1.230.000	1.250.000	1.270.000	66.486	65.789	65.128
Argentina	17.333	17.000	18.000	675.000	670.000	680.000	38.943	39.412	37.778
Colombia	14.532	14.500	15.000	374.684	370.000	390.000	25.783	25.517	26.000
Venezuela	10.039	9.448	9.500	211.655	195.944	196.000	21.083	20.739	20.632
Bolivia	9.050	9.112	9.100	127.616	129.581	130.000	14.101	14.221	14.286
Perú	4.895	5.225	5.500	159.206	168.656	180.000	32.524	32.279	32.727
Equador	3.810	3.092	3.100	72.160	61.929	62.500	18.940	20.029	20.161
Paraguai	2.400	2.620	2.700	68.850	88.070	90.000	28.688	33.615	33.333
Uruguai	956	1.380	1.300	46.101	47.500	45.000	48.223	34.420	34.615
Guiana	500	500	500	2.700	2.700	2.700	5.400	5.400	5.400
Guiana Franc.	130	130	130	3.770	3.700	3.700	29.000	28.462	28.462
Suriname	65	80	80	780	1.090	1.090	12.000	13.625	13.625
Total	**142.736**	**140.980**	**141.088**	**6.425.495**	**6.351.825**	**6.415.428**	**45.017**	**45.055**	**45.471**

Fonte: FAO.

Panorama nacional - Regiões

O cultivo do tomate está presente em todas as regiões do Brasil. Na safra 2008/09 os números do IBGE apontam para uma redução de área plantada em relação à safra passada. Os 58.922 hectares colhidos se mostraram 5,2% menores que os 62.116 hectares colhidos na safra 2007/08. A Região Centro-Oeste apresentou a maior redução, 19,4%, equivalente a 2.999 hectares. A Região Nordeste apresentou redução

de 1,8%, seguida da Região Sul, onde a redução foi de 0,3%. A Região Norte apresentou incremento de área de 3,9%, e a Região Sudeste praticamente manteve a mesma área.

A produção nacional foi diretamente afetada por essa retração de cultivo e encolheu 9,0%. As maiores reduções apresentadas foram na Região Centro-Oeste, com 21,4% e, na Região Norte, com redução de 14,9%. Na Região Sul a produção ficou 8,1% menor que na safra passada, enquanto que na Sudeste e Nordeste as reduções foram de 3,5% e 4,7%, respectivamente.

O rendimento médio brasileiro também encolheu em todas as regiões. Na safra 2008/09 alcançou 59.978 quilos por hectare, contra os 63.244 quilos obtidos na safra passada - redução de 5,2%. A Região Norte teve a maior redução no rendimento médio com 18,1%. Na Região Sul a redução foi de 7,9%, na Sudeste 3,5%, na Centro-Oeste 2,4% e na Nordeste 3,0% (Tabelas 3 e 4).

Tabela 3/I. *Tomate - Área colhida, produção e rendimento médio - Brasil/Regiões - Safras 2006/07-2008/09*

Brasil/	Área colhida (ha)			Produção obtida (t)			Rendimento médio (kg/ha)		
Região	2006/07	2007/08	2008/09	2006/07	2007/08	2008/09	2006/07	2007/08	2008/09
Brasil	**57.247**	**62.116**	**58.922**	**3.352.343**	**3.928.457**	**3.534.040**	**58.559**	**63.244**	**59.978**
Sudeste	23.590	23.066	23.080	1.444.229	1.559.313	1.505.887	61.222	67.602	65.246
Nordeste	12.684	13.222	12.991	510.029	567.291	541.040	40.210	42.905	41.647
Centro Oeste	10.507	15.462	12.463	837.930	1.273.721	1.002.081	79.750	82.378	80.404
Sul	9.436	9.336	9.317	552.081	518.096	476.482	58.508	55.494	51.141
Norte	1.030	1.030	1.071	8.074	10.036	8.550	7.839	9.744	7.983

Fonte: IBGE.

Tabela 4/I. *Tomate - Participação percentual sobre a área colhida e produção - Brasil/Regiões - Safras 2007/08-2008/09*

(%)

Brasil/Região	Área colhida		Produção	
	2007/08	2008/09	2007/08	2008/09
Brasil	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**
Norte	1,7	1,8	0,3	0,2
Sul	15,0	15,8	13,2	13,5
Sudeste	37,1	39,2	39,7	42,6
Centro-Oeste	24,9	21,2	32,4	28,4
Nordeste	21,3	22,0	14,4	15,3

Fonte: IBGE.

Panorama nacional

A safra nacional de tomates, embora contenha números em todas as regiões, não está presente em alguns estados da federação. Acre, Alagoas, Pará, Piauí, Amapá, Rondônia e Tocantins não constam nas estatísticas.

A área colhida na safra 2008/09 apresenta 5,2% menor quando comparada à safra passada, porém 2,9% maior que a safra 2006/07. A maior redução de área veio do Estado de Goiás, 22,6% em relação à safra anterior, o que corresponde a 3.370 hectares, que, se comparados, são maiores que a área colhida em 14 dos 20 estados que apresentaram cultivo do tomate. Entretanto, o Estado permanece seguido de perto por São Paulo, com a maior área colhida na federação.

A área de maior expansão percentual ocorreu no Distrito Federal, onde a área colhida saltou de 265 hectares na safra passada para 683 hectares nesta safra - um salto de 158%. Houve variação de área colhida, para mais ou para menos, na maioria dos estados, porém de forma moderada, sem sobressaltos.

A produção nacional na safra 2008/09 totalizou 3.534.040 toneladas, 10,1% menor que a safra anterior. Entre os estados com maior participação na safra nacional, aparece Goiás, com 939.043 toneladas, São Paulo com 706.847 toneladas e Minas Gerais com 457.783 toneladas. A produção desses estados apresentou índices menores: 24,7% pelo Estado de Goiás, 8,2% por São Paulo e 0,7% por Minas Gerais. Nesses estados predomina e exploração do tomate tipo indústria. Na Região Sudeste do Brasil estão instaladas as indústrias processadoras de tomate, absorvendo a produção e facilitando a comercialização com custos menores.

O rendimento médio da safra 2008/09 atingiu 59.978 quilos por hectare, inferior 5,2% quando comparado à safra passada, que registrou 63.244 quilos por hectare. Entre os estados com melhor rendimento estão Goiás com 81.302 quilos, Rio de Janeiro com 77.705 quilos, Espírito Santo com 67.842 quilos e Minas Gerais com 63.177 quilos. O Distrito Federal apresentou o maior rendimento nacional, 81.360 quilos (Tabela 5).

Tabela 5/I. *Tomate - Área colhida, produção e rendimento médio - Brasil e principais estados produtores - Safras 2006/07-2008/09*

Brasil/estado	Área colhida (ha)			Produção obtida (t)			Rendimento médio (kg/ha)		
	2006/07	2007/08	2008/09	2006/07	2007/08	2008/09	2006/07	2007/08	2008/09
Brasil	**57.247**	**62.116**	**58.922**	**3.401.635**	**3.928.457**	**3.534.040**	**59.420**	**63.244**	**59.978**
Goiás	9.820	14.920	11.550	801.960	1.246.325	939.043	81.666	83.534	81.302
São Paulo	12.466	11.210	11.210	763.227	769.600	706.847	61.225	68.653	63.055
Minas Gerias	6.876	7.376	7.246	421.455	460.997	457.783	61.294	62.500	63.177
Bahia	5.312	5.743	5.664	211.727	256.158	223.197	39.858	44.604	39.406
Paraná	4.719	4.667	4.701	310.338	289.630	260.672	65.764	62.059	55.450
Pernambuco	4.020	3.544	3.346	165.278	152.987	156.402	41.114	43.168	46.743
Rio de Janeiro	2.547	2.714	2.794	196.814	208.185	217.107	77.273	76.708	77.705
Rio Grande do sul	2.409	2.450	2.397	104.981	110.574	109.174	43.579	45.132	45.546
Santa Catarina	2.308	2.219	2.219	136.764	117.892	106.636	59.256	53.128	48.056
Ceará	1.962	2.057	2.153	97.295	106.418	111.486	49.590	51.735	51.782
Espírito Santo	1.701	1.766	1.830	112.467	120.531	124.150	66.118	68.251	67.842
Paraíba	536	896	894	16.596	30.289	29.671	30.963	33.805	33.189
Distrito Federal	396	265	683	26.563	17.794	55.569	67.078	67.147	81.360
Amazonas	591	591	622	2.818	4.768	3.162	4.768	8.068	5.084
Roraima	439	439	449	5.268	5.268	5.388	12.000	12.000	12.000
Rio Grande do Norte	330	413	372	9.287	11.096	10.075	28.142	26.867	27.083
Sergipe	286	321	321	4.708	5.286	5.370	16.462	16.467	16.729
Maranhão	238	248	241	4.752	5.057	4.839	19.966	20.391	20.079
Mato Grosso	204	179	156	4.630	4.128	3.850	22.696	23.061	24.679
Mato Grosso do Sul	87	98	74	4.707	5.474	3.619	54.103	55.857	48.905

Fonte: IBGE.

Panorama catarinense

Os números do IBGE para a safra 2008/09 catarinense de tomates totalizaram 2.219 hectares de área plantada. Quando comparada à safra passada, esta área mostra-se 4% menor. Em relação à safra nacional, o estado catarinense é o nono maior produtor, detendo 3,7% da área plantada.

No que tange à quantidade produzida, enquanto na safra 2007/08 foram totalizadas 136.764 toneladas, na safra 2008/09 os números apontam para 117.892 toneladas, recuo de 13,8% na produção, o que coloca Santa Catarina como 11º maior produtor no País.

O rendimento médio das lavouras catarinenses apresentou recuo de 10,4% em relação à safra imediatamente anterior; enquanto na safra 2007/08 foram obtidos 59.256 quilos por hectare, na safra 2008/09 totalizou 53.128 quilos por hectare.

Quando analisada a safra sob a ótica das microrregiões geográficas de Santa Catarina, a de Joaçaba é detentora da maior área plantada, 1.029 hectares, área praticamente idêntica à da safra passada. Já sua participação na safra estadual, em relação à área plantada, aumentou de 44,5% para 46,3%. No tocante à produção, sua participação na safra estadual é de 44,4%, portanto menor que os 47,6% da safra anterior. A de Tabuleiro, embora tenha diminuído em 25 hectares a área plantada, representa 20% de todo o plantio estadual. Sua produção, apesar de ser 7,7% menor que a da safra anterior, representa 20,4% de toda a produção catarinense.

A microrregião de Florianópolis, que na safra passada representou 17,6% da área plantada no Estado, nesta safra reduziu sua participação a 9,2%, plantando 206 hectares, uma área bastante inferior aos 406 hectares da safra anterior. Sua participação na produção estadual, que fora de 16,6% em 2007/08, diminuiu para 8,92% na safra 2008/09. É necessário salientar que a microrregião de Florianópolis foi duramente castigada pelas chuvas de novembro que resultaram em prejuízos enormes a todas atividades produtivas, seja no setor terciário, secundário ou primário.

A produtividade das lavouras catarinenses, a exemplo das safras anteriores, mostrou melhor desempenho na microrregião dos Campos de Lages, onde o rendimento médio registrado foi de 69.497 quilos por hectare. Esta produtividade é 30,8% superior à do Estado.

A microrregião de Itajaí, embora apresente uma área plantada de pouca expressão, apresentou 65.000 quilos por hectare de rendimento médio. Os demais rendimentos significativos foram obtidos nas microrregiões de Tubarão, 62.724 quilos por hectare, e Canoinhas, com 57.500 quilos por hectare. Na microrregião de Joaçaba, detentora da maior área de plantio, o rendimento obtido é de 50.976 quilos por hectare (Tabela 6).

Tabela 6/I. *Tomate - Área plantada, quantidade produzida e rendimento médio - Santa Catarina e microrregiões geográficas - Safras 2005/06-2007/08*

SC/MRG	Área plantada (ha)			Quantidade produzida (t)			Rendimento médio (kg/ha)		
	2005/06	2006/07	2007/08	2005/06	2006/07	2007/08	2005/06	2006/07	2007/08
Santa Catarina	**2.158**	**1.026**	**1.029**	**119.992**	**136.764**	**117.892**	**55.603**	**59.256**	**53.128**
Joaçaba	809	1.026	1.029	45.950	65.070	52.454	56.799	63.421	50.976
Tabuleiro	447	446	421	26.190	26.145	24.145	58.591	58.621	57.352
Florianópolis	463	406	206	25.545	22.705	9.671	55.173	55.924	46.947
Campos de Lages	79	79	197	5.345	5.405	13.691	67.658	68.418	69.497
Tubarao	58	58	58	3.651	3.638	3.638	62.948	62.724	62.724
Ituporanga	45	50	50	2.650	2.800	2.800	58.889	56.000	56.000
Canoinhas	31	36	36	1.746	2.070	2.070	56.323	57.500	57.500
Tijucas	30	35	35	1.500	2.100	1.680	50.000	60.000	48.000
Curitibanos	55	34	34	1.615	1.310	1.310	29.364	38.529	38.529
Rio do Sul	24	29	33	1.300	1.510	1.710	54.167	52.069	51.818
Blumenau	30	27	30	1.105	1.000	1.105	36.833	37.037	36.833
Chapecó	27	27	26	1.021	827	1.014	37.815	30.630	39.000
Criciúma	17	21	24	740	780	945	43.529	37.143	39.375
Xanxerê	10	10	12	295	295	375	29.500	29.500	31.250
Sao Bento do Sul	13	7	10	460	280	400	35.385	40.000	40.000
Concórdia	12	9	9	525	435	425	43.750	48.333	47.222
Itajaí	4	4	5	220	260	325	55.000	65.000	65.000
Joinville	4	4	4	134	134	134	33.500	33.500	33.500

Fonte: IBGE.

No que tange à comercialização, a safra 2008/09 manteve as características das safras anteriores. A microrregião de Joaçaba comercializa o maior volume de sua produção com as regiões Sudeste, Norte e Nordeste do País e uma pequena parte é exportada para países do Mercosul.

As microrregiões do Tabuleiro e Florianópolis colocam 30% de sua produção nas capitais gaúcha e paranaense, os 70% restantes são negociados no Ceasa/SC, que distribui para os principais centros consumidores do Estado.

Panorama municipal

O município de Caçador permanece como grande plantador individual de tomates do Estado, embora a área plantada na safra 2007/08 tenha encolhido 11%, o que significa 100 hectares a menos em relação aos 900 hectares plantados na safra passada.

O município de Águas Mornas, que planta 200 hectares, permanece com a segunda maior área plantada do Estado, seguido de Anitápolis, que é o terceiro e planta 140 hectares. Tanto Águas Mornas como Anitápolis mantiveram suas áreas de plantio.

Em relação à participação destes maiores municípios na composição da safra estadual, somente Caçador perdeu representatividade. Na safra 2006/07 representava 39% da área plantada e passou a representar 36% na safra 2007/08. Águas Mornas que detinha 8,6% passou a representar 9%. Anitápolis passou de 6% para 6,3% de toda a área plantada com tomates no Estado.

Em relação à quantidade produzida, os números diminuíram em relação a Caçador e mantiveram-se estáveis em relação a Águas Mornas e Anitápolis. Caçador produziu nesta última safra 40.400 toneladas, ante 58.500 toneladas obtidas na safra anterior, com redução de 31%. Águas Mornas e Anitápolis repetiram suas produções, 10.000 e 7.700 toneladas respectivamente (Tabela 7).

Tabela 7/I. Tomate - Área plantada e quantidade produzida - Santa Catarina e principais municípios produtores - Safras 2005/06-2007/08

SC/Município	Área plantada (ha)			Quantidade produzida (t)		
	2005/06	2006/07	2007/08	2005/06	2006/07	2007/08
Santa Catarina	**2158**	**2308**	**2219**	**119992**	**136764**	**117892**
Cacador	650	900	800	37700	58500	40400
Águas Mornas	200	200	200	10000	10000	10000
Anitápolis	140	140	140	7700	7700	7700
Urubici	0	0	120	0	0	8400
Palhoça	250	180	80	12500	9000	3600
Rancho Queimado	80	80	80	6400	6400	6400
Lebon Régis	50	50	80	2500	2500	4000
Bom Retiro	60	60	60	4800	4800	4800
Macieira	30	30	60	1500	1500	3000
Rio das Antas	30	0	50	1650	0	2750
Santo Amaro da Imperatriz	150	150	50	9750	9750	2275
São Pedro de Alcântara	35	48	48	2100	2880	2880
Ituporanga	20	30	30	1400	1800	1800
Angelina	30	35	35	1500	2100	1680
Frei Rogério	35	25	25	875	1000	1000

Fonte IBGE.

As microrregiões geográficas de Tabuleiro e de Florianópolis, favorecidas pelas condições climáticas, normalmente realizam dois plantios de tomate durante o ano.

Em 2008, os meses de melhor remuneração ao produtor foram maio, junho, julho e dezembro e os de menor remuneração: fevereiro, R$ 9,31/cx de 20kg e janeiro, R$ 14,47/cx de 20kg. No período de 2004 a 2009, o ano de 2008 apresentou a maior média de preços, tanto para produtor como para atacado.

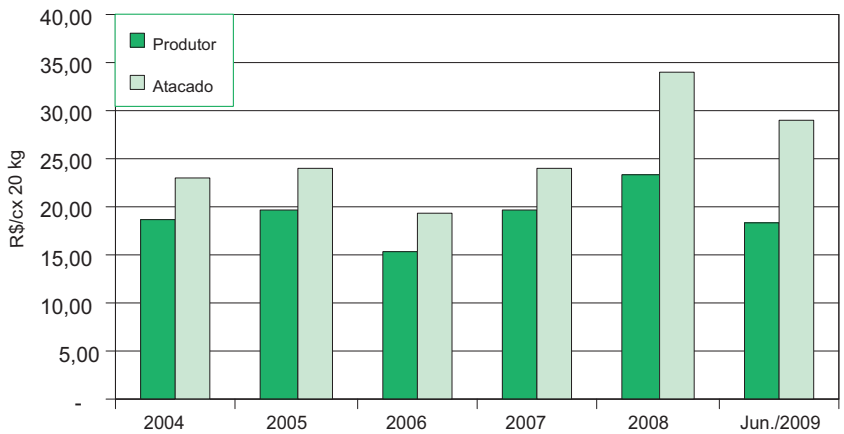
O ano de 2009 iniciou com cotações mais altas em janeiro e fevereiro que no mesmo período anterior, porém perdeu fôlego em março, abril, maio e junho, ficando abaixo dos preços em comparação com o mesmo período de 2008 (Tabela 8 e Figura 1).

Tabela 8/I. *Tomate - Preços médios mensais recebidos pelos produtores e no atacado, preços médios anuais - Santa Catarina - 2004-09*

(R$/cx/20kg)

Mês	Produtor							Atacado				
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Janeiro	14,25	13,05	14,30		14,47	21,10	13,30	15,74	22,30		23,98	30,77
Fevereiro	12,13	13,24	7,88	24,40	9,31	14,62	15,93	16,88	11,65	30,53	20,12	26,33
Março	10,00	14,05	10,26	31,36	20,48	14,83	13,23	17,20	13,58	37,14	29,41	27,01
Abril	8,37	17,33	21,88	21,39	22,93	15,26	10,84	21,42	26,82	27,61	34,53	26,08
Maio	21,29	23,40	16,45	17,77	30,46	22,07	25,52	27,70	20,05	21,41	42,45	30,39
Junho	24,55	19,38	10,50	15,84	33,49	21,88	30,45	23,91	13,40	19,89	41,72	32,66
Julho	24,00	21,40	10,48	15,00	34,87	-	29,05	26,25	14,38	19,05	49,04	-
Agosto	30,73	17,77	10,36	19,78	17,58	-	39,86	21,43	14,22	23,96	31,54	-
Setembro	27,20	18,20	16,58	22,05	18,18	-	33,25	24,14	20,58	26,00	26,88	-
Outubro	21,16	20,16	23,75	21,73	19,07	-	25,95	24,11	27,10	25,95	26,63	-
Novembro	17,42	30,72	23,61	12,94	26,23	-	21,42	37,50	28,16	16,37	35,05	-
Dezembro	12,40	26,13	17,00	14,40	34,64	-	15,53	31,56	20,20	17,33	45,43	-
Preço médio	**18,63**	**19,57**	**15,25**	**19,72**	**23,47**	**18,29**	**22,86**	**24,00**	**19,33**	**24,09**	**33,90**	**28,87**

Fonte: Epagri/Cepa.



Fonte: Epagri/Cepa

Figura 1/I. *Tomate - Preço no produtor e atacado - Santa Catarina - 2004-09*

Evandro Uberdan Anater
Técnico agrícola - Licenciado em Estudos Sociais - Epagri/Cepa
anater@epagri.sc.gov.br

Trigo[1]

Produção e comércio mundiais

O último recorde mundial de produção de trigo havia ocorrido na safra 2004/05, que totalizou 626,63 milhões de toneladas. Este recorde será quebrado na safra 2008/09, que segundo o Usda deve ficar em torno de 682,32 milhões de toneladas, ou seja, uma produção 8,9% maior que a do recorde anterior, e que será a maior safra da história (Tabela 1).

Tabela 1/I. *Trigo - Produção mundial e dos principais países produtores - Safras 2006/07 - 2009/10*

(milhões t)

Discriminação	2006/07	2007/08	2008/09(1)	2009/10(2)
União Européia	124,84	120,24	151,64	134,65
China	108,47	109,30	112,50	113,50
Índia	69,35	75,81	78,60	77,60
Estados Unidos	49,32	55,82	68,03	57,49
Rússia	44,90	49,40	63,70	60,00
Canadá	25,27	20,05	28,61	23,50
Austrália	10,82	13,84	21,50	23,00
Paquistão	21,28	23,30	21,50	24,00
Ucrânia	14,00	13,90	25,90	18,50
Argentina	15,20	18,00	8,40	9,50
Cazaquistão	13,50	16,60	12,50	14,50
Outros	99,32	94,67	89,44	100,24
Mundial	**596,27**	**610,93**	**682,32**	**656,48**

(1)Estimado.
(2)Projetado em julho/09.
Fonte: Usda (agosto/08 e julho/09).

Se em 2007/08 a safra mundial de trigo alcançou 610,9 milhões de toneladas, em 2008/09 a produção aumentou 11,7%. Os países que mais contribuíram para este aumento na oferta global do cereal foram, em ordem de importância: Ucrânia (86,3% de aumento na sua produção), Austrália (aumento de 55,3%), Canadá (42,7% de aumento), Rússia (28,9% de aumento), União Europeia (26,1% de aumento) e Estados Unidos (21,9% de aumento).

Por outro lado, alguns países reduziram significativamente suas produções, como é o caso da Argentina, cuja produção caiu pela metade, saindo de 18 milhões de toneladas na safra 2007/08 para 8,4 milhões de toneladas na safra 2008/09, tendo como principal causa a estiagem prolongada que atingiu esta cultura. Além da Argentina, o Cazaquistão e o Paquistão também tiveram declínio em suas produções, de 24,7% e 7,7% a menos, respectivamente (Tabela 1).

Nesta safra (2008/09), os preços dos cereais tendem a permanecer estáveis, ainda que devam continuar elevados durante a próxima década, em consequência do aumento da demanda, da redução dos estoques e do alto valor do petróleo (que encarece os pesticidas). Estas são as projeções feitas pelo Conselho Internacional de Grãos (IGC, em inglês).

De acordo com o calendário agrícola no Hemisfério Norte, o plantio do trigo de inverno, que corresponde a cerca de 70% do trigo mundial, é realizado nos meses de agosto a novembro. Embora ainda seja muito cedo para se fazer estimativas de produção, o USDA coloca que entre 2008/09 e 2009/10 deve haver uma redução na produção mundial de trigo: 25,8 milhões de toneladas a menos, o que equivale a uma queda de 3,8% (Tabela 1).

---

[1]Para este artigo, além de informações da autora, foram utilizadas as seguintes fontes:
Conab. Bracale, G. Proposta de preço mínimo para o trigo safra 2007/08 http://www.conab.gov.br/conabweb/download/precos_minimos/proposta_de_precos_minimos_safra_2006_07_trigo.pdf
e Prospecção para safra 2008/09 Trigo
Conab. Acompanhamento da Safra Brasileira. Diversos Levantamentos de 11º. levantamento. Agosto/2008 a 10º. levantamento (julho/2009).
Conab. O Governo e a comercialização. 2004.
Conab. Perspectivas de preços dos grãos para 2009: tendências.
Conab. Estudos de Prospecção de Mercado safra 2008/09. Set/08.
Epagri-Cepa. Informe Conjuntural. Ano XXV – no. 1 de 14/12 a 20/12/07.
Faep, Boletim Informativo, semana de 18 a 24 de agosto de 2008.
IBGE – Levantamento Sistemático da Produção Agrícola – Junho/08.
IGC. Grain Market Report. 25/06/2009.
Boletins diários CMA.
www.fao.org
www.usda.gov
Jornais diversos e internet.

Entre os principais países produtores, somente a Argentina, a China, o Paquistão, o Cazaquistão e a Austrália devem ter aumento em suas produções, de 13,1%, 0,9%, 11,6%, 16% e 7%, respectivamente. Todos os outros terão produções menores. A maior redução esperada é na Ucrânia, que pode chegar a –28,6% (por conta da seca nos meses de abril e maio nas principais áreas produtoras), seguida do Canadá (-17,9%), em função da seca e das baixas temperaturas que atrasam a semeadura de primavera e o desenvolvimento da cultura, dos Estados Unidos (-15,5%), e União Europeia (-11,2%).

No caso da Argentina, especificamente, apesar de o percentual de aumento ser significativo, a produção esperada ainda deve ficar aquém dos 18 milhões de toneladas alcançados na safra 2007/08, já que a projeção é que a produção da safra 2009/10 fique em 9,5 milhões de toneladas. O país que se autodenomina a grande "cesta mundial de pães" pode ter que importar trigo em 2010, por conta das perdas resultantes da estiagem, escassez de crédito e das políticas governamentais (restrições às exportações). Os produtores argentinos semearam cerca de 2,9 milhões de toneladas, 30% a menos que na temporada anterior (4,2 milhões de hectares), a menor área em um século segundo a Bolsa de Cereais de Buenos Aires.

A demanda mundial por trigo é e continuará sendo grande. O rendimento médio das lavouras do cereal no mundo está em torno de 2,8 toneladas por hectare. Para que pudesse acompanhar o aumento da demanda, esse rendimento deveria praticamente dobrar - 4,4 toneladas por hectare – até 2025. Isto significa uma elevação no rendimento médio de 80 kg por hectare a cada ano.

Contudo, o que se viu entre 1995 e 2005, foi um incremento anual do rendimento médio de 23 quilos por hectare. Ou seja, se a área plantada com o cereal não tiver um aumento significativo, a produção será insuficiente para atender a demanda.

O nível de estoques mundiais está apresentado na Tabela 2. Se a estimativa do Usda se confirmar, o mundo deve encerrar a temporada 2008/09 com 167,35 milhões de toneladas em estoque de passagem, ou seja, um aumento de 46,15 milhões de toneladas (ou de 38,1%) em relação à temporada anterior (2007/08). Esse montante representa 26,3% do consumo mundial, um valor considerável, que pode dar uma maior tranquilidade ao mercado consumidor. Para alcançar este número, o aumento na produção mundial do cereal, que saltou de 610,93 milhões de toneladas (2007/08) para 682,32 milhões em 2008/09, foi fundamental.

Tabela 2/I. *Trigo - Balanço mundial de oferta e demanda - Safras 2006/07- 2009/10*

(milhões t)

Discriminação	2006/07	2007/08	2008/09[1]	2009/10[2]
Estoque inicial	147,06	126,98	121,2	167,35
Produção	596,27	610,93	682,32	656,48
Consumo	616,90	616,71	636,17	642,56
Estoque final	126,98	121,2	167,35	181,28

[1]Estimado.
[2]Projetado em julho/09.
Fonte: Usda (agosto/08 e julho/09).

Para a safra 2009/10, embora haja uma previsão de queda na produção e aumento de consumo, deve ocorrer um avanço nos estoques mundiais de trigo de 8,3%, devendo chegar a 181,28 milhões de toneladas (Tabela 2), o maior estoque dos últimos anos.

Os maiores consumidores mundiais de trigo, no período 1999-2003, estão na Tabela 3. A China é o maior consumidor mundial, seguida de perto pela Índia e mais de longe pelos Estados Unidos. Os consumos desses três países foram, em 2003, respectivamente: 80.500, 67.784 e 24.438 mil toneladas. Os dez maiores consumidores de trigo respondem por cerca de 62% do consumo mundial do cereal.

Tabela 3/I. *Trigo - Os países maiores consumidores - 1999-03*

(mil t)

País	1999	2000	2001	2002	2003
China	98.017	95.009	94.919	84.965	80.500
Índia	58.315	58.148	59.230	61.435	67.784
Estados Unidos	24.301	25.393	24.947	24.416	24.438
Rússia	19.032	18.889	19.246	19.427	18.913
Paquistão	17.992	18.033	16.916	16.773	16.855
Turquia	12.964	13.096	13.806	13.613	13.160
Irã	11.198	11.409	12.124	11.657	11.788
Brasil	8.162	7.635	8.743	8.690	9.612
Egito	9.123	9.203	9.907	9.640	9.413
Itália	8.607	8.625	8.716	8.695	8.716
Subtotal	267.712	265.440	268.554	259.311	261.178
Outros países	146.309	148.767	151.241	156.295	159.668
Total mundial	**414.021**	**414.207**	**419.795**	**415.606**	**420.845**

Fonte: Faostat, FAO Statistics Division 2009, 01 July 2009.

O Brasil é o oitavo maior consumidor mundial de trigo, bem como o país que, em termos percentuais, mais aumentou seu consumo entre 2002 e 2003 (10,6%). Em números absolutos, em função de sua numerosa população, o país que mais incrementou seu consumo entre 2002 e 2003 foi a Índia, 6.348 mil toneladas a mais em um único ano.

É importante notar que no caso do trigo, ao contrário de outras *commodities*, a oferta no comércio mundial é menos concentrada. Os seis maiores exportadores, tomando-se por base o ano de 2006, somam 73,6% do total negociado no mundo, sendo que nenhum deles possui *market share* superior a 19%, individualmente (Tabela 4). Já no caso de soja, a participação relativa dos cinco maiores chega a 98% do mercado, com predominância de dois exportadores (Brasil e EUA). Assim como no milho, o grupo dos cinco maiores detém 93% do comércio total, com predomínio dos EUA. A dispersão na oferta representa outro fator de redução da volatilidade de preço nos mercados.

Tabela 4/I. *Trigo - Principais países exportadores - 2002-06*

País	2002		2003		2004		2005		2006	
	(t)	US$1.000	(t)	US$1.000	(t)	US$1.000	(t)	US$1.000	(t)	US$1.000
Estados Unidos	24.245.829	3.631.905	25.429.428	3.958.343	31.581.449	5.180.994	27.178.553	4.381.662	23.377.178	4.226.422
Canadá	12.202.573	1.963.512	11.703.543	2.023.088	15.118.679	2.688.815	13.924.960	2.231.872	18.497.809	3.221.268
França	13.678.411	1.654.245	16.366.886	2.312.325	14.891.804	2.553.108	16.022.528	2.381.557	16.580.501	2.687.566
Austrália	14.697.182	2.249.551	9.503.389	1.574.014	18.450.822	3.089.044	13.914.503	2.280.547	14.975.540	2.540.673
Rússia	10.259.275	773.067	7.587.902	779.317	4.672.189	535.975	10.319.594	1.134.260	9.704.620	1.368.457
Argentina	9.051.610	1.097.362	6.169.213	940.518	9.976.599	1.365.480	10.431.146	1.280.585	9.697.359	1.472.023
Alemanha	5.872.406	772.273	4.473.168	676.590	3.926.949	709.311	4.627.031	714.513	6.105.950	1.006.108
Ucrânia	8.303.974	682.636	901.139	80.624	2.553.931	288.900	6.009.481	652.171	4.671.323	595.813
Cazaquistão	3.944.430	325.139	5.194.873	522.389	2.587.499	389.550	1.898.999	219.727	4.194.802	522.755
Reino Unido	1.624.012	177.813	3.657.581	477.356	2.523.344	377.913	2.494.775	361.819	2.116.509	352.346
Subtotal	103.879.702	13.327.503	90.987.122	13.344.564	106.283.265	17.179.090	106.821.570	15.638.713	109.921.591	17.993.431
Outros países	16.516.638	1.950.853	18.604.628	2.607.304	12.654.010	2.127.239	13.652.172	1.958.642	16.290.715	2.519.723
Total mundial	**120.396.340**	**15.278.356**	**109.591.750**	**15.951.868**	**118.937.275**	**19.306.329**	**120.473.742**	**17.597.355**	**126.212.306**	**20.513.154**

Fonte: FAO. Faostat. FAO Statistics Division 2008, 22 Junho 2009.

O volume exportado no mundo chegou a 126,2 milhões de toneladas em 2006, ou seja, 4,8% a mais do que o ano anterior, que foi 120,5 milhões de toneladas (Tabela 4). Este volume é o maior dos últimos anos. Dentre os principais exportadores, em 2006, percebe-se redução nas exportações de EUA (-14%, ou 3,8 milhões de toneladas a menos), Rússia (-6% ou 615 mil de toneladas), Argentina (-7% ou 733,8 mil toneladas) e Ucrânia (-22,2% ou 1,3 milhões de toneladas, a maior queda percentual). Já o Canadá, a França e a Austrália apresentaram incremento de 32,8% (o maior crescimento, em percentual), 3,5% e 7,6%, respectivamente.

Da mesma forma que nas exportações, os importadores mundiais de trigo são muitos, como pode ser visto na Tabela 5. Os países que mais importaram em 2006, como a Itália, o Brasil e a Índia, não

Tabela 5/I. Trigo - Principais países importadores - 2002-06

País	2002		2003		2004		2005		2006	
	(t)	US$1.000	(t)	US$1.000	(t)	US$1.000	(t)	US$1.000	(t)	US$1.000
Itália	7.715.548	1.056.158	6.986.068	1.202.551	6.482.655	1.269.318	6.751.735	1.178.701	7.162.382	1.350.885
Brasil	6.572.241	878.167	6.611.943	1.009.719	4.847.805	838.770	4.988.139	649.019	6.530.502	1.132.517
Índia	39.150	6.000	35.097	5.300	101.075	16.000	37.760	6.000	6.079.555	1.291.789
Egito	5.574.748	815.563	4.057.234	606.533	4.366.841	727.651	5.687.760	924.381	5.816.910	967.086
Japão	5.862.826	1.120.851	5.246.121	1.090.659	5.490.227	1.275.244	5.472.347	1.230.331	5.337.110	1.280.703
Espanha	6.346.691	723.908	3.860.967	596.794	4.367.919	748.754	7.492.202	1.156.108	5.179.509	836.394
Argélia	5.998.039	946.474	5.182.777	878.324	5.034.447	1.026.463	5.683.349	1.031.355	4.966.229	997.024
Indonésia	4.306.650	625.000	3.502.373	579.925	4.545.590	841.000	4.428.511	799.003	4.584.233	816.121
Países Baixos	3.812.562	453.627	3.030.544	390.719	3.366.116	562.434	3.177.486	461.270	3.986.529	647.710
Coréia do Sul	3.861.349	542.682	3.763.634	610.277	3.368.629	660.409	3.644.605	665.696	3.524.076	656.060
Subtotal	50.089.804	7.168.430	42.276.758	6.970.801	41.971.304	7.966.043	47.363.894	8.101.864	53.167.035	9.976.289
Outros países	70.770.352	9.901.814	68.044.259	10.975.314	74.660.059	13.712.168	73.460.905	12.620.712	71.454.396	13.177.033
Total mundial	**120.860.156**	**17.070.244**	**110.321.017**	**17.946.115**	**116.631.363**	**21.678.211**	**120.824.799**	**20.722.576**	**124.621.431**	**23.153.322**

Fonte: FAO. Faostat. FAO Statistics Division 2008, 22 Junho 2009.

respondem nem por 6%, individualmente, do volume mundial. Para se alcançar 42% das importações mundiais, são necessários cerca de dez países. A pulverização na demanda é mais um fator que dificulta preços abusivos no mercado. O Brasil, que em 2005 ocupava a 7ª. posição no ranking mundial de importadores, com cerca de 5 milhões de toneladas importadas, saltou em 2006 para a 2ª. posição, com um volume importado de 6,5 milhões de toneladas, um aumento de 30,9% em relação a 2005.

O crescimento na importação de trigo pela Índia foi muito significativo. Em 2005 o país havia importado 37,8 mil toneladas, volume este relativamente estável nos cinco anos anteriores. Em 2006 este número saltou para 6,1 milhões de toneladas. A continuar neste ritmo, e em função de sua numerosa população, acredita-se que a Índia se tornará o maior importador mundial de trigo nos próximos anos.

A Espanha, por outro lado, reduziu suas importações em cerca de 30,9%, ou 2,3 milhões de toneladas a menos em 2006, quando comparado a 2005.

Produção e comércio nacionais

A safra do trigo no País inicia-se no mês de abril, com os primeiros plantios ocorrendo nos Estados do Paraná, Mato Grosso do Sul e nas áreas irrigadas de Minas Gerais, Goiás e Distrito Federal. O encerramento verifica-se no Estado do Rio Grande do Sul, no sul do Paraná e em Santa Catarina, no mês de junho, podendo se estender até meados de julho. Já a colheita começa a ser feita no mês de agosto e se estende até o final de dezembro de cada ano.

Após uma desastrosa produção na safra 2006, quando houve uma queda de 46,7% na produção brasileira de trigo (ou 2,2 milhões de toneladas a menos) em relação à safra 2005, segundo o IBGE (Tabela 6), as safras subsequentes foram maiores, sucessivamente, 4.089 mil toneladas (2007), 5.886 mil toneladas (2008) e 5.715 mil toneladas (2009).

Tabela 6/I. *Trigo - Comparativo de área, produção e rendimento - Brasil - Safras 1999/00 - 2009/10*

Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
1999/00	1.528.920	1.661.526	1.559
2000/01	1.730.577	3.260.834	1.887
2001/02	2.064.109	2.925.890	1.431
2002/03	2.496.137	6.029.396	2.416
2003/04	2.796.847	5.726.195	2.050
2004/05	2.360.862	4.658.457	1.975
2005/06	1.769.585	2.481.831	1.593
2006/07	1.851.745	4.088.908	2.210
2007/08(1)	2.395.121	5.886.009	2.480
2008/09(1)	2.339.857	5.715.170	2.443
2009/10(3)	2.349.500	5.672.700	2.414

(1)Dados sujeito a alterações.
(3)Estimativa Conab (10º Levantamento, Julho/09)
Fonte: IBGE (LSPA dez/2001 a dez/08 e maiol/09) e Conab (10° Levantamento, Julho/09).

Na época que se iniciou o plantio da safra 2009, os preços da maioria das *commodities* agrícolas estavam em queda no mercado internacional, enquanto os insumos estavam ficando mais caros e o dólar estava se valorizando (em relação ao Real).

Por isso, a safra 2009 teve uma ligeira queda na área plantada (-2,3%), em relação a 2008, e, por sua vez, a produção prevista é cerca de 2,9% menor do que a obtida em 2008, que também foi afetada negativamente pelas adversidades climáticas ocorridas nas principais regiões produtoras do país, acarretando em uma queda de –1,5% no rendimento médio nacional.

No Estado do Paraná, maior produtor nacional, ocorreram secas, geadas e excesso de chuvas durante todo o ciclo da planta, o que acabou afetando a produtividade média, estimada em 2.642 kg/ha, contra 2.773 kg/ha da safra 2008 (Tabela 7).

No caso do Rio Grande do Sul, segundo maior produtor brasileiro, as chuvas ocorridas durante a colheita provocaram diminuição no peso hectolitro (PH), o que comprometeu a qualidade do grão, afetando a produtividade média estadual, que deve ficar na casa das 2.100 kg/ha. E, além disso, ocorreram precipitações abaixo da média em alguns momentos do desenvolvimento da cultura.

Os principais estados produtores estão na Tabela 7. Quase 90% da produção brasileira de trigo têm como origem os estados do Paraná e do Rio Grande do Sul. Na safra 2009 estima-se que o primeiro tenha alcançado 3,1 milhões de toneladas e o segundo, 1,8 milhões.

Tabela 7/I. *Trigo - Comparativo de safras, segundo os estados produtores - Brasil - Safras 2006/07 - 2009/10*

Estado	2006/07	2007/08	2008/09[1]	2009/10[2]	2006/07	2007/08	2008/09[1]	2009/10[2]	2006/07	2007/08	2008/09[1]	200910[2]
Paraná	821.789	1.123.807	1.190.726	1.199.500	1.927.216	3.068.116	3.094.019	3.145.841	2.345	2.773	2.642	2.668
Rio Grande do Sul	850.169	980.300	866.600	882.300	1.720.307	2.058.215	1.819.900	1.764.600	2.028	2.100	2.100	2.000
Santa Catarina	81.675	122.937	122.900	123.200	203.336	323.620	318.311	319.100	2.490	2.641	2.590	2.590
São Paulo	44.070	79.600	79.600	61.300	98.717	169.548	179.392	126.800	2.240	2.130	2.254	2.068
Mato Grosso do Sul	31.883	46.182	38.000	40.900	40.061	67.841	60.800	64.200	1.259	1.589	1.600	1.570
Minas Gerais	11.669	20.310	20.901	20.900	51.253	97.129	93.253	93.300	4.392	4.792	4.483	4.464
Goiás	10.490	19.100	18.600	18.900	48.018	86.465	83.378	90.300	4.578	4.527	4.483	4.780
Distrito Federal	0	2.885	2.530	2.500	0	15.075	14.295	14.100	0	5.225	5.650	5.650
Brasil	**1.851.745**	**2.395.121**	**2.339.857**	**2.349.500**	**4.088.908**	**5.886.009**	**5.663.348**	**5.618.241**	**2.210**	**2.480**	**2.443**	**2.414**

[1]Dados sujeitos a alterações.
[2]Dados estimados pela Conab (10° Levantamento, julho/2009).
Fonte: IBGE (LSPA dez/07, dez/08 e maio/09) e Conab (10º Levantamento, julho/09).

No Paraná a produção ficou praticamente igual à do ano anterior (2008), embora tenha havido um acréscimo de 6% na área plantada. Já no Rio Grande do Sul a safra 2009 foi 11,6% menor, em termos de produção, do que a safra 2008, que alcançou 2,1 milhões de toneladas. Em ambos os casos a produção obtida aquém do esperado deveu-se às adversidades climáticas já mencionadas.

Santa Catarina, com produção bem mais modesta, ocupa o terceiro lugar, com 318,3 mil toneladas na safra 2009, 1,6% menor que a produção de 2008 (323,6 mil toneladas). A razão para esta queda foi que, embora a área plantada tenha sido praticamente a mesma de 2008 - 122,9 mil hectares, o rendimento médio decresceu 1,9%, atingindo 2.590 kg por hectare.

Pelos números da Conab, graças ao bom volume produzido na safra 2008/09, os estoques de passagem ficaram bem acima da temporada anterior (2007/08), ou seja, 2.577,9 *versus* 1.615,0 mil toneladas (Tabela 8). Por sua vez, as importações diminuíram 10,7%, o consumo interno aumentou 4,2% e as exportações caíram significativamente: -46,7%.

Tabela 8/I. *Trigo - Oferta e demanda - Brasil - Safras 2003/04 - 2009/10*

(mil t)

Discriminação	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10
Estoque inicial (1/8)	912,7	1.370,8	2.325,0	1.993,0	1.753,8	1.615,0	2.577,9
Produção	6.073,5	5.845,9	4.873,1	2.233,7	4.097,1	6.015,6	5.672,7
Importação	5.707,5	5.311,0	6.266,1	7.809,9	6.895,7	6.160,3	5.605,0
Suprimento	12.693,6	12.527,7	13.464,2	12.036,6	12.746,6	13.790,9	13.855,6
Consumo	9.947,0	10.196,0	10.683,7	10.260,7	10.381,0	10.813,0	11.065,0
Exportação	1.375,9	6,7	787,5	22,1	750,6	400,0	400,0
Estoque final (31/7)	1.370,8	2.325,0	1.993,0	1.753,8	1.615,0	2.577,9	2.390,6

Fonte: Conab (julho/09).

Vale lembrar que o simples aumento da safra nacional do trigo não é suficiente para abastecer os moinhos nacionais, isto porque a indústria requer diferentes tipos do cereal para a produção de diferentes farinhas de uso específico. Por isso a indústria defende uma aproximação com os produtores para reduzir o descompasso entre a oferta e a demanda específica do cereal.

O balanço de oferta e demanda nas sete últimas safras, incluindo a safra 2009/10, está na Tabela 8. Para esta última safra (2009/10), projeta-se um suprimento interno semelhante ao da safra 2008/09, (apenas 0,5% maior), isto porque, apesar da provável redução na produção e nas importações, os estoques iniciais estão bem maiores (cerca de 59,6%) do que os da safra 2008/09. O consumo interno deve aumentar 2,3% e as exportações ficarão inalteradas. Por conta disso, os estoques de passagem devem diminuir 7,3%, das 2.577,9 mil toneladas atuais para 2.390,6 mil toneladas.

Se em 2008 a produção nacional de trigo correspondeu a 56,7% do consumo no País naquele ano, em 2009 a produção deve atender 52,9% do consumo interno, enquanto que a previsão para 2010 é de uma

produção correspondente a 51,3% do consumo (Tabelas 6 e 8). Ou seja, o País ainda está longe de alcançar a auto-suficiência que teve na década de 80.

Entre as *commodities,* o trigo é o segundo item de maior participação na pauta de importações brasileiras, sendo menor apenas que a importação de petróleo. O Brasil importa 70% do trigo que consome. Em termos de comércio externo, as importações brasileiras chegaram a 6,7 milhões de toneladas (trigo e seus derivados - 2008). Em 2009, até junho, o Brasil importou 3,1 milhões de toneladas. Isso aconteceu principalmente por causa da perda de qualidade de parte da produção nacional e da valorização contínua da moeda nacional frente ao dólar.

As importações brasileiras de trigo em grão, segundo os principais países, nos últimos 10 anos, estão na Tabela 9. Tradicionalmente a Argentina é o principal fornecedor, respondendo por cerca de 85% a 95% do total importado pelo Brasil. Isto acontece por conta de sua proximidade geográfica e pelo fato de integrar o Mercosul, condição que lhe asseguram vantagem fiscal em relação a outros países fornecedores, os quais devem pagar 10% de Tarifa Externa Comum (TEC).

Tabela 9/I. *Trigo em grão - Quantidade importada - Brasil - 1999-09*

(t)

Origem	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009[1]
Argentina	6.569.426	7.207.869	6.789.395	5.422.944	5.531.083	4.653.261	4.519.655	5.974.222	5.630.214	4.234.442	2.333.574
Paraguai	865	64.079	87.670	81.489	96.184	120.613	408.926	337.763	163.355	527.752	330.371
Uruguai	34.234	36.015	1.001	14.050	5.230	27	29.721	131.169	149.377	90.869	391.968
Canadá	191.613	163.075	33.820	59.076	170.318	-	-	71.525	340.991	272.889	-
EUA	95.078	51.685	102.912	677.203	500.014	73.948	29.799	16.499	354.065	906.793	31.589
Líbano	19	-	-	4	2	2	17	-	8	2	12
Síria	-	-	-	-	-	1	7	-	-	-	-
Polônia	-	-	-	89.368	299.624	-	-	-	-	-	-
Suécia	-	-	-	12.828	5.472	-	-	-	-	-	-
Cazaquistão	-	-	-	76.980	4.000	-	-	-	-	-	-
Rússia	-	-	-	9.939	-	-	-	-	-	-	-
Ucrânia	-	-	-	128.347	-	-	-	-	-	-	-
Total	**6.891.235**	**7.522.722**	**7.014.798**	**6.572.228**	**6.611.926**	**4.847.852**	**4.988.125**	**6.531.178**	**6.638.010**	**6.032.747**	**3.087.514**

[1]Até junho.
Fonte: MDIC/Secex.

Em 2008, entretanto, a oferta por parte da Argentina foi menor, pois o governo daquele país decidiu reter os embarques do cereal, elevando os impostos de exportação (objetivando garantir o abastecimento interno). Isto gerou um movimento por parte dos produtores argentinos que interromperam por diversos meses a movimentação de produtos agrícolas, como o trigo, em protesto à política adotada pelo governo. Somente no final de agosto o governo argentino liberou novos lotes para exportação e, por isso, a partir de setembro, o Brasil anunciou a retomada da cobrança de 10% da TEC extra-Mercosul, a qual estava suspensa desde o início de 2008 para garantir o abastecimento interno.

Assim, ao longo de 2008, o Brasil acabou aumentado suas aquisições junto a outros países que estavam isentos temporariamente do pagamento da TEC, como dos Estados Unidos (aumento de 156% em relação a 2007), que é o maior exportador mundial do cereal. Já as compras da Argentina caíram 24,8% em 2008 em comparação com o ano anterior, totalizando 70% das importações brasileiras de trigo em grão em 2008.

Outros importantes fornecedores do cereal são o Paraguai, Uruguai e Canadá. Em 2009, até o mês de junho, já importamos 3,1 milhões de toneladas (Tabela 9). Nos meses de julho e agosto o Brasil ainda tem uma maior necessidade de importação, pois a safra nacional costuma entrar no mercado a partir de agosto.

A Tabela 10 disponibiliza as importações brasileiras de farinha de trigo. A Argentina também é o país que mais vende o produto para o Brasil. Em 2008 o Brasil importou 682,3 mil toneladas, sendo que 638,1 mil vieram da Argentina. Até junho de 2009 as importações totalizaram 310,7 mil toneladas, sendo que 288,5 mil toneladas vieram do vizinho portenho.

Tabela 10/I. *Farinha de trigo - Quantidade importada - Brasil - 1999-09*

(t)

Origem	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009(*)
Argentina	177.758	181.639	141.921	81.027	8.947	9.329	4.271	109.881	604.683	638.095	288.537
Uruguai	13.256	17.635	20.870	7.345	8.893	8.784	17.837	21.111	18.099	40.785	18.966
Paraguai	25	-	1.123	5.740	2.211	8.971	4.580	2.112	963	2.360	2.731
EUA	-	-	-	-	20	512	1.278	1.626	286	-	-
Reino Unido	...	...	...	...	...	...	...	...	...	923	392
Outros países	331	3.760	2.459	1.727	4.105	6.479	230	940	1.698	95	116
Total	**191.370**	**203.034**	**166.373**	**95.838**	**24.176**	**34.075**	**28.196**	**135.671**	**625.729**	**682.258**	**310.742**

(*)Até junho.
Fonte:MDIC/Secex.

A comercialização interna da safra é caracterizada, em geral, por uma forte pressão de oferta, principalmente nos meses de setembro, outubro e novembro, período que concentra a colheita dos Estados do Rio Grande do Sul e Paraná, responsáveis por quase 90% da produção nacional.

A demanda, ao contrário, ocorre ao longo de todo o ano, o que implica no armazenamento do grão que, além de gerar aumento de custos, requer capacidade de estocagem, o que nem sempre acontece. A falta de armazéns é uma realidade no Brasil atualmente.

Os preços, em nível internacional, são balizados pelas cotações da Bolsa de Chicago, e a partir do comportamento deste mercado é que os preços no Brasil (atacado e produtor) são cotados.

Historicamente, no período sazonal de entrada da safra do Brasil e da Argentina, entre os meses de setembro e dezembro, as cotações recuam, fato que não aconteceria se houvesse suficiente capacidade de armazenagem no País. Além disso, é comum os produtores não esperarem por melhora nos preços - escalonando suas vendas - e venderem o trigo para poder investir nas lavouras de verão.

Ao longo de 2008 as cotações internacionais foram excepcionais, com a tonelada atingindo em março daquele o valor recorde de US$ 402,82 (Tabela 11, Figura 1). Contudo, em função da safra recorde, a partir de agosto os preços iniciaram uma trajetória de declínio e, em junho/2009 (último preço médio disponível), a tonelada estava cotada a US$ 213,27.

Tabela 11/I. *Trigo - Preços médios mensais na Bolsa de Chicago (CBOT) - 2006-09*

(US$/t)

Mês	2006	2007	2008	2009
Janeiro	123,10	174,31	341,64	216,33
Fevereiro	124,70	170,77	390,72	196,55
Março	130,99	168,90	402,82	191,48
Abril	129,27	173,45	323,70	193,42
Maio	143,94	178,58	282,87	215,20
Junho	137,60	207,63	311,61	213,27
Julho	143,30	218,70	298,49	
Agosto	140,58	254,20	300,83	
Setembro	149,69	317,07	264,31	
Outubro	183,90	326,73	209,42	
Novembro	178,63	290,38	196,17	
Dezembro	177,84	335,92	172,12	

Fonte: CMA.

Desde meados do ano comercial mundial 2006/07, a alta nas cotações internacionais do trigo vinha assegurando preços mais altos no Brasil, ainda que o dólar estivesse desvalorizado frente ao real. No período da colheita da safra 2007/08, os preços continuavam bons e, por isso, os triticultores brasileiros apostaram no cereal, ainda que os custos de produção estivessem elevados.

Com a crise financeira mundial esta situação se inverteu. Isto porque muitos investidores abandonaram os fundos de *commodities,* derrubando as cotações do cereal, que também foram influenciadas pela maior produção em nível mundial. Aliado a isso o crédito encareceu e se tornou escasso, o que se tornou um problema tanto para os produtores quanto para os atacadistas e varejistas.

Internamente, a colheita de uma das maiores safras iniciou-se num momento em que os moinhos estavam abastecidos. Este era o cenário até outubro/2008. Os preços estavam em baixa por conta do excesso de oferta no mercado, porém com possibilidade de recuperação por conta da paridade de importação. Isto porque a queda das cotações internacionais era mais que compensada pela desvalorização do Real frente ao dólar.

Figura1/I. *Trigo - Preços médios mensais na Bolsa de Chicago (CBOT) - 2006 - 09*

No início de novembro/08, contudo, os preços do trigo argentino tiveram uma queda acentuada e assim os preços do trigo no Brasil foram novamente pressionados, tendo como referência a paridade de importação do grão portenho. O câmbio passou a ser então o único fator possível de equilibrar os preços neste quadro de oferta excessiva, já que a moeda brasileira se encontrava depreciada em relação ao dólar naquele momento. Isto mais do que compensou a desvalorização do trigo no mercado internacional, mantendo a paridade de importação elevada. Contudo, além da retração acentuada das cotações do trigo argentino, no âmbito doméstico o excesso de oferta com a entrada da safra e a baixa necessidade de aquisição por parte dos moinhos não permitiu que os preços alcançassem essa paridade com o produto importado.

Assim a intervenção governamental - através do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) - para auxiliar o escoamento de uma das maiores safras que o Brasil já colheu, foi fundamental para evitar uma queda ainda maior nos preços do trigo, bem como para estimular os agricultores para o plantio da safra 2009. Desde o segundo semestre de 2008, bem como em 2009, o governo vem alocando recursos para medidas de apoio à comercialização da safra de trigo 2008/09 (via AGF, PEP e PEPRO), em um volume que correspondeu a 30% da safra, a fim de garantir ao produtor rural um preço mínimo por seu produto. O fato de a safra ter sido prejudicada pela geada comprometeu a qualidade do cereal, o que colaborou para uma depreciação ainda maior do preço. Com a queda acentuada da paridade de importação, a procura pelos contratos de opção do governo foi grande.

O governo também adotou temporariamente outras medidas emergenciais, como a isenção do PIS-Cofins incidentes sobre o trigo e farinha de trigo (prorrogada em junho/09 até dezembro/2010).

No final de dezembro/08, e pela primeira vez desde o início da colheita da safra, os preços tiveram uma leve recuperação, refletindo fatores internos (vencimento dos contratos de opção do governo que trazem uma nova referência de preços) e externos (reação positiva nos preços do trigo argentino e elevação das cotações internacionais). Ainda assim, 2008 foi o ano com a maior média de preços desde a desregulamentação do mercado em 1990.

No início de 2009 os preços do trigo no mercado interno estavam superiores aos do final de 2008. As principais razões foram a quebra na safra argentina, a prorrogação da dívida agrícola dos produtores e as opções de venda para o governo. No final de fevereiro, com a necessidade de criar espaço para armazenar a safra de verão, os produtores tiveram que vender o trigo estocado, o que, somado à entrada do trigo importado, acabou aumentando a oferta e assim os preços tiveram uma ligeira queda. Além disso, a indústria estava bem abastecida e não tinha interesse em novas aquisições. Esta situação

perdurou durante os meses de março e abril. Em maio o governo voltou a intervir no mercado – via AGF e PEP - para evitar uma queda maior nos preços pagos aos produtores, como também decidiu temporariamente não leiloar os estoques públicos (670 mil toneladas) para não pressionar os preços domésticos e manter a TEC em 10%.

No mercado internacional as bolsas norte-americanas continuam em queda (final de junho/09), refletindo a forte entrada da safra do Hemisfério Norte, onde estão mais de 80% da produção mundial.

Atualmente está entrando no País trigo paraguaio e uruguaio, ainda que em pouca quantidade, mas os preços são extremamente competitivos, o que acaba balizando o mercado nacional. Além disso, o câmbio abaixo de R$ 2,00 por dólar traz certa tranquilidade, ainda que exista uma escassez do cereal proveniente do Mercosul, as aquisições no Hemisfério Norte chegariam a preços competitivos, até porque o quadro atual de oferta e demanda está mais favorável, o que não justifica o custo financeiro de adquirir volumes de estoques mais elevados do que os já existentes. Há que se considerar também a existência de estoques públicos no Brasil.

Além do Paraguai e do Uruguai, o Canadá aparece como um potencial fornecedor de trigo para o Brasil, já que os principais compradores daquele país (Marrocos e Argélia) devem ter aumento em suas safras e, por isso, devem diminuir suas importações, o que possibilita o direcionamento do trigo canadense para outros destinos, como o Brasil.

No momento atual (julho/09), com um volume de importações semelhantes ao do ano comercial anterior e com uma produção interna maior (no ano comercial 2007/08 o volume de trigo nacional disponibilizado aos moinhos foi de 2,615 milhões de toneladas, atualmente é de 5,1 milhões de toneladas), a indústria não tem necessidade de compra de trigo. Além disso, há que se considerar a combinação de queda nos preços internacionais e a valorização do real frente ao dólar. Por conta disso, as perspectivas neste final de entressafra para recuperação das cotações são mínimas, por isso é necessária a intervenção governamental para garantir o preço mínimo estabelecido.

Na próxima temporada, deve haver uma maior liquidez no mercado brasileiro, sobretudo em função da redução na produção argentina. Contudo, alguns analistas acreditam que nem mesmo o fato de a Argentina não dispor de estoque do cereal para exportar no ano comercial 2008/09 e em 2009/10 tem sido suficiente para aumentar os preços do cereal.

Produção catarinense e comercialização

Em Santa Catarina a safra 2008 foi a maior desta década (Tabela 12). O principal responsável por este aumento foi a decisão dos produtores em aumentar área em 50,5%, ou 41,3 mil hectares a mais do que a safra anterior (2007), que totalizou 81,7 mil hectares. Este aumento de área se deve ao fato de que os preços do cereal estavam elevados no período de decisão de plantio. A produtividade atingida também foi recorde: 2.641kg por hectare.

Segundo o IBGE, no seu levantamento do mês de maio/09, último disponível quando este documento foi elaborado, os números para a safra 2009 devem ser semelhantes aos da safra anterior. A área plantada deve se manter, enquanto o rendimento médio deve cair 1,9%; consequentemente, a produção deve

Tabela 12/I. *Trigo - Comparativo de área, produção e rendimento - Santa Catarina - Safras 1999/00 a 2009/10*

Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
1999/00	30.897	54.430	1.764
2000/01	51.007	79.865	1.572
2001/02	51.851	93.158	1.810
2002/03	77.541	171.969	2.218
2003/04	85.014	190.133	2.239
2004/05	59.992	114.969	1.916
2005/06	62.001	151.699	2.473
2006/07	81.675	203.336	2.490
2007/08(1)	122.937	323.620	2.641
2008/09(1)	122.900	318.311	2.590
2009/10(3)	123.200	319.100	2.590

(1)Dados sujeito a alterações.
(2)Estimatica Conab (10º Levantamento, julho/09)
Fonte: IBGE (LSPA dez/2001 a dez/08 e maio/09) e Conab (10º Levantamento, julho/09).

diminuir 1,6%, chegando a 318,13 mil toneladas, contra as 323,6 mil toneladas da safra 2008 (Tabela 12). Isto porque o clima, excessivamente úmido, trouxe doenças fúngicas e perda de qualidade para o grão.

As regiões que produzem o cereal no Estado estão na Tabela 13. Em 2009, as principais regiões produtoras, na ordem, devem ser: Xanxerê, Curitibanos, Canoinhas, Chapecó e Joaçaba, cujas produções estimadas são de 92, 84, 50, 47 e 16 mil toneladas, respectivamente. Também, na mesma safra, a maior produtividade esperada aconteceu em Curitibanos e na sequência em Canoinhas. Apenas a região de Canoinhas teve redução na área plantada nesta safra, todas as demais mantiveram a mesma área e algumas até mesmo a aumentaram, refletindo as expectativas que os bons preços trouxeram.

Tabela 13/I. *Trigo - Área, produção e rendimento por microrregião geográfica - Santa Catarina - Safras 2005/06 - 2008/09*

Microrregião geográfica	Área plantada (ha)				Produção (t)				Rendimento médio (kg/ha)			
	2005/06	2006/07	2007/08[1]	2008/09[1]	2005/06	2006/07	2007/08[1]	2008/09[1]	2005/06	2006/07	2007/08[1]	2008/09[1]
Blumenau			30	30			81	81	-	-	2.700	2.700
Campos de Lages	1.850	3.280	3.501	3.501	5.715	10.074	8.567	8.567	3.089	3.071	2.447	2.447
Canoinhas	8.815	12.295	24.200	16.500	16.288	39.440	57.120	49.590	1.848	3.208	2.360	3.005
Chapecó	10.645	12.915	19.026	19.561	13.167	25.297	46.924	47.404	1.237	1.959	2.466	2.423
Concórdia	1.043	855	1.055	1.055	1.284	1.229	1.605	1.605	1.231	1.437	1.521	1.521
Curitibanos	16.030	20.940	27.695	27.695	37.357	52.284	85.991	84.166	2.330	2.497	3.105	3.039
Ituporanga	0	0	120	120	0	0	155	81	-	-	1.292	675
Joaçaba	2.635	3.885	6.675	6.928	4.200	9.197	16.595	16.179	1.594	2.367	2.486	2.335
Rio do Sul	63	0	150	150	15	0	375	375	238	-	2.500	2.500
São Bento do Sul	66	610	1.290	1.290	78	1.452	1.950	1.950	1.182	2.380	1.512	1.512
São Miguel do Oeste	4.255	3.545	4.455	4.505	5.666	7.640	10.617	10.768	1.332	2.155	2.383	2.390
Xanxerê	14.550	23.350	34.740	34.740	22.744	56.721	93.637	92.002	1.563	2.429	2.695	2.648
Santa Catarina	**59.952**	**81.675**	**122.937**	**116.075**	**106.514**	**203.334**	**323.617**	**312.768**	**1.777**	**2.490**	**2.632**	**2.695**

[1]Dados sujeitos a alterações.
Fonte: IBGE.

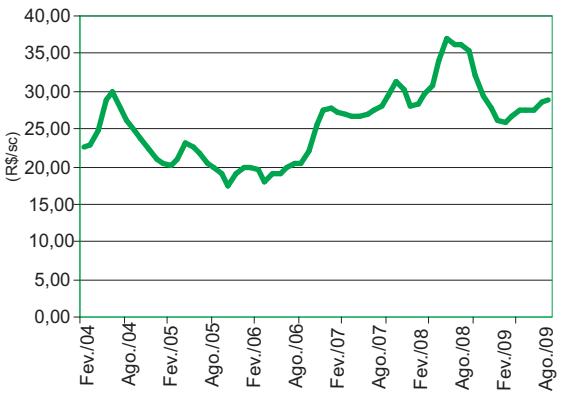
Com relação ao mercado, o preço do cereal para o produtor catarinense, após alcançar seu pico em abril/2008 - quando a saca chegou a ser cotada a R$ 37,07 - vem recuando desde então, e, no mês de junho (último preço médio disponível), a cotação era de R$ 28,84 (Tabela 14, Figura 2). Nos primeiros cinco meses do ano o preço do cereal oscilou entre R$ 26,00 e R$ 28,00 a saca de 60kg, ou seja, bastante aquém dos preços praticados no ano anterior (2008).

Tabela 14/I. *Trigo - Preços médios mensais aos produtores - Santa Catarina - 2004-09*

R$/sc[1]

Mês/Ano	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Janeiro	...	20,51	19,82	27,29	29,63	26,66
Fevereiro	22,70	20,11	19,64	26,86	30,67	27,52
Março	22,77	20,91	18,00	26,67	34,07	27,61
Abril	24,76	23,07	19,00	26,67	37,07	27,50
Maio	28,86	22,72	19,18	26,91	36,30	28,58
Junho	29,80	21,86	19,95	27,58	36,19	28,84
Julho	27,89	20,36	20,29	28,11	35,44	
Agosto	26,20	19,79	20,50	29,30	32,20	
Setembro	24,85	19,10	22,09	31,38	29,27	
Outubro	23,61	17,37	25,62	30,12	27,62	
Novembro	22,21	19,16	27,59	27,94	26,10	
Dezembro	20,91	20,00	27,71	28,33	25,82	
Média	**24,96**	**20,41**	**21,62**	**28,10**	**31,70**	**27,79**

[1]Saca 60kg de trigo pão/melhorador de PH78.
Fonte: Epagri/Cepa.



Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 2/I. *Trigo - Santa Catarina - Preços médios mensais aos produtores - 2004 - 09*

As baixas cotações em plena entressafra são explicadas pelo comportamento das principais variáveis que formam os preços (mercado internacional e câmbio), que não justificam um aumento nos preços pagos ao produtor. E a situação pode piorar ainda mais, visto que agosto é o mês de maior entrada de trigo no mundo. E assim as cotações poderão cair mais.

Os preços mínimos de garantia de compra do governo foram reajustados em 20% nesta safra (2008). Para a próxima safra (2009/10), os reajustes nos preços mínimos foram diferenciados segundo os tipos e as classes, e também foi desmembrada uma das classes anteriores em duas distintas. O maior reajuste foi para o Trigo Pão, como forma de incentivo, sobre o qual houve um acréscimo de 5% para a classe Melhorador (Tabela 15).

Tabela 15/I. *Trigo - Preços mínimos de garantia(¹) - Região Sul - Safras 2003/04 - 2009/10*

(R$/t)

Classificação/Ano	Tipo 1 (PH 78)			Tipo 2 (PH 75)			Tipo 3 (PH 70)		
	2003/04-2007/08	2008/09	2009/10	2003/04-2007/08	2008/09	2009/10	2003/04-2007/08	2008/09	2009/10
Pão/Melhorador/Durum	400,00	480,00	-	379,54	455,50	-	348,17	417,80	-
Brando	348,17	417,80	441,00	330,88	397,50	411,00	296,27	355,50	355,50
Pão	-	-	530,00	-	-	487,00	-	-	471,83
Melhorador/Durum	-	-	555,00	-	-	510,00	-	-	417,83

(¹) Período de vigência de agosto a julho.
Fonte: Conab.

Vale lembrar que, por tratar-se de produto alimentar estratégico e levando-se em conta a meta governamental de manter pelo menos 50% do consumo com origem nacional, a manutenção dos patamares atuais dos preços mínimos, embora ainda baixos quando comparados com os custos de produção, evita a sinalização de desestímulo à produção por parte do governo.

Perspectivas para a próxima safra

Existe uma expectativa por parte do USDA de que a produção de trigo no mundo caia em 2010 (Tabela 1), em torno de 3,8%. Esta queda deve acontecer na maioria dos grandes produtores. As maiores reduções devem ocorrer nos Estados Unidos (-19,4%), Canadá (-12,6%) e na União Européia (-10,3%). A Argentina deve ter uma produção 30,9% maior, mas ainda abaixo do nível alcançado 2006/07 e 2007/08.

Segundo a entidade que reúne os produtores norte-americanos (U. S. Wheat Associates), a redução na produção nos Estados Unidos é uma consequência da queda dos preços do cereal, e, como existe uma expectativa que os custos de produção na safra 2009/10 sejam muito mais altos do que os da safra anterior, muitos produtores podem optar por substituir o trigo por uma lavoura mais barata, como a soja. Desse modo, se o custo dos insumos não baixar, ou os preços do trigo não aumentarem, o plantio certamente será reduzido na safra 2009/10.

A FAO corrobora com estas projeções, afirmando que a safra recorde de 2008/09 não se repetirá, como consequência, sobretudo, da crise mundial, que impôs uma escassez de crédito.

De acordo com estudos da Conab, no ambiente econômico atual e em função da escassez de crédito aos produtores (resultado da crise) e das incertezas em relação ao preço no mercado mundial, e levando-se em conta a característica cíclica da produção, é possível esperar uma queda na produção mundial na safra 2009/10, seguida de uma nova reversão dos preços, desta vez favorável aos produtores, cenário este que deve continuar até a safra 2011/12.

No Brasil, a produção estimada é um pouco menor na safra 2010 em relação à atual (redução de 0,7%), isto porque a área plantada deverá ser 3,5% menor (Tabela 6). O rendimento médio, por sua vez, deve aumentar em torno de 2,9%, chegando a 2.414 kg por hectare. Tal comportamento reflete o desânimo

dos produtores com os preços praticados durante a safra 2009, a qual ainda não foi inteiramente comercializada.

Segundo a Conab, alguns dos principais estados produtores (Tabela 7) devem aumentar suas áreas de trigo na safra 2010. Entre eles estão o Paraná e Santa Catarina, cujo acréscimo de área é estimado em 2,5% e 0,5%, respectivamente. Já no Rio Grande do Sul, que é o segundo maior produtor brasileiro, espera-se que área semeada seja reduzida em 10%. A produtividade média do País deve ter um pequeno aumento de 67 kg por hectare a mais em 2010, quando comparado ao rendimento de 2009.

Desse modo surge a necessidade de que o governo se mantenha alerta, por conta das expectativas negativas resultantes da difícil comercialização da safra atual, os baixos preços ao produtor, a ausência de liquidez, as restrições de crédito para a indústria consumidora e para o plantio da nova safra, o que já está desestimulando o produtor brasileiro em relação ao plantio da safra 2009/10. A redução da produção vai requerer um aumento nas importações em um ambiente de safra mundial também reduzida, com preços firmes e dólar valorizado.

Apesar de a dependência brasileira do trigo importado ter caído nos últimos anos, face ao aumento da produção doméstica, segundo entidades ligadas aos produtores, para que o ciclo de retomada da cultura do trigo se confirme, o apoio estratégico do governo é crucial. Este apoio deve vir sob a forma de preços mínimos que cubram os custos de produção, medidas de apoio à comercialização e a disponibilização de recursos para o custeio e o seguro rural.

Em Santa Catarina a safra 2010 está sendo semeada e muitas lavouras se encontram em desenvolvimento. O IBGE acredita que, apesar de ter um ligeiro aumento de área, a produção esperada deverá ser menor do que aquela obtida em 2009 (Tabela 12) em torno de 1,6%. Isto porque o rendimento médio deve decrescer 1,9%, chegando a 2.590 kg/ha contra 2.641 kg/ha da safra 2009.

Levantamentos mais recentes realizados pelo Epagri-Cepa indicam que deverá haver uma queda na área plantada nas principais regiões produtores, da ordem de 10% a 15%. Algumas razões são apontadas para esta redução. A primeira delas é o fato de que esta safra se inicia com preços mais baixos e com a lenta comercialização dos estoques que ainda estão disponíveis da safra passada. Isso leva a uma menor procura por insumos por parte dos produtores que devem reduzir a área plantada com o cereal. O número reduzido de armazéns para estocar o produto agrava ainda mais o problema. Outra razão, muito importante, é a escassez de crédito para financiar o plantio.

Como o plantio não foi concluído (pode se estender até o mês de julho), ainda pode haver alteração nestes números, conforme o comportamento do mercado. Se houver uma recuperação nos preços os produtores podem até aumentar a área com a cultura. E, caso a redução de produção se confirme, a tendência é de que a recuperação dos preços do cereal seja mais rápida no curto e médio prazo.

Márcia Janice Freitas da Cunha Varaschin
Economista - Epagri/Cepa
marciacunha@.epagri.sc.gov.br

Flores e plantas ornamentais

Situação mundial

O mercado mundial de flores movimenta valores próximos de US$ 60 bilhões por ano. A produção mundial de flores e plantas ornamentais ocupa atualmente uma área aproximada de 190 mil hectares. Os segmentos de flores cortadas, plantas vivas, bulbos e folhagens são os mais significativos, sendo que o principal consumidor mundial de flores e plantas ornamentais é a União Europeia, tendo como fornecedores a Holanda, Quênia, Israel, Colômbia e Espanha. A Holanda domina o mercado mundial de flores e é o maior exportador e importador destes produtos. Os Estados Unidos é o segundo maior mercado comprador, importando grandes quantidades de flores de corte da Colômbia, Equador, Costa Rica, México, República Dominicana e Guatemala.

Situação nacional

O setor teve uma melhora no que diz respeito às tecnologias de produção, aumentando a produtividade.

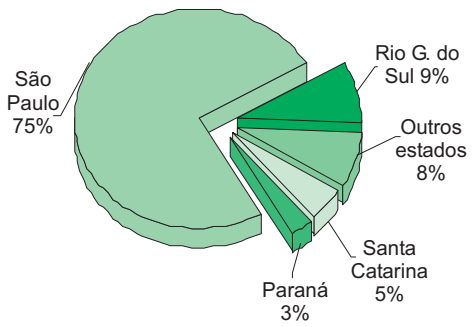
A produção de flores e plantas ornamentais cresce a cada ano no País, e o mesmo acontece em relação à exportação desses produtos.

Tem aumentado cada vez mais a demanda por flores e plantas no mercado nacional para floriculturas, decorações em geral e principalmente plantas ornamentais para uso em projetos paisagísticos. É um setor que se desenvolve continuamente, devido também à possibilidade de se ofertar os diferentes produtos para as diversas faixas de consumidor, incluindo a comercialização, além das floriculturas, também nos supermercados e shoppings.

Como maior Estado produtor, consumidor e exportador brasileiro de flores e plantas ornamentais, São Paulo é responsável por 75% da produção e por mais de 50% do consumo nacional, sendo que 95% são destinados ao consumo interno e 5% para países como Estados Unidos, União Europeia e Japão.

Estados como Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Ceará, Pernambuco e Alagoas têm ótimas produções de ornamentais.

Devido ao preço e durabilidade, as rosas e as orquídeas em vasos são as preferidas. Segundo a Câmara Nacional de Floricultura, o faturamento do mercado de flores e plantas ornamentais cresceu 9% no primeiro semestre de 2009, em comparação ao mesmo período do ano passado. São Paulo possui 75% da produção nacional, Rio Grande do Sul 9%, Santa Catarina 5%, Paraná 3% e demais estados com 8% da produção nacional, conforme Figura 1.



Fonte: Câmara Setorial da Cadeia Produtiva de Flores e Plantas Ornamentais.

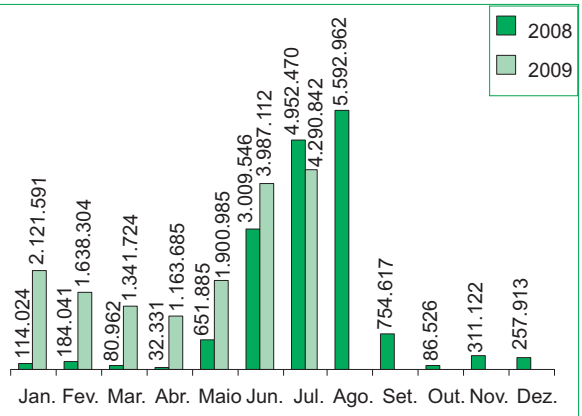
Figura 1/I. *Flores e plantas ornamentais - Participação percentual na produção por estados brasileiros - 2009*

No segmento de flores e plantas, cerca de 95% da produção nacional destina-se ao mercado interno e, por estar fortemente fundamentado no mercado interno, movimenta em torno de R$ 700 milhões ao ano (conforme o Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento, citado por Anita Cid em setembro de 2008). A cadeia produtiva do setor de flores chega a

aproximadamente 180 mil empregos, sendo 48,3% na produção, 3,3% na distribuição, 42,5% no comércio varejista e 5,9% em outras funções de apoio. Das ocupações 94,4% são permanentes, 81,3% dos trabalhadores são contratados e em torno de 18,7% do total de pessoas que se dedicam ao cultivo são produtores familiares.

Conforme a câmara setorial (junho 2008), é uma atividade em expansão que agrega mais de oito mil produtores, com cultivo anual em torno de seis mil hectares, envolvendo mais de 300 municípios concentrados em pólos principais, que se consolidam cada vez mais em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul, no Paraná, em Minas Gerais, no Rio de Janeiro, em Goiás, no Distrito Federal e outros estados do Norte e do Nordeste.

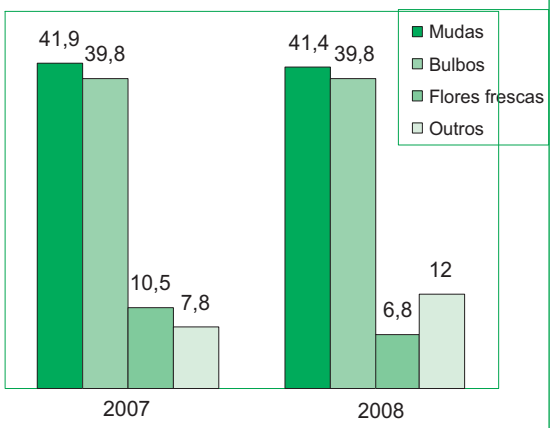
Em 2008, as vendas brasileiras para o mercado internacional foram mais expressivas nos meses de maio a outubro. O valor das exportações nacionais no período de janeiro de 2008 a julho de 2009 de mudas e outras plantas ornamentais, mudas de orquídeas, flores e seus botões, bulbos, tubérculos, rizomas, dentre outras, apresentaram o seguinte comportamento, conforme Figura 2.



Fonte: MDIC/Secex.

Figura 2/I. *Flores e plantas ornamentais - Exportações mensais - Brasil - Jan./08-Jul./09 (US$ FOB)*

Em 2007, o montante financeiro das exportações brasileiras representou uma participação percentual de 10,5% nas flores frescas, 41,9% nas mudas, 39,8% nos bulbos e 7,8% em produtos diversos. Em 2008 as exportações tiveram uma queda de 0,8% nas mudas e 35,4% nas flores frescas, os bulbos permaneceram com 39,8% e outros produtos da floricultura apresentaram um significativo aumento, passando de 7,8% para 12,0% (Figura 3).



Fonte: MDIC/Secex.

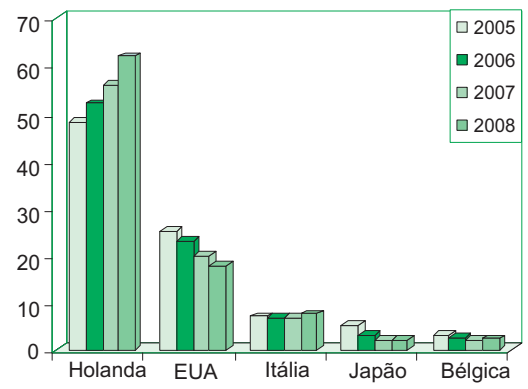
Figura 3/I. *Flores e plantas ornamentais – Valor percentual das exportações - Principais produtos vendidos - Brasil – 2007-08*

São Paulo é responsável por 75% da produção de flores e plantas ornamentais e por mais de 50% do consumo nacional desses produtos. Ao todo, 95% são destinados ao consumo interno e 5% seguem para outros países. As flores brasileiras em 2008 tiveram como destino vários países, entre os quais se

destacam Holanda (62%), Estados Unidos (17,9%), Itália (7,5%), Bélgica (2,3%), Japão (1,9%) e outros países (11,7%), conforme Figura 4.

A cadeia produtiva de flores no Brasil é muito importante para a sua economia. As exportações ainda são pouco exploradas, sendo que a maior parte das ornamentais produzidas é consumida internamente.

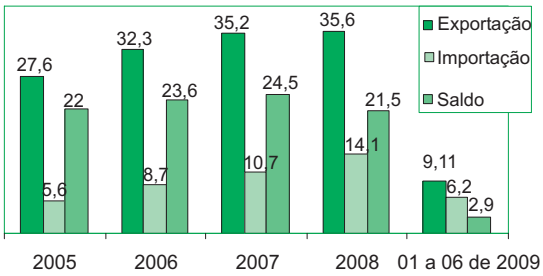
As importações em 2008 tiveram um bom crescimento em relação a 2007 e o saldo comercial terminou o ano com superávit de US$ 21,5 milhões. Já de janeiro a julho de 2009, o Brasil exportou US$ 9,11 milhões em flores e plantas ornamentais. As importações no mesmo período atingiram US$ 6,2 milhões, com saldo positivo de US$ 2,9 milhões.



Fonte: MDIC/Secex.

Figura 4/I. *Flores e plantas ornamentais - Valor das exportações e principais destinos (%) - Brasil -2005-08*

Segundo a Câmara Setorial da Cadeia Produtiva de Flores e Plantas Ornamentais, o faturamento do mercado de flores e plantas ornamentais cresceu 9% de janeiro a junho de 2009, em comparação ao mesmo período do ano passado (Figura 5).



Fonte: MDIC/Secex.

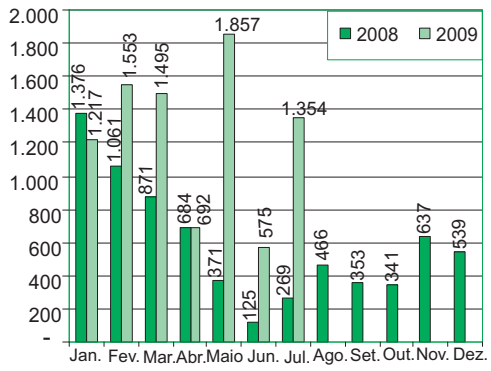
Figura 5/I. *Flores e plantas ornamentais – Balança comercial – Brasil - 2005-09 (milhões US$ FOB)*

Mercado nacional

As importações em 2008 foram de US$ 14,1 milhões, registrando crescimento próximo de 25% em comparação com o de 2007. A produção de flores e ornamentais no Brasil vem se expandindo, ganhando qualidade e competitividade, ramificando-se por todas as regiões do País. Considera-se atualmente uma importante atividade econômica no Brasil, com taxas de crescimento de 20% ao ano. A participação no mercado é distribuída em 50% para flores envasadas, 40% flores de corte e 10% plantas ornamentais.

As perspectivas para a floricultura são positivas, com crescimento no mercado interno, considerando que o consumo per cápita ainda é muito baixo, próximo de US$ 4,7 por habitante ao ano.

O comportamento das importações brasileiras, de janeiro de 2008 a julho de 2009 de mudas de outras plantas ornamentais, mudas de orquídeas, flores e seus botões, bulbos, tubérculos, rizomas, dentre outras, é demonstrado na Figura 6.



Fonte: MDIC/Secex.

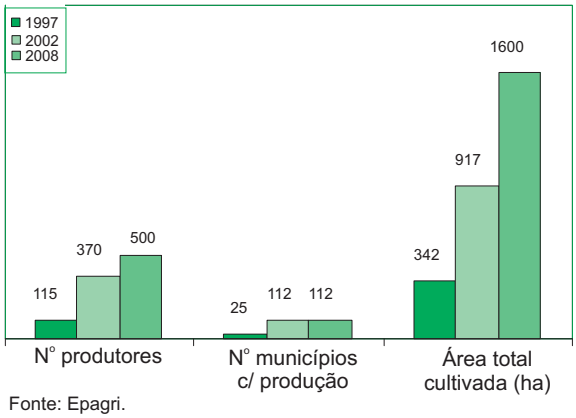
Figura 6/I. *Flores e plantas ornamentais - Valores mensais importados - Brasil - Jan./2008 a Jul./2009 (U$S 1000 FOB)*

Mercado catarinense

A floricultura em Santa Catarina teve seu início próximo da década de 50, pelos imigrantes alemães e italianos. Surgiram então quatro focos; a região de Biguaçu, a região serrana entre São Bento do Sul e Joinville, a região de Corupá e a região do Alto Vale do Itajaí, nas cidades de Rio do Oeste e Laurentino (CASTÃN, 2002).

Em outras regiões colonizadas por alemães, o cultivo e a comercialização, principalmente de flores, passavam de geração a geração, sendo considerados de pequena escala aqueles praticados em áreas de aproximadamente 500 m^2, fundindo-se as próprias lavouras em geral.

Nas décadas de 70 e 80, surgem outros grupos de produtores de plantas ornamentais em Santa Catarina. Em 1988, criou-se a Associação dos Produtores de Plantas Ornamentais de Santa Catarina (Aproesc), com o objetivo de representar os produtores. Segundo Epagri, nos diversos municípios catarinenses, a floricultura vem crescendo a cada ano, com significativo aumento de novos produtores e de área (Figura 7).



Fonte: Epagri.

Figura 7/I. *Flores e plantas ornamentais - Evolução do setor - Santa Catarina - 1997- 2008*

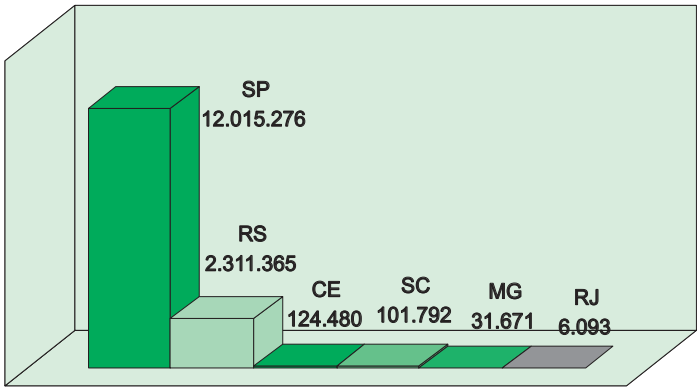
Para que a atividade consiga aumentar o volume de produção, ainda existe a necessidade de maior especialização para que os produtores adquiram cada vez mais capacidade técnica de melhorar os diversos sistemas de cultivo.

A floricultura brasileira caracteriza-se como um dos mais promissores segmentos da horticultura intensiva, apresentando bom desenvolvimento nos últimos anos. Santa Catarina se destaca entre os produtores nacionais e nossos produtos são comercializados em vários estados brasileiros.

Para que possa crescer de forma eficiente e planejada, foi desenvolvido o zoneamento agroclimático de algumas espécies de flores para regiões do Estado catarinense que apresentam melhores condições climáticas para o desenvolvimento das seguintes espécies: helicônias, gladíolo, bougainvillea e fícus. Sabe-se que em praticamente todo o Estado há produtores produzindo as mais diversas espécies, conforme as regiões catarinenses: Oeste e Meio Oeste: Flor-de-época e forrações; Planalto Sul: flores de corte (*Aster* sp., *Dianthus chinensis*, *Dianthus* sp., *Chrysanthemum* sp., *Statice* sp., *Hypericum* sp. and *Solidago* sp. (Urupema: bulbos); Vale do Itajaí: mudas de *Rosa* sp., *Bambusa* sp., *Chamaecyparis* sp., *Cycas* sp., *Ligustrum* sp., *Buxus* sp., *Camellia* sp., *Strelitzia* sp., *Euonymus japonica* e palmeiras). Litoral: *Agave* sp., *Aechmea* sp., *Buxus* sp., *Cycas* sp., *Strelitzia* sp., *Eugenia* sp., orquídeas e palmeiras (*Gilmar Germano Jacobowski e Juarez José Vanni Muller).*

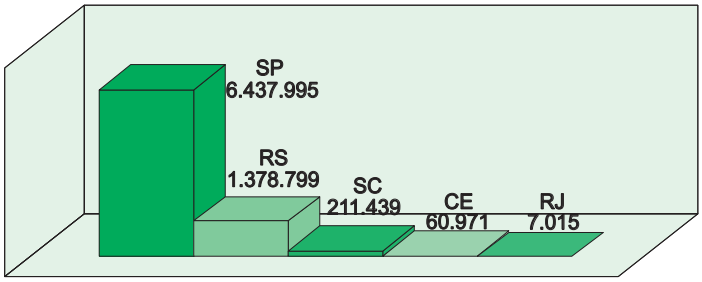
Exportações estaduais

As exportações de mudas e outras plantas ornamentais, por estado da Federação, realizadas no ano de 2008 e primeiro semestre de 2009, estão demonstradas nas Figuras 8 e 9.



Fonte: MDIC/Secex.

Figura 8/I. *Flores e plantas ornamentais - Exportação brasileira - 2008 (US$ FOB)*



Fonte: MDIC/Secex.

Figura 9/I. *Flores e plantas ornamentais - Exportação brasileira - 1º semestre de 2009 (US$ FOB)*

Perspectivas para 2010

O setor é bastante competitivo, necessitando de profissionalismo. Entre os principais problemas sentidos pelo setor produtivo de Santa Catarina, destacam-se: a entrada de novos produtores no mercado, concorrendo deslealmente com os mesmos produtos já existentes, geralmente com um custo de produção menor, pois não cumprem a legislação existente; o maior custo de produção na principal região produtora do Estado, Região Norte, devido ao custo de mão de obra inflacionado pelas indústrias; o aumento de custos devido à legislação do setor; a falta de uma visão estratégica do setor produtivo; a falta de informações atualizadas do setor, levando muitas vezes os produtores à tomada de decisões equivocadas; aumento da produção de plantas ornamentais em outros estados, havendo uma maior concorrência com os produtos catarinenses; e a crise financeira internacional que também influenciou a queda do consumo de plantas ornamentais.

Entretanto, existem sinais positivos para o setor. Através do Plano de Aceleração do Crescimento (PAC), do Governo Federal, inúmeras obras estão sendo desenvolvidas em todas as regiões do Brasil: a implementação do programa Minha casa, minha vida, do Governo Federal, que prevê a construção de um milhão de novas casas e apartamentos; o aumento de renda da classe C da população brasileira; e a realização da Copa do Mundo de futebol de 2014 no Brasil são fatores que devem impulsionar o consumo de flores e plantas ornamentais.

Como o mercado é ávido por novidades, seria fundamental para o setor estadual desenvolver novos produtos, além de promover campanhas educativas que visem estimular o consumo, vinculando a utilização de plantas à questão ambiental e aos benefícios sobre a saúde humana (física, emocional e mental).

Gilberto Luiz Curti
Técnico Agrícola - Epagri/Cepa-Chapecó
gilbertoluizcurti@epagri.sc.gov.br

Juarez José Vanni Muller
Engº Agrônomo - Epagri/E.E. de Itajaí
jmuller@epagri.sc.gov.br

Comercialização de hortifrutigranjeiros na Ceasa/SC - Unidade de São José

Durante o ano de 2008, na Ceasa unidade de São José, foi realizada a comercialização abrangendo um total de aproximadamente 125 produtos alimentícios e não alimentícios (bandejas, copos plásticos, bebidas alcoólicas, refrigerantes, dentre outros).

No ano, o volume negociado atingiu um total de 288,015 mil toneladas, 6,36% a mais quando comparado ao mesmo período de 2007, quando movimentou um montante financeiro de R$ 285,37 milhões nas operações comerciais.

Os preços médios ponderados dos produtos comercializados atingiram a cifra de aproximadamente R$ 0,99 o quilo, sinalizando um aumento de 10,0% comparados aos valores pagos em 2007. Essa alta foi devido à importação de hortaliças de folha e fruto de outros estados, principalmente do Paraná. O excesso de chuva ocorrido no último trimestre de 2008 na região produtora da Grande Florianópolis também foi responsável pela escassez de produto e elevação dos preços.

Os produtos mais vendidos, em 2008, na Unidade de São José, foram: batata inglesa, tomate longa vida, laranja, mamão, cebola, melancia, banana, maçã, cenoura e tangerina, sendo responsáveis por 62,83% do volume total comercializado (Tabela 1).

No ano, o Estado de Santa Catarina foi responsável por 43,4 % do volume total de hortifrutigranjeiros ofertados no atacado da Unidade de São José, contribuindo para um movimento financeiro da ordem de R$ 117,16 milhões em operações comerciais.

Tabela 1/I. *Hortifrutigranjeiros - Principais produtos comercializados na Ceasa/SC - Unidade de São José – 2007-08*

Produto	Quantidade (kg)		Participação %		
	2007	2008	2007	2008	2008/2007
Batata-inglesa	32.866.850	34.642.301	12,14	12,03	5,4
Tomate longa vida	26.026.400	29.241.625	9,61	10,15	12,35
Laranja	21.305.963	21.054.374	7,87	7,31	-1,18
Mamão	17.350.310	19.028.980	6,41	6,61	9,68
Cebola	16.348.210	16.546.035	6,04	5,74	1,21
Melancia	13.127.860	13.029.528	4,85	4,52	-0,75
Banana	12.183.514	12.102.045	4,5	4,2	-0,67
Maçã	12.989.844	12.043.404	4,8	4,18	-7,29
Cenoura	10.978.637	11.960.515	4,05	4,15	8,94
Tangerina	9.599.039	11.309.379	3,54	3,93	17,82
Total	**172.776.627**	**180.958.185**	**63,8**	**62,83**	**4,74**

Fonte: Ceasa/SC.

Produtos comercializados e analisados

A partir do ano de 2007 iniciou-se o acompanhamento e análise dos hortifrutigranjeiros e outros produtos alimentícios e não alimentícios comercializados, no atacado, na Unidade de São José, para a elaboração do boletim mensal. Este trabalho é resultado da parceria entre as Centrais de Abastecimento do Estado de Santa Catarina (Ceasa/SC) e o Centro de Socioeconomía e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa).

Mensalmente o trabalho de acompanha-mento e análise contempla as seguintes variáveis:

- Volume comercializado mensalmente
- Preço médio ponderado pago pelo produto
- Origem dos produtos no atacado

Em 2008 foi realizado o monitoramento e análise dos seguintes produtos hortifrutigranjeiros: batata salsa, batata-doce, beterraba, cebola, cenoura, chuchu, couve-flor, maçã, maracujá, morango, pimentão, pinhão, repolho, tomate, uva e vagem (Tabela 2).

Estes produtos são representativos econômica e socialmente para o Estado , principalmente para as mesorregiões da Grande Florianópolis e Serrana, onde se concentra a produção de hortifrutigranjeiros comercializados na Unidade de São José.

Tabela 2/I. *Hortifrutigranjeiros - Produtos monitorados pela Ceasa/SC - 2008*

(t)

Produto/Estado	Origem e quantidade											
	BA		ES		GO		MG		PE		PR	
	Volume	%	Volume	%	Volume	%	Volume	%	Volume	%	Volume	%
Batata-doce	-	0,00	-	0,00	-	0,00	0,72	0,02	-	0,00	34,27	0,93
Beterraba	-	0,00	-	0,00	-	0,00	34,10	0,78	-	0,00	75,17	1,72
Cebola	918,90	5,55	-	0,00	58,02	4,17	3,00	0,02	1.385,00	99,60	426,72	2,58
Cenoura	-	0,00	-	0,00	-	0,00	1.670,13	13,96	-	0,00	329,73	2,76
Chuchu	-	0,00	810,70	13,16	-	0,00	-	0,00	-	0,00	137,74	2,24
Couve-flor	-	0,00	-	0,00	-	0,00	-	0,00	-	0,00	3,48	0,06
Maçã	25,04	0,21	22,59	0,19	-	0,00	-	0,00	7,20	1,42	417,90	3,47
Maracujá	28,50	2,77	-	0,00	-	0,00	-	0,00	0,30	0,21	8,16	0,79
Morango	-	0,00	-	0,00	-	0,00	603,56	23,38	-	0,00	2,28	0,09
Pimentão	1,43	0,04	110,25	2,91	-	0,00	0,99	0,03	-	0,00	127,44	3,37
Repolho	-	0,00	-	0,00	-	0,00	-	0,00	-	0,00	26,63	0,36
Tomate Longa Vida	-	0,00	2.213,40	7,57	53,40	0,18	139,15	0,48	-	0,00	1.423,53	4,87
Total	**973,868**	**0,93**	**3156,94**	**3,02**	**111,42**	**0,11**	**2.451,64**	**2,35**	**1.392,50**	**1,33**	**3.013,05**	**2,89**

(Continua)

(Continuação)

(t)

Produto/Estado	Origem e quantidade										
	RJ		RS		SC		SP		Argentina		Volume total
	Volume	%	Volume	%	Volume	%	Volume	%	Volume	%	anual
Batata-doce	-	0,00	-	0,00	3.410,23	93,00	221,71	6,05	-	0,00	3.666,94
Beterraba	-	0,00	782,74	17,94	3.389,70	77,67	82,54	1,89	-	0,00	4.364,26
Cebola	-	0,00	1.177,24	7,11	11.110,11	67,15	1.390,60	8,40	76,45	0,46	16.546,04
Cenoura	-	0,00	2.644,53	22,11	4.290,59	35,87	3.025,55	25,30	-	0,00	11.960,52
Chuchu	60,24	1,33	-	0,00	4.528,19	73,52	622,03	10,10	-	0,00	6.158,90
Couve-flor	-	0,00	0,90	0,02	5.499,80	99,92	0,23	0,00	-	0,00	5.504,42
Maçã	-	0,00	708,13	5,88	10.344,64	85,89	507,39	4,21	10,52	0,09	12.043,40
Maracujá	-	0,00	-	0,00	844,82	82,18	146,21	14,22	-	0,00	1.027,98
Morango	-	0,00	49,13	1,90	1.892,94	73,33	33,45	1,30	-	0,00	2.581,36
Pimentão	40,74	1,44	3,51	0,09	2.834,61	74,85	668,15	17,64	-	0,00	3.787,12
Repolho	-	0,00	-	0,00	7.447,92	99,48	12,03	0,16	-	0,00	7.486,58
Tomate Longa Vida	1.237,65	4,23	102,98	0,35	20.069,13	68,63	4.002,40	13,69	-	0,00	29.241,63
Total	**1.338,63**	**1,28**	**5.469,15**	**5,24**	**75.662,67**	**72,50**	**10.712,29**	**10,26**	**86,97**	**0,08**	**104.369,13**

Fonte: Ceasa/SC.

René Alberto Osório
Engº Agrônomo - Epagri/Cepa
reneosorioo@bol.com.br

Calendário Agrícola

Produto	Fase	MÊS											
		Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Alho	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Arroz	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Banana	Colheita												
	Comerc.												
Batata	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Cebola	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Feijão 1º Safra	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Feijão 2º Safra	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Fumo	Plantio												
	Colheta												
	Comerc.												
Mandioca	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Milho	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Soja	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Trigo	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Tomate	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Maçã	Colheita												
	Comerc.												

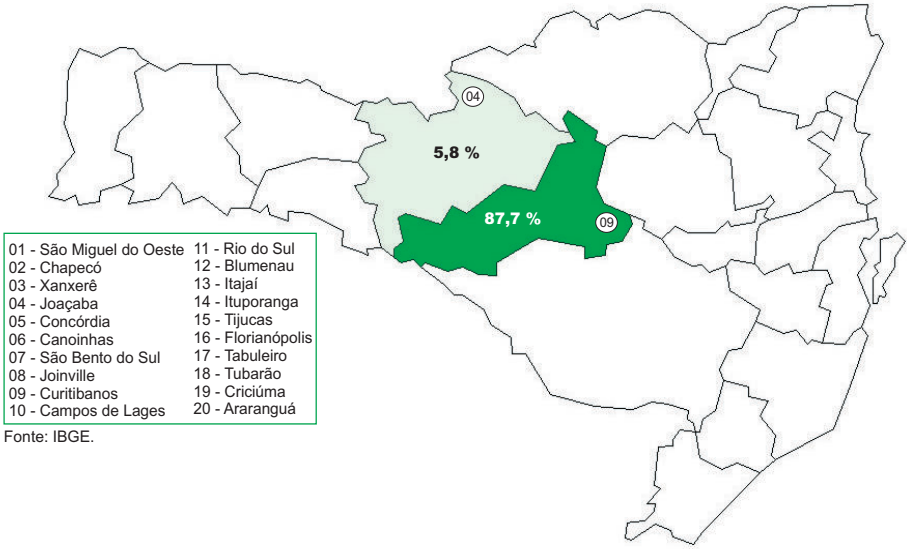
Maior concentração.

Menor concentração.

Fonte: Epagri/Cepa.

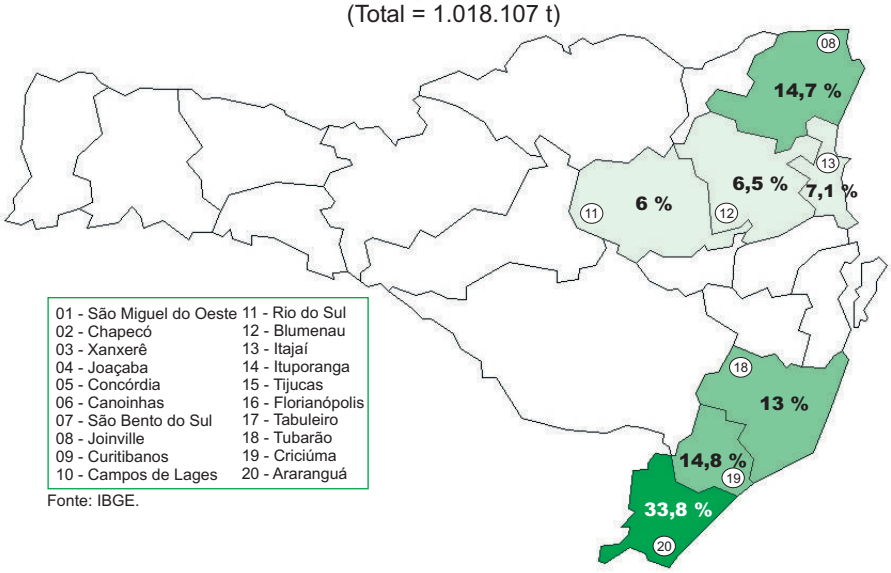
Área de concentração da produção vegetal e efetivo animal

Alho - Quantidade produzida de por microrregião geográfica de Santa Catarina - Safra 2008/09
(Total = 14.215 t)



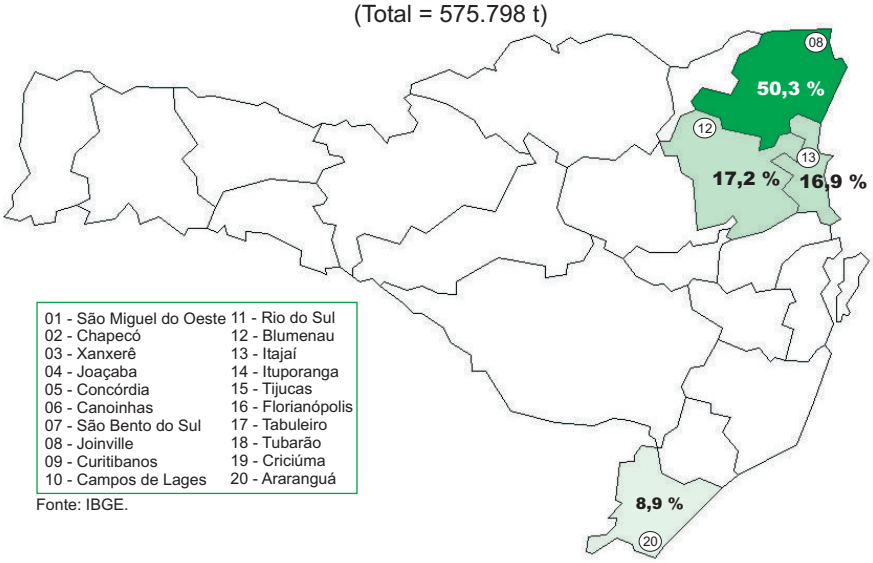
Fonte: IBGE.

Arroz - Quantidade produzida por microrregião geográfica de Santa Catarina - Safra 2007/08
(Total = 1.018.107 t)



Fonte: IBGE.

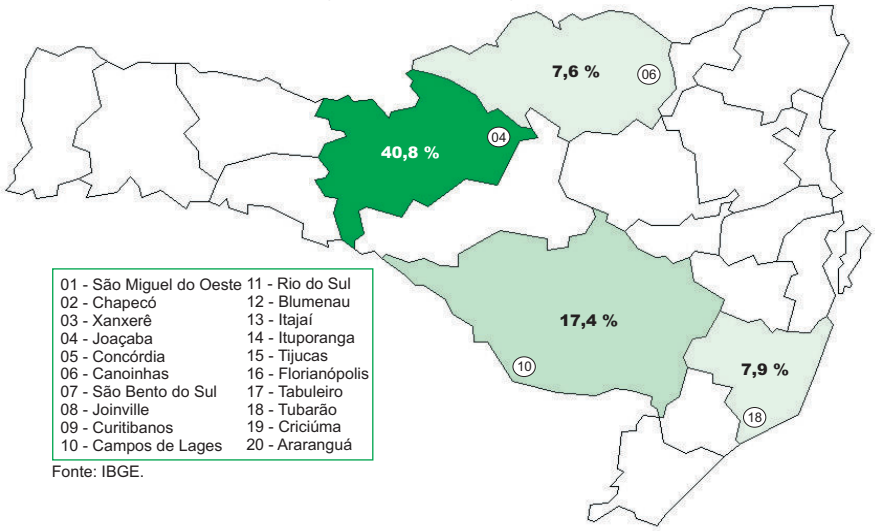
Banana - Quantidade produzida por microrregião geográfica de Santa Catarina - Safra 2007/08
(Total = 575.798 t)



01 - São Miguel do Oeste	11 - Rio do Sul
02 - Chapecó	12 - Blumenau
03 - Xanxerê	13 - Itajaí
04 - Joaçaba	14 - Ituporanga
05 - Concórdia	15 - Tijucas
06 - Canoinhas	16 - Florianópolis
07 - São Bento do Sul	17 - Tabuleiro
08 - Joinville	18 - Tubarão
09 - Curitibanos	19 - Criciúma
10 - Campos de Lages	20 - Araranguá

Fonte: IBGE.

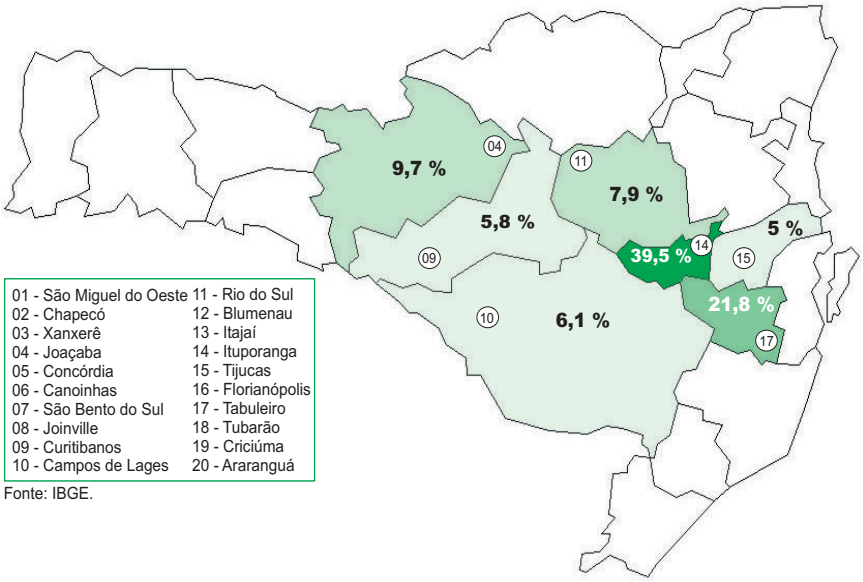
Batata - Quantidade produzida por microrregião geográfica de Santa Catarina - Safra 2007/08
(Total = 143.657 t)



01 - São Miguel do Oeste	11 - Rio do Sul
02 - Chapecó	12 - Blumenau
03 - Xanxerê	13 - Itajaí
04 - Joaçaba	14 - Ituporanga
05 - Concórdia	15 - Tijucas
06 - Canoinhas	16 - Florianópolis
07 - São Bento do Sul	17 - Tabuleiro
08 - Joinville	18 - Tubarão
09 - Curitibanos	19 - Criciúma
10 - Campos de Lages	20 - Araranguá

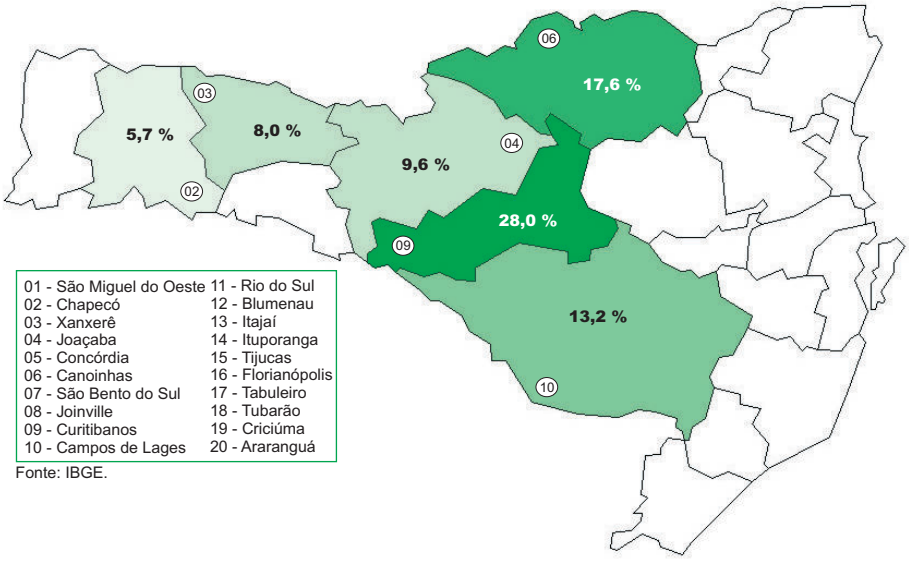
Fonte: IBGE.

Cebola - Quantidade produzida por microrregião geográfica de Santa Catarina - Safra 2007/08
(Total = 377.0223 t)



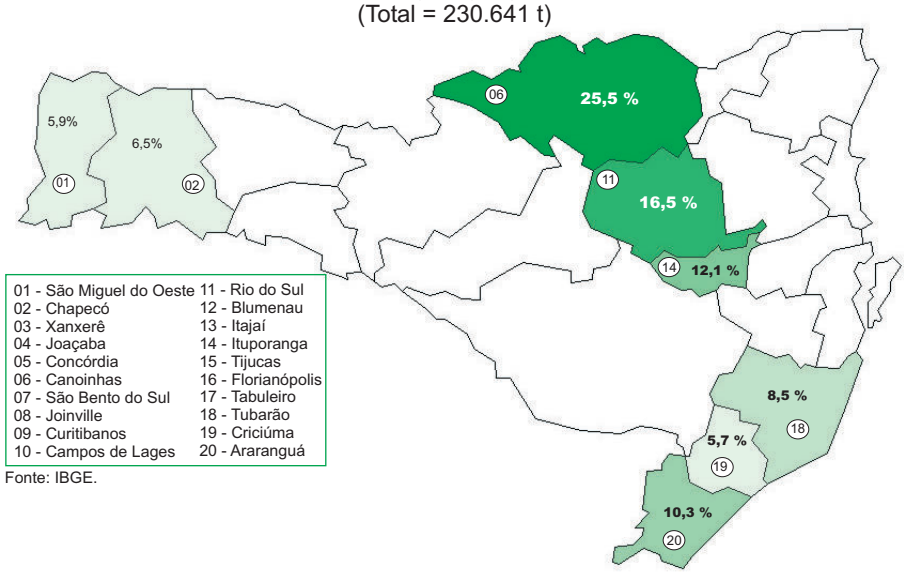
Fonte: IBGE.

Feijão - Quantidade produzida por microrregião geográficas de Santa Catarina - Safra 2007/08
(Total = 180.890 t)



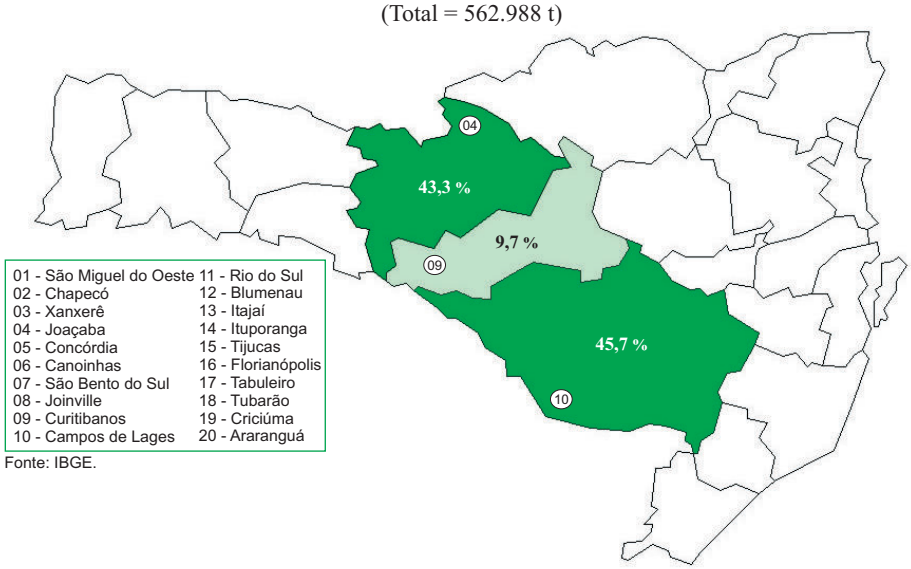
Fonte: IBGE.

Fumo - Quantidade produzida por microrregião geográfica de Santa Catarina - Safra 2007/08
(Total = 230.641 t)



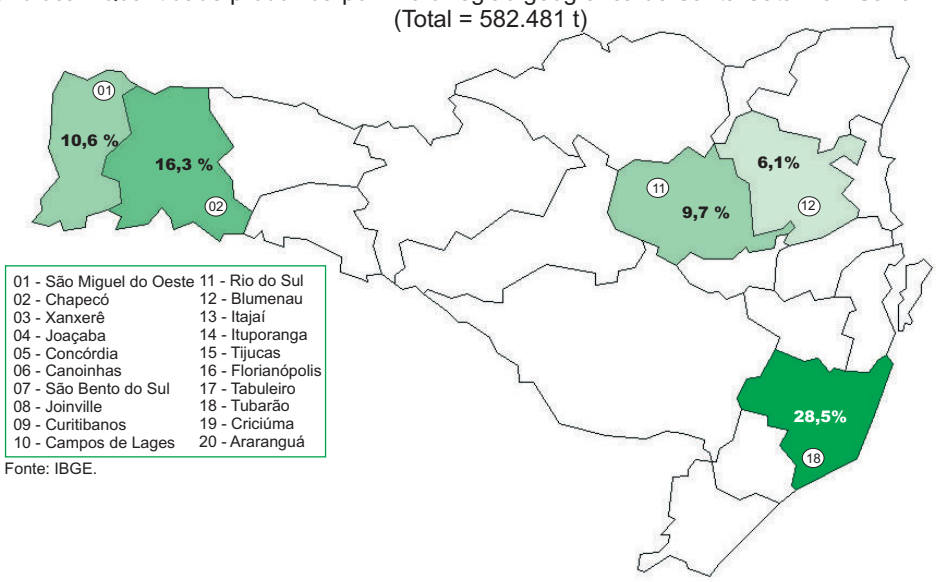
Fonte: IBGE.

Maçã - Quantidade produzida por microrregião geográfica de Santa Catarina - Safra 2007/08
(Total = 562.988 t)



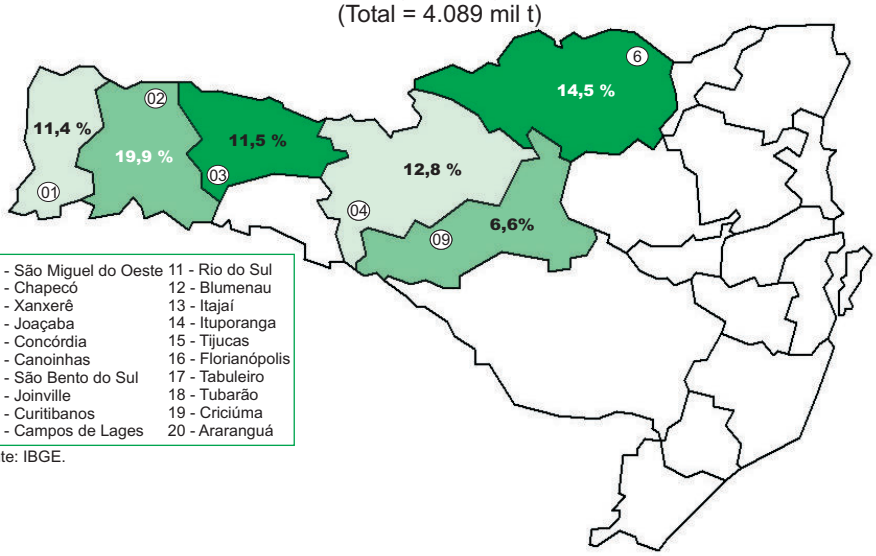
Fonte: IBGE.

Mandioca - Quantidade produzida por microrregião geográfica de Santa Catarina - Safra 2007/08
(Total = 582.481 t)



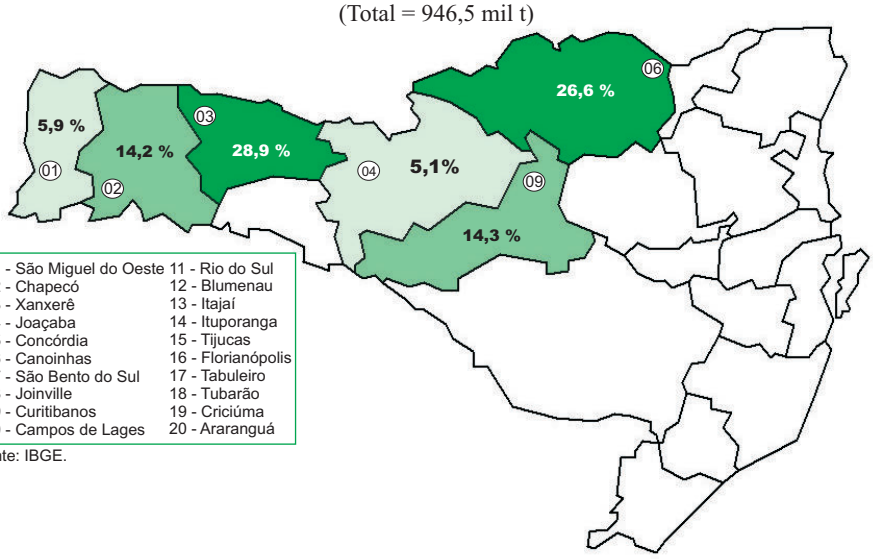
Fonte: IBGE.

Milho - Quantidade produzida por microrregião geográfica de Santa Catarina - Safra 2007/08
(Total = 4.089 mil t)



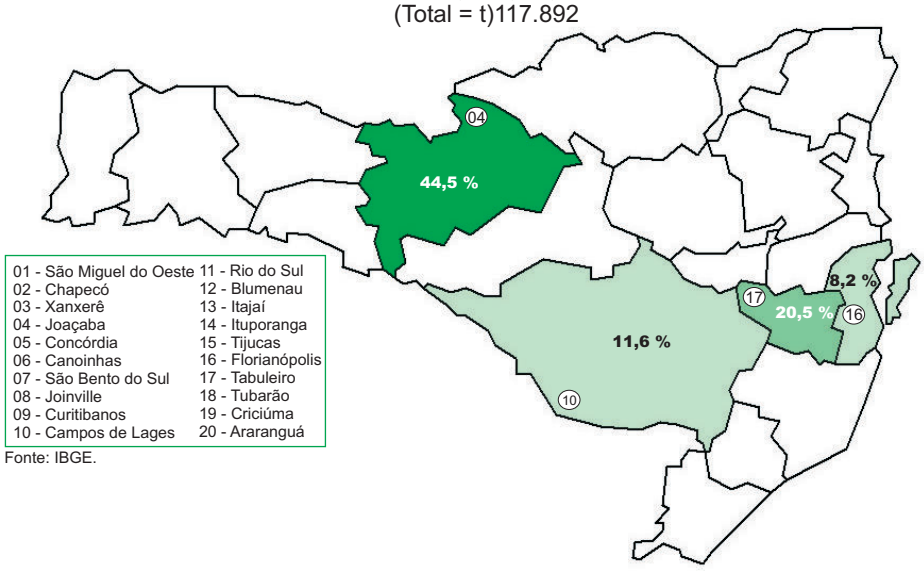
Fonte: IBGE.

Soja - Quantidade produzida por microrregião geográfica de Santa Catarina - Safra 2007/08
(Total = 946,5 mil t)



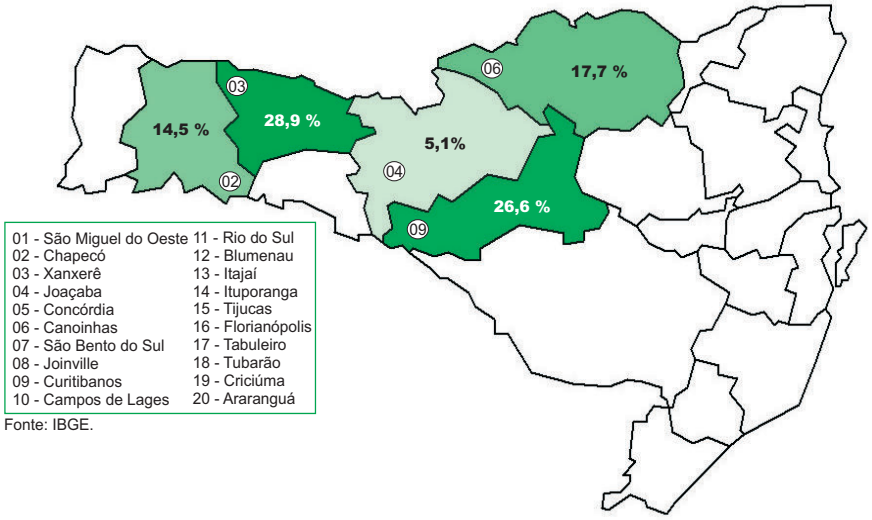
Fonte: IBGE.

Tomate - Quantidade produzida por microrregião geográfica de Santa Catarina - Safra 2007/08
(Total = t)117.892



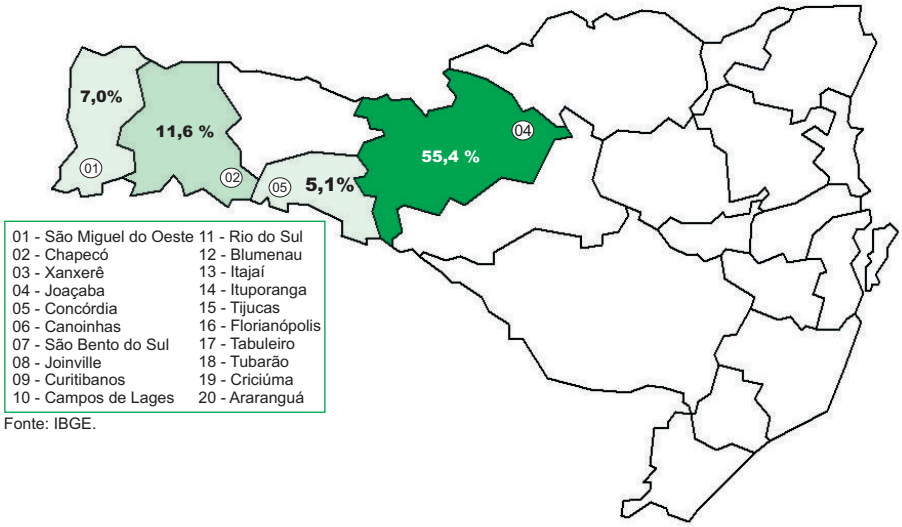
Fonte: IBGE.

Trigo - Quantidade produzida por microrregião geográfica de Santa Catarina - Safra 2008/09
(Total = 323.617 t)



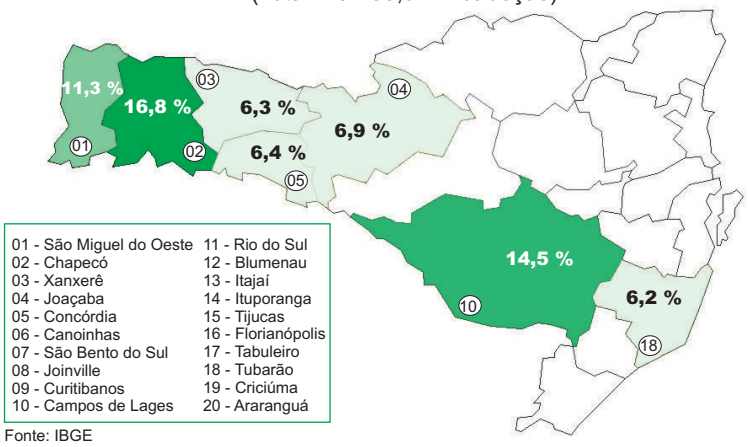
Fonte: IBGE.

Uva - Quantidade produzida por microrregião geográfica de Santa Catarina - Safra 2007/08
(Total = 58.330 t)



Fonte: IBGE.

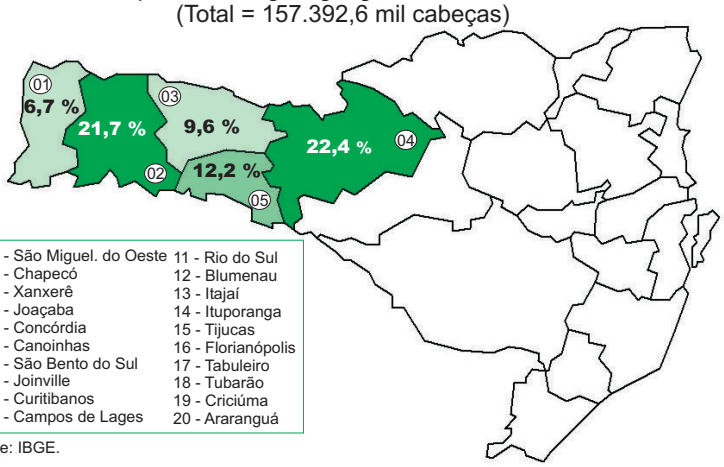
Efetivo bovino por microrregião geográfica de Santa Catarina - 2007
(Total = 3.488,9 mil cabeças)



01 - São Miguel do Oeste
02 - Chapecó
03 - Xanxerê
04 - Joaçaba
05 - Concórdia
06 - Canoinhas
07 - São Bento do Sul
08 - Joinville
09 - Curitibanos
10 - Campos de Lages
11 - Rio do Sul
12 - Blumenau
13 - Itajaí
14 - Ituporanga
15 - Tijucas
16 - Florianópolis
17 - Tabuleiro
18 - Tubarão
19 - Criciúma
20 - Araranguá

Fonte: IBGE

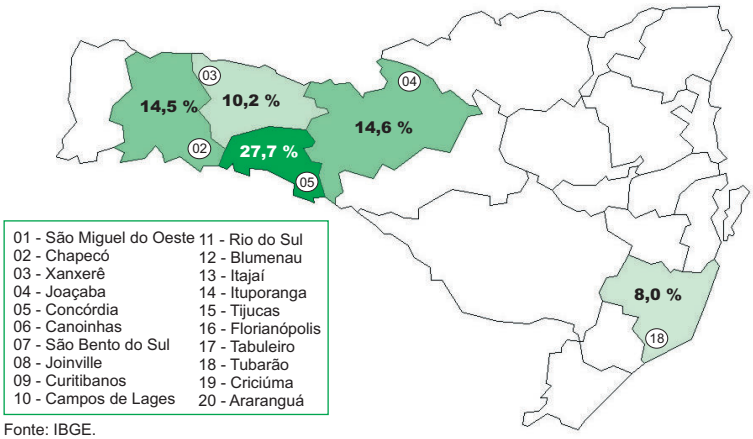
Efetivo de aves por microrregião geográfica de Santa Catarina - 2007
(Total = 157.392,6 mil cabeças)



01 - São Miguel. do Oeste
02 - Chapecó
03 - Xanxerê
04 - Joaçaba
05 - Concórdia
06 - Canoinhas
07 - São Bento do Sul
08 - Joinville
09 - Curitibanos
10 - Campos de Lages
11 - Rio do Sul
12 - Blumenau
13 - Itajaí
14 - Ituporanga
15 - Tijucas
16 - Florianópolis
17 - Tabuleiro
18 - Tubarão
19 - Criciúma
20 - Araranguá

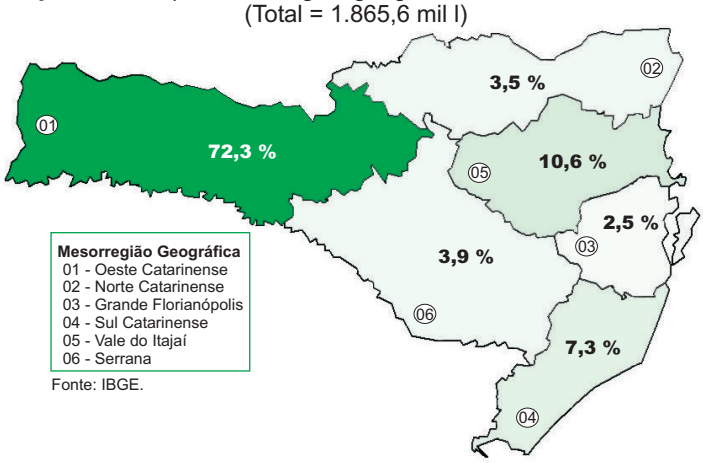
Fonte: IBGE.

Efetivo de suíno por microrregião geográfica de Santa Catarina - 2007
(Total = 7.156.0 mil cabeças)



Fonte: IBGE.

Produção de leite por mesorregião geográfica de Santa Catarina - 2007
(Total = 1.865,6 mil l)



Fonte: IBGE.

Desempenho da produção animal

Carne bovina – Desempenho de 2008 e perspectivas para 2009

Mercado internacional

O Brasil teve uma performance impressionante na produção de carnes nos últimos anos: tornou-se o maior exportador de carne bovina e de carne de frango, sem mencionar o quarto lugar na exportação de carne suína.

Tabela 1/I. *Carne Bovina - Comparação Brasil, Estados Unidos e Austrália no mercado internacional – 2002-07*

(mil t)

Discriminação	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Brasil						
Produção	7.114	7.231	7.774	8.355	9.020	9.710
Exportação	0,881	1.176	1.628	1.800	2.084	2.200
Estados Unidos						
Produção	12.427	12.039	11.261	11.320	11.981	12.171
Exportação	1.110	1.142	0	285	519	687
Austrália						
Produção	2.028	2.073	2.033	2.183	2.183	2.075
Exportação	1.366	1.264	1.394	1.470	1.400	1.430

Fonte: Usda.

Para chegar à primeira posição na carne bovina foi preciso ultrapassar os Estados Unidos, que era, e ainda é, o maior produtor, exportando em 2002 8,9% da sua produção (Tabela 1). A Austrália era, em 2002, o maior exportador e colocava no comércio mundial 67,3% da sua produção. O Brasil exportava 12,4% do que produzia. Os Estados Unidos foram ultrapassados em 2003, por uma leve diferença, que se acentuou nos anos seguintes, tendo-se atenuado depois até 2008. A Austrália foi superada pelo Brasil em 2004 e, como manteve sua produção nos anos seguintes e o Brasil cresceu, a distância aumentou a ponto de, em 2007, o Brasil superar as exportações dos Estados Unidos e da Austrália somadas. Com a recuperação parcial dos Estados Unidos e a queda das exportações do Brasil, tal fato não se repetiu em 2008 e nem deverá acontecer em 2009, mas o Brasil continuará a frente com sobra (mais que o dobro da exportação americana e 325 mil toneladas a mais do que a Austrália) – Tabela 2. O Brasil tem vantagens naturais para a produção a pasto e

Tabela 2/I. *Carne bovina - Principais países do mercado - 2008-09*

(mil t)

País	Produtor		Consumidor		Importador		Exportador	
	2008	2009	2008	2009	2008	2009	2008	2009
USA	12.163	12.105	12.452	12.554	1.151	1.256	856	826
Brasil	9.024	8.935	7.252	7.290	0	0	1.801	1.675
União Europeia	8.100	8.200	8.362	8.520	463	500	201	180
China	6.100	6.000	6.062	5.968	0	0		0
Argentina	3.150	3.010	2.733	2.614	0	0	421	400
Índia	2.470	2.475	1.845	1.875	0	0	625	600
Austrália	2.159	2.100	0	0	0	0	1.407	1.350
México	2.225	2.230	2.591	2.536	408	350		0
Venezuela	0	0	0	0	320	250		0
Canadá	1.285	1.340	1.031	1.050	230	235	494	525
Federação Russa	1.315	1.275	2.441	2.338	1.137	1.075		0
Paquistão	1.121	1.150	1.128	1.155	0	0		0
Nova Zelândia	0	0	0	0	0	0	533	525
Japão	0	0	1.174	1.191	659	660		0
Coréia do Sul	0	0	0	0	295	255		0
Filipinas	0	0	0	0	159	150		0
Egito	0	0	0	0	205	205		0
Uruguai	0	0	0	0	0	0	361	350
Chile	0	0	0	0	129	135		0
Paraguai	0	0	0	0	0	0	232	245
Colômbia	0	0	0	0	0	0	206	175
Outros	9.426	8.828	10.698	9.947	1.678	1.561	428	379
Total	**58.538**	**57.648**	**57.769**	**57.038**	**6.834**	**6.632**	**7.565**	**7.230**

(*) Em equivalente carcaça.
Fonte: Usda.

menores custos. Os Estados Unidos tiveram problemas com a doença da vaca louca e têm maiores custos por causa do confinamento. A Austrália tem limitações por carência de água no seu país que em certos anos se acentua ainda mais.

Os Estados Unidos também são importantes importadores (maiores que a Rússia, que é a segunda). A União Européia é grande produtora, mas também importa. A China, quarta produtora e quarta consumidora, quase não participa do mercado internacional (Tabela 2). Estas estimativas do Usda preveem para 2009 uma queda de 4,4% nas exportações mundiais de carne bovina, depois de ter aumentado 9% em 2008.

Mercado Nacional

Agora que estão disponíveis os números do Censo do IBGE de 2006, pode-se ter mais clara a diferenciação que aconteceu no rebanho nacional de bovinos. De 1996 a 2006 o rebanho nacional cresceu 11%, mas as evoluções dos estados variam de 17% até o acréscimo de 120% (Tabela 3). Minas Gerais manteve até 2006 o maior rebanho estadual, mas cresceu só 4,7% entre os censos. Mato Grosso, que era o quarto, passou para segundo em 2006 e, caso tenha mantido a mesma taxa de crescimento, agora deverá estar em primeiro, pois cresceu 35% naquele período. Mato Grosso do Sul, que era segundo em 2006, foi o terceiro, pois caiu 11,9 %. Goiás agora é quarto, tendo crescido pouco (1,2%). Dentre os grandes produtores, o Pará foi o que mais cresceu (110,6%) e a Bahia aumentou 19,6%. São Paulo, Rio Grande do Sul e Paraná tiveram decréscimo de rebanho. O único Estado sulino que cresceu foi Santa Catarina (15,8%), mas sua expansão foi principalmente no gado leiteiro.

Tabela 3/I. *Carne bovina - Rebanho dos principais estados produtores - Dados censitários: 1996-2006*

(cabeça)

Estado	1996	2006	% 2006/1996
Minas Gerais	20.044.616	20.991.678	4,7
Mato Grosso	14.438.135	19.582.504	35,6
Mato Grosso do Sul	19.754.356	17.405.345	-11,9
Goiás	16.488.390	16.684.133	1,2
Pará	6.080.431	12.807.706	110,6
Rio Grande do Sul	13.221.297	11.148.126	-15,7
Bahia	8.729.953	10.440.861	19,6
São Paulo	12.306.790	10.209.204	-17,0
Paraná	9.900.885	9.153.989	-7,5
Rondônia	3.937.291	8.649.683	119,7
Tocantins	5.218.142	6.093.118	16,8
Maranhão	3.902.609	5.645.657	44,7
Santa Catarina	3.097.351	3.586.476	15,8
Ceará	2.382.474	2.125.428	-10,8
Pernambuco	1.930.672	2.079.518	7,7
Rio de Janeiro	1.813.743	2.003.852	10,5
Subtotal	143.247.135	158.607.278	10,7
Outros	9.811.140	11.292.771	15,1
Total	**153.058.275**	**169.900.049**	**11,0**

Fonte: IBGE.

Os abates de bovinos no Brasil em 2008 diminuíram 8,5%, tendo sido os piores meses os de março, maio, agosto e novembro. Nos quatro meses iniciais de 2009, as quedas foram ainda maiores, variaram de 7% a 21,6%, com média de 14,8% (Tabela 4). Os abates, que configuram a produção, caíram em decorrência da diminuição de matrizes que ocorreu por abate, por questão de preços ao produtor reduzidos em 2006 até meados de 2007. O rebanho estimado para 2006 era muito maior do que o verificado pelo censo e isso pode ter produzido resultados negativos nos abates do último trimestre de 2007 e em 2008.

Tabela 4/I. *Bovinos[1] - Abates mensais - Brasil – 2004-09*

(mil cabeças)

Período	2004	2005	2006	2007	2008	%08/07	2009[2]	%09/08
Janeiro	2.698	2.846	3.110	3.461	3.145	-9,1	2.597	-17,4
Fevereiro	2.480	2.603	2.736	3.014	2.789	-7,5	2.415	-13,4
Março	2.978	3.014	3.409	3.568	2.883	-19,2	2.682	-7,0
Abril	2.769	3.107	2.970	3.239	3.225	-0,4	2.528	-21,6
Maio	2.955	3.212	3.558	3.555	3.177	-10,6		
Junho	3.100	3.311	3.470	3.001	2.899	-3,4		
Julho	3.029	3.254	3.307	3.148	3.024	-3,9		
Agosto	3.100	3.382	3.548	3.205	2.873	-10,4		
Setembro	3.045	3.066	3.304	3.078	2.880	-6,4		
Outubro	2.805	2.464	3.437	2.917	2.778	-4,8		
Novembro	2.732	2.813	3.225	2.844	2.386	-16,1		
Dezembro	2.880	3.162	3.186	2.813	2.557	-9,1		
Total	**34.570**	**36.234**	**39.259**	**37.844**	**34.616**	-8,5		

[1]Abates sob inspeção federal, estadual e municipal.
[2]Preliminar.
Fonte: Safras & Mercado.

Da queda da produção em 2008, decorreu a diminuição das exportações, da disponibilidade interna e do consumo per cápita (Tabela 5), tendo sido mais afetadas as exportações (-17,4%). Isto quanto ao volume exportado, mas os resultados monetários foram melhores, pois os preços internacionais estavam em elevação e o produto brasileiro estava agregando valor, pois neste ano a carne industrializada correspondeu a 25,4% do total exportado, enquanto que nos anos anteriores ficara entre 18 e 19,5% (Tabela 6).

Tabela 5/I. *Carne bovina - Balanço de oferta e demanda – Brasil - 2003-08*

(mil t/equiv.carcaça)

Situação	2003	2004	2005	2006	2007	2008[1]
Produção	7.641,9	8.301,3	8.769,1	8.117,8	9.368,4	8.862,0
Exportação	1.259,2	1.289,2	1.463,9	1.603,4	1.695,9	1.400,4
Importação	65,5	54,9	107,7	27,2	100,0	8,2
Disponibilidade	6.317,2	6.957,2	7.197,5	6.487,2	7.573	7.453,4
Kg/habitante/ano	35,7	38,3	39,1	34,6	39,7	37,9

[1] Preliminar.
Fonte: Conab, CNPC,MDIC/Secex.

Tabela 6/I. *Carne bovina - Participação do tipo de produto na exportação da carne - Brasil - 2005-08*

(%)

Tipo de produto	2005	2006	2007	2008
Carne in natura	80,5	81,9	81,3	74,6
Carne industrializada	19,5	18,1	18,7	25,4
Total	**100**	**100**	**100**	**100**

Fonte: MDIC/Secex.

Os principais importadores da carne brasileira foram Rússia, Hong Kong, Venezuela e Irã (Tabela 7). O Egito e o Reino Unido perderam importância em 2008, tendo a União Européia alegado problemas quanto à rastreabilidade: descredenciou a maioria das fazendas produtoras, que depois foram liberadas, mas num número muito inferior ao anterior. Houve uma maior distribuição das exportações para pequenos importadores. O número total ultrapassou a 200 países.

Tabela 7/I. *Carne bovina - Principais países importadores - Brasil - 2005-08*

(%)

País	2005	2006	2007	2008
Rússia	30,0	31,0	29,0	27,5
Egito	21,0	20,0	24,0	4,4
Reino Unido	11,0	13,0	6,0	4,1
Chile	8,0	-	-	0,3
Venezuela	5,0	-	3,0	7,8
Hong Kong	5,0	6,0	11,0	9,1
Itália	4,0	4,0	4,0	2,7
USA	4,0	7,0	5,0	5,7
Holanda	4,0	4,0	4,0	3,2
Argélia	3,0	4,0	4,0	3,1
Irã	-	3,0	4,0	6,0
Arábia Saudita	-	3,0	3,0	2,6
Subtotal	95,0	95,0	97,0	76,4
Outros	5,0	5,0	3,0	23,6
Total	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**

Fonte: MDIC/Secex.

Os dados do censo do IBGE de 2006, quando comparados aos de 1996, revelam que Santa Catarina aumentou o rebanho num percentual maior que o do Brasil (15,8% contra 11%), mas os percentuais foram muito diferenciados por mesorregião, microrregião e município (Tabela 8). O oeste catarinense (35,6%), o Vale do Itajaí (17,3%), o sul catarinense (10,1%) e a Grande Florianópolis (44,8%) tiveram aumentos expressivos de rebanho bovino. O norte catarinense e a região serrana tiveram decréscimos de rebanho (21,7% e 12,7% respectivamente). Não por coincidência, as regiões de crescimento são preponderantemente produtoras de leite e nas descendentes prevalece a produção de carne. Há diferenças expressivas também entre as microrregiões dentro da mesma mesorregião. Na região sul e no Vale do Itajaí há diferenças expressivas em sentidos opostos.

Isso ocorreu porque muitos pequenos agricultores, saídos da suinocultura e do cultivo de grãos, dedicam-se ao leite, que promove renda mensal e não semestral ou anual, ao passo que a bovinocultura de corte do Estado tem desvantagens naturais quando comparada aos estados do centro-oeste brasileiro. A diminuição de rebanho, como se viu, ocorreu também com estados importantes como Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo. Minas Gerais cresceu, mas lá também há domínio da exploração leiteira.

Os dados dos efetivos de bovinos já são significativos, mas os números são ainda mais expressivos quando comparados com os estabelecimentos com bovinos. Os dados revelam que, entre 1996 e 2006, 32.784 estabelecimentos deixaram de ter bovinos, enquanto o número total de estabelecimentos diminuiu em 8.814 (de 203.347 para 194.533 cabeças). Portanto, mesmo que se descontem estes últimos estabelecimentos do número que deixou de ter bovinos, tem-se ainda 25.970 estabelecimentos que com certeza deixaram de ter bovinos. As quedas percentuais foram de 4,3% no total de estabelecimentos e de 18,3% nos estabelecimentos com bovinos. Em resumo, em 2006 há mais animais e um número

bem menor de estabelecimentos, ou seja, a produção se concentrou e se profissionalizou e isto aconteceu principalmente com o gado leiteiro, que foi entre as explorações da agropecuária a que mais cresceu neste período e nos anos mais recentes.

Tabela 8 /I. *Bovinos - Efetivos de bovinos, segundo as mesorregiões e microrregiões - Santa Catarina – 1996 e 2006*

Mesorregião/ Microrregião	Censo agropecuário 1996		Censo agropecuário 2006		Diferença de informantes % 2006/1996	Variação do efetivo % 2006/1996
	N° Informantes	Efetivo total (cabeça)	N° Informantes	Efetivo total (cabeça)		
Santa Catarina	**179.319**	**3.097.351**	**146.535**	**3.586.476**	**-32.784**	**15,8**
Grande Florianópolis	**9.514**	**133.037**	**8.149**	**192.639**	**-1.365**	**44,8**
Florianópolis	2.574	38.794	2.587	37.589	13	-3,1
Tabuleiro	3.595	54.801	3.126	117.873	-469	115,1
Tijucas	3.345	39.442	2.436	37.177	-909	-5,7
Norte Catarinense	**16.485**	**263.920**	**13.055**	**206.555**	**-3.430**	**-21,7**
Canoinhas	9.990	178.194	9.202	144.484	-788	-18,9
Joinville	4.823	60.766	2.819	41.428	-2.004	-31,8
São Bento do Sul	1.672	24.960	1.034	20.643	-638	-17,3
Oeste Catarinense	**80.578**	**1.332.660**	**67.854**	**1.807.244**	**-12.724**	**35,6**
Chapecó	28.048	383.385	23.416	672.753	-4.632	75,5
Concórdia	12.292	186.602	10.414	213.507	-1.878	14,4
Joaçaba	11.973	273.599	9.509	293.067	-2.464	7,1
São Miguel d'Oeste	19.604	310.513	16.707	423.868	-2.897	36,5
Xanxerê	8.661	178.561	7.808	204.049	-853	14,3
Serrana	**19.175**	**671.215**	**15.780**	**585.658**	**-3.395**	**-12,7**
Campos de Lages	13.865	477.609	11.508	424.916	-2.357	-11,0
Curitibanos	5.310	193.606	4.272	160.742	-1.038	-17,0
Sul Catarinense	**23.933**	**315.438**	**20.580**	**347.194**	**-3.353**	**10,1**
Araranguá	8.191	79.325	6.361	62.305	-1.830	-21,5
Criciúma	4.455	53.588	4.365	54.402	-90	1,5
Tubarão	11.287	182.525	9.854	230.487	-1.433	26,3
Vale do Itajaí	**29.634**	**381.081**	**21.117**	**447.186**	**-8.517**	**17,3**
Blumenau	9.065	97.295	4.880	94.045	-4.185	-3,3
Itajaí	1.993	45.073	1.272	30.652	-721	-32,0
Ituporanga	5.962	57.315	5.044	58.635	-918	2,3
Rio do Sul	12.614	181.398	9.921	263.854	-2.693	45,5

Fonte: IBGE.

Como no caso brasileiro, em Santa Catarina caíram também a disponibilidade interna e o consumo per cápita de carne bovina (Tabela 9), mas não nas mesmas proporções, pois o Estado importou 37,6% do seu consumo em 2008 (Tabela 10), enquanto o Brasil exportou 20% da sua produção. As exportações mais expressivas de Santa Catarina são as de frango (55,6% da produção) e de carne suína (23,4%).

Por outro lado, há toda uma racionalidade econômica no consumo de proteína animal no Estado. Santa Catarina consome mais carne de frango e carne suína do que a média nacional e menos carne bovina. No total, os catarinenses consomem mais do que a média brasileira, porque o Estado tem situação econômica melhor do que a média nacional, mas também porque, sendo a carne de frango e suína mais barata que a bovina, com o mesmo custo pode-se consumir mais (Tabela 11).

Tabela 9/I. *Carne bovina – Oferta e demanda – Santa Catarina – 2002-08*

(mil t)

Situação	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Produção	124,0	122,0	123,0	120,0	121,5	113,1	112,9
Importação	55,0	60,0	62,0	66,0	66,6	68,9	68,2
Disponib. interna	179,0	182,0	185,0	187,0	188,1	182,0	181,13
Kg/habitante/ano	32,0	32,0	32,1	31,9	32,2	31,0	30,7

Fonte: Sindicarne, MDIC/Secex e IBGE.

Tabela 10/I. *Carne bovina - Valor, volume e preço das exportações - Brasil e Santa Catarina - 2005-09*

	2005	2006	2007	2008	2009(*)
Brasil					
Valor (milhões US$)	3146,3	4017,3	4556,4	5369	1.944,60
Volume (milhões t)	1.463,90	1.603,40	1695,9	1400,3	628,1
Preço (U$/kg)	2,15	2,51	2,69	3,83	3,10
Preço (R$/kg)	5,22	5,45	5,23	7,17	6,78
Santa Catarina					
Valor (milhões US$)	16,6	7,2	6,2	13,1	6,4
Volume (milhões t)	9,7	4,1	3,2	4,0	2,8
Preço (U$/kg)	1,71	1,76	1,94	3,28	2,29
Preço (R$/kg)	4,16	3,82	3,77	6,12	5,01

(*) até junho.
Fonte: MDIC/Secex.

Tabela 11/I. *Suprimento de carnes - Santa Catarina - 2005-08*

(mil t)

Carne	Situação	2005	2006	2007	2008	%/Produção de 2008
Carne bovina	Importação	66	66,6	68,9	68,2	37,6
Carne de frango	Exportação	793	758	889	903	55,6
Carne suína	Exportação	283	187	189	170	23,4

Fonte: CNPC, UBA, ABIPECS, MDIC/Secex e Epagri/Cepa.

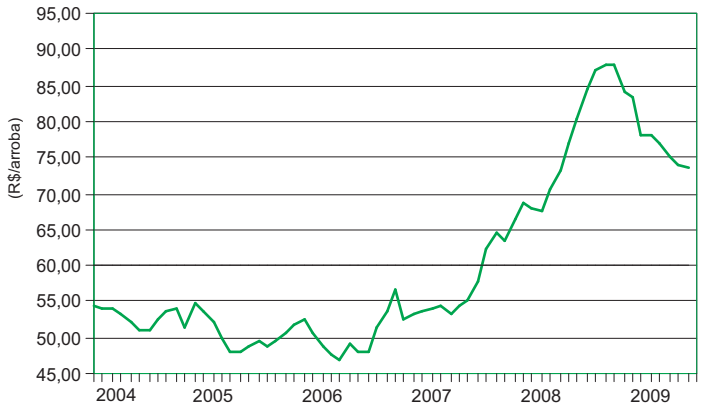
Tabela 12/I. *Comparação do consumo de carnes - Brasil e Santa Catarina - 2004-08*

(kg/habitante/ano)

Carne	2004	2005	2006	2007	2008
Brasil					
Carne bovina	38,3	39,1	34,6	39,7	37,9
Carne de frango	33,7	35,8	35,6	37,2	38,6
Carne suína	11,7	11,4	12,9	12,5	12,7
Total	**83,7**	**86,3**	**83,1**	**89,4**	**89,2**
Santa Catarina					
Carne bovina	32,1	31,9	32,2	31,0	30,7
Carne de frango	41,1	41,1	42,0	41,5	42,1
Carne suína	23,0	23,2	22,9	23,2	23,5
Total	**96,2**	**96,2**	**97,1**	**95,7**	**96,3**

Fonte: CNPC, UBA, Abipecs e Epagri/Cepa.

Sob a perspectiva do produtor, os preços do boi gordo em 2008 aumentaram R$20,00 por arroba de janeiro a setembro/outubro e caíram depois, inclusive nos primeiros seis meses de 2009 (Figura 1). Isto ocorreu porque a crise mundial diminuiu as quantidades exportadas e também os preços internacionais, derrubando os preços internos, mesmo que tenha havido decréscimo de produção.



Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 1/I. *Boi gordo - Preço médio recebido pelo produtor - Santa Catarina - 2004-09*

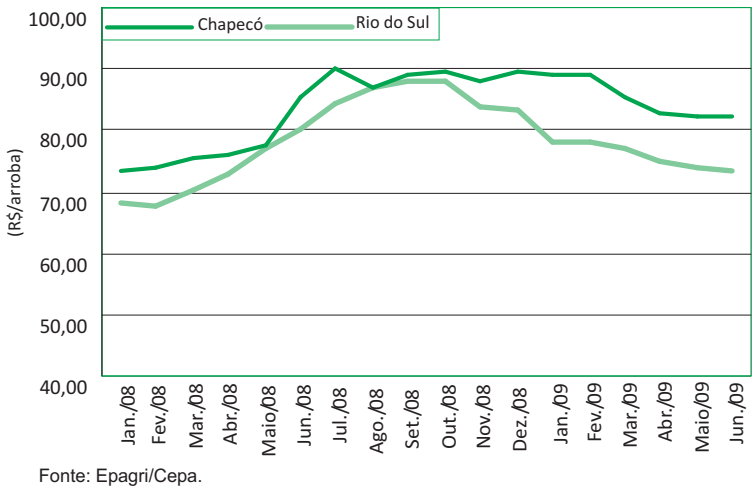
Este foi o comportamento geral dos preços, mas sempre pode haver diferenciações por praça. Por exemplo, na praça de Rio do Sul, onde funciona o único frigorífico que abate para exportação (SIF), os preços sempre estiveram mais altos e não caíram tanto nos últimos meses - queda de R$8,00 por arroba contra R$ 14,50 por arroba- (Figura 2).

Quanto à comparação dos custos com o preço do boi gordo e o preço do atacado, verifica-se que, partindo de um ponto comum, os preços do boi e do meio boi evoluem praticamente em paralelo, enquanto que o preço do bezerro tem comportamento diferenciado. Quando o preço do boi está baixo, o do bezerro cai mais ainda, pois não há interesse de investimento na atividade e a demanda e o preço do bezerro caem. Porém, com a reação do preço do boi, o preço do bezerro também reage, mas num nível mais baixo e, agora em maio/2009, os crescimentos quase se igualam, o que indica que, na última safra de bezerro, houve mais interesse dos criadores, ou seja, mais determinação para investir (Figura 3).

O Usda prevê para o Brasil em 2009 uma queda de produção de 1% e diminuição das exportações de 7%, enquanto o CNPC/CNA é mais otimista e prevê um aumento de produção de 2% e exportações iguais às de 2008. Em comum têm a previsão que as exportações devem ter comportamento pior do que a produção. Isto, analisando-se as quantidades exportadas, porque o caso do valor das exportações é

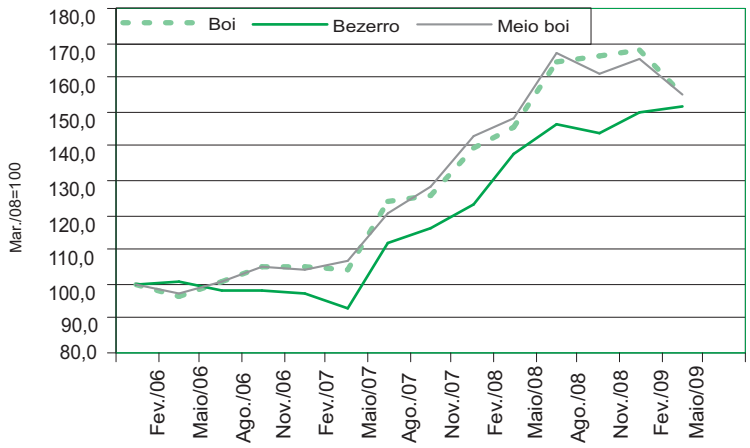
mais grave, tendo em vista a queda dos preços internacionais (da média de 2008 para a do primeiro semestre de 2009, as cotações das exportações brasileiras sofreram decréscimo de 19,1% em dólar).

Santa Catarina, de 2002 para 2008, teve queda de produção. Esse fato, somado ao aumento da população, tem aumentado o déficit estadual na produção de carne bovina. Não há fato relevante na produção que autorize a reversão desta tendência ainda em 2009.



Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 2/I. *Bovino de corte - Preço médio mensal ao produtor - Chapecó e Rio do Sul - 2008-09*



Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 3/I. *Índice de preços do boi gordo, bezerro e carcaça bovina - Santa Catarina - Fev./06 a maio/09*

Julio Alberto Rodigheri
Engº Agrônomo - Epagri/Cepa
juliorodigheri@epagri.sc.gov.br

Carne de frango - Desempenho de 2008 e perspectivas para 2009

Mercado internacional

O sucesso mundial do frango brasileiro pode ser facilmente verificável: de 2002 para 2007 as exportações brasileiras mais que dobraram e o Brasil ultrapassou os Estados Unidos como maior produtor nesse intervalo de tempo, mais precisamente em 2004, quando superou os EUA em 12% (Tabela 1).

Tabela 1/I. *Carne de frango - Exportações - Comparação Brasil e Estados Unidos - 2002-07*

(mil t)

País	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Brasil	1.600	1.922	2.424	2.840	2.922	3.215
Estados Unidos	2.180,0	2.232	2.170	2.464	2.618	2.722
Brasil/EUA (%)	73,4	86,1	1.11,7	115,3	111,6	118,1

Fonte: Usda.

É verdade também que o crescimento diminuiu depois desse período, com crescimento mínimo em 2008, e previsão do próprio Usda de aumentar 2% em 2009, ficando neste ano 20% acima dos EUA (Tabela 2).

Os EUA, a China, o Brasil e a União Europeia continuarão em 2009 a ser os maiores produtores mundiais. Em relação ao consumo, a União Europeia ficará em terceiro, superando o Brasil. Na exportação, além de Brasil e EUA, destaca-se a União Europeia, exportando e importando quantidades parecidas e com produção aproximada do consumo. A China importa e exporta tendo no final um déficit pequeno em relação a sua produção e consumo.

Tabela 2/I. *Carne de frango - Mercado - Principais países – 2008-09*

(mil t)

País	Produtor		Consumidor		Importador		Exportador	
	2008	2009	2008	2009	2008	2009	2008	2009
USA	16.561	15.919	13.426	13.266	35	36	3.158	2.744
China	11.895	12.133	12.009	12.343	399	425	285	215
Brasil	11.033	11.360	7.792	8.054	0	0	3.242	3.306
U.E.	8.560	8.600	8.497	8.595	677	680	740	685
México	2.804	2.795	3.240	3.252	447	470	0	0
Índia	2.490	2.350	2.489	2.350	0	0	0	0
Argentina	1.420	1.430	1.260	1.285	0	0	164	150
Japão	1.267	1.260	1.938	1.950	737	670	0	0
Rússia	1.600	1.775	2.744	2.795	1.159	980	0	0
Canadá	0	0	0	0	0	0	152	125
Irã	1.425	1.425	1.435	1.435	0	0	0	0
Tailândia	0	0	0	0	0	0	383	360
Arábia Saudita	0	0	0	0	510	510	0	0
África do Sul	1.070	1.112	1.258	1.299	0	0	0	0
Emirados Árabes	0	0	0	0	289	290	30	30
Hong Kong	0	0	0	0	236	245	0	0
Chile	0	0	0	0	236	245	63	65
Kuwait	0	0	0	0	0	0	70	70
Austrália	0	0	0	0	0	0	27	28
Venezuela	0	0	0	0	352	360	0	0
Vietnã	0	0	0	0	248	260	0	0
Outros	11.124	11.195	14.430	14.570	2.407	2.384	82	80
Total	**71.249**	**71.354**	**70.518**	**71.194**	**7.732**	**7.555**	**8.396**	**7.858**

Fonte: Usda.

Os grandes importadores e, portanto, grandes mercados potenciais, são: a Rússia (980 mil t), a União Europeia (680 mil t), o Japão (670 mil t), a Arábia Saudita (510 mil t), o México (470 mil t) e mais seis países (Tabela 2) que importam mais de 245 mil t. Apesar de ser o maior exportador, o Brasil tem dificuldades de entrar nesses mercados, porque, na maioria dos casos e das quantidades, eles são fornecidos pelos Estados Unidos e os negócios do mercado agrícola são influenciados por outras grandes transações destes parceiros dos EUA.

No cômputo geral, o Usda prevê que as exportações mundiais de frango devem decrescer 6,4% neste ano de 2009 em relação ao ano passado (Tabela 2).

Mercado nacional

O alojamento de pintos de corte no Brasil cresceu 6,1% em 2008 em relação a 2007. Isto não corresponde ao aumento da produção porque ela se altera só no mês seguinte. Mais importante que isso foi a decisão da UBA de diminuir 20% do alojamento baseado nos 496 milhões de outubro de 2008, o equivale a dizer que a produção deveria ser mantida perto de 400 milhões de pintos por mês (Tabela 3). Na prática o que aconteceu foi que nos cinco meses seguintes a média de alojamento caiu para 425 milhões, ou seja: 25 milhões a mais a cada mês. No período de abril a junho houve acréscimo substantivo: em média alojamento de 462 milhões. Como consequência disso, o primeiro semestre de 2009 teve um decréscimo de apenas 0,5% em relação ao mesmo período do ano anterior (Tabela 4).

Tabela 3/I. *Alojamento de pintos de corte - Brasil - 2004-09*

(milhões de cab)

Mês	2004	2005	2006	2007	2008	2008/07	2009	% 09/08
Janeiro	347,9	368	408	420,5	459,9	9,4	417,7	-9,2
Fevereiro	319,7	351,3	353,9	390,8	427,9	9,5	406,9	-4,9
Março	347,4	374,4	340,8	423,4	441,1	4,2	425,6	-3,5
Abril	346,8	370,5	333	414,3	428,4	3,4	455,7	6,4
Maio	358,3	394,2	376,4	433,5	455,5	5,1	461,3	1,3
Junho	352,8	387,5	379,8	418,8	436,6	4,3	470	7,7
Julho	360,5	398,5	387,6	434,6	476	9,5		
Agosto	368,8	406,6	396,4	444,8	484,1	8,8		
Setembro	362	402,7	388,3	424,4	484,9	14,3		
Outubro	375,2	414,9	412,6	463,4	496,2	7,1		
Novembro	362,1	413,2	394,1	431,5	431,7	0		
Dezembro	370	413,6	405,4	451,8	443,8	-1,8		
Total	**4.271,5**	**4.695,4**	**4.576,3**	**5.151,8**	**5.466,1**	**6,1**		

Fonte: Apinco.

Tabela 4/I. *Carne de frango - Alojamento de matrizes de corte - Brasil - 2004-08*

(milhões de cabeças)

Mês	2004	2005	2006	2007	2008	2008/07%
Janeiro	2,6	2,9	3,3	3,1	4,3	38,7
Fevereiro	2,4	2,9	3,1	3	3,9	30
Março	2,5	2,8	3,1	3,7	3,9	5,4
Abril	2,7	2,9	2,6	3,4	3,9	14,7
Maio	2,8	2,9	3,1	3,9	4	2,6
Junho	2,9	3	3	3,4	4	17,6
Julho	3	3,2	3,3	3,6	4,4	22,2
Agosto	3	3,3	3,1	3,5	4,3	22,9
Setembro	2,9	3,2	3,1	3,3	3,9	18,2
Outubro	2,6	2,9	3,4	3,9	3,9	0
Novembro	3	3,1	3,5	3,9	4	2,6
Dezembro	3	3,4	3,6	3,8	4	5,3
Total	**33,4**	**36,5**	**38,2**	**42,5**	**48,5**	**14,1**

Fonte: UBA.

O alojamento de matrizes, que crescera 11,3% em 2007, aumentou mais 14,1% em 2008, o que indica que os produtores de matrizes estavam confiantes no crescimento de 2009, mas esse crescimento só poderá vir no segundo semestre, isso se o alojamento de pintos continuar como no segundo trimestre. Existem as matrizes e instalações para isso, mas há uma grande dependência das exportações, que têm se recuperado em volume, mas não em valor, devido à queda dos preços internacionais.

Quanto à produção por estado, Paraná, Minas Gerais, Goiás e o conjunto dos menores produtores aumentaram suas participações nos abates de 2008; Minas Gerais e Mato Grosso do Sul mantiveram seus percentuais, enquanto Santa Catarina e Rio Grande do Sul diminuíram suas participações (Tabela 5).

Tabela 5/I. *Carne de frango - Participação dos estados nos abates - Brasil - 2004-08*

(%)

Estado	2004	2005	2006	2007	2008
Paraná	26,1	26,1	23,0	23,0	23,6
Santa Catarina	20,2	19,2	16,2	20,6	16,6
Rio Grande do Sul	17,2	16,9	14,4	14,7	14,0
São Paulo	15,3	16,5	14,8	14,1	14,1
Minas Gerais	7,3	7,0	5,8	5,5	6,2
Mato Grosso do Sul	3,3	3,2	2,3	2,5	2,5
Goiás	4,4	4,5	4,2	4,6	4,8
Subtotal	93,8	93,4	80,7	85,0	81,8
Outros	6,2	6,6	19,3	15,0	18,2
Total geral	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**

Fonte: UBA/ABEF.

A produção de carne de frango em 2008 cresceu 7% em relação ao ano anterior. Nos primeiros cinco meses de 2009 apresentou um decréscimo de 4,4% em decorrência das dificuldades de mercado que levaram os produtores a reduzir o alojamento, mas com as atuais condições das instalações, existência de matrizes e o ciclo curto dos frangos a produção já foi acelerada no segundo trimestre (Tabela 6).

O balanço de oferta e demanda de carne de frango do Brasil em 2008 mostra que em vista do aumento da produção (7%) foi possível aumentar as exportações (8,7%) e também a disponibilidade interna (6,3%). Esta disponibilidade interna permitiu um aumento de 1,4 kg per cápita de consumo em 2008 (Tabela 7). De 2004 para 2008 o aumento foi de quase 5 kg em média para cada brasileiro. Os preços mais atraentes do frango permitiram este aumento em 2008, em detrimento da carne bovina, enquanto a suína ficou mais ou menos estável, como o somatório das três carnes.

Tabela 7/I. *Carne de frango - Oferta e demanda - Brasil - 2004-08*

(mil t)

Situação	2004	2005	2006	2007	2008
Produção	8.408	9.348	9.354	10.305	11.032
Exportação	2.425	2.762	2.713	3.162	3.437
Disponibilidade Nacional	6.069	6.535	6.641	7.143	7.595
Kg/habitante/ano	33,7	35,8	35,6	37,2	38,6

Fonte: MDIC/Secex, UBA, Epagri/Cepa.

Tabela 6/I. *Carne de frango - Produção mensal de carne – Brasil - 2004-09*

(mil t)

Mês	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Janeiro	674,1	742,8	856,8	828,9	914,0	889,7
Fevereiro	631	667,8	755,4	749,8	866,3	780,5
Março	691,1	750,6	814,9	843,7	926,5	862,0
Abril	686,4	739,5	708,7	835,3	880,0	830,2
Maio	700,8	763,7	707,1	859,7	872,1	898,9
Junho	676,5	755,3	727,2	851,6	861,1	
Julho	720,1	797,4	802,2	872,6	897,0	
Agosto	695,6	803,9	764,4	871,8	923,8	
Setembro	694,5	786,3	777,3	866,9	926,5	
Outubro	729,1	830,1	797,5	891,4	990,5	
Novembro	720,5	827,1	790,7	887,9	998,6	
Dezembro	788,7	883,6	851,4	945,5	975,6	
Total	**8.408,5**	**9.348,2**	**9.353,7**	**10.305,1**	**1.1032,0**	

Fonte: Apinco e UBA.

Nas exportações por estado, segundo os dados do MDIC/Secex e levantamento da ABEF, em 2008 o Estado do Paraná ultrapassou Santa Catarina no volume exportado por uma diferença mínima (Tabela 8), mas Santa Catarina apresenta um maior receita por ter mais valor agregado ao seu produto (proporcionalmente mais cortes e menos frango inteiro). O Rio Grande do Sul é o terceiro, São Paulo o quarto e Minas Gerais o quinto estado produtor. Nestas posições não há alterações nos últimos anos. De todos estes estados, Santa Catarina é o menor em área e o que está na atividade há mais tempo, por isso é o que tem mais limitações para aumentar sua produção. Quanto às exportações, fica cada vez mais claro que o importante é aumentar o valor exportado e não a quantidade.

Tabela 8/I. *Carne de frango - Exportações por estado – Brasil - 2004-08*

(mil t)

Estado	2004	2005	2006	2007	2008	% 2008
Santa Catarina(*)	718,2	792,8	757,9	933,1	975,4	26,76
Paraná	681,6	791,1	751,2	882,2	978,7	26,85
Rio Grande do Sul	621,2	676,7	609,7	683,2	775,7	21,28
São Paulo	187	241,6	193,5	269,2	324,9	8,91
Minas Gerais	77,8	93,6	104	116,7	121,9	3,34
Goiás	82,1	89	97,6	148,3	161,4	4,43
Mato Grosso do Sul	39,5	66,6	94,6	118,2	124,2	3,41
Mato Grosso	47,8	61,2	60	87,4	107,6	2,95
Distrito Federal	14,3	32,6	41,4	45,1	69,1	1,90
Outros	0,2	0,7	0,1	3,4	6,6	0,18
Total(*)	2.469,7	2.845,9	2.709,5	3.286,8	3.645,5	100,0

(*)Apesar da mesma fonte, os dados da Abef apresentam pequenas diferenças com os dados computados pelo Epagri/Cepa, devidas aos itens selecionados para o somatório.
Fonte:MDIC/Secex e Abef.

Entre os maiores importadores do frango brasileiro, em 2008, destacou-se em primeiro lugar o Japão com maior quantidade, maior valor e o segundo preço; a Holanda com o segundo valor e o maior preço; Arábia Saudita e Hong Kong são terceiro e quarto, mas seus preços são mais baixos, pois não importam os produtos mais nobres, como fazem Japão e Holanda (Tabela 9). Há também países que importam menos, mas a bom preço, que são também europeus: Reino Unido e Alemanha.

De 2007 para 2008 a maior evolução foi do valor do frango salgado; o mesmo acontecendo com o volume, mas representa apenas 10,8% da quantidade dos cortes (Tabela 10). A melhor evolução do preço pertence ao frango inteiro, que proporcionalmente se valorizou mais que os cortes, o salgado e o industrializado.

Tabela 9/I. Frango brasileiro - Quantidade e valor - Principais países importadores – 2007-08

Destino	2007			2008		
	(mil t)	(mil US$)	(US$/kg)	(mil t)	(US$)	(US$/kg)
Japão	331	579	1,75	422	1.168	2,77
Hong Kong	357	431	1,21	415	564	1,36
Arábia Saudita	380	524	1,38	400	741	1,85
Venezuela	160	196	1,23	317	531	1,68
Holanda	216	568	2,63	245	746	3,04
Emirados Árabes	195	284	1,46	208	378	1,82
Coveite	123	161	1,31	164	288	1,76
Rússia	194	298	1,54	159	309	1,94
África do Sul	193	159	0,82	147	126	0,86
Alemanha	92	228	2,48	109	301	2,76
Cingapura	89	131	1,47	76	150	1,97
Catar	39	53	1,36	65	108	1,66
Jordânia	31	39	1,26	58	86	1,48
Reino Unido	47	126	2,68	54	165	3,06

Fonte: MDIC/Secex.

Tabela 10/I. *Exportações de carne de frango por tipo de produto - Brasil - 2007 e 2008*

Tipo	2007	2008	Var %
Valor - milhões de US$			
Cortes	2.775	3.612	30,2
Inteiro	1.440	2.207	53,3
Salgado	356	595	67,1
Industrializado	402	531	32,1
Volume - mil toneladas			
Cortes	1.838	1.929	5,0
Inteiro	1.167	1.336	14,5
Salgado	124	209	68,5
Industrializado	155	169	9,0
Preço - US$/Kg			
Cortes	1,51	1,87	24,0
Inteiro	1,23	1,65	33,9
Salgado	2,87	2,85	-0,8
Industrializado	2,59	3,14	21,1

Fonte: MDIC/Secex.

Mercado Estadual

No período, 2002 a 2008, a produção brasileira de frango cresceu 38,3% e a de Santa Catarina, no mesmo espaço de tempo, aumentou 11%. Isto fez com que a participação de Santa Catarina diminuísse 7,5 pontos percentuais. Simultaneamente, as exportações brasileiras evoluíram 114,7% e as catarinenses 56%, o que proporcionou um decréscimo de quase 10% na participação de Santa Catarina (Tabela 11). Isto se deve ao fato de que a avicultura intensiva, destinada a fins industriais, antes restrita ao Sul do Brasil, difundiu-se pelas regiões Sudeste, Centro-oeste e Nordeste. Isto não foi feito apenas por novas indústrias, mas também pelas indústrias tradicionais que foram deslocando-se para perto da produção de insumos (Centro-oeste) e de novos mercados (Nordeste). O destino da produção é bem diferente, pois em 2008 o Brasil exportou 31,1% da sua produção e Santa Catarina 55,6%.

Tabela 11/I. *Carne de frango - Produção e exportação - Brasil e Santa Catarina - 2002-08*

(mil t)

Ano	Brasil		Santa Catarina		SC/BR (%)	
	Produção	Exportação	Produção	Exportação	Produção	Exportação
2002	7.449	1.600	1.462	579	19,6	36,2
2003	7.644	1.922	1.418	613	18,6	31,9
2004	8.408	2.425	1.420	718	16,9	29,6
2005	9.348	2.762	1.470	793	15,7	28,7
2006	9.354	2.713	1.395	758	14,9	27,9
2007	10.305	3.162	1.546	889	15,0	28,1
2008	11.032	3.436	1.336	903	12,1	26,3

Fonte: UBA, ABEF e MDIC/Secex.

Mesmo que haja predomínio da produção para exportação, Santa Catarina em 2008 teve uma disponibilidade interna maior do que 2007 e o seu consumo per cápita aumentou 600 gramas (Tabela 12). Neste ano houve queda de 300 gramas de carne bovina por pessoa em Santa Catarina. Com mais 200 gramas de aumento na carne suína, Santa

Tabela 12/I. *Carne de frango - Oferta e demanda - Santa Catarina – 2002-08*

(mil t)

Situação	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Produção	1.462	1.418	1.420	1.470	1.395	1.546	1.623
Exportação	579	613	718	793	758	889	903
Venda nacional	654	574	465	438	392	411	472
Disponibilidade estadual	229	230	237	239	245	246	248
Kg/hab/ano	40,97	40,49	41,08	41,14	42,00	41,5	42,10

Fonte: UBA, ABEF e MDIC/Secex.

Catarina teve um aumento no consumo de carnes em 2008. Com isso, o consumo catarinense permanece acima do nacional. Isto ocorre em função de aspectos econômicos: como Santa Catarina é exportador de carne de frango e suína e deficitário em carne bovina é lógico o menor consumo de carne bovina. O maior consumo das três carnes somadas também é decorrente do maior nível econômico do Estado em relação à média nacional: como as carnes de frango e suína são mais baratas que a carne bovina, permitem um maior consumo pelo mesmo custo.

O Japão é o maior importador de carne de frango do Brasil e também de Santa Catarina, mas a partir da segunda colocação a lista se diferencia: Holanda, Rússia, Arábia Saudita, Reino Unido e Alemanha aparecem como os maiores importadores do frango catarinense. O Japão e os países europeus exigem um produto mais elaborado e, portanto, de maior preço, o que se reflete nesta lista elaborada por valor. A importância do Japão merece destaque, pois para ultrapassar sua participação (27,6%) é necessário somar os cinco países seguintes da lista, já citados acima (Tabela 13).

Tabela 13 /I. *Carne de frango - Exportações por destino - Santa Catarina - 2004-08*

(US$ mil)

País	2004	2005	2006	2007	2008	% 2008
Japão	209.454	265.755	200.608	270.376	507.343	27,6
Holanda	103.337	134.030	160.639	247.591	228.337	12,4
Rússia	46.240	90.588	90.724	88.178	115.284	6,3
Arábia Saudita	69.636	75.495	69.261	90.486	88.234	4,8
Reino Unido	43.069	70.006	43.750	52.428	70.185	3,8
Alemanha	69.846	61.644	34.534	136.966	54.054	2,9
Cingapura	46.060	50.036	50.911	71.686	77.052	4,2
África do Sul	32.181	44.525	54.855	86.984	53.805	2,9
Hong Kong	39.633	36.407	56.007	106.496	143.192	7,8
Espanha	17.254	24.884	18.637	36.759	32.399	1,8
Emirados Árabes	16.812	21.641	20.672	39.596	56.741	3,1
China	9.458	16.501	2.843	710	0	0,0
Canadá	6.399	15.430	16.002	16.658	11.192	0,6
Kuwait	11.014	12.971	14.354	21.327	30.579	1,7
Subtotal	**720.394**	**919.913**	**833.797**	**1.266.241**	**1.468.397**	**79,8**
Outros	124.216	143.123	132.633	227.056	371.975	20,2
Global	**844.610**	**1.063.035**	**966.430**	**1.493.297**	**1.840.372**	**100,0**

Fonte: MDIC/Secex.

A importância da carne mais destacada de Santa Catarina, a de frango, fica clara quando se analisam as exportações. Em volume representa 26,3% e em valor 29,0% das exportações brasileiras em 2008. O Brasil representou 40% das exportações mundiais e Santa Catarina 10% do importado no mundo todo (em volume) – Tabela 14. Os preços médios recebidos pelo Brasil foram R$3,46/kg e por Santa Catarina R$3,81/kg, que em dólar corresponderam respectivamente a US$1,85/kg e US$2,04/kg.

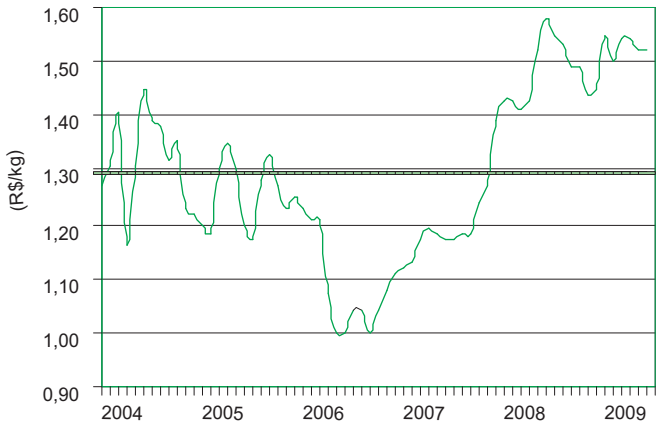
Tabela 14/I. *Carne de frango - Exportações - Volume e valor - Brasil e Santa Catarina -2005-08*

Discriminação	2005		2006		2007		2008	
	Volume (mil t)	Valor (milhões US$)	Volume (mil t)	Valor (milhões US$)	Volume (mil t)	Valor (milhões US$)	Volume (mil t)	Valor (milhões US$)
Brasil	2.846	3.508	2.713	3.203	3.162	4.620	3.436	6.353
Santa Catarina	793	1.062	758	966	889	1.426	903	1.840
SC/BR	27,9	30,3	27,9	30,2	28,1	30,9	28,1	29,0
Participação (%)								
Mundo	6.801	-	6.494	-	7.236	-	8.396	-
BR/Mundo	41,8	-	41,8	-	43,7	-	40,9	-
SC/Mundo	11,7	-	11,7	-	12,3	-	10,8	-
Preço de venda								
	US$/kg	R$/kg	US$/kg	R$/kg	US$/kg	R$/kg	US$/kg	R$/kg
Brasil	1,23	3,00	1,18	2,57	1,46	2,85	1,85	3,46
SC	1,34	3,25	1,27	2,77	1,60	3,12	2,04	3,81

Fonte: MDIC/Secex.

Passados três trimestres da crise financeira mundial que derrubou as exportações de todas as carnes, o volume exportado está se recuperando, o que não quer dizer que se retornou àsituação anterior, pois os preços continuam baixos e só irão se restabelecer à medida que a economia for se recuperando e volte a existir a mesma confiança nos negócios por parte dos importadores. A mais promissora das novidades, a liberação da China para as exportações do Brasil, ainda não se traduziu em fatos concretos.

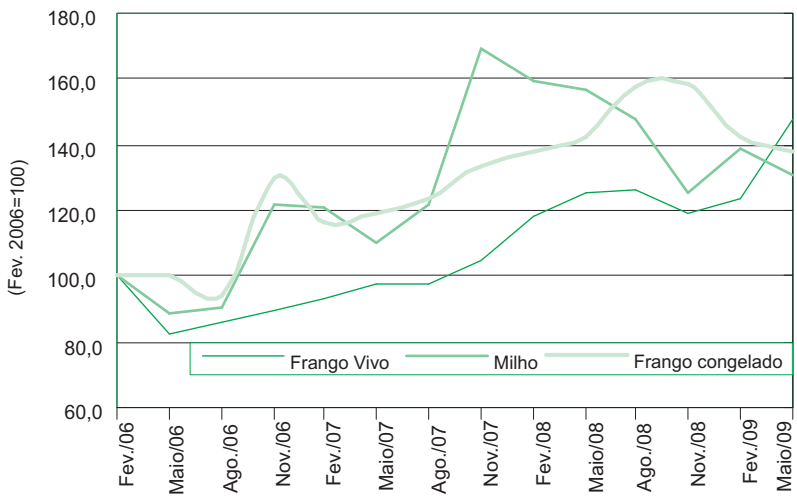
A análise pelo ângulo de visão do produtor de frango permite verificar as grandes oscilações do preço do frango Examinando-se a série de preços de 2004 a 2009, constata-se que ela iniciou com R$1,27/kg em janeiro de 2004; atingiu seu pior momento em maio e junho de 2006 (R$1,00); maximizou-se em junho de 2008 (R$1,58) e em maio e junho de 2009 esteve em R$1,52, ou seja, 52% acima ponto mais baixo e 3,8% abaixo do seu ponto mais alto (Figura 1). A média do período foi R$1,29/kg, ou seja, ao findar o primeiro semestre de 2009 o preço do frango vivo estava acima da meia dos últimos cinco anos e meio. Para a manutenção destes preços, depois da crise econômica mundial, a recomendação de redução de alojamento da UBA foi essencial, salientando-se que o estado de Santa Catarina foi um dos que mais colaboraram no processo. A principal forma de diminuição de alojamento no Estado foi espaçar mais os lotes, aumentando os intervalos entre eles, secundada pela manutenção de aviários vazios em alguns casos.



Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 1/I. *Preço médio do frango vivo - Santa Catarina/Chapecó - 2004-09*

A relação de troca com o principal insumo, o milho, tem sido relativamente instável. Considerando-se que em fevereiro de 2006 todos os índices estivessem igualados, verifica-se que o preço do frango vivo caiu num primeiro momento e depois se recuperou, enquanto o milho subiu para um ponto máximo em novembro de 2007 (R$24,60/saco), caindo para um mínimo em novembro de 2008 (R$18,20/saco), subindo depois para R$18,90/saco em maio de 2009 (Figura 2). No entanto, esta trajetória oscilante do milho esteve sempre acima do frango. O frango congelado (e seu preço no atacado) atingiu seu ponto máximo em novembro de 2008,



Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 2/I. *Evolução dos preços do frango vivo, do milho e do frango congelado - Santa Catarina - 2006-09*

mas esteve sempre com índice acima do frango vivo. As linhas de crescimento de preço do milho, do frango vivo e do congelado aproximaram-se no período de fevereiro a maio de 2009. Em fevereiro o frango congelado estava com maior índice, em maio o frango vivo estava à frente.

Tendo em vista o percentual da produção que o Brasil exporta e, sobretudo, os percentuais exportados por Santa Catarina, conclui-se que toda a cadeia produtiva depende das exportações: desde as indústrias que exportam e contratam os produtores de frango até os produtores de milho, que vendem seu produto para as indústrias, as quais pagam melhor à medida que as exportações sejam ascendentes principalmente em valor.

As perspectivas para 2009 para o frango brasileiro estão estimadas internamente (diferentes do USDA) no momento em: queda de produção de 0,3% em relação a 2008; redução das exportações em volume de 0,5% e menor disponibilidade interna de 0,2%.

Julio Alberto Rodigheri
Engº Agrônomo - Epagri/Cepa
juliorodigheri@epagri.sc.gov.br

Carne suína - Desempenho de 2008 e perspectivas para 2009

Mercado mundial

O mercado mundial de carne suína obteve, de 2007 para 2008, um crescimento diferenciado, pois produção e consumo cresceram 2,9%, enquanto que as exportações subiram 19,1%, segundo estimativas do USDA. No ano anterior houve uma redução de cerca de 2,5% na produção e no consumo e de 1,5% nas exportações.

As previsões para 2009, no entanto, apontam para uma nova queda no mercado mundial: 1,90% na produção e no consumo; 13,3% nas importações; 12,3% nas exportações. Neste quadro geral de queda, há diferenciações e o panorama para o Brasil é melhor que o geral, pois haveria queda de 0,17% para a produção, aumento de 0,42% para o consumo e decréscimo de 2,4% nas exportações, enquanto os EUA, por exemplo, teriam a exportação diminuída 13% (Tabela 1).

Os maiores mercados importadores do mundo (Japão, Rússia, México e Coréia do Sul) são os principais objetivos das entidades representantes de produtores e indústrias do setor. Rússia é um caso de retorno à situação anterior a 2006 e os demais são mercados a conquistar.

No entanto, essa meta terá que ser alcançada sem esquecer os mercados menores. É que somados, os países que aparecem como outros na Tabela 1 já compram mais de 1 milhão de toneladas por ano. Diversificar as vendas entre países de diferentes níveis econômicos e bem distribuídos no mundo pode ser uma estratégia importante para evitar situações problemáticas em que podem cair uns e outros, comprometendo as importações.

Tabela 1/I. *Carne suína - Maiores países do mercado – 2008-09*

(1.000 t[1])

País	Produtor		Consumidor		Importador		Exportador	
	2008	2009	2008	2009	2008	2009	2008	2009
China	46.150	48.700	46.726	48.790	430	300	223	210
União Européia	22.530	22.100	20.970	20.905	0	0	1.715	1.250
USA	10.599	10.339	8.811	8.884	377	381	2.117	1.837
Brasil	3.015	3.010	2.390	2.400	0	0	625	610
Canadá	1.920	1.95	993	1.015	195	205	1.129	1.150
Federação Russa	2.060	2.145	3.112	2.894	1.053	750	0	0
Japão	1.249	1.240	2.486	2.476	1.267	1.240	0	
México	1.160	1.150	1.604	1.530	535	475	91	95
Coréia do Sul	1.056	1.000	1.519	1.440	430	400	11	15
Filipinas	1.190	1.200	1.235	1.239	0	0	0	0
Chile	0	0	0	0	0	0	142	130
Hong Kong	0	0	0	0	346	345	0	0
Austrália	0	0	0	0	152	140	48	50
Vietnã	1.850	1.850	1.880	1.889	0	0	11	11
Outros	5.662	5.624	6.912	6.714	1.131	1.066	25	21
Total	**98.441**	**100.318**	**98.269**	**100.171**	**5.916**	**5.130**	**6.137**	**5.379**

[1]Em equivalente carcaça.

Fonte: Usda.

Mercado nacional

As matrizes alojadas são a segurança da continuidade do processo produtivo das carnes em geral. No caso da suinocultura brasileira o alojamento de matrizes industriais cresceu 3,4% no ano de 2008 e deverá manter esse crescimento em 2009 (Tabela 2). As médias foram elevadas pelos estados do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e principalmente Mato Grosso. O Paraná deverá crescer muito em 2009, mas decaiu em 2008. A expansão de Mato Grosso acontece de forma diferenciada da dos estados sulinos. No sul os empreendimentos começaram pequenos e concentram-se no decorrer de décadas (os produtores diminuíram sensivelmente em número e tornaram-se maiores). No Mato Grosso os empreendimentos já nascem maiores do que os atuais do sul, porque as empresas procuram ganho de escala e as explorações não são limitadas pelo tamanho das propriedades como no sul.

Mesmo que haja um deslocamento para o centro-oeste, a participação dos principais estados mantém em 2009 a ordem tradicional: Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais e São Paulo. Persistindo o quadro atual de diminuição em São Paulo e crescimento acelerado no centro-oeste em 2010 o Mato Grosso deverá ser o quinto produtor, seguido de Goiás, os dois devem ultrapassar São Paulo.

Tabela 2/I. *Carne suína – Brasil - Matrizes industriais alojadas – 2004-09*

(1.000 cab.)

Estado/ano	2004	2005	2006	2007(1)	2008(1)	2009(1)	%08/07	%09/08	%BR
Rio G. do Sul	245,7	255,7	267,1	269,8	296,1	309,6	9,8	4,6	19,4
Santa Catarina	362,6	363,8	391,7	388,8	391,7	392,7	0,8	0,3	25,7
Paraná	229,4	233,2	238,5	236,5	234,8	255,5	(0,7)	8,8	15,4
São Paulo	114,0	112,0	114,7	110,4	95,4	92,1	(13,5)	(3,5)	6,3
Minas Gerais	145,8	151,1	196,9	195,0	210,3	217,8	7,8	3,6	13,8
Mato G. do Sul	42,6	43,2	42,3	42,3	43,2	45,2	2,2	4,6	2,8
Mato G. do Norte	46,5	60,1	61,8	63,0	75,0	80,5	19,1	7,4	4,9
Goiás	53,9	58,9	61,6	64,0	67,9	73,2	6,1	7,7	4,5
Subtotal	**1.240,5**	**1.278,1**	**1.374,5**	**1.369,7**	**1.414,5**	**1.466,5**	**3,3**	**3,7**	**92,7**
Outros	133,5	89,9		106,2	111,2	111,2	4,7	-	7,3
Total industrial	**1.374,1**	**1.368,0**	**1.374,5**	**1.475,8**	**1.525,6**	**1.577,7**	**3,4**	**3,4**	**100,0**
Subsistência	961,4	932,4	917,1	886,6	895,2	869,9	1,0	(2,8)	37,0
Brasil	**2.335,5**	**2.300,4**	**2.291,6**	**2.362,4**	**2.420,9**	**2.447,6**	**2,5**	**1,1**	**100,0**

(1)Estimativa.
Fonte: Abipecs, Siprs, Sindicatos RS e PR, Embrapa.

Santa Catarina teve um decréscimo de matrizes em 2008 e terá em 2009 (-,8% e -0,3%) mas mantém em 2009 sua posição de primeiro produtor com 25,7% das matrizes. Sua produção em número de cabeças caiu 2,9% em 2008, mas deverá crescer 1,7% em 2009 (Tabela 3). A produção de cabeças industriais cresceu no Brasil 2,8% em 2008 e deverá crescer 4% em 2009. A produção nacional de carne suína industrial foi aumentada em 2008 de 1,5% e deverá subir 4,9% em 2009, o que indica que os animais serão mais pesados em 2009 do que foram no ano anterior (Tabelas 3 e 4). A produção catarinense de carne diminuiu 4% em 2008 e deverá crescer 2,8% em 2009.

O balanço de oferta e demanda brasileira de carne suína, no período de 2004 a 2008 deixa clara a relação do nível de exportação e o consumo per cápita no País. Nos anos em que o percentual exportado é menor, aumenta a disponibilidade interna, os preços caem e o consumo individualizado aumenta, aproximando-se de 13 kg/hab/ano (Tabela 5). Isto aconteceu em 2006 (problemas com a febre aftosa), quando o exportado correspondeu a apenas 18% do produzido, e em 2008 (início da crise econômica), quando foram exportados 17,5% da produção brasileira).

Portanto, não é só porque a carne suína é vendida in natura (carne, pele, osso e gordura) que seu consumo oscila e cresce pouco. O preço é também importante. É claro que o consumo interno é

primordial como defende a ABCS, pois o aumento de um quilograma per cápita no Brasil consumiria uma quantidade equivalente a 37% do que foi exportado em 2008.

Naturalmente que o ideal seria o aumento tanto nas exportações como no consumo interno. Porém, o quadro é mais complexo que isso, pois as carnes têm consumo alternativo entre elas, sendo a bovina a preferida e a de frango a mais barata.

Os preços internacionais definem o desempenho do negócio, pois o mais importante não é vender quantidades maiores, mas sim valores maiores. Nos cinco anos apresentados as cotações internacionais foram crescentes, aumentando 83% de 2004 para 2008, mas devido à grande variação do câmbio, os preços em reais oscilaram expressivamente (Tabela 6).

Tabela 3/I. *Produção de carne suína - Brasil – 2004-09*

(1.000 cab.)

Estado/ano	2004	2005	2006	2007	2008[1]	2009[1]	Var (%)	Var (%)
Produção industrial							06/07	07/08
Rio G. do Sul	4.791,1	5.242,0	5.609,1	5.799,8	6.366,2	6.749,3	9,8	6,0
Santa Catarina	7.071,0	7.457,5	8.421,2	8.669,9	8.422,0	8.561,3	-2,9	1,7
Paraná	4.587,2	4.780,5	5.008,9	5.084,3	5.166,3	5.493,9	1,6	6,3
São Paulo	2.166,5	2.128,0	2.236,2	2.207,1	1.908,6	1.887,1	-13,5	-1,1
Minas Gerais	2.697,2	3.248,8	4.036,9	4.193,2	4.520,8	4.681,8	7,8	3,6
Mato G. do Sul	852,8	908,1	867,2	867,2	886,4	927,0	2,2	4,6
Mato G. do Norte	976,3	1.292,5	1.359,2	1.416,5	1.686,5	1.834,6	19,1	8,8
Goiás	1.186,0	1.326,1	1.403,4	1.459,2	1.548,2	1.667,9	6,1	7,7
Subtotal	**24.328,1**	**26.383,5**	**28.942,0**	**29.697,1**	**30.505,1**	**31.803,0**	**2,7**	**4,3**
Outros estados	2.221,4	1.646,3	1.781,9	2.108,4	2.187,6	2.187,6	3,8	0,0
Total industrial	**26.549,5**	**28.029,8**	**30.724,0**	**31.805,5**	**32.692,7**	**33.990,6**	**2,8**	**4,0**
Subsistência	6.758,6	5.920,8	5.815,6	5.036,4	5.044,7	4.693,8	0,2	-7,0
Brasil	**33.308,1**	**33.950,5**	**36.539,5**	**36.841,9**	**37.737,5**	**38.684,3**	**2,4**	**2,5**

[1]Estimativa.
Fonte: Abipecs, Siprs, Sindicatos Rs e Pr, Embrapa.

Tabela 4/I. *Produção de carne suína - Brasil – 2004-09*

(1.000 t)

Estado/ano	2004	2005	2006	2007[1]	2008[1]	2009[1]	VAR 08/07 (%)	VAR 09/08 (%)
Produção industrial								
Rio G. do Sul	383,3	416,7	465,6	481,4	528,4	560,2	9,8	6,0
Santa Catarina	586,9	619,0	732,6	754,3	724,3	744,8	-4,0	2,8
Paraná	376,1	389,6	430,8	437,2	444,3	472,5	1,6	6,3
São Paulo	171,2	168,1	170,0	176,6	147,0	145,3	-16,8	-1,1
Minas Gerais	213,1	251,8	314,9	335,5	348,1	369,9	3,8	6,3
Mato G. do Sul	67,4	71,7	68,5	70,2	70,9	77,9	1,0	9,8
Mato G. do Norte	79,1	104,7	111,5	116,2	140,0	152,3	20,5	8,8
Goiás	97,2	108,7	115,1	121,1	127,0	137,6	4,8	8,4
Subtotal	**1.974,3**	**2.130,4**	**2.408,8**	**2.492,4**	**2.529,9**	**2.660,4**	**1,5**	**5,2**
Outros estados	159,1	116,7	122,0	151,1	154,1	154,1	2,0	0,0
Total industrial	**2.133,4**	**2.247,0**	**2.530,9**	**2.643,6**	**2.684,0**	**2.814,5**	**1,5**	**4,9**
Subsistência	487,9	462,2	412,3	354,0	342,4	317,8	-3,3	-7,2
Brasil	**2.621,3**	**2.709,3**	**2.943,1**	**2.997,6**	**3.026,4**	**3.132,3**	**1,0**	**3,5**

Fonte: Abipecs, Siprs, Sindicatos RS e PR, Embrapa.

Tabela 5/I. *Produção, exportação e disponibilidade interna - Brasil - 2004-09*

(1.000 t)

Variável	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Produção	2.621	2.709	2.943	2.998	3.026	3.132
Exportação	512	627	531	609	531	
Disponibilidade interna	2.109	2.082	2.412	2.389	2.495	
Consumo per cápita (kg)	11,717	11,402	12,912	12,456	12,671	

(1)Estimativa.
Fonte: Abipecs e Embrapa - Levantamento Sistemático da Produção e Abate de Suínos (LSPS).

Tabela 6/I. *Carne suína - Evolução dos preços de exportação – Brasil - 2004-09*

Variável	2004	2005	2006	2007	2008
Valor (US$/mil)	777.664	1.168.494	1.038.507	1.232.555	1.481.508
Volume (t)	512.062	627.320	531.385	609.743	531.404
US$/kg	1,52	1,86	1,95	2,02	2,79
R$/kg	4,45	4,53	4,25	3,94	5,21

Fonte: MDIC/Secex.

Mercado estadual

Ao se analisar o desempenho físico da suinocultura industrial catarinense (Tabela 7) – diferente da produção total (Tabela 8) - nos últimos anos, conclui-se que em 2005, para um pequeno aumento de matrizes, ocorreu um aumento de 5,5% no número de animais e igual aumento na produção de carne. Em 2006, o aumento de animais foi expressivamente maior do que o de matrizes, ou seja: houve maior produtividade por matriz e os animais abatidos estavam mais pesados. Em 2007, o aumento de animais e de carne foi igual. Em 2008, aconteceu pequeno aumento de matrizes, queda na quantidade de animais e uma redução maior ainda na carne, ou seja, a queda de ritmo do ano anterior se agravou. O previsto para 2009 traz uma reversão na curva, sendo o maior aumento o da carne, o intermediário corresponde ao número de animais e o menor ao de matrizes, ou seja: melhora a produtividade por matriz e também o peso dos animais. Portanto, o previsto para 2009 tem tendência no mesmo sentido de 2006 (aumento da produtividade), mas não tão acentuada, revertendo o quadro dos dois anos anteriores.

Tabela 7/I. *Carne suína – Produção industrial - Santa Catarina - 2004-09*

Ano	Matrizes (mil cab.)	Var. %	Produção (milhões de cab.)	Var. %	Produção (mil t)
2004	362,6		7,07		586,9
2005	363,8	0,3	7,46	5,5	619
2006	391,7	7,7	8,42	12,9	732,6
2007	388,8	-0,7	8,67	3	754,3
2008(1)	391,7	0,7	8,42	-2,9	724,3
2009(2)	392,7	0,3	8,56	1,7	744,8

(1)Estimativa.
(2)Previsão.
Fonte: Abipecs.

A produção total, considerando-se a produção de subsistência, deverá crescer 3,5% no Brasil de 2008 para 2009. A previsão é que a produção de Santa Catarina deverá crescer 2,5%. Os números para a produção industrial são respectivamente 4,9% e 2,8% (Tabela 8). A produção cresce continuamente no Brasil e em Santa Catarina, enquanto que as exportações oscilam ao sabor do mercado. Por isso, a participação de Santa Catarina em relação ao Brasil aumenta no período em torno de 2%, mas as exportações caem expressivamente, porque novos estados entraram nas exportações. Santa Catarina, sempre primeiro exportador, foi afetado pelo embargo da Rússia, só suspenso nos primeiros dias de junho de 2009. Isso não significa que o Estado deva recuperar os 45% de 2004 e 2005, mas pode

Tabela 8/I. *Carne suína - Produção e exportação - Brasil e Santa Catarina - 2004-09*

(1.000 t)

Ano	Brasil		Santa Catarina		SC/BR (%)	
	Produção	Exportação	Produção	Exportação	Produção	Exportação
2004	2.621	512	634	233	24,2	45,5
2005	2.709	627	655	283	24,2	45,1
2006	2.943	531	764	187	26,0	35,2
2007	2.998	609	773	189	25,8	31,0
2008	3.026	531	784	170	25,9	32,0
2009[1]	3.132		804			

[1]Previsões.
Fonte: Abipecs e MDIC/Secex.

aproximar-se cada vez mais da primeira posição, condizente com a de maior produtor. A participação de Santa Catarina no valor exportado é 2 ou 3% menor que a da quantidade por ter vendido a preços mais baixos, devido à busca de novos mercados mais propensos a comprar carcaças inteiras (Tabela 9).

Tabela 9/I. *Carne Suína - Participação de Santa Catarina no valor das exportações brasileiras –2004-08*

(US$ milhões)

Ano	Brasil	Santa Catarina	SC/BR (%)
2004	777,7	339,3	43,6
2005	1168,5	504,7	43,2
2006	1038,5	311,3	30,0
2007	1232,5	331,0	26,9
2008	1481,5	430,8	29,1

Fonte: MDIC/Secex.

Sendo a produção de Santa Catarina crescente de 2004 a 2008 e as exportações oscilantes, o percentual de exportação sobre a produção variou muito no período: 39,7%, 45,7%, 25,5%, 21,5 e 23,5%, respectivamente. A grande queda de 2006 (Tabela 10) deve-se ao embargo russo as exportações catarinenses, devido aos focos de febre aftosa no Paraná. Mantendo-se o consumo catarinense mais estável do que o nacional, por estar num patamar mais elevado (de 10 a 12kg per cápita, conforme o ano) a queda das exportações obrigou as indústrias catarinenses a colocar o produto nos outros estados a preços inferiores aos do mercado internacional.

Tabela 10/I. *Carne suína - Balanço de oferta e demanda da produção industrial - Santa Catarina -2004-08*

(1.000 t)

Situação	2004	2005	2006	2007	2008
Produção	587	619	733	754	724
Exportação	233	283	187	189	170
Venda nacional	264	241	442	448	415
Disponib. estadual	133	135	134	136	139
Kg/hab/ano	23,05	23,236	22,945	23,169	23,500

Fonte: Abipecs, MDIC/Secex e Epagri/Cepa.

A partir de 2006 a lista dos países importadores da carne suína catarinense modifica-se drasticamente: a Rússia em 2008 importa pouco mais de 10% do que importava em 2005; a Ucrânia e Hong Kong mais que dobram suas participação; Cingapura e Argentina quase duplicam suas importações. Para atingir o percentual de 2005 da Rússia são necessários em 2008 sete países. Os dez maiores importadores são responsáveis por 83,7% das importações, ficando ainda 16,3% para países não identificados (outros) na Tabela 11.

Os preços recebidos por Santa Catarina no mercado internacional são crescentes de 2004 para 2008, mas decrescem nos quatro primeiros meses de 2009, pois com a crise econômica os preços de exportação começaram a cair já nos últimos meses de 2008. Houve queda também nas quantidades exportadas: de janeiro a abril de 2009, exportou-se 6,5% a menos do que no mesmo período do ano anterior.

Quanto aos preços do suíno vivo, verifica-se que depois dos preços mais elevados, ocorridos entre agosto e outubro de 2008, as cotações caíram até março de 2009 e recuperaram-se levemente em abril e maio (inflexão da curva na Figura 1), mas mantiveram-se ainda abaixo da média dos últimos cinco anos.

Tabela 11/I. *Carne suína - Destino das exportações catarinenses - 2004-08*

(mil US$/FOB)

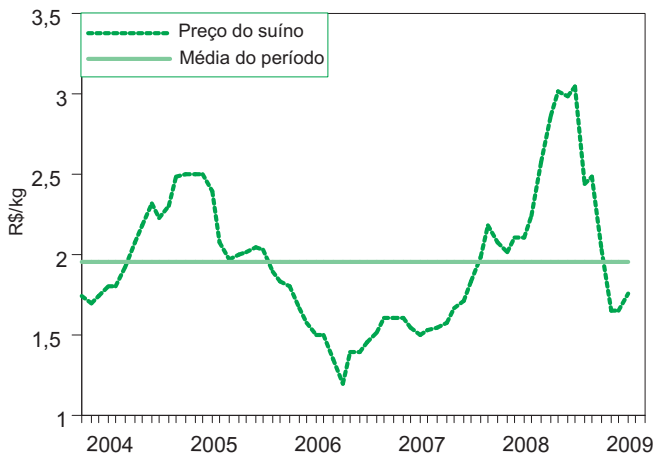
País	2004		2005		2006		2007		2008	
	Valor	Part.%	Valor	Part.%	Valor	Part.%	Valor	Part.%	Valor	Part.%
Rússia	212.205	62,5	393.586	78	72.885	23,4	29.417	8,9	35.140	8,2
Ucrânia	38.776	11,4	23.468	4,7	73.402	23,6	87.678	26,5	106.427	24,7
Honk Kong	20.476	6	19.316	3,8	23.146	7,4	41.824	12,6	61.001	14,2
Cingapura	18.101	5,3	15.125	3	26.324	8,5	36.113	10,9	39.802	9,2
Argentina	19.995	5,9	10.628	2,1	26.959	8,7	43.567	13,2	35.835	8,3
Moldávia	888	0,3	2.008	0,4	36.028	11,6	20.666	6,2	38.863	9
Uruguai	1.704	0,5	2.200	0,4	10.549	3,4	15.931	4,8	15.471	3,6
Emir. Árabes	2.048	0,6	3.414	0,7	6.585	2,1	9.445	2,9	11.646	2,7
Angola	243	0,1	767	0,2	3.690	1,2	8.170	2,5	16.280	3,8
Subtotal	314.436	92,7	470.512	93,2	279.568	89,8	292.811	88,5	360.465	83,7
Outros	24.870	7,3	34.165	6,8	31.749	10,2	38.174	11,5	70.341	16,3
Total	**339.306**	**100**	**504.677**	**100**	**311.317**	**100**	**330.985**	**100**	**430.806**	**100**

Fonte: MDIC/Secex.

Carne suína 12/I. *Evolução dos preços de exportação - Santa Catarina –2004-09*

	2004	2005	2006	2007	2008	2008[1]	2009[1]
Valor (US$mil)	339.306	504.677	311.317	330.985	430.806	88.376	69.488
Volume (t)	233.157	282.623	187.382	189.376	170.250	54.274	50.757
US$/kg	1,46	1,79	1,66	1,75	2,53	1,63	1,37
R$/kg	4,27	4,36	3,62	3,40	4,73	2,81	3,16

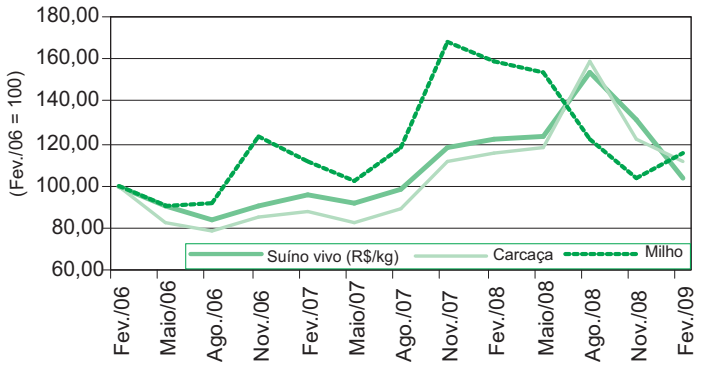
[1]Até abril.
Fonte: MDIC/Secex.



Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 1/I. *Preço médio do suíno recebido pelo produtor - Santa Catarina - 2004-09*

Na comparação das variações de preço, considerando-se fevereiro de 2006 como ponto inicial, verifica-se que o milho teve seu ponto máximo em novembro de 2007, enquanto o suíno vivo (preço ao produtor) e a carcaça suína (preço de atacado) tiveram este ponto em agosto de 2008. Esse traçado diferenciado das três curvas da Figura 2 desaparece em março de 2009, quando as curvas voltam a se encontrar num patamar mais alto. Portanto, os produtores de milho tiveram seu melhor momento antes e num patamar mais elevado que o dos produtores de suínos e das indústrias que produzem a carcaça.



Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 2/I. *Índice de preços de suíno vivo, carcaça suína e milho no atacado - Santa Catarina - Fev06-fev09*

Este trabalho foi elaborado nos mesmos dias que as autoridades do Brasil e de Santa Catarina receberam finalmente a informação de que o governo russo estava reabrindo o mercado para a carne suína catarinense. Esta particularidade será comentada em artigo à parte.

Julio Alberto Rodigheri

Engº Agrônomo - Epagri/Cepa
juliorodigheri@epagri.sc.gov.br

Leite

Situação mundial

A produção mundial de leite (de vaca, búfala, cabra, ovelha e camela), segundo a FAO, continua em ascensão, crescendo em média 2,14% ao ano a partir de 2005. Em 2008 a produção mundial foi estimada em 687,7 bilhões de quilos, 1,72% superior a 2007 e o prognóstico para 2009 aponta um crescimento levemente superior ao ano anterior, na ordem de 1,64% (Tabela 1).

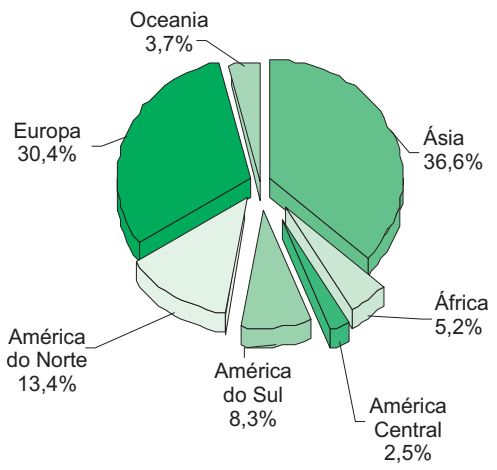
A Ásia e a Europa respondem por, respectivamente, 36,6% e 30,4% do leite produzido no mundo (Figura 1). A grande diferença entre elas é o nível de crescimento. Em 2009 na Ásia a produção deverá crescer 3,6%, enquanto a Europa deve decrescer 0,3% em relação ao ano anterior. Isto se explica, principalmente, pela demanda de cada um: enquanto a Ásia necessita produzir para abastecer seu mercado, a Europa tem uma produção bem acima da capacidade de consumo.

Tabela 1/I. *Leite - Produção mundial – 2000-09*

(bilhões/kg)

Ano	Produção	2000=100
2000	579,5	100,0
2001	579,9	100,1
2002	593,6	102,4
2003	615,8	106,3
2004	625,7	108,0
2005	642,3	110,8
2006	664,1	114,6
2007	676,1	116,7
2008(1)	687,7	118,7
2009(2)	699,0	120,6

(1)Estimativa.
(2)Prognóstico.
Obs.: Diferenças no total são provenientes de arredondamentos.
Fonte: FAO (Perspectivas Alimentárias - jun/09).



Obs: Produção mundial estimada : 709,7 bilhões kg
Fonte: FAO nov/08.

Figura 1/I. *Leite - Distribuição da produção mundial - 2009*

Na América Central e na África o aumento esperado em 2009 é de apenas 1,2% e 0,8%, respectivamente. A produção norte-Americana deve decrescer 0,7% como resultado de uma adequação entre oferta e procura, uma vez que a produção dos EUA tem problemas de competitividade devido à diminuição dos subsídios naquele país e aos baixos preços no mercado internacional. Por outro lado, a produção da América do Sul e da Oceania deve aumentar em 3,4% e 4,5%, respectivamente.

Segundo a FAO, em 2008, aproximadamente 5,77% de produção mundial é comercializada do mercado internacional, e para 2009 a previsão aponta para um montante levemente inferior (5,64%). Ásia, África e América Central são os tradicionais importadores e Oceania, Europa, América do Norte e América do sul são os exportadores (Tabela 2).

Tabela 2/I. *Leite - Produção mundial, importação e exportação, segundo as regiões - 2008-09*

(bilhões kg)

Região	2008[1]			2009[2]		
	Produção	Importação	Exportação	Produção	Importação	Exportação
Ásia	246,7	19,4	4,8	255,6	19,3	4,8
África	35,9	6,5	0,6	36,2	6,3	0,6
América Central	17,1	4,3	0,3	17,3	4,3	0,3
América do Sul	55,8	1,8	3,2	57,7	1,8	3,4
América do Norte	94,5	1,9	4,8	93,8	1,9	4,0
Europa	213,3	5,0	12,9	212,7	5,2	12,0
Oceania	24,6	0,8	13,2	25,7	0,8	14,4
Mundo	**687,7**	**39,8**	**39,7**	**699,0**	**39,5**	**39,4**

[1]Estimativa.
[2]Prognóstico.
Obs.: Diferenças no total são provenientes de arredondamentos.
Fonte: FAO (Perspectivas Alimentárias - jun/09).

Considerando o volume de leite produzido e o comércio internacional entre as regiões, pode-se visualizar o fluxo comercial de leite e derivados, em nível mundial, na Tabela 3. Pode-se identificar as regiões que apresentam défice ou superávit de leite, quantificando o volume comercializado entre os continentes.

Tabela 3/I. *Leite - Produção mundial, consumo e déficit, segundo as regiões - 2008-09*

(bilhões kg)

Região	2008[1]			2009[2]		
	Produção	Consumo	Superávit/déficit	Produção	Consumo	Superávit/déficit
Ásia	246,7	261,3	-14,6	255,6	270,1	-14,5
África	35,9	41,8	-5,9	36,2	41,9	-5,7
América Central	17,1	21,1	-4,0	17,3	21,3	-4,0
América do Sul	55,8	54,4	1,4	57,7	56,1	1,6
América do Norte	94,5	91,6	2,9	93,8	91,7	2,1
Europa	213,3	205,4	7,9	212,7	205,9	6,8
Oceania	24,6	12,2	12,4	25,7	12,1	13,6
Mundo	**687,7**	**687,8**	**-0,1**	**699,0**	**699,1**	**-0,1**

[1]Estimativa.
[2]Prognóstico.
Obs.: Diferenças no total são provenientes de arredondamentos.
Fonte: FAO (Perspectivas Alimentárias - jun/09).

A situação não se alterou significativamente em relação ao ano anterior: a Ásia, embora seja a região que mais produz leite, também é a que mais importa, seguida pela África e pela América Central. As demais regiões são superavitárias, com destaque para a Europa e a Oceania que, em 2008, tiveram saldo positivo na balança comercial de aproximadamente 20,3 bilhões de quilos de leite (Tabela 3).

Do incremento previsto de 11,3 bilhões de quilos de leite sobre a produção obtida em 2008, 9,9 bilhões de quilos, equivalentes a 87,6% do aumento, serão produzidos na Índia, China, Brasil, Paquistão e Nova Zelândia. Proporcionalmente, os aumentos mais expressivos previstos para 2009 em relação à produção de 2008 devem acontecer na China, Paquistão, Nova Zelândia e Brasil (Tabela 4)

Diversos países ou blocos muito representativos no contexto da produção mundial deverão apresentar crescimento da produção em níveis bem abaixo do crescimento médio global. Os casos de maior relevância são a Ucrânia, Estados Unidos da América e União Europeia, que deverão reduzir a produção. O Canadá, Sudão e Colômbia mantêm a produção nos níveis de 2008. (Tabela 4).

A produção brasileira estimada pela FAO para 2007 e o prognóstico feito para 2008 no relatório Perspectivas Alimentárias-jun/08 teve ajuste significativo divulgado no relatório de junho/2009. No relatório de junho/2008 a produção brasileira de leite estimada para 2007 era de 29,4 bilhões de quilos e o prognóstico para 2008 era de 31,7 bilhões de quilos. Com isso, o último relatório (Perspectivas Alimentárias - jun/09) estabelece uma produção de 27,1 bilhões de quilos em 2007 e a estimativa para 2008 é de 28,1 bilhões de quilos. Para 2009 o prognóstico da FAO aponta para 29,5 bilhões de quilos, representando aumento de 5% sobre a produção de 2008 (Tabela 4). Esses ajustes trouxeram os valores para patamares bem mais próximos da produção estimada pelo IBGE-Produção Pecuária Municipal.

O Brasil, segundo a estimativa da FAO para 2008, é o sétimo produtor mundial, considerando inclusive a produção da União Européia, e participa com 4,1% da produção total. Para 2009 a expectativa é de leve aumento; sua participação deve aumentar para 4,2%.

Tabela 4/I. *Leite - Produção mundial e dos principais países produtores – 2007-09*

(bilhões/kg)

País	2007	2008	2009	Variação %	
				2008/2007	2009/2008
União Européia	151,8	151,5	150,9	-0,20	-0,40
Índia [1]	102,9	105,8	108,8	2,82	2,84
EUA	84,2	86,2	85,5	2,38	-0,81
China	39,9	41,9	44,4	5,01	5,97
Paquistão	33,2	35,2	37,3	6,02	5,97
Federação Russa	32,2	32,7	33,2	1,55	1,53
Brasil	27,1	28,1	29,5	3,69	4,98
Nova Zelândia [3]	15,8	15,3	16,2	-3,16	5,88
Turquia	12,1	12,2	12,3	0,83	0,82
Ucrânia	12,3	11,8	11,1	-4,07	-5,93
México	10,9	11,0	11,2	0,92	1,82
Argentina	9,8	10,3	10,6	5,10	2,91
Austrália [2]	9,6	9,2	9,4	-4,17	2,17
Canadá	8,2	8,3	8,3	1,22	0,00
Japão	8,0	8,0	8,0	0,00	0,00
Irã	7,6	7,7	7,8	1,32	1,30
Sudan	7,3	7,4	7,4	1,37	0,00
Colômbia	6,8	6,9	6,9	1,47	0,00
Belarus	5,9	6,2	6,5	5,08	4,84
Outros países	90,5	92,0	93,7	1,66	1,85
Mundo	**676,1**	**687,7**	**699,0**	**1,72**	**1,64**

(1)Campanha começa em abril do ano indicado.
(2)Campanha termina em junho do ano indicado.
(3)Campanha termina em maio do ano indicado.
Fonte: FAO (Perspectivas Alimentárias - jun/09).

Em 2008, o volume de leite comercializado no mercado externo é estimado em 39,8 bilhões de quilos, um pouco acima dos 39,2 bilhões de quilos comercializados em 2007. Para 2009 estima-se que o volume exportado por todos os países seja em torno de 0,8% menor que no ano anterior (Tabela 5).

Os onze países que mais importaram produtos lácteos em 2008 adquiriram o equivalente 19,9 bilhões de quilos de leite, cerca de 50% do volume comercializado no mercado mundial (Tabela 5).

As exportações estão concentradas na Oceania (Nova Zelândia com 24,8% e Austrália com 7,9%) e na União Europeia (27 países), que participa com 23,5% da quantidade exportada. Os Estados Unidos exportam um volume significativo, apesar de que também figurem entre os principais países importadores. A Argentina, maior exportador sul-americano, participa com 3,5 % das exportações mundiais. (Tabela 6).

Tabela 5/I. *Leite - Importações mundiais dos principais países em 2007-08 e prognóstico para 2009*

(bilhões/kg)

País	2007	2008	2009
Federação Russa	2,7	3,0	3,1
México	2,1	2,5	2,6
Argélia	1,9	2,0	2,0
Arábia Saudita	2,0	1,9	1,8
China	1,9	1,8	1,7
Indonésia	1,5	1,8	1,8
Estados Unidos	2,0	1,5	1,5
Filipinas	1,4	1,4	1,5
Malásia	1,4	1,4	1,5
Japão	1,5	1,4	1,5
Venezuela	1,1	1,2	1,1
Outros países	19,7	19,9	19,4
Mundo	**39,2**	**39,8**	**39,5**

Fonte: FAO (Perspectivas Alimentárias - jun/09).

Tabela 6/I. *Leite - Exportações mundiais e dos principais países em 2007-08 e prognóstico para 2009*

(bilhões/kg)

País	2007	2008	2009
Federação Russa	2,7	3,0	3,1
Nova Zelândia (1)	11,5	10,0	11,2
União Européia	9,5	9,5	8,7
Estados Unidos	3,0	4,7	3,8
Austrália (2)	3,5	3,2	3,2
Argentina	1,3	1,4	1,2
Ucrânia	0,9	0,9	0,7
Outros países	9,6	10,7	12,2
Mundo	**39,3**	**40,4**	**41,0**

(1)Campanha termina em maio do ano indicado.
(2)Campanha termina em junho do ano indicado.
Fonte: FAO (Perspectivas Alimentárias - jun/09).

Situação brasileira

Produção

A produção brasileira, segundo a Produção da Pecuária Municipal do IBGE, no período de 2003 a 2007, cresceu em média 4,1% ao ano. Nos principais estados produtores a taxa de crescimento médio é bastante desuniforme, variando de menos 2,3% ao ano em São Paulo e mais 8,8% em Santa Catarina (Figura 2).

A produção brasileira de 2007, segundo a Produção Pecuária Municipal, foi de 26,13 bilhões de litros (Tabela 7). Os seis estados brasileiros que mais produzem são responsáveis por 72,9% da produção nacional. Os estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná, Goiás, Santa Catarina e São Paulo e produzem o equivalente a 27,8%, 11,3%, 10,3% 10,1%, 7,1% e 6,2%, respectivamente.

Fonte: IBGE - Produção Pecuária Municipal.

Figura 2/I. *Leite - Taxa média de crescimento da produção - Brasil e principais estados produtores - 2003-07*

Tabela 7/I. *Leite - Produção de leite no Brasil e unidades da federação - 2003-07*

Brasil e Unidade da Federação	Produção de leite (milhões de litros)				
	2003	2004	2005	2006	2007
Brasil	**22.253,86**	**23.474,69**	**24.620,86**	**25.398,22**	**26.133,91**
Minas Gerais	6.319,90	6.628,92	6.908,68	7.094,11	7.275,24
Rio Grande do Sul	2.305,76	2.364,94	2.467,63	2.625,13	2.943,68
Paraná	2.141,46	2.394,54	2.568,25	2.703,58	2.700,99
Goiás	2.523,05	2.538,37	2.648,60	2.613,62	2.638,57
Santa Catarina	**1.332,28**	**1.486,66**	**1.555,62**	**1.709,81**	**1.865,57**
São Paulo	1.785,21	1.739,40	1.744,18	1.744,01	1.627,42
Bahia	794,97	842,54	890,19	905,75	965,80
Rondônia	558,65	646,44	692,41	637,36	708,35
Pernambuco	375,58	397,55	526,52	630,35	662,08
Mato Grosso	491,68	551,37	596,38	583,85	644,21
Pará	585,33	639,10	697,02	691,10	643,19
Mato Grosso do Sul	481,61	491,10	498,67	490,28	490,07
Rio de Janeiro	449,43	466,93	464,95	468,19	462,91
Espírito Santo	379,25	405,72	417,68	434,00	437,77
Ceará	352,83	363,27	367,98	380,03	416,45
Maranhão	230,21	286,86	321,18	341,21	335,74
Sergipe	139,00	156,99	191,31	242,57	251,62
Alagoas	241,02	243,43	236,11	228,24	242,74
Rio Grande do Norte	174,15	201,27	211,55	235,46	214,04
Tocantins	201,28	214,72	220,47	217,32	213,70
Paraíba	125,87	137,32	148,60	154,66	170,40
Acre	100,04	109,15	79,67	98,10	80,49
Piauí	74,18	75,76	78,71	79,79	76,41
Distrito Federal	38,20	38,89	34,84	34,12	35,64
Amazonas	41,61	42,91	43,88	45,37	19,51
Amapá	3,24	3,27	4,01	4,43	5,74
Roraima	8,12	7,29	5,80	5,80	5,60

Fonte: IBGE - Pesquisa Pecuária Municipal.

A região sul se destaca pela elevada taxa de crescimento da produção e vem se consolidando como uma importante região produtora.

O acompanhamento do volume de leite captado pelas indústrias de processamento, realizado trimestralmente pelo IBGE, é a estatística de maior relevância disponível para avaliar o comportamento do setor leiteiro, porque coleta e divulga sistematicamente o volume de leite recebido pelas indústrias que possuem inspeção federal, estadual e municipal, em todos os estados da federação. Segundo a pesquisa trimestral do leite, em 2008 a quantidade de leite recebida pela indústria foi de, aproximadamente 17,24 bilhões de litros, 7,54% maior que no ano anterior (Tabela 8).

Tabela 8/I. *Leite - Produção destinada à industrialização, segundo os estados – 2006-08*

(1.000 litros)

Estado/ano	2006 (A)	2007 (B)	2008 (C)	Var % (B/A)	Var % (C/B)
Minas Gerais	4.694.918	5.027.324	5.296.172	7,08	5,35
Rio Grande do Sul	2.252.503	2.512.728	2.785.987	11,55	10,87
Goiás	2.166.567	2.164.504	2.300.828	-0,10	6,30
São Paulo	2.113.705	2.226.376	2.294.432	5,33	3,06
Paraná	1.409.554	1.473.891	1.750.666	4,56	18,78
Santa Catarina	**976.463**	**1.086.463**	**1.289.194**	**11,27**	**18,66**
Rondônia	580.303	691.756	721.426	19,21	4,29
Mato Grosso	333.918	414.704	453.095	24,19	9,26
Rio de Janeiro	417.134	392.833	346.901	-5,83	-11,69
Pará	229.928	283.723	332.298	23,40	17,12
Bahia	284.209	289.161	320.877	1,74	10,97
Espírito Santo	223.006	210.061	225.098	-5,80	7,16
Mato Grosso do Sul	220.374	225.729	205.934	2,43	-8,77
Ceará	138.753	151.931	179.500	9,50	18,15
Pernambuco	160.113	202.500	170.520	26,47	-15,79
Tocantins	80.533	108.507	123.795	34,74	14,09
Alagoas	103.009	117.209	119.185	13,79	1,69
Sergipe	67.681	72.050	89.275	6,46	23,91
Rio Grande do Norte	77.198	79.415	78.690	2,87	-0,91
Maranhão	49.006	60.836	59.795	24,14	-1,71
Paraíba	42.642	47.615	49.211	11,66	3,35
Piauí	21.378	19.741	16.066	-7,66	-18,62
Distrito Federal	15.689	16.786	15.213	6,99	-9,37
Acre	10.206	11.786	12.715	15,48	7,88
Amazonas	760	814	674	7,11	-17,20
Roraima	197	205	292	4,06	42,44
Brasil	**16.669.742**	**17.888.643**	**19.237.831**	**7,31**	**7,54**

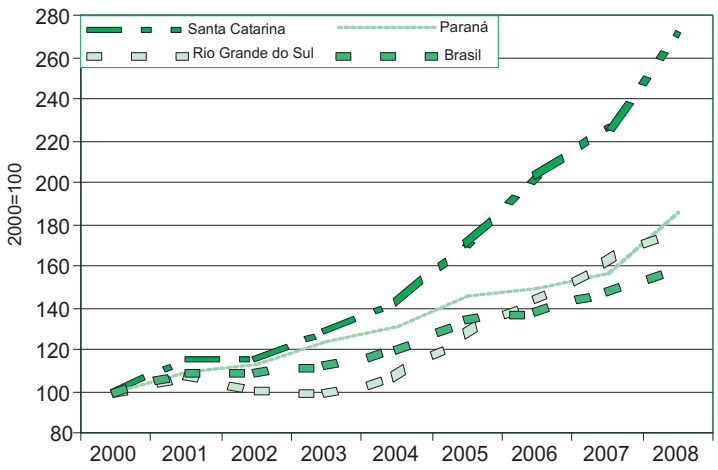
Obs.: Diferenças nos totais são provenientes de arredondamentos.
Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite.

As indústrias dos seis principais estados produtores receberam 15,72 bilhões de litros, o que corresponde a 81,7% do leite destinado à indústria no Brasil. A participação dos estados Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Goiás, São Paulo, Paraná e Santa Catarina é de 27,5%, 14,5%, 12,0%, 11,9%, 9,1% e 6,7%, respectivamente (Tabela 8).

A maior taxa de crescimento da produção leiteira nos estados do sul do Brasil propiciou um aumento do parque industrial da região, fortalecendo toda a cadeia produtiva. A Figura 3 mostra a evolução do índice de captação da indústria por estado, e os três estados apresentaram um crescimento maior que a taxa nacional, especialmente Santa Catarina, que se destaca muito dos demais.

No primeiro trimestre de 2009 a indústria brasileira recebeu um volume de leite 0,6% menor que o volume recebido em 2008 (Tabela 9).

A expectativa para 2008 é de que a produção brasileira se situe ao redor de 27,5 bilhões de litros. Para 2009 se espera uma produção muito próxima da que foi obtida no ano anterior, podendo crescer levemente caso as condições climáticas sejam favoráveis, a



Fonte: IBGE - Pesquisa trimestral do leite.

Figura 3/I. *Índice de captação de leite - Região Sul e Brasil - 2000-08*

crise econômica não se agrave e os preços recebidos sejam compensadores. Evidentemente, cabe ressaltar o caráter especulativo da previsão, haja vista a escassez de dados estatísticos disponíveis para abalizar melhor a tendência.

Tabela 9/I. *Leite - Produção destinada à industrialização, segundo os principais estados, no primeiro trimestre – 2008-09*

(mil litros)

Brasil e Unidade da Federação	1º trimestre 2008	1º trimestre 2009	Var. %
Brasil	**4.984.108**	**4.954.180**	-0,6
Minas Gerais	1.423.275	1.326.983	-6,8
Rio Grande do Sul	668.326	708.170	6,0
Goiás	621.757	610.401	-1,8
São Paulo	586.759	523.915	-10,7
Paraná	420.393	476.382	13,3
Santa Catarina	306.644	369.783	20,6
Outros estados	956.954	938.547	-1,9

Obs.: Diferenças nos totais são provenientes de arredondamentos.
Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite.

Importações e exportações

A balança comercial brasileira atingiu, em 2008, um novo recorde, alcançando um superávit superior a 297,67 milhões de dólares, 143% maior que o de 2007. O expressivo superávit se deve ao crescimento das exportações, que apresentaram crescimento da ordem de 86% sobre as exportações de 2007. As importações, por sua vez, cresceram somente 40% no mesmo período (Tabela 10).

Tabela 10/I. *Leite e derivados - Importações e exportações brasileiras – 1997-08*

(milhões US$)

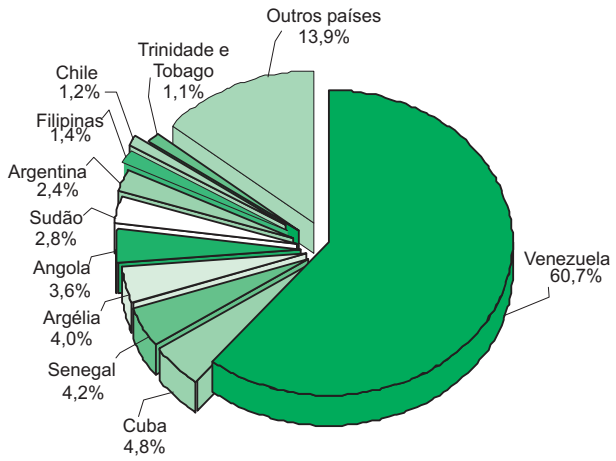
Ano	Importações	Exportações	Saldo
1997	454,67	9,41	(445,26)
1998	508,83	8,11	(500,72)
1999	439,95	7,52	(432,43)
2000	373,19	13,40	(359,79)
2001	178,64	25,05	(153,59)
2002	247,56	40,32	(207,24)
2003	112,29	48,53	(63,76)
2004	83,92	95,43	11,50
2005	121,19	130,13	8,93
2006	154,69	138,53	(16,15)
2007	150,83	273,29	122,45
2008	211,59	509,27	297,67

Fonte: MDIC/Secex.

No primeiro semestre de 2009, no entanto, o saldo da balança comercial sofreu forte revés. A exportação de produtos lácteos foi de apenas 87,4 milhões de dólares, representando um decréscimo de 61,59% em relação ao que foi exportado no primeiro trimestre de 2008 (226,78 milhões de dólares). A importação, por outro lado, teve aumento de 25,6% sobre o valor das importações no primeiro semestre (122,83 milhões de dólares). Em resumo, o Brasil importou mais do que exportou, gerando um défice de 35,43 milhões de dólares no primeiro semestre.

O destino das exportações brasileiras não se tem alterado significativamente. Países economicamente periféricos prevalecem como os principais comparadores de lácteos do Brasil, especialmente a Venezuela, que comprou mais de 60% das exportações brasileiras em 2008 (Figura 4). A concentração das vendas, principalmente para os países da América latina e África, é cada vez mais expressiva, com sucessivos aumentos a partir de 2005, quando os dez principais importadores compraram 69% e em 2008 essa proporção aumentou para 86% (Tabela11).

A Argentina e o Uruguai são os principais exportadores de produtos lácteos para o Brasil, que importou desses dois países 155,8 milhões de dólares, 74% do valor total das importações (Tabela 12).



Fonte:MDIC/Secex.

Figura 4/I. *Leite - Destino das exportações - Brasil - 2008*

Tabela 11/I. *Leite e derivados - Exportações brasileiras, segundo os principais países – 2005-08*

(US$ 1.000,00)

País	**2005**	**2006**	**2007**	**2008**
Venezuela	10.017,28	33.528,36	62.585,01	309.124,63
Cuba	8.326,46	11.953,91	6.478,55	24.600,47
Senegal	5.974,66	0,00	12.901,96	21.379,98
Argelia	18.194,82	5.053,22	54.867,46	20.251,66
Angola	12.032,24	18.991,87	6.483,34	18.193,01
Sudão	0,00	0,00	5.655,19	14.158,20
Argentina	5.828,07	5.949,56	8.555,11	12.002,48
Filipinas	0,00	4.357,82	6.158,81	6.946,03
Chile	7.303,82	4.670,24	4.804,43	6.079,82
Trinidade e Tobago	3.046,11	2.673,06	3.977,08	5.648,99
Outros países	40.225,97	37.434,13	55.111,54	70.882,52
Total	**130.093,25**	**138.534,57**	**273.286,77**	**509.267,79**

Fonte: MDIC/Secex.

Tabela 12/I. *Leite e derivados - Importações brasileiras, segundo os principais países – 2005-08*

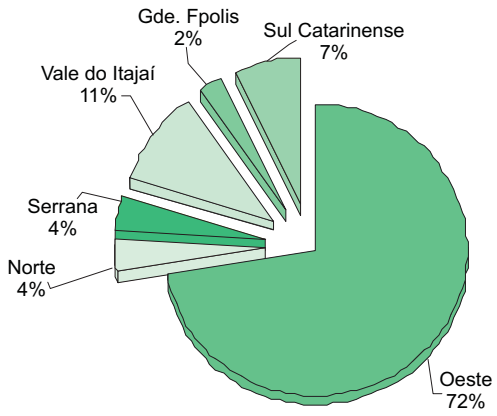
(US$ 1.000)

País	**2005**	**2006**	**2007**	**2008**
Argentina	65.745,75	89.036,43	90.745,82	124.688,37
Uruguai	31.842,27	37.706,48	20.782,30	31.138,17
França	7.209,84	9.277,36	10.366,13	11.672,00
Polônia	1.634,13	1.328,21	5.429,14	9.695,09
Nova Zelândia	2.122,08	3.830,12	4.832,53	6.883,58
Paises Baixos (Holanda)	1.048,61	2.568,26	4.579,28	6.853,37
Austrália	2.729,11	3.311,01	4.545,54	3.649,84
Estados Unidos	3.861,67	2.660,63	4.066,38	9.794,47
Outros países	4.362,47	3.609,87	4.070,41	7.218,86
Total	**121.192,78**	**154.688,63**	**150.833,54**	**211.593,76**

Fonte: MDIC/Secex.

Produção catarinense

A produção catarinense de 2007, segundo a Produção Pecuária Municipal do IBGE, foi de 1,87 bilhão de litros de leite, um incremento de 9,1% sobre a produção de 2006. A mesorregião oeste catarinense é a grande bacia leiteira do Estado e é responsável por 72% da produção (Figura 5).

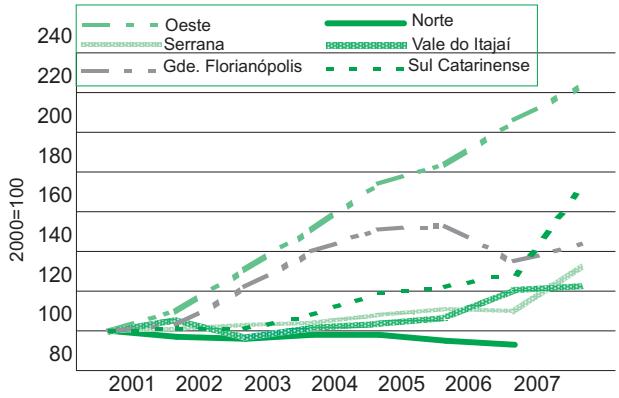


Fonte: IBGE - Produção Pecuária Municipal.

Figura 5/I. *Leite - Distribuição (%) da produção segundo as mesorregiões - Santa Catarina - 2007*

No período de 2000 a 2007 se destacaram as mesorregiões oeste e sul catarinense, cuja produção cresceu 124% e 71%, respectivamente. Cabe ressaltar a constância e a regularidade de crescimento da produção na região oeste no período, diferentemente do ritmo observado no sul, que teve forte incremento apenas no último ano (Figura 6).

No âmbito das microrregiões geográficas se destacam as de Chapecó (26,9%), São Miguel do Oeste (18,6%), Concórdia (10,5%), Xanxerê (10,3%, Tubarão (6,1%), Rio do Sul (6,1%) e Joaçaba (6,0%). As demais regiões somadas representam apenas 15,5% da produção do estado. Em termos de crescimento da produção, nos últimos anos, são destaques as microrregiões de Tubarão, Xanxerê, Curitibanos e Chapecó. Por outro lado, houve queda na produção nas microrregiões de Araranguá, Tabuleiro, Joinville, Itajaí e São Bento do Sul (Tabela13).



Fonte: IBGE - Produção Pecuária Municipal.

Figura 6/I. *Leite - Índice de crescimento da produção nas messorregiões - Santa Catarina - 2000-07*

Com base na Produção total do Estado, segundo a Produção Pecuária Municipal de 2007, e no volume de leite captado pelas indústrias catarinenses no ano passado, estima-se que a produção catarinense, em 2008, se situe ao redor de 2,18 bilhões de litros de leite, 16,9% superior à produção total de 2007 (Tabela 14).

A pesquisa trimestral do leite entre todas as estatísticas disponíveis no momento é de fato a única que provém de uma coleta sistemática de dados. Trimestralmente o IBGE levanta o volume mensal de leite captado pelas indústrias com inspeção federal, estadual e municipal em todos os estados da federação. Segundo essa pesquisa, foi captado pelos laticínios localizados em Santa Catarina, no ano de 2008, cerca de 1,29 bilhão de litros de leite e apresentou um incremento de 18,66% sobre a captação de 2007 (Tabela 15).

Considerando a produção total estimada pelo IBGE, segundo a Produção Pecuária Municipal e a Pesquisa Trimestral do Leite, também do IBGE, o estado catarinense destina aproximadamente 59% da produção para a indústria local. Entretanto, estima-se ainda que cerca de 300 milhões de litros de leite cru, aproximadamente 14% da produção total do Estado, tenham sido enviados para processamento em outros estados durante o ano de 2008. Com isso, o volume de leite destinado à indústria em Santa Catarina girou em torno de 1,59 bilhão de litros, equivalente a 73% do que é produzido. O restante do

Tabela 13/I. *Leite - Produção nas mesorregiões e microrregiões geográficas de Santa Catarina - 2003-07*

Abrangência	Produção de leite (mil litros)				
	2003	2004	2005	2006	2007
Santa Catarina	**1.332.277**	**1.486.662**	**1.555.622**	**1.709.812**	**1.865.568**
Oeste Catarinense	**909.602**	**1.047.004**	**1.107.954**	**1.241.172**	**1.348.291**
São Miguel do Oeste	270.566	326.953	334.188	365.915	346.846
Chapecó	288.876	333.459	354.900	405.082	502.768
Xanxerê	102.311	112.137	135.419	154.380	191.258
Joaçaba	99.660	111.556	114.440	113.142	112.344
Concórdia	148.190	162.898	169.008	202.652	195.074
Norte Catarinense	**72.615**	**72.383**	**70.149**	**69.236**	**65.410**
Canoinhas	47.268	47.268	46.320	46.320	47.420
São Bento do Sul	5.584	5.577	5.185	5.218	4.904
Joinville	19.764	19.537	18.643	17.698	13.086
Serrana	**56.245**	**58.251**	**60.206**	**59.696**	**72.086**
Curitibanos	14.748	15.768	17.061	17.166	27.057
Campos de Lages	41.497	42.483	43.145	42.530	45.030
Vale do Itajaí	**162.949**	**165.798**	**171.079**	**193.745**	**197.043**
Rio do Sul	87.926	94.156	100.291	114.280	113.661
Blumenau	34.821	32.006	30.863	31.730	36.125
Itajaí	11.013	8.616	9.215	8.903	8.622
Ituporanga	29.189	31.020	30.710	38.831	38.635
Grande Florianópolis	**45.405**	**48.922**	**49.501**	**43.675**	**46.588**
Tijucas	8.628	10.085	10.655	9.754	13.213
Florianópolis	10.383	10.513	10.523	10.309	18.640
Tabuleiro	26.395	28.324	28.323	23.612	14.736
Sul Catarinense	**85.460**	**94.304**	**96.733**	**102.288**	**136.150**
Tubarão	57.338	65.621	68.266	69.532	114.237
Criciúma	16.747	18.177	19.076	22.345	18.832
Araranguá	11.376	10.506	9.391	10.412	3.081

Fonte: IBGE - Produção Pecuária Municipal.

Tabela 14/I. *Leite - Produção total e volume captado pela indústria catarinense - 2000-08*

(1.000 litros)

Ano	Produção total[1]	Volume recebido pela indústria catarinense[2]
2000	1.003.098	479.279
2001	1.076.084	551.421
2002	1.192.690	554.518
2003	1.332.277	618.224
2004	1.486.662	682.761
2005	1.555.622	817.053
2006	1.709.812	976.463
2007	1.865.568	1.086.463
2008[3]	2.180.000	1.289.194

[1]IBGE - Pesquisa Pecuária Municipal.
[2]Fonte IBGE - Pesquisa trimestral do leite.
[3]Produção total estimada Epagri-Cepa.

Tabela 15/I. Leite - Quantidade recebida pela indústria em Santa Catarina - 2004 -09

(1.000 litros)

Mês	2004	2005	2006	2007	2008	2009[1]
Janeiro	56.812	66.162	81.565	95.103	110.720	135.177
Fevereiro	49.742	60.012	73.750	81.281	99.616	118.917
Março	48.357	59.752	76.852	81.612	96.308	115.689
Abril	46.569	58.471	72.258	77.106	87.974	
Maio	49.426	60.516	71.613	74.984	90.569	
Junho	53.272	62.814	75.773	80.358	95.936	
Julho	57.269	68.546	80.174	107.443	114.072	
Agosto	62.833	73.926	87.572	93.814	122.018	
Setembro	63.976	73.036	85.662	101.130	120.353	
Outubro	65.767	78.681	87.846	102.651	119.451	
Novembro	62.956	76.027	87.277	93.035	113.773	
Dezembro	66.131	79.110	96.121	97.946	118.404	
Total	**683.110**	**817.053**	**976.463**	**1.086.463**	**1.289.194**	

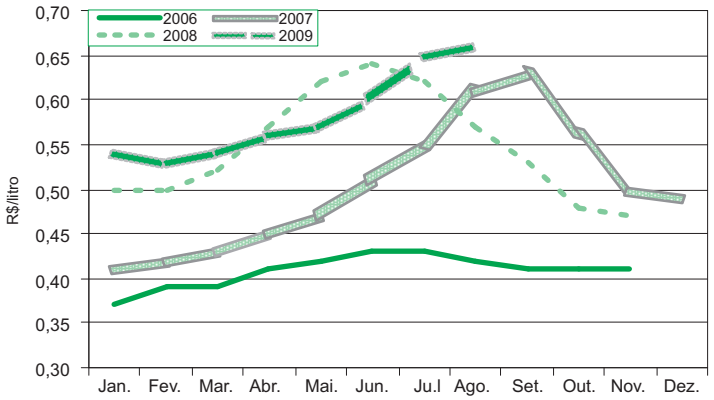
[1]Dados preliminares.
Fonte: IBGE.

leite produzido é vendido clandestinamente ou consumido no estabelecimento rural, de forma natural ou processada (transformada). É recomendável, no entanto, que estas estimativas sejam utilizadas com restrições, pois elas podem ser alteradas, após a divulgação do Censo Agropecuário de 2006, prometido para o final deste ano.

Comportamento dos preços em 2008

Apesar do constante aumento da oferta da matéria prima, nos últimos anos, os preços nominais recebidos pelos produtores também são ascendentes, contrariando, de certa forma, a lei da oferta e da procura, devido ao aumento da produção.

No primeiro semestre de 2008 os preços tiveram comportamento de alta. Os preços médios oscilaram entre 19% e 32% acima dos praticados em 2007, porém no segundo semestre os preços se mantiveram abaixo. Todavia, o preço médio de 2008 foi quatro centavos por litro acima da média do ano anterior (Figura 7).

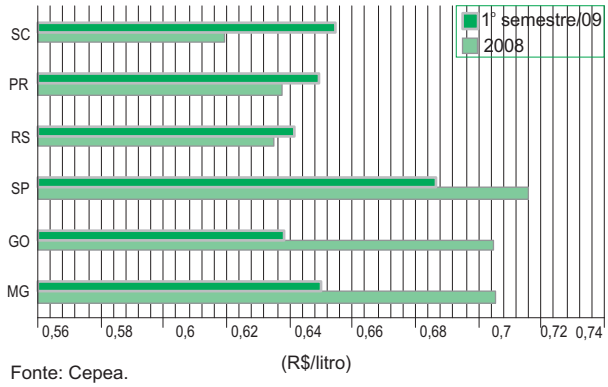


Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 7/I. - *Leite - Preço médio recebido pelo produtor - Santa Catarina - 2006-09*

Dentre os estados com maior produção leiteira, o preço médio do leite cru recebido pelos produtores catarinenses foi o mais baixo praticado em 2008. Tudo indica que esse resultado se deve, principalmente, à grande oferta de matéria prima e à baixa capacidade de processamento da indústria local. A conjunção das duas variáveis resulta no achatamento dos preços. No primeiro semestre de 2009, com a ampliação da capacidade de processamento dos laticínios do estado, o preço médio, ficou abaixo do preço praticado somente em São Paulo, estado em que a produção é decadente (Figura 8).

Os preços de referência do leite padrão, definidos pelo Conseleite/SC, são calculados com base no preço de venda dos produtos lácteos (diversos produtos). O valor de referência tem comportamento diferenciado em relação aos preços médios efetivamente recebidos pelo produtor. Em alguns meses o preço mais comum recebido pelo produtor é significativamente maior que o preço de referência, mas invertendo a situação no momento seguinte. Entretanto, ao analisar a média anual de 2008 e a média até agosto de 2009, em ambos os casos os preços de referência e o preço de mercado ficam muito próximos. Isso pressupõe que há por parte dos laticínios uma política de compensação no repasse aos produtores (Tabela 16 e Tabela 17).



Fonte: Cepea.

Figura 8/I. *Leite - Preço médio do leite crú nos principais estados produtores - Brasil - 2008-09*

O preço médio corrigido pelo dólar alcançou, em 2008 e no primeiro semestre de 2009, recordes sem precedentes. O valor médio recebido pelo produtor no ano de 2008 foi de 30 centavos de dólar e até

agosto de 2009 o valor médio é de 28 centavos (Tabela 16). Os preços elevados no mercado interno e o mercado internacional muito deprimido, e ainda os subsídios concedidos aos produtos americanos e europeus, tornam difícil competir com o produto estrangeiro em termos de preço.

O preço do leite em pó integral no mercado do Oeste Europeu e da Oceania teve queda acentuada no segundo semestre de 2008 e permaneceu com preços muito baixos em 2009 (Figura 9).

Tabela 16/I. *Leite - Preço médio recebido pelo produtor em Santa Catarina*[1] *- 2005-09*

Mês	(R$/litro)					(US$/litro)				
	2005	2006	2007	2008	2009	2005	2006	2007	2008	2009
Janeiro	0,48	0,37	0,41	0,50	0,54	0,18	0,16	0,19	0,28	0,23
Fevereiro	0,48	0,39	0,42	0,50	0,53	0,18	0,18	0,20	0,29	0,23
Março	0,49	0,39	0,43	0,52	0,54	0,18	0,18	0,21	0,30	0,23
Abril	0,51	0,41	0,45	0,57	0,56	0,20	0,19	0,22	0,34	0,25
Maio	0,52	0,42	0,47	0,62	0,57	0,21	0,19	0,24	0,37	0,28
Junho	0,52	0,43	0,51	0,64	0,60	0,22	0,19	0,26	0,40	0,31
Julho	0,49	0,43	0,55	0,62	0,65	0,21	0,20	0,29	0,39	0,34
Agosto	0,46	0,42	0,61	0,57	0,66	0,19	0,19	0,31	0,35	0,36
Setembro	0,43	0,41	0,63	0,53	-	0,19	0,19	0,33	0,29	-
Outubro	0,41	0,41	0,56	0,48	-	0,18	0,19	0,31	0,22	-
Novembro	0,39	0,41	0,50	0,47	-	0,18	0,19	0,28	0,18	-
Dezembro	0,37	0,41	0,49	0,48	-	0,16	0,19	0,27	0,20	-
Média	**0,46**	**0,41**	**0,50**	**0,54**		**0,19**	**0,19**	**0,26**	**0,30**	

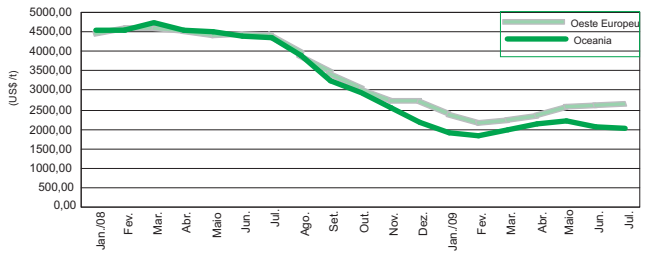
[1]Posto na plataforma das indústrias.
O preço de agosto/2009 é projetado.
O preço do mês corrente é referente ao produto entregue no mês anterior.
Fonte: Epagri/Cepa.

Tabela 17/I. *Leite padrão - Preços de referência*[1] *– 2007-09*

(R$/litro)

Mês	2007	2008	2009	Variação %	
				2009/2008	(Atual/ant.)
Janeiro	0,43	0,49	0,53	6,27	-1,05
Fevereiro	0,43	0,51	0,53	3,07	0,42
Março	0,46	0,56	0,54	-3,96	1,63
Abril	0,49	0,57	0,56	-1,81	5,28
Maio	0,54	0,59	0,65	10,06	14,37
Junho	0,61	0,59	0,72	21,92	11,76
Julho	0,68	0,56	0,66	17,95	-8,02
Agosto	0,69	0,50	0,61	21,93	-8,35
Setembro	0,57	0,48	-	-	-
Outubro	0,49	0,50	-	-	-
Novembro	0,50	0,53	-	-	-
Dezembro	0,49	0,53	-	-	-

[1]Na plataforma do laticínio com Funrural incluso (preço bruto).
[2]As reuniões formais iniciaram em agosto, mas os preços de referência foram calculados durante todo ano.
Nota: O valor para agosto/2009 é projetado.
Fonte: Conseleite/SC.



Fonte: Usda.

Figura 9/I. *Leite em pó integral - Preço no mercado internacional - 2008-09*

Primeiro semestre de 2009 e perspectivas

No primeiro trimestre de 2009 a indústria catarinense captou 369,8 milhões de litros de leite, aproximadamente 20,6% acima do que foi captado no mesmo período de 2008 (Tabela 15).

O surpreendente aumento do volume captado pelas indústrias catarinenses pode ser atribuído, principalmente, a três fatores: Ao aumento da produção estadual de leite, resultante dos investimentos realizados em nível de propriedade; à ampliação da capacidade de processamento das indústrias, que passaram a demandar mais matéria prima; e ao incentivo à produção devido aos reajustes dos preços recebidos, que no primeiro trimestre foram superiores aos preços recebidos no final do trimestre passado.

No entanto, este aumento expressivo na captação de leite no sul do Brasil, no primeiro trimestre, deve reduzir em função da estiagem nos meses de abril e maio, cujos reflexos negativos se estenderam até o mês de julho. A partir de agosto de 2009, quando a pastagem estiver estar plenamente recuperada, a produção deverá ser significativamente aumentada, consequentemente tem início a tradicional queda dos preços do segundo semestre.

Apesar do baixo crescimento esperado para a produção em nível nacional, em Santa Catarina a expectativa é de apresentar um crescimento acentuado da oferta. Isso, aliado à retração da demanda de produtos lácteos provocada pela recessão econômica em curso e a queda significativa das exportações, deve gerar excesso de oferta de matéria prima e, consequentemente, influenciar negativamente nos preços pagos aos produtores.

Alguns laticínios já trabalham com a hipótese de ter alguma dificuldade para comercializar seus produtos a partir de setembro, porém poucos se atrevem a predizer o grau de interferência no comportamento dos preços nos próximos meses. A maioria das opiniões, no entanto, aposta em patamares de preços acima dos praticados em 2008.

Apesar disso, a atividade leiteira no Estado segue ganhando espaço no cenário nacional, aperfeiçoando os sistemas de produção e se tornando mais competitiva no mercado.

Francisco Carlos Heiden
Sociólogo - Epagri/Cepa
heiden@epagri.sc.gov.br

Mel

Panorama mundial

Atualmente são mais de 130 países que exploram a atividade apícola, sendo que alguns deles têm demonstrado sinais de expansão no volume produzido, bem como ofertado nos últimos anos uma diversidade de produtos e subprodutos oriundos do mel.

Em 2007, conforme estimativas da FAO, a produção mundial atingiu aproximadamente 1,4 milhão de toneladas, gerando um montante financeiro de aproximadamente 1,5 bilhão de dólares. Esta cifra, entretanto, aumenta sensivelmente à medida que forem computadas as produções de própolis, pólen, geleia real e cera, dentre outros, bem como os serviços de polinização disponibilizados regularmente nas atividades da agricultura e pecuária (pastagens).

No ano, os países que mais se destacaram na produção de mel foram China, com 21,7%; Turquia, com 5,8%; Argentina, com 5,3%; Ucrânia e Estados Unidos, com 4,8% cada. Também se destacam o México, com 4,0%; a Federação Russa com 3,9% e a Índia com 3,7%. Estes países são responsáveis por 54,0% do volume mundial produzido. O Brasil destaca-se na 11ª colocação do ranking mundial com 2,5% (Tabela 1).

Tabela 1/I. *Mel - Produção mundial e dos principais países - 2003-07*

(t)

Discriminação	2003	2004	2005	2006	2007
Mundo	**1.334.128**	**1.369.636**	**1.413.076**	**1.446.043**	**1.400.491**
China	294.721	297.987	299.327	304.978	303.220
Argentina	75.000	80.000	110.000	80.000	81.000
Turquia	69.540	73.929	82.336	83.842	73.935
Ucrânia	53.550	57.878	71.462	75.600	67.700
Estados Unidos	82.431	83.272	72.927	70.238	67.286
México	57.045	56.917	50.631	55.970	55.459
Fed Russa	48.048	52.666	52.123	55.316	55.173
Índia	52.000	52.000	52.000	52.000	52.000
Etiópia	37.800	40.900	36.000	44.000	44.000
Irã	28.000	28.000	28.000	36.000	36.000
Brasil	30.022	32.290	33.750	36.194	34.747
Canadá	34.602	34.241	36.109	48.353	31.489
Espanha	35.279	36.695	27.230	30.661	31.250
Tanzânia	27.000	27.000	27.000	27.000	27.000
Quênia	22.000	21.500	22.000	25.000	25.000
Angola	23.000	23.000	24.000	23.000	23.000
Rep da Coréia	18.000	15.651	23.820	23.000	22.000
Austrália	16.000	16.000	16.000	17.500	18.000
Grécia	15.700	15.911	16.267	16.218	17.690
Romênia	17.409	19.150	19.200	18.195	16.767
Subtotal	**1.037.147**	**1.064.987**	**1.100.182**	**1.123.065**	**1.082.716**

Fonte: FAO (julho de 2009).

Os serviços de polinização se tornam, cada vez mais, uma prática obrigatória, integrando as atividades agropecuárias na maioria dos países e contribuindo de maneira significativa para o aumento da qualidade e melhoria da produtividade de produtos da horticultura (frutas e verduras), da lavoura (principalmente os grãos) e de pastagens.

O consumo de mel *in natura* ainda é bastante baixo e pouco difundido junto à população de alguns países, atingindo uma média per cápita mundial de cerca de 300 g/hab/ano; nos países da comunidade europeia, entretanto, os índices de consumo médio sobem para 700 g/hab/ano (FAO, 2005).

Por país, os maiores consumos anuais foram observados na Áustria - 1.700 gramas; Grécia – 1.600 gramas; Suíça – 1.300 gramas; Alemanha – 1.200 gramas; Eslovênia – 1.100 gramas; Ucrânia – 1.000 gramas; Turquia – 800 gramas; Canadá e Espanha – 700 gramas cada; Estados Unidos e Nova Zelândia – 600 gramas cada; França – 500 gramas; México – 200 gramas.

Em 2006, segundo os dados da FAO, foram exportadas para os principais centros consumidores mundiais 423,85 mil toneladas de mel *in natura,* representando um movimento financeiro de US$ 809,90 milhões. Os principais mercados vendedores, em volume, foram o argentino, o chinês, o alemão, o mexicano e o húngaro, com participação de cerca de 60%. Destacam-se, com os melhores preços médios de mercado recebidos por tonelada, os mais comercializados pela Nova Zelândia (US$ 6.524,43), pela França (US$ 4.536,01), pela Itália (US$ 3.366,17) e pela Alemanha (US$ 3.285,67); o Brasil, por sua vez, obteve um preço médio de US$ 1.599,93 (Tabelas 2, 3 e 4).

Tabela 2/I. *Mel - Exportação - Quantidade mundial e dos principais países – 2002-06*

(t)

Discriminação	2002	2003	2004	2005	2006
Mundo	**405.588**	**403.403**	**384.462**	**424.390**	**423.855**
Argentina	79.986	70.499	62.536	107.670	103.998
China	76.678	84.328	82.492	91.285	82.001
Alemanha	22.222	21.161	22.374	23.311	20.958
México	34.457	25.018	23.374	19.026	25.473
Hungria	15.023	15.807	14.962	18.808	19.443
Espanha	14.834	11.633	9.914	9.605	11.061
Canadá	22.921	15.041	14.021	12.376	13.594
Nova Zelândia	2.555	3.192	2.767	3.631	4.134
Brasil	12.640	19.273	21.029	14.442	14.600
Austrália	8.504	5.160	6.610	7.201	8.856
Romênia	5.793	9.643	8.758	6.634	9.606
França	3.117	2.362	2.585	3.031	3.985
Uruguai	9.471	9.177	13.357	8.876	12.083
Vietnã	15.876	10.548	15.563	16.210	14.647
Índia	6.647	6.964	10.354	16.769	8.136
Bélgica	3.732	2.498	3.402	5.105	4.928
Itália	3.802	2.537	2.694	3.899	3.594
Chile	6.228	12.810	5.393	7.159	7.482
Bulgária	4.071	6.453	5.620	3.626	4.681
Ucrânia	3.374	3.188	4.642	3.814	6.561
Subtotal	**351.931**	**337.292**	**332.447**	**382.478**	**379.821**

Fonte: FAO (julho de 2009).

Tabela 3/I. *Mel - Exportação - Valor mundial e dos principais países – 2002-06*

(US$ 1.000)

Discriminação	2002	2003	2004	2005	2006
Mundo	**697.729**	**952.573**	**864.633**	**717.251**	**809.898**
Argentina	114.170	159.894	120.537	128.503	154.141
China	80.889	106.001	92.837	93.364	108.247
Alemanha	53.465	79.291	90.092	77.897	68.861
México	65.013	67.947	57.408	31.836	48.381
Hungria	36.605	52.040	50.262	42.722	47.824
Espanha	31.983	38.385	34.875	26.402	30.062
Canadá	57.155	47.253	38.073	24.996	29.435
Nova Zelândia	9.062	15.694	18.851	25.365	26.972
Brasil	23.141	45.545	42.303	18.940	23.359
Austrália	16.281	18.078	22.845	20.361	21.636
Romênia	12.359	25.943	22.050	12.523	20.504
França	10.568	12.067	15.340	15.656	18.076
Uruguai	14.654	23.701	28.751	10.947	17.396
Vietnã	17.982	18.917	20.046	14.217	16.557
Índia	10.880	14.626	14.671	26.361	13.450
Bélgica	9.625	10.267	11.975	15.269	12.485
Itália	9.731	9.238	11.509	12.901	12.098
Chile	9.300	33.186	13.107	9.981	12.092
Bulgária	6.751	15.670	14.589	7.330	9.660
Ucrânia	4.269	5.750	7.144	5.152	9.244
Subtotal	**593.883**	**799.493**	**727.265**	**620.723**	**700.480**

Fonte: FAO (julho de 2009).

O volume de mel importado em 2006 alcançou um incremento de 3,9% em relação ao ano anterior. Houve, entretanto, um aumento de 10,7% nos desembolsos financeiros, denotando uma alta expressiva no preço médio do mel em alguns países em comparação ao ano de 2005. Em termos percentuais, o maior incremento financeiro foi registrado pelos Emirados Árabes, com 101,5%, seguidos pelos EUA, com 37,9%, Espanha, com 31,4% e Polônia, com 30,4%. As maiores quantidades adquiridas foram dos Estados Unidos, representando 28,6% das transações, seguidos pela Alemanha, com 19,8%, pelo Japão, com 9,1%, pelo Reino Unido, com 6,6% e França, com 5,0%, conforme pode ser observado nas Tabela 5 e 6.

Tabela 4/I. *Mel - Exportação - Preço médio mundial e dos principais países – 2002-06*

(US$/t)

Discriminação	2002	2003	2004	2005	2006
Mundo	**1.720,29**	**2.361,34**	**2.248,94**	**1.690,08**	**1.910,79**
Argentina	1.427,37	2.268,03	1.927,48	1.193,49	1.482,15
China	1.054,92	1.257,01	1.125,41	1.022,77	1.320,07
Alemanha	2.405,95	3.747,03	4.026,64	3.341,64	3.285,67
México	1.886,79	2.715,92	2.456,06	1.673,29	1.899,31
Hungria	2.436,60	3.292,21	3.359,31	2.271,48	2.459,70
Espanha	2.156,06	3.299,66	3.517,75	2.748,78	2.717,84
Canadá	2.493,56	3.141,61	2.715,43	2.019,72	2.165,29
Nova Zelândia	3.546,77	4.916,67	6.812,79	6.985,68	6.524,43
Brasil	1.830,78	2.363,15	2.011,65	1.311,45	1.599,93
Austrália	1.914,51	3.503,49	3.456,13	2.827,52	2.443,09
Romênia	2.133,44	2.690,35	2.517,70	1.887,70	2.134,50
França	3.390,44	5.108,81	5.934,24	5.165,29	4.536,01
Uruguai	1.547,25	2.582,65	2.152,50	1.233,33	1.439,71
Vietnã	1.132,65	1.793,42	1.288,06	877,05	1.130,40
Índia	1.636,83	2.100,23	1.416,94	1.572,01	1.653,15
Bélgica	2.579,05	4.110,09	3.519,99	2.990,99	2.533,48
Itália	2.559,44	3.641,31	4.272,09	3.308,80	3.366,17
Chile	1.493,26	2.590,63	2.430,37	1.394,19	1.616,15
Bulgária	1.658,31	2.428,33	2.595,91	2.021,51	2.063,66
Ucrânia	1.265,26	1.803,64	1.538,99	1.350,81	1.408,93

Fonte: FAO (julho de 2009).

Tabela 5/I. *Mel - Importação - Quantidade mundial e dos principais países – 2002-06*

(t)

Discriminação	2002	2003	2004	2005	2006
Mundo	**404.873**	**402.871**	**392.155**	**424.501**	**440.921**
Estados Unidos	92.007	92.151	81.027	105.543	126.071
Alemanha	98.909	93.532	88.958	95.446	87.499
Reino Unido	29.901	21.867	25.893	27.980	29.180
Japão	45.038	43.785	47.033	43.162	40.072
França	16.836	15.165	17.081	19.261	22.106
Arábia Saudita	4.920	8.991	11.360	11.264	13.362
Espanha	10.910	11.119	13.759	15.017	17.782
Itália	14.073	14.449	15.390	14.030	13.855
Holanda	5.495	9.575	7.279	11.517	10.317
Bélgica	8.561	6.652	6.859	8.246	9.764
Suíça	6.747	6.790	6.129	6.289	6.415
Áustria	5.474	4.297	4.494	5.024	5.281
Canadá	8.144	8.830	8.894	8.204	4.953
Polônia	4.550	4.488	4.089	4.950	5.093
China	4.849	6.174	8.050	6.597	5.319
Dinamarca	4.410	5.486	4.657	5.571	4.969
Suécia	2.647	2.622	2.554	2.568	2.534
Emirados Arábes	2.509	2.821	2.713	2.362	2.243
Grécia	2.755	1.609	2.662	2.680	2.410
Cingapura	1.892	2.085	1.717	1.712	2.640
Subtotal	**370.627**	**362.488**	**360.598**	**397.423**	**411.865**

Fonte: FAO (julho de 2009).

Ressalta-se que países com relativa participação na produção e com expressão nas vendas para o mercado externo também aparecem nas estatísticas como importadores expressivos. É o caso da Alemanha e da Espanha que, dentre outros, adquirem o produto *in natura* (a granel), realizam o processamento para, em seguida, disponibilizá-lo novamente no mercado. Esta é uma tática que possibilita uma maior agregação de valor ao produto, bastante usual entre os importadores.

Tabela 6 – *Mel - Importação - Valor mundial e dos principais países – 2002-06*

(US$ 1.000)

Discriminação	2002	2003	2004	2005	2006
Mundo	**704.655**	**981.395**	**931.855**	**737.505**	**816.582**
Estados Unidos	165.706	219.496	149.550	125.356	172.941
Alemanha	161.609	240.851	230.704	166.231	152.927
Reino Unido	51.695	64.229	75.117	61.836	69.581
Japão	56.362	62.014	65.012	57.424	62.124
França	35.889	49.532	54.530	43.330	50.954
Arábia Saudita	19.751	33.325	36.469	30.637	34.002
Espanha	16.919	27.269	31.463	22.175	29.136
Itália	27.900	42.382	41.621	25.909	28.338
Holanda	12.198	22.794	23.011	20.074	22.427
Bélgica	17.415	20.997	21.751	20.529	20.938
Suíça	14.401	21.950	23.105	18.717	18.509
Áustria	11.933	13.793	14.600	12.277	13.317
Canadá	14.856	18.135	17.736	16.134	11.781
Polônia	4.860	4.479	7.067	8.312	10.842
China	6.496	10.351	12.999	10.665	10.384
Dinamarca	8.464	15.185	14.429	11.019	9.781
Suécia	6.606	9.602	10.097	8.050	8.015
Emirados Arábes	6.552	5.898	7.541	3.822	7.692
Grécia	5.308	4.703	8.459	7.520	6.640
Cingapura	4.209	5.878	5.292	5.340	5.885
Subtotal	**649.129**	**892.863**	**850.553**	**675.357**	**746.214**

Fonte: FAO (julho de 2009).

Panorama nacional

Com uma extensão territorial de 8,513 milhões de quilômetros quadrados, o Brasil possui vegetação e clima diversificados que favorecem a exploração da atividade apícola em todas as unidades da Federação. No entanto, embora exista um potencial favorável, a produção nacional é ainda pouco expressiva e permite alcançar apenas o 11º lugar no ranking mundial, com participação de 2,5%. É preciso melhorar esta posição. Isto será possível à medida que os diversos segmentos da cadeia produtiva da atividade tornarem os produtos apícolas mais competitivos, mediante a melhoria de qualidade, produtividade, preços acessíveis, mais investimentos em desenvolvimento de tecnologia e inovação de processos, marketing e recursos humanos.

É significativa a contribuição do setor apícola nacional na geração de benefícios econômicos e sociais. São milhares de empregos diretos e indiretos, como, por exemplo, na polinização em pomares, nos trabalhos de manutenção dos apiários, na produção de equipamentos e no manejo de produtos e serviços apícolas (mel, própolis, pólen, cera e geléia real).

Em 2007, os dados do IBGE apresentam uma produção nacional 34,7 mil toneladas de mel, registrando-se uma diminuição de 4,0% na produção em comparação com 2006. Os estados do Rio Grande do Sul, Paraná, Piauí e Santa Catarina obtiveram as maiores produções e foram responsáveis por 55,0% do volume total produzido, conforme demonstrado na Tabela 7. Dentre as regiões, a Região Sul é líder com participação de 44,5% (com 15.468 t), seguida pela Região Nordeste com 33,4% (com 11.598 t) da produção nacional de mel. Segundo informações da Confederação Brasileira de Apicultura (CBA), estima-se que em 2008 a produção nacional de mel deva ter alcançado o patamar das 50 mil toneladas.

Salienta-se, entretanto, que em alguns estados produtores das regiões do Nordeste (Bahia, Ceará, Piauí, Rio Grande do Norte), Sudeste (Minas Gerais) e Centro-Oeste (Mato Grosso), as condições de clima (com período seco e período de chuvas), têm favorecido a exploração da atividade e permitido a obtenção de melhores rendimentos por colmeia e o consequente aumento da produção nos anos mais recentes.

A apicultura nacional continua carecendo de mais organização, de maior entrosamento entre os diversos agentes da atividade (federações, associações de apicultores, cooperativas, entrepostos de vendas, dentre outros) e da inclusão de elementos de inteligência competitiva, possibilitando uma melhor estruturação de dados e informações, tais como: produção existente, número de apicultores (profissional e amador), entrepostos de vendas (número existente, onde se encontram e qual a sua capacidade, destino das vendas), boas práticas apícolas, critérios de análise de perigos e pontos críticos de controle, incidência de pragas e doenças, monitoramento da qualidade dos produtos apícolas, pesquisas e processos de desenvolvimento de tecnologia e produtos, informações sobre embalagens e rotulagem, mercados, incluindo variação de preços, certificadoras e certificação, procedimentos legais, normas e padrões, além de outras informações cabíveis e necessárias.

Tabela 7 – *Mel – Produção nacional e dos principais estados – 2003–07*

(t)

Discriminação	2003	2004	2005	2006	2007
Brasil	**30.022**	**32.290**	**33.750**	**36.194**	**34.747**
Rio G do Sul	6.778	7.317	7.428	7.820	7.365
Paraná	4.068	4.348	4.462	4.612	4.632
Piauí	3.146	3.894	4.497	4.196	3.483
Santa Catarina	4.511	3.601	3.926	3.990	3.471
Ceará	1.896	2.933	2.312	3.053	3.137
Minas Gerais	2.194	2.134	2.208	2.482	2.625
São Paulo	2.454	2.333	2.396	2.542	2.332
Bahia	1.419	1.495	1.775	2.047	2.200
Pernambuco	653	883	1.029	1.162	1.177
Demais estados	2.902	3.351	3.717	4.290	4.325

Fonte: IBGE.

Com esses dados e informações de âmbito local, regional, estadual, nacional e internacional continuamente atualizados e à disposição, o empresário rural dedicado ao agronegócio apícola terá a possibilidade de uma tomada de decisão ágil, melhorando substancialmente a gestão do negócio. Estas mesmas condições também permitem a definição de políticas adequadas para o desenvolvimento do setor.

Atento a isso, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) criou e instituiu em 2006 a Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Mel e Produtos Apícolas. Constituída por representantes dos atores ligados ao agronegócio apícola nacional, o órgão se tornou o principal fórum de discussão e definição de políticas, diretrizes e ações para o desenvolvimento do segmento no País.

Neste sentido, vem sendo desenvolvido também, desde 2006, o Sistema Agropecuário de Produção Integrada da Apicultura (Sapiapis). Coordenado pela Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), o Sapiapis leva em consideração os aspectos abordados acima, garantindo sustentabilidade e competitividade ao agronegócio apícola e está sendo desenvolvido, em conjunto com os atores da cadeia produtiva do mel, em forma de projeto-piloto em Santa Catarina. Em 2008, a expansão do projeto Sapiapis foi iniciada, com a implantação de um novo projeto no Estado do Piauí. Sua instalação tem relevante importância para o setor, pois proporcionará a criação de métodos diferenciados, de acordo com as regiões, para uma produção com qualidade, principalmente em se tratando de Brasil, onde as diferenças climáticas e agrícolas são acentuadas, em função da sua dimensão continental.

Os Arranjos Produtivos Locais com foco na apicultura, desenvolvidos em alguns estados da Federação pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), têm sido importantes plataformas e pontos de partida para a implantação e expansão do Sapiapis.

O setor é constituído, além da Confederação Brasileira de Apicultura (CBA), de 18 federações estaduais, cerca de 400 associações ligadas ao sistema CBA, mais de 198 entrepostos cadastrados no Mapa, 200 mil apicultores e mais de 2,5 milhões de colmeias.

O número de apicultores e de colmeias aumenta sensivelmente quando se considera os agricultores que exploram a atividade apenas como uma fonte de renda complementar da família.

O consumo nacional de mel *in natura*, segundo os diversos agentes da cadeia produtiva, está em torno de 100 g/hab/ano – quantidade considerada pouco expressiva se comparada com o consumo de alguns países europeus, como Áustria, Grécia, Suíça e Alemanha, que ultrapassa a casa de 1.000 g/hab/ano.

Nestes e em outros países, já há algum tempo o mel deixou de ser uma prática de uso medicinal (cura de gripe, regulador de intestino, dentre outros) para se tornar uma fonte complementar de alimento, devido aos diversos componentes existentes nele, como açúcares, vitaminas, aminoácidos e sais minerais – considerados essenciais ao organismo humano.

A divulgação regular pelos diversos órgãos e instituições nacionais ligadas ao setor, mediante a promoção de feiras, exposições, seminários, serviços de marketing e outros meios, além de propiciar maior conhecimento sobre os benefícios resultantes do uso do mel e dos outros produtos da comeia, como geléia real, pólen e própolis, contribuirá para um provável aumento do consumo e incremento nas vendas.

No âmbito externo, devido ao embargo ao mel brasileiro imposto pela União Europeia desde o primeiro trimestre de 2006, os Estados Unidos tornaram-se o maior parceiro comercial do Brasil, com 73,9% e 90,7% das compras do mel brasileiro em 2006 e 2007, respectivamente, triplicando a sua participação em relação a 2005. Nesse mesmo contexto, em 2007 aparece também o Canadá como um parceiro importante, adquirindo 6,5% do mel produzido no Brasil.

Com o fim do referido embargo, no primeiro semestre de 2008, observou-se uma retomada do mercado europeu, principalmente em países como a Alemanha e Reino Unido. No ano, as exportações, cujo volume atingiu 18,3 mil toneladas e um montante de US$ 43,6 milhões, mantiveram os Estados Unidos como principal importador, com 64,9% das importações do mel brasileiro, seguido da Alemanha (14,8%), Canadá (4,9%) e Reino Unido (2,2%).

Em 2009, até o mês de julho, um total de 17,7 mil toneladas de mel foi exportado a um valor de US$ 44,0 milhões, o que projeta um excelente ano para as exportações do produto. Os Estados Unidos continuam sendo o principal parceiro comercial, tendo comprado cerca de 66,9% do mel brasileiro, seguido de Alemanha (18,0%), Reino Unido (7,9%) e Canadá (3,9%). O mercado europeu tem apresentado um crescimento na aquisição do mel brasileiro, o que tem estimulado os entrepostos exportadores, principalmente em função dos melhores preços pagos pelos importadores daquele bloco.

Deve-se ressaltar ainda que, desde 2007, observa-se uma diversificação no rol de países importadores do mel nacional, com destaque para a África do Sul, Taiwan, Panamá e Índia, dentre outros, situação esta que se manteve, também, durante os anos de 2008 e 2009 (Tabela 8).

O mercado paulista continua liderando as vendas nacionais (destaca-se como o maior centro receptor de mel do País) para o exterior, representando 31,1% e 27,6% das exportações em 2008 e 2009 (até julho), respectivamente.

Em 2008, o Rio Grande do Sul foi o segundo maior exportador com 20,3% do total exportado, caindo um posto em 2009 (até julho) com 14,6%; o Ceará, que em 2008 ocupava a terceira posição nas exportações com 14,1%, assumiu a segunda posição em 2009 (até julho), com aproximadamente 18% do total de mel exportado.

O Estado de Santa Catarina, que ocupou a quinta e sexta posição dentre os exportadores em 2007 e 2008, respectivamente, aumentou a sua participação nas exportações em 2009 (até julho), aparecendo em quarto lugar, com 12,9%.No mercado externo, em 2004, o mel nacional alcançou o valor médio comercializado de US$ 2.014,83/tonelada, proporcionando uma perda financeira de 17,3% em relação aos preços pagos em 2003. Em 2005 caiu ainda mais, atingindo US$ 1.311,46/tonelada. Em 2006, observa-se uma gradativa melhora nesses valores, com uma remuneração de US$ 1.600,83/tonelada – crescimento de 22,0% em comparação ao ano de 2005; em 2007 se mantém praticamente estável, com US$ 1.642,03/

tonelada; em 2008, registra uma sensível recuperação com US$ 2.384,68/tonelada e se mantém crescente em 2009 – acumulado de janeiro a julho, soma uma média US$ 2.468,78/tonelada do produto.

Tabela 8/I. *Mel – Exportação brasileira – Quantidade e valor – 2004-09*

2004			2005		
Destino	**(t)**	**US$ 1.000**	**Destino**	**(t)**	**US$ 1.000**
Alemanha	10.746	22.585	Alemanha	6.234	8.108
Reino Unido	3.773	7.660	Reino Unido	3.780	4.959
Estados Unidos	3.775	6.577	Estados Unidos	3.317	4.353
Espanha	1.206	2.576	Espanha	414	550
Bélgica	464	969	Bélgica	182	294
Polônia	366	551	Áustria	169	183
Holanda	255	381	Holanda	128	157
Itália	119	280	Polônia	101	109
Canadá	94	176	Japão	18	82
Austrália	53	108	Itália	35	52
Subtotal	**20.850**	**41.863**	**Subtotal**	**14.378**	**18.848**
Total	**21.037**	**42.386**	**Total**	**14.448**	**18.972**
2006			**2007**		
Estados Unidos	10.785	17.329	Estados Unidos	10.785	17.329
Alemanha	2.586	4.077	Alemanha	2.586	4.077
Reino Unido	831	1.251	Reino Unido	831	1.251
Bélgica	165	274	Bélgica	165	274
Canadá	134	215	Canadá	134	215
França	42	85	França	42	85
Espanha	42	82	Espanha	42	82
Itália	12	18	Itália	12	18
Japão	2	11	Japão	2	11
Angola	1	10	Angola	1	10
Subtotal	**14.598**	**23.353**	**Subtotal**	**14.598**	**23.353**
Total	**14.602**	**23.373**	**Total**	**14.602**	**23.373**
2008			**2009[1]**		
Estados Unidos	13.694	31.844	Estados Unidos	10.559	24.857
Alemanha	2.706	7.189	Alemanha	2.900	8.163
Canadá	897	2.308	Reino Unido	1.204	3.151
Reino Unido	409	954	Canadá	546	1.314
África do Sul	142	317	Holanda	187	467
Arábia Saudita	93	181	Bélgica	101	238
Índia	98	164	Dinamarca	81	181
Bélgica	62	155	França	60	167
Japão	52	130	Áustria	40	111
França	39	105	Japão	24	88
Subtotal	**18.191**	**43.347**	**Subtotal**	**15.702**	**38.737**
Total	**18.271**	**43.571**	**Total**	**15.732**	**38.839**

[1]Primeiro semestre.
Fonte: MDIC/Secex.

No período de janeiro de 2004 a julho de 2009, as maiores cotações médias pertencem aos exportadores paranaenses (2004, 2005 e 2009) e aos cearenses (2006, 2007 e 2008), destacando-se, a boa performance do mel cearense no mercado externo, com boas remunerações em comparação aos demais estados exportadores (Tabela 9).

Tabela 9/I. *Mel de abelha – Exportação – Quantidade, valor e preço médio - Ranking por estado da Federação - 2004–09*[1]

Estado	(t)	US$ 1.000	US$/t
2004			
São Paulo	8.560	17.212	2.010,70
Santa Catarina	4.183	8.518	2.036,34
Ceará	2.385	4.524	1.896,48
Paraná	1.735	3.896	2.245,48
Rio Grande do Sul	1.691	3.340	1.975,13
Piauí	1.748	3.325	1.902,83
Subtotal	**20.303**	**40.816**	**2.010,38**
Total	**21.037**	**42.386**	**2.014,83**
2005			
São Paulo	6.056	7.739	1.277,93
Ceará	2.342	3.442	1.469,94
Piauí	2.503	3.046	1.216,97
Santa Catarina	2.262	2.928	1.294,21
Rio Grande do Sul	589	760	1.290,18
Paraná	334	541	1.620,15
Subtotal	**14.086**	**18.456**	**1.310,26**
Total	**14.448**	**18.972**	**1.313,16**
2006			
São Paulo	4.756	7.629	1.604,12
Ceará	2.723	4.584	1.683,28
Santa Catarina	2.002	3.110	1.553,62
Piauí	1.940	3.005	1.548,88
Rio Grande do Sul	1.484	2.364	1.593,20
Paraná	898	1.497	1.666,30
Subtotal	**13.804**	**22.190**	**1.607,52**
Total	**14.602**	**23.373**	**1.600,68**
2007			
São Paulo	4.454	7.238	1.625,12
Ceara	1.732	3.224	1.861,76
Piauí	1.731	2.903	1.676,64
Rio Grande do Sul	1.851	2.764	1.492,59
Santa Catarina	1.445	2.222	1.537,65
Paraná	835	1.487	1.782,03
Rio Grande do Norte	555	866	1.559,61
Subtotal	**12.603**	**20.704**	**1.642,75**
Total	**12.907**	**21.194**	**1.642,03**
2008			
São Paulo	5.685	13.275	2.335,03
Ceará	2.570	6.742	2.622,95
Rio Grande do Sul	3.715	8.688	2.338,28
Santa Catarina	1.396	3.523	2.523,00
Piauí	1.966	4.406	2.240,59
Paraná	1.563	3.799	2.429,82
Rio Grande do Norte	952	2.115	2.221,57
Subtotal	**17.849**	**42.546**	**2.383,72**
Total	**18.271**	**43.571**	**2.384,68**
2009[1]			
São Paulo	4.559	11.160	2.448,23
Ceará	2.810	7.124	2.535,68
Rio Grande do Sul	2.292	5.787	2.524,91
Santa Catarina	2.002	4.917	2.456,81
Piauí	1.703	3.950	2.319,25
Paraná	1.074	2.872	2.673,14
Rio Grande do Norte	909	2.062	2.267,69
Subtotal	15.348	37.873	2.467,54
Total	**15.732**	**38.839**	**2.468,78**

[1]Acumulado nos meses de janeiro a julho de 2009.
Fonte: MDIC/Secex.

Panorama estadual

Santa Catarina possui uma vegetação natural diversificada, considerada de boa qualidade melífera, que propicia boas condições para o desenvolvimento da atividade apícola em toda a sua extensão territorial.

Além da produção de mel, a atividade apícola possibilita obter produtos como cera, própolis, geleia real, pólen, apitoxina e oferece serviços de polinização que contribuem sensivelmente na melhoria da produtividade e qualidade de produtos agrícolas (frutas, grãos, dentre outros) e das pastagens no Estado.

Estima-se que cerca de 350 mil colmeias se encontrem distribuídas em praticamente todos os municípios catarinenses e que existam aproximadamente 30 mil apicultores (entre profissionais e amadores). Deste contingente, cerca de três mil são considerados apicultores profissionais e têm na atividade sua principal fonte de renda.

O setor conta com o apoio da Federação das Associações de Apicultores de Santa Catarina (Faasc), de 73 associações de apicultores e cerca 60 entrepostos de mel construídos, sendo que, em 2008, a maioria se encontrava desativada, de acordo com a Faasc. No ano de 2009, segundo o Mapa, existem no Estado 9 entrepostos de mel e cera de abelhas, com registro no Dipoa/SDA/Mapa.

Segundo o IBGE, as maiores produções encontram-se nas mesorregiões do Oeste Catarinense, Sul Catarinense e Serrana; o rendimento médio oscila entre 14 e 26 quilos por colmeia. A variação da produtividade está diretamente relacionada com as condições climáticas (índice pluviométrico e de insolação, temperaturas, umidade relativa), localização geográfica do apiário, disponibilidade e condições de uso de florada, dentre outros fatores que normalmente influenciam o trabalho das abelhas, a qualidade e o sabor do mel.

Segundo a Faasc, a maior densidade de comeias por apicultor encontra-se nas mesorregiões Sul Catarinense e Vale do Itajaí, enquanto as melhores produtividades pertencem aos apicultores das mesorregiões Sul Catarinense, Serrana e Alto Vale.

Quanto ao uso de florada para extração do néctar pelas abelhas, na mesorregião Sul Catarinense predominam as flores de eucalipto; na Serrana e no Norte Catarinense, as flores silvestres com predominância de vassouras e bracatinga (flor e melato); no Alto Vale do Itajaí, as flores silvestres, enquanto na Oeste, as flores silvestres, a uva-do-japão e a laranjeira (Tabela 10).

Tabela 10/I. *Mel – Principal período de colheita, tipo de florada, número de comeia por apicultor e rendimento por comeia por mesorregião - Santa Catarina -2007*

Mesorregião	Período de colheita	Tipo de florada predominante	Comeia/apicultor (nº)	Rendimento/ comeia
Oeste Catarinense	Ago. a nov.	silvestre, uva-do-japão e laranjeira	7	13,1
Norte Catarinense	Set. a nov.	silvestre, vassouras e bracatinga	26	14,5
Serrana	Set. a dez.	silvestre, vassouras e bracatinga	23	18,3
Grande Florianópolis	Set. a nov.	silvestre	26	15,8
Vale do Itajaí	Ago. a dez.	silvestre	34	17,0
Sul Catarinense	Mar. a maio	eucalipto	87	25,8

Fonte: Faasc.

Historicamente, o Estado de Santa Catarina é um dos principais produtores nacionais de mel (Tabela 7), figurando até 2003 como o segundo maior produtor nacional com uma produção média de 4,5 mil toneladas. A partir de 2004, o setor apícola estadual cede lugar para as produções dos estados do Paraná e Piauí. Em 2004, as condições climáticas desfavoráveis e, sobretudo, o desastre provocado pelo “Furacão Catarina” na Região Sul Catarinense ocasionou uma queda acentuada da produção

naquela região, refletindo-se numa redução da produção do Estado - a microrregião geográfica de Criciúma, reduziu em 71% a produção de mel em relação a 2003, representando cerca de 650 toneladas a menos de mel. Em 2005, a produção catarinense recupera 9,05% do volume colhido, alcançando um total de 3,9 mil toneladas. Em 2006 as estatísticas assinalam um aumento ligeiramente superior ao de 2005, com cerca de 4 mil toneladas. Em 2007, os dados do IBGE deixaram de contemplar as produções de mel nos municípios produtores das microrregiões da Grande Florianópolis e Tabuleiro (juntas perfazem aproximadamente 270 toneladas), influenciando sobremaneira nas estatísticas finais da produção estadual que totalizam 3,471 mil toneladas (Tabela 11).

Tabela 11/I. *Mel - Produção por microrregião geográfica - Santa Catarina - 2003-07*

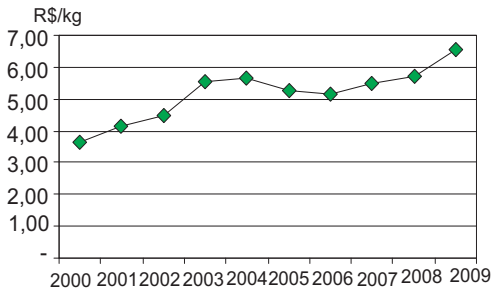
SC/MRG	2003	2004	2005	2006	2007	Part% 2006
Santa Catarina	**4.511.043**	**3.600.652**	**3.925.556**	**3.990.118**	**3.470.963**	**100,00**
Araranguá	81.000	48.600	67.440	68.300	47.945	1,71
Blumenau	107.400	73.350	69.730	109.899	203.300	2,75
Campos de Lages	575.645	573.755	607.110	581.860	571.450	14,58
Canoinhas	364.000	374.000	357.000	334.000	336.800	8,37
Chapecó	276.225	260.793	272.785	307.296	264.597	7,70
Concórdia	181.725	204.046	222.618	267.183	215.465	6,70
Criciúma	926.000	276.975	585.328	345.000	135.298	8,65
Curitibanos	121.602	115.600	102.100	102.800	96.000	2,58
Florianópolis	52.120	61.000	58.520	58.520	...	1,47
Itajaí	16.280	14.808	16.145	16.884	22.466	0,42
Ituporanga	105.100	73.000	96.000	102.500	102.500	2,57
Joaçaba	296.130	327.800	338.800	371.400	386.920	9,31
Joinville	36.445	34.499	38.832	40.365	47.113	1,01
Rio do Sul	272.100	240.000	230.700	272.900	238.500	6,84
São Bento do Sul	47.730	49.000	48.810	48.900	48.740	1,23
São Miguel do Oeste	354.400	319.500	301.000	346.900	336.925	8,69
Tabuleiro	209.000	214.000	216.100	211.600	...	5,30
Tijucas	96.200	45.980	35.400	82.400	80.000	2,07
Tubarão	259.926	170.101	148.545	203.061	226.484	5,09
Xanxerê	132.015	123.845	112.593	118.350	110.460	2,97

Fonte: IBGE.

Em 2008, devido às condições climáticas desfavoráveis em Santa Catarina, principalmente em função do excesso de chuvas na primavera na faixa litorânea, estima-se uma diminuição de cerca de um terço na produção de mel, em relação a 2007 (Faasc, Cepea).

No mercado interno, em 2008, as vendas da produção catarinense de mel mantêm-se em torno de 20%; os 80% restantes são comercializados principalmente junto aos consumidores de São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul e Mato Grosso, bem como nos Estados Unidos, principal parceiro comercial internacional dos últimos três anos, além de países da União Européia e do Canadá.

Os preços médios nominais recebidos pelo apicultor, nas principais regiões produtoras do Estado no período de janeiro de 2000 a junho 2009, são crescentes, oscilando entre R$ 3,62 e R$ 6,56 o quilo do produto. Os anos de 2003, 2004, 2007, 2008 e primeiro semestre de 2009 atingiram as melhores valorizações, consequência de um mercado mais comprador, influenciado também pelos preços internacionais mais remuneradores. Nos anos de 2000, 2001, 2002, 2005 e 2006 mantêm-se praticamente inalterados, em torno de R$ 5,00 o quilo (Figura 1).



Fonte: Epagri/Cepa

Figura *1/I. Mel - Preços recebidos pelos produtores - Santa Catarina -2000-09*

Para o segundo semestre de 2009, os preços devem manter-se um pouco mais elevados, mesmo com o aumento dos níveis de venda, pois a população catarinense está mais consciente da importância do mel como fonte complementar de alimento e de benefício para a saúde.

Para isso, é preciso que sejam mantidos os mecanismos de incentivo junto à sociedade mediante a realização de seminários, feiras, exposições e quaisquer outras formas de promoção e divulgação dos produtos e subprodutos apícolas, possibilitando dessa forma uma provável melhora nos preços ao produtor.

Luiz Marcelino Vieira
Economista - Epagri/Cepa
marcelino@epagri.sc.gov.br

Carlos Edílson Orenha
Biológo - Epagri/Cepea
orenha@epagri.sc.gov.br

Desempenho da aquicultura

Aquicultura

Como aquicultura, entende-se tudo o que se cultiva na água (a pesca apenas extrai). Os cultivos podem ser tanto em águas salgadas (a chamada maricultura) com peixes, camarões, macroalgas e moluscos (ostras, mexilhões, vieiras), quanto em água doce, com peixes, rãs e camarões-de-água-doce. A atividade vem se desenvolvendo ano após ano, conferindo ao Estado uma posição de referência nacional.

A produção aquícola catarinense, somando a maricultura e a água doce, alcançou no ano de 2007 um total de 34.795 toneladas (37.128,5 toneladas em 2006), o que equivale a 23,2% do que produz a pesca extrativa do Estado. Em nível nacional, a aquicultura representava até o ano de 2007, 26,5% da produção da pesca extrativa (Ibama 2007).

A maricultura está provocando mudanças na economia de vários municípios litorâneos por aumentar a renda nas comunidades pesqueiras tradicionais e por favorecer a atividade turística da orla marítima. No interior do Estado, a piscicultura de água doce incrementa a renda do produtor e disponibiliza a oferta de pescados cultivados, além de gerar um aumento no nível de empregos na área rural.

Desta forma, a aquicultura catarinense vem se tornando muito importante, tanto social quanto economicamente. A seguir, serão apresentadas e analisadas separadamente cada uma das atividades que compõem a aquicultura: a piscicultura de água doce (sem a ranicultura e os camarões-de-água-doce, por não serem representativos, no momento) e a maricultura.

Piscicultura de água doce

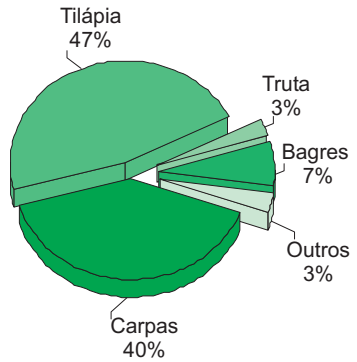
Os dados da piscicultura de água doce analisados se referem às estatísticas fechadas pela Epagri até o ano de 2007; os de 2008 ainda estão sendo levantados e serão apresentados futuramente. Os dados foram levantados pelos escritórios regionais/locais e tabulados pelo Centro de Desenvolvimento em Aquicultura e Pesca –Epagri/Cedap.

Na água doce, o produto mais representativo é o peixe. Santa Catarina ocupa lugar de destaque no cenário nacional dentre os principais produtores (Ceará, Rio Grande do Sul, São Paulo, Santa Catarina, Mato Grosso, Paraná, e Goiás), em ordem de produção conforme o Ibama, 2007. Na sua grande maioria, a piscicultura é praticada no Estado em pequena escala nas propriedades de âmbito familiar, sendo exercida como fonte de renda complementar por 18.766 produtores na chamada piscicultura colonial (não apresenta regularidade de produção) e por 2.142 produtores na piscicultura profissional ou comercial (apresenta regularidade de produção), totalizando 20.908 produtores (Epagri/Cedap, 2007).

São aproximadamente vinte espécies de peixes trabalhadas em Santa Catarina, cada uma com maior ou menor expressão na produção (algumas, ainda, em fase de pesquisas). As principais espécies em produção são as carpas (quatro espécies), a tilápia (em suas várias linhagens) e o “catfish” (bagre americano), peixes considerados de “águas mornas” (temperaturas de conforto acima de 20ºC) e, as trutas, nas águas frias (temperaturas de conforto abaixo de 20ºC). A produção destas espécies é fonte de renda para uma extensa rede que envolve piscicultores e vários negócios correlatos à cadeia produtiva (Figura 1).

Há até pouco tempo, as carpas (Comum, Cabeça-Grande, Prateada e Capim) eram as principais espécies produzidas. Mas, gradativamente, as tilápias foram ocupando a preferência do mercado e, em 2007, passaram a ser a principal espécie produzida em Santa Catarina, com 47% da produção.

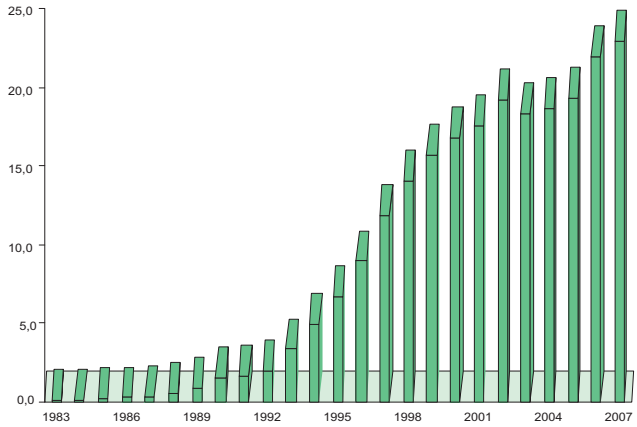
No ano de 2007 foram produzidas 22.917,5 toneladas de peixes de água doce em Santa Catarina (Figura 2), sendo 22.278,2 toneladas de águas mornas e 639,3 toneladas de águas frias, representando em valores aproximadamente R$ 82.122.250,00. A produção se concentra nas regiões do Vale do Itajaí (Alto, Médio e Baixo), Planalto Serrano, Litoral Norte, Oeste Catarinense e, na região Sul, (Vales dos Rios Tubarão e Araranguá).



Fonte: Epagri/Cedap.

Figura 1/I. *Principais espécies de peixes cultivados - Santa Catarina - 2007*

Existe um grande número de produtores que aliam a produção de peixes a empreendimentos turísticos, como pesque-pagues, pousadas rurais e hotéis-fazenda, oferecendo uma estrutura de lazer aliada a uma eficiente forma de comercialização. Esta modalidade de comercialização (através do lazer) é a que mais cresce no Estado, absorvendo em torno de 50% do peixe adulto produzido. A maioria dos empreendimentos adquire o peixe vivo já no tamanho/peso adequado, proporcionando excelente fonte de renda aos seus fornecedores. Esta linha de comercialização (pesque-pague) não tem tido problemas de abastecimento, tendo em vista que os valores pagos ao produtor são mais altos em relação a outras modalidades de comercialização (indústrias, por exemplo), garantindo preferência na entrega.



Fonte: Epagri/Cedap.

Figura 2/I. *Piscicultura - Evolução da produção (t) - Santa Catarina - 1983-07*

Outra linha de mercado que vem crescendo bastante é a indústria de beneficiamento de peixes de água doce (tilápias e "catfish"), adquirindo peixes para fazer, principalmente, filés. Este mercado absorve cerca de 15% da produção. Vale ressaltar que até mais ou menos 10 anos atrás as indústrias litorâneas trabalhavam apenas com peixes da pesca extrativa marinha e não compravam peixes de água doce. A partir de então, estas mesmas indústrias passaram a processá-los e a abastecer tanto o mercado interno quanto o externo. Ao longo do tempo, diversas novas beneficiadoras vêm se instalando no interior do Estado para processar exclusivamente peixes de água doce. Algumas são de grande porte, buscando peixes em diversas regiões, outras, de pequeno porte, absorvem matéria-prima local. Muitas destas processadoras foram construídas pela iniciativa privada, outras, ainda, contam com o apoio das prefeituras e/ou dos governos estadual e federal.

Embora Santa Catarina apresente uma das maiores produções de peixes de águas mornas (águas acima de 20º C) do País, a quantidade produzida ainda é escassa para atender ao processamento industrial e muitas das beneficiadoras estão com dificuldades de atingir o ponto de equilíbrio, ou seja, não conseguem processar/comercializar uma quantidade diária mínima que lhes permita obter lucro. Tal fato põe em risco a continuidade de vários destes empreendimentos. Um dos motivos para isso é a pequena quantidade de matéria-prima que chega até a indústria, pois os baixos preços pagos ao produtor, quase um terço a menos do que pagam os pesque-pagues, dificultam a venda para esse mercado. Se

não houver um realinhamento de preços, será difícil manter o sistema. Busca-se, num futuro próximo, o incremento da produção (a custos mais baixos) para atender ao crescente número de novas plantas processadoras que estão se instalando. O restante da produção (35%) é comercializado no chamado mercado local (propriedades, restaurantes, peixarias, supermercados, dentre outros).

Comparando-se o mercado catarinense com o de outros Estados, é notório que os valores pagos aqui são bem inferiores, impedindo o uso de sistemas de cultivo que utilizam apenas ração como forma de alimentar os peixes. Isso impõe o uso de sistemas que eliminem ou diminuam suas quantidades, pois a ração é o insumo de mais alto custo da piscicultura e sua redução visa baixar os custos de produção. Uma alternativa adotada por muitos produtores é o uso de alimentos naturais (plâncton) durante todo o cultivo e o uso de rações apenas na fase final (últimos dois a três meses) para peixes filtradores como as carpas e as tilápias, por exemplo. Com esses ajustes, os custos caem.

Em 2007 (último levantamento fechado), o número de produtores do Estado era de 20.908, enquanto em 2006 era de 23.386 (Epagri/Cedap). Existe a possibilidade de que nos próximos anos haja uma redução ainda maior deste número em função de alguns fatores. Dentre os principais, destacam-se:

1. as restrições e as exigências da legislação ambiental que têm levado muitos produtores coloniais a suspender o cultivo de peixes e a utilizar os açudes apenas como reservatórios de múltiplos usos (irrigação, dessedentação animal e, principalmente, para minimizar os efeitos das secas);

2. a elevação do custo dos insumos (ração, equipamentos, redes, etc.) afastou muitos piscicultores;

3. a diminuição do número de técnicos estatais para prestar assistência técnica devido à aposentadoria sem reposição e,

4. as constantes estiagens nas principais regiões produtoras.

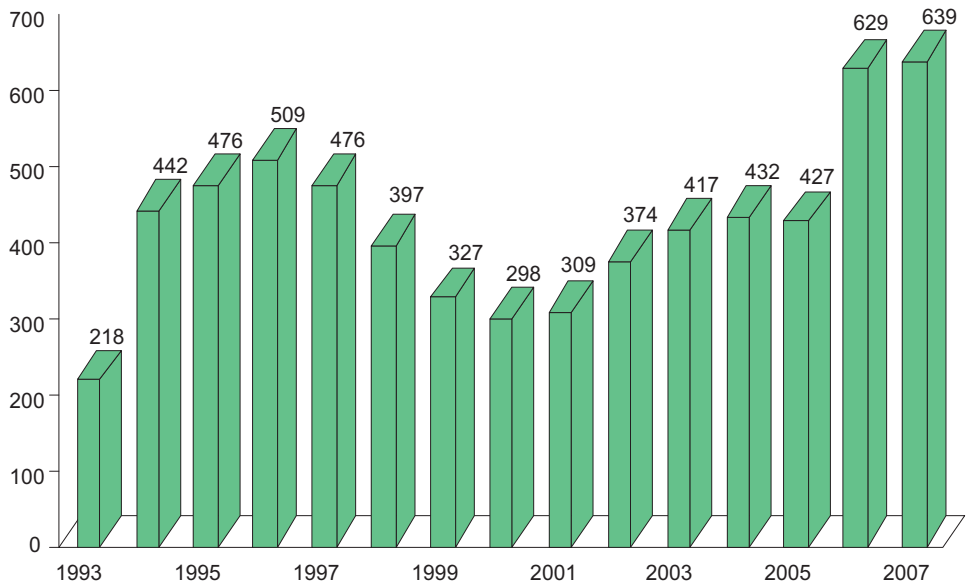
Consequentemente, a tendência da produção é estabilizar ou apresentar uma pequena elevação em função da gradativa melhoria da produtividade que a piscicultura profissional vem apresentando. Para ilustrar, compara-se: em 2006 foram produzidas 21.891 toneladas, enquanto em 2007 produziu-se 22.917 toneladas, um acréscimo de apenas 1.026 toneladas. Espera-se que outros fatores positivos (melhores valores pagos pelo mercado, por exemplo) contrabalancem a tendência de estabilização da produção. Esta tendência de melhores preços já está se fazendo sentir (final de 2008 até o presente momento – agosto de 2009).

Em relação às águas frias, em Santa Catarina a criação de trutas é conduzida nas regiões onde é possível captar águas limpas, cristalinas e frias (abaixo de 20ºC), principalmente no Planalto Serrano, onde se concentra o maior número de produtores. Além do valor gastronômico e nutricional, a presença do "ômega 3" na carne da truta torna-a mais atraente por proporcionar a redução do colesterol indesejado, beneficiando a saúde humana. Aliando os fatores gastronômicos, nutricional e a pesca desportiva, a atividade amplia o potencial turístico da região e seu incremento pode ocorrer com o fortalecimento da "Rota da Truta" (caminhos que interligam diversos municípios produtores) com positivas repercussões no turismo estadual.

A produção de trutas sofreu altos e baixos ao longo dos anos (Figura 3). As quedas da produção no final dos anos 90 se deveram, principalmente, à paridade do dólar em relação ao real (1$ = 1R$), o que possibilitou a entrada de trutas de outros países com preços mais baixos. Com a desvalorização cambial, a produção voltou a crescer.

Além das carpas, da truta e da tilápia, outro peixe que tem se destacado no cenário catarinense é o bagre americano ou "catfish". Com pouco mais de dez anos desde o início dos cultivos, esse peixe vem

se transformando em uma alternativa interessante ao produtor, pois é uma das espécies incluídas na pauta de exportação da balança comercial brasileira. Tendo como clientes o mercado americano e o europeu, o produto é agora classificado lá fora como do tipo "Natural", uma evolução na classificação mercadológica anterior, na qual era apresentado como do tipo "Premium". Isto se deve à qualidade das águas catarinenses, à forma de cultivo e aos cuidados com o processamento. Esta nova classificação permitiu que o preço pago ao produtor sofresse um reajuste positivo naqueles países, compensando, em parte, a desvalorização cambial. Mas a constante queda no valor do dólar (2008 em diante), já está se fazendo sentir entre os produtores e muitos abandonaram a atividade. Outros estão se ajustando.

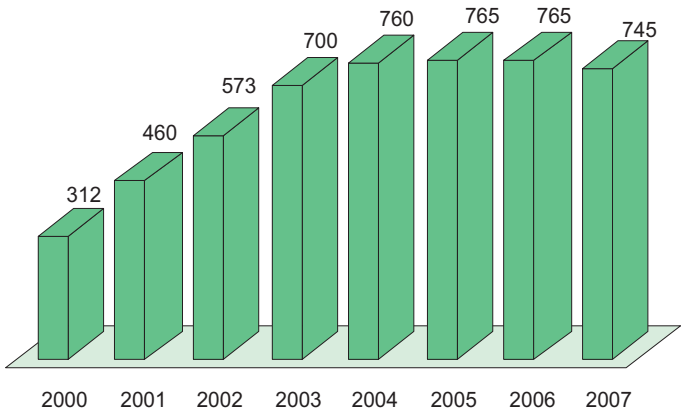


Fonte: Epagri/Cedap e Acatruta.

Figura 3/I. Piscicultura de águas frias - Evolução da produção (t) - Santa Catarina - 1993-07

Em função dos altos índices de ômega 3, dos baixos níveis de gordura, da carne extremamente branca e do excelente paladar, o "catfish" se tornou o peixe de água doce mais consumido e com a cadeia produtiva mais importante nos Estados Unidos. Por isso, a maior parte produzida em Santa Catarina é exportada para aquele país em forma de filés (19 toneladas/mês); outra, no entanto, está sendo dirigida ao mercado interno visando obter maiores alternativas mercadológicas. O restante da produção (peixes vivos) atende à pesca desportiva através dos pesque-pagues.

Conforme o levantamento entre os associados da Associação dos Criadores de Catfish do Sul – ACCS –, em 2007 a produção ficou em 745 toneladas, uma pequena queda em relação ao ano anterior (765 toneladas) em decorrência, dentre outras, da desvalorização do dólar. Ainda assim, estes números colocam Santa Catarina como o maior produtor nacional de "catfish" (Figura 4). A ACCS estima que a produção brasileira atinja algo entre 1.000 e 1.200 toneladas.



Fonte: Epagri/Cedap e ACCS.

Figura 4/I. *Catfish - Evolução da produção (t) - Santa Catarina - 2000-07*

Fernando Soares Silveira
Oceanógrafo - Epagri/Cedap
fernando@epagri.sc.gov.br

Maricultura (ostras, mexilhões, vieiras e camarões)

As características oceanográficas do litoral Catarinense reúnem as condições ideais para o cultivo de moluscos, formado por áreas protegidas (baías, enseadas), ricas em fitoplâncton (alimento dos moluscos) e temperaturas adequadas. A Universidade Federal de Santa Catarina e a Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri) são as precursoras da atividade, fornecendo tecnologia e assistência técnica aos produtores. Os parques aquícolas e as fazendas marinhas estão mapeados e plotados em carta náutica, facilitando o acesso do consumidor que poderá localizar a origem do produto que está sendo consumido. O setor produtivo está organizado em associações (municipais e estadual), cooperativas e federação de empresas. Todo este cenário confere ao Estado uma posição de excelência nacional em cultivos de moluscos bivalves, além de deter mais de 90% da produção brasileira de ostras e mexilhões cultivados.

Dois projetos estruturantes estão contribuindo fortemente para solucionar os gargalos da cadeia produtiva de moluscos. São eles: Arranjo Produtivo Local da Malacocultura (APL) e o Projeto de Indicação Geográfica da Ostra de Florianópolis. Estes projetos reúnem produtores, pesquisadores e extensionistas em comitês gestores na busca de soluções e alternativas para o setor, promovendo a integração interpessoal e interinstitucional, fortalecendo as ações e otimizando resultados e recursos.

Esses projetos proporcionaram o desenvolvimento de várias ações de comercialização e marketing, de mecanização da produção, de qualificação do produtor, de certificação do processo produtivo, de organização setorial, de certificação de origem.

Além dos projetos estruturantes, pode-se citar: o projeto de ordenamento da atividade, que são os Planos Locais de Desenvolvimento da Maricultura (PLDMs), realizados para os 13 municípios com atividades de maricultura; o Projeto de Monitoramento do Litoral Catarinense que investiga parâmetros microbiológicos, ficológicos e físico-químicos da água como subsídio para a implantação do Programa

Estadual e Nacional de Controle Higiênico Sanitário de moluscos bivalves; o projeto Sistema Contínuo de Produção de Mexilhão, o qual deverá aumentar a produtividade das fazendas marinhas em 50%, além de diminuir os custos de produção e facilitar o manejo; o Projeto Macroalgas (*Kappaphycus alvarezii*) que está desenvolvendo um pacote tecnológico de cultivo desta nova espécie constituir-se-á, futuramente, em mais uma opção de renda para o maricultor catarinense.

Em 2008, a produção total de moluscos comercializados em Santa Catarina (mexilhões, ostras e vieiras) foi de 13.107,92 toneladas, representando um aumento de 29,33% em relação a 2007. Este volume de produção proporciona uma movimentação financeira bruta estimada em R$ 29.709.300,00 para o Estado.

Atuam diretamente na produção um contingente de 643 maricultores representados por 20associações municipais, uma estadual, uma cooperativa e duas federações distribuídas em 12 municípios na região litorânea compreendidos entre os municípios de Palhoça e São Francisco do Sul.

Para uma melhor compreensão do desempenho da malacocultura catarinense, são apresentadas algumas informações sobre o comportamento de cada produto na última safra (2007/2008).

Mexilhões

Em 2008, o excesso de chuvas verificado em Santa Catarina determinou alta mortalidade de mexilhões em função da queda da salinidade da água do mar que atingiu índices mínimos de 0,5% (normal = acima de 30%), além de ter comprometido a safra de 2009, com a mortalidade massiva das sementes oriundas dos coletores artificiais (estruturas flutuantes usadas para coletar naturalmente as larvas natantes de mexilhões e não precisar raspar as pedras dos costões).

A produção comercializada de mexilhões por Santa Catarina cresceu 7,47% em relação a 2007 (Figura 5).

Considerando o volume da produção total de 10.891 toneladas, os destaques em 2008 ficaram por conta dos municípios de Palhoça, com 5.299 toneladas, representando 48,65% da produção estadual, e Penha, com 1.596 toneladas, representando 14,65% da produção, valores apresentados na Figura 6 (Epagri/Cedap 2008).

Ostras[1]

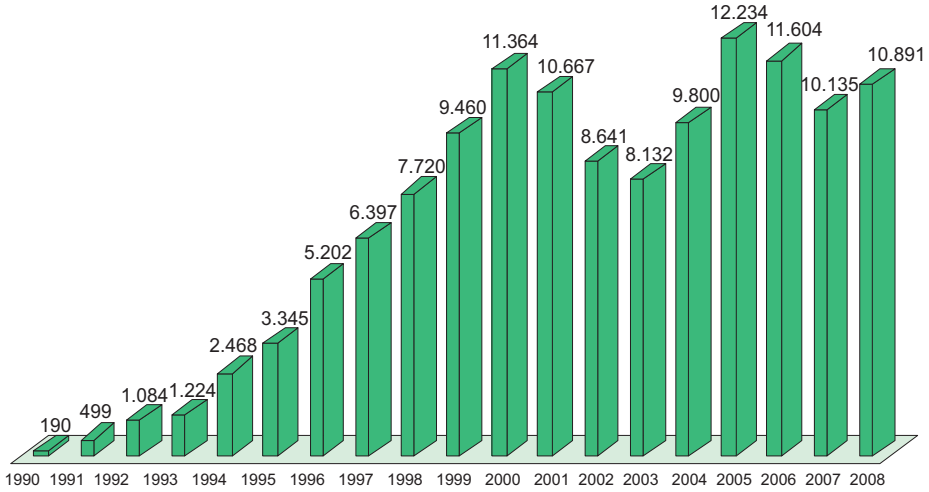
A produção de ostras comercializadas por Santa Catarina experimentou um aumento de 91,47% em relação a 2007, passando de 1.155,8 toneladas para 2.213 toneladas, porém não atingindo os patamares verificados em 2006 quando foram comercializadas 3.152,4 toneladas (Figura 7). Esta recuperação é atribuída, em parte, à credibilidade adquirida junto ao consumidor através do Projeto de Monitoramento Higiênico Sanitário de Moluscos Bivalves do Litoral Catarinense, que vem monitorando a ocorrência de algas tóxicas e informando às instituições públicas de saúde e a população em geral, em tempo real (através do Blog: www.pecmb.wordpress.com).

Os municípios que mais contribuíram para esse desempenho positivo foram: Florianópolis, Palhoça e São José, conforme Figura 8.

---

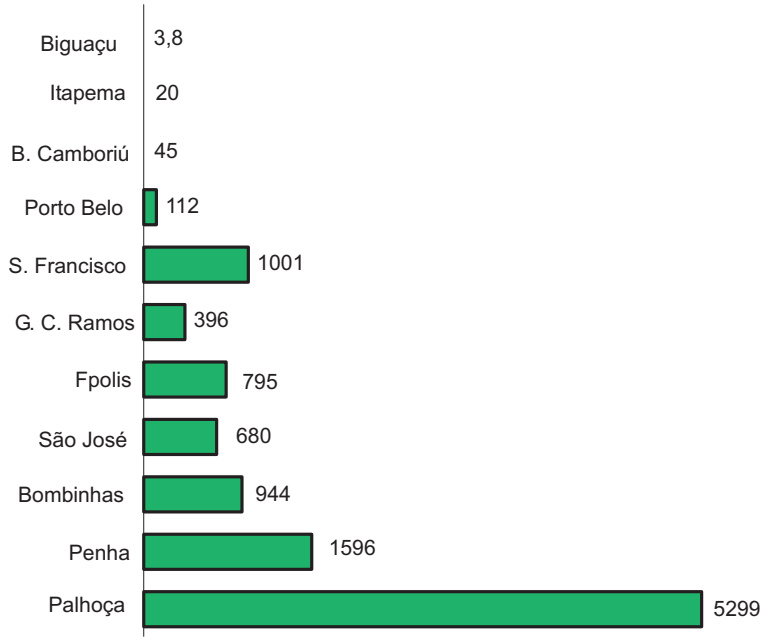
[1] As informações quantitativas de ostras e mexilhões são provenientes dos Escritórios Municipais litorâneos da Epagri e da colaboração de Guilherme Rupp, biólogo da Epagri.

- A conversão da quantidade de ostras, de dúzias para toneladas, tem como base de cálculo a relação uma dúzia = um quilo.



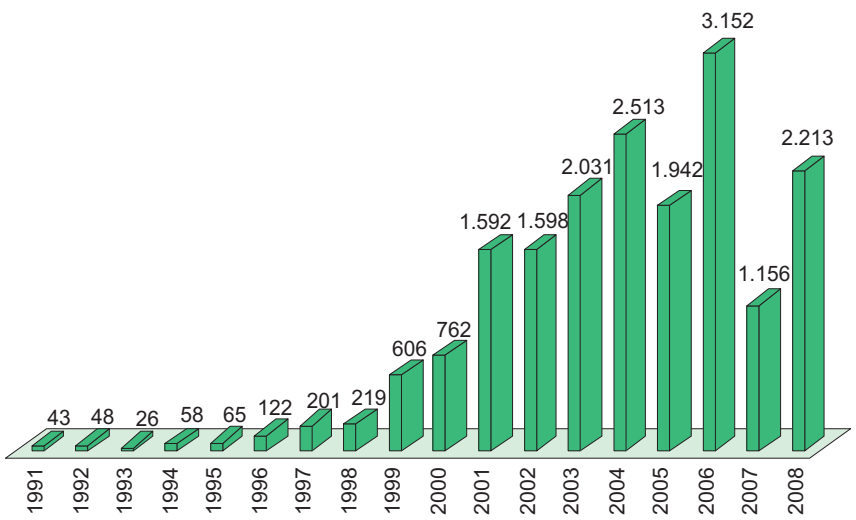
Fonte: Epagri/Cedap.

Figura 5/I. *Mexilhões - Evolução da produção (t) - Santa Catarina - 1990-08*



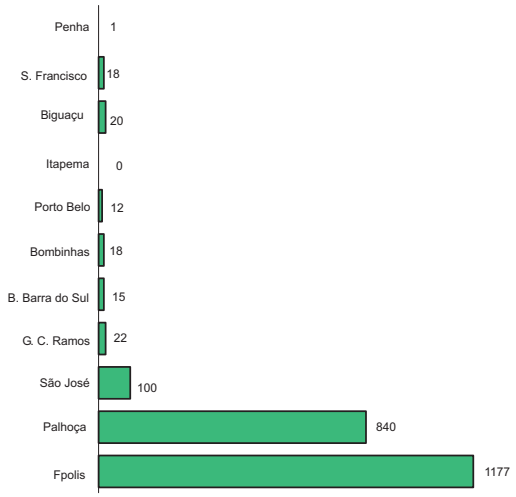
Fonte: Epagri/Cedap.

Figura 6/I. *Mexilhões - Principais municípios produtores (t) - Santa Catarina - 2008*



Fonte: Epagri/Cedap

Figura 7/I. *Ostras - Evolução da produção (t) - Santa Catarina - 1991-2008*



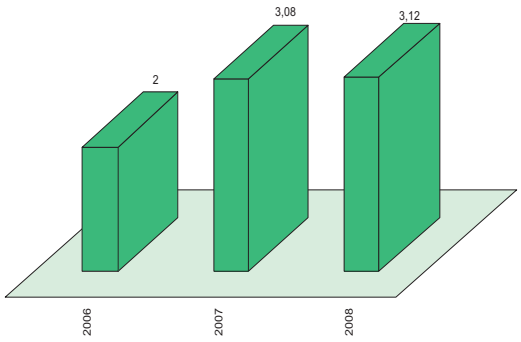
Fonte: Epagri/Cedap.

Figura 8/I. *Ostras - Principais municípios produtores (t) - Santa Catarina - 2008*

Vieiras[2]

A produção estadual de vieiras (*Nodipecten nodosus*) cresceu 1,30% em relação a 2007, passando de 3,08 toneladas para 3,12 toneladas comercializadas em 2008 por Santa Catarina (Figura 9).

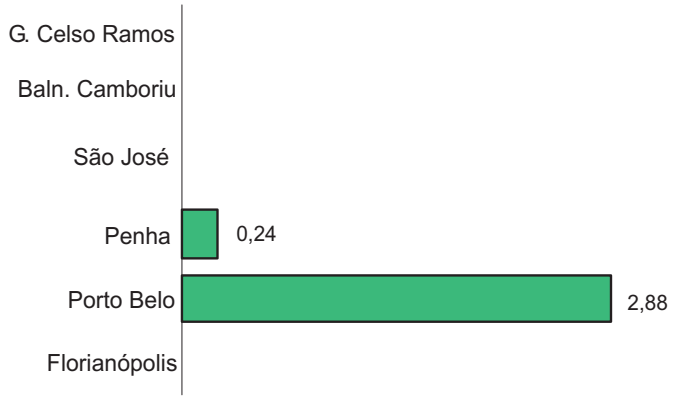
[2] A conversão da quantidade de vieiras, de unidades para toneladas, tem como base de cálculo uma vieira (tamanho médio estimado de 7cm) = 80 gramas.



Fonte: Epagri/Cedap.

Figura 9/I. *Vieiras - Evolução da produção (t) - Santa Catarina - 2006-08*

Com cerca de 25 produtores em 6 municípios, uma produção significativa de vieiras em 2008 ocorreu apenas em Porto Belo (2,88 t) e Penha (0,24 t), conforme Figura 10.



Fonte: Epagri/Cedap.

Figura 10/I. *Vieiras - Principais municípios produtores (t) - Santa Catarina - 2008*

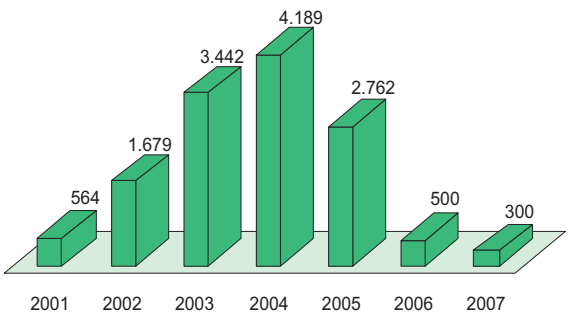
Camarões

O cultivo de camarões marinhos em cativeiro teve sua origem no Sudeste da Ásia, onde fazendas de cultivo de peixes a beira-mar obtiveram produções acidentais de camarões selvagens em viveiros abastecidos pela maré. Modernas fazendas de camarões surgiram na década de 70, quando conseguiram o suprimento de grandes quantidades de juvenis de camarões, por meio da reprodução em laboratório.

No Brasil, Santa Catarina foi o pioneiro na atividade de cultivo de camarões com a realização de pesquisas no início da década de 70 pela Associação de Crédito e Assistência Pesqueira de Santa Catarina – Acarpesc. Posteriormente, estados do Nordeste realizaram pesquisas e implantaram empreendimentos

privados, tornando-se uma atividade de grande importância socioeconômica para a região. No início, o setor enfrentou uma série de problemas, principalmente no que se refere a tecnologias de cultivo, disponibilidade de rações e espécies com baixa produtividade (nativas). Com a introdução da espécie exótica *Litopenaeus vannamei,* no início dos anos 90, a atividade entra em fase de consolidação em todo o território nacional. Em Santa Catarina, a UFSC e a Epagri, em parceria com a Associação Catarinense de Criadores de Camarão (ACCC) e outras instituições governamentais, criaram o Programa Estadual de Cultivo de Camarões Marinhos, visando ao crescimento ordenado da atividade.

A produção de camarões vinha em franco crescimento no Estado até o ano 2004 quando produziu 4.189 toneladas. A partir do ano de 2005, no entanto, a produção passou a sofrer uma queda acentuada, tendo sido produzidas naquele ano 2.762 toneladas. No ano de 2006 foram produzidas 500 toneladas e, em 2007, apenas 300 toneladas (Figura 11) (Epagri/Cedap 2008). Essa queda abrupta teve como principal causa o surgimento da enfermidade denominada Mancha Branca (Síndrome do Vírus da Mancha Branca - WSSV), a mesma que ocasionou sérios prejuízos nos principais países produtores ao redor do mundo. Apesar dos vários esforços realizados para o combate e o controle da enfermidade, não existem perspectivas para o retorno da produção aos patamares anteriores. Atualmente, a UFSC e a Epagri estudam alternativas (cultivo de camarões e peixes juntos, por exemplo), para tentar resolver a crise financeira que se abateu sobre os produtores, além de estudos de combate ao vírus incidente (colaboração de Sérgio Winckler da Costa, oceanógrafo da Epagri).



Fonte: Epagri/Cedap, UFSC e ACCC.

Figura 11/I. *Camarão - Evolução da produção (t) - Santa Catarina - 2001-07*

Os camarões cultivados de Santa Catarina nos anos de 2005 e 2006 foram comercializados basicamente dentro do Estado, obtendo baixos preços, principalmente pela concorrência de camarões provenientes de cultivo de estados do Nordeste e da pesca extrativa da Lagoa dos Patos (RS).

Alex Alves dos Santos
Engº Agrônomo - Epagri/Cedap
alex@epagri.sc.gov.br

Desempenho do Setor Florestal

Produção, consumo e comércio internacional de produtos florestais

O mercado mundial de produtos florestais sofreu forte retração em 2008

A cobertura florestal mundial é de quase quatro bilhões de hectares. A Rússia, o Brasil e os EUA são os maiores detentores de florestas naturais. A superfície de plantações florestais vem aumentando nos últimos anos e é cada vez maior a contribuição das florestas plantadas no fornecimento de matérias-primas florestais.

A China, os Estados Unidos, a Rússia e o Japão são os maiores detentores de florestas plantadas para o fornecimento de madeira à indústria florestal. Na China são plantados cerca de seis milhões de hectares por ano com florestas, a maior parte para fins comerciais. O Brasil com pouco mais de 6,5 milhões de hectares, é o quinto país no ranking mundial dos maiores detentores de florestas comerciais plantadas.

A produção e o consumo mundial de madeira têm crescido sistematicamente até 2007, ano em que a produção total de madeira bruta, destinada a todos os usos, alcançou 3,6 bilhões de m^3 (Tabela 1). Em ordem, os EUA, a Índia, a China, o Brasil, a Rússia e o Canadá, são os maiores produtores e respondem por quase a metade da produção mundial. Grande parte da produção ainda é consumida para gerar energia, em geral sob a forma de lenha, com os maiores volumes na Índia, China e Brasil.

Tabela 1/I. *Produção mundial de madeira em toras[1] segundo os principais países - 2003-07*

(m^3)

País	2003	2004	2005	2006	2007
Estados Unidos da América	448.513.255	461.739.180	467.347.350	457.048.000	444.003.000
Índia	321.027.107	326.649.344	328.677.293	329.444.448	330.210.200
China	309.898.962	305.923.205	302.028.326	298.169.916	294.401.900
Brasil	256.081.238	243.395.060	255.879.508	239.549.899	244.962.142
Rússia	174.000.000	178.400.000	185.000.000	190.600.000	207.000.000
Canadá	179.642.000	208.073.000	203.121.000	188.193.000	195.907.000
Indonésia	112.004.236	109.060.276	104.439.356	98.817.686	103.423.886
Etiópia	94.533.392	95.957.336	97.408.674	98.631.059	100.059.100
República Democrática do Congo	72.483.264	73.857.400	75.264.400	76.448.004	77.660.800
Suécia	67.100.000	67.300.000	98.200.000	64.600.000	77.200.000
Alemanha	51.182.000	54.504.000	56.946.000	62.290.000	76.728.076
Nigéria	69.867.216	70.270.440	70.692.260	71.047.309	71.418.000
França	32.828.000	33.647.000	63.171.000	61.790.177	62.759.000
Demais países	1.199.041.430	1.221.587.503	1.243.455.115	1.273.973.014	1.305.676.176
Total Mundial	**3.388.202.100**	**3.450.363.744**	**3.551.630.282**	**3.510.602.512**	**3.591.409.280**

[1]Refere-se a toda a madeira bruta em estado natural, incluindo madeira para: serraria, fabricação de painéis reconstituídos, celulose e papel, produção de carvão vegetal, de lenha e qualquer outra forma de uso da biomassa florestal.
Fonte: FAO - Base de Dados Estatísticos. Disponível em http:// www.fao.org. , acesso em maio de 2009.

A indústria de madeira consumiu em 2007, no mundo, o montante de 1,71 bilhões de m^3 de madeira bruta, ultrapassando o volume *record* até então, atingido em 2005. A maior parte da produção de madeira para transformação industrial ocorre no Hemisfério Norte, com mais de 40% do volume sendo produzido nos EUA, Canadá e Rússia (Tabela 2).

Tabela 2/I. *Produção mundial de madeira em toras para uso industrial*[1] *segundo os principais países - 2003-07*

(m³)

País	2003	2004	2005	2006	2007
Estados Unidos	405.613.000	418.131.000	423.456.000	412.134.000	393.313.000
Canadá	176.799.000	205.273.000	200.247.000	185.196.000	192.995.000
Rússia	126.600.000	130.600.000	138.000.000	144.600.000	162.000.000
Brasil	120.538.762	106.758.315	118.123.180	100.766.905	105.131.142
China	94.664.100	94.668.400	94.669.400	94.664.900	94.664.900
Suécia	61.200.000	61.400.000	92.300.000	58.700.000	71.300.000
Alemanha	45.415.000	48.657.000	50.905.000	54.000.000	68.028.811
Finlândia	49.246.000	49.280.858	47.115.985	45.521.308	51.662.438
Chile	24.289.000	29.477.000	32.529.000	33.217.000	38.694.000
Indonésia	32.496.500	32.496.500	30.719.500	28.098.500	35.598.500
Polônia	27.204.000	29.337.000	28.531.300	28.766.800	32.460.959
França	30.540.000	31.289.000	28.253.000	28.591.795	29.330.000
Austrália	25.714.000	26.332.000	26.332.000	26.735.000	27.083.000
Índia	18.828.100	22.810.000	23.192.200	23.192.200	23.192.200
Malásia	23.357.000	25.351.000	25.186.000	23.178.000	22.190.000
Nova Zelândia	21.230.000	19.761.000	19.005.000	19.300.000	20.258.000
Demais países	319.689.975	325.566.879	323.395.692	328.089.985	337.325.335
Total Mundial	**1.603.424.437**	**1.657.188.952**	**1.701.960.257**	**1.634.752.393**	**1.705.227.285**

[1]Refere-se a toda a madeira bruta em estado natural, incluindo madeira para: serraria, fabricação de painéis reconstituídos, celulose e papel e outros fins industriais.
Fonte: FAO - Base de Dados Estatísticos. Disponível em http:// www.fao.org. , acesso em maio de 2009.

O Brasil é o quarto produtor mundial de madeira industrial, respondendo por mais de 6% do total. Em quase todos os países o destino principal das toras é o processamento mecânico, principalmente na produção de madeira serrada. O restante é destinado à produção de papel e celulose, compensados, painéis reconstituídos e outros usos.

Os EUA, o Canadá e a China são os grandes produtores mundiais de celulose de mercado. Estes três países produzem cerca da metade da celulose mundial (Tabela 3). Nos últimos anos vem se observando um claro movimento de redução na produção dos países tradicionalmente grandes produtores, como é o caso do Canadá e dos EUA, enquanto a China, o Brasil e o Chile vêm expandindo suas produções.

Tabela 3/I. *Produção mundial de celulose*[1] *segundo os principais países - 2003-07*

(t)

País	2003	2004	2005	2006	2007
Estados Unidos	52.541.714	53.816.954	54.164.336	53.074.122	51.622.015
Canadá	26.003.000	26.222.000	25.350.000	23.481.000	22.145.000
China	16.211.200	16.311.200	17.111.200	18.976.200	19.886.200
Finlândia	11.948.000	12.614.000	11.134.000	13.615.000	12.856.000
Suécia	11.737.200	12.464.000	11.959.000	12.240.000	12.402.000
Brasil	9.104.000	9.529.000	10.352.000	11.243.000	11.998.000
Japão	10.572.000	10.703.000	10.805.000	10.847.000	10.850.000
Rússia	6.605.000	6.780.000	6.877.000	6.882.000	6.830.000
Indonésia	5.587.000	5.587.000	5.587.000	3.682.000	5.282.000
Demais países	34.499.510	35.963.333	36.473.580	36.718.900	38.129.341
Total mundial	184.808.624	189.632.487	189.813.116	190.759.222	192.000.556

[1]Refere-se à celulose de mercado.
Fonte: FAO - Base de Dados Estatísticos.
Disponível em http://www.fao.org., acesso em maio de 2009.

No segmento de papéis, os EUA e a China se destacam como os grandes produtores, tendo respondido, juntos, por 42% da produção mundial em 2007, a qual atingiu 383,6 milhões de toneladas (Tabela 4). Ressalte-se o forte crescimento da produção chinesa nos últimos anos, com um incremento médio de 13% aa. entre 2003 e 2007.

Tabela 4/I. *Produção mundial de papel e cartões segundo os principais países – 2003-07*

(t)

País	2003	2004	2005	2006	2007
Estados Unidos	80.712.166	82.084.368	83.697.335	84.316.937	83.826.154
China	47.529.000	54.029.000	60.526.000	69.526.000	78.026.000
Japão	30.457.000	29.253.000	29.295.000	29.459.000	28.930.000
Alemanha	19.310.000	20.391.000	21.679.000	22.656.000	23.172.000
Canadá	19.964.000	20.462.000	19.498.000	18.189.000	18.113.000
Finlândia	13.058.000	14.036.000	12.391.140	14.140.360	14.334.000
Suécia	11.061.600	11.589.000	11.775.000	12.066.000	11.902.000
Coreia do Sul	10.148.000	10.511.000	10.254.000	10.703.000	10.932.000
Itália	9.491.000	9.667.000	9.999.371	10.011.000	10.112.000
França	9.939.000	10.255.000	10.332.000	10.006.200	9.870.500
Rússia	6.377.000	6.830.000	7.126.000	7.434.000	7.559.000
Indonésia	7.040.000	7.223.000	7.223.000	7.223.000	7.223.000
Espanha	5.437.000	5.526.000	5.697.000	6.898.200	6.714.000
Brasil	7.811.000	8.221.000	8.411.000	5.834.000	5.836.000
Demais países	62.409.772	65.369.190	66.477.073	67.573.969	67.053.748
Total mundial	**340.744.538**	**355.446.558**	**364.380.919**	**376.036.666**	**383.603.402**

Fonte: FAO - Base de Dados Estatísticos.
Disponível em http://www.fao.org, acesso em maio de 2009. 2009.

O comércio mundial de produtos florestais vem apresentando crescimento bastante expressivo nos últimos anos. Entre 2003 e 20007, as exportações globais cresceram quase 11% aa. (Tabela 5). O Canadá ainda é o mais importante país exportador de produtos florestais, mas vem perdendo importância relativa neste mercado. Por outro lado, países de menor peso no mercado mundial, mas que dispõem de importantes bases florestais, como a Rússia, O Brasil, a Indonésia e o Chile, embora continuem com pouca participação, vêm gradativamente conquistando importantes espaços no mercado internacional.

Tabela 5/I. *Valor das exportações mundiais de produtos florestais segundo os principais países – 2003-07*

(US$ 1,000.00)

País	2003	2004	2005	2006	2007
Canadá	24.029.929	29.511.116	29.440.315	28.222.864	26.250.342
Alemanha	13.486.438	16.037.909	17.823.502	18.379.958	20.995.879
Estados Unidos	14.182.189	15.861.216	17.000.230	18.481.541	20.899.163
Suécia	11.007.472	12.903.861	13.219.192	14.552.528	16.591.883
Finlândia	12.075.099	13.535.583	12.102.394	14.342.817	15.895.730
Rússia	4.981.392	6.404.669	7.688.932	8.739.661	11.231.175
China	4.465.317	5.519.052	6.830.784	8.874.014	10.788.695
França	6.325.341	7.233.598	7.346.748	7.699.409	8.615.128
Áustria	5.517.253	6.211.061	6.018.589	6.649.247	8.383.536
Brasil	3.500.610	4.654.318	5.499.522	5.618.474	7.186.667
Indonésia	4.657.279	4.928.799	5.363.502	6.169.814	6.572.861
Bélgica	4.065.428	4.623.436	4.892.904	5.632.656	5.793.381
Itália	2.956.303	3.444.768	3.507.179	4.785.429	5.521.357
Países Baixos	3.294.131	3.400.270	3.745.629	4.030.448	4.725.044
Demais países	37.162.333	44.508.635	47.620.178	51.387.125	58.625.014
Total mundial	**151.706.514**	**178.778.291**	**188.099.600**	**203.565.985**	**228.075.855**

Fonte: FAO - Base de Dados Estatísticos.
Disponível em http://www.fao.org, acesso em maio de 2009.

Do lado das importações de produtos florestais, os EUA e a China se destacam, somando mais de 20% do total mundial em 2007. Também são grandes importadores a Alemanha, o Japão, o Reino Unido, a Itália e a França (Tabela 6). Os papéis, a madeira serrada, os painéis de madeira e a celulose são os produtos mais importantes deste mercado.

Tabela 6/I. *Valor das importações mundiais de produtos florestais segundo os principais países - 2003-07*

(US$ 1,000.00)

País	2003	2004	2005	2006	2007
Estados Unidos	24.535.277	31.446.273	32.089.835	31.689.113	28.805.606
China	17.162.893	19.204.865	19.923.114	21.698.811	25.112.288
Alemanha	13.735.804	15.309.296	15.390.398	16.119.324	18.232.321
Reino Unido	9.960.599	11.312.499	10.886.751	11.343.301	13.620.761
Japão	10.983.238	12.903.704	11.997.204	12.777.951	12.335.273
Itália	8.605.126	9.507.381	8.870.640	10.455.722	12.028.893
França	8.175.126	9.085.387	9.068.103	9.628.185	11.536.098
Países Baixos	5.056.065	5.288.971	5.756.012	6.248.240	7.413.741
Espanha	5.083.557	5.173.207	5.824.414	6.326.040	7.262.850
Bélgica	4.693.437	4.678.459	5.322.147	5.881.156	6.064.356
Canadá	4.278.631	4.730.671	4.920.866	5.132.528	5.397.997
Coréia do Sul	3.619.199	3.937.312	3.991.635	4.299.744	4.998.428
Demais países	46.199.377	55.477.125	61.208.659	66.593.390	79.437.256
Total mundial	**162.088.329**	**188.055.150**	**195.249.778**	**208.193.505**	**232.245.868**

Fonte: FAO - Base de Dados Estatísticos.
Disponível em http://www.fao.org, acesso em maio de 2009.

No comércio internacional de produtos florestais os EUA são os grandes produtores, importadores e, principalmente, consumidores. A Alemanha, de modo semelhante aos EUA, figura como grande produtora, consumidora, exportadora e importadora, revelando grande abertura comercial em relação ao setor. A Rússia, o Brasil e a Indonésia são grandes produtores e consumidores, mas com ainda baixa participação no comércio mundial, embora com tendência de crescimento. O Canadá, a Finlândia e a Suécia são os grandes exportadores e detém os maiores saldos comerciais no setor. Por outro lado, a China apesar de grande produtora tem um elevado déficit de produção e, juntamente com o Japão, o Reino Unido e a Itália é grande importadora líquida desses produtos.

O ano de 2008, marcado pela grande crise da economia mundial, será lembrado como um ano de forte retração na produção e no comércio mundial de produtos florestais, a exemplo do ocorrido com as principais commodities.

A crise, iniciada no setor de construção civil estadoudinense, reduziu drasticamente o ritmo de construção de novas casas naquele país, especialmente em 2008. Ao longo do primeiro semestre de 2009 tem se observado uma expressiva redução no consumo de madeira na América do Norte e na Europa. Para o ano de 2009, é esperado que nos EUA seja construída apenas a metade da média histórica anual de casas novas.

Este processo de retração da atividade no setor florestal impactou de forma diferente os seus segmentos em diferentes partes do mundo. A produção de madeira teve uma forte queda nos EUA, no Canadá e na Finlândia. Com isso, os preços das toras, que nos últimos anos, vinham sofrendo pressões altistas, apresentaram no início de 2009 uma forte queda na Europa, nos EUA e no Canadá, em relação ao início de 2008. Na Europa, as quedas de preços das toras variaram de 25% em países como Alemanha e Áustria a até 50% como nos países bálticos.

Para o Canadá, que é o maior *player* mundial no mercado florestal, a redução no preço de sua matéria-prima (toras) e a desvalorização do dólar canadense, melhoram suas condições de competir no mercado internacional. Por outro lado, a indústria florestal da Finlândia, da China e do Japão, dependente da importação de toras da Rússia, vem sentido mais dificuldades devido à taxação progressiva imposta pela Rússia às suas exportações de toras[1]. A Rússia vinha exportando, por ano, cerca de 30 milhões de

[1] Com o objetivo de induzir uma maior transformação industrial interna para agregação de valor, a Rússia resolveu desincentivar a exportação de toras via taxação progressiva de sua exportação até atingir o patamar de 50 euros por m³ de toras exportados.

m^3 de toras, abastecendo cerca de 1/3 do consumo industrial da Finlândia e cerca de 20% da madeira consumida pela indústria Chinesa e Japonesa.

A China, é o terceiro país maior exportador de produtos da madeira, mas vem perdendo vantagens competitivas para o Vietnan, o maior exportador mundial de compensados. As importações de toras para todos os usos vinham crescendo na China até o aparecimento da crise, mas a tendência é ser cada vez mais dificultada, especialmente pela restrição imposta pela Rússia às suas exportações de madeira em estado bruto. A China chegou a absorver 70% das exportações russas de toras. Do mesmo modo, o abastecimento interno de matéria-prima florestal na China, tem sido cada vez mais difícil, mesmo contando com plantios florestais de cerca de 6 milhões de hectares por ano.

Devido ao grande crescimento da produção de papel na China nos últimos anos, o país está cada vez mais dependente da importação de fibras. Atualmente, estima-se que 40% das fibras consumidas pela China sejam importadas. Isto vem facilitando o mercado para a celulose de países exportadores como o Brasil. Segundo a Bracelpa, as vendas de celulose do Brasil para China aumentaram quase 30% nos cinco primeiros meses de 2009, em relação ao mesmo período de 2008.

A crise da construção civil dos EUA, iniciada em 2007, dá sinais de que se estenderá até o segundo semestre de 2009 e a recuperação do mercado deverá começar somente em 2010. Segundo analistas internacionais, isso poderá produzir uma demanda reprimida por casas naquele país. A expectativa é de um crescimento expressivo no mercado norteamericano da construção civil nos próximos anos, embora não seja esperado que atinja as fabulosas taxas de crescimento vivenciadas na primeira metade desta década.

O segundo trimestre deste ano mostrou sinais de que o pior momento do mercado mundial de madeira já está ficando para trás. Os preços da madeira serrada deu sinais de ligeira recuperação em muitas regiões do mundo, muito embora isto pode estar expressando apenas o enfraquecimento do dólar frente às diferentes moedas.

Com a esperada retomada da construção civil nos EUA no próximo ano, analistas estimam que o período 2010-2013 possa apresentar um forte crescimento no mercado de produtos florestais naquele país, com destaque para os painéis de madeira reconstituída como OSB e MDF. No consumo de madeiras para assoalhos, há uma tendência de gradativa substituição de madeira maciça por madeira laminada e engenheirada.

No setor de celulose e papel a retração dos preços internacionais foi muito intensa durante a crise, chegando a decair, no auge da crise, a níveis quase 50% inferiores em relação ao pico atingido em meados de 2008. Na Europa, a celulose de fibra longa, tipo NBSK (de coníferas), após ultrapassar US$ 900,00/t em julho de 2008, fechou o ano cotada a US$ 623,00/t. Em primeiro de setembro de 2009 já apresentava um crescimento de 10% em relação ao início do ano (Foex, 2009: www.foex.fi).

A celulose de fibra curta tipo BHKP (de eucalipto), também sofreu forte queda em seus preços com a crise financeira mundial. Após apresentar aumentos sistemáticos de preços no mercado internacional nos últimos anos e atingir US$ 840.00/t em julho de 2008, seus preços fecharam aquele ano na casa dos 540,00 dólares por tonelada, níveis 36% inferiores. No início de setembro de 2008 os preços praticados na Europa para a celulose de eucalipto eram 3% superiores ao início do ano, mostrando sinais de recuperação, embora de forma mais lenta que os preços da celulose de coníferas.

Para as próximas décadas, a expectativa é de que o mercado global de celulose venha a se expandir vigorosamente, chegando a duplicar o comércio internacional da *commodity*. Por apresentarem vantagens comparativas na produção de matérias-primas com base na silvicultura, as regiões tropicais e subtropicais devem aumentar rapidamente suas importâncias no mercado mundial de celulose, em detrimento da participação dos países do Hemisfério Norte. A expectativa é de que até 2020 o Hemisfério Sul contribua com mais de 25% da oferta internacional de celulose de mercado.

Devido a estas vantagens, está em curso um processo de deslocamento dos grandes fabricantes mundiais de celulose e papel em direção à instalação de novos projetos florestais nos países do Sul. O Brasil, está sendo um ator privilegiado neste cenário, atraindo vários projetos de produção de celulose, com a abertura de novas regiões produtoras. Em 2008 o Brasil produziu quase 13 milhões de toneladas de celulose de mercado e a expectativa do setor é de agregar mais cinco milhões de toneladas até 2015, vindo a se consolidar como um dos maiores *players* mundiais neste mercado. O País já é o maior exportador mundial de celulose de fibra curta, produzida a partir do eucalipto.

Produção e mercado de produtos florestais no Brasil

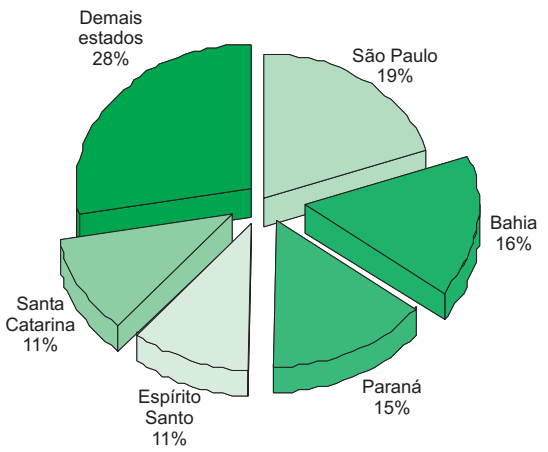
A crise financeira teve um forte impacto nas exportações brasileiras de produtos florestais.

O Brasil possui a segunda maior área de florestas do Planeta. São quase 480,0 milhões de hectares cobertos com florestas, dos quais apenas 6,6 milhões de hectares são de florestas plantadas para fins comerciais. As áreas protegidas federais, compostas por unidades de conservação federais e terras indígenas somam mais de 170 milhões de hectares e representam mais de um terço das florestas do país.

As florestas plantadas são responsáveis pela totalidade do fornecimento de matéria-prima ao setor de papel e celulose e pela maior parte da matéria-prima consumida pela indústria de madeira e de móveis no Brasil. Muito embora tenha sido desenvolvida ao longo dos anos uma importante capacidade tecnológica e gerencial em vários segmentos da cadeia produtiva florestal, a capacidade competitiva da indústria brasileira no mercado mundial está fortemente vinculada à vantagem comparativa que o País apresenta na produção de suas matérias primas florestais.

O Produto Interno Bruto (PIB) do setor florestal brasileiro em 2007 foi estimado em 44,6 bilhões de dólares, correspondendo a cerca de 3,4% do PIB da economia nacional (STCP, 2007, apud FIESC, 2009). O Brasil é o maior produtor florestal da América Latina e sua indústria processa mais de 120 milhões de m^3 de madeira por ano. O setor emprega direta e indiretamente 8,6 milhões de pessoas e arrecada anualmente, em impostos, 7,2 bilhões de dólares (STCP, 2007, apud FIESC, 2009).

Em 2008, as exportações florestais alcançaram 9,5 bilhões de dólares, representando 5,0% do total das exportações brasileiras. Os estados de São Paulo, do Paraná e da Bahia são os mais importantes, contribuindo com a metade do valor total exportado de produtos florestais (Figura 1). Desde 2001 as exportações florestais brasileiras têm crescido sistematicamente com taxas expressivas, graças ao bom desempenho do setor de papel e celulose. Em 2008 as exportações de papel e celulose foram 24% superiores em valor, quando comparadas com 2007. No o primeiro semestre de 2008, antes da manifestação da crise, o mercado esteve muito favorável aos exportadores de celulose, com encomendas e preços em elevação até o mês de julho.



Fonte: MDIC/Secex.

Figura 1/I. *Produtos florestais - Participação (%) dos principais estados nas exportações Brasil - 2008*

Já a indústria de processamento mecânico e de painéis de madeira reconstituída foi fortemente atingida pela crise e viu suas

exportações diminuírem 17% em 2008, em relação ao ano de 2007. A crise da *subprime,* iniciada em 2007, envolvendo a indústria de construção civil nos EUA e que acabou tendo influência direta na crise financeira internacional que eclodiu em outubro de 2008, afetou fortemente as exportações brasileiras, pois, os EUA são o maior importador de madeira brasileira destinada à construção civil.

O segmento de móveis, que havia reduzido suas exportações em 2006, apresentou uma recuperação em 2007, mas voltou a ter suas exportações encolhidas em 2008 (menos 3%).

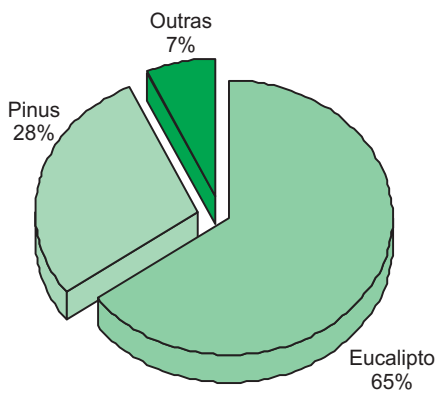
Nos primeiros sete meses de 2009 o valor das exportações brasileiras de produtos florestais foi 30% inferior a igual período do ano anterior, uma queda maior que a apresentada pelo conjunto das exportações brasileiras (menos 24%). Neste período, o segmento de papel e celulose foi o que apresentou a menor queda (menos 21%). Houve um expressivo aumento dos volumes exportados de celulose, especialmente para a China, mas não foram suficientes para compensar a forte queda nos preços praticados ao longo do primeiro semestre.

O valor exportado pelo segmento de produtos da madeira, exceto móveis despencou nos primeiros sete meses de 2009, ficando pouco acima de 50% do valor alcançado em igual período de 2008, que já foi fraco. Para estes produtos houve uma grande diminuição das vendas aos EUA, o principal comprador brasileiro.

Produção e consumo de matéria-prima florestal

Os plantios de eucalipto no Brasil continuam em ritmo acelerado e os ganhos de produtividade seguem crescendo

A silvicultura comercial no Brasil abrange uma área de 6,6 milhões de hectares plantados. O eucalipto é a espécie mais plantada, representando 65% dos plantios comerciais de florestas (Figura 2). As áreas plantadas com pínus e eucalipto no Brasil em 2008, espécies madeireiras mais utilizadas, somavam 6,1 milhões de hectares (Tabela 7). Os cinco estados com as maiores áreas cultivadas (MG, SP, PR, SC e BA) detém 76% da área plantada com estas duas espécies.



Fonte: Abraf, 2009.

Figura 2/I. *Participação (%) das espécies nos plantios florestais - Brasil - 2008*

Em 2008 foram plantados quase 300 mil hectares de eucalipto, além das áreas que foram reformadas[2], um acréscimo de 5% na área existente. As maiores contribuições na implantação de novas áreas foram dadas pelos estados de Mato Grosso do Sul e do Rio Grande do Sul, onde projetos de instalação de novas plantas de celulose demandam uma rápida expansão da capacidade de suprimento de matérias-primas.

Nos últimos anos vem sendo observado um crescente interesse de investidores internacionais na aquisição de florestas plantadas no Brasil. Os investimentos estrangeiros em florestas comerciais no Brasil em 2008 foram estimados em cerca de 1,9 bilhão de reais (Consufor, Apud SBS). Predominam os fundos americanos e canadenses, mas há vários projetos sendo estudados por TIMOs[3] brasileiras.

[2] Áreas de reforma são as áreas onde são feitos cortes rasos e replantios em seguida.
[3] TIMO (Timbers investiment manager organization)

A expectativa é de que os investimentos independentes em florestas comerciais no Brasil sejam cada vez mais representativos e em poucos anos se aproximem de 50% dos investimentos totais. Esta será uma mudança bastante significativa no modelo tradicional verticalizado adotado pela indústria florestal brasileira.

Uma grande contribuição à expansão dos plantios florestais no País tem sido dada pelos programas de fomento florestal das grandes empresas (especialmente as de papel e celulose) e pelo programas federais de financiamento florestal (Pronaf Florestal e Propoflora), os quais vêm atraindo novos empreendedores para esta atividade. O Pronaf Florestal e o Propoflora aplicaram, juntos, mais de 70,0 milhões de reais em financiamentos de projetos florestais no Brasil em 2008 (44% no estado de MG) (Tabela 8).

Tabela 7/I. *Área plantada com pinus e eucalipto no Brasil - 2008*

Estado	Área plantada (ha)		
	Pinus	Eucalipto	Total
Minas Gerais	145.000	1.278.212	1.423.212
São Paulo	207.840	934.360	1.142.199
Paraná	714.893	142.434	857.328
Santa Catarina	551.219	77.436	628.655
Bahia	35.090	587.606	622.696
Rio Grande do Sul	173.163	277.316	450.480
Mato Grosso do Sul	18.797	265.254	284.051
Espírito Santo	3.991	210.409	214.399
Pará	11	136.294	136.305
Maranhão	0	111.117	111.117
Amapá	1.620	63.309	64.929
Goiás	15.198	56.881	72.079
Mato Grosso	7	58.580	58.587
Outros	850	59.496	60.346
Brasil	**1.867.680**	**4.258.704**	**6.126.384**

Fonte: Anuário Estatístico da Abraf – 2009, ano base 2008.

Tabela 8/I. *Valor financiado pelos programas Pronaf Florestal e Propflora – 2007-08*

(R$ 1.000)

Estado	Pronaf (em 2007)		Propflora (em 2008)		Total	
	Valor	%	Valor	%	Valor	%
Bahia	443	4	371	1	814	1
Espírito Santo	1.828	15	1.344	2	3.172	8
Goiás	87	1	436	1	523	1
Mato Grosso	50	0	511	1	561	1
Mato Grosso do Sul	14	0	1.059	2	1.073	35
Minas Gerais	2.054	16	30.313	49	32.367	35
Paraná	1.923	15	12.108	20	14.031	19
Rio Grande do Sul	2.522	20	6.988	11	9.510	19
Santa Catarina	2.124	17	3.942	6	6.066	11
São Paulo	1.219	10	3.797	6	5.016	5
Demais Estados	225	2	448	1	673	1
Brasil	**12.489**	**100**	**61.318**	**100**	**73.806**	**100**

Fonte: Abraf. (Anuário Estatístico da Abraf – 2009).

A produção de madeira para transformação industrial no Brasil em 2007, proveniente de florestas plantadas, foi estimada pelo IBGE em 105,1 milhões de m^3, um crescimento de 4,3% em relação a 2006 (Tabela 9). Nos últimos 10 anos a silvicultura brasileira quase duplicou a colheita de madeira para uso industrial (Figura 3).

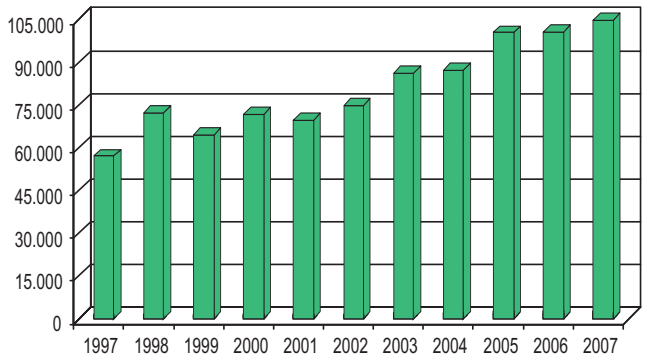
Dos 174,2 milhões de m^3 de madeira de florestas plantas consumidos no Brasil em 2008, o segmento de papel e celulose absorveu 1/3 do volume total (Figura 4). São Paulo é, destacadamente, o maior produtor nacional, com quase 1/3 do total produzido, seguido pelos estados da Bahia e do Paraná (Figura 5). A silvicultura fornece toda a madeira transformada em celulose, papel e painéis reconstituídos no Brasil e a maior parte da matéria-prima para a indústria de compensados, portas, molduras e outros produtos de maior valor agregado.

As empresas de papel e celulose são detentoras de quase dois milhões de hectares plantados com florestas comerciais, a maior parte com eucalipto nos estados de São Paulo, Bahia e Espírito Santo (Bracelpa, 2008), O eucalipto representa 88% da matéria-prima utilizada para celulose e papel (o restante é pínus). Em 2008 o consumo de madeira em toras pelo setor de papel e celulose foi de 57,1 milhões de m^3. O setor de produção de painéis reconstituídos, que utiliza a mesma matéria-prima, consumiu no mesmo ano, 8,9 milhões de m^3 de madeira bruta, a maior parte de pínus (Tabela 10).

Tabela 9/I. *Produção das principais matérias-primas de origem florestal - Brasil - 2003-07*

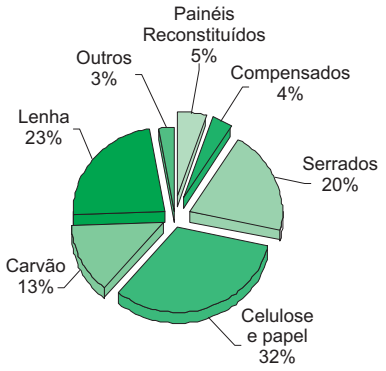
Produto	Medida	2003	2004	2005	2006	2007
Extração vegetal						
Carvão vegetal	mil t	2.227	2.186	2.972	2.506	2.530
Erva-mate	t	220.189	246.837	238.869	233.360	225.957
Lenha	mil m³	47.232	47.168	45.422	45.160	43.910
Madeira em tora	mil m³	20.663	19.103	17.372	17.986	16.389
Palmito(1)	t	13.704	12.124	7.863	6.524	6.037
Pinhão	t	4.396	4.518	4.609	5.203	4.887
Silvicultura						
Carvão vegetal	mil t	2.155	2.158	2.526	2.609	3.806
Erva-mate	t	501.702	403.281	429.730	434.483	438.474
Lenha	mil m³	33.827	34.005	35.542	36.110	39.089
Madeira p/papel e celulose	mil m³	49.532	46.285	54.699	55.115	60.964
Madeira p/outras finalidades	mil m³	36.829	41.230	45.916	45.652	44.167
Palmito(2)	t	37.672	37.432	43.967	73.411	61.429

(1)Inclui Palmito Juçara, Açaí e Pupunha.
(2)Inclui Palmito Juçara, Palmeira Real, Açaí e Pupunha.
Fonte: IBGE - Produção Extrativa Vegetal e Silvicultura.
Disponível em < http://www.ibge.gov.br, Sistema Sidra: acesso em maio 2009.



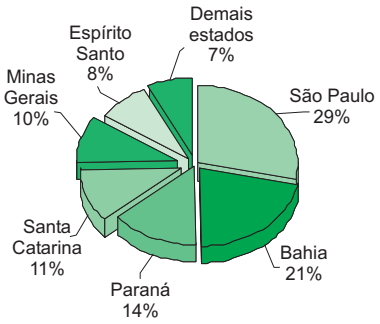
Fonte: IBGE.

Figura 3/I. *Silvicultura - Produção de madeira em toras para uso industrial - Brasil - 1997-07 (mil m³)*



Fonte: Anuário Estatístico da Abraf - 2009.

Figura 4/I. *Consumo de madeira em tora de florestas plantadas por segmento (%) - Brasil - 2008*



Fonte: IBGE.

Figura 5/I. *Participação dos estados na produção de madeira plantada destinada a papel e celulose (%) - Brasil - 2007*

Tabela 10/I. *Consumo de madeiras em toras para uso industrial no Brasil por espécie, segundo os principais segmentos industriais – 2007-08*

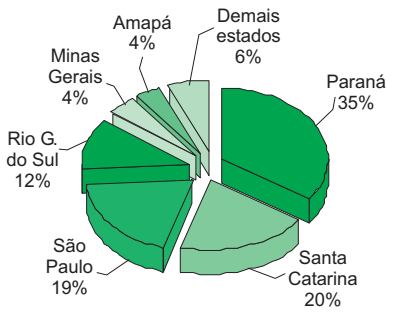
(1.000 m³)

Segmento industrial	Pinus		Eucalipto		Total	
	2007	2008	2007	2008	2007	2008
Painéis reconstituídos	5.727	5.955	2.730	2.975	8.457	8.930
Compensado	6.188	6.081	144	195	6.332	6.276
Serrados	29.400	30.035	4.178	4.235	33.578	34.270
Celulose e papel	6.945	7.056	45.607	50.025	52.552	57.081
Carvão	0	0	22.619	23.298	22.619	23.298
Lenha	8.672	8.846	30.026	30.627	38.698	39.473
Outros	1.676	2.167	2.928	2.726	4.604	4.893
Brasil	**58.608**	**60.140**	**108.232**	**114.081**	**166.840**	**174.221**

Fonte: Abraf – Anuário Estatístico da Abraf – 2009.

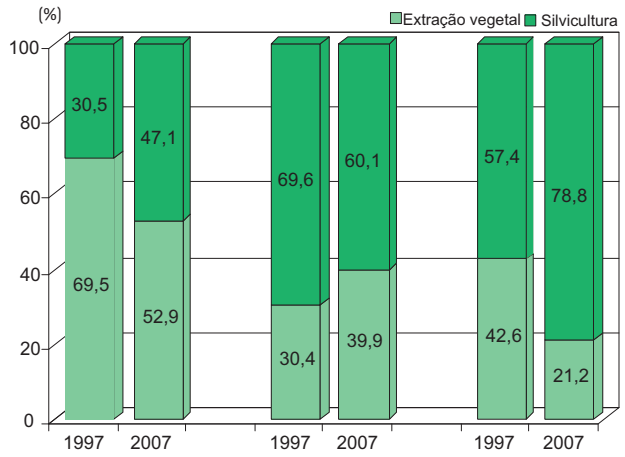
A produção de madeira de florestas plantadas destinada ao processamento mecânico (serraria ou laminação) em 2007 foi de 44,2 milhões de m³, volume ligeiramente inferior ao de 2006. O pínus representa quase 90% das toras destinadas ao processamento mecânico. Os estados do Paraná, de Santa Catarina e de São Paulo, somando quase 33 milhões de m³ foram responsáveis por 74% da produção nacional de madeira plantada utilizada no processamento mecânico em 2007 (Figura 6).

A participação das florestas plantadas no fornecimento de matéria-prima para a indústria de processamento mecânico da madeira tem se mostrado crescente ao longo do tempo. Nos últimos 10 anos a contribuição da silvicultura para a produção de madeira para este segmento passou de 57,4% para 78,8% (Figura 7).



Fonte: IBGE.

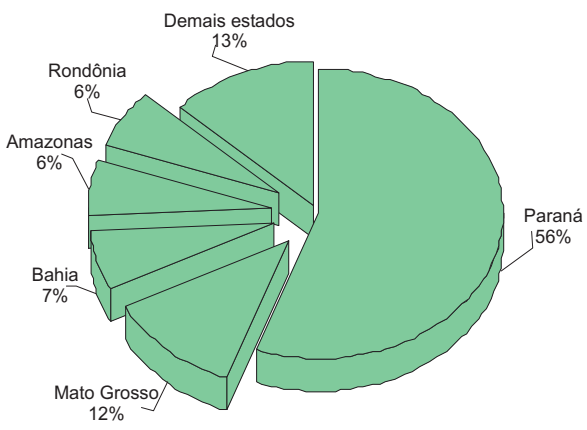
Figura 6/I. *Participação dos estados na produção de madeira plantada destinada ao processamento mecânico (%) - Brasil - 2007*



Fonte: IBGE - Produção da Silvicultura e Extração Vegetal.

Figura 7/I. *Composição da oferta de lenha, de carvão vegetal e de madeira para processamento mecânico, segundo a origem da matéria-prima - Brasil - 1997-2007*

As florestas nativas responderam, em 2007, por 53% da produção nacional de lenha, 40% da produção de carvão vegetal, 34% da produção de erva-mate e 21% da produção de madeira para processamento mecânico (tabela 9). A extração de madeira nativa vem se reduzindo ano a ano e o estado do Pará é o maior produtor, com mais da metade do total extraído (Figura 8).



Fonte: IBGE.

Figura 8/I. *Participação dos estados na produção extrativa de madeira em toras (%) - Brasil - 2007*

Ao longo do tempo, as florestas nativas também vêm perdendo importância para a silvicultura no fornecimento de lenha, mas ainda é a principal fonte (Figura 7). Já na produção de carvão vegetal a importância relativa da madeira cultivada era maior a 10 anos atrás do que atualmente. Somente nos últimos três anos é que foi revertida a tendência anterior, pelo rápido crescimento do uso de florestas cultivadas na produção de carvão. O cerco da fiscalização ambiental ao uso clandestino da madeira nativa na produção do carvão que abastece alto-fornos da indústria de ferro-gusa está provocando um rápido movimento da carvoeiras em direção à substituição da matéria-prima nativa pela cultivada.

Desempenho da indústria de processamento mecânico da madeira

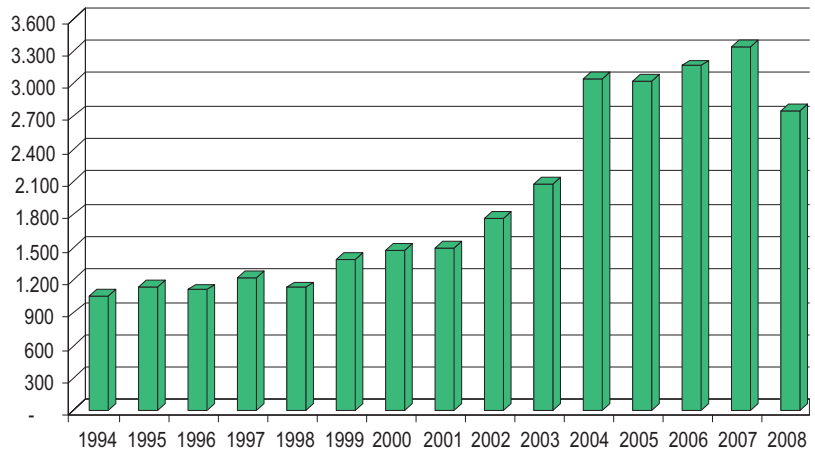
A forte redução no ritmo da construção civil nos EUA fez com que as exportações brasileiras de produtos da madeira interrompessem um longo período de crescimento e retrocedessem a níveis inferiores aos de 2004

Segundo a Associação Brasileira da Indústria da Madeira Processada Mecanicamente (Abimci), o segmento fatura cerca de 14 bilhões de dólares por ano e é responsável por 25% dos empregos gerados pelo setor de base florestal no Brasil. Atualmente, operam no Brasil cerca de 10 mil empresas produtoras de serrados, 200 empresas produtoras de compensados e aproximadamente duas mil plantas de remanufatura de madeira. Para a fabricação dos produtos de madeira sólida são consumidos anualmente no Brasil mais de 60 milhões de m^3 de toras (mais de 60% provenientes de florestas plantadas de pínus e eucalipto).

As exportações brasileiras de madeira e suas obras[4] (exceto móveis) foram de 2,8 bilhões de dólares em 2008, 17% inferior a 2007 (Figura 9). O impacto da crise financeira nas exportações brasileira de madeira foi tão forte que considerando o período de jan-jul de 2009 frente ao mesmo período de 2008 constata-se uma queda de 46% no valor exportado, um verdadeiro tombo para os exportadores.

De 1997 a 2007, período anterior à crise, a taxa média de crescimento das exportações brasileiras de madeira foi de 11,5% aa.. Os estados do Pará, Paraná e Santa Catarina são os maiores exportadores, respondendo, juntos, por 73% do total exportado com madeiras em 2008. No segundo semestre de 2009 não se espera uma recuperação importante nas exportações brasileiras de madeira e a expectativa é de que no ano as exportações do segmento se reduzam em 30% em relação ao ano anterior.

[4]Inclui madeira processada mecanicamente e painéis da madeira reconstituída.



Fonte: MDIC/Secex.

Figura 9/I. *Exportações de madeira e suas obras (milhões US$) - Brasil - 1994-08*

Na indústria brasileira de compensados operam quase 200 fábricas, com capacidade instalada de quase quatro milhões de m^3 por ano. A produção brasileira de chapas de compensado após forte crescimento até 2004 quando atingiu seu pico, vem se reduzindo ano a ano e de forma expressiva. Em 2007 foram produzidos 2,8 milhões de m^3 de chapas de compensados, um decréscimo de mais de 7% em relação a 2006. Nos últimos dez anos o pínus vem substituindo as demais madeiras na produção de compensados e já representa quase 80% da matéria-prima utilizada.

A indústria brasileira de compensado vem operando com alto nível de ociosidade e a tendência é de continuar a redução da produção e do consumo interno de compensados devido à substituição do produto pelo aglomerado, MDF, OSB e outras chapas de madeira reconstituída. Os principais segmentos consumidores são a indústria do mobiliário e a construção civil, atingindo, juntos, quase 80% do consumo nacional. As exportações que vinham sustentando o crescimento da indústria, absorvendo mais de 70% do volume produzido, vêm se reduzindo fortemente nos últimos anos. Também no mercado internacional, onde a China figura como um dos maiores exportadores do produto, não se vislumbra possibilidade de reversão da clara tendência de redução do tamanho do mercado.

A madeira serrada é o produto da transformação primária da madeira e se constitui no insumo básico para a produção de outros produtos da madeira de maior valor agregado. Estima-se a existência de cerca de 10.000 serrarias em operação no País, a maioria de pequeno porte. Nos últimos anos tem diminuído o número de serrarias e aumentado a escala média de operação, com investimentos em modernização do processo fabril.

O mercado interno consome mais de 80% da produção nacional de madeira serrada. A produção de madeira proveniente de florestas plantadas (pínus e eucalipto) vem crescendo sistematicamente e já contribui com quase a metade da produção nacional de madeira maciça.

Há uma tendência de crescimento das empresas brasileiras que buscam reprocessar a madeira serrada (remanufatura) com vistas à agregação de valor. O crescimento do mercado interno esperado para os próximos anos deverá sustentar a produção desta indústria no Brasil.

Se o mercado internacional se recuperar nos próximos anos poderá haver um novo ciclo de crescimento na produção e nas exportações brasileiras dos chamados produtos de maior valor agregado (PMVA[5]). A evolução da taxa de câmbio será muito importante no desempenho das exportações de produtos de madeira sólida (PMS), pois a competitividade brasileira neste segmento guarda uma estreita relação com o câmbio.

Desempenho da indústria de painéis reconstituídos

A crise financeira provocou o adiamento de vários projetos de expansão da capacidade instalada.

A indústria brasileira de painéis de madeira reconstituída vem apresentando crescimento expressivo nos últimos anos. É formada por poucas e grandes empresas[6], que somam uma capacidade instalada de mais de nove milhões de m^3 por ano. São seis empresas produtoras de aglomerado, cinco empresas produtoras de MDF e duas empresas produtoras de chapas de fibras duras. Juntas, estas empresas faturam mais de cinco bilhões de reais por ano e geram mais de 25.000 empregos diretos ao longo da cadeia produtiva (Abipa, 2007; SBS, 2007). Utilizam matéria-prima de florestas plantadas (pínus e eucalipto). Em 2008 processaram cerca de nove milhões de m^3 de toras, a maior parte do gênero pínus (ABRAF, 2009)

A produção brasileira de painéis reconstituídos (aglomerado, MDP[7], MDF) expandiu-se bastante a partir de 1999, alcançando um volume de 5,2 milhões de m3 em 2008. Quase toda a produção é consumida no mercado interno Em 2008, o consumo brasileiro de MDF foi ligeiramente superior ao ano anterior. Já o consumo de MDP apresentou uma queda de 6%, ampliando a já elevada capacidade ociosa da indústria.

O consumo brasileiro destes painéis é muito pequeno se comparado ao dos EUA e da Europa, mas vem apresentando um crescimento muito expressivo nos últimos anos (7,5% aa. de 1999 a 2008) (Abraf, 2009). A perspectiva de um alto crescimento na indústria da construção civil nos próximos anos e na demanda interna de móveis, especialmente nos segmentos mais populares, deverão estimular a expansão desta indústria.

O segmento planejava ampliar sua capacidade instalada em 50% até 2012. Com a crise, a maior parte dos novos investimentos foi suspensa, sem data para a retomada. Segundo alguns analistas, se a expansão planejada viesse a se consumar, a indústria provavelmente teria dificuldade em colocar sua produção, mesmo que a crise não tivesse se instalado.

Desempenho da indústria de móveis de madeira

O mercado interno vem sustentado e continuará a sustentar o crescimento da indústria moveleira

A indústria de móveis no Brasil é formada majoritariamente por micro e pequenas empresas e possui alta capacidade de absorção de mão-de-obra. São mais de 200 mil empregos diretos gerados em quase 20 mil estabelecimentos produtores de móveis, a maior parte localizada no Sul e no Sudeste do País. O segmento produtor de móveis de madeira é o mais importante, englobando 90% das empresas, 80% da mão-de-obra e 70% do valor da produção de móveis no Brasil (BNDES, 2007).

---

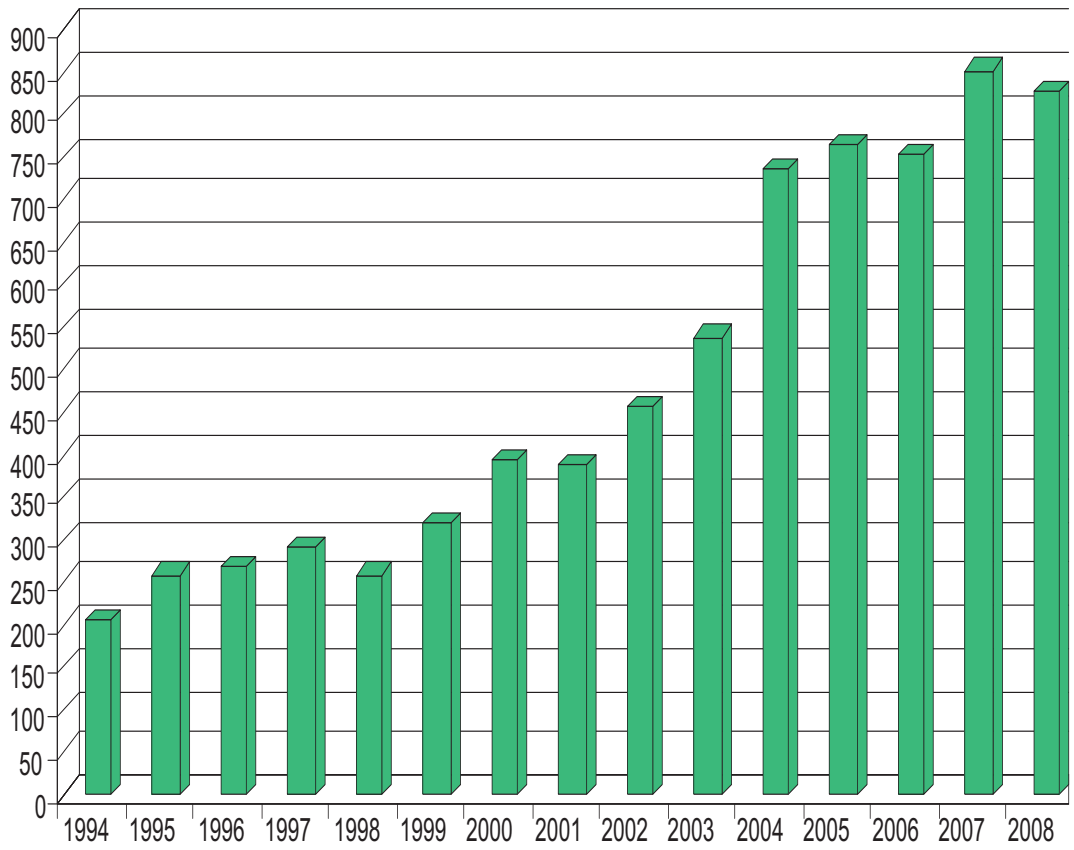
[5] Os PMVA mais importantes são as molduras, os pisos, as portas e as janela de madeira e os EGP (edge glued panel – painel colado lateral).

[6] No primeiro semestre de 2009 duas grandes empresas brasileiras do setor anunciaram a fusão. A nova empresa passou a deter mais de 40% da capacidade de produção de painéis de madeira reconstituída no País.

[7] *Médium Density Particleboard*: nova versão do aglomerado, mais resistente.[7]

O setor vem apresentando um bom desempenho nos últimos anos e seu faturamento se aproxima dos 20 bilhões de reais por ano. Seu crescimento vem sendo sustentado pelo mercado interno, especialmente pelo segmento de móveis populares.

As exportações brasileiras de móveis de madeira após ter experimentado um longo período de crescimento, vem tendo dificuldade de sustentar o que havia conquistado. Até 2004 o ritmo de crescimento foi forte, mas a valorização do câmbio, a crise da construção civil nortemericana e a crise financeira de 2008, vêm impondo uma mudança à tendência anterior (Figura10).



Fonte: MDIC/Secex.

Figura 10/I. *Exportações de móveis de madeira e suas partes (milhões US$)- Brasil - 1994-08*

O Brasil exportou 825 milhões de dólares em móveis de madeira em 2008, 3% a menos que em 2007, o melhor ano da história. Este valor representa menos de 1% do comércio mundial de móveis, que tem na China, Itália e Alemanha os maiores exportadores e os EUA, a Alemanha e o Reino Unido como os maiores importadores.

A origem das exportações ainda se concentram na Região Sul, responsável por mais de 80% do valor exportado. Santa Catarina, com quase 40% do total, é o estado brasileiro que mais exporta móveis, mas vem perdendo participação frente a outros estados.

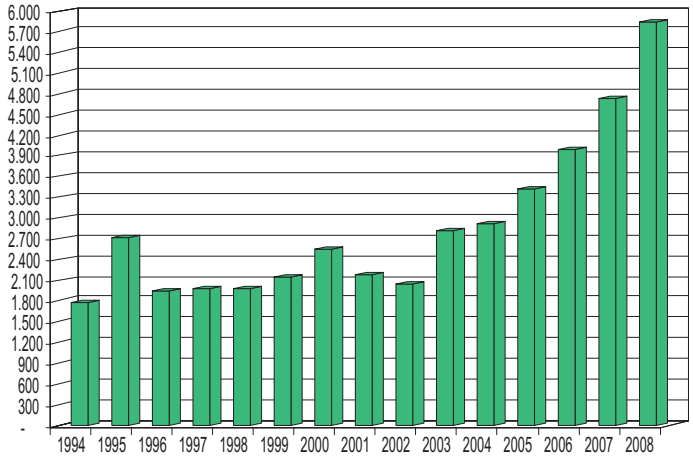
De janeiro a julho de 2008, foram exportados pelo Brasil 285milhões de dólares em móveis de madeira, um decréscimo de 30% em relação a igual período do ano anterior. A estimativa para o ano é de que as exportações de móveis fiquem entre 20% e 30% menores que em 2008.

Desempenho da indústria de celulose e papel

O aumento das exportações de celulose e papel compensou a queda ocorrida com a madeira e móveis.

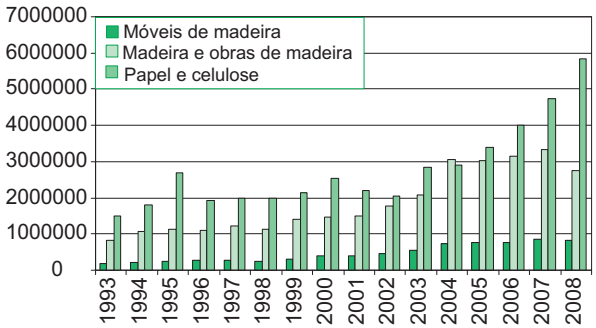
A indústria brasileira de papel e celulose é composta por cerca de 220 empresas, localizadas em 17 estados. Em 2008 empregou diretamente 114 mil pessoas, exportou 5,8 bilhões de dólares e arrecadou 2,2 bilhões de reais em impostos (Bracelpa, 2008). Trata-se de um setor bastante desenvolvido, de capital intensivo e com operações globalizadas.

O valor das exportações de celulose e papel em 2008, foi 24% maior que em 2007, estabelecendo um novo recorde na história do comércio exterior do setor (Figura 11). O elevado crescimento das exportações de celulose e papel dos últimos anos, fez com que a importância do segmento nas exportações florestais brasileiras aumentasse, chegando a representar mais de 60% do valor total (Figura 12).



Fonte: MDIC/Secex.

Figura 11/I. *Exportações de papel e celulose (milhões US$) - Brasil - 1994-08*



Fonte: MDIC/Secex.

Figura 12/I. *Evolução das exportações de produtos florestais, por segmento (mil US$) - Brasil - 1993-008*

O Brasil já é um dos maiores produtores e exportadores mundiais de celulose de mercado[8] (o primeiro em celulose de fibra curta). Toda a produção brasileira de celulose, assim como a de papel, provém de florestas plantadas de eucalipto e pínus, a maior parte de propriedade das próprias empresas (mais de 1,7 milhão de hectares). O eucalipto é matéria-prima para mais de 80% da produção total do setor.

Em 2008, foram produzidos no Brasil 12,8 milhões de toneladas de celulose de mercado, 6,7% a mais que em 2007 (Tabela 11). O País é o maior produtor mundial de celulose de fibra curta, que utiliza o eucalipto como matéria-prima, respondendo por 55% da produção global do produto. Mais da metade da produção nacional de celulose é exportada.

Tabela 11/I. *Produção brasileira de papel e celulose – 2006-08*

(1.000 t)

Produto	Discriminação	2006	2007	2008	Variação (%) 2008/2007
Papel	Produção	8.725	9.010	9.154	1,6
	Importação	967	1.126	1.328	17,9
	Exportação	1.990	2.006	1.982	-1,2
	Consumo aparente	**7.701**	**8.130**	**8.500**	**4,6**
Celulose	Produção	11.180	11.997	12.803	6,7
	Importação	326	291	325	11,7
	Exportação	6.161	6.484	7.040	8,6
	Consumo aparente	**5.345**	**5.804**	**6.088**	**4,9**

Fonte: Bracelpa, Informe anual 2007 e Setor Celulose e Papel, março 2009, v.2.

Os preços internacionais do produto, em elevação desde o final de 2005, chegaram a ultrapassar os U$S 900/t em meados de 2008, no caso da celulose de pínus, mas desceram em queda livre durante a crise e fecharam o ano pouco acima dos 600 dólares por tonelada (Foex: www.foex.fi). Também a celulose de fibra curta (de eucalipto), tem apresentado um comportamento semelhante em seus preços no mercado internacional ao longo deste período.

Mesmo com a forte queda nos preços no segundo semestre, foram os altos preços auferidos ao longo do primeiro semestre de 2008, os principais responsáveis pelo bom desempenho das exportações brasileiras do produto, já que o volume embarcado foi apenas 8,6% superior ao de 2007.

No primeiro semestre de 2009, a produção de celulose atingiu 6,3 milhões de toneladas, volume semelhante ao mesmo período do ano anterior. As exportações que cresceram expressivos 18% em volume, tiveram uma queda muito forte em seus preços e com isso o valor exportado se encolheu em mais de 20%. A China, no primeiro semestre de 2009, pela primeira vez, foi o país que mais importou celulose do Brasil, embora a Europa ainda seja o destino da metade da exportação brasileira.

A produção brasileira de papel em 2008 foi de 9,2 milhões de toneladas, um incremento de apenas 1,6% em relação à de 2007. Do total produzido, mais da metade é destinada à produção de embalagens e quase um terço à de papel de imprimir e escrever.

As exportações de papel em 2007 foram de 2,0 milhões de toneladas, a maioria de papéis do tipo Kraft. As importações papel pelo Brasil vêm crescendo muito nos últimos anos e já equivalem 2/3 do volume exportado. O Brasil é bastante dependente das importações de papel de imprensa para satisfazer seu consumo doméstico.

Estimativas da Bracelpa indicam que o consumo aparente de papel no País em 2008 tenha apresentado um crescimento de 5,0% em relação ao consumo de 2007, um aumento menor que o verificado no ano anterior.

[8] O termo celulose de mercado se refere à celulose produzida para ser vendida, antes de ser transformada em papel pela própria empresa produtora

De janeiro a junho de 2009 a produção de papel no Brasil foi de 4,5 milhões de toneladas, 4% menor que o mesmo semestre de 2008. As exportações encolheram 7%, na comparação dos dois períodos.

O setor de papel e celulose no Brasil está passando por um longo ciclo de expansão e de reestruturação empresarial e produtiva. O parque fabril vem sendo fortemente ampliado e modernizado e diversas novas plantas industriais estão sendo implantadas. Como resultado está ocorrendo um aumento de porte e escala de produção das empresas, com ganhos de eficiência e especialização produtiva.

Nos últimos dez anos, a ampliação da capacidade produtiva, em especial de celulose, consumiu 12 bilhões de dólares e levou o Brasil à condição de maior produtor mundial de celulose de fibra curta. Isto permitiu ao setor ganhar competitividade internacional e consolidar o Brasil como um importante ator neste mercado.

Segunda a Bracelpa, o setor tem programados investimentos no País superiores a 20 bilhões de dólares até 2015, quando a produção de celulose deverá atingir 19,0 milhões de toneladas. Segundo declarações da presidente da entidade, a crise poderá postergar alguns investimentos novos mais não deverá impedi-los. Estes acréscimos de capacidade produtiva certamente permitirão elevar substancialmente o valor das exportações brasileiras destas *commodities*.

Países do Hemisfério Sul, particularmente o Brasil, estão ganhando cada vez mais espaço nas etapas iniciais da cadeia produtiva do papel, por apresentarem diversas vantagens comparativas e competitivas na produção florestal e na de pastas celulósicas. O País, tem condição de se tornar, no médio prazo, um dos mais importantes atores do mercado mundial de celulose.

A concentração de investimentos na produção adicional de celulose no Brasil e as recentes fusões de grandes grupos e troca de ativos entre empresas do setor dão indicação de que o País está se preparando para focar-se na produção e exportação de celulose e se colocar na condição de um grande *player* no mercado internacional da *commodity*.

Para 2009 espera-se uma redução do valor das exportações brasileiras de celulose e papel, especialmente devido à forte queda nos preços internacionais no primeiro semestre, contrastando com os atrativos preços do mesmo período de 2008.

Produção e mercado de produtos florestais em Santa Catarina

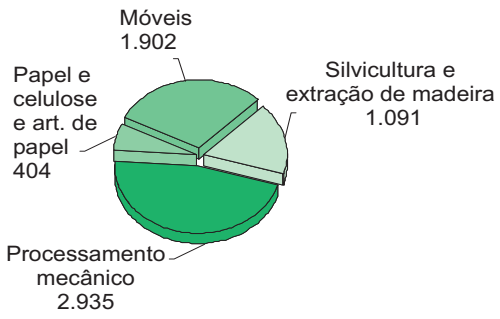
Indústria florestal se retrai e perde espaço na economia catarinense, mas a silvicultura segue se expandindo.

Santa Catarina é um dos estados mais importantes no setor florestal brasileiro. Com cerca de 11% da área de florestas plantadas com pínus e eucalipto no País, é o quarto estado maior exportador de produtos florestais, em valor (37% dos móveis de madeira, 31% da madeira e suas obras e 11% do papel, em 2008).

As mais de seis mil empresas que atuam no setor de base florestal do Estado geram quase 90.000 empregos diretos (5% do total de postos de trabalho formais) e são responsáveis por mais de 10% do valor da transformação industrial de Santa Catarina. Na indústria de produtos sólidos de madeira atuam quase a metade das empresas e são gerados 44% dos empregos do setor florestal catarinense (Figuras 13 e 14).

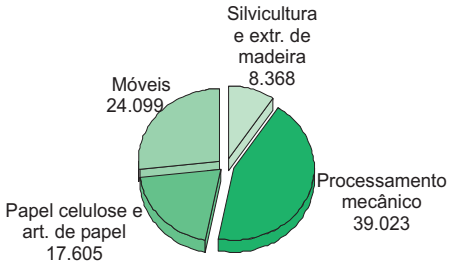
Desde 2004, quando 100 mil pessoas se empregavam nas cadeias produtivas do setor florestal no Estado, os postos de trabalho vem sendo diminuídos, refletindo o encolhimento da indústria florestal (Tabela 12).

A indústria catarinense de base florestal processa por ano mais de 15 milhões de m^3 de toras de madeira, produção sustentada por quase 630 mil hectares de florestas plantadas no Estado. A indústria de papel e



Fonte: MTE, Rais - 2009.

Figura 13/I. *Número de empresas do setor florestal, por segmento - Santa Catarina - 2007*



Fonte: MTE, Rais - 2009

Figura 14/I. *Número de empregados do setor florestal, por segmento - Santa Catarina - 2008*

Tabela 12/I. *Evolução dos empregos diretos no Setor Florestal – Santa Catarina – 2003-07*

Segmento da cadeia florestal	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Silvicultura e atividades de apoio	7.085	8.489	9.543	9.274	9.295	8.368
Desdobro e industrialização de madeiras	43.694	47.489	43.448	44.741	40.152	39.023
Indústria de papel, celulose e derivados	13.443	13.825	15.105	16.517	17.284	17.605
Indústria de móveis de madeira	25.566	30.131	28.774	26.664	26.365	24.099
Total da atividade florestal	**89.788**	**99.934**	**96.870**	**97.196**	**93.096**	**89.095**
Total Santa Catarina	**1.292.407**	**1.406.247**	**1.486.969**	**1.598.454**	**1.697.800**	**1.777.604**

Fonte: MTE, Rais.

papelão aqui instalada destina a maior parte de sua produção ao mercado interno, especialmente para a produção de embalagens. A indústria de móveis e de processamento mecânico, por outro lado, é bastante voltada à exportação.

Em 2008, o valor das exportações de produtos florestais de Santa Catarina foi de 1,03 milhão de dólares, 12% menor que o do ano anterior. A forte retração ocorrida na indústria da construção civil americana tem dificultado muito as exportações de madeira e móveis àquele país, o maior comprador destes produtos. As exportações de madeira e suas obras foram as mais afetadas, com redução de quase 18% do valor exportado.

Nos últimos anos, o câmbio valorizado tem se mostrado o principal obstáculo ao crescimento das exportações do setor florestal catarinense, especialmente nos segmentos de madeira e de móveis. Nos primeiros sete meses de 2009, as exportações de madeira e suas obras encolheram cerca de 40% em valor, em relação a igual período do ano anterior. A Previsão é de que a recuperação das exportações catarinenses de madeira e móveis seja lenta e bastante dependente da retomada das atividades da construção civil norteamericana, só esperada a partir de 2010.

Produção catarinense de matérias-primas e de produtos florestais primários

O consumo de madeira pela indústria de papel segue crescendo, mas no processamento mecânico é bem menor do que em anos anteriores

Levantamentos da Abraf contabilizaram 629 mil hectares de florestas plantadas para fins comerciais em Santa Catarina em 2008, sendo quase 90% da área formada por plantios de pínus. As grandes e médias empresas de base florestal detêm mais de 2/3 das áreas florestadas do Estado.

A partir de 2000, se intensificaram os plantios empresariais e muitos produtores rurais e profissionais liberais despertaram para a silvicultura. As linhas de crédito oficial para implantação de florestas, operadas pelo BRDE e pelo Banco do Brasil, e os programas de fomento florestal das empresas de base florestal estão contribuindo para a ampliação da área de florestas no Estado. Os programas de crédito Propflora e Pronaf florestal vêm financiando entre 6,0 e 7,0 milhões de reais por ano para projetos de silvicultura em Santa Catarina. Levantamentos da Abraf indicam o plantio de mais de 45 mil hectares de pínus e eucalipto em Santa Catarina em 2007 (entre reforma e novas áreas). Em 2008, estima-se que tenha havido uma ligeira redução dos plantios.

O valor da produção da silvicultura e da extração florestal em 2007, superior a um bilhão de reais, correspondeu a 8% de todo o valor da produção primaria da agropecuária catarinense naquele ano. A produção catarinense de madeira em toros para transformação industrial em 2007 foi de 15,4 milhões de m^3, uma redução de 5,0% em relação a 2006 (Tabela 13). Toda a madeira consumida pela indústria de papel e de processamento mecânico provém de florestas plantadas.

Em 2008 estima-se ter havido uma nova redução na produção catarinense de madeira para transformação industrial, ocasionada principalmente pela retração da demanda da indústria moveleira e de processamento mecânico. Já a colheita de madeira fina para a produção de papel e celulose e painéis de madeira reconstituída seguiu crescendo.

As florestas plantadas vêm paulatinamente substituindo as florestas nativas no fornecimento de lenha e madeira para carvão vegetal, (Figura 15). A silvicultura já contribui com mais de 70% da madeira utilizada na produção de lenha.

Tabela 13/I. *Produção dos principais produtos florestais – Santa Catarina – 2002-07*

Produto	Unidade medida	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Extração vegetal							
Carvão vegetal	t	9.050	8.665	8.940	8.767	7.884	6.874
Erva-mate	t	71.642	68.393	66.078	61.635	41.833	40.559
Lenha	mil m3	2.023	2.209	2.344	2.221	2.220	2.017
Madeira em tora	mil m3	93	167	187	109	99	143
Araucária (toras)	mil m3	8	11	8	5	6	16
Palmito	t	247	193	132	132	129	140
Pinhão	t	2.285	2.276	2.275	2.051	2.488	2.137
Silvicultura							
Carvão vegetal	t	7.146	7.113	6.987	9.050	8.922	8.538
Erva-mate	t	45.600	52.474	37.577	37.629	35.748	37.909
Lenha	mil m3	4.330	4.440	4.387	4.773	4.958	5.222
Madeira p/papel e celulose	mil m3	6.203	6.110	6.306	6.044	6.414	6.677
Madeira p/outras finalidades	mil m3	9.110	9.610	10.319	9.732	9.904	8.745
Palmito[1]	t	1.012	1.569	2.125	3.254	3.905	1.786

[1]Inclui Juçara e Palmeira Real.
Fonte: IBGE - Produção Extrativa Vegetal e Silvicultura.
Disponível em <http://www.ibge.gov.br> Sistema Sidra: acesso em maio 2009.

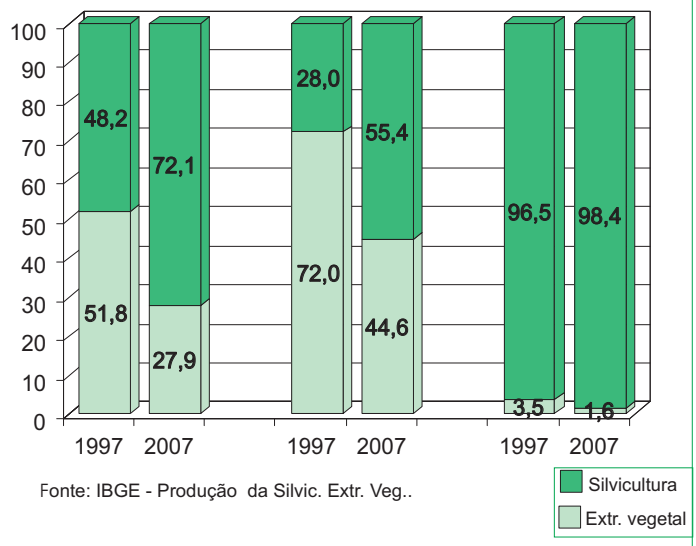


Figura 15/I. *Composição da oferfta de lenha, de carvão vegetal e de madeira para processamento mecânico, segundo a forma de produção (%) - Santa Catarina - 1997 e 2007*

Preços dos insumos e das matérias-primas e produtos florestais

Retração nas exportações de produtos sólidos de madeira provoca redução dos preços das toras de pínus e de eucalipto.

Os preços dos insumos para a produção florestal se mostraram decrescentes nos últimos anos, em termos reais (Tabela 14). Após um longo período de ascensão as mudas para a formação de florestas para a produção de madeira tiveram seus preços reduzidos a partir de 2006, refletindo o aumento da capacidade de produção instalada em anos anteriores, quando os preços eram mais estimulantes. Apenas as mudas de erva-mate tiveram aumentos reais de preços nos últimos anos.

As terras de segunda e de campo, as menos nobres e mais utilizadas para reflorestamento, sofreram aumentos de preço bastante expressivos nos últimos anos. Os campos degradados e as áreas dobradas, geralmente procuradas para plantios florestais, tiveram um aumento real de preço nos últimos seis anos de 7% e de 10% aa., respectivamente. A imobilização em terras é o principal componente dos custos da silvicultura comercial.

Os preços dos produtos primários e das matérias-primas florestais mostraram comportamentos divergentes ao longo dos últimos anos (Tabela 15). A erva-mate, a lenha, o carvão e a madeira fina destinada a produção de papel tiveram aumentos reais de preços nos últimos anos, refletindo aumentos ocorridos na demanda. Já a madeira bruta empregada na construção civil e as toras de eucalipto e pínus para processamento mecânico apresentaram redução de preços reais.

Os preços das toras de madeira (de pínus e de eucalipto), que vinham apresentando um crescimento bem superior à média dos preços da economia brasileira desde 2000, passaram a evoluir em níveis inferiores ao dos índices gerais de preços a partir de 2006 e 2007 e, inclusive, com reajustes nominais negativos nos últimos trimestres (Figura 16 e 17). Esta reversão de tendência esta refletindo a retração sofrida neste período pela indústria de processamento mecânico da madeira.

Tabela 14/I. *Preço médio de insumos e fatores de Produção florestal - Santa Catarina - 2004-09*

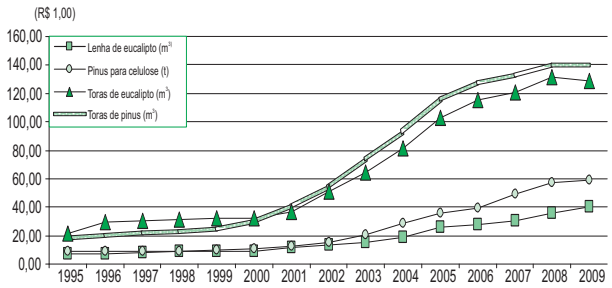
Produto	Unidade	2004	2005	2006	2007	2008	2009[1]
Muda de eucalipto (R$)	milheiro	131,82	152,73	177,50	182,19	193,61	205,32
Muda de eucalipto (R$ de jun./09)	milheiro	168,07	184,74	211,07	206,69	197,56	204,03
Muda de pínus (R$)	milheiro	138,18	156,36	197,50	199,64	210,40	214,81
Muda de pínus (R$ de jun./09)	milheiro	176,36	189,12	234,83	226,45	214,04	213,48
Muda de erva-mate (R$)	milheiro	270,91	286,36	275,00	314,17	412,54	550,33
Muda de erva-mate (R$ de jun./09)	milheiro	345,44	346,32	326,97	356,03	422,02	546,88
Formicida granulado (R$)	500 g	4,19	4,11	4,09	4,06	4,15	4,38
Formicida granulado (R$ de jun./09)	500 g	5,35	4,97	4,86	4,60	4,22	4,35
Muda de palmeira real (R$)	milheiro	170,00	180,91	277,50	245,00	222,08	205,00
Muda de palmeira real (R$ de jun./09)	milheiro	217,09	218,80	328,92	277,60	226,56	203,72
Muda de palmito jussara (R$)	milheiro	184,55	190,00	280,00	245,00	230,83	246,25
Muda de palmito jussara (R$ de jun./09)	milheiro	235,74	229,80	331,92	277,60	235,18	244,73
Terra campo nativo/reflorestamento (R$)	ha	2.075,97	2.476,27	2.574,68	3.934,80	4.231,71	4.979,67
Terra campo nativo/reflorestamento (R$ de jun./09)	ha	2.650,55	2.981,05	3.062,16	4.456,04	4.309,02	4.948,50
Terra de segunda (R$)	ha	4.545,02	5.105,50	5.291,69	6.821,25	7.591,29	8.622,51
Terra de segunda (R$ de jun./09)	ha	5.790,57	6.145,31	6.294,01	7.719,49	7.729,31	8.569,36
Terra de primeira (R$)	ha	8.473,73	9.340,65	10.179,63	14.533,17	15.712,38	13.450,17
Terra de primeira (R$ de jun./09)	ha	10.796,99	11.245,01	12.105,00	16.462,97	15.995,28	13.366,13

[1]Média do primeiro semestre.
Fonte: Epagri/Cepa.

Tabela 15/I. *Preço médio dos principais produtos florestais - Santa Catarina -2004–09*

Produto	Unidade	2004	2005	2006	2007	2008	2009[1]
Carvão vegetal (R$)	m^3	36,50	42,59	46,38	48,50	53,33	62,91
Carvão vegetal (R$ de jun/09)	m^3	46,77	51,51	55,16	54,94	54,26	62,65
Erva-mate nativa ($)	arroba	3,38	3,87	5,03	5,54	5,70	5,76
Erva-mate nativa (R$ de jun/09)	arroba	4,34	4,68	5,95	6,28	5,81	5,74
Erva-mate cultivada ($)	arroba	2,19	2,47	2,93	3,69	3,72	3,51
Erva-mate cultivada (R$ de jun/09)	arroba	2,79	2,99	3,46	4,18	3,80	3,50
Lenha de eucalipto ($)	m^3	18,98	25,83	27,89	30,52	36,17	40,17
Lenha de eucalipto (R$ de jun/09)	m^3	24,32	31,24	33,16	34,54	36,80	40,00
Pínus para celulose (R$)	t	28,24	35,89	39,08	49,58	57,38	59,29
Pínus para celulose (R$ de jun/09)	t	36,19	43,41	46,44	56,16	58,39	59,03
Madeira roliça p/ construção (R$)	m	1,42	1,65	1,55	1,51	1,66	1,80
Madeira roliça p/ construção (R$ de jun/09)	m	1,83	1,99	1,84	1,72	1,69	1,79
Escora de madeira (R$)	unid.	2,46	2,68	2,55	2,56	2,52	2,78
Escora de madeira (R$ de jun/09)	unid.	3,15	3,24	3,04	2,90	2,57	2,77
Madeira em toras de eucalipto (R$)	m^3	81,33	102,62	115,65	119,88	131,20	128,71
Madeira em toras de eucalipto (R$ de jun/09)	m^3	104,20	124,12	137,51	135,78	133,64	128,17
Madeira em toras de pínus (R$)	m^3	93,29	116,33	127,57	131,83	140,19	140,26
Madeira em toras de pínus (R$ de jun/09)	m^3	119,61	140,70	151,69	149,37	142,63	139,66

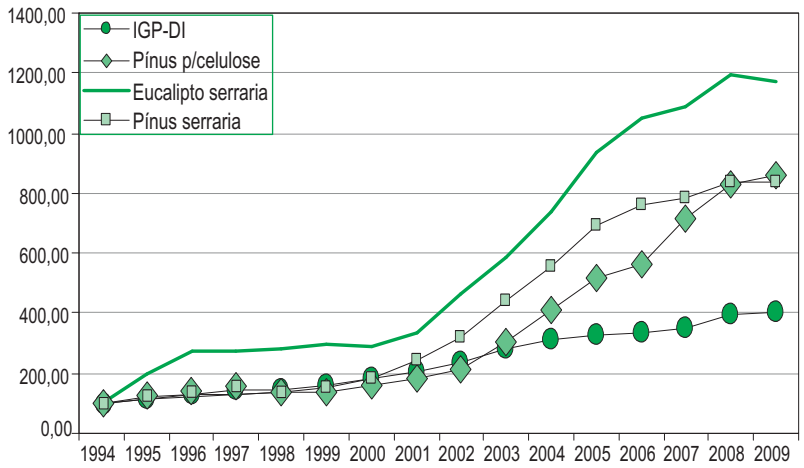
[1]Média do primeiro semestre.
Fonte: Epagri/Cepa.



[1]Em jan./jun.-2009

Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 16/I. - *Preços médios recebidos pelos produtores pelos principais produtos florestais - Santa Catarina - 1995-09*[1]



Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 17/I. Índice de evolução dos preços das principais matérias-primas florestais e do IGP-DI - Santa Catarina - 1994-09

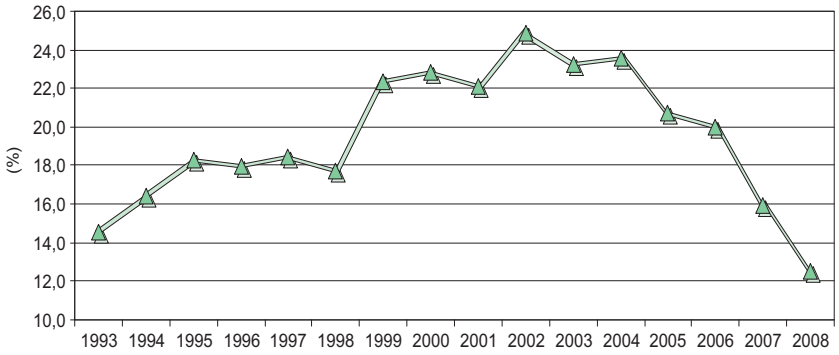
Exportações catarinenses de produtos florestais

Câmbio desfavorável e crise econômica provocam forte recuo nas exportações catarinenses de produtos florestais.

As exportações da indústria catarinense de base florestal em 2008 foram 12% menores que em 2007. Foi exportado no ano passado pelo setor 1,03 bilhão de dólares, uma contribuição de 13% ao total exportado pelo Estado. Entre 1993 e 2002 a indústria florestal ganhou expressiva participação nas exportações catarinenses, mas com o processo de valorização do real frente ao dólar, iniciado em 2003, veio perdendo gradativamente importância relativa. Com o fraco desempenho em 2008, a participação do setor nas exportações totais do Estado recuou a níveis semelhantes aos do início da década de noventa do século passado (Figura 18).

O valor das exportações de madeiras e suas obras (capítulo 44 do código NBM – Nomenclatura Brasileira de Mercadorias) recuou 18% em 2008 em relação ao ano anterior, caindo para um patamar inferior ao

de 2004. Os piores desempenhos foram os da madeira laminada, molduras de madeira e madeira perfilada, com recuo de 61%, 40% e 35%, respectivamente (Tabela 16).



Fonte: MDIC/Secex.

Figura 18/I. *Participação das exportações de produtos florestais no total das exportações catarinenses - 1993-2008*

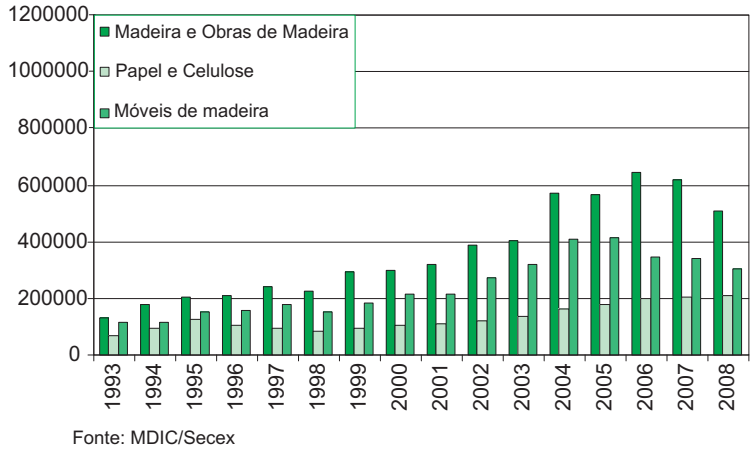
Tabela 16/I. *Exportação de produtos florestais - Santa Catarina - 2001-07*

(US$ 1.000,00 - FOB)

Item	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Erva-mate e derivados	**1.935**	**1.304**	**1.048**	**1.100**	**3.487**	**8.625**	**14.207**
Madeira e obras de madeira	**386.719**	**401.069**	**569.538**	**566.358**	**647.053**	**620.319**	**507.511**
Madeira serrada	95.092	88.395	100.502	87.470	89.761	91.806	75.709
Madeira laminada	1.185	2.130	1.330	2.190	1.500	8.082	3.124
Madeira perfilada	13.960	20.908	26.909	33.938	55.806	39.379	25.655
Painéis de madeira reconstituída (MDF e aglomerado)	11.946	12.970	14.685	14.074	18.090	16.294	12.693
Painéis de madeira compensada	62.463	77.540	124.193	129.918	126.650	144.916	140.104
Molduras de madeira	15.573	16.362	41.309	18.642	25.192	11.369	10.005
Caixas, engradados e paletes	900	516	613	726	1.051	1.931	3.418
Ferramentas, armações e cabos	18.012	19.070	22.348	28.978	32.794	29.104	31.417
Portas, janelas, assoalhos e outras obras de marcenaria e carpintaria	106.064	110.957	176.999	199.671	245.780	233.166	178.846
Outras madeiras e obras de madeira	61.525	52.222	60.650	50.749	50.428	44.273	26.540
Papel e celulose	**121.338**	**137.999**	**164.157**	**176.386**	**200.912**	**202.166**	**208.047**
Pasta de celulose e papel sanitário	18.034	21.684	27.091	29.772	16.655	3.498	2.856
Embalagens e pasta "quate"	9.033	16.670	21.218	25.437	34.036	42.976	40.101
Papel e cartão kraft, kraftliner	91.432	95.323	111.464	116.627	143.527	148.109	157.104
Outros papéis	2.840	4.093	4.295	4.549	6.684	7.293	7.958
Móveis de madeira	**274.170**	**319.903**	**409.510**	**415.314**	**345.697**	**342.669**	**304.191**
Móveis de madeira p/escritório	6.638	10.433	16.389	20.115	14.972	14.950	9.936
Móveis de madeira p/cozinha	10.169	14.916	16.352	15.241	22.791	24.659	18.537
Móveis de madeira p/quartos	102.894	127.835	171.849	171.965	139.632	130.063	126.410
Outros móveis de madeira	130.684	142.129	171.796	170.711	137.079	140.098	117.074
Componentes p/móveis de madeira	23.786	24.578	32.375	36.824	30.532	31.824	30.954
Construções Pré-fab. com estrut. de madeira	24	12	750	458	346	1.074	1.280
Total produtos florestais	**784.186**	**860.275**	**1.144.253**	**1.159.158**	**1.196.798**	**1.173.779**	**1.033.956**
Total exportações - Santa Catarina	**3.157.065**	**3.695.786**	**4.853.506**	**5.584.125**	**5.982.112**	**7.381.839**	**8.256.219**

Fonte: MICT/Secex – Sistema Alice.

Nos primeiros sete meses de 2009 o valor exportado pelo segmento de madeiras sólidas e de painéis sofreu um tombo de 40%, em relação ao mesmo período de 2008. Com este fraco desempenho os produtos de madeira sólida e de madeira reconstituída perderam boa parte do ganho de participação nas exportações do setor florestal catarinense, conquistado gradativamente ao longo do tempo (Figura 19).



Fonte: MDIC/Secex

Figura 19/I. *Evolução das exportações catarinenses de produtos florestais, por segmento (mil US$) - 1993-08*

O setor de móveis, que vem sentindo redução em seu valor exportado desde 2006, teve suas exportações reduzidas em 11% em 2008, comparadas a 2007. De Janeiro a julho de 2009, Santa Catarina exportou 27% menos em móveis de madeira se comparado ao desempenho do mesmo período do ano anterior, que já foi fraco.

As exportações de papel, por outro lado, em 2008 foram 3% superiores ao valor obtido no ano anterior, confirmando a tendência histórica de crescimento gradativo. O melhor desempenho ocorreu nas exportações de papel e cartão Kraft, o principal item das exportações catarinenses desta indústria. Este segmento também sofre duramente com a crise financeira mundial, com redução de 25% do valor exportado nos primeiros sete meses de 2009.

As dificuldades para o setor florestal de Santa Catarina, bastante voltado às exportações, se iniciaram já em 2005 quando o câmbio começou a ficar mais bem apreciado. A crise na construção civil americana, evidenciada desde 2007 agravou a situação, pois reduziu as encomendas daquele mercado. O colapso financeiro de outubro de 2008 e a crise econômica que se seguiu deram um novo golpe no setor florestal catarinense voltado às exportações.

Com as perspectivas de melhora do mercado norteamericano, a partir do último trimestre deste ano, e o provável aumento gradativo das encomendas de madeira a partir de 2010, a expectativa é de que este quadro difícil para o setor se reverta. Se não houver novos movimentos de valorização do câmbio, a indústria florestal de Santa Catarina poderá tirar proveito das oportunidades a serem recriadas nos próximos anos face à retomada do ritmo da construção civil norteamericana. A recuperação gradativa do setor é o cenário mais provável. A hora é de se preparar.....

Luiz Toresan
Engº Agrônomo
toresan@epagri.sc.gov.br
.

Crédito rural e o financiamento da produção agrícola no Estado de Santa Catarina

O crédito rural se constitui num importante instrumento de política pública para o desenvolvimento da agropecuária nacional. Ainda hoje se constitui em um mecanismo fomentador para adoção de novas tecnologias de produção e também como forma de viabilizar a produção de alimentos, sobremodo para a Agricultura Familiar.

Desde 1996[1], quando foi instituído pelo governo federal o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf)[2], tem crescido acentuadamente os volumes de recursos alocados pelo Governo Federal para o financiamento da produção familiar, e por conseqüência, aumentado significativamente o número de produtores que acessam o crédito, assim como, um esforço expressivo dos órgãos de nível federal para inclusão de outros públicos no crédito rural, como os povos indígenas, jovens, mulheres e comunidades remanescentes dos quilombos. O Pronaf também tem viabilizado linhas específicas de financiamento, como o Mais Alimentos para a Agricultura Familiar, ou mesmo para atender a situações de eventos climáticos de grandes proporções, como o excesso de chuvas de 2008 no Vale do Itajaí, ou a seca no Oeste Catarinense nos meses de dez/08 e maio/09.

Tais ajustes ao Programa Nacional evidenciam um verdadeiro processo de inovação e de modernização na formulação das políticas de financiamento à Agricultura Familiar, criando-se uma gama enorme de linhas de crédito para custeio e investimento, assim como uma estratificação do público beneficiário, mesmo dentro do Pronaf, visando atender não somente ao produtor familiar, mas à estrutura familiar de produção, grupos organizados e organizações de personalidade jurídica, como as cooperativas de produção e de crédito.

Não obstante a grande preocupação com a Agricultura Familiar, o governo mantém também linhas específicas de financiamento dirigidas aos demais produtores e à produção empresarial. Como são em grande parte voltadas ao mercado externo, tais linhas também oferecem taxas de juros competitivas, embora sejam consideravelmente superiores às da Agricultura Familiar.

Financiamento à produção em Santa Catarina nas safras 2006/07, 2007/08 e 2008/09

Como de praxe, o governo federal lança no mês de julho de cada ano um conjunto de normas regulatórias para operacionalização do crédito rural ao setor agropecuário, denominado Plano Safra. Assim, o Plano Safra define as regras para as operações de investimento, custeio e comercialização da atividade agropecuária, aplicáveis na safra anunciada, que são publicadas através de resoluções do Banco Central do Brasil, no Manual de Crédito Rural do próprio Banco Central. A Tabela 1 mostra os valores dos financiamentos nos três últimos anos agrícolas, correspondendo à safra 2006/07, que findou em 30 de junho de 2007, à safra 2007/08, cujo período de vigência vai até junho de 2008 e à safra 2008/09, com encerramento em 30 de junho de 2009.

---

[1] Decreto N. 1.946 de 28-06-96.

[2] Considera-se Agricultor Familiar aquele que satisfaça aos seguintes requisitos: a) residir no estabelecimento rural, ou em aglomerado urbano próximo; b) manter até dois empregados além de eventual contratação de mão de obra rural; c) possuir área de terras não superiores a quatro módulos fiscais; d) ter no mínimo 80% da renda bruta proveniente de atividades rurais (Resolução Nº 2.210 – BACEN).

Tabela 1/I. *Recursos totais de crédito rural comparativo – Comercialização, investimento e custeio contratados - Santa Catarina - Safras 2006/07, 2007/08 e 2008/09*

(mil R$)

Linha de crédito	Safra 2006/07		Safra 2007/08		Safra 2008/09	
	Nº operações	Valor	Nº operações	Valor	Nº operações	Valor
Comercialização	719	267.328,00	671	964.362,69	738	97.960,43
Investimento	17.249	325.072,86	16.971	378.426,23	16.176	511.182,43
Custeio	95.880	812.856,23	93.395	938.609,15	95.307	1.066.945,37
Total	**113.848**	**1.405.257,13**	**111.037**	**2.281.398,08**	**112.221**	**1.676.088,23**

Fonte: Banco do Brasil.

A análise do desempenho da safra 2008/09, comparativamente às duas safras anteriores, mostra dados interessantes. Há um leve crescimento no número de operações contratadas nas linhas de comercialização e de custeio, com pequena redução no número de contratos de investimentos.

Quanto a valores, há uma redução significativa do volume de recursos contratados para comercialização, tendo sido contratados na safra 2008/09 ao redor de 98 milhões. Na safra anterior os valores atingiram a casa de R$ 960 milhões. Na rubrica investimentos, o volume de recursos contratados salta da casa de R$ 378 para mais de R$ 511 milhões. Esse salto em valores certamente está refletindo os esforços despendidos pelos agentes financeiros, pelas instituições de governo e pelos serviços de assistência técnica oficial e privada, na implementação do "Pronaf Mais Alimentos".

No financiamento para operações de custeio, o número de contratos atingiu na safra 2008/09 os mesmos patamares da safra 2006/07. Entretanto, houve uma elevação considerável do montante de recursos contratados em consequência, principalmente, da elevação dos patamares de crédito oferecidos, sobremodo aos custeios no âmbito do Pronaf.

Os dados da Tabela 2 demonstram que houve pequenas variações no número de operações de custeio e de investimento no Estado, entre as safras 2007/08 e 2008/09. Há um ligeiro acréscimo no número de contratos de custeio de 2009 (86.107) em relação ao número de contratos da safra passada (83.839), o que corresponde a 3%. A variação no volume de recursos contratados na safra 2008/09 correspondeu a 23,5%.

Tabela 2/I. *Contratação de recursos do crédito rural Pronaf, no Estado de Santa Catarina - Safras 2006/07, 2007/08 e 2008/09*

(mil R$)

Linha de crédito	Safra 2006/07		Safra 2007/08		Safra 2008/09	
	Nº operações	Valor	Nº operações	Valor	Nº operações	Valor
Custeio	86.782	434.703,33	83.839	461.492,04	86.107	570.172,81
Investimento	15.605	256.539,21	15.029	264.931,93	14.911	426.268,09
Total	**102.387**	**691.242,54**	**98.868**	**726.423,98**	**101.018**	**996.440,90**

Fonte: Banco do Brasil.

Na área de investimentos na Agricultura Familiar houve um ligeiro decréscimo no número de contratos, entretanto, com um valor bastante significativo na safra 2008/09 em relação à safra anterior, saltando de R$ 264,9 milhões, para R$ 426,2 milhões (60,8%).

Interessante observar que os dados das operações de custeio correspondem a mais de 86 mil operações realizadas diretamente a agricultores familiares, evidenciando que, no caso de Santa Catarina, está se cumprindo o papel que a política pública se propõe, ou seja, valorizar a Agricultura Familiar, através de financiamento direto à produção.

Parcela significativa alocada à Agricultura Familiar relaciona-se ao crédito de investimento, atingindo ao redor de 15 mil operações, cujos valores somaram mais de 426 milhões de reais contratados em aquisição de terras, dentro do PNCF[3], máquinas, equipamentos, benfeitorias e animais produtivos, principalmente para produção de leite, entre outros. Destacam-se nesta linha de crédito os efeitos do Programa "Mais Alimentos" que impactou positivamente na aquisição de tratores novos, sendo comercializados no Estado mais de quatro mil tratores.

Deve-se considerar ainda que os dados apresentados nas Tabelas 1 e 2 são apenas do Banco do Brasil, não representando a totalidade do crédito rural alocado em Santa Catarina. Outros agentes financeiros operam, em escala significativa em número de operações e valores, como é o caso dos sistemas de crédito cooperativo, como o Sicoob, Cresol, Sicredi, BNDES, BRDE, entre outros.

Considerando que somente o Banco do Brasil atingiu um volume total de R$ 1,0 bilhão, estima-se que o somatório do volume contratado, em custeio e investimentos, tenha atingido a casa dos R$ 1,4 bilhão, cumprindo com muita eficiência a meta previamente estimada pelo MDA para o Estado de Santa Catarina que, para a safra 2008/2009, estimava-se em R$ 1,4 bilhão.

Osvaldo Vieira dos Santos
Engº Agrônomo - Epagri
osvaldo@epagri.sc.gov.br

[3] Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF), instituído pelo governo federal através da Lei Complementar n. 93 de 04/02/1998 e seus respectivos decretos.

Tabela 1/II. *Área territorial, segundo os municípios - Santa Catarina - 2002*

Município	Área territorial (km²)
Santa Catarina	**95.346.181**
Abdon Batista	235.600
Abelardo Luz	955.368
Agrolândia	207.119
Agronômica	135.923
Água Doce	1.313.014
Águas de Chapecó	139.132
Águas Frias	75.162
Águas Mornas	360.757
Alfredo Wagner	732.277
Alto Bela Vista	103.592
Anchieta	228.580
Angelina	499.947
Anita Garibaldi	588.612
Anitápolis	542.380
Antônio Carlos	229.118
Apiúna	493.529
Arabutã	132.232
Araquari	401.831
Araranguá	303.799
Armazém	173.484
Arroio Trinta	94.333
Arvoredo	90.709
Ascurra	111.672
Atalanta	94.527
Aurora	206.947
Balneário Arroio do Silva	93.819
Balneário Barra do Sul	110.428
Balneário Camboriú	46.489
Balneário Gaivota	147.710
Bandeirante	146.255
Barra Bonita	93.469
Barra Velha	140.160
Bela Vista do Toldo	534.618
Belmonte	93.604
Benedito Novo	385.402
Biguaçu	324.521
Blumenau	519.837
Bocaina do Sul	496.250
Bom Jardim da Serra	935.177
Bom Jesus	63.552
Bom Jesus do Oeste	67.899
Bom Retiro	1.055.501
Bombinhas	34.489
Botuverá	303.023
Braço do Norte	221.311
Braço do Trombudo	89.681
Brunópolis	335.513
Brusque	283.445
Caçador	981.901
Caibi	171.711
Calmon	639.528
Camboriú	214.500
Campo Alegre	496.146

(Continua)

(Continuação)

Município	Área territorial (km²)
Campo Belo do Sul	1.027.407
Campo Erê	478.734
Campos Novos	1.659.625
Canelinha	151.409
Canoinhas	1.144.837
Capão Alto	1.335.280
Capinzal	333.980
Capivari de Baixo	53.165
Catanduvas	198.033
Caxambu do Sul	140.578
Celso Ramos	207.409
Cerro Negro	416.774
Chapadão do Lageado	124.472
Chapecó	624.308
Cocal do Sul	71.210
Concórdia	797.260
Cordilheira Alta	83.768
Coronel Freitas	234.157
Coronel Martins	107.408
Correia Pinto	651.614
Corupá	405.003
Criciúma	235.628
Cunha Porã	220.293
Cunhataí	54.511
Curitibanos	952.283
Descanso	285.571
Dionísio Cerqueira	377.704
Dona Emma	181.018
Doutor Pedrinho	375.758
Entre Rios	105.167
Ermo	63.868
Erval Velho	207.686
Faxinal dos Guedes	339.637
Flor do Sertão	58.708
Florianópolis	433.317
Formosa do Sul	99.576
Forquilhinha	181.915
Fraiburgo	546.249
Frei Rogério	157.845
Galvão	121.900
Garopaba	114.670
Garuva	501.390
Gaspar	386.354
Governador Celso Ramos	93.061
Grão Pará	328.097
Gravatal	168.473
Guabiruba	173.591
Guaraciaba	330.646
Guaramirim	268.119
Guarujá do Sul	100.550
Guatambú	204.757
Herval d'Oeste	222.405
Ibiam	147.329
Ibicaré	150.512
Ibirama	246.705

(Continua)

(Continuação)

Município	Área territorial (km²)
Içara	292.779
Ilhota	253.442
Imaruí	542.236
Imbituba	184.787
Imbuia	121.891
Indaial	430.534
Iomerê	114.735
Ipira	150.304
Iporã do Oeste	202.369
Ipuaçu	261.391
Ipumirim	247.067
Iraceminha	164.375
Irani	321.559
Irati	69.802
Irineópolis	591.290
Itá	165.463
Itaiópolis	1.295.319
Itajaí	289.255
Itapema	59.022
Itapiranga	280.116
Itapoá	257.158
Ituporanga	336.955
Jaborá	191.117
Jacinto Machado	428.650
Jaguaruna	329.459
Jaraguá do Sul	532.590
Jardinópolis	68.097
Joaçaba	232.354
Joinville	1.130.878
José Boiteux	405.519
Jupiá	91.710
Lacerdópolis	68.453
Lages	2.644.313
Laguna	440.525
Lajeado Grande	65.928
Laurentino	79.506
Lauro Muller	270.508
Lebon Régis	940.656
Leoberto Leal	291.191
Lindóia do Sul	195.056
Lontras	198.397
Luiz Alves	260.079
Luzerna	116.832
Macieira	260.072
Mafra	1.404.206
Major Gercino	285.679
Major Vieira	525.988
Maracajá	63.401
Maravilha	169.447
Marema	103.616
Massaranduba	373.296
Matos Costa	432.177
Meleiro	186.618
Mirim Doce	336.313
Modelo	92.717
Mondaí	200.980
Monte Carlo	162.785
Monte Castelo	561.732

(Continua)

(Continuação)

Município	Área territorial (km²)
Morro da Fumaça	82.935
Morro Grande	256.468
Navegantes	111.461
Nova Erechim	64.400
Nova Itaberaba	137.583
Nova Trento	402.118
Nova Veneza	293.557
Novo Horizonte	151.672
Orleans	549.824
Otacílio Costa	846.576
Ouro	206.229
Ouro Verde	189.270
Paial	85.761
Painel	742.103
Palhoça	394.662
Palma Sola	331.776
Palmeira	292.216
Palmitos	350.690
Papanduva	759.832
Paraíso	178.607
Passo de Torres	95.054
Passos Maia	614.432
Paulo Lopes	450.372
Pedras Grandes	171.821
Penha	58.783
Peritiba	96.407
Petrolândia	306.153
Piçarras	99.071
Pinhalzinho	128.298
Pinheiro Preto	65.705
Piratuba	145.701
Planalto Alegre	62.632
Pomerode	215.904
Ponte Alta	566.754
Ponte Alta do Norte	400.972
Ponte Serrada	564.005
Porto Belo	92.762
Porto União	851.239
Pouso Redondo	359.519
Praia Grande	278.576
Presidente Castelo Branco	76.940
Presidente Getúlio	295.650
Presidente Nereu	224.672
Princesa	86.215
Quilombo	279.279
Rancho Queimado	286.432
Rio do Oeste	245.633
Rio das Antas	317.190
Rio do Campo	506.198
Rio do Sul	258.401
Rio dos Cedros	555.654
Rio Fortuna	300.315
Rio Negrinho	908.391
Rio Rufino	282.569
Riqueza	190.279
Rodeio	130.942
Romelândia	223.749
Salete	179.308

(Continua)

(Continuação)

Município	Área territorial (km²)
Saltinho	156.528
Salto Veloso	105.042
Sangão	83.058
Santa Cecília	1.145.321
Santa Helena	80.982
Santa Rosa de Lima	202.977
Santa Rosa do Sul	151.440
Santa Terezinha	716.253
Santa Terezinha do Progresso	118.997
Santiago do Sul	73.562
Santo Amaro da Imperatriz	310.735
São Bento do Sul	495.578
São Bernardino	144.960
São Bonifácio	461.301
São Carlos	158.988
São Cristovão do Sul	348.963
São Domingos	383.653
São Francisco do Sul	492.819
São João Batista	220.726
São João do Itaperiú	151.926
São João do Oeste	163.650
São João do Sul	182.699
São Joaquim	1.885.608
São José	113.171
São José do Cedro	279.581
São José do Cerrito	946.243
São Lourenço do Oeste	369.478
São Ludgero	107.571
São Martinho	224.531
São Miguel do Oeste	234.396
São Miguel da Boa Vista	71.922
São Pedro de Alcântara	139.635
Saudades	205.554
Schroeder	143.818
Seara	312.540

(Continua)

(Continuação)

Município	Área territorial (km²)
Serra Alta	90.444
Siderópolis	262.700
Sombrio	142.745
Sul Brasil	112.701
Taió	693.025
Tangará	389.184
Tigrinhos	57.439
Tijucas	276.622
Timbé do Sul	333.426
Timbó	127.251
Timbó Grande	596.942
Três Barras	438.066
Treviso	157.667
Treze de Maio	161.081
Treze Tílias	185.205
Trombudo Central	102.796
Tubarão	300.273
Tunápolis	132.909
Turvo	233.941
União do Oeste	93.058
Urubici	1.019.232
Urupema	353.126
Urussanga	240.476
Vargeão	166.450
Vargem	350.124
Vargem Bonita	298.610
Vidal Ramos	339.068
Videira	377.852
Vitor Meireles	371.560
Witmarsum	150.798
Xanxerê	377.553
Xavantina	215.069
Xaxim	294.715
Zortéa	190.149

Fonte: IBGE - Censo Demográfico.

Tabela 2/II. *Média das temperaturas mínimas mensais, segundo as estações agrometeorológicas - Santa Catarina - 2008*

Estação	jan.	fev.	mar.	abr.	maio	jun.	jun.	ago.	set.	out.	nov.	dez.
Blumenau	21,09	21,13	20,85	18,11	14,05	12,40	14,92	15,69	14,36	17,85	18,88	19,69
Caçador	16,33	16,12	16,23	12,69	8,90	7,82	9,43	11,10	9,96	14,04	15,21	16,01
Campo Erê	18,13	17,43	16,95	13,96	12,11	10,22	12,87	11,96	10,22	13,51	14,62	18,86
Campos Novos	17,30	17,30	16,87	13,89	11,22	9,12	12,22	12,20	10,47	14,23	15,36	16,74
Chapecó	19,95	19,80	18,85	15,71	12,52	9,91	14,51	14,85	11,74	16,40	18,17	19,39
Florianópolis (Convencional)	21,47	20,95	20,93	17,20	13,34	12,14	14,32	15,15	14,05	17,75	19,10	19,84
Florianópolis (São José)	22,22	22,27	21,88	18,95	15,56	13,49	15,54	16,04	15,34	18,20	19,55	21,06
Indaial	21,50	21,75	21,13	18,21	14,13	12,25	14,36	15,61	14,79	18,32	19,23	20,23
Itajaí	21,63	21,51	21,36	18,04	14,78	12,69	14,92	15,92	15,09	18,58	19,35	20,54
Itapiranga	21,77	20,65	20,48	15,65	12,27	8,7	13,16	14,06	12,37	17,93	19,05	19,22
Ituporanga	18,02	17,91	17,41	14,36	10,68	8,74	10,66	12,73	10,96	14,98	16,13	17,90
Joinville	20,78	21,40	21,05	18,37	14,33	11,81	13,73	14,14	13,88	16,87	17,14	18,63
Lages	16,37	16,58	15,89	12,24	8,71	6,82	9,36	10,71	9,14	13,12	14,22	15,10
Major Vieira	18,92	18,18	17,41	13,65	10,35	8,82	9,73	12,16	11,5	15,67	17,35	17,32
Matos Costa	15,34	15,41	15,54	12,57	9,61	7,47	10,26	10,67	9,08	12,83	13,54	14,33
Ponte Serrada	17,10	16,49	16,23	11,97	9,19	8,04	10,00	11,24	9,56	14,23	15,18	15,40
Rio do Campo	19,10	19,34	17,97	14,33	10,01	8,78	10,62	11,80	10,81	15,15	16,29	17,29
Rio Negrinho	17,03	17,44	16,72	14,66	11,08	9,70	10,20	12,44	10,82	14,58	15,23	16,36
São Joaquim	13,51	13,57	13,31	10,44	8,23	5,81	9,34	8,93	6,95	10,80	11,69	12,47
São Miguel D'Oeste	20,21	20,46	19,17	16,23	13,30	10,31	15,45	14,58	11,92	16,85	18,50	20,00
Urussanga	20,69	20,42	20,31	16,78	12,83	10,34	13,34	13,63	12,98	17,20	18,68	19,39
Videira	18,87	18,04	17,88	13,62	10,31	9,38	10,75	12,66	11,35	15,54	16,88	17,68

Fonte: Epagri/Ciram.

Tabela 3/II. *Média das temperatura máximas mensais, segundo as estações agrometeorológicas - Santa Catarina - 2008*

Estação	jan.	fev.	mar.	abr.	maio	jun.	jul.	ago.	set.	out.	nov.	dez.
Blumenau	29,60	31,22	30,76	27,95	25,89	21,65	24,61	23,24	23,01	24,94	25,65	29,61
Caçador	23,57	24,12	23,61	20,04	17,88	15,47	18,65	18,76	17,68	20,68	22,22	24,22
Campo Erê	24,92	25,38	24,32	20,47	17,90	14,94	20,16	18,85	18,41	21,89	23,99	26,26
Campos Novos	23,37	23,75	22,86	19,71	17,35	14,38	18,62	18,08	16,86	19,79	22,07	24,07
Chapecó	27,35	27,48	25,97	22,18	19,32	16,03	21,61	21,21	18,63	22,27	25,11	27,10
Florianópolis (Convencional)	27,13	27,79	27,25	24,37	22,07	19,03	21,07	20,68	20,24	22,62	23,51	26,13
Florianópolis (São José)	27,23	27,86	27,35	24,88	22,90	19,50	21,42	20,97	20,68	22,46	23,84	26,25
Indaial	27,32	28,50	27,67	24,88	22,25	18,70	21,17	21,15	20,63	23,42	24,13	27,57
Itajaí	27,41	27,95	27,59	25,13	22,56	19,37	21,45	21,13	20,81	23,39	24,59	26,14
Itapiranga	30,08	30,09	29,02	24,31	20,13	16,00	21,84	22,40	20,61	24,65	28,01	30,40
Ituporanga	26,02	27,21	26,01	22,59	20,18	16,50	19,26	19,69	19,05	21,88	23,06	26,09
Joinville	27,29	28,10	27,88	25,53	23,42	19,92	22,14	21,21	21,29	23,13	24,01	26,77
Lages	23,65	24,32	23,01	19,72	17,25	13,89	17,48	17,20	16,37	19,05	21,34	23,75
Major Vieira	26,80	27,36	26,19	23,32	21,36	18,01	21,35	21,11	20,45	22,45	24,73	27,37
Matos Costa	20,86	21,61	20,90	18,17	16,08	13,09	16,45	15,96	15,40	18,05	19,31	21,59
Rio Negrinho	22,86	24,41	23,29	20,99	18,19	15,54	18,09	18,63	17,59	20,68	21,18	24,71
São Joaquim	19,61	20,01	19,08	16,76	14,49	11,54	15,48	14,91	13,46	16,20	17,15	19,56
São Miguel D'Oeste	27,16	27,66	26,04	22,74	19,02	15,90	21,96	20,83	19,65	23,06	25,51	27,54
Urussanga	26,98	27,14	26,67	24,58	21,86	18,09	21,1	20,89	20,59	22,87	24,36	26,81
Videira	25,31	25,38	24,54	20,08	18,02	15,81	19,86	19,80	18,85	21,60	23,55	25,67

Fonte: Epagri/Ciram.

Tabela 4/II. *Umidade relativa média mensal, segundo as estações agrometeorológicas - Santa Catarina - 2008*

(%)

Estação	jan.	fev.	mar.	abr.	maio	jun.	jul.	ago.	set.	out.	nov.	dez.
Caçador	78,70	76,39	76,56	82,79	78,54	81,50	78,22	79,67	73,58	80,86	76,01	69,06
Campo Erê	78,24	72,34	75,43	75,80	75,16	82,22	68,95	81,12	75,22	79,38	72,68	75,50
Campos Novos	76,30	73,91	76,70	77,48	73,89	79,18	71,34	77,09	73,78	81,76	73,91	65,34
Chapecó	69,57	68,09	72,65	73,71	73,71	79,49	64,30	69,44	71,22	77,99	67,99	60,26
Florianópolis (Convencional)	74,35	75,16	77,55	76,38	78,08	81,92	81,20	78,52	76,04	82,26	84,17	74,35
Florianópolis (São José)	76,10	76,22	77,23	77,22	74,44	78,28	79,19	77,89	75,41	82,53	82,84	74,01
Indaial	88,35	85,92	86,92	86,82	85,44	87,52	88,45	88,84	85,11	89,34	89,87	80,46
Itajaí	77,48	81,14	77,92	81,08	79,75	82,48	85,34	85,52	80,47	85,63	86,12	79,87
Itapiranga	73,10	70,94	75,28	81,39	86,14	92,13	85,12	84,42	80,89	81,92	73,34	66,87
Ituporanga	78,24	75,79	78,97	83,27	79,40	85,23	84,53	83,40	78,92	84,37	82,71	74,52
Joinville	79,31	77,30	74,94	75,88	73,44	77,81	77,71	80,65	75,91	81,73	83,61	72,01
Lages	77,69	76,54	79,63	81,22	80,19	84,72	82,54	82,61	79,03	83,85	79,42	73,46
Matos Costa	80,13	78,31	75,97	80,52	73,57	78,21	74,28	78,90	74,53	84,39	78,88	72,34
Rio do Campo	88,01	86,07	83,51	86,07	81,08	84,47	83,69	86,15	80,22	85,20	81,74	73,14
Rio Negrinho	85,66	82,64	82,13	82,46	79,55	82,58	78,70	81,11	78,57	84,02	85,17	73,61
São Joaquim	83,84	83,00	86,09	81,99	74,44	79,53	71,41	74,59	78,47	83,37	84,94	75,58
Urussanga	81,26	81,17	82,72	80,86	81,01	85,59	83,74	81,62	78,79	80,86	81,31	75,90
Videira	72,83	73,85	75,10	82,36	77,44	79,92	75,32	76,65	71,36	80,26	72,81	64,56

Fonte: Epagri/Ciram.

Tabela 5/II. *Precipitação média mensal, segundo as estações agrometeorológicas - Santa Catarina - 2008*

(mm)

Estação	jan.	fev.	mar.	abr.	maio	jun.	jul.	ago.	set.	out.	nov.	dez.
Blumenau	257,2	162,3	68,5	185,3	52,8	86,4	28,4	104,4	147,4	360,1	1.002,0	166,7
Caçador	125,6	82,9	50,8	175,1	55,5	135,7	32,8	77,9	159,7	289,3	136,0	103,2
Campo Erê	155,4	120,9	41,0	291,1	97,6	177,5	33,5	120,4	169,0	352,8	144,0	57,4
Campos Novos	196,0	116,4	112,2	248,7	84,8	249,0	39,7	108,1	224,8	408,1	152,1	101,4
Chapecó	98,2	74,4	72,3	279,8	81,4	200,7	30,5	120,1	166,5	319,0	129,9	40,5
Florianópolis (Convencional)	365,1	296,7	350,3	246,9	77,8	73,4	10,3	63,4	204,6	274,0	642,2	212,5
Florianópolis (São José)	532,6	316,4	183,2	207,8	71,9	68,6	10,0	58,8	230,2	286,5	614,9	304,5
Indaial	226,2	209,9	50,1	183,8	46,9	91,0	28,3	95,7	153,5	358,6	598,1	166,8
Itajaí	282,8	236,6	114,4	202,2	60,4	83,1	48,6	92,5	112,0	275,3	725,1	241,3
Itapiranga	73,3	59,2	40,6	365,9	52,2	139,1	39,5	130,7	185,9	309,8	180,3	90,6
Ituporanga	215,6	146,8	82,7	160,0	68,0	143,0	36,9	89,1	165,4	386,1	199,5	109,0
Joinville	478,4	416,4	274,4	185,5	75,3	80,5	26,8	123,1	123,3	369,9	974,3	305,4
Lages	203,7	176,8	81,8	185,8	67,5	163,6	37,6	106,2	154,6	370,9	156,3	67,5
Major Vieira	210,8	89,3	89,2	161,1	64,0	153,5	35,2	102,2	157,5	332,3	143,0	47,6
Matos Costa	151,0	127,0	80,0	228,0	72,0	170,0	39,0	142,0	182,0	334,0	141,0	76,0
Ponte Serrada	122,9	128,3	81,1	266,4	82,9	211,6	39,9	130,8	186,5	397,5	262,6	161,8
Rio do Campo	315,6	191,6	94,2	88,8	63,0	175,6	38,6	118,5	145,0	452,4	213,2	166,2
Rio Negrinho	285,8	151,3	83,1	205,3	58,7	120,5	32,9	107,9	92,0	431,9	157,0	44,4
São Joaquim	219,2	207,5	123,6	214	129,5	202,0	54,2	133,7	248,1	382,8	238,8	94,2
São Miguel D'Oeste	135,1	64,4	83,0	368,8	68,3	130,7	22,5	87,3	132,3	393,7	132,8	88,8
Urussanga	220,1	163,3	175,2	93,8	126,7	75,0	14,5	40,5	165,1	253,5	229,6	143,7
Videira	123,9	89,7	54,7	207,7	44,0	171,8	38,9	98,5	178,3	390,6	254,2	117,9

Fonte: Epagri/Ciram.

Tabela 6/II. *População residente, segundo a situação de domicílio - Brasil e Santa Catarina - 2003-07*

(mil hab.)

Discriminação	2003	2004	2005	2006	2007
Brasil	**175.988**	**182.060**	**184.601**	**187.228**	**189.820**
Urbana	148.439	151.124	152.892	155.934	158.453
Rural	27.549	30.936	31.709	31.294	31.368
Santa Catarina	**5.700**	**5.791**	**5.881**	**5.974**	**6.066**
Urbana	4.673	4.726	4.846	4.928	5.022
Rural	1.028	1.065	1.036	1.047	1.045

Fonte: IBGE/Pnad.

Tabela 7/II. População residente total, urbana e rural, por grupo de idade - Santa Catarina - 2005-07

(mil hab.)

Grupo de idade	Total			Urbana			Rural		
	2005	2006	2007	2005	2006	2007	2005	2006	2007
0 a 4 anos	424	386	372	354	312	303	70	75	69
5 a 9 anos	477	488	488	384	407	408	93	81	81
10 a 14 anos	542	533	512	430	422	414	113	111	98
15 a 17 anos	324	346	309	260	287	248	64	60	62
18 a 19 anos	229	207	218	191	178	186	38	28	32
20 a 24 anos	507	525	560	428	449	472	79	76	87
25 a 29 anos	486	473	527	414	402	450	72	71	78
30 a 34 anos	458	471	480	391	391	401	67	80	79
35 a 39 anos	479	446	450	393	378	382	86	68	68
40 a 44 anos	446	496	481	375	416	402	72	79	79
45 a 49 anos	399	391	406	331	321	342	68	69	64
50 a 54 anos	301	331	334	249	273	274	53	57	60
55 a 59 anos	269	277	298	217	221	236	52	57	63
60 a 64 anos	191	192	226	151	156	183	39	36	43
65 a 69 anos	127	168	156	101	129	124	26	39	31
70 anos ou mais	222	244	248	178	187	197	45	57	51

Fonte: IBGE/Pnad.

Tabela 8/II. *População recenseada total, rural e urbana segundo os municípios - Santa Catarina - 2007*

Município	População recenseada		
	Total[1]	Urbana	Rural
Abdon Batista	2.726	756	1.970
Abelardo Luz	16.374	7.747	8.627
Agrolândia	9.080	5.662	3.418
Agronômica	4.677	1.567	3.110
Água Doce	6.756	3.329	3.427
Águas de Chapecó	6.086	2.971	3.115
Águas Frias	2.551	937	1.614
Águas Mornas	4.410	1.924	2.486
Alfredo Wagner	9.754	2.938	6.816
Alto Bela Vista	2.021	549	1.472
Anchieta	6.587	2.629	3.958
Angelina	5.322	1.043	4.279
Anita Garibaldi	9.141	4.708	4.433
Anitápolis	3.175	1.180	1.995
Antônio Carlos	7.087	2.072	5.015
Apiúna	10.270	4.033	6.237
Arabutã	3.962	1.090	2.872
Araquari	21.278	19.847	1.431
Araranguá	57.119	47.441	9.678
Armazém	7.312	2.980	4.332
Arroio Trinta	3.516	2.416	1.100
Arvoredo	2.193	451	1.742
Ascurra	6.761	5.934	827
Atalanta	3.317	1.222	2.095
Aurora	5.399	1.724	3.675
Balneário Arroio do Silva	8.089	7.881	208
Balneário Barra do Sul	7.278	7.272	6
Balneário Camboriú	94.344	94.344	-
Balneário Gaivota	7.307	5.538	1.769
Balneário Piçarras	13.760	12.497	1.263
Bandeirante	3.028	851	2.177
Barra Bonita	2.064	323	1.741
Barra Velha	18.575	17.511	1.064
Bela Vista do Toldo	5.909	645	5.264
Belmonte	2.681	1.253	1.428
Benedito Novo	9.841	5.330	4.511
Biguaçu	53.444	48.039	5.405
Blumenau[2]	...	...	...
Bocaina do Sul	3.047	864	2.183
Bom Jardim da Serra	4.214	2.271	1.943
Bom Jesus	2.296	1.276	1.020
Bom Jesus do Oeste	2.026	600	1.426
Bom Retiro	8.258	5.771	2.487
Bombinhas	12.456	12.456	-
Botuverá	4.127	1.021	3.106
Braço do Norte	27.730	22.577	5.153
Braço do Trombudo	3.288	1.856	1.432
Brunópolis	2.934	690	2.244
Brusque	94.962	92.203	2.759

(Continua)

(Continuação)

Município	População recenseada		
	Total[1]	Urbana	Rural
Caçador	67.556	61.533	6.023
Caibi	6.217	3.340	2.877
Calmon	4.012	2.055	1.957
Camboriú	53.388	51.101	2.287
Campo Alegre	11.391	6.657	4.734
Campo Belo do Sul	7.968	4.795	3.173
Campo Erê	9.590	6.012	3.578
Campos Novos	28.447	22.756	5.691
Canelinha	9.696	5.672	4.024
Canoinhas	52.677	39.577	13.100
Capão Alto	3.210	1.000	2.210
Capinzal	18.465	15.406	3.059
Capivari de Baixo	20.064	18.819	1.245
Catanduvas	8.733	7.423	1.310
Caxambu do Sul	4.885	2.122	2.763
Celso Ramos	2.671	797	1.874
Cerro Negro	3.948	817	3.131
Chapadão do Lageado	2.749	387	2.362
Chapecó	164.803	151.976	12.827
Cocal do Sul	14.563	12.187	2.376
Concórdia	67.249	50.693	16.556
Cordilheira Alta	3.361	1.039	2.322
Coronel Freitas	10.246	5.146	5.100
Coronel Martins	2.481	656	1.825
Corupá	12.758	9.637	3.121
Correia Pinto	14.838	12.140	2.698
Criciúma[2]	...	...	...
Cunha Porã	10.638	6.221	4.417
Cunhataí	1.874	536	1.338
Curitibanos	37.493	34.310	3.183
Descanso	8.705	4.080	4.625
Dionísio Cerqueira	14.792	9.578	5.214
Dona Emma	3.441	1.563	1.878
Doutor Pedrinho	3.280	1.845	1.435
Entre Rios	2.979	783	2.196
Ermo	1.843	546	1.297
Erval Velho	4.098	2.393	1.705
Faxinal dos Guedes	10.339	7.255	3.084
Flor do Sertão	1.640	303	1.337
Florianópolis[2]	...	...	...
Formosa do Sul	2.620	1.058	1.562
Forquilhinha	20.719	16.799	3.920
Fraiburgo	34.889	30.078	4.811
Frei Rogério	2.655	450	2.205
Galvão	3.493	2.354	1.139
Garopaba	16.399	13.771	2.628
Garuva	13.393	10.118	3.275
Gaspar	52.428	42.359	10.069
Governador Celso Ramos	12.175	11.587	588

(Continuação)

Continuação)

Município	População recenseada		
	Total[1]	Urbana	Rural
Grão Pará	6.051	2.863	3.188
Gravatal	10.510	4.408	6.102
Guabiruba	16.095	15.022	1.073
Guaraciaba	10.604	4.731	5.873
Guaramirim	29.932	24.195	5.737
Guarujá do Sul	4.711	2.516	2.195
Guatambú	4.505	1.485	3.020
Herval d'Oeste	18.942	16.710	2.232
Ibiam	1.987	622	1.365
Ibicaré	3.390	1.564	1.826
Ibirama	16.716	14.062	2.654
Içara	54.107	49.304	4.803
Ilhota	11.552	6.949	4.603
Imaruí	11.675	3.524	8.151
Imbituba	36.231	36.231	-
Imbuia	5.501	2.288	3.213
Indaial	47.686	45.807	1.879
Iomerê	2.558	817	1.741
Ipira	4.705	2.264	2.441
Iporã do Oeste	8.091	3.606	4.485
Ipuaçu	6.566	1.205	5.361
Ipumirim	7.118	2.975	4.143
Iraceminha	4.261	1.325	2.936
Irani	9.313	5.817	3.496
Irati	2.025	402	1.623
Irineópolis	10.287	3.268	7.019
Itá	6.417	3.818	2.599
Itaiópolis	19.752	9.788	9.964
Itajaí	163.218	156.931	6.287
Itapema	33.766	32.408	1.358
Itapiranga	15.238	7.061	8.177
Itapoá	10.719	10.143	576
Ituporanga	20.577	13.082	7.495
Jaborá	4.032	1.526	2.506
Jacinto Machado	10.738	5.090	5.648
Jaguaruna	15.668	11.508	4.160
Jaraguá do Sul	129.973	121.114	8.859
Jardinópolis	1.851	903	948
Joaçaba	24.435	22.468	1.967
Joinville[2]	...	...	...
José Boiteux	4.840	1.459	3.381
Jupiá	2.134	866	1.268
Lacerdópolis	2.190	1.098	1.092
Lages	161.583	158.633	2.950
Laguna	50.179	39.834	10.345
Lajeado Grande	1.461	593	868
Laurentino	5.483	3.949	1.534
Lauro Muller	13.700	10.225	3.475
Lebon Régis	11.735	7.574	4.161

(Continua)

Continuação)

Município	População recenseada		
	Total[1]	Urbana	Rural
Leoberto Leal	3.589	509	3.080
Lindóia do Sul	4.560	1.728	2.832
Lontras	9.180	6.210	2.970
Luiz Alves	8.986	2.639	6.347
Luzerna	5.391	4.048	1.343
Macieira	1.760	450	1.310
Mafra	51.014	39.005	12.009
Major Gercino	2.842	795	2.047
Major Vieira	7.337	2.703	4.634
Maracajá	5.909	3.888	2.021
Maravilha	21.684	17.517	4.167
Marema	2.282	612	1.670
Massaranduba	13.777	6.449	7.328
Matos Costa	2.818	1.400	1.418
Meleiro	6.880	3.440	3.440
Mirim Doce	2.545	1.112	1.433
Modelo	3.772	2.359	1.413
Mondaí	9.126	5.176	3.950
Monte Carlo	8.854	7.767	1.087
Monte Castelo	8.113	4.577	3.536
Morro da Fumaça	15.426	12.462	2.964
Morro Grande	2.727	731	1.996
Navegantes	52.638	49.874	2.764
Nova Erechim	4.118	2.758	1.360
Nova Itaberaba	4.117	861	3.256
Nova Trento	11.325	8.444	2.881
Nova Veneza	12.536	8.414	4.122
Novo Horizonte	2.902	897	2.005
Orleans	20.859	14.503	6.356
Otacílio Costa	15.693	14.267	1.426
Ouro	7.095	4.247	2.848
Ouro Verde	2.152	667	1.485
Paial	1.821	291	1.530
Painel	2.297	923	1.374
Palhoça	122.471	116.987	5.484
Palma Sola	7.942	4.244	3.698
Palmeira	2.334	867	1.467
Palmitos	16.061	9.409	6.652
Papanduva	17.056	8.875	8.181
Paraíso	4.195	1.327	2.868
Passo de Torres	5.313	4.510	803
Passos Maia	4.472	830	3.642
Paulo Lopes	6.830	4.629	2.201
Pedras Grandes	4.817	1.340	3.477
Penha	20.868	19.029	1.839
Peritiba	2.944	1.326	1.618
Petrolândia	6.064	1.906	4.158
Pinhalzinho	14.691	11.932	2.759
Pinheiro Preto	2.912	1.569	1.343

(Continua)

Continuação)

Município	População recenseada		
	Total[1]	Urbana	Rural
Piratuba	4.570	2.643	1.927
Planalto Alegre	2.639	1.017	1.622
Pomerode	25.261	22.001	3.260
Ponte Alta	5.080	3.880	1.200
Ponte Alta do Norte	3.500	2.818	682
Ponte Serrada	11.210	7.745	3.465
Porto Belo	13.232	12.409	823
Porto União	32.256	27.440	4.816
Pouso Redondo	13.722	7.916	5.806
Praia Grande	7.120	4.144	2.976
Presidente Castello Branco	1.757	522	1.235
Presidente Getúlio	13.651	9.154	4.497
Presidente Nereu	2.259	733	1.526
Princesa	2.604	744	1.860
Quilombo	10.871	5.584	5.287
Rancho Queimado	2.772	1.232	1.540
Rio das Antas	6.054	2.362	3.692
Rio do Campo	6.042	2.418	3.624
Rio do Oeste	6.795	3.049	3.746
Rio do Sul	56.919	53.248	3.671
Rio dos Cedros	9.685	4.536	5.149
Rio Fortuna	4.468	1.507	2.961
Rio Negrinho	42.237	37.947	4.290
Rio Rufino	2.433	673	1.760
Riqueza	4.998	1.941	3.057
Rodeio	10.773	9.278	1.495
Romelândia	5.738	1.928	3.810
Salete	7.432	4.969	2.463
Saltinho	4.072	1.058	3.014
Salto Veloso	4.172	3.203	969
Sangão	10.300	4.884	5.416
Santa Cecília	15.311	13.085	2.226
Santa Helena	2.437	838	1.599
Santa Rosa de Lima	2.031	482	1.549
Santa Rosa do Sul	7.949	3.599	4.350
Santa Terezinha	9.025	1.499	7.526
Santa Terezinha do Progresso	3.044	494	2.550
Santiago do Sul	1.450	583	867
Santo Amaro da Imperatriz	17.602	13.974	3.628
São Bento do Sul	72.548	69.902	2.646
São Bernardino	2.653	589	2.064
São Bonifácio	3.178	673	2.505
São Carlos	10.372	6.817	3.555
São Cristovão do Sul	4.850	3.776	1.074
São Domingos	9.346	5.859	3.487
São Francisco do Sul	37.613	35.076	2.537
São João Batista	22.089	16.242	5.847
São João do Itaperiú	3.289	1.826	1.463
São João do Oeste	6.020	1.810	4.210
São João do Sul	6.916	1.232	5.684

(Continua)

Continuação)

Município	População recenseada		
	Total[1]	Urbana	Rural
São Joaquim	24.058	17.177	6.881
São José[2]	...	...	...
São José do Cedro	13.699	7.735	5.964
São José do Cerrito	10.304	2.396	7.908
São Lourenço do Oeste	21.799	16.408	5.391
São Ludgero	10.246	8.312	1.934
São Martinho	3.194	1.160	2.034
São Miguel da Boa Vista	1.972	393	1.579
São Miguel do Oeste	33.806	29.765	4.041
São Pedro de Alcântara	4.765	3.631	1.134
Saudades	8.587	4.297	4.290
Schroeder	12.776	10.190	2.586
Seara	17.121	11.664	5.457
Serra Alta	3.200	1.418	1.782
Siderópolis	12.470	9.618	2.852
Sombrio	24.424	16.899	7.525
Sul Brasil	3.061	951	2.110
Taió	16.838	8.864	7.974
Tangará	8.410	4.567	3.843
Tigrinhos	1.741	239	1.502
Tijucas	27.804	23.195	4.609
Timbé do Sul	5.133	1.690	3.443
Timbó	33.326	30.572	2.754
Timbó Grande	6.979	3.498	3.481
Três Barras	17.937	15.208	2.729
Treviso	3.498	1.802	1.696
Treze de Maio	6.599	1.900	4.699
Treze Tílias	5.641	3.907	1.734
Trombudo Central	6.221	3.818	2.403
Tubarão	92.569	83.500	9.069
Tunápolis	4.650	1.358	3.292
Turvo	11.031	7.233	3.798
União do Oeste	3.058	1.070	1.988
Urubici	10.439	7.332	3.107
Urupema	2.501	1.213	1.288
Urussanga	18.588	10.726	7.862
Vargeão	3.560	1.736	1.824
Vargem	3.110	679	2.431
Vargem Bonita	4.321	1.863	2.458
Vidal Ramos	5.981	1.583	4.398
Videira	44.479	39.049	5.430
Vitor Meireles	5.563	1.353	4.210
Witmarsum	3.431	721	2.710
Xanxerê	40.228	36.387	3.841
Xavantina	4.218	1.079	3.139
Xaxim	24.318	18.033	6.285
Zortéa	2.868	2.230	638
Santa Catarina	**4.307.161**	**3.336.241**	**970.920**

[1]Inclusive a população estimada nos domicílios fechados.
[2]Municípios com mais de 170 mil habitantes não abrangidos pela Contagem da População de 2007.
Fonte: IBGE. Contagem da População 2007.

Tabela 9/II. *Estimativa da população residente segundo os municípios - Santa Catarina - 1º jul./2009*

(hab.)

Município	População estimada
Abdon Batista	2.805
Abelardo Luz	16.899
Agrolândia	9.661
Agronômica	4.925
Água Doce	6.959
Águas de Chapecó	6.354
Águas Frias	2.641
Águas Mornas	4.503
Alfredo Wagner	10.274
Alto Bela Vista	2.071
Anchieta	6.683
Angelina	5.396
Anita Garibaldi	9.191
Anitápolis	3.267
Antônio Carlos	7.466
Apiúna	10.996
Arabutã	4.048
Araquari	23.080
Araranguá	59.537
Armazém	7.650
Arroio Trinta	3.638
Arvoredo	2.241
Ascurra	6.945
Atalanta	3.402
Aurora	5.560
Balneário Arroio do Silva	8.808
Balneário Barra do Sul	7.791
Balneário Camboriú	102.081
Balneário Gaivota	7.959
Balneário Piçarras	14.845
Bandeirante	3.095
Barra Bonita	2.120
Barra Velha	19.861
Bela Vista do Toldo	6.145
Belmonte	2.790
Benedito Novo	10.335
Biguaçu	56.395
Blumenau	299.416
Bocaina do Sul	3.128
Bom Jardim da Serra	4.383
Bom Jesus	2.427
Bom Jesus do Oeste	2.065
Bom Retiro	8.594
Bombinhas	13.695
Botuverá	4.345
Braço do Norte	29.317
Braço do Trombudo	3.419
Brunópolis	2.943
Brusque	102.280

(Continua)

(Continuação)

Município	População estimada
Caçador	70.720
Caibi	6.392
Calmon	4.265
Camboriú	57.793
Campo Alegre	11.713
Campo Belo do Sul	8.212
Campo Erê	9.737
Campos Novos	29.133
Canelinha	10.168
Canoinhas	54.645
Capão Alto	3.358
Capinzal	18.996
Capivari de Baixo	21.059
Catanduvas	9.119
Caxambu do Sul	4.963
Celso Ramos	2.720
Cerro Negro	4.045
Chapadão do Lageado	2.882
Chapecó	174.187
Cocal do Sul	15.229
Concórdia	70.393
Cordilheira Alta	3.531
Coronel Freitas	10.520
Coronel Martins	2.583
Correia Pinto	14.842
Corupá	13.380
Criciúma	188.557
Cunha Porã	11.079
Cunhataí	1.948
Curitibanos	39.045
Descanso	8.898
Dionísio Cerqueira	15.399
Dona Emma	3.583
Doutor Pedrinho	3.432
Entre Rios	3.104
Ermo	1.857
Erval Velho	4.195
Faxinal dos Guedes	10.585
Flor do Sertão	1.700
Florianópolis	408.161
Formosa do Sul	2.683
Forquilhinha	21.928
Fraiburgo	36.469
Frei Rogério	2.673
Galvão	3.444
Garopaba	16.710
Garuva	14.281
Gaspar	55.489
Governador Celso Ramos	12.704

(Continua)

(Continuação)

Município	População estimada
Grão Pará	6.278
Gravatal	10.793
Guabiruba	17.316
Guaraciaba	10.857
Guaramirim	31.910
Guarujá do Sul	4.870
Guatambú	4.610
Herval d'Oeste	19.323
Ibiam	2.060
Ibicaré	3.458
Ibirama	17.469
Içara	57.103
Ilhota	12.149
Imaruí	11.677
Imbituba	38.882
Imbuia	5.738
Indaial	50.917
Iomerê	2.643
Ipira	4.771
Iporã do Oeste	8.405
Ipuaçu	6.881
Ipumirim	7.400
Iraceminha	4.328
Irani	9.754
Irati	2.033
Irineópolis	10.748
Itá	6.552
Itaiópolis	20.551
Itajaí	172.081
Itapema	36.629
Itapiranga	16.015
Itapoá	11.489
Ituporanga	21.496
Jaborá	4.129
Jacinto Machado	11.051
Jaguaruna	16.418
Jaraguá do Sul	139.017
Jardinópolis	1.881
Joaçaba	25.322
Joinville	497.331
José Boiteux	5.054
Jupiá	2.185
Lacerdópolis	2.266
Lages	167.805
Laguna	51.691
Lajeado Grande	1.485
Laurentino	5.757
Lauro Muller	14.173
Lebon Régis	12.134

(Continua)

(Continuação)

Município	População estimada
Leoberto Leal	3.674
Lindóia do Sul	4.662
Lontras	9.660
Luiz Alves	9.506
Luzerna	5.528
Macieira	1.787
Mafra	52.933
Major Gercino	2.869
Major Vieira	7.675
Maracajá	6.185
Maravilha	23.099
Marema	2.275
Massaranduba	14.500
Matos Costa	2.826
Meleiro	7.063
Mirim Doce	2.583
Modelo	3.862
Mondaí	9.515
Monte Carlo	9.144
Monte Castelo	8.328
Morro da Fumaça	16.128
Morro Grande	2.775
Navegantes	57.324
Nova Erechim	4.381
Nova Itaberaba	4.222
Nova Trento	12.025
Nova Veneza	13.177
Novo Horizonte	2.954
Orleans	21.731
Otacílio Costa	16.587
Ouro	7.231
Ouro Verde	2.179
Paial	1.830
Painel	2.357
Palhoça	130.878
Palma Sola	8.145
Palmeira	2.456
Palmitos	16.596
Papanduva	17.670
Paraíso	4.200
Passo de Torres	5.690
Passos Maia	4.555
Paulo Lopes	7.255
Pedras Grandes	4.515
Penha	22.263
Peritiba	2.977
Petrolândia	6.188
Pinhalzinho	15.692
Pinheiro Preto	3.048

(Continua)

(Continuação)

Município	População estimada
Abdon Batista	2.805
Piratuba	4.446
Planalto Alegre	2.767
Pomerode	26.788
Ponte Alta	5.228
Ponte Alta do Norte	3.677
Ponte Serrada	11.724
Porto Belo	14.228
Porto União	33.408
Pouso Redondo	14.510
Praia Grande	7.318
Presidente Castello Branco	1.779
Presidente Getúlio	14.392
Presidente Nereu	2.324
Princesa	2.687
Quilombo	11.259
Rancho Queimado	2.893
Rio das Antas	6.237
Rio do Campo	6.135
Rio do Oeste	7.033
Rio do Sul	59.962
Rio dos Cedros	10.170
Rio Fortuna	4.648
Rio Negrinho	44.633
Rio Rufino	2.518
Riqueza	5.126
Rodeio	11.215
Romelândia	5.760
Salete	7.737
Saltinho	4.178
Salto Veloso	4.367
Sangão	11.121
Santa Cecília	15.928
Santa Helena	2.484
Santa Rosa de Lima	2.103
Santa Rosa do Sul	8.241
Santa Terezinha	9.363
Santa Terezinha do Progresso	3.062
Santiago do Sul	1.443
Santo Amaro da Imperatriz	18.436
São Bento do Sul	76.514
São Bernardino	2.633
São Bonifácio	3.274
São Carlos	10.938
São Cristovão do Sul	5.087
São Domingos	9.611
São Francisco do Sul	40.030
São João do Itaperiú	3.426
São João do Oeste	6.269
São João do Sul	7.174

(Continua)

(Continuação)

Município	População estimada
São João Batista	24.419
São Joaquim	25.122
São José	201.746
São José do Cedro	14.155
São José do Cerrito	10.624
São Lourenço do Oeste	23.015
São Ludgero	10.951
São Martinho	3.281
São Miguel da Boa Vista	2.026
São Miguel do Oeste	35.249
São Pedro de Alcântara	5.183
Saudades	8.929
Schroeder	14.000
Seara	17.827
Serra Alta	3.277
Siderópolis	12.967
Sombrio	25.553
Sul Brasil	3.150
Taió	17.522
Tangará	8.611
Tigrinhos	1.768
Tijucas	29.674
Timbé do Sul	5.260
Timbó	35.303
Timbó Grande	7.315
Três Barras	18.708
Treviso	3.692
Treze de Maio	6.791
Treze Tílias	6.004
Trombudo Central	6.520
Tubarão	96.529
Tunápolis	4.775
Turvo	11.427
União do Oeste	3.084
Urubici	10.825
Urupema	2.578
Urussanga	19.936
Vargeão	3.685
Vargem	3.187
Vargem Bonita	4.279
Vidal Ramos	6.112
Videira	46.585
Vitor Meireles	5.756
Witmarsum	3.584
Xanxerê	42.174
Xavantina	4.316
Xaxim	25.444
Zortéa	3.015
Santa Catarina	**6.118.743**

Fonte: IBGE.

Tabela10/II. Pessoas ocupadas, por sexo e grupo de atividade - Santa Catarina - 2005-07

(nº)

Grupo de atividade	2005		2006		2007	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
Agrícola	389	270	392	266	359	254
Indústria	456	268	444	304	441	258
Indústria de transformação	434	265	427	300	421	257
Construção	168	5	170	5	187	10
Comércio e reparação	341	226	351	220	371	258
Alojamento e alimentação	41	49	48	51	49	55
Transporte, armazenagem e comunicação	110	20	108	13	144	16
Administração pública	69	53	79	45	92	60
Educação, saúde e serviços sociais	47	205	43	216	62	218
Serviços domésticos	6	157	10	163	9	156
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	29	57	43	55	41	59
Outras atividades	127	79	131	91	131	103
Atividades mal definidas ou não declaradas	1	-	-	-	-	-
Atividades mal definidas	-	-	-	-	-	1

Fonte: IBGE/PNAD.

Tabela 11/II. Pessoas ocupadas, por situação de domicílio, segundo os grupos de idade - Santa Catarina - 2005-07

(nº)

Grupo de idade	Total			Urbana			Rural		
	2005	2006	2007	2005	2006	2007	2005	2006	2007
10 a 14 anos	62	60	59	17	20	28	45	40	31
15 a 19 anos	293	270	274	222	207	205	70	63	69
15 a 17 anos	136	132	121	95	93	81	41	39	41
18 a 19 anos	157	138	153	127	114	124	29	24	28
20 a 24 anos	402	410	444	335	344	368	67	66	76
25 a 29 anos	402	393	445	340	329	378	62	64	67
30 a 39 anos	788	775	789	653	639	660	135	136	129
30 a 34 anos	-	397	403	-	324	335	-	73	68
35 a 39 anos	-	378	386	-	315	325	-	63	60
40 a 49 anos	678	727	716	549	595	583	128	131	133
40 a 44 anos	-	423	395	-	353	322	-	70	73
45 a 49 anos	-	304	321	-	243	261	-	61	60
50 a 59 anos	365	397	413	281	301	316	84	96	97
50 a 54 anos	-	233	231	-	183	181	-	50	49
55 a 59 anos	-	164	182	-	118	134	-	46	48
60 anos ou mais	184	215	196	124	136	131	59	79	65
60 a 64 anos	-	93	101	-	67	71	-	27	30
65 a 69 anos	-	66	46	-	39	30	-	27	16
70 anos ou mais	-	56	49	-	31	30	-	25	20
Total	**3.173**	**3.247**	**3.336**	**2.522**	**2.572**	**2.669**	**651**	**675**	**666**

Fonte: IBGE/PNAD.

Tabela 12/II. Domicílios particulares permanentes e indicadores de bem-estar, segundo a situação de domicílio - Santa Catarina - 2004-07

(nº)

Discriminação	Total				Urbana				Rural			
	2004	2005	2006	2007	2004	2005	2006	2007	2004	2005	2006	2007
Domicílio particular	1.733	1.807	1.836	1.917	1.435	1.513	1.530	1.600	298	294	306	317
Rede de água geral	1.328	1.427	1.453	1.514	1.299	1.389	1.413	1.475	30	39	40	39
Lixo coletado diretamente	1.380	1.488	1.500	1.626	1.312	1.413	1.416	1.525	67	75	85	101
Luz elétrica	1.723	1.800	1.830	1.908	1.430	1.512	1.526	1.592	293	289	303	315
Fogão	1.720	1.790	1.823	1.900	1.425	1.505	1.519	1.588	295	285	303	312
Rádio	1.625	1.693	1.715	1.805	1.353	1.421	1.431	1.508	272	273	284	297
Televisão	1.661	1.736	1.783	1.866	1.380	1.469	1.493	1.567	281	267	290	298
Geladeira	1.696	1.768	1.807	1.894	1.413	1.490	1.510	1.585	284	279	298	309
Freezer	804	814	849	836	590	612	609	608	214	202	240	228
Máquina de lavar roupa	1.023	1.060	1.131	1.208	923	960	1.013	1.090	100	99	118	118

Fonte: IBGE/PNAD.

Tabela 13/II. Cooperativas, segundo o tipo de atividade - Santa Catarina - 2004-08

(nº)

Segmentos	2004	2005	2006	2007	2008
Agropecuário	58	57	54	54	53
Consumo	15	14	14	13	12
Crédito	64	64	65	65	74
Educacional	17	16	13	13	13
Especial	2	2	2	2	2
Habitacional	2	2	2	2	3
Infra-estrutura	29	29	27	27	27
Mineral	2	2	1	1	1
Produção	9	7	5	3	5
Saúde	41	39	36	33	34
Trabalho	35	31	25	23	19
Transporte	18	20	21	20	22
Total	292	283	265	256	265

Fonte: Ocesc.

Tabela 14/II. *Cooperados, segundo o tipo de cooperativa - Santa Catarina - 2004-08*

(nº)

Segmento	2004	2005	2006	2007	2008
Agropecuário	62.437	60.305	58.824	59.721	60.453
Consumo	121.156	136.534	142.861	142.843	155.409
Crédito	213.738	251.544	291.230	347.446	409.945
Educacional	13.943	7.002	8.833	9.215	7.121
Especial	69	69	71	72	83
Habitacional	1.739	2.211	2.514	670	711
Infra-estrutura	172.487	180.923	185.860	195.399	199.583
Mineral	670	799	146	151	144
Produção	177	117	100	97	154
Saúde	8.770	8.481	8.720	8.956	8.913
Trabalho	24.919	15.523	13.010	3.246	3.267
Transporte	5.424	6.520	9.480	9.156	12.888
Total	**625.529**	**670.028**	**721.649**	**776.972**	**858.671**

Fonte: Ocesc.

Tabela 15/II. Recebimento de produtos agropecuários pelas cooperativas, segundo os principais produtos - Santa Catarina - 2004-08

(t)

Produto	2004	2005	2006	2007	2008
Alho	255	464	340	250	481
Ameixa	14	5	20	5	31
Arroz em Casca	300.658	379.802	392.042	385.726	436.019
Aveia	6.117	1.053	5.596	16.288	1.939
Azevém	608	316	507	1.283	422
Batata Inglesa	4	200	300	2.599	1.960
Banana	-	-	908	2.846	3.117
Cebola	-	-	-	-	-
Cevada	826	1.000	1.199	3.902	1.433
Erva Mate	10	4	15	7	-
Ervilhaca	321	51	97	23	60
Feijão	37.653	27.467	47.486	87.179	60.277
Fumo	-	1.000	408	326	-
Girasol	-	-	-	693	-
Laranja	67.303	74.910	58.902	16.216	28.936
Maçã	60.272	56.007	51.011	69.690	61.540
Mandioca	200	-	-	-	-
Maracujá	350	488	488	488	180
Milho	1.126.497	1.076.786	1.321.224	1.419.687	1.621.128
Nectarina	100	42	60	-	13
Palmito	-	-	-	-	435
Pêssego	208	100	215	106	63
Soja	488.909	468.483	543.536	721.219	667.466
Trigo	206.543	157.240	235.449	263.507	321.882
Triticale	899	240	970	339	762
Triguilho	-	-	-	62	-
Uva	5.384	415	3.620	3.816	5.126
Aves (1.000 cab.)	85.975	91.656	108.944	112.504	119.573
Bovinos (cab)	1.236	-	-	-	80
Suínos (1.000 cab.)	2.739	3.171	3.926	3.992	4.141
Leite (1.000 L)	298.062	358.877	378.343	389.689	413.354
Peixes	329	351	355	230	489

Fonte: Ocesc.

Tabela 16/II. Máquinas agrícolas vendidas, segundo o tipo - Santa Catarina - 2004-08

(nº)

Discriminação	2004	2005	2006	2007	2008
Cultivadores	774	909	751	405	546
Trator de rodas (em cv)	2.062	1.614	1.372	2.206	3.474
Tratores de esteiras	16	25	7	8	24
Colheitadeiras	192	84	63	140	201
Retroescavadeiras	60	62	66	70	110
Total geral	**3.104**	**2.694**	**2.259**	**2.829**	**4.355**

Fonte: Anfavea.

Tabela 17/II. Consumo aparente de fertilizantes, segundo o tipo - Santa Catarina - 2004-08

(t)

Discriminação	2004	2005	2006	2007	2008
Fertilizantes	639.693	612.376	595.197	662.237	653.778
Nutrientes					
N	98.356	100.415	90.709	117.190	106.945
P2O5	78.206	72.844	77.833	83.788	94.236
K2O	87.893	78.696	76.758	83.643	85.427

Fonte: Anda.

Tabela 18/II. *Crédito rural concedido a produtores e cooperativas, segundo a finalidade - Santa Catarina - 2004-07*

Discriminação	2004	2005	2006	2007
Custeio				
Número de contratos	201.374	208.093	181.641	168.034
Atividade agrícola	195.490	200.888	173.643	157.230
Atividade pecuária	5.884	7.205	7.998	10.804
Valor dos contratos (R$)	1.747.904.251	1.879.848.136	2.076.046.162	2.289.512.393
Atividade agrícola	1.297.672.874	1.422.599.931	1.463.828.616	1.619.666.757
Atividade pecuária	450.231.377	457.248.205	612.217.546	669.845.636
Investimento				
Número de contratos	37.684	32.787	35.152	32.295
Atividade agrícola	28.642	21.177	18.814	15.443
Atividade pecuária	9.042	11.610	16.338	16.852
Valor dos contratos (R$)	486.763.752	550.411.676	525.304.404	557.860.461
Atividade agrícola	375.056.334	394.299.417	365.429.101	320.458.907
Atividade pecuária	111.707.418	156.112.259	159.875.304	237.401.554
Comercialização				
Número de contratos	2.428	3.449	4.466	3.100
Atividade agrícola	1.004	1.344	1.118	1.615
Atividade pecuária	1.424	2.105	3.348	1.485
Valor dos contratos (R$)	478.691.636	378.814.924	614.241.062	690.404.881
Atividade agrícola	423.752.726	301.802.014	452.312.448	603.328.688
Atividade pecuária	54.938.910	77.012.910	161.928.613	87.076.193

Fonte: BCB.

Tabela 19/II. *Estimativa do balanço de oferta e demanda dos principais produtos vegetais - Santa Catarina - Safra 2008/09*

(mil t)

Produto	Oferta	Safra 2008/09						Saldo
		Demanda						
		Consumo			Reservas para sementes	Perdas	Total	
		Animal in natura	Humano in natura	Industrial e saídas				
Alho	13,0	-	3,0	3,0	2,0	0,4	8,4	4,6
Arroz	1.034,2	-	448,2	100,0	35,5	5,0	488,6	545,6
Banana	665,5	-	167,0	-	-	164,8	431,8	233,7
Batata	150,9	-	150,0	-	14,5	1,5	166,0	-15,1
Cebola	479,5	-	42,6	-	-	132,1	174,6	304,9
Feijão	178,5	-	82,2	1,0	3,0	9,0	95,2	83,3
Mandioca	568,9	171,0	37,0	340,1	-	11,0	559,1	9,8
Milho	3.354,8	4.904,5	89,0	44,0	3,0	100,6	5.238,0	-1.883,2
Soja	993,7	7,1	4,2	1.080,0	22,3	90,3	1.133,9	-140,2
Trigo	319,5	-		385,0	10,0	2,0	397,0	-77,5

Obs.: Estimado em set./09.
Fonte: Epagri/Cepa.

Tabela 20/II - Exportações do agronegócio catarinense - 2004-08

(US$ FOB 1.000)

Produtos exportados	2004	2005	2006	2007	2008(*)
Produção animal e derivados	**1.321.877**	**1.748.683**	**1.410.512**	**2.047.890**	**2.681.708**
Carne suína	339.306	504.677	311.317	330.985	430.806
Carnes de frangos	844.610	1.062.992	966.430	1.426.018	1.840.372
Outras carnes de aves	67.525	74.970	60.507	67.279	87.170
Carne bovina	6.538	16.562	7.225	6.176	13.100
Outras carnes	22.808	45.925	24.407	166.046	258.055
Pescados e crustáceos	28.071	32.242	27.598	38.305	35.226
Mel natural	8.518	2.926	3.110	2.222	3.523
Outros produtos origem animal	4.502	8.389	9.917	10.859	13.456
Produção vegetal e derivados	**326.031**	**383.364**	**658.600**	**1.063.590**	**1.164.270**
Soja - óleo	49.803	34.837	39.393	59.226	107.030
Soja - em grão, para semeadura e outros	25.098	32.498	47.110	306.139	186.547
Soja - farelos e farinhas	13.701	6.201	10.394	58	72
Milho	6.203	1.302	6.383	43.211	31.685
Arroz	314	282	356	1.282	5.868
Banana	10.478	12.111	9.051	11.669	13.194
Maçã	40.144	29.207	20.526	38.591	37.722
Outras frutas frescas ou secas	1.876	2.040	1.465	2.144	3.447
Frutas em conserva e doces	2.520	2.045	1.980	1.672	1.394
Sucos de frutas	15.007	19.656	17.788	23.652	37.507
Açúcar, cacau e produtos de confeitaria	7.055	5.921	7.384	6.235	3.464
Produtos hortícolas	1.551	1.137	365	1.502	189
Fecula de mandioca	1.636	698	623	315	1.024
Erva mate	1.048	1.100	3.487	8.625	14.207
Plantas ornamentais	315	174	288	449	527
Gomas e resinas	1.121	1.079	1.353	2.261	1.587
Fumo	133.424	213.366	465.898	534.483	683.848
Bebidas fermentadas e destiladas	710	731	1.116	1.348	1.592
Outros prod. vegetais e da agroindústria	14.028	18.978	23.641	20.728	33.366
Indústria da madeira, papel e papelão	**1.142.562**	**1.157.663**	**1.192.464**	**1.163.937**	**1.018.131**
Madeira e obras de madeiras	569.538	566.358	646.717	620.319	507.511
Móveis de madeira	408.867	414.919	344.967	341.389	302.545
Papel e papelão	164.157	176.386	200.779	202.230	208.075
Total geral do agronegócio	**2.790.470**	**3.289.710**	**3.261.576**	**4.275.417**	**4.864.110**
Total geral	**4.853.506**	**5.584.125**	**5.965.687**	**7.381.839**	**8.256.219**

(*)Até julho.
Fonte: MDIC/Secex.
Elaboração: Epagri/Cepa.

Tabela 21/II. *Importações do agronegócio catarinense - 2004-08*

(US$ FOB 1.000)

Produtos importados	2004	2005	2006	2007	2008
Produção animal e derivados	**28.983**	**30.009**	**52.773**	**69.161**	**93.141**
Animais vivos	79	24	176	231	187
Carnes de animais	2.677	2.691	4.359	4.104	7.363
Pescados e crustáceos	17.350	17.054	32.336	44.109	56.400
Laticínios e ovos	1.427	1.882	2.771	2.455	4.248
Preparações e conservas de carnes e pescados	659	982	1.697	4.187	4.060
Outros produtos origem animal não comestiveis	6.791	7.376	11.434	14.076	20.883
Produção vegetal e derivados	**216.933**	**290.551**	**423.420**	**482.112**	**731.928**
Soja e derivados	56.855	57.533	33.359	35.678	52.518
Milho	13.861	17.981	35.611	42.398	50.849
Trigo	18.227	23.813	75.382	86.414	98.701
Arroz	5.385	322	1.025	934	1.989
Malte	44.449	54.822	66.116	40.899	77.976
Outros cereais, grãos e prod. de moagem	18.135	20.082	28.352	33.454	72.005
Oleos e gorduras vegetais	7.742	21.636	28.779	59.309	73.792
Fumo	1.232	1.214	1.536	1.069	2.086
Uva	484	3.292	5.850	7.735	14.421
Maçã	608	2.763	4.633	7.148	7.444
Pera	1.311	4.211	10.144	12.965	21.460
Ameixa	645	4.716	7.873	9.542	11.645
Outras frutas frescas ou secas	1.361	5.046	8.253	9.552	19.980
Gomas e resinas	2.091	5.426	6.952	4.336	21.902
Cebola	3.908	2.435	3.078	1.534	6.725
Alho	1.231	3.121	2.687	6.125	7.683
Outros produtos hortículas	6.723	8.353	9.060	9.992	42.352
Batatas preparadas ou conservadas	3.939	5.986	8.034	8.665	18.434
Leveduras	2.417	2.383	2.221	2.273	2.189
Açúcar, cacau e produtos de confeitaria	1.335	1.465	1.405	1.882	3.354
Outros prod. vegetais e da agroindústria	24.994	43.950	83.070	100.209	124.424
Indústria da madeira, papel e papelão	**28.178**	**44.877**	**49.210**	**65.760**	**92.662**
Madeira e obras de madeiras	7.288	9.182	10.504	16.274	18.128
Papel e papelão	20.890	35.695	38.706	49.485	74.534
Total geral do agronegócio	**274.093**	**365.436**	**525.403**	**617.033**	**917.730**
Total Santa Catarina	**1.508.986**	**2.186.455**	**3.472.345**	**5.000.221**	**7.969.273**

Fonte: MDIC/Secex.
Elaboração: Epagri/Cepa.

Tabela 22/II. Valor adicionado bruto (VAB) a preços correntes, e participação do setor agropecuário e pesqueiro – Santa Catarina – 2003-06

Ano	VAB	Valor corrente (milhões R$)	
		Participação (%)	
		Agric., silvic. e expl. florestal	Pecuária e pesca
2003	58.765	7,6	3,2
2004	68.497	6,5	3,2
2005	74.582	5,2	3,1
2006	81.572	4,7	2,2

Fonte: IBGE: Secretaria de Estado de Planejamento, Orçamento e Gestão de Santa Catarina - SPG/SC e Epagri/Cepa.

Tabela 23/II. *Valor bruto corrente da produção dos principais produtos da agropecuária catarinense 2002-2007*

(mil R$)

Produtos	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Lavoura temporária[1]						
Alho	30.323	31.832	43.545	28.435	74.941	45.271
Arroz em casca	291.263	606.044	632.750	427.129	387.114	428.103
Batata-inglesa	47.901	60.669	52.168	62.989	75.290	37.251
Cana-de-açúcar	30.607	45.106	56.534	50.853	53.596	70.156
Cebola	132.694	161.029	159.581	132.560	206.207	206.485
Feijão em grão	150.007	223.479	134.711	122.787	165.634	124.088
Fumo em folha (folha seca)	644.149	812.755	1.176.162	1.262.195	957.158	1.045.171
Mandioca	48.630	84.139	111.101	79.987	92.696	91.257
Milho em grão	666.555	1.188.930	993.316	749.904	617.976	1.046.082
Soja em grão	211.035	403.675	483.914	294.966	334.978	516.012
Tomate	58.324	82.936	80.669	83.168	48.910	71.358
Trigo em grão	41.304	52.244	67.997	29.916	46.374	98.849
Subtotal	**2.352.792**	**3.752.838**	**3.992.448**	**3.324.889**	**3.060.874**	**3.780.083**
Lavoura permanente[1]						
Banana	99.503	128.130	176.003	163.883	181.745	230.752
Erva-mate	6.903	7.666	5.793	5.644	5.840	8.090
Laranja	17.431	27.199	17.678	19.428	18.612	23.192
Maçã	242.223	296.855	252.955	260.080	477.157	385.590
Maracujá	2.664	3.458	2.486	2.352	2.533	2.543
Palmito	633	4.662	3.108	7.086	7.103	3.000
Pera	1.047	1.324	1.197	1.662	2.641	2.336
Pêssego	16.501	13.148	22.621	20.387	20.087	12.923
Tangerina (bergamota, mexerica)	1.616	2.396	2.738	3.104	2.413	3.200
Uva (para mesa)	20.250	23.813	29.749	34.157	33.359	56.111
Subtotal	**408.771**	**508.651**	**514.328**	**517.783**	**751.490**	**727.737**
Silvicultura[1]						
Carvão vegetal	2.735	2.653	2.850	4.722	4.836	4.472
Lenha	59.478	71.366	71.494	100.539	110.985	140.436
Madeira em toras para papel e celulose	112.546	160.154	184.691	187.221	227.880	266.385
Madeira em toras p/outras finalidades	388.551	503.148	566.857	745.743	738.097	568.652
Subtotal	**563.310**	**737.321**	**825.892**	**1.038.225**	**1.081.798**	**979.945**
Exploração florestal[1]						
Carvão vegetal	2.281	2.536	2.993	3.589	2.972	3.024
Erva-mate	17.669	15.996	16.123	16.411	12.110	14.264
Lenha	22.728	32.280	35.492	44.930	51.013	54.335
Madeira em toras	4.236	8.721	9.405	5.445	5.560	8.523
Pinhão	1.491	1.885	1.882	2.389	2.173	2.367
Subtotal	**48.405**	**61.418**	**65.895**	**72.764**	**73.828**	**82.513**
Pecuária[2]						
Bovinos	346.712	390.314	423.995	454.631	458.818	...
Leite de vaca	452.756	678.093	761.400	823.110	719.768	...
Queijo ou requeijão	74.336	111.334	125.012	135.144	118.176	...
Ovinos	1.603	1.841	1.859	1.868	1.757	...
Mel	13.158	14.071	10.641	11.711	10.937	...
Esterco	14.956	17.322	18.019	18.124	17.295	...
Subtotal	**903.521**	**1.212.975**	**1.340.924**	**1.444.588**	**1.326.751**	...
Suínos	873.325	1.136.835	1.562.950	1.803.902	1.395.835	...
Banha	11.850	15.425	21.207	24.476	18.939	...
Carne verde de suínos	68.667	89.386	122.890	141.836	109.751	...
Embutidos, lingüica, salame, etc.	11.563	15.052	20.693	23.883	18.481	...
Subtotal	**965.405**	**1.256.698**	**1.727.740**	**1.994.097**	**1.543.006**	...
Aves (Galináceos + outras aves)	1.430.465	2.004.057	2.057.994	2.230.019	2.004.701	...
Carne de aves (galináceos+outras aves)	70.495	98.763	101.421	109.899	98.795	...
Ovos de galinha	169.414	298.769	328.568	380.797	361.684	...
Subtotal	**1.670.375**	**2.401.589**	**2.487.982**	**2.720.715**	**2.465.180**	...
Total	**6.912.578**	**9.931.489**	**10.955.210**	**11.113.061**	**10.302.927**	**5.570.278**

[1]Produção Agrícola Municipal. Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura.
[2]Produto Interno Bruto. IBGE, SPG/DEGE/Gerência de Estatística e EPAGRI.
Fonte: [1]IBGE.

Tabela 24/II. *Preços mínimos vigentes na Região Centro-Sul - Safra de verão 2009/10 e safra de inverno 2009*

Produto	Safra de verão 2009/10		
	Unidade	Início de Operação	R$/Unidade
Alho (tipo 5 - extra)	kg	jul./09	2,20
Arroz longo-fino (tipo 1-58/10)	sc 50kg	jan./10	25,80
Arroz longo (tipo 2-55/13)	sc 50kg	jan./10	18,90
Feijão (tipo 2)	sc 60kg	nov./09	80,00
Raiz de mandioca	t	jan./09	110,82
Farinha mandioca (fina T3)	50kg	jan./10	25,67
Fécula de mandioca (tipo 2)	kg	jan./10	0,69
Milho	sc 60kg	jan./10	17,46
Soja	sc 60kg	jan./10	25,11
Leite	L	jul./09	0,54

(Continua)

(Continuação)

Produto	Safra de inverno 2009		
	Unidade	Início de Operação	R$/Unidade
Aveia (tipo 1)	sc 60 kg	jul./09	16,02
Cevada (tipo único)	sc 60 kg	jul./09	22,32
Trigo (pão) tipo 1- Ph78	sc 60 kg	jul./09	31,80
Trigo (melhorador/Durum) tipo 1- Ph78	sc 60 kg	jul./09	33,30
Triticale (tipo único)	sc 60 kg	jul./09	17,10

Fonte: Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Secretaria de Política Agrícola. Plano Agrícola e Pecuária 2009-2010.

Tabela 25/II. *Preços médios mensais recebidos pelos produtores dos principais produtos agropecuários - Santa Catarina - 2007-09*

Ano	Mês	Milho (sc 60kg) Chapecó	Soja (sc 60kg) Chapecó	Feijão preto (sc 60kg) Chapecó	Feijão carioca (sc 60kg) Chapecó	Arroz irrigado (sc 50kg) (sc 60kg) SC	Trigo interme-diário (sc 60kg) SC	Trigo superior (sc 60kg) SC	Cebola Pera (pgto 35 dias) (sc 20kg) Rio do Sul
2007	jan.	...	...	...	...	...	...	...	...
	fev.	17,50	29,53	37,67	37,40	19,27	24,88	26,86	7,32
	mar.	17,48	28,89	38,00	40,18	19,84	24,50	26,67	8,77
	abr.	16,12	26,94	36,17	40,56	21,94	24,50	26,67	8,82
	maio	16,00	26,39	37,00	42,73	21,00	24,27	26,91	12,50
	jun.	16,00	27,00	38,67	46,00	21,00	25,15	27,58	12,21
	jul.	15,67	27,55	40,00	46,00	21,00	26,21	28,11	...
	ago.	17,60	29,85	46,25	49,10	21,00	28,60	29,30	...
	set.	20,79	33,96	55,00	55,00	21,95	29,38	31,38	...
	out.	20,64	35,59	55,00	55,00	22,00	28,38	30,12	...
	nov.	24,58	38,32	...	...	21,78	25,80	27,94	...
	dez.	26,30	39,87	65,00	60,00	21,48	27,00	28,33	10,20
2008	jan.	24,70	41,57	116,67	176,67	21,75	28,00	29,63	18,00
	fev.	23,09	44,75	118,00	156,22	22,51	28,95	30,67	16,61
	mar.	22,67	43,13	118,60	139,97	23,09	32,08	34,07	19,31
	abr.	22,89	42,36	94,37	101,70	26,42	35,07	37,07	20,90
	maio	22,71	42,41	123,29	111,76	33,05	34,79	36,30	16,72
	jun.	23,00	45,25	142,22	145,56	32,95	34,38	36,19	...
	jul.	23,41	46,43	132,17	132,17	32,14	33,71	35,44	...
	ago.	21,43	41,27	120,00	150,00	32,25	30,20	32,20	...
	set.	21,07	42,75	122,25	122,25	32,46	27,02	29,27	...
	out.	19,89	42,05	130,00	130,00	34,39	26,40	27,62	...
	nov.	18,22	43,44	100,00	92,22	33,31	24,91	26,10	9,28
	dez.	17,70	42,60	100,00	99,00	32,50	24,45	25,82	8,93
2009	jan.	20,70	47,38	138,00	109,50	32,00	24,71	26,66	10,60
	fev.	20,09	46,81	107,19	77,19	32,00	25,87	27,52	10,41
	mar.	18,39	43,59	72,95	70,00	30,23	25,98	27,61	9,59
	abr.	17,92	45,36	70,00	70,00	29,34	25,83	27,50	8,00
	maio	18,93	47,25	67,45	67,45	27,87	25,94	28,58	8,95
	jun.	19,16	46,34	65,63	65,63	26,25	26,50	28,84	..
	jul.	17,18	43,13	70,00	70,00	26,37	25,82	27,78	...
	ago.	17,00	44,00	63,25	63,25	27,15	24,86	27,00	...

(Continua)

(Continuação)

Ano	Mês	Batata não lavada especial e primeira (sc 50kg) SC	Alho tipo 5 (kg) Joaçaba	Farinha mandioca grossa (sc 50kg) Região Sul	Mandioca (t) SC	Tomate longa vida "AA" (cx 20 a 23kg) Fpolis	Banana Caturra (cx 20 a 22 kg) Região Norte	Banana Prata (cx 20 a 22kg) 22kg) Rio do Sul	Fumo TO2 (kg) SC
2007	jan.	...	...	...	...	...	...	...	...
	fev.	11,50	2,56	25,00	...	24,40	2,25	9,87	4,67
	mar.	13,20	2,90	23,72	115,00	31,36	4,64	10,23	4,67
	abr.	16,39	3,20	23,06	117,78	21,39	4,88	10,00	4,67
	maio	20,79	3,04	24,00	113,41	17,77	3,08	10,00	4,67
	jun.	23,64	3,00	25,00	110,00	15,84	2,67	10,00	4,67
	jul.	23,86	3,00	24,62	107,38	15,00	4,19	10,00	4,67
	ago.	25,95	3,00	25,00	102,75	19,78	4,67	10,00	4,67
	set.	25,65	...	26,37	100,00	22,05	7,08	10,37	4,67
	out.	36,33	...	28,00	100,00	21,73	6,45	11,00	4,67
	nov.	46,18	...	27,12	...	12,94	4,88	11,00	4,67
	dez.	31,48	...	27,00	...	14,40	8,50	11,00	4,67
2008	jan.	22,30	...	30,00	...	15,00	7,80	12,00	5,02
	fev.	21,80	2,55	30,47	...	7,00	6,97	12,00	5,02
	mar.	20,00	2,40	31,58	...	22,21	7,50	12,00	5,02
	abr.	20,42	2,17	31,00	132,50	25,62	7,69	12,00	5,02
	maio	24,40	1,73	31,28	130,97	31,17	6,83	12,28	5,02
	jun.	25,85	1,53	30,00	130,80	33,89	7,00	13,00	5,02
	jul.	30,15	2,20	30,00	130,89	34,65	7,00	13,00	5,02
	ago.	29,24	2,20	30,00	125,08	17,76	7,69	13,00	5,02
	set.	24,29	...	30,00	113,00	18,45	7,75	13,00	5,02
	out.	23,66	...	30,00	...	19,05	6,20	12,68	5,02
	nov.	24,05	...	30,00	...	27,63	6,95	12,00	5,02
	dez.	22,70	...	30,00	...	34,13	6,53	11,86	5,02
2009	jan.	23,96	2,00	30,00	...	25,00	3,00	10,00	5,02
	fev.	28,88	2,00	28,00	...	14,18	3,23	10,00	5,34
	mar.	29,82	2,00	28,95	...	14,36	3,92	10,00	5,34
	abr.	29,23	2,10	28,28	125,00	...	7,68	10,61	5,34
	maio	36,59	2,85	28,00	136,10	...	7,25	12,00	5,67
	jun.	43,38	4,20	28,00	139,88	...	6,03	12,00	5,67
	jul.	41,75	4,20	28,00	135,42	...	6,90	12,07	5,67
	ago.	...	...	28,00	129,44	...	8,86	12,35	5,67

Arroz - Preço médio das regiões de Jaraguá do Sul, Sul Catarinense e Rio do Sul.
Trigo - Preço de mercado nas regiões de São Miguel do Oeste, Joaçaba e Canoinhas.
Nota: Os preços referem-se a média artimética simples dos preços mais comuns registrados diariamente nas principais regiões produtoras.
Nota: A partir de dezembro/2007 a abr/2008 os preços relativos a praça de Chapecó foram substituídos pelos preços médios registrados nas praças de São Miguel do Oeste e Joaçaba.
Para o mês de agosto/2008, os preços relativos a praça de Chapecó foram substituídos pelos preços médios registrados na praça de Joaçaba.
Fonte: Epagri/Cepa.

Tabela 26/II. *Preços médios mensais de insumos e fatores de produção - Santa Catarina - fev./08-maio/09*

(R$)

Produto	Unidade	fev./08	maio/08	ago./08	nov./08	fev./09	maio/09
Alimentos para animais							
Concentrado p/aves engorda	sc 25kg	28,35	29,29	30,33	32,10	35,24	34,04
Concentrado p/bovinos (30% pb)	sc 25kg	21,68	24,16	25,35	27,76	27,24	25,12
Concentrado p/suínos terminação	sc 25kg	25,62	26,03	27,20	29,41	31,51	31,74
Farelo de arroz	sc 25kg	9,82	10,00	10,33	10,91	11,33	11,27
Farelo de soja	kg	0,90	0,95	0,88	0,86	0,98	1,03
Farelo de trigo	sc 30kg	14,55	13,12	14,27	12,94	13,51	12,41
Farinha de osso	kg	3,13	3,27	3,26	0,63	1,12	0,83
Farinha de ostras	kg	0,92	0,90	0,73	0,95	0,95	0,86
Leite em pó para bezerro	sc 10kg	27,20	27,15	27,85	28,96	29,06	30,04
Núcleo p/suínos - crescimento	kg	1,82	2,09	2,38	3,28	3,29	3,11
Núcleo p/suínos - gestação	kg	1,66	1,81	2,25	2,28	2,47	2,63
Núcleo p/suínos - inicial	kg	3,30	3,36	3,35	4,90	5,18	5,01
Núcleo p/suínos - lactação	kg	1,99	2,09	2,70	2,91	3,19	3,19
Núcleo p/suínos - terminação	kg	1,65	1,93	2,26	2,35	2,40	2,21
Ração p/ vinos - engorda	sc 25kg	18,51	18,81	20,74	21,77	21,94	21,86
Ração p/ovinos - lactação	sc 25kg	18,99	21,04	20,88	21,09	21,70	22,19
Ração p/peixe final (extruzada)	sc 25kg	26,68	27,11	29,17	29,77	30,03	30,25
Ração p/peixe inicial (extruzada)	sc 25kg	33,70	34,34	36,16	38,64	40,03	39,89
Ração para aves (final)	sc 25kg	23,53	23,88	24,76	24,64	24,89	24,19
Ração para aves (inicial)	sc 25kg	24,82	24,65	25,07	25,46	25,97	25,12
Ração para aves postura	sc 25kg	22,82	22,57	23,70	23,62	23,30	22,72
Ração bovinos (novilhas)	sc 25kg	...	19,49	22,14	21,82	21,60	22,43
Ração para bovinos (lactação)	sc 25kg	19,28	19,76	20,80	20,82	20,82	20,88
Ração para desmama de bezerros	sc 25kg	22,44	22,97	24,57	24,84	24,52	24,54
Ração para suínos - pré-inicial	kg	3,70	3,61	3,53	3,03	2,79	2,97
Ração para suínos crescimento	sc 25kg	21,45	21,97	22,50	22,79	23,04	22,82
Ração para suínos engorda	sc 25kg	20,94	21,40	21,67	21,45	21,75	22,30
Ração para suínos inicial	sc 25kg	24,29	24,31	24,88	26,75	26,64	26,50
Sal comum	sc 25kg	8,62	9,08	9,61	10,13	10,09	10,16
Sal mineral fosbovi	kg	2,00	1,94	2,79	3,27	3,19	3,07
Sal mineral miner plus	kg	3,59	4,10	5,07	5,52	5,85	5,52
Suplemento mineral (star atak)	500g	24,20	25,32	26,25	27,58	28,05	29,89
Animais							
Alevino(2) bagre	milheiro	172,50	177,75	156,38	165,00	165,42	173,06
Alevino(2) carpa	milheiro	148,50	151,00	136,70	146,07	151,79	158,10
Alevino(2) tilápia	milheiro	133,75	143,13	136,30	132,86	135,00	141,90
Bovino corte bezerro desmamado p/engorda	cab.	478,70	521,87	565,92	557,44	579,17	587,22
Bovino corte boi magro +/- 300 kg	cab.	711,33	747,47	821,75	872,78	907,29	934,44
Bovino corte novilha pc	cab.	945,33	971,07	1.101,25	1.040,00	1.128,50	1.211,67
Bovino corte novilho reprodutor 18 a 24 meses	cab.	845,33	907,40	1.026,67	1.094,33	1.134,33	1.316,67
Bovino corte touro PC - 3 anos	cab.	2.280,33	2.643,07	2.581,25	2.852,78	2.888,19	2.842,22
Bovino corte touro PO - 3 anos	cab.	3.008,33	3.380,67	3.320,00	3.444,67	3.430,00	3.765,56
Bovino corte vaca comum	cab.	826,00	888,20	965,00	965,17	1.000,00	1.029,89
Bovino corte vaca PC	cab.	1.400,00	1.480,00	1.540,00	1.594,44	1.602,08	1.668,89
Bovino leite bezerra recem nascida - descarte	cab.	51,97	53,64	56,38	62,78	64,65	64,03
Bovino leite bezerra até 1 ano PC-holandesa	cab.	954,72	981,90	1.027,33	1.046,43	1.096,73	1.095,24
Bovino leite bezerra até 1 ano PC-jersey	cab.	840,56	863,98	855,67	925,24	952,32	957,14
Bovino leite bezerra comum até 1 ano	cab.	540,56	547,93	595,20	620,95	647,56	621,29
Bovino leite novilha PC-jersey	cab.	1.592,50	1.581,81	1.711,67	1.723,81	1.780,95	1.736,19
Bovino leite novilha PC - holandesa	cab.	1.854,72	1.845,51	2.062,67	2.013,81	2.051,31	1.995,48
Bovino leite touro PC	cab.	2.027,22	2.234,82	2.188,33	2.363,33	2.412,50	2.444,29
Bovino leite touro PO	cab.	2.531,11	2.552,56	2.757,33	2.931,11	3.055,56	3.286,67
Bovino leite vaca comum	cab.	953,06	1.010,23	1.052,67	1.133,81	1.190,48	1.173,81
Bovino leite vaca PC - holandesa	cab.	2.923,61	2.916,16	2.746,67	2.893,81	2.783,93	2.844,29
Bovino leite vaca PC - jersey	cab.	2.565,56	2.394,78	2.492,67	2.642,86	2.627,38	2.631,90
Búfalo - novilha	cab.	875,00	877,50	1.100,00	1.150,00	1.250,00	1.325,00
Búfalo - novilho	cab.	937,50	893,75	1.180,00	1.225,00	1.300,00	1.375,00
Búfalo - touro	cab.	1.800,00	1.825,00	2.100,00	2.195,00	2.265,00	2.325,00
Búfalo - vaca	cab.	1.025,00	1.012,50	1.750,00	1.370,00	1.940,00	2.000,00
Cavalo p/montaria	cab.	728,06	767,18	772,00	772,00	823,81	896,71

(Continua)

(Continuação)

Produto	Unidade	fev./08	maio/08	ago./08	nov./08	fev./09	maio/09
Animais							
Cavalo p/tração	parelha	1.220,00	1.338,00	1.287,50	1.420,00	1.443,75	1.452,22
Junta de bois (+/- 400 kg cada)	junta	2.160,00	2.485,33	2.379,17	2.380,00	2.480,00	2.738,33
Marrecos de 1 dia p/corte	unidade	2,51	2,90	2,60	...	...	2,60
Ovinos p/reprodução (1 ano)	cab.	403,33	416,67	415,20	437,50	449,00	495,28
Pinto de 1 dia p/corte	cab.	0,96	0,92	0,93	0,87	0,80	0,86
Suínos - cachaco 80 a 100kg	cab.	738,67	683,53	692,50	879,98	803,67	736,54
Suínos - leitoa reprodução 80 a 100kg	cab.	393,83	387,31	404,70	380,64	339,02	329,05
Combustíveis, lubrificantes e filtros							
Alcool	L	1,69	1,73	1,68	1,71	1,73	1,71
Diesel	L	1,88	2,05	2,11	2,13	2,12	2,07
Energia elétrica rural	k w	0,26	0,27	0,27	0,26	0,23	0,25
Filtro de ar externo (trator de 75cv)	unid.	55,07	46,25	48,46	52,06	57,69	58,56
Filtro de óleo carte (trator 75 cv)	unid.	19,34	19,89	20,24	21,57	23,60	24,46
Filtro de óleo diesel longo (trator 75 cv)	unid.	15,37	13,01	14,69	15,98	16,37	17,60
Filtro de óleo direção hidráulica pq.(trator 75 cv)	unid.	18,70	18,29	21,59	20,74	21,56	24,97
Gás butano	but 13kg	35,91	36,81	35,80	35,90	36,28	37,76
Gasolina	L	2,60	2,57	2,57	2,57	2,57	2,55
Graxa	20kg	172,07	180,99	188,45	197,11	208,89	213,69
Óleo de redução (fluido 433)	L	9,07	9,96	9,72	10,16	11,32	12,18
Óleo lubrificante (sae 30)	20L	116,24	127,40	148,85	162,06	183,86	179,73
Óleo lubrificante (sae 90)	L	9,02	9,43	9,90	10,34	11,13	11,36
Óleo p/direção hidráulica	L	11,24	11,36	11,71	12,56	13,94	15,35
Óleo p/hidráulico e transmissão	20L	153,62	167,16	167,09	172,47	191,57	196,70
Custo das construções							
Aviário automatizado completo	m^2	103,33	110,28	113,33	126,67	134,67	142,83
Aviário manual completo	m^2	82,00	84,75	90,00	100,33	104,67	111,00
Bovino cerca arame farpado c/3 fios	m	...	4,77	5,69	6,35	6,81	6,95
Bovino cerca arame farpado c/4 fios	m	...	5,92	7,29	7,55	8,05	8,16
Bovino cerca arame farpado c/5 fios	m	7,74	8,05	8,85	9,41	10,00	10,16
Bovino cerca elétrica 1 fio	m	1,01	1,19	1,25	1,22	1,46	1,49
Bovino cochos para alimentação (bov. Leite)	m	...	...	80,75	77,88	81,00	81,00
Bovino bebedouro (bov. Leite)	m	...	...	30,65	29,08	32,00	34,17
Bovino bezerreira (bov. Leite)	m	...	...	84,75	82,38	88,50	91,50
Bovino estábulo de alvenaria	m^2	179,17	187,04	195,00	199,67	210,56	212,00
Bovino sala de espera p/ordenha	m^2	43,25	49,13	57,50	53,33	57,33	59,67
Bovino sala de ordenha	m^2	225,00	225,00	231,00	235,75	248,25	256,58
Casa de alvenaria	m^2	533,33	552,80	550,00	589,17	614,00	623,75
Casa de madeira pinus/eucalipto	m^2	340,33	351,40	360,90	382,67	386,00	399,33
Estufa p/fumo equipada (elétrica)	m^2	377,22	395,31	405,00	420,33	443,00	471,67
Galpão p/cura alho	m^2	40,00	40,00	60,00	60,00	60,00	60,00
Galpão rústico (madeira rol.)	m^2	66,67	57,58	53,00	69,83	74,17	73,50
Pocilga - baia individual	m^2	136,67	143,06	146,67	150,25	154,13	166,67
Pocilga - baias coletivas	m^2	134,33	141,44	144,83	144,88	147,88	148,75
Pocilga - creche	m^2	226,67	235,56	231,67	235,00	238,00	241,08
Pocilga - depósito de ração	m^2	118,33	121,11	124,00	128,25	131,63	133,42
Pocilga - esterqueira de lona plástica	m^3	17,20	19,85	25,00	21,88	19,67	21,83
Pocilga - esterqueira pedra c/cobertura	m^3	39,50	43,17	42,17	42,75	44,38	43,83
Pocilga - maternidade	m^2	226,00	247,00	240,00	235,88	240,38	233,50
Pocilga de alvenaria	m^2	156,67	161,39	159,17	165,75	173,25	156,67
Defensivos agrícolas - fungicidas							
Agrimicina	kg	98,58	106,72	111,08	109,02	104,15	101,61
Alto 100	L	97,48	96,37	100,95	95,43	101,73	100,02
Amistar 500wg	100g	46,02	46,05	46,73	47,72	51,77	53,17
Baytan sc	kg	75,55	74,74	79,00	79,33	82,18	83,43
Bim 750 br	kg	178,06	176,95	158,60	155,87	155,80	152,47
Bravik 600 ce	kg	18,29	18,30	23,83	18,75	19,50	21,00
Bravonil ultrax	kg	38,38	36,42	35,51	38,76	44,46	46,09
Calda sulfocálcica	20L	39,57	45,12	47,82	48,90	55,29	55,19
Captan 50 pm	kg	24,57	23,20	22,15	22,94	19,41	23,14
Cercobin 500 sc	L	28,36	27,73	28,58	25,90	25,01	27,59

(Continua)

(continuação)

Produto	Unidade	fev./08	maio/08	ago./08	nov./08	fev./09	maio/09
Defensivos agrícolas - fungicidas							
Cercobin 700pm	kg	32,17	31,50	31,81	32,91	35,31	33,91
Cuprogarb 500	kg	20,05	20,10	20,20	18,99	19,23	19,89
Curzate br	2kg	71,22	70,25	77,76	70,47	76,62	74,79
Dacobre pm	kg	30,69	30,96	31,56	31,81	33,08	35,45
Daconil br 750	kg	32,94	35,35	31,97	35,30	35,70	36,45
Derosal 500sc	L	30,01	29,65	30,69	30,68	32,71	33,39
Dithane m-45	kg	13,74	14,61	14,44	18,25	19,78	20,33
Folicur 200 ce	L	65,29	61,00	60,96	59,79	63,71	63,24
Frowcide 500sc	L	117,00	116,64	119,97	124,66	131,63	138,57
Fungitol	kg	23,04	22,95	22,25	21,99	21,99	23,75
Funguram	kg	15,03	14,68	15,65	18,86	19,92	20,88
Futur 300	L	100,62	112,89	119,43	132,66	125,82	127,01
Impact	L	64,80	65,10	51,70	46,93	44,25	50,93
Kumulus-s 800	6kg	22,35	21,99	27,39	29,12	35,45	36,28
Manzate 800 br	kg	13,94	14,51	14,58	17,14	18,36	18,85
Mertin 400	L	92,34	91,88	93,18	92,35	97,41	101,21
Opera se	L	85,96	83,06	83,40	80,66	86,40	88,77
Persist sc	L	11,74	12,16	11,85	17,00	15,00	14,13
Priori extra	L	134,99	137,28	147,06	145,45	146,58	151,62
Redschield	2kg	78,37	80,44	82,46	81,88	84,68	81,02
Ridomil gold	kg	67,06	67,89	67,72	66,86	70,40	73,19
Rovral sc	500g	84,14	85,08	85,57	89,24	95,04	84,90
Score	L	160,87	161,64	171,06	162,88	174,41	178,56
Sphere	L	131,10	136,46	134,51	133,82	137,47	146,59
Strafego 250 ec	5L	459,24	461,41	460,00	476,26	490,50	459,94
Sulfato de cobre (nacional)	kg	8,42	8,41	8,61	9,22	9,63	9,44
Sumilex	kg	126,19	123,30	126,77	126,19	133,33	140,07
Tilt 250 ce	L	84,03	83,48	81,56	81,09	80,84	80,52
Unix 750 wg	kg	308,60	308,73	319,70	314,21	317,59	306,58
Defensivos agrícolas - herbicidas							
Afalon sc	L	74,18	73,74	78,09	76,08	77,37	79,31
Ally 600	10gr	17,09	16,91	17,18	15,96	16,07	15,60
Aminol cs 806	L	16,48	16,65	17,07	17,62	17,77	17,37
Basagran 600	5L	182,14	183,46	174,74	158,89	173,38	179,84
Calisto	L	180,28	181,79	181,27	180,17	184,04	189,54
Classic	300g	93,20	104,95	126,18	139,09	147,83	140,00
Cobra	L	67,78	69,90	66,17	65,74	61,36	58,03
DMA 806	L	17,72	17,54	17,48	18,57	18,60	17,83
Dual 960 ce gold	5L	168,49	167,97	175,82	175,36	177,68	172,80
Extrazin	5L	52,45	53,03	52,86	53,99	54,99	54,28
Facet 50 pm	750g	89,82	89,65	89,24	85,52	82,10	84,16
Finale	L	40,31	41,38	43,67	44,97	48,22	48,50
Flex	5L	233,25	244,71	253,73	263,42	265,70	278,41
Fusiflex	5L	243,36	261,36	268,07	280,95	289,23	299,89
Fusilade 125	L	57,17	57,79	58,27	59,05	62,84	65,23
Gamit 500 ce azul	L	69,21	68,17	66,01	63,88	63,40	67,93
Glifosato nortox	L	15,40	17,02	18,01	18,97	18,71	17,14
Gramocil	5L	112,91	114,47	118,71	118,37	123,54	133,05
Gramoxone 200	5L	116,54	120,25	122,15	123,00	131,47	134,83
Herbimix fw sc	5L	51,52	53,25	54,39	55,67	56,41	57,83
Hussar	600g	280,96	264,80	278,81	286,53	309,76	330,43
Nominee	L	665,83	665,20	600,25	568,06	576,13	659,05
Only	L	85,33	85,73	78,55	94,91	88,51	90,19
Padron	L	125,51	125,66	126,25	108,93	120,60	122,90
Pivot	5L	166,74	155,53	147,46	159,81	154,57	153,66
Plenun	L	95,13	97,62	97,54	94,46	94,32	94,23
Poast	L	30,53	31,63	31,40	31,77	32,39	32,65
Podium (s)	L	44,17	43,25	47,10	48,90	49,88	51,09
Primatop sc	5L	51,61	55,52	57,78	59,69	65,21	67,17

(Continua)

Continuação)

Produto	Unidade	fev./08	maio/08	ago./08	nov./08	fev./09	maio/09
Defensivos agrícolas - herbicidas							
Primestra 500 fw gold	5L	95,55	99,39	98,87	100,49	98,40	96,19
Primoleo	5L	48,73	51,35	60,68	61,70	64,38	67,29
Reglone	L	24,55	25,63	26,47	26,96	27,43	28,25
Ricer	L	617,02	612,30	587,42	569,09	580,94	578,82
Robust	500ml	61,88	64,43	65,83	65,53	71,90	74,14
Ronstar 250br sc	L	54,83	55,22	56,67	57,37	58,21	59,73
Roundup 480	L	16,59	17,81	18,93	21,45	22,20	21,39
Roundup transorb	L	20,78	21,74	24,63	26,38	27,18	26,92
Roundup wg	kg	29,32	32,15	37,17	41,81	43,61	38,39
Sanson 40 sc	L	64,78	64,74	63,32	61,63	62,25	64,09
Select	L	125,30	130,66	120,86	115,24	117,33	114,46
Sirius	300ml	193,08	190,37	179,35	176,60	173,70	183,43
Topik	L	360,21	366,30	364,78	359,60	372,13	383,40
Tordon +2,4d (225-360)	L	50,80	52,35	52,52	50,81	50,37	51,60
Totril	L	90,82	90,59	90,52	86,52	92,78	94,03
Tropp	L	13,54	15,70	16,67	17,13	18,29	17,42
Twister	300g	56,80	56,80	58,70	59,73	50,64	47,09
Zapp qi	5L	80,82	84,08	136,07	155,15	157,14	143,19
Defensivos agrícolas - inseticidas							
Acefato nortox	500g	19,61	18,40	19,86	20,14	19,52	17,56
Actara 250 wg	kg	272,53	281,40	282,00	282,30	281,95	281,82
Atabron	L	56,68	56,54	56,40	58,27	59,27	60,38
Baculovirus inset.biolog.	5 doses	16,20	16,70	16,28	16,05	16,08	16,17
Bolitym 400/40 ce	L	45,39	45,06	45,80	...	...	...
Cruiser 350 f	L	459,45	454,26	469,51	471,59	476,82	503,95
Curyon 550	L	58,55	61,39	64,71	66,31	68,36	70,26
Cyptrim 250 ce	L	41,75	34,73	32,16	31,52	31,05	28,95
Decis 25 ce	250ml	11,63	11,28	11,18	11,55	11,98	12,71
Decis	L	...	36,31	36,50	38,69	40,80	41,17
Dimilin pm	500g	55,13	58,27	45,95	50,38	51,02	47,10
Dipel pm (biológico)	500g	42,16	44,49	42,55	41,63	41,00	38,70
Engeo pleno	L	122,17	126,35	131,88	136,21	141,31	144,20
Formicida granulado	500g	4,01	4,08	4,24	4,25	4,39	4,36
Furadan 350	L	51,52	50,74	48,59	50,78	49,03	44,74
Furadan 5g	10kg	51,78	53,57	53,69	54,40	56,03	57,28
Furazin 310	L	51,72	51,22	50,70	51,09	51,80	51,71
Futur 300 sc	L	99,22	107,17	118,18	120,92	124,76	123,72
Gastoxim b (30 pastilhas)	tubo	19,67	19,39	19,89	20,90	21,16	21,28
Karate 50 cs zeon	L	48,69	46,03	50,94	51,70	56,68	58,85
Klap	200ml	84,24	72,29	77,88	87,04	91,04	93,80
K-obiol ps	kg	16,55	16,15	17,47	17,71	17,78	17,86
k-othrine	30ml	5,23	5,43	5,26	5,46	5,86	5,94
Lannate br	L	21,91	22,09	22,05	22,79	22,76	24,17
Lebaycid 500	L	71,72	72,29	73,82	78,99	86,34	98,92
Lorsban 480 br	L	25,39	25,92	26,17	25,18	25,68	25,18
Malatol/malathion 500 ce	250ml	8,36	8,39	7,40	7,61	7,49	7,66
Mentox 600 ce	L	17,86	18,56	17,90	17,65	20,94	21,50
Oberon	L	182,70	186,48	191,77	190,00	195,70	196,86
Orthene 750 br	500g	25,48	25,64	25,19	24,11	24,20	24,25
Pirate	250ml	56,57	55,69	54,49	58,14	60,20	62,02
Polo 500 wp	100g	15,88	16,96	16,52	17,64	18,40	20,08
Pounce 385 ce	L	48,47	50,15	49,89	48,15	46,31	45,89
Promet 400 cs	L	85,70	89,15	90,10	94,48	86,63	...
Rumo wg	20g	11,48	11,63	11,76	11,64	11,99	13,23
Semevin 350	L	84,58	87,00	87,25	87,88	87,08	84,10
Sevin 480 sc	5L	128,57	134,45	141,25	156,93	162,48	181,93
Tamaron	L	17,12	17,49	19,02	20,48	22,14	21,81
Tracer	250ml	156,14	158,61	152,63	155,13	153,38	152,00
Trigardi 750	15g	17,71	18,57	18,61	18,88	20,21	21,34

(Continua)

(Continuação)

Produto	Unidade	fev./08	maio/08	ago./08	nov./08	fev./09	maio/09
Defensivos agrícolas - outros defensivos							
Assist	L	8,06	8,08	8,08	8,63	9,25	8,96
Confidor	30g	14,97	14,80	14,30	14,82	15,04	15,18
Espalhante adesivo	L	9,22	9,13	9,30	9,01	9,49	9,07
Mata lesma	250g	5,67	6,07	6,67	7,44	7,42	6,96
Óleo mineral	20L	120,68	125,85	119,57	127,67	140,51	150,42
Óleo mineral para banana	200L	612,25	618,92	618,80	796,42	852,50	813,40
Podos	L	41,17	42,45	41,28	42,17	46,15	48,47
Primeplus	L	61,44	61,46	60,72	61,85	61,18	61,09
Raticida (granulado)	25g	0,78	0,82	0,82	0,84	0,83	0,85
Embalagens, ferramentas e diversos							
Balde plástico 10L	unidade	8,39	8,16	7,47	7,23	8,93	8,31
Bandeja isopor p/muda	unidade	5,36	5,24	5,34	5,53	5,69	5,60
Bota de borracha	parelha	25,97	26,98	25,36	25,50	24,38	25,17
Caixa k p/hortaliças	unidade	1,94	1,99	1,91	2,03	2,00	2,20
Caixa plástica p/batata sem. maca	unidade	18,28	18,44	18,27	19,10	20,15	23,78
Caixa torito p/banana	unidade	1,74	1,74	1,74	1,64	1,64	1,64
Corda de nylon 8mm	kg	14,23	13,68	13,69	14,11	14,82	15,69
Correame p/cavalo	unidade	335,00	342,50	353,33	350,75	351,00	372,50
Enxada de 2,5 libras (média)	unidade	10,42	10,81	10,47	11,17	11,32	11,69
Facão tamanho médio	unidade	10,21	10,01	9,65	10,61	10,78	11,11
Fita plástica p/amarrio	kg	10,02	10,30	13,58	14,35	12,03	12,97
Foice s/cabo	unidade	13,97	14,21	13,23	14,76	15,55	15,17
Lona plástica preta 200 micras	m^2	0,97	1,00	0,97	0,92	0,96	1,01
lona plastica transparente	m^2	1,38	1,37	1,52	1,53	1,61	1,42
Luva de algodão	Parelha	3,08	3,54	2,61	2,65	2,56	2,55
Machado médio s/cabo	unidade	22,60	22,46	22,20	23,94	24,83	24,37
Mangueira gotejador 20-30	500m	281,25	308,50	325,05	258,53	248,89	235,51
Mangueira plástica 3/4	m	0,53	0,56	0,60	0,63	0,64	0,72
Saco para batata	unidade	1,02	1,12	0,99	1,04	0,92	0,85
Saco para cebola	unidade	0,79	0,80	0,81	0,81	0,84	0,95
Saco plástico p/banana	fardo 200 unid	27,90	27,91	27,90	29,97	31,67	33,00
Sombrite 50%	m	3,35	3,39	3,34	3,40	3,47	3,70
Tarro plástico leite (20-30L)	unidade	117,87	120,18	124,97	135,84	148,41	150,17
Tarro latão 30 litros	unidade	...	105,02	98,90	109,21	113,28	118,04
Tarro latão 50 litros	unidade	...	151,58	141,82	152,61	148,73	155,72
Fertilizantes e correlatos							
Adubo 20-10-10	sc 50kg	64,50	70,75	81,08	78,28	66,60	58,05
Adubo 00-20-30	sc 50kg	45,35	68,06	70,38	80,66	81,77	66,14
Adubo 02-20-20	sc 50kg	50,53	68,08	77,96	78,36	65,73	61,38
Adubo 03-30-15	sc 50kg	57,73	62,73	87,73	85,67	85,50	70,56
Adubo 04-14-08	sc 50kg	42,40	54,12	62,44	62,43	56,57	43,29
Adubo 05-20-10	sc 50kg	48,69	63,82	72,82	71,28	59,23	49,63
Adubo 05-20-20	sc 50kg	53,71	65,37	77,31	75,89	73,78	60,40
Adubo 05-20-30	sc 50kg	47,75	49,13	79,76	85,00	80,25	68,42
Adubo 05-25-25	sc 50kg	53,87	78,86	91,12	93,43	85,90	71,14
Adubo 07-11-09	sc 50kg	43,36	45,55	62,05	59,53	57,17	36,67
Adubo 07-28-14	sc 50kg	51,91	71,60	87,06	85,87	72,61	58,48
Adubo 07-30-13	sc 50kg	56,33	54,86	73,40	81,70	76,65	55,50
Adubo 08-20-20	sc 50kg	55,21	70,29	85,31	83,19	76,07	64,20
Adubo 08-30-20	sc 50kg	68,63	82,34	97,03	97,16	87,61	73,56
Adubo 09-33-12	sc 50kg	61,63	78,40	99,10	95,53	78,87	62,15
Adubo 10-10-10	sc 50kg	43,07	48,18	73,15	70,00	61,00	48,75
Adubo 10-20-20	sc 50kg	60,98	73,39	90,17	88,96	81,14	66,29
Adubo 11-07-35	sc 50kg	50,02	57,45	80,60	88,08	85,64	76,77
Adubo 13-13-28	sc 50kg	53,41	62,76	72,20	87,99	86,76	69,82
Adubo 15-00-15	sc 50kg	43,10	49,76	53,73	66,07	60,03	51,36
Adubo foliar composto	20L	152,95	154,81	155,16	157,29	161,90	157,60
Adubo organo-mineral (02-06-04)	sc 40kg	31,83	33,18	44,58	36,18	28,72	28,94

(Continua)

(Continuação)

Produto	Unidade	fev./08	maio/08	ago./08	nov./08	fev./09	maio/09
Fertilizantes e correlatos							
Borax (nacional) adubação	kg	3,42	3,47	3,97	3,58	3,35	3,20
Calcário a granel	t	70,62	68,73	70,36	71,06	70,77	67,44
Calcário ensacado	t	94,17	94,28	98,84	101,01	105,57	112,47
Cloreto de potássio	sc 50kg	51,44	71,43	86,09	89,33	87,92	88,79
Esterco de aves-bruto	t	26,33	24,50	29,42	32,50	31,00	31,00
Nitrato de amônia (32-00-02)	sc 50kg	47,88	53,55	66,10	68,60	53,53	40,91
Salitre do chile (15-00-14)	sc 50kg	53,00	63,81	78,53	83,75	84,59	89,08
Substrato	sc 25kg	12,08	12,64	12,20	12,27	12,23	12,19
Sulfato de amonia	sc 50kg	38,46	40,91	51,35	52,38	45,22	41,51
Sulfato de magnésio	kg	1,48	1,59	1,86	1,73	1,98	3,68
Sulfato de zinco	kg	3,32	3,53	3,61	3,59	3,72	3,76
Superfosfato simples	sc 50kg	38,21	45,81	62,08	58,48	50,46	38,61
Superfosfato triplo	sc 50kg	63,99	89,22	104,28	102,11	90,67	57,86
Uréia	sc 50kg	54,23	60,96	75,87	75,00	55,45	48,52
Materiais para construção							
Arame farpado rolo 500m	unidade	150,79	157,32	171,80	189,69	193,38	199,21
Arame liso nr.18	kg	8,08	8,47	9,61	11,01	11,62	12,90
Arame liso rolo nr 14 (rolo 1250 m)	Unid	254,10	267,56	297,65	347,20	381,21	371,45
Areia média	m^3	54,70	51,05	59,46	63,37	65,66	62,40
Brita no.2	m^3	45,53	44,51	47,28	48,20	50,34	49,78
Cal hidratado	saco 20kg	5,60	6,00	6,61	7,08	7,33	7,24
Cimento	sc 50kg	18,04	17,71	18,13	20,24	20,39	20,42
Costaneira	m^3	11,88	11,48	12,35	13,50	14,48	16,79
Caixa d'água plástica 1000l c/tampa	unidade	229,20	227,23	222,42	227,89	238,52	227,35
Caixa d'água/fibra 1000l c/tampa	unidade	224,47	221,15	221,68	229,05	231,31	229,09
Ferro 5/16	10 a 12m	19,14	20,90	24,52	26,54	26,98	25,67
Grampo de cerca	kg	5,59	5,69	6,12	6,71	6,75	6,82
Madeira lei serr. caibro/vigas	m^3	1.306,55	1.308,55	1.294,92	1.303,13	1.319,67	1.358,45
Madeira pinus caibro/vigas	m^3	545,32	554,13	576,72	537,92	506,78	475,53
Maravalha (cepilho)	m^3	13,97	13,00	16,63	17,67	18,66	19,04
Moirão de concreto	unidade	18,10	18,97	19,16	18,94	18,69	19,91
Moirão de madeira comum	unidade	14,59	14,99	15,20	14,33	12,88	15,04
Moirão rachado (madeira lei)	unidade	17,25	17,32	17,20	20,21	19,76	20,94
Pó de serra (serragem)	m^3	11,61	12,22	13,38	13,17	13,80	14,63
Pregos 17x27	kg	5,18	5,42	5,83	6,29	6,51	6,43
Refilo de madeira	m^3	13,82	13,08	13,20	13,90	14,34	16,33
Tábuas de madeira dura (primeira)	m^2	34,69	36,46	34,81	38,04	37,53	38,18
Tábuas de madeira dura (segunda)	m^2	17,14	19,27	21,75	20,67	20,98	22,24
Tábuas de pinus p/caixaria	m^2	10,80	10,14	11,96	11,23	11,78	12,06
Tábuas de pinus p/construção	m^2	14,63	15,12	14,42	13,84	14,62	15,04
Tela de arame (malha 4)	m^2	5,14	5,24	5,79	6,66	7,02	6,93
Telha de amianto 4mm 2,44/0.50	unidade	6,67	6,73	7,01	7,70	8,06	8,06
Telha francesa de 1a.	milheiro	608,57	636,87	747,96	817,94	798,60	848,19
Tijolo de 6 furos (médio)	milheiro	306,53	311,82	362,82	395,70	413,08	450,32
Tijolo maciço	milheiro	283,79	298,70	330,27	373,24	374,84	408,97
Mudas							
Alface	cento	4,50	4,75	...	6,10	6,40	7,10
Muda de erva-mate	unidade	0,42	0,42	0,43	0,39	0,55	0,55
Muda de eucaliptus	unidade	0,19	0,19	0,20	0,20	0,21	0,20
Muda de palmeira real	unidade	0,23	0,22	0,23	0,21	0,21	0,21
Muda de palmito jussara	unidade	0,23	0,22	0,23	0,24	0,24	0,25
Muda de pinus	unidade	0,21	0,21	0,21	0,21	0,21	0,22
Muda frutifera banana (meristema)	milheiro	1.400,00	1.400,00	...	...	...	1.400,00
Muda frutifera banana (rizoma)	cento	30,00	30,00	...	30,00	30,00	30,00
Muda frutifera citrus	unidade	4,72	4,83	4,98	5,22	5,58	5,41
Muda frutifera frutas de caroço	unidade	5,08	5,00	4,41	5,14	5,74	4,92
Muda frutifera maçã	unidade	4,17	4,08	4,56	5,27	6,17	5,47
Muda frutifera pêra	unidade	5,17	4,98	4,89	5,16	5,61	4,94
Muda frutifera uva	unidade	5,20	5,01	4,97	5,24	5,66	5,09

(Continua)

(Continuação)

Produto	Unidade	fev./08	maio/08	ago./08	nov./08	fev./09	maio/09
Mudas							
Muda hortaliça alface	cento	5,05	5,14	5,45	5,82	6,00	7,75
Muda hortaliça couve flor	cento	8,00	9,00	6,63	8,02	8,45	9,42
Muda hortaliça pimentão	cento	10,25	15,88	9,25	9,30	9,13	9,56
Muda hortaliça repolho	cento	6,00	5,50	7,00	8,20	7,85	9,10
Muda hortaliça tomate longa vida	cento	23,25	21,33	22,00	19,50	18,80	16,67
Máquinas e equipamentos							
Arado de tração animal	unid.	...	581,83	620,00	645,00	...	...
Arado 3 discos (reversivel)	unid.	5.467,14	5.868,38	6.855,53	6.953,62	7.044,07	7.040,81
Balança 100 kg	unid.	317,75	321,38	329,25	332,50	300,25	277,08
Batedor cereais vencedor 380	unid.	5.859,67	5.985,67	6.678,53	6.299,17	6.556,66	6.516,21
Carreta 1 eixo 3-4t p/trator	unid.	3.172,12	3.440,20	3.549,67	4.063,28	4.273,59	4.552,17
Carreta 2 eixos 4-5t p/trator	unid.	4.745,23	4.686,03	5.383,77	5.507,04	5.760,42	5.831,08
Carreta microtrator 1t simples	unid.	2.053,89	2.136,48	2.307,67	2.207,72	2.311,70	2.396,88
Carreta microtrator 1t traçada	unid.	7.815,50	8.179,33	8.332,50	9.227,17	9.124,88	8.958,57
Carroça de 60 arrobas/tração animal	unid.	1.369,33	1.179,67	1.383,33	1.485,00	2.625,00	1.585,33
Colheitadeira p/milho 1l/junior graneleira	unid.	20.097,92	20.823,72	23.189,70	23.461,11	22.929,12	25.037,94
Colheitadeira automotriz John Deere 1175 roda	unid.	348.350,00	359.633,33	354.083,33	360.080,00	365.450,00	369.300,00
Colheitadeira automotriz John Deere 1165 roda	unid.	327.233,33	335.086,67	344.700,00	385.500,00	402.600,00	416.250,00
Colheitadeira automotriz NH tc 55 r 15 pés	unid.	344.766,67	345.453,33	357.500,00	374.633,33	381.833,33	381.476,19
Colheitadeira automotriz MF 5650 esteira	unid.	339.366,67	341.216,67	312.000,00	336.000,00	326.300,00	361.450,00
Colheitadeira automotriz MF 5650 roda	unid.	300.033,33	304.172,22	324.175,00	308.928,57	299.000,00	314.416,67
Colheitadeira automotriz NH tc 55 esteira	unid.	375.900,00	367.850,00	358.250,00	403.933,33	418.000,00	429.166,67
Colheitadeira forrageira/Pecus 9004	unid.	13.293,60	13.556,12	14.939,35	14.411,22	14.363,78	14.335,72
Desintegrador estacionário nogueira Nº 1	unid.	...	1.144,46	1.331,25	1.255,94	1.254,21	1.266,88
Desintegrador Nogueira no 2	unid.	1.462,99	1.502,62	1.666,67	1.716,63	1.612,96	1.607,02
Distribuidor calcário 5000 kg c/pneu	unid.	14.374,75	15.026,74	16.771,80	16.887,74	16.489,51	16.345,71
Distribuidor ureia 600kg politileno	unid.	2.194,11	2.277,63	2.495,87	2.451,88	2.579,17	2.511,08
Distribuidor esterco 4000 l	unid.	12.065,10	11.792,01	13.468,53	13.854,38	14.695,67	14.906,19
Eletrificador cerca	unid.	59,30	60,42	71,35	70,21	63,05	64,51
Ensiladeira Nogueira estacionária EN12	unid.	3.192,67	3.320,22	3.379,98	3.531,03	3.616,31	4.026,17
Enxada rotativa Lavrare 2,5m	unid.	10.454,25	10.877,15	11.960,17	11.976,19	12.105,23	12.255,31
Enxada rotatativa Lavrale 1,25 metros	unid.	7.309,23	7.566,73	8.061,25	8.540,78	8.972,89	8.924,96
Grade tração animal	unid.	...	1.337,63	1.350,00	1.550,00	1.850,00	1.850,00
Grade 24 discos 18' (hidráulica)	unid.	4.087,31	4.214,55	4.871,95	4.678,82	5.203,11	5.436,00
Grade aradora 14 discos 26	unid.	10.751,42	11.600,75	13.091,83	12.684,71	12.968,36	13.001,95
Grade niveladora 36disc 20 arrasto	unid.	7.712,35	8.120,93	9.479,83	9.171,71	9.314,96	9.280,08
Microtrator Yanmar TC 14 (14cv)	unid.	20.131,40	20.879,68	21.650,00	21.991,67	21.525,15	21.543,36
Misturador ração 1000 kg c/motor 3HP	unid.	3.478,48	3.588,37	3.708,88	3.932,50	4.110,00	4.043,33
Motobomba 3/4 hp (externa)	unid.	401,29	416,62	435,89	447,37	416,97	406,86
Motor elétrico 1 HP monofásico	unid .	...	384,25	445,17	444,83	451,84	457,02
Motor elétrico bifásico 7,5 cv alta rotação	unid.	1.653,75	1.725,06	1.812,37	1.875,50	1.891,80	1.876,27
Motor elétrico trifásico 7,5 cv alta rotação	unid.	768,42	780,45	876,88	854,88	942,97	946,57
Motor elétrico trifásico 5,0 HP alta rotação	unid .	...	642,33	655,58	667,50	701,17	698,89
Motor elétrico trifásico 2,5 HP alta rotação	unid .	...	429,46	444,98	502,21	499,86	513,54
Motosserra média	unid.	1.836,93	1.800,82	1.816,17	1.788,28	1.753,75	1.826,67
Ordenhadeira 2 baldes	unid.	3.959,16	3.906,18	3.915,73	4.066,45	4.317,52	4.514,90
Ordenhadeira balde ao pé com um conjunto	unid .	...	2.630,33	2.840,13	2.935,93	3.117,49	3.176,93
Ordenhadeira balde ao pé com quatro conjuntos	unid .	...	5.369,27	5.591,67	6.304,70	5.633,63	6.270,23
Plantadeira 2L plantio direto	unid.	10.134,31	10.341,86	11.130,86	11.387,08	11.879,29	12.101,89
Plantadeira 5L plantio direto	unid.	17.651,45	19.563,29	21.009,58	21.833,10	22.466,66	22.924,05
Plantadeira 10L plantio direto	unid.	64.166,67	66.260,42	71.459,38	71.130,00	70.493,00	72.732,00
Plantadeira 1L tração animal plantio direto	unid.	965,21	905,51	1.044,08	987,50	902,40	905,98
Plataforma p/colheitadeira milho 4 linhas	unid.	47.668,89	50.218,24	51.216,67	49.148,00	50.728,07	51.841,67
Prensa de cana - modelo 4	unid.	1.312,92	1.358,98	1.125,00	1.160,40	1.321,83	1.326,56
Pulverizador PJ 600l	unid.	9.070,67	9.634,64	9.572,11	9.814,86	9.855,30	10.058,14
Pulverizador bananeiro af 427	unid.	11.532,17	11.454,39	11.475,00	11.764,75	12.168,75	11.841,67
Pulverizador costal manual 20l	unid.	175,93	176,17	181,94	190,30	193,63	195,39
Pulverizador microtrator c/barra c/depósito	unid.	3.801,31	3.834,73	4.105,83	3.918,25	3.924,08	3.866,17
Pulverizador tração animal 200L	unid.	2.177,24	2.133,83	2.354,75	2.692,58	2.828,79	2.925,25
Pulverizador tração humana 40L	unid.	1.435,00	1.442,50	1.480,00	1.500,00	1.535,00	1.555,00

(Continua)

(Continuação)

Produto	Unidade	fev./08	maio/08	ago./08	nov./08	fev./09	maio/09
Máquinas e equipamentos							
Resfriador de leite granel 1000l	unid.	11.985,64	12.119,68	13.002,42	13.664,03	14.127,00	14.136,33
Resfriador de leite granel 300l	unid.	7.344,00	7.624,94	7.939,40	8.326,44	8.762,83	8.488,22
Resfriador com tanque de expansão 780 litros	unid.	...	10.741,13	11.511,25	12.078,19	12.070,98	12.180,33
Resfriador com tanque de expansão 2000 litros	unid.	...	18.533,50	21.066,11	21.821,59	22.226,40	22.230,90
Resfriador imersão 200 litros	unid.	...	1.941,58	1.979,25	2.034,00	2.080,00	2.054,00
Resfriador imersão 300 litros	unid.	...	2.323,75	2.340,00	2.344,00	2.382,49	2.313,78
Roçadeira costal motorizada	unid.	1.801,69	1.808,67	1.812,85	1.771,85	1.835,46	1.892,31
Roçadeira p/trator 1,80m	unid.	5.255,69	5.362,78	5.748,31	5.693,32	5.740,15	5.794,26
Rotativa+encanteirador p/trator	unid.	8.610,00	9.037,25	9.775,00	9.724,17	10.271,08	10.545,11
Saraqua inox c/cx adubo	unid.	70,55	75,27	79,52	77,71	77,62	77,05
Saraqua lata s/cx adubo	unid.	50,98	54,30	62,09	59,68	59,58	60,36
Sistema irrigação p/microtrator (cap. 4-5 ha)	unid.	5.270,00	5.220,00	5.046,50	5.773,33	6.266,67	6.522,22
Sistema irrigação p/trator (cap. 7-8 ha)	unid.	13.895,00	14.011,67	13.715,00	14.467,00	17.010,00	17.622,22
Subsolador com 5 astes (fixo)	unid.	2.722,53	2.869,39	3.086,27	3.282,31	3.324,55	3.355,13
Trator agrale 4230 (30 cv) 4x4	unid.	49.566,67	49.905,56	45.450,00	48.120,00	49.100,00	52.316,67
Trator MF 250 (51 cv) 4x4	unid.	62.447,00	63.999,00	63.916,67	63.071,25	63.821,25	64.702,24
Trator MF 265 (65 cv) 4x4	unid.	80.248,33	82.582,56	85.820,00	87.740,43	87.924,29	82.822,90
Trator MF 275 (75 cv) 4x4	unid.	89.666,67	92.024,44	95.420,00	93.998,00	94.411,43	87.812,24
Trator MF290 (85 cv) 4x4	unid.	99.575,00	100.857,50	104.080,00	104.790,00	105.413,29	100.714,57
Trator New Holland (103 cv) 4x4	unid.	115.460,00	116.210,00	116.535,00	118.257,14	119.500,00	119.119,05
Trator New Holland (64 cv) 4x4	unid.	84.960,00	84.493,33	85.550,00	84.285,71	84.928,57	82.785,71
Trator New Holland (78 cv) 4x4	unid.	95.320,00	95.986,67	99.038,75	94.785,71	96.071,43	93.452,38
Trator Valtra 1280 (128 cv) 4x4	unid.	151.725,00	153.387,50	161.320,00	162.714,29	162.440,00	159.207,14
Trator Valtra 685 (65 cv) 4x4	unid.	74.643,50	74.084,08	79.566,00	77.742,86	79.185,71	76.014,00
Trator Valtra 785 (75 cv) 4x4	unid.	80.476,67	81.766,11	87.270,00	88.894,29	89.428,57	85.189,62
Trator Valtra bm100 (100 cv) 4x4	unid.	110.550,00	112.100,00	119.620,00	122.382,00	125.414,29	122.846,33
Trator Yanmar 1155 (55 cv) 4x4	unid.	64.462,50	64.614,38	65.498,75	67.309,00	62.635,80	64.230,38
Trator John Deere 5605 (75 cv) 4x4	unid.	90.275,00	92.518,75	102.483,33	95.880,00	95.370,00	90.081,33
Preço de terra nua e de arrendamento							
Arrendamento de terra - arroz irrigado	ha	1.254,50	1.263,63	1.725,50	1.594,33	1.269,50	1.424,11
Arrendamento de terra - milho	ha	437,00	510,67	471,67	400,84	403,87	405,77
Arrendamento de terra - pastagem	R$/cab/mês	15,93	15,08	16,41	17,68	18,17	17,71
Arrendamento de terra - soja	ha	386,00	421,11	427,67	421,30	450,42	480,63
Arrendamento de terra - trigo	ha	212,00	239,56	200,67	197,00	208,33	228,88
Terra campo nativo/reflorestamento	ha	4.042,10	4.196,30	4.214,94	4.473,50	4.998,71	4.960,62
Terra de primeira	ha	15.319,67	14.194,56	16.716,83	16.618,45	13.450,17	13.450,17
Terra de segunda	ha	7.257,10	7.537,40	7.326,89	8.243,77	8.392,13	8.852,90
Terra de várzea não sistematizada	ha	21.458,33	21.611,67	24.883,33	23.500,00	28.000,00	28.200,00
Terra de várzea sistematizada	ha	29.208,33	29.401,67	31.433,33	32.125,00	34.250,00	34.666,67
Produtos veterinários, detergentes e desinfetantes							
Ade injetável	10ml	4,03	3,74	4,68	4,48	4,90	4,84
Agroplus	50ml	19,12	19,43	18,67	21,53	20,07	22,13
Agrovet 5000000 ui	15ml	12,51	12,79	12,45	12,46	12,11	12,18
Agrovet Plus	frasco 25ml	...	13,77	14,89	14,38	14,46	14,74
Aminovit stimovit (soro)	500ml	13,14	14,18	12,06	13,39	12,15	12,29
Anamastite (bisnaga)	10ml	5,17	5,22	4,85	5,19	5,32	5,55
Azium	10ml	9,59	9,71	9,83	10,00	10,42	9,83
Butox pour-on	L	27,73	28,03	25,77	27,68	28,64	29,99
Cálcio injetável	200ml	8,51	9,25	8,42	8,89	9,44	9,62
Cálcio injetável (calfomag)	200ml	6,92	8,70	8,09	6,73	6,69	7,65
Calminex	100g	15,98	16,28	16,26	17,75	17,12	17,30
Ciosin	2ml	15,45	15,64	15,72	15,73	15,20	16,32
Creolina pearson	500ml	12,66	13,08	12,75	13,39	13,37	13,61
D - 500	50ml	9,37	9,88	9,04	9,36	9,69	9,99
Desinfetante ortozol	L	33,65	34,04	33,54	35,39	34,82	38,94
Desinfetante Alcalino	L	...	12,42	7,82	7,41	6,56	6,56
Desinfetante Ácido	L	...	13,85	7,96	8,62	9,69	10,41
Detergente p/ordenhadeira (alcalino)	5L	24,27	20,91	25,97	25,08	27,45	27,14
Detergente p/piso (neutro)	5L	20,27	17,43	18,89	19,28	21,92	23,38
Dose de sêmen	palheta	13,83	17,11	16,40	16,87	18,64	20,00

(Continua)

(Continuação)

Produto	Unidade	fev./08	maio/08	ago./08	nov./08	fev./09	maio/09
Produtos veterinários, detergentes e desinfetantes							
Ektoban	100ml	10,41	14,03	12,40	13,46	13,35	13,45
Elantik Pour-on	L	...	15,00	12,18	13,50	14,30	15,00
Exame brucelose	unid.	2,67	2,89	3,00	3,00	3,00	3,05
Exame tuberculose	unid.	2,67	2,89	3,00	3,00	3,00	3,05
Ferro injetável	50ml	6,41	6,70	6,39	6,95	7,20	7,23
Ganaseg solução	30ml	25,33	25,89	25,41	25,82	26,12	26,72
Imisol injetável	15ml	34,26	35,28	36,22	35,71	35,66	35,71
Iodo glicerinado	200ml	10,44	9,93	11,30	11,37	11,85	11,35
Landic	20ml	11,02	11,26	11,26	11,18	11,75	12,07
Sanitizante	L	...	...	5,25	10,00	...	22,17
Mastifim	bisnaga 10ml	...	4,24	4,36	4,78	4,78	5,00
Mastifin vs	10ml	5,69	5,94	5,68	5,88	6,18	6,15
Mata bicheira	500ml	4,68	4,65	4,74	4,74	4,87	5,08
Mercepton	100ml	12,51	12,82	12,58	12,51	13,08	13,22
Modificador orgânico - bravet	100ml	7,14	7,13	7,39	7,56	7,46	7,44
Neguvon	150g	24,92	26,18	24,99	25,31	25,93	26,45
Neguvon + assuntol	500g	63,36	68,99	66,21	65,58	66,62	66,26
Ocitocina	10ml	2,77	3,24	3,29	3,46	3,86	3,91
Pencivet plus	15ml	12,80	13,07	12,72	13,32	13,92	13,57
Pentabiótico (ampola+diluente)	7ml	8,70	8,99	8,64	8,99	8,82	8,71
Perical b12	100ml	7,45	7,92	7,90	8,01	8,07	7,85
Sarnicida (neocidol)	100ml	19,95	19,55	19,84	19,88	20,62	20,46
Solutetra injetável	20ml	4,94	5,39	5,36	5,03	5,35	5,59
Terramicina Ia (injetável)	20ml	7,18	7,25	6,60	6,44	6,70	7,12
Terramicina Injetável L A	frasco 50ml	...	13,72	13,81	13,81	13,38	13,36
Tetraciclina	50ml	12,34	12,51	12,99	12,51	12,61	13,28
Triatox cooper	200ml	14,79	14,87	15,41	15,29	15,62	15,99
Tribissem	15ml	7,59	7,57	8,04	8,31	8,61	8,85
Vacina anti-rábica raivac	25 doses	15,72	14,32	15,23	14,04	14,53	15,08
Vacina carbunculo sintomatic	50ml	10,68	11,03	9,92	11,24	11,36	12,23
Vacina IBR	dose	6,78	6,63	7,40	7,20	8,26	7,48
Vacina leptospirose (bovinos)	dose	1,08	1,06	1,06	1,00	1,05	0,98
Vacina p/pneumonia-ingeovac	100ml	62,05	62,82	68,50	69,08	71,17	73,77
Vacina p/renite art	50ml	37,80	38,40	46,75	48,10	51,42	53,15
Vacina p/diarréia (porcilis/colis)	50ml	50,52	53,63	55,13	57,41	61,34	63,04
Vacina p/renite (reni-fat)-rhodia	20ml	41,90	41,43	42,15	44,86	45,07	48,50
Vacina paratifo dos leitões	50ml	9,40	9,85	9,95	8,36	10,08	9,24
Vacina parvirose (parvo-pro)	30ml	37,73	35,96	37,25	39,02	41,91	39,24
Vermifugo dectomax	50ml	18,09	18,26	17,78	17,83	17,88	17,64
Vermifugo ivomec (injetável)	50ml	17,74	17,76	16,97	17,57	17,86	18,11
Vermifugo panacur p/bovino 9%	25g	4,41	4,52	4,70	4,68	4,73	4,86
Vermifugo proverme	28g	2,00	2,11	2,09	2,19	2,28	2,34
Vermifugo ripercol l	100ml	9,51	9,89	9,33	9,45	9,68	9,80
Vermifugo albendathor	200ml	7,98	8,22	8,36	8,43	9,09	9,71
Vermifugo p/suíno adulto (panacur)	pct 10g	2,06	2,16	2,29	2,26	2,16	2,20
Vermifugo ripercol oral	L	34,28	33,87	34,81	34,56	35,08	35,00
vetalgin (novalgina)	50ml	22,00	23,31	23,04	23,14	23,59	22,14
vitagold potenciado	50ml	5,51	5,92	6,05	6,51	6,62	7,08
Sementes							
Abóbora menina	100g	12,27	12,02	13,56	14,87	14,01	13,84
Abóbora moranga comum	500g	44,99	46,74	51,10	50,08	50,37	55,08
Abóbora moranga tetsukabuto	500g	322,00	334,88	306,18	354,90	382,46	362,50
Abobrinha caserta	250g	22,79	23,12	23,68	25,30	25,75	29,74
Alface	100g	18,83	20,64	22,71	23,41	23,83	22,25
Alfafa	kg	26,33	26,04	27,28	29,23	29,03	28,11
Arroz irrigado	sc 40kg	43,54	51,04	50,00	51,50	48,83	47,67
Aveia preta	kg	0,93	0,86	0,68	0,74	0,79	0,97
Azevem anual	kg	1,04	1,87	1,84	1,93	2,08	2,40
Batata certificada cx 30kg	cx 30kg	46,51	45,84	48,99	50,92	63,63	65,38

(Continua)

(Continuação)

Produto	Unidade	fev./08	maio/08	ago./08	nov./08	fev./09	maio/09
Sementes							
Beterraba	250g	22,72	28,18	26,71	21,86	25,81	23,06
Canola	kg	...	...	...	...	...	...
Capim brizanta	kg	6,06	6,59	6,53	6,83	7,04	7,44
Capim elefante	kg	...	...	1,50	...	...	...
Capim monbaça	kg	10,25	9,75	10,32	9,82	10,11	9,81
Capim sudão	kg	1,76	1,65	1,65	1,72	1,66	1,64
Capim tanzania	kg	10,02	8,90	9,45	9,91	9,13	10,02
Cebola crioula	500g	93,82	86,92	107,58	94,00	101,25	91,78
Cebola precoce	500g	63,00	61,50	92,83	71,65	73,88	78,95
Cenoura	500g	52,71	51,04	56,12	51,34	50,41	54,09
Cornichão	kg	17,69	17,69	20,26	21,10	21,28	21,88
Couve-flor (comum)	1000 sementes	136,79	129,45	115,77	84,19	70,87	77,66
Ervilhaca	kg	1,55	2,10	2,72	2,93	2,79	2,94
Feijão carioca	kg	...	...	8,00	7,02	6,84	7,85
Feijão preto	kg	3,35	3,35	5,85	6,70	6,85	7,54
Feijão vagem	kg	25,57	27,51	28,25	29,76	29,51	32,37
Girasol	kg	2,65	2,92	3,22	3,90	4,00	3,62
Melância	500g	67,21	67,79	71,65	75,81	78,59	76,92
Milheto	kg	1,98	1,99	2,17	2,23	2,57	2,70
Milho híbrido duplo	sc 60000	109,48	103,46	112,78	122,65	133,01	133,91
Milho híbrido simples	sc 60000	197,99	186,75	203,64	209,52	187,85	200,25
Milho híbrido triplo	sc 60000	134,50	126,43	156,14	157,10	161,26	143,47
Mucuna (preta)	kg	3,89	3,89	4,03	4,13	4,23	4,29
Nabo forrageiro	kg	1,48	1,80	2,26	2,33	2,37	2,39
Pensacola (comum)	kg	13,30	12,76	13,33	13,88	13,98	14,22
Pepino conserva	3000 sementes	80,65	76,75	74,18	67,94	62,84	77,18
Pepino salada	3000 sementes	57,06	60,94	65,71	60,73	62,16	56,48
Pimentão	1000 sementes	119,13	124,11	134,06	143,88	148,83	172,57
Repolho (híbrido)	20000 sementes	159,55	175,71	168,22	140,35	147,92	164,10
Soja	sc 50kg	...	...	77,49	77,14	86,11	71,67
Sorgo forrageiro	kg	10,08	9,80	9,42	9,70	9,93	9,81
Teosinto	kg	2,39	2,39	2,45	2,00	2,15	1,80
Tomate longa vida	1000 sementes	245,75	257,10	251,20	238,46	236,61	244,66
Trevo (branco)	kg	21,63	21,60	21,98	21,63	22,03	24,99
Trevo vermelho	kg	18,22	17,73	18,96	19,01	18,66	21,28
Trigo	sc 50kg	...	67,25	67,25	67,50	45,00	52,22
Triticale	sc 50kg	...	...	...	...	...	82,50
Serviços							
Colheita automotriz - arroz	sc 50kg	2,28	2,52	2,74	2,74	3,00	3,00
Colheita automotriz - feijão	sc 60kg	2,50	2,51	...	...	...	3,48
Colheita automotriz - milho	sc 60kg	...	...	1,54	...	2,22	1,79
Colheita automotriz - soja	sc 60kg	...	...	...	...	4,00	3,84
Custo coop/limp./sec. grãos	sc	1,51	1,43	1,43	1,40	1,30	1,36
Diária de pedreiro (autonomo)	unidade	74,83	76,76	81,97	80,77	82,63	85,67
Diária de servente pedreiro	unidade	42,57	43,51	43,28	44,57	47,44	48,05
Diária junta bois c/pulveriz.	dia	...	...	...	50,00	50,00	...
Diária trabalhador rural	unidade	39,83	43,26	40,96	43,61	44,15	44,40
Escavadeira hidráulica	hora	115,00	106,50	146,83	148,75	153,33	154,17
Frete (1) 100 km	t	28,43	31,04	29,71	27,49	30,10	31,12
Frete (2) 500 km	t	71,33	75,93	74,52	71,15	72,95	74,92
Frete (3) 1000 km	t	129,06	140,42	136,36	131,60	130,98	128,03
Hora microtrator	h	38,73	41,25	41,83	43,63	44,69	44,50
Hora retro escavadeira	h	90,56	92,84	96,70	91,63	93,48	92,86
Hora trator esteiras médio (terrapl)	h	137,89	140,90	145,70	140,50	145,71	145,14
Hora trator pneu médio aração	h	76,67	78,42	78,75	78,96	80,10	80,14
Hora trator pneu medio (espalhar esterno suinos)	hora	...	65,00	66,25	65,00	68,13	70,17
Inseminação artificial bovinos	unidade	18,88	19,05	19,88	19,31	20,58	20,00
Pulverização com avião	ha	70,04	71,71	77,50	80,00	90,00	90,00
Salário tratorista	mês	823,67	857,56	856,80	878,93	906,50	897,71
Serviço automotriz (média)	R$/hora	251,00	251,92	252,50	217,70	197,28	234,80
Trilhagem de feijão	sc 60kg	5,18	5,92	5,45	4,45	4,44	4,16
Trilhagem de milho	sc 60kg	1,84	1,83	1,94	1,74	2,40	2,07

Fonte: Epagri/Cepa.

Divisão territorial do Estado de Santa Catarina, com indicação das Mesorregiões, Microrregiões Geográficas e Municípios

Mesorregião Oeste Catarinense

MRG São Miguel do Oeste

Anchieta
Bandeirante
Barra Bonita
Belmonte
Descanso
Dionísio Cerqueira
Guaraciaba
Guarujá do Sul
Iporã do Oeste
Itapiranga
Mondaí
Palma Sola
Paraíso
Princesa
Riqueza
Romelândia
Santa Helena
São João do Oeste
São José do Cedro
São Miguel do Oeste
Tunápolis

MRG Chapecó

Águas de Chapecó
Águas Frias
Bom Jesus do Oeste
Caibi
Campo Erê
Caxambú do Sul
Chapecó
Cordilheira Alta
Coronel Freitas
Cunha Porã
Cunhataí
Flor do Sertão
Formosa do Sul
Guatambu
Iraceminha
Irati
Jardinópolis
Maravilha
Modelo
Nova Erechim
Nova Itaberaba
Novo Horizonte
Palmitos
Pinhalzinho
Planalto Alegre
Quilombo
Saltinho

(Continua)

(Continuação)

MRG Chapecó

Santa Terezinha do Progresso
Santiago do Sul
São Bernardino
São Carlos
São Lourenço do Oeste
São Miguel da Boa Vista
Saudades
Serra Alta
Sul Brasil
Tigrinhos
União do Oeste

MRG Xanxerê

Abelardo Luz
Bom Jesus
Coronel Martins
Entre Rios
Faxinal dos Guedes
Galvão
Ipuaçu
Jupiá
Lajeado Grande
Marema
Ouro Verde
Passos Maia
Ponte Serrada
São Domingos
Vargeão
Xanxerê
Xaxim

MRG Joaçaba

Água Doce
Arroio Trinta
Caçador
Calmon
Capinzal
Catanduvas
Erval Velho
Fraiburgo
Herval do Oeste
Ibiam
Ibicaré
Iomerê
Jaborá
Joaçaba
Lacerdópolis
Lebon Régis
Luzerna
Macieira
Matos Costa

(Continua)

(Continuação)

MRG Joaçaba

Ouro
Pinheiro Preto
Rio das Antas
Salto Veloso
Tangará
Treze Tílias
Vargem Bonita
Videira

MRG Concórdia

Alto Bela Vista
Arabutã
Arvoredo
Concórdia
Ipira
Ipumirim
Irani
Itá
Lindóia do Sul
Paial
Peritiba
Piratuba
Presidente Castelo Branco
Seara
Xavantina

Mesorregião Norte Catarinense

MRG Canoinhas

Bela Vista do Toldo
Canoinhas
Irineópolis
Itaiópolis
Mafra
Major Vieira
Monte Castelo
Papanduva
Porto União
Santa Terezinha
Timbó Grande
Três Barras

MRG São Bento do Sul

Campo Alegre
Rio Negrinho
São Bento do Sul

MRG Joinville

Araquari
Balneário Barra do Sul
Corupá
Garuva
Guaramirim
Itapoá
Jaraguá do Sul
Joinville
Massaranduba
São Francisco do Sul
Schroeder

(Continua)

(Continuação)

Mesorregião Serrana

MRG Curitibanos

Abdon Batista
Brunópolis
Campos Novos
Curitibanos
Frei Rogério
Monte Carlo
Ponte Alta
Ponte Alta do Norte
Santa Cecília
São Cristovão do Sul
Vargem
Zortéa

MRG Campos de Lages

Anita Garibaldi
Bocaina do Sul
Bom Jardim da Serra
Bom Retiro
Campo Belo do Sul
Capão Alto
Celso Ramos
Cerro Negro
Correia Pinto
Lages
Otacílio Costa
Painel
Palmeira
Rio Rufino
São Joaquim
São José do Cerrito
Urubici
Urupema

Mesorregião Vale do Itajaí

MRG Rio do Sul

Agronômica
Aurora
Braço do Trombudo
Doma Emma
Ibirama
José Boiteux
Laurentino
Lontras
Mirim Doce
Pouso Redondo
Presidente Getúlio
Presidente Nereu
Rio do Campo
Rio do Oeste
Rio do Sul
Salete
Taió
Trombudo Central
Vitor Meireles
Witmarsum

(Continua)

(Continuação)

MRG Blumenau

Apiuna
Ascurrra
Benedito Novo
Blumenau
Botuverá
Brusque
Doutor Pedrinho
Gaspar
Guabiruba
Indaial
Luiz Alves
Pomerode
Rio dos Cedros
Rodeio
Timbó

MRG Itajaí

Balneário Camboriú
Barra Velha
Bombinhas
Camboriú
Ilhota
Itajaí
Itapema
Navegantes
Penha
Piçarras
Porto Belo
São João do Itaperiú

MRG Ituporanga

Agrolândia
Atalanta
Chapadão do Lajeado
Imbuia
Ituporanga
Petrolândia
Vidal Ramos

Mesorregião Grande Florianópolis

MRG Tijucas

Angelina
Canelinha
Leoberto Leal
Major Gercino
Nova Trento
São João Batista
Tijucas

MRG Florianópolis

Antônio Carlos
Biguaçu
Florianópolis
Governador Celso Ramos
Palhoça
Paulo Lopes
Santo Amaro da Imperatriz
São José
São Pedro de Alcântara

(Continua)

(Continuação)

MRG Tabuleiro

Águas Mornas
Alfredo Wagner
Anitápolis
Rancho Queimado
São Bonifácio

Mesorregião Sul Catarinense

MRG Tubarão

Armazém
Braço do Norte
Capivari de Baixo
Garopaba
Grão Pará
Gravatal
Imaruí
Imbituba
Jaguaruna
Laguna
Orleans
Pedras Grandes
Rio Fortuna
Sangão
Santa Rosa de Lima
São Ludgero
São Martinho
Treze de Maio
Tubarão

MRG Criciúma

Cocal do Sul
Criciúma
Forquilhinha
Içara
Lauro Müller
Morro da Fumaça
Nova Veneza
Siderópolis
Treviso
Urussanga

MRG Araranguá

Araranguá
Balneário Arroio do Silva
Balneário Gaivota
Ermo
Jacinto Machado
Maracajá
Meleiro
Morro Grande
Passo de Torres
Praia Grande
Santa Rosa do Sul
São João do Sul
Sombrio
Timbé do Sul
Turvo

Fonte: IBGE.

Divisão territorial do Estado de Santa Catarina, segundo as Secretarias de Desenvolvimento Regional

Araranguá	Araranguá
	Balneário Arroio do Silva
	Balneário Gaivota
	Ermo
	Jacinto Machado
	Maracajá
	Meleiro
	Morro Grande
	Passo de Torres
	Praia Grande
	Santa Rosa do Sul
	São João do Sul
	Sombrio
	Timbé do Sul
	Turvo
Blumenau	Blumenau
	Gaspar
	Pomerode
	Luiz Alves
	Ilhota
Braço do Norte	Armazém
	Braço do Norte
	Grão Pará
	Rio Fortuna
	Santa Rosa de Lima
	São Ludgero
	São Martinho
Brusque	Botuverá
	Brusque
	Canelinha
	Guabiruba
	Major Gercino
	Nova Trento
	São João Batista
	Tijucas
Caçador	Caçador
	Calmon
	Lebon Régis
	Macieira
	Matos Costa
	Rio das Antas
	Timbó Grande
Campos Novos	Abdon Batista
	Brunópolis
	Campos Novos
	Celso Ramos
	Ibiam
	Monte Carlo
	Vargem
	Zortéa

(Continua)

(Continuação)

Canoinhas	Bela Vista do Toldo
	Canoinhas
	Irineópolis
	Major Vieira
	Porto União
	Três Barras
Chapecó	Águas Frias
	Caxambu do Sul
	Chapecó
	Cordilheira Alta
	Coronel Freitas
	Guatambu
	Nova Erechim
	Nova Itaberaba
	Planalto Alegre
	Serra Alta
	Sul Brasil
Criciúma	Cocal do Sul
	Criciúma
	Forquilhinha
	Içara
	Lauro Müller
	Morro da Fumaça
	Nova Veneza
	Orleans
	Siderópolis
	Treviso
	Urussanga
Concórdia	Alto Bela Vista
	Concórdia
	Ipira
	Irani
	Peritiba
	Piratuba
	Presidente Castello Branco
Curitibanos	Curitibanos
	Frei Rogério
	Ponte Alta do Norte
	Santa Cecília
	São Cristóvão do Sul
Dionísio Cerqueira	Anchieta
	Dionísio Cerqueira
	Guarujá do Sul
	Palma Sola
	Princesa
	São José do Cedro

(Continua)

(Continuação)

Grande Florianópolis	Águas Mornas
	Angelina
	Anitápolis
	Antônio Carlos
	Biguaçu
	Florianópolis
	Governador Celso Ramos
	Palhoça
	Rancho Queimado
	Santo Amaro da Imperatriz
	São Bonifácio
	São Pedro de Alcântara
	São José
Ibirama	Apiúna
	Dona Emma
	Ibirama
	José Boiteux
	Lontras
	Presidente Getúlio
	Presidente Nereu
	Vitor Meirelles
	Witmarsum
Itajaí	Balneário Camboriú
	Bombinhas
	Camboriú
	Itajaí
	Itapema
	Navegantes
	Penha
	Balneário
	Piçarras
	Porto Belo
Itapiranga	Iporã do Oeste
	Itapiranga
	Santa Helena
	São João do Oeste
Ituporanga	Alfredo Wagner
	Atalanta
	Aurora
	Chapadão do Lageado
	Imbuia
	Ituporanga
	Leoberto Leal
	Petrolândia
	Vidal Ramos
Jaraguá do Sul	Corupá
	Guaramirim
	Jaraguá do Sul
	Massaranduba
	Schroeder

(Continua)

(Continuação)

Joaçaba	Água Doce
	Capinzal
	Catanduvas
	Erval Velho
	Herval d'Oeste
	Ibicaré
	Jaborá
	Joaçaba
Lacerdópolis	
	Luzerna
	Ouro
	Treze Tílias
	Vargem Bonita
Joinville	Araquari
	Barra Velha
	Balneário Barra do Sul
	Garuva
	Itapoá
	Joinville
	São Francisco do Sul
	São João do Itaperiú
Lages	Anita Garibaldi
	Bocaina do Sul
	Campo Belo do Sul
	Capão Alto
	Cerro Negro
	Correia Pinto
	Lages
	Otacílio Costa
	Painel
	Palmeira
	Ponte Alta
	São José do Cerrito
Laguna	Garopaba
	Imaruí
	Imbituba
	Laguna
	Paulo Lopes
Mafra	Campo Alegre
	Itaiópolis
	Mafra
	Monte Castelo
	Papanduva
	Rio Negrinho
	São Bento do Sul
Maravilha	Saudades
	Bom Jesus do Oeste
	Flor do Sertão
	Iraceminha
	Maravilha
	Modelo
	Pinhalzinho
	Romelândia
	Saltinho
	Santa Terezinha do Progresso
	São Miguel da Boa Vista
	Tigrinhos

(Continua)

(Continuação

Palmitos	Águas de Chapecó Caibi Cunha Porã Cunhataí Mondai Palmitos Riqueza São Carlos
Quilombo	Formosa do Sul Irati Jardinópolis Quilombo Santiago do Sul União do Oeste
Rio do Sul	'Agrolândia Agronômica Braço do Trombudo Laurentino Rio do Oeste Rio do Sul Trombudo Central
São Joaquim	Bom Jardim da Serra Bom Retiro Rio Rufino São Joaquim Urubici Urupema
São Lourenço D´Oeste	Campo Erê Coronel Martins Galvão Jupiá Novo Horizonte São Bernardino São Lourenço D'Oeste
São Miguel do Oeste	Bandeirante Barra Bonita Belmonte Descanso Guaraciaba Paraíso São Miguel do Oeste
Seara	Arabutã Arvoredo Ipumirim Itá Lindóia do Sul Paial Seara Xavantina

(Continua)

(Continuação)

Taió	Mirim Doce Pouso Redondo Rio do Campo Salete Santa Terezinha Taió
Timbó	Ascurra Benedito Novo Doutor Pedrinho Indaial Rio dos Cedros Rodeio Timbó
Tubarão	Capivari de Baixo Gravatal Jaguaruna Pedras Grandes Sangão Treze de Maio Tubarão
Videira	Arroio Trinta Fraiburgo Iomerê Pinheiro Preto Salto Veloso Tangará Videira
Xanxerê	Abelardo Luz Bom Jesus Entre Rios Faxinal dos Guedes Ipuaçu Lajeado Grande Marema Ouro Verde Passos Maia Ponte Serrada São Domingos Vargeão Xanxerê Xaxim

Associação de Municípios do Estado de Santa Catarina

Associação dos municípios da Região da Grande Florianópolis - GRANFPOLIS

Águas Mornas
Alfredo Wagner
Angelina
Anitápolis
Antônio Carlos
Biguaçu
Canelinha
Florianópolis
Garopaba
Governador Celso Ramos
Leoberto Leal
Major Gercino
Nova Trento
Palhoça
Paulo Lopes
Rancho Queimado
Santo Amaro da Imperatriz
São Bonifácio
São João Batista
São José
São Pedro de Alcântara
Tijucas

Associação dos municípios da Foz do Rio Itajaí - AMFRI

Balneário Camboriú
Balneário Piçarras
Bombinhas
Camboriú
Ilhota
Itajaí
Itapema
Luiz Alves
Navegantes
Penha
Porto Belo

Associação dos municípios do Médio Vale do Itajaí - AMMVI

Apiúna
Ascurra
Benedito Novo
Blumenau
Botuverá
Brusque
Doutor Pedrinho
Gaspar
Guabiruba
Indaial
Pomerode
Rio dos Cedros
Rodeio
Timbó

Associação dos municípios do Nordeste de Santa Catarina - AMUNESC

Araquari
Balneário Barra do Sul
Campo Alegre
Garuva
Itapoá

(Continua)

(Continuação)

Associação dos municípios do Nordeste de Santa Catarina - AMUNESC

Joinville
Rio Negrinho
São Bento do Sul
São Francisco do Sul

Associação dos municípios do Oeste de Santa Catarina - AMOSC

Águas de Chapecó
Águas Frias
Caxambu do Sul
Chapecó
Cordilheira Alta
Coronel Freitas
Formosa do Sul
Guatambú
Irati
Jardinópolis
Nova Erechim
Nova Itaberaba
Pinhalzinho
Planalto Alegre
Quilombo
Santiago do Sul
São Carlos
Serra Alta
Sul Brasil
União do Oeste

Associação dos municípios da Região Carbonífera - AMREC

Cocal do Sul
Criciúma
Forquilhinha
Içara
Lauro Müller
Morro da Fumaça
Nova Veneza
Orleans
Siderópolis
Treviso
Urussanga

Associação dos municípios do Alto Uruguai Catarinense - AMAUC

Alto Bela Vista
Arabutã
Arvoredo
Concórdia
Ipira
Ipumirim
Irani
Itá
Jaborá
Lindóia do Sul
Paial
Peritiba
Piratuba
Presidente Castelo Branco
Seara
Xavantina

(Continua)

(Continuação)

Associação dos municípios da Região de Laguna - AMUREL

Armazém
Braço do Norte
Capivari de Baixo
Grão Pará
Gravatal
Imaruí
Imbituba
Jaguaruna
Laguna
Pedras Grandes
Rio Fortuna
Sangão
Santa Rosa de Lima
São Ludgero
São Martinho
Treze de Maio
Tubarão

Associação dos municípios da Região Serrana - AMURES

Anita Garibaldi
Bocaina do Sul
Bom Jardim da Serra
Bom Retiro
Campo Belo do Sul
Capão Alto
Cerro Negro
Correia Pinto
Lages
Otacílio Costa
Painel
Palmeira
Ponte Alta
Rio Rufino
São Joaquim
São José do Cerrito
Urubici
Urupema

Associação dos municípios do Alto Vale do Rio do Peixe - AMARP

Arroio Trinta
Caçador
Calmon
Curitibanos
Fraiburgo
Frei Rogério
Ibiam
Iomerê
Lebon Régis
Macieira
Matos Costa
Pinheiro Preto
Ponte Alta do Norte
Rio das Antas
Salto Veloso
Santa Cecília
São Cristóvão do Sul
Timbó Grande
Videira

(Continua)

(Continuação)

Associação dos municípios do Alto Vale do Itajaí - AMAVI

Agrolândia
Agronômica
Atalanta
Aurora
Braço do Trombudo
Chapadão do Lajeado
Dona Emma
Ibirama
Imbuia
Ituporanga
José Boiteux
Laurentino
Lontras
Mirim Doce
Petrolândia
Pouso Redondo
Presidente Getúlio
Presidente Nereu
Rio do Campo
Rio do Oeste
Rio do Sul
Salete
Santa Terezinha
Taió
Trombudo Central
Vidal Ramos
Vitor Meireles
Witmarsum

Associação dos municípios do Meio Oeste Catarinense - AMMOC

Água Doce
Capinzal
Catanduvas
Erval Velho
Herval do Oeste
Joaçaba
Lacerdópolis
Luzerna
Ouro
Tangará
Treze Tílias
Vargem Bonita

Associação dos municípios do Extremo Oeste Catarinense - AMEOSC

Anchieta
Bandeirante
Barra Bonita
Belmonte
Descanso
Dionísio Cerqueira
Guaraciaba
Guarujá do Sul
Iporã do Oeste
Itapiranga
Mondai
Palma Sola
Paraíso
Princesa

(Continua)

(Continuação)

Associação dos municípios do Extremo Oeste Catarinense - AMEOSC

Santa Helena
São João do Oeste
São José do Cedro
São Miguel do Oeste
Tunápolis

Associação dos municípios do Alto Irani - AMAI

Abelardo Luz
Bom Jesus
Entre Rios
Faxinal dos Guedes
Ipuaçu
Lajeado Grande
Marema
Ouro Verde
Passos Maia
Ponte Serrada
São Domingos
Vargeão
Xanxerê
Xaxim

Associação dos municípios do Vale do Itapocu - AMVALI

Barra Velha
Corupá
Guaramirim
Jaraguá do Sul
Massaranduba
São João do Itaperiú
Schroeder

Associação dos municípios do Extremo Sul Catarinense - AMESC

Araranguá
Balneário Arroio do Silva
Balneário Gaivota
Ermo
Jacinto Machado
Maracajá
Meleiro
Morro Grande
Passo de Torres
Praia Grande
Santa Rosa do Sul
São João do Sul
Sombrio
Timbé do Sul
Turvo

Associação dos municípios da Região do Contestado – AMURC

Bela Vista do Toldo
Canoinhas
Irineópolis
Major Vieira
Porto União
Três Barras

(Continua)

(Continuação)

Associação dos municípios do Entre Rios - AMERIOS

Bom Jesus do Oeste
Caibi
Cunha Porã
Cunhataí
Flor do Sertão
Iraceminha
Maravilha
Modelo
Palmitos
Riqueza
Romelândia
Saltinho
Santa Terezinha do Progresso
São Miguel da Boa Vista
Saudades
Tigrinhos

Associação dos municípios do Noroeste Catarinense - AMNOROESTE

Campo Erê
Coronel Martins
Galvão
Jupiá
Novo Horizonte
São Bernardino
São Lourenço do Oeste

Associação dos municípios do Planalto Sul Catarinense - AMPLASC

Abdon Batista
Brunópolis
Campos Novos
Celso Ramos
Monte Carlo
Vargem
Zortéa

Associação dos municípios do Planalto Norte Catarinense - AMPLANORTE

Bela Vista do Toldo
Canoinhas
Irineópolis
Itaiópolis
Mafra
Major Vieira
Monte Castelo
Papanduva
Porto União
Três Barras

Fonte: Fecam.

Divisão territorial do Estado de Santa Catarina, com indicação das regiões hidrográficas e municípios

Região Hidrográfica	Bacia/Sub-Bacia Hidrográfica	Município
RH-1 Extremo Oeste	Rio Peperi-Guaçu	Bandeirante Barra Bonita Belmonte Dionísio Cerqueira Guaraciaba Guarujá do Sul Itapiranga Paraíso Princesa Santa Helena São João do Oeste São José do Cedro São Miguel do Oeste Tunápolis
	Rio das Antas	Anchieta Caibi Campo Erê Cunha Porã Descanso Flor do Sertão Iporã do Oeste Iraceminha Maravilha Mondaí Palma Sola Palmitos Riqueza Romelândia Santa Terezinha Progresso São Miguel da Boa Vista Tigrinhos

(Continua)

(Continuação)

Região Hidrográfica	Bacia/Sub-Bacia Hidrográfica	Município
RH-2 Meio Oeste	Rio Chapecó	Abelardo Luz Águas de Chapecó Águas Frias Bom Jesus do Oeste Caxambu do Sul Cordilheira Alta Coronel Freitas Coronel Martins Cunhataí Entre Rios Formosa do Sul Galvão Guatambu Ipuaçu Irati Jardinópolis Jupiá Lajeado Grande Marema Modelo Nova Erechim Nova Itaberaba Novo Horizonte Ouro Verde Pinhalzinho Planalto Alegre Quilombo Saltinho Santiago do Sul São Bernadino São Carlos São Domingos São Lourenço do Oeste Saudades Serra Alta Sul Brasil União do Oeste
	Rio Irani	Arvoredo Bom Jesus Chapecó Faxinal dos Guedes Passos Maia Ponte Serrada Vargeão Xanxerê Xavantina Xaxim

(Continua)

(Continuação)

Região Hidrográfica	Bacia/Sub-Bacia Hidrográfica	Município
RH-3 Vale do Rio do Peixe	Rio do Peixe	Arroio Trinta Caçador Calmon Capinzal Erval Velho Fraiburgo Herval do Oeste Ibiam Ibicaré Iomerê Ipira Joaçaba Lacerdópolis Luzerna Macieira Ouro Peritiba Pinheiro Preto Piratuba Rio das Antas Salto Veloso Tangará Treze Tílias Videira
	Rio Jacutinga	Água Doce Alto Bela Vista Arabutã Catanduvas Concórdia Ipumirim Irani Itá Jaborá Lindóia do Sul Paial Presidente Castelo Branco Seara Vargem Bonita

(Continua)

(Continuação)

Região Hidrográfica	Bacia/Sub-Bacia Hidrográfica	Município
RH-4 Planalto de Lages	Rio Canoas	Abdon Batista Anita Garibaldi Bocaina do Sul Bom Retiro Brunópolis Capão Alto Campo Belo do Sul Campos Novos Celso Ramos Cerro Negro Correa Pinto Curitibanos Frei Rogério Lages Lebon Regis Monte Carlo Otacílio Costa Painel Palmeira Ponte Alta Ponte Alta do Norte Rio Rufino Santa Cecília São Cristovão do Sul São José do Cerrito Urubici Vargem Zortéa
	Rio Pelotas	Bom Jardim da Serra São Joaquim Urupema
RH-5 Planalto de Canoinhas	Rio Negro	Campo Alegre Mafra Rio Negrinho São Bento do Sul Três Barras
	Rio Canoinhas	Bela Vista do Toldo Canoinhas Itaiópolis Major Vieira Monte Castelo Papanduva
	Rio Iguaçu	Irineópolis Matos Costa Porto União Timbó Grande

(Continua)

(Continuação)

Região Hidrográfica	Bacia/Sub-Bacia Hidrográfica	Município
RH-6 Baixada Norte	Rio Cubatão	Garuva Itapoá Joinville São Francisco do Sul
	Rio Itapocu	Araquari Balneário Barra do Sul Barra Velha Corupá Guaramirim Jaraguá do Sul Massaranduba São João do Itaperiú Schroeder
RH-7 Vale do Itajaí	Rio Itajaí	Agrolândia Agronômica Alfredo Wagner Atalanta Aurora Apiuna Ascurra Balneário Camboriú Benedito Novo Blumenau Botuverá Braço do Trombudo Brusque Camboriú Chapadão do Lajeado Dona Emma Doutor Pedrinho Gaspar Guabiruba Ibirama Ilhota Imbuia Indaial Itajaí Ituporanga José Boiteux Laurentino Lontras Luiz Alves Mirim Doce Navegantes Penha Petrolândia Piçarras Pomerode

(Continua)

(Continuação)

Região Hidrográfica	Bacia/Sub-Bacia Hidrográfica	Município
RH-7 Vale do Itajaí	Rio Itajaí	Pouso Redondo Presidente Getúlio Presidente Nereu Rio do Campo Rio do Oeste Rio dos Cedros Rio do Sul Rodeio Salete Santa Terezinha Taió Timbó Trombudo Central Vidal Ramos Vitor Meirelles Witmarsum
RH-8 Litoral Centro	Rio Tijucas	Angelina Bombinhas Canelinha Governador Celso Ramos Itapema Leoberto Leal Major Gercino Nova Trento Porto Belo São João Batista Tijucas
	Rio Biguaçu	Antonio Carlos Biguaçu Florianópolis
	Rio Cubatão do Sul	Águas Mornas Palhoça Rancho Queimado Santo Amaro da Imperatriz São José São Pedro de Alcântara
	Rio da Madre	Garopaba Paulo Lopes
RH-9 Sul Catarinense	Rio D'Una	Imarui Imbituba
	Rio Tubarão	Anitápolis Armazém Braço do Norte Capivari de Baixo Grão Pará Gravatal Jaguaruna

(Continua)

(Continuação)

Região Hidrográfica	Bacia/Sub-Bacia Hidrográfica	Município
RH-9 Sul Catarinense	Rio Tubarão	Laguna Lauro Müller Orleans Pedras Grandes Rio Fortuna Sangão Santa Rosa de Lima São Bonifácio São Ludgero São Martinho Treze de Maio Tubarão
RH-10 Extremo Sul Catarinense	Rio Urussanga	Cocal do Sul Içara Morro da Fumaça Urussanga
	Rio Araranguá	Araranguá Balneário Arroio do Silva Balneário Gaivota Criciúma Ermo Forquilhinha Jacinto Machado Maracajá Meleiro Morro Grande Nova Veneza Siderópolis Sombrio Timbé do Sul Treviso Turvo
	Rio Mampituba	Passos de Torres Praia Grande Santa Rosa do Sul São João do Sul

Fonte: IBGE.

Conceitos

Consumo aparente de fertilizantes - Quantidade de fertilizantes fornecida pela indústria, ainda que não tenha sido totalmente aplicada na lavoura, uma vez que parte deste volume pode encontrar-se estocada e desperdiçada.

Cooperativa - Sociedade ou empresa constituída por membros de determinado grupo econômico ou social, que objetiva desempenhar, em benefício comum, determinada atividade econômica.

Erva-mate cancheada - É a erva-mate que já passou pelo processo de sapeco e secagem e já foi triturada na cancha ou malhada; representa de 40% a 50% do peso da erva-mate em folha verde.

Microrregião geográfica (MRG) - Regionalização criada mediante a resolução PR n° 51, de 31/7/89, que aprova a divisão do Brasil em meso e microrregiões geográficas. Constituem áreas individualizadas, em cada estado, que apresentam formas de organização do espaço com identidade regional, definidas pelas seguintes dimensões: processo social como determinante, quadro natural como condicionante e rede de comunicação e de lugares como elementos de articulação espacial. O estado de Santa Catarina divide-se em 20 microrregiões e seis mesorregiões.

Pessoal ocupado - Pessoas que, em caráter permanente ou eventual, exercem ocupação remunerada ou não, diretamente ligadas a atividades desenvolvidas no estabelecimento.

População residente - Constituída pelas pessoas moradoras no domicílio.

População rural - População recenseada fora dos limites da área urbana, inclusive nos aglomerados rurais (povoados, arraiais, etc).

População urbana - Pessoas recenseadas nas cidades, vilas e áreas urbanas isoladas, conforme delimitação das respectivas prefeituras municipais.

Precipitação pluviométrica - Processo pelo qual a água condensada na atmosfera atinge gravitacionalmente a superfície terrestre.

Preços médios ponderados - Média dos preços mensais recebidos pelo produtor, ponderados pelas quantidades mensais comercializadas ao longo do ano.

Produção - Resultado da atividade econômica desenvolvida pelo estabelecimento em dado período, medida em termos de quantidade.

Produção extrativa vegetal - Produção de produtos vegetais obtida de espécies florestais nativas.

Produto - Resultado de qualquer atividade específica.

Produto Interno Bruto (PIB) - Medida, em unidade monetária, do fluxo total de bens e serviços finais produzidos pelo sistema econômico, em determinado período. Corresponde, portanto, ao Valor Bruto da Produção menos o consumo intermediário.

Setor terciário - Campo de ação que compreende basicamente o comércio de mercadorias, transporte, comunicações, prestação de serviços, atividades sociais e administração pública.

Situação de domicílio - Classificação da população segundo a localização do domicílio nas áreas urbanas ou rurais, definidas por lei municipal.

Temperatura - Aquecimento ou resfriamento do ar, governado pelo balanço da radiação solar na superfície terrestre.

Temperatura máxima - Valor máximo da temperatura que ocorre no período de um dia (24 horas).

Temperatura mínima - Valor mínimo da temperatura que ocorre no período de um dia (24 horas).

Umidade relativa do ar - Água na fase de vapor que existe na atmosfera.

Valor Bruto da Produção (VBP) - Produto resultante da multiplicação da quantidade produzida pelo preço médio ao produtor, independente de terem ou não as mercadorias chegado ao mercado formal.

Fonte: FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Metodologia do censo agropecuário de 1980**. Rio de Janeiro, 1985. 247 p. (IBGE. Relatórios Metodológicos, 5).

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Metodologia das pesquisas agropecuárias anuais - 1981**. Rio de Janeiro, 1983. 230 p. (IBGE. Relatórios Metodológicos, 3).

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Diretoria de Pesquisas e Inquéritos. **Pesquisas agropecuárias contínuas**. Rio de Janeiro, 1988. v. 1, n. 2, 360 p.

Lista de fontes

Abraf – www.abraflor.org.br

Afubra – www.afubra.com.br

Anda – www.anda.org.br

Anfavea – www.anfavea.com.br

Banco Central do Brasil – www.bcb.gov.br

Ceagesp – www.ceagesp.gov.br

Conab – www.conab.gov.br

Fao– www.fao.org

IBGE – www.ibge.gov.br

Ibraflor – www.ibraflor.com.br

MDIC/Secex – www.aliceweb.desenvolvimento.gov.br

Usda – www.usda.gov

Lista de figuras - Parte I

Desempenho das economias mundial e brasileira e do comércio internacional, com ênfase nos produtos do agronegócio

1. Principais estados brasileiros exportadores - 2008 31

Desempenho da produção vegetal

Alho

1. Quantidade importada - Total e principais países - Brasil - 2003-08 40

Arroz

1. Arroz em casca - Preço médio recebido pelo produtor - Santa Catarina - 2000-09 48
2. Arroz beneficiado tipo 1 - Preços médios - Santa Catarina - 2000-09 48

Banana

1. Maiores rendimentos médios mundiais - 2003-07 52
2. Consumo per cápita - Mundo e principais regiões - 2003 53
3. Os maiores rendimentos médios nacionais nas safras de 2004/05 a 2008/09 58
4. Banana-caturra e prata - Preços médios recebidos pelos produtores - Santa Catarina - 2000-08 59
5. Preços médios anuais no atacado - Santa Catarina - 2000-8 61
6. Quantidade exportada e preço médio - Brasil - 2002-09 62
7. Exportação - Quantidade e valor nos principais estados produtores - Brasil - 2008 62
8. Quantidade - Principais países compradores - 2002-08 63
9. Valor - Principais países compradores - 2000-08 63
10. Quantidade exportada e preço médio - Brasil 1º semestre de 2004-09 65

Cebola

1. Desempenho da produção brasileira nas safras 2003/04-2007/08 67
2. Evolução da produtividade - Brasil - Safras 2003/04-2007/08 67
3. Desempenho da produção - Santa Catarina - Safras 2004/05-2008/09 68
4. Evolução da área plantada - Santa Catarina - Safras 2004/05-2008/09 68
5. Preços médios mensais recebidos pelos produtores - Santa Catarina - Safras 2007/08-2008/09 69

Feijão

1. Produção mundial (%) - 2007 71
2. Feijão preto - Evolução dos preços no atacado de São Paulo - fev/06 a maio/09 72
3. Feijão carioca - Evolução dos preços no atacado de São Paulo - fev/06 a maio/09 83
4. Feijão preto - Evolução dos preços ao produtor - Chapecó-SC - Fev/06 a maio/09 83
5. Feijão-carioca - Evolução dos preços pagos ao produtor - Chapecó-SC - Fev/06 a maio/09 85

Maçã

1. Preço médio no atacado da Ceagesp - 2000-09 100
2. Quantidade das exportações e importações - Brasil - 2000-08 100
3. Saldo comercial brasileiro - 2000-08 101

Mandioca

1. Fécula in natura, colas e dextrina e outros amidos modificados - Valor exportado e preço médio - Brasil - 2002-09 108
2. Raiz e derivados - Preços médios anuais - Regiões Sul Catarinense e Alto Vale do Itajaí - 2002-09 110

Milho

1. Área, produção e rendimento - Santa Catarina - Safras 2002/03-2008/09 116

2. Oferta e demanda - Santa Catarina - 2006-09 116
3. Preços no mercado internacional e catarinense - 2006-09 117
4. Milho e soja - Preço recebido - Santa Catarina - jan./2006-jul./2009 117

Soja

1. Oferta e demanda - Santa Catarina - Safras 2005/06-2008/09 123
2. Preço do mercado internacional e catarinense - 2006-09 123

Tomate

1. Preço no produtor e atacado - Santa Catarina - 2004-09 131

Trigo

1. Preços médios mensais na Bolsa de Chicago (CBOT) - 2006-09 139
2. Preços médios mensais aos produtores - Santa Catarina - 2004-09 141

Flores e plantas ornamentais

1. Participação percentual na produção por estados brasileiros - 2009 144
2. Exportações mensais - Brasil - jan./08-jul./09 145
3. Valor percentual das exportações - Principais produtos vendidos - Brasil - 2007-08 145
4. Valor das exportações e principais destinos - Brasil - 2005-8 146
5. Balança comercial - Brasil - 2005-09 146
6. Valores mensais importados - Brasil - jan./08-jul./09 147
7. Evolução do setor - Santa Catarina - 1997-2008 147
8. Exportações brasileiras - 2008 148
9. Exportação brasileira - 1º semestre de 2009 148

Desempenho da produção animal

Carne bovina

1. Boi gordo - Preço médio recebido pelo produtor - Santa Catarina - 2004-09 165
2. Bovino de corte - Preço médio mensal ao produtor - Chapecó e Rio do Sul - 2008-09 166
3. Índice de preços do boi gordo, bezerro e carcaça bovina - Santa Catarina - fev./06 a maio/09 166

Carne de frango

1. Preço médio do frango vivo - Chapecó - Santa Catarina - 2004-09 172
2. Evolução dos preços do frango vivo, do milho e do frango congelado - Santa Catarina - 2006-09 172

Carne suína

1. Preço médio do suíno recebido pelo produtor - Santa Catarina - 2004-09 179
2. Índice de preços do suíno vivo, carcaça suína e milho no atacado - Santa Catarina - fev./06-fev./09 180

Leite

1. Distribuição da produção mundial - 2009 181
2. Taxa média de crescimento da produção - Brasil e principais estados produtores - 2003-07 184
3. Índice de captação de leite - Região Sul e Brasil - 2000-08 185
4. Destino das exportações - Brasil - 2008 187
5. Distribuição percentual da produção segundo as mesorregiões - Santa Catarina - 2007 188
6. Índice de crescimento da produção nas mesorregiões - Santa Catarina - 2000-07 188
7. Preço médio recebido pelo produtor - Santa Catarina - 2006-09 190
8. Preço médio do leite crú nos principais estados produtores - Brasil - 2008-09 190
9. Leite em pó integral - Preço no mercado internacional - 2008-09 192

Mel

1. Preços recebidos pelos produtores - Santa Catarina - 2000-09 202

Desempenho da aquicultura

1. Principais espécies de peixes cultivados - Santa Catarina - 2007 205
2. Piscicultura - Ecolução da produção - Santa Catarina - 1983-07 205
3. Piscicultura de águas frias - Evolução da produção - Santa Cataria - 1993-07 207
4. Catfish - Evolução da produção - Santa Catarina - 2000-07 208
5. Mexilhões - Evolução da produção - Santa Catarina - 1990-08 210
6. Mexilhões - Principais municípios produtores - Santa Catarina - 2008 210
7. Ostras - Evolução da produção - Santa Catarina - 1991-08 211
8. Ostras - Principais municípios produtores - Santa Catarina - 2008 211
9. Vieiras - Evolução da produção - Santa Catarina - 2006-08 212
10. Vieiras - Principais municípios produtores - Santa Catarina - 2008 212
11. Camarão - Evolução da produção - Santa Catarina - 2001-07 213

Desempenho do setor florestal

1. Participação percentual dos principais estados nas exportações - Brasil - 2008 219
2. Participação percentual das espécies nos plantios florestais - Brasil - 2008 220
3. Silvicultura - Produção de madeira em toras para uso industrial - Brasil - 1997-07 222
4. Consumo de madeira em tora de florestas plantadas por segmento - Brasil - 2008 222
5. Participação dos estados na produção de madeira plantada destinada a papel e celulose - Brasil - 2007 222
6. Participação dos estados na produção de madeira plantada destinada ao processamento mecânico - Brasil - 2007 223
7. Composição da oferta de lenha, de carvão vegetal e de madeira para processamento mecânico, segundo a origem da matéria-prima - Brasil - 1997-2007 223
8. Participação dos estados na produção extrativa de madeira em toras - Brasil - 2007 224
9. Exportações de madeira e suas obras - Brasil - 1994-08 225
10. Exportações de móveis de madeiras e suas partes - Brasil - 1994-08 227
11. Exportações de papel e celulose - Brasil - 1994-08 228
12. Evolução das exportações de produtos florestais, por segmento - Brasil - 1993-08 228
13. Número de empresas do setor florestal, por segmento - Santa Catarina - 2007 231
14. Número de empregados do setor florestal, por segmento - Santa Catarina - 2008 231
15. Composição da oferta de lenha, de carvão vegetal e de madeira para processamento mecânico, segundo a forma de produção - Santa Catarina - 1997 a 2007 233
16. Preços médios recebidos pelos produtores pelos principais produtos florestais - Santa Catarina - 1995-09 235
17. Índice de evolução dos preços das principais matérias-primas florestais e do IGP-DI - Santa Catarina - 1994-09 235
18. Participação das exportações de produtos florestais no total das exportações catarinenses - 1993-08 236
19. Evolução das exportações catarinenses de produtos florestais, por segmento - 1993-08 237

Lista de tabelas - Parte I

Desempenho da economia mundial e brasileira e do comércio internacional, com ênfase nos produtos do agronegócio

1. Projeções do panorama econômico mundial – 2006-10 10
2. Produto Interno Bruto, a preços correntes, taxas de variação por setor e per capita – 1986-07 13
3. Preço e índice de commodities selecionadas – 2007-09 14
4. Indice de preços de commodities selecionadas – Jan./2000 a jul./2009 15
5. Brasil – Comparativo das safras 2007, 2008 e 2009 17
6. Área e produção de cereais, leguminosas e oleaginosas segundo as grandes regiões brasileiras e as unidades da Federação – Safra 2009 18
7. Abate de animais no 1° trimestre de 2009 segundo as unidades da Federação 20
8. Principais exportadores e importadores mundiais no comércio mundial de mercadorias – 2008 22
9. Exportações mundiais de mercadorias segundo os principais grupos de produtos e regiões – 2007 23
10. Principais exportadores e importadores mundiais de produtos agrícolas – 1980-2007 24
11. Principais exportadores e importadores de alimentos – 1980-2007 25
12. Exportações brasileiras de produtos do agronegócio – 2004-09 26
13. Importações brasileiras de produtos do agronegócio – 2004-09 27
14. Balança comercial e do agronegócio brasileiro e catarinense – 2004-09 27
15. Exportações brasileiras por país de destino - 2008-09 29
16. Exportações por Unidade da Federação – 2004-08 30
17. Exportações catarinenses de produtos do agronegócio – 2004-09 32
18. Principais produtos do agronegócio catarinense exportados, segundo os países de destino – 2008 33
19. Importações catarinenses de produtos do agronegócio – 2004-09 34

Desempenho da produção vegetal

Alho

1. Mundo e principais países – Área e produção – Safras 2005/06 – 2007/08 36
2. Área colhida, produção obtida e rendimento médio - América do Sul – Safras 2005/06-2007/08 37
3. Área plantada e produção – Brasil/estado – Safras 2004/05-2008/09 38
4. Área plantada e produção – Santa Catarina e microrregião geográfica – Safras 20004/05-2008/09 39
5. Área plantada e produção – Santa Catarina e principais municípios – Safras 2004/05-2008/09 39
6. Quantidade importada – Total e por país – Brasil 2003-08 40
7. Importação brasileira e participação percentual dos estados – 2007-09 41

Arroz

1. Arroz beneficiado – Balanço de oferta e demanda mundial – Safras 2005/06-2009/10 42
2. Arroz beneficiado – Principais países produtores – Safras 2006/07-2009/10 42
3. Arroz beneficiado – Principais países exportadores – Safras 2006/07-2009/10 43
4. Arroz beneficiado – Principais países importadores – Safras 2006/07-2009/10 43
5. Arroz em casca – Área plantada – Brasil e principais estados – Safras 2003/04-2008/09 44
6. Arroz em casca – Quantidade produzida – Brasil e principais estados – Safras 2003/04-2008/09 44
7. Arroz em casca – Rendimento médio – Brasil e principais estados – Safras 2003/04-2008/09 45
8. Arroz em casca – Balanço de oferta e demanda – Brasil – Safras 2003/04-2008/09 45
9. Arroz irrigado – Área plantada e quantidade produzida – Santa Catarina – Safras 1994/95- 2004/05-2007/08 46
10. Arroz sequeiro – Área plantada e quantidade produzida – Santa Catarina – Safras 1994/95- 2004/05-2007/08 46
11. Arroz em casca – Preços médios mensais recebidos pelos produtores de Santa Catarina – 2000-09 47
12. Arroz beneficiado – tipo 1 – Preços médios mensais - Santa Catarina – 2000-09 48

Banana

1. Área colhida – Mundo e principais países produtores – Safras 2002/03 – 2006/07 51
2. Quantidade produzida no mundo e principais países produtores – Safras 2002/03 – 2006/07 52

3. Rendimento médio no mundo e principais países produtores – Safras 2002/03 – 2006/07 53
4. Quantidade – Exportações mundiais e dos principais países – 2002-06 54
5. Valor – Exportações mundiais e dos principais países – 2002-06 54
6. Quantidade – Importações mundiais e dos principais países – 2002-06 55
7. Valor – Importações mundiais e dos principais países – 2002-06 55
8. Consumo per cápita de algumas frutas – Brasil – 2001-05 56
9. Área colhida – Principais estados produtores – Safras 2004/05 – 2008/09 57
10. Quantidade produzida – Principais estados produtores – Safras 2004/05 – 2008/09 57
11. Rendimento médio – Principais estados produtores – Safras 2004/05 – 2008/09 58
12. Banana caturra – Preços médios mensais recebidos pelos produtores da Região Litoral Norte Catarinense – 2000-09 60
13. Banana prata – Preços médios mensais recebidos pelos produtores da Região Sul Catarinense – 2000-09 60
14. Banana caturra – Preços médios mensais no atacado – Região Norte Catarinense – 2000-09 60
15. Banana prata climatizada – Preços médios mensais no atacado – Região Norte Catarinense – 2000-09 61
16. Quantidade produzida nas principais microrregiões geográficas de Santa Catarina – Safras 2003/04 – 2007/08 64

Cebola

1. Área plantada, produção e rendimento dos principais estados produtores – Brasil – Safras 2005/06-2007/08 66

Feijão

1. Área colhida e produção mundial – 2004-07 71
2. América do Sul - Quantidade produzida - 2005-07 71
3. Área plantada, produção e rendimento médio - Brasil e estados produtores – Safras 2005/06-2008/09 73
4. Produção por região e estado produtor – Brasil – Safras 2006/07- 2008/09 74
5. Evolução da área e produção por microrregião geográfica – Santa Catarina – Safras 2004/05–2008/09 77
6. Feijão (1ª e 2ª safras) – Área plantada, produção e rendimento médio – Santa Catarina/micorregião geográfica – Safras 2007/08–2008/09 77
7. Maiores países consumidores – 1999-03 78
8. Consumo per cápita – Mundo – 1999-03 79
9. Principais países exportadores – 2003-06 79
10. Principais países importadores – 2003-06 80
11. Exportação brasileira segundo os paises de destino – 2004-09 80
12. Importação brasileira segundo os paises fornecedores – 2004-09 81
13. Brasil – Balanço de oferta/demanda – Safras 2005/06 – 2008/09 81
14. Feijão preto – Preço médio mensal no atacado de São Paulo – 2006-09 82
15. Feijão preto – Chapecó/SC – Preço médio mensal – 2006-09 84

Fumo

1. Área colhida e produção – Principais países produtores – 2004-07 88
2. Principais países exportadores – 2003-06 89
3. Principais países importadores – 2003-06 89
4. Comparativo das safras - Brasil - 1999/00-2008/09 89
5. Número de fumicultores – Brasil – Safras 2003/04 – 2008/09 90
6. Distribuição fundiária dos produtores – Região Sul do Brasil – Safra 2007/08 90
7. Comparativo de área, produção e rendimento – Estados brasileiros/regiões – Safras 2005/06 a 2008/09 91
8. Comparativo de área, produção e rendimento – Região Sul do Brasil – Safras 2005/06-2008/09 91
9. Comparativo de área, produção e rendimento – Santa Catarina – Safras 1999/00 – 2008/09 91
10. Quantidade produzida e exportada – Brasil – 2000-09 92
11. Comparativo de área, produção e rendimento – Santa Catarina/Micro e mesorregiões – Safras 2005/06-2008/09 93
12. Preço médio recebido pelos produtores – Região Sul do Brasil – Safras 1999/00-2008/09 93
13. Preço médio recebido pelos produtores – Região Sul do Brasil – Safras 1999/00-2008/09 94
14. Exportações brasileiras e catarinenses – 2000-09 94
15. Exportações, segundo os países de destino – Santa Catarina – 2006-08 94

Maçã

1. Área colhida – Total e dos principais países – Safras 2002/03 – 2006/07 96
2. Quantidade produzida – Total e dos principais países – Safras 2002/03 – 2006/07 96
3. Rendimento médio – Total e dos principais países – Safras 2002/03 – 2006/07 97
4. Quantidade exportada – Total e principais países – 2002-06 97

5. Valor exportado – Total e dos principais países – 2002-06 97
6. Quantidade importada – Total e dos principais países – 2002-06 98
7. Valor importado – Total e dos principais países – 2002-06 98
8. Área colhida, quantidade produzida e rendimento médio – Brasil e principais estados - Safras 2004/05-2007/08 99

Mandioca

1. Raiz de mandioca – Área colhida no mundo e principais países produtores – Safras 2002/03-2006/07 103
2. Raiz de mandioca – Quantidade produzida no mundo e principais países produtores – Safras 2002/03-2007/08 103
3. Raiz e derivados da mandioca – Quantidade e valor das exportações mundiais – 2002-06 104
4. Raiz e derivados da mandioca – Quantidade exportada pelos principais países – 2002-06 105
5. Raiz e derivados da mandioca – Quantidade e valor das importações mundiais – 2002-06 105
6. Raiz e derivados da mandioca – Quantidade importada pelos principais países – 2002-06 106
7. Raiz de mandioca – Área colhida - Brasil e principais estados – Safras 2004/05 – 2008/09 107
8. Raiz de mandioca – Quantidade produzida - Brasil e principais estados – Safras 2004/05-2008/09 107
9. Raiz de mandioca – Rendimento médio – Brasil e principais estados – Safras 2004/05-2008/09 108

Milho

1. Principais países do mercado – Safras 2008/09-2009/10 112
2. Principais produtores mundiais – Safras 2004/05-2009/10 112
3. Oferta e demanda mundial – Safras 2005/06 – 2009/10 113
4. Oferta e demanda – USA – Safras 2005/06-2009/10 113
5. Oferta e Demanda da Argentina – Safras 2004/05-2009/10 113
6. Produção de milho e etanol nos Estados Unidos – Safras 2005/06-2009/10 114
7. Principais estados produtores – Brasil – Safras 2005/06-2008/09 114
8. Oferta e Demanda – Brasil – Safras 2001/02-2007/08 115
9. Área, produção e rendimento – Santa Catarina – Safras 2002/03-2008/09 115
10. Oferta e demanda – Santa Catarina – 2005-09 116
11. Produção por microrregião – Santa Catarina – 2006-08 118

Soja

1. Principais países do mercado – Safras 2008/09-2009/10 119
2. Principais produtores mundiais – Safras 2004/05-2009/10 119
3. Oferta e demanda mundial – Safras 2005/06-2009/10 120
4. Oferta e demanda – USA – Safras 2005/06-2009/10 120
5. Produção da América do Sul – Safras 2004/05-2008/09 120
6. Principais estados produtores – Brasil – Safras 2003/04-2008/09 121
7. Complexo soja – Oferta/demanda – Brasil – Safras 2007/08-2008/09 121
8. Exportações – Brasil – 2004-09 122
9. Área, produção e rendimento – Santa Catarina – Safras 2003/04-2008/09 122
10. Estimativa de oferta e demanda – Santa Catarina – Safras 2003/04-2008/09 123
11. Área, produção e rendimento por microrregião geográfica – Santa Catarina – Safras 2005/06-2007/08 124

Tomate

1. Área colhida, quantidade produzida e rendimento médio – Mundo e principais países – Safras 2004/05-2006/07 125
2. Area, produção e rendimento – América do Sul – Safras 2004/05–2006/07 126
3. Área colhida, produção e rendimento médio – Brasil/Região – Safras 2006/07-2008/09 127
4. Participação percentual sobre a área colhida e produção – Brasil/Regiões – Safras 2007/08-2008/09 127
5. Área colhida, produção e rendimento médio – Brasil e principais estados produtores – Safras 2006/07-2008/09 128
6. Área plantada e quantidade produzida e rendimento médio – Santa Catarina e microrregiões geográficas – Safras 2005/06 a 2007/08 129
7. Área plantada e quantidade produzida – Santa Catarina e principais municípios produtores – Safras 2005/06-2007/08 .. 130
8. Preços médios mensais recebidos pelos produtores e no atacado, preços médios anuais – Santa Catarina – 2004-09 131

Trigo

1. Produção mundial e dos principais países produtores – Safras 2006/07-2009/10 132
2. Balanço mundial de oferta e demanda – Safras 2006/07-2009/10 133
3. Os países maiores consumidores – 1999-03 133
4. Principais países exportadores – 2002-06 134

5. Principais países importadores – 2002-06 134
6. Comparativo de área, produção e rendimento – Brasil – Safras 1999/00-2009/10 135
7. Comparativo de safras, segundo os estados produtores – Brasil – Safras 2006/07-2009/10 136
8. Oferta e demanda – Brasil - Safras 2003/04-2009/10 136
9. Trigo em grão – Quantidade importada – Brasil – 1999-09 137
10. Farinha de trigo – Quantidade importada – Brasil – 1999-09 138
11. Preços médios mensais na Bolsa de Chicago (CBOT) – 2006-09 138
12. Comparativo de área, produção e rendimento – Santa Catarina – Safras 1999/00 a 2009/10 140
13. Área, produção e rendimento por microrregião geográfica – Santa Catarina – Safras 2005/06-2008/09 141
14. Preços médios mensais aos produtores – Santa Catarina – 2004-09 141
15. Preços mínimos de garantia – Região Sul – Safras 2003/04 – 2009/10 142

Comercialização de hortifrutigranjeiros na Ceasa/SC - Unidade de São José

1. Principais produtos comercializados na Ceasa/SC - Unidade de São José - 2007-08 150
2. Produtos monitorados pela Ceasa/SC - 2008 151

Desempenho da produção animal

Carne bovina

1. Comparação Brasil, Estados Unidos e Austrália no mercado internacional – 2002-07 161
2. Principais países do mercado – 2008-09 161
3. Rebanho dos principais estados produtores – Dados censitários: 1996-2006 162
4. Abates mensais – Brasil – 2004-09 162
5. Balanço de oferta e demanda – Brasil – 2003-08 163
6. Participação do tipo de produto na exportação da carne – Brasil – 2005-08 163
7. Principais países importadores - Brasil - 2005-08 163
8. Efetivos de bovinos, segundo as mesorregiões e microrregiões – Santa Catarina – 1996 e 2006 164
9. Oferta e demanda – Santa Catarina – 2002-08 164
10. Valor, volume e preço das exportações – Brasil e Santa Catarina – 2005-09 164
11. Suprimento de carnes – Santa Catarina – 2005-08 165
12. Comparação do consumo de carnes – Brasil e Santa Catarina – 2004-08 165

Carne de frango

1. Exportações – Comparação Brasil e Estados Unidos – 2002-07 167
2. Mercado – Principais países – 2008-09 167
3. Alojamento de pintos de corte – Brasil – 2004-09 168
4. Alojamento de matrizes de corte – Brasil – 2004-08 168
5. Participação dos estados nos abates – Brasil – 2004-08 168
6. Produção mensal de carne – Brasil – 2004-09 169
7. Oferta e demanda – Brasil – 2004-08 169
8. Exportações por estado – Brasil – 2004-08 169
9. Frango brasileiro – Quantidade e valor – Principais países importadores – 2007-08 170
10. Exportações de carne de frango por tipo de produto – Brasil – 2007 e 2008 170
11. Produção e exportação – Brasil e Santa Catarina – 2002-08 170
12. Oferta e demanda – Santa Catarina – 2002-08 170
13. Exportações por destino – Santa Catarina – 2004-08 171
14. Exportações – Volume e valor – Brasil e Santa Catarina – 2005-08 171

Carne suína

1. Maiores países do mercado – 2008-09 174
2. Brasil - Matrizes industriais alojadas – 2004-09 175
3. Produção de carne suína (1.000 cab.) – Brasil – 2004-09 176
4. Produção de carne suína (1.000 t) – Brasil – 2004-09 176
5. Produção, exportação e disponibilidade interna – Brasil – 2004-09 177
6. Evolução dos preços de exportação – Brasil – 2004-09 177
7. Produção industrial – Santa Catarina – 2004-09 177
8. Produção e exportação – Brasil e Santa Catarina – 2004-09 178

9. Participação de Santa Catarina no valor das exportações brasileiras – 2004-08 178
10. Balanço de oferta e demanda da produção industrial – Santa Catarina – 2004-08 178
11. Destino das exportações catarinenses – 2004-08 179
12. Evolução dos preços de exportação – Santa Catarina – 2004-09 179

Leite

1. Produção mundial – 2000-09 181
2. Produção mundial, importação e exportação, segundo as regiões – 2008-09 182
3. Produção mundial, consumo e déficit, segundo as regiões – 2008-09 182
4. Produção mundial e dos principais países produtores – 2007-09 183
5. Importações mundiais dos principais países em 2007-08 e prognóstico para 2009 183
6. Exportações mundiais e dos principais países em 2007-08 e prognóstico para 2009 183
7. Produção de leite no Brasil e unidades da federação – 2003-07 184
8. Produção destinada à industrialização, segundo os estados – 2006-08 185
9. Produção destinada à industrialização, segundo os principais estados, no primeiro trimestre – 2008-09 186
10. Leite e derivados – Importações e exportações brasileiras – 1997-08 186
11. Leite e derivados – Exportações brasileiras, segundo os principais países – 2005-08 187
12. Leite e derivados – Importações brasileiras, segundo os principais países – 2005-08 187
13. Produção nas mesorregiões e microrregiões geográficas de Santa Catarina – 2003-07 189
14. Produção total e volume captado pela indústria catarinense – 2000-08 189
15. Quantidade recebida pela indústria em Santa Catarina – 2004-09 189
16. Preço médio recebido pelo produtor em Santa Catarina – 2005-09 191
17. Leite padrão – Preços de referência – 2007-09 191

Mel

1. Produção mundial e dos principais países – 2003-07 193
2. Exportação – Quantidade mundial e dos principais países – 2002-06 194
3. Exportação – Valor mundial e dos principais países – 2002-06 194
4. Exportação – Preço médio mundial e dos principais países – 2002-06 195
5. Importação – Quantidade mundial e dos principais países – 2002-06 195
6. Importação – Valor mundial e dos principais países – 2002-06 196
7. Produção nacional e dos principais estados – 2003-07 197
8. Exportação brasileira – Quantidade e valor – 2004-09 199
9. Exportação – Quantidade, valor e preço médio – Ranking por estado da Federação – 2004–09 200
10. Principal período de colheita, tipo de florada, número de comeia por apicultor e rendimento por comeia, por mesorregião – Santa Catarina - 2007 201
11. Produção por microrregião geográfica de Santa Catarina – 2003-07 202

Desempenho do setor florestal

1. Produção mundial de madeira em toras segundo os principais países – 2003-07 214
2. Produção mundial de madeira em toras para uso industrial segundo os principais países – 2003-07 215
3. Produção mundial de celulose segundo os principais países – 2003-07 215
4. Produção mundial de papel e cartões segundo os principais países – 2003-07 216
5. Valor das exportações mundiais de produtos florestais segundo os principais países – 2003-07 216
6. Valor das importações mundiais de produtos florestais segundo os principais países – 2003-07 217
7. Área plantada com pinus e eucalipto no Brasil – 2008 221
8. Valor financiado pelos programas Pronaf Florestal e Propflora – 2007-08 221
9. Produção das principais matérias-primas de origem florestal - Brasil – 2003-07 222
10. Consumo de madeiras em toras para uso industrial no Brasil por espécie, segundo os principais segmentos industriais – 2007-08 223
11. Produção brasileira de papel e celulose – 2006-08 229
12. Evolução dos empregos diretos no Setor Florestal – Santa Catarina – 2003-07 231
13. Produção dos principais produtos florestais – Santa Catarina – 2002-07 232
14. Preço médio de insumos e fatores de Produção florestal – Santa Catarina – 2004-09 234
15. Preço médio dos principais produtos florestais – Santa Catarina – 2004–09 234
16. Exportação de produtos florestais – Santa Catarina – 2001-07 236

Crédito rural

1. Recursos totais de crédito rural comparativo – Comercialização, investimento e custeio contratados - Santa Catarina - Safras 2006/07, 2007/08 e 2008/09 239
2. Contratação de recursos do crédito rural Pronaf, no Estado de Santa Catarina - Safras 2006/07, 2007/08 e 2008/09 239

Lista de tabelas - Parte II

Divisão política do território e informações climáticas

1. Área territorial, segundo os municípios – Santa Catarina – 2002 241
2. Média das temperaturas mínimas mensais, segundo as estações agrometeorológicas – Santa Catarina – 2008 244
3. Média das temperatura máximas mensais, segundo as estações agrometeorológicas – Santa Catarina – 2008 244
4. Umidade relativa média mensal, segundo as estações agrometeorológicas – Santa Catarina – 2008 245
5. Precipitação média mensal, segundo as estações agrometeorológicas – Santa Catarina – 2008 245

Caracterização socioeconômica

6. População residente, segundo a situação de domicílio – Brasil e Santa Catarina – 2003-07 246
7. População residente total, urbana e rural, por grupo de idade – Santa Catarina – 2005-07 246
8. População recenseada total, rural e urbana segundo os municípios – Santa Catarina – 2007 247
9. Estimativa da população residente segundo os municípios – Santa Catarina – 1º jul./2009 253
10. Pessoas ocupadas, por sexo e grupo de atividade – Santa Catarina – 2005-07 259
11. Pessoas ocupadas, por situação de domicílio, segundo os grupos de idade – Santa Catarina – 2005-07 259
12. Domicílios particulares permanentes e indicadores de bem-estar, segundo a situação de domicílio – Santa Catarina – 2004-07 260

Estrutura de produção e comercialização

13. Cooperativas, segundo o tipo de atividade – Santa Catarina – 2004-08 261
14. Cooperados, segundo o tipo de cooperativa – Santa Catarina – 2004-08 261
15. Recebimento de produtos agropecuários pelas cooperativas, segundo os principais produtos – Santa Catarina – 2004-08 262
16. Máquinas agrícolas vendidas, segundo o tipo – Santa Catarina – 2004-08 262
17. Consumo aparente de fertilizantes, segundo o tipo – Santa Catarina – 2004-08 263
18. Crédito rural concedido a produtores e cooperativas, segundo a finalidade - Santa Catarina - 2004-07 263

Informações ecnômicas da agropecuária

19. Estimativa do balanço de oferta e demanda dos principais produtos vegetais – Santa Catarina – Safra – 2008/09 264
20. Exportações do agronegócio catarinense – 2004-08 265
21. Importações do agronegócio catarinense – 2004-08 266
22. Valor Adicionado Bruto (VAB) a preços correntes, e participação do setor agropecuário e pesqueiro – Santa Catarina – 2003-06 266
23. Valor bruto corrente da produção dos principais produtos da agropecuária catarinense 2002-2007 267

Preços agrícolas

24. Preços mínimos vigentes na região Centro-Sul – Safra de verão 2009/10 e Safra de inverno 2009 268
25. Preços médios mensais recebidos pelos produtores dos principais produtos agropecuários – Santa Catarina – 2007-09 269
26. Preços médios mensais de insumos e fatores de produção – Santa Catarina – fev./08-maio/09 271

Índice remissivo

Agronegócio, 9-35
Alho, 36-41
Aquicultura, 204
Área territorial, 241-243
Arroz, *42-50*
Associação de municípios, *287-289*
Bacias hidrográficas, 290-296
Balanço de oferta e demanda, 264
Banana, 51-65
Calendário agrícola, 152
Camarão, 212-213
Carne bovina, 161-166
Carne de frango, 167-173
Carne suína, 174-180
Cebola, 66-69
Cooperativas, 261-262
Crédito rural, 238-240
Domicílios particulares, 260
Exportação, *265*
Feijão, 70-87
Fertilizantes, 263
Flores e plantas ornamentais, 144-149
Fumo, 88-95
Hortifrutigranjeiros, 150-151
Importação, 266
Leite, 181-192
Maçã, 96-102
Mandioca, 103-111
Máquinas agrícolas, 262
Maricultura, 208-213
Mel, 193-203
Mexilhão, 209
Microrregiões geográficas, 281-283
Milho, 112-118
Ostra, 209-211
Pesca e aqüicultura, 204-213
Pessoal ocupado, 259

Piscicultura de água doce, 204-207
população recenseada, 244-252
População residente, 246, 253-258
População rural, 246
População urbana, 246
Precipitação pluviométrica, *245*
Preços mínimos, 268
Preços de insumos e fatores de produção, 271-280
Preços recebidos pelos agricultores, 269-270
Produção florestal, 214-237
Produção vegetal, 36-213
Secretarias de desenvolvimento rural, 284-286
Soja, 119-124
Temperatura máxima, 244
Temperatura mínima, 244
Tomate, 125-131
Trigo, 132-143
Umidade relativa, 245
Valor adicionado bruto, 266
Valor bruto da produção, 267
Vieiras, 211-212